00101782

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 02 July, 2018

BAHIA DE LOURENÇO MARQUES

QUESTÃO

ENTRE

PORTUGAL E A GRAN-BRETANHA

SUJEITA Á ARBITRAGEM

DO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

MEMORIA APRESENTADA PELO GOVERNO PORTUGUEZ

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1875

BOMBAY BRANCH
OF THE
Royal Asiatic Society.
CLASS 16 Jain

AFFAIRE

LOURENÇO MARQUES

BAHIA DE LOURENÇO MARQUES

QUESTÃO

ENTRE

PORTUGAL E A GRAN-BRETANHA

SUJEITA Á ARBITRAGEM

DO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

MEMORIA APRESENTADA PELO GOVERNO PORTUGUEZ

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1873

BAIE DE LOURENÇO MARQUES

QUESTION

ENTRE LE

PORTUGAL ET LA GRANDE-BRETAGNE

SOUMISE A L'ARBITRAGE

DU PRÉSIDENT DE LA RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

MÉMOIRE PRÉSENTÉ PAR LE GOUVERNEMENT PORTUGAIS

101782

LISBONNE

IMPRIMERIE NATIONALE

1873

O direito, que é na sua essencia uma das mais bellas concepções da rasão, porque é a das necessidades moraes de acção ou de inacção entre os homens, domina tanto o individuo como a sociedade. Têem as nações, como os particulares, necessidades moraes de acção ou de inacção: a rasão humana soffre quando as violam; satisfaz-se quando as observam.

São, é verdade, independentes as nações; não reconhecem acima d'ellas legislador para decretar, jurisdicção para julgar, nem força legal para as coagir ao que devem fazer ou deixar de fazer nas suas relações respectivas, e para transformar em necessidade de facto as necessidades moraes do direito.

Se a guerra tem sido muitas vezes o unico meio de resolver os seus conflictos, o bom senso das nações leva-as hoje a repellir essa especie de duello judiciario em que nem sempre triumpha a causa mais justa.

A substituição da arbitragem ao recurso das armas, empregada já entre os antigos,[1] e declarada em 1863

[1] M. Ch. Bétant, *An fuerint apud graecos judices certi litibus inter civitates componendas*, Berlin, 1862; *Q. et M. Minuciorum sententia inter Genuates et Viturios dicta*, edidit et illustravit A. A. F. Rudorff, Berlin, 1842; Egger, *Études historiques sur les traités publics*, Paris, 1866.

Le droit qui, dans son essence, est une des plus belles conceptions de notre raison, celle des nécessités morales d'action ou d'inaction entre les hommes, le droit existe pour les individus aussi bien que pour la société. Les nations, de même que les particuliers, ont des nécessités morales d'action ou d'inaction: la raison humaine souffre si ces nécessités sont violées; elle est satisfaite si on les observe.

Sans doute les nations sont indépendantes. Elles ne reconnaissent, au-dessus d'elles, ni législateur chargé de décréter, ni juridiction pour statuer, ni force légale pour les contraindre à ce qu'elles doivent faire ou ne pas faire dans leurs relations respectives, et pour transformer en nécessité de fait les nécessités morales du droit.

Si la guerre fut trop souvent le seul moyen de résoudre les conflits entre nations; leur bon sens repousse aujourd'hui cette sorte de duel judiciaire dans lequel la cause la plus juste n'est pas toujours la cause victorieuse.

La substitution de l'arbitrage à la voie des armes, admise déjà chez les anciens[1], et déclarée en 1863 par le

[1] M. Ch. Bétant, *An fuerint apud graecos judices certi litibus inter civitates componendas*, Berlin, 1862; *Q. et M. Minuciorum sententia inter Genuates et Viturios dicta*, edidit et illustravit A. A. F. Rudorff, Berlin, 1842; Egger, *Études historiques sur les traités publics*, Paris, 1866.

pelo senado dos Estados Unidos clausula a inserir nos tratados que se concluissem com outras nações, é o meio natural de decidir as contestações que possam surgir entre as partes contratantes, e occupa hoje a attenção do Instituto de França, provocada pela interessante memoria de C. Lucas.

Na questão agitada ha annos entre Portugal e a Gran-Bretanha sobre a soberania de uma porção de territorio ao sul da bahia de *Lourenço Marques*, resolveram a final os dois governos, animados do mais conciliador espirito, submetter definitivamente a decisão do pleito ao Presidente da Republica franceza, escolhido como arbitro no protocollo de 25 de setembro de 1872, missão que elle se dignou acceitar accedendo ao pedido de ambas as partes.

Nos termos d'esse protocollo deve cada um dos dois governos, dentro do praso de doze mezes, apresentar ao arbitro a memoria ou allegação justificativa do seu direito[1].

É esse o objecto e o fim do presente trabalho, naturalmente dividido em seis partes.

Comprehende a primeira a descripção da bahia de *Lourenço Marques* (a que os inglezes chamam *Delagoa Bay)*; a historia do seu descobrimento e exploração; e uma rapida noticia do estabelecimento portuguez, e dos differentes povos indigenas, que lhe estão sujeitos.

Contém a segunda a historia do estabelecimento da soberania portugueza em toda a bahia.

Expõe a terceira a natureza da questão entre Portugal e a Inglaterra,

[1] Foi encarregado pelo governo portuguez de fazer esta memoria o visconde de Paiva Manso (dr. Levy Maria Jordão), do conselho de Sua Magestade e ajudante do procurador geral da corôa e fazenda junto ao ministerio da marinha e ultramar.

sénat des États-Unis comme clause qui doit être insérée dans les traités à conclure avec les autres nations, est le moyen naturel de décider toutes contestations qui pourraient surgir entre les peuples; et il occupe actuellement l'attention de l'Institut de France, éveillée par l'intéréssant mémoire de Ch. Lucas.

Un conflit existant depuis quelques années entre le Portugal et la Grande-Bretagne au sujet de la souveraineté du territoire situé au sud de la baie de *Lourenço Marques,* les deux gouvernements, animés de l'esprit le plus conciliateur, ont enfin résolu, par le protocole du 25 septembre 1872, d'en soumettre définitivement la solution à l'arbitrage du Président de la République française, mission qu'il a bien voulu accepter, sur la demande des deux parties.

Aux termes de ce protocole, les deux gouvernements doivent présenter à l'arbitre, dans le délai de douze mois, le mémoire ou allégation justificative de leur droit[1].

Tel est l'objet et le but de ce travail qui est divisé en six parties.

La première comprend la description de la baie de *Lourenço Marques* (que les Anglais nomment *Delagoa Bay);* l'histoire de sa découverte et de son exploration, et une notice succinte de l'établissement portugais et des diverses tribus indigènes qui lui sont soumises.

La seconde contient l'histoire de l'établissement de la souveraineté portugaise sur toute la baie.

L'exposé de la nature du conflit entre le Portugal et l'Angleterre et

[1] Le gouvernement portugais a confié le travail de ce mémoire au vicomte de Païva Manso (le docteur Lévy Maria Jordão), du conseil de Sa Majesté, substitut du procureur général de la couronne et des finances, et conseil du ministère de la marine et des colonies.

e as differentes phases por que tem passado até hoje.

Demonstra a quarta os titulos em que se funda o direito de Portugal a toda a bahia.

Combatem-se na quinta as pretensões da Gran-Bretanha a parte da mesma bahia.

E resumindo na sexta os fundamentos de todas as outras, conclue-se pela solução favoravel a Portugal, unica que parece constituir a expressão do direito.

A memoria vae seguida dos documentos a que n'ella se faz referencia.

A confiança de que a França deu testemunho á corôa portugueza, acceitando-a para arbitro em 1558 na sua questão com a Inglaterra sobre a posse de Calais [1], Portugal deposita-a hoje, illimitada, no Chefe da Republica franceza, para resolver a sua actual pendencia com a Inglaterra a respeito da bahia de Lourenço Marques.

[1] Mss. da Biblioth. nacional de París (fonds du roi), Cod. 9,738, p. 55; Cod. 9.739, p. 7 v.°; e Cod. 9,740, p. 14.

de ses différentes phases jusqu'à ce jour, fait l'objet de la troisième partie.

La quatrième présente les titres sur lesquels le Portugal fonde son droit à la possession de toute la baie.

La cinquième combat les prétentions de la Grande-Bretagne à une partie de cette baie.

La sixième partie, résumant toutes les autres, conclut à une solution favorable au Portugal, solution qui semble être la seule constituant l'expression du droit.

Le mémoire est suivi des documents sur lesquels il s'appuie.

La confiance que la France a témoignée à la couronne portugaise, en l'acceptant, en 1558, comme arbitre dans son conflit avec l'Angleterre au sujet de la possession de Calais [1], le Portugal la dépose aujourd'hui tout entière entre les mains du Chef de la République française, pour résoudre son actuel différend avec l'Angleterre au sujet de la baie de Lourenço Marques.

[1] Mss. de la Biblioth. nationale de Paris (fonds du roi), Cod. 9,738, p. 55; Cod. 9.739, p. 7 v.°; e Cod. 9,740, p. 14.

MÉMOIRE

PARTE PRIMEIRA

CAPITULO I

Descripção da bahia de Lourenço Marques e sua importancia

Do immenso dominio colonial portuguez resta ainda, entre importantes possessões, na Africa oriental, a provincia de Moçambique, começando no Cabo Delgado ao N. em 10° 41′ de latitude, acabando ao sul na Bahia de Lourenço Marques (que os inglezes chamam *Delagoa bay)* em 26° 30′ de latitude, e comprehendendo perto de 400 leguas de costa [1].

Tem a entrada da bahia duas pontas formadas, uma ao norte, a do *Manhiça,* pela ilha de *Benguelene,* outra ao sul pela ilha da *Unhaca* ou *Inhaca (Inhyac* escrevem os inglezes).

A ilha da *Unhaca* ou *de Santa Maria,* como tambem lhe chamâmos, está separada por um canal estreito e de rocha do *Cabo de Santa Maria* ou *Colato* [2], no qual termina a costa dos *Fumos* propriamente dita, que começa no cabo de *Santa Luzia.*

Esta ilha, que se levanta 240 pés acima do mar [3], tem seis milhas de comprimento de NE. a SO., e quatro de largura, e é importante tanto pela sua posição, como pelo seu clima temperado que a torna uma especie de *sanitarium.*

Junto a ella, mais para dentro a NO., está a pequena ilha dos *Elephantes,* tambem chamada *dos Portuguezes* pelo grande numero dos que, tendo escapado do naufragio da nau *S. Thomé* em 1588, morreram de febres e ali foram enterrados [4]. Para ella se passa da *Unhaca* com agua pelo joelho no baixamar.

[1] A primeira carta annexa a esta memoria contém o plano da bahia.

[2] Denominação ingleza.

[3] Lyon's M.c Leod, *Travels in eastern Africa,* London 1860, tom. I, pag. 152.

[4] J. B. Lavanha, *Naufragio da nau Santo Alberto e itinerario da gente que d'ella se salvou.* Lisboa, 1597.

PREMIÈRE PARTIE

CHAPITRE I

Description de la baie de Lourenço Marques et son importance

De l'immense domaine colonial que possédaient les Portugais, il leur reste encore, dans l'Afrique orientale, la province de Mozambique qui commence au cap Delgado au nord, vers le 10° 41′ de latitude, et finit au sud dans la baie de Lourenço Marques (que les Anglais nomment *Delagoa bay)* au 26° 30′ de latitude, et qui embrasse près de 400 lieues de littoral [1].

A l'entrée de la baie se trouvent deux pointes dont l'une, au nord, celle du *Manhiça,* est formée par l'île de *Benguelene,* et l'autre, au sud, par l'île de l'*Unhaca* ou *Inhaca* (les Anglais écrivent *Inhyac).*

L'île de l'*Unhaca,* que nous appelons aussi île *Sainte-Marie,* est séparée par un canal étroit et rocheux du *Cap Sainte-Marie* ou *Colato* [2], où finit la côte des *Fumées (Fumos)* proprement dite, qui commence au cap *Sainte-Lucie.*

Cette île, d'une élévation de 240 pieds au-dessus du niveau de la mer [3], a six milles de longueur dans la direction du NE. au SO. et quatre de largeur; elle est importante autant par sa position que par son climat tempéré, qui en fait une espèce de *sanitarium.*

A peu de distance et plus à l'intérieur vers le NO., se trouve la petite île des *Éléphants* également nommée île *des Portugais* à cause du grand nombre de Portugais qui, en 1588, y trouvèrent un refuge après le naufrage du vaisseau *S. Thomas,* et y moururent des fièvres [4]. A marée basse on peut s'y rendre de l'île de l'*Unhaca* en ayant de l'eau jusqu'aux genoux.

[1] La première carte annexée à ce mémoire contient le plan de la baie.

[2] Désignation anglaise.

[3] Lyon's M.c Leod, *Travels in eastern Africa,* Londres, 1860, tom. I, p. 152.

[4] J. B. Lavanha, *Naufragio da nau Santo Alberto e itinerario da gente que d'ella se salvou.* Lisbonne, 1597.

A ilha ou ilheta dos Elephantes forma com a da Unhaca um excellente porto ao S. da bahia designado nas cartas modernas pelo nome de *Porto Melville*.

Tem a bahia quatorze leguas na sua maior largura de N. a S. e cinco de largura de E. a O. entre aquellas duas ilhas e a embocadura do rio do *Espirito Santo*.

É quasi toda de muito fundo, offerecendo fundeadouro que varía de 6 a 12 braças, e em alguns pontos até de 20, como entre os baixos de Cockburn e a ilha *Chefina*[1]. É estancia segurissima de todos os ventos, e capaz de grande numero de navios que n'ella podem achar abrigo contra os temporaes e travessias que reinam na bôca do canal de Moçambique, o que a faz considerar a melhor bahia de toda a Africa austral e oriental.

Tres grandes rios vem do interior desaguar na bahia de Lourenço Marques, e por todos entra a maré algumas leguas. São elles o *Manhiça* ao N., o *Maputo* ao S., e o do *Espirito Santo* quasi ao centro.

O *Manhiça* (que os inglezes chamam *King's George river)* esboca ao N. da bahia a tres leguas do do *Espirito Santo*, e tem, á sua entrada, a ilha de *Benguelene* ou do *Mel*, que o divide em dois canaes.

A 9 milhas da foz está a ilha dos *Limões;* a 80 milhas divide-se o rio em dois ramos; segue o primeiro ao NE., e voltando 3 ou 4 milhas depois ao NO., vae terminar em uma lagôa na base da serra *Musuate grande;* o segundo, dirigindo-se 9 milhas a E. com algumas voltas para SE., segue ao NNE., e continúa pelo NO. até encontrar a serra *Musuate;* passada a qual toma o nome do *Sabe* (ou das *Areias Brancas)* que n'ella vem desaguar, assim como o *Incomati*[2].

Este rio *Manhiça* suppunha Diogo de

[1] James Horsburgh, *Instructions nautiques*, 3e ed. revue sur la 7e ed. anglaise, Paris, 1861, tom. I, pag. 365.

[2] Relatorio da exploração dos rios da bahia feita pela canhoneira de guerra portugueza *Maria Anna*, e publicado no *Boletim da provincia de Moçambique*, n.º 12, de 23 de março de 1872.

L'île ou îlot des Éléphants forme, avec celle de l'Unhaca au S. de la baie, un port excellent qui est désigné sur les cartes modernes sous le nom de *Port-Melville*.

La baie a quatorze lieues dans sa plus grande largeur, du N. au S.; entre ces deux îles et l'embouchure du fleuve du *Saint-Esprit* elle est large de cinq lieues de l'E. à l'O.

Sur presque tous les points elle est très-profonde et offre un mouillage qui varie de 6 à 12 brasses, et qui, dans quelques endroits, va jusqu'à 20 brasses, comme entre les bas-fonds de Cockburn et l'île *Chefine*[1]. C'est un parage à l'abri de tous les vents, et qui peut contenir un grand nombre de navires et leur offrir un refuge contre les tempêtes et les vents qui règnent à l'embouchure du canal de Mozambique; ce qui fait que cette baie est considérée comme la meilleure de toute l'Afrique australe et orientale.

Trois grands fleuves descendent de l'intérieur et viennent se jeter dans la baie de *Lourenço Marques;* le mouvement de la marée s'y fait sentir sur un parcours de quelques lieues. Ce sont: le *Manhiça* au N., le *Mapouto* au S., et le *Saint-Esprit* presque au centre.

Le *Manhiça* (que les Anglais nomment *King's George river)* se jette au N. dans la baie, à trois lieues de distance du fleuve *Saint-Esprit;* en face de son embouchure se trouve l'île de *Benguelene* ou du *Miel*, qui partage le fleuve en deux canaux.

L'île des *Citrons (Limões)* est située à 9 milles de l'embouchure. A 60 milles de distance, le fleuve se divise en deux branches. La première suit la direction du NE., prend, à une distance de 3 ou 4 milles, celle du NO. et aboutit à une lagune au pied de la montagne du *Musuate Grande*. La seconde se dirige pendant 9 milles vers l'E., fait quelques détours vers le SE., coule ensuite au NNE., et continue enfin vers le NO. jusqu'à ce qu'elle rencontre la montagne du *Musuate;* après l'avoir contournée, elle prend le nom de la rivière *Sabe* (ou des *Sables Blancs)*, qui vient s'y jeter, ainsi que l'*Incomati*[2].

Diogo de Couto croyait que ce fleuve

[1] James Horsburgh, *Instructions nautiques*, 3e ed. revue sur la 7e ed. anglaise, Paris, 1861, tom. I, p. 365.

[2] Compte-rendu de l'exploration des fleuves de la baie par la canonnière de guerre portugaise *Maria Anna*, inséré au *Bulletin de la province de Mozambique*, nº 12, du 23 mars 1872.

Couto que nascia com o Nilo na Alagoa Grande; o hollandez Jacob de Bucquoi [1] assignou-lhe uma origem, que coincide approximadamente com o lago *Ngami;* e Owen dá-lh'a em 20° de latitude S.

Todos porém erraram, porque os principaes rios que, confluindo, formam o *Manhiça,* o *Save* ou *Sabia,* são o *Incomati,* e o *Unguenia,* os quaes nascem entre 25° e 26° de latitude e 30° e 31° de longitude.

O *Maputo* (denominado *Mapoota river* pelos inglezes), e conhecido entre os indigenas pelo nome de *Anzete* [2], segundo a orthographia portugueza, ou *Umzuti,* conforme a ingleza, vem desaguar ao angulo S. da bahia. É navegavel mais de 60 milhas; offerece na enchente um fundo de 5 braças; e o seu curso é de 80 a 90 milhas; vem de SOE., e a sua origem é por 17° de latitude S. e 31° de longitude E. [3] n'um grupo de montanhas do paiz dos *Vatuas,* da região dos Zulus, ao NO. do Porto Natal [4].

Sobre *Maputo* e seus confluentes é importante documento o relatorio da viagem, do Transvaal para Lourenço Marques, do secretario da commissão diplomatica portugueza o alferes Fernando da Costa Leal [5].

O rio do *Espirito Santo,* que no principio do seculo XVI tambem denominámos da *Lagoa,* e que os inglezes desde 1823 designam por *English river,* está a E. da bahia. É o mais navegavel e frequentado depois de aberto por nós o commercio com os regulos do sertão no meado d'aquelle seculo, e na sua margem N. está a fortaleza e villa portugueza, a pouco mais de uma milha da chamada *Ponta Vermelha* ou *Ponta alta de Mafumo,* que se levanta 200 pés acima do mar, e tem fron-

[1] *Aanmerkeljke Ontmeetingen in de Zestien jaarige Reize naar de Indien,* door J. de Bucquoi. Harlem, 1744, pag. 9.

[2] Diogo de Couto, *Relação do naufragio da nau S. Thomé.* Lisboa, 1611.

[3] George Thomson, *Travels and adventures in southern Africa,* etc. London, 1827, vol. II.

[4] Lyons' M.c Leod, *Travels in eastern Africa,* London, 1860, tomo I, pag. 150 e seg. — Sobre a região dos Zulus devem ler-se Allen F. Gardinier, *Narrative of a journey to the Zoulu country,* London, 1836; Nathaniel Isaacs, *Travels and adventures in eastern Africa, descriptive of the Zoolas, etc.,* London, 1836, e as recentes publicações de J. W. Colenso, bispo do Natal.

[5] Publicado no *Boletim da provincia de Moçambique* de 1870, n.os 47 e seg., e de 1871, n.os 19 e seg.

prenait sa source ainsi que le Nil, dans le Grand Lac; le Hollandais Jacob de Bucquoi [1] lui a assigné une source qui coïncide à peu près avec le lac *Ngami;* et Owen pensait qu'elle était située sous le 20° de latitude S.; mais ce n'étaient que des suppositions erronées car l'*Incomati,* le *Save,* et l'*Unguenia,* qui joignent leurs eaux dans le *Manhiça,* prennent tous les trois leur source entre les 25° e 26° de latitude et les 30° et 31° de longitude.

Le *Mapouto* (que les Anglais nomment *Mapoota river)* connu parmi les indigènes sous le nom de *Anzete* [2], suivant l'orthographe portugaise, ou sous celui de *Umzuti* suivant l'orthographe anglaise, vient se jeter à l'angle S. de la baie. Il est navigable sur un parcours de plus de 60 milles, et présente, à marée haute, une profondeur de 5 brasses; son parcours est de 80 à 90 milles; il vient du SOE., et prend sa source vers le 17° degré de latitude S., et le 31° degré de longitude E. [3] dans un groupe de montagnes du pays des *Vatouas,* de la région des Zoulous, au NO. de Port-Natal [4].

Le compte-rendu du voyage fait par le sous-lieutenant Fernando da Costa Leal, secrétaire de la commission diplomatique portugaise, du Transvaal à Lourenço Marques [5], est très important pour la connaissance de ce fleuve.

Celui du *Saint-Esprit,* que nous avons aussi appelé fleuve de *Lagoa* au commencement du XVIe siècle, et que les Anglais désignent depuis 1823 sous le nom de *English river,* se trouve à l'E. de la baie. C'est le fleuve le plus fréquenté depuis que nous avons entamé des relations commerciales avec les régules de l'intérieur, vers la moitié de ce même siècle. Sur sa rive N. sont bâties la forteresse et la ville portugaises, à un peu plus d'un mille de distance de la pointe appelée *Ponta alta de Mafumo,*

[1] *Aanmerkeljke Ontmeetingen in de Zestien jaarige Reize naar de Indien,* door J. de Bucquoi. Harlem, 1744, p. 9.

[2] Diogo de Couto, *Relação do naufragio da nau S. Thomé.* Lisbonne, 1611.

[3] George Thomson, *Travels and adventures in southern Africa,* etc. Londres, 1827, vol. II.

[4] Lyon's M.c Leod, *Travels in eastern Africa,* Londres, 1860, tome I, p. 150 et suiv. A l'égard de la région des Zoulous, on doit lire, Allen F. Gardinier, *Narrative of a journey to the Zoolu country,* Londres, 1836; Nathaliel Isaacs, *Travels and adventures in eastern Africa, descriptive of the Zoolas,* etc., Londres, 1836, et les publications récentes de J. W. Colenso, évêque de Natal.

[5] Publié dans le *Bulletin de la province de Mozambique,* de 1870, nos 47 et suiv., et de 1871, nos 19 et suiv.

teira na margem S. a ponta *Mahona (Mawhone)*.

É este rio do *Espirito Santo* o estuario de tres outros que, na altura da ilha do *Refugio*, n'elle vem confluir; o *Matolla (Matoll river)* duas milhas da sua embocadura ao N., o *Tembe* ou *Catembe (Temby river)*, e o Lourenço Marques (que os inglezes chamam *Dundas river)* entre os dois.

O *Tembe* é navegavel 60 milhas em lanchas até ás abas da montanha do *Libombo* ou serra do *Musuate*, a trinta milhas da fronteira que nos separa da republica do Transvaal; e navios demandando 13 pés podem subir até 19 milhas, onde chega a agua salgada [1].

Ha na bahia, alem das ilhas da Unhaca e dos Elephantes, que formam a sua ponta S., mais duas, a *Chefina grande* (que os inglezes chamam *Shefeen)* e a *Chefina pequena*, que os indigenas chamam dos *Molungos*, isto é, dos brancos; ambas ellas pouco distantes da terra entre a foz do rio do Espirito Santo e a do Manhiça, mas muito mais proximas d'esta. Entre a *Chefina pequena* e a terra ha um canal denominado *barra dos baleeiros*.

A *Chefina grande*, a que démos tambem o nome de ilha dos *Passaros*, tem espessas matas, que são propriedade nossa, e onde os moradores da villa de Lourenço Marques vão cortar madeiras para seu uso e consumo [2].

Da bahia temos do seculo XVI e começo do seculo XVII cinco descripções portuguezas interessantes:

A de Alvaro Fernandes, de 1552; as de Manuel de Mesquita Perestrello, de 1554 e 1575; a de João Baptista Lavanha, de 1597; e a de Diogo de Couto, de 1611, as quaes dâmos pela sua curiosidade no appendice 1.º [3]

[1] Relatorio da exploração dos rios da bahia feita pela canhoneira de guerra portugueza *Maria Anna*, e publicado no *Boletim da provincia de Moçambique*, n.º 12, de 13 de março de 1872.

[2] Officio do governador de Lourenço Marques, de 18 de abril de 1863, nos *Annaes do conselho ultramarino*, parte não official, serie 5.ª, agosto de 1864, pag. 60.

[3] Sobre o mesmo assumpto podem ler-se dos modernos escriptores portuguezes os seguintes: Sebastião Xa-

ou *Pointe-Rouge*, qui s'élève de 200 pieds au-dessus du niveau de la mer et en face de laquelle se trouve, sur la rive S., la pointe *Mahona (Mawhone)*.

Ce fleuve du *Saint-Esprit* est l'estuaire de trois rivières qui viennent y affluer à la hauteur de l'île du *Refugio*, savoir: le *Matolla (Matoll river)*, à deux milles au N. de son embouchure, le *Tembe* ou *Catembe (Temby river)* au S., et le *Lourenço Marques* (que les Anglais nomment *Dundas river)* entre les deux autres, à l'E.

Le *Tembe* est navigable pour les bateaux sur un parcours de 60 milles jusqu'aux flancs de la montagne du *Lebombo* ou du *Musuate*, à 30 milles de la frontière qui nous sépare de la république du Transvaal. Des navires tirant 13 pieds d'eau peuvent remonter ce fleuve jusqu'à 19 milles, distance à laquelle parvient l'eau salée [1].

Il y a encore dans la baie, outre les îles de *l'Unhaca* et des *Éléphants*, qui en forment la pointe S., deux autres îles, savoir: la *Grande Chefine* (que les Anglais nomment *Shefeen)* et la *Petite Chefine*, que les indigènes appellent île des *Molungos* c'est-à-dire, des blancs. Elles sont situées toutes deux à peu de distance du continent entre l'embouchure du fleuve du Saint-Esprit et celle du Manhiça, mais beaucoup plus près de cette dernière. Entre la *Petite Chefine* et la terre, il existe un canal connu sous le nom de *barre des baleiniers*.

La *Grande Chefine*, à laquelle nous avons aussi donné le nom d'île *dos Passaros* (des Oiseaux) contient des forêts épaisses qui sont notre propriété et où les habitants de la ville de Lourenço Marques vont couper du bois pour leur usage et leur consommation [2].

Nous avons cinq descriptions portugaises fort intéressantes de la baie, qui datent du XVIe siècle, et du commencement du XVIIe.

Celle d'Alvaro Fernandes, de 1552; celles de Manuel de Mesquita Perestrello, de 1554 et de 1575; celle de João Baptista Lavanha, de 1597; et celle de Diogo de Couto, de 1611. Nous les donnons dans l'appendice 1er, à cause de l'intérêt qu'elles offrent [3].

[1] Compte-rendu de l'exploration des fleuves de la baie, faite par la canonnière de guerre portugaise *Maria Anna*, publié dans le *Bulletin de la province de Mozambique*, n° 12, du 13 mars 1872.

[2] Dépêche du gouverneur de Lourenço Marques, portant la date du 18 avril 1863 et insérée dans la partie non-officielle des *Annales du conseil des colonies*, 5e série, août, 1864, p. 60.

[3] On peut lire sur cette matière les écrivains portugais modernes, dont les noms suivent: Sebastião Xa-

A importancia da bahia de Lourenço Marques, derivada das suas condições naturaes, augmenta hoje por outros motivos.

A pressão do mundo europeu no continente africano, que já se tem feito sentir no Egypto, na Algeria e no Cabo da Boa Esperança, actua hoje com a maior energia na Africa austral. A febre do oiro attrahe ali emigração consideravel da Europa, da America e até da Australia. Projectam-se linhas de navegação costeira, estradas e caminhos de ferro; mas apesar de tudo é sempre difficil escalar e transpor milhares de kilometros de collinas e de quebradas pedregosas que separam a região diamantifera da colonia do Cabo. Entende-se, e com rasão, que é mais simples ganhar immediatamente as alturas, partindo da bahia de Lourenço Marques.

Por outro lado os boers da republica do Transvaal, com a mesma necessidade que têem os montenegrinos de um porto no Adriatico, preferem pôr-se de accordo com a nação portugueza para fazerem a importação e exportação por aquella bahia, e abandonar os portos do Cabo e da colonia de Natal, já por mais distantes, já para que o seu commercio não passe forçosamente, como até agora, pelas mãos dos inglezes, que (dizem elles) os ameaçam com a annexação.

Conclusões d'este capitulo:

1.ª A bahia de Lourenço Marques constitue o extremo S. das possessões portuguezas na Africa oriental.

2.ª É a melhor e a mais importante d'aquella religião.

3.ª A sua entrada é formada por duas pontas, a do *Manhiça* ao N. e a da *Unhaca* ao S.

4.ª N'ella esbocam tres rios importantes, o *Manhiça* ao N., o *Maputo* ao S. e o *Espirito Santo* ao centro.

5.ª Na margem N. e á entrada d'este

vier Botelho, *Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes*, etc., Lisboa, 1835, pag. 82; Fr. Francisco de S. Luiz, *Indice chronologico dos descobrimentos dos portuguezes*, Lisboa, 1841, pag. 169; J. M. de Sousa Monteiro, *Diccionario geographico*, Lisboa, 1850; C. J. Caldeira, *Viagem de Lisboa á China*, etc., Lisboa, 1852, tom. 2.º, pag. 138; Bordalo, *Ensaios estatisticos: Moçambique*, Lisboa, 1859; Lacerda, *Exame das viagens de Livingstone*, Lisboa, 1867, pag. 395; Onofre Lourenço de Andrade, *O presidio de Lourenço Marques*, Lisboa, 1867, etc.

L'importance que les conditions naturelles de la baie de Lourenço Marques lui ont acquise, augmente chaque jour pour d'autres motifs.

La pression du monde européen sur le continent africain, qui s'est déjà fait sentir en Egypte, en Algérie et au cap de Bonne-Espérance, agit maintenant dans l'Afrique australe avec une grande puissance. La fièvre de l'or y attire une émigration considérable de l'Europe, de l'Amérique et même de l'Australie. Des lignes de navigation côtière et des réseaux de routes et de chemins de fer y sont en projet; néanmoins, il est toujours difficile d'escalader et de traverser des milliers de kilomètres de collines et de ravins pierreux qui séparent de la colonie du cap la région productrice du diamant. On pense avec raison qu'il est bien plus simple de gagner immédiatement la région des plateaux en partant de la baie de Lourenço Marques.

D'un autre côté, les Boers de la république du Transvaal, avec le même besoin que celui qu'ont les Monténégrins d'avoir un port dans l'Adriatique, préfèrent se mettre d'accord avec la nation portugaise pour faire l'importation et l'exportation par cette baie, et abandonner les ports du Cap et de la colonie du Natal, à cause de leur éloignement et afin que leur commerce ne passe pas forcément, comme cela a eu lieu jusqu'à présent, par les mains des Anglais qui, disent-ils, les menacent d'annexion.

Conclusions de ce chapitre:

1° La baie de Lourenço Marques constitue l'extrémité S. des possessions portugaises dans l'Afrique Orientale.

2° Elle est la meilleure et la plus importante baie de cette région.

3° L'entrée en est formée par deux pointes: celle du *Manhiça*, au N., et celle de l'*Unhaca*, au S.

4° Trois fleuves importants s'y jettent: le *Manhiça*, au N.; le *Mapouto*, au S. et le *Saint-Esprit*, au centre.

5° Sur la rive N. et à l'embouchure

vier Botelho, *Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes*, etc., Lisbonne, 1835, p. 82; Fr. Francisco de S. Luiz, *Indice chronologico dos descobrimentos dos portuguezes*, Lisbonne, 1841, p. 169; J. M. de Sousa Monteiro, *Diccionario geographico*, Lisbonne, 1850; C. J. Caldeira, *Viagem de Lisboa á China*, etc., Lisbonne, 1852, tom. 2.º, p. 138; Bordalo, *Ensaios estatisticos: Moçambique*. Lisbonne, 1859; Lacerda, *Exame das viagens de Livingstone*, Lisbonne, 1867, p. 395; Onofre Lourenço de Andrade, *O presidio de Lourenço Marques*, Lisbonne, 1867, etc.

ultimo, que é o estuario de tres outros que n'elle confluem (o *Tembe,* o *Matolla* e o *Lourenço Marques),* está situada a villa e a fortaleza de Lourenço Marques.

CAPITULO II

Descobrimento e exploração da bahia

A bahia de Lourenço Marques foi *descoberta* no principio do seculo XVI pelos portuguezes, os quaes lhe deram o nome de bahia da *Lagoa;* e tomou depois o nome de Lourenço Marques, do primeiro d'elles que a *explorou* em fórma e ali foi, com Antonio Caldeira, estabelecer commercio alguns annos depois, em 1544.

Convem distinguir os dois factos do *descobrimento* e da *exploração* para se não attribuir a Lourenço Marques o descobrimento que outros portuguezes fizeram antes d'elle [1].

A bahia estava *descoberta* antes de 1506. Ordenando el-rei D. Manuel em 1505 a Cid Barbudo que com Pedro Quaresma fosse examinar toda a costa *desde o Cabo da Boa Esperança até Sofalla,* para obter noticias de Francisco de Albuquerque e Pedro de Mendonça, que se dizia terem desapparecido entre esses dois pontos, e saíndo a armada de Lisboa a 19 de setembro, um dos logares que examinaram foi a bahia, que depois se chamou de Lourenço Marques, e cuja ponta S. é formada pelo cabo de Santa Maria; prova-o a carta escripta de Moçambique por Pedro Quaresma a el-rei D. Manuel em 31 de agosto de 1506 [2].

N'esse documento falla-se da bahia como cousa já descoberta e conhecida, devendo por isso o seu descobrimento ter-se verificado entre a primeira viagem de Vasco da Gama (1497) e 1506.

A primeira exploração da bahia foi feita em 1544 por Lourenço Marques e Antonio Caldeira, que ali foram assentar commercio com os indigenas [3].

D. João de Castro, partindo para a India em 1545, dava parte em carta de julho d'esse anno a el-rei D. João III [4], de como aquelle portuguez ali começára o commercio do cobre e do marfim; e essé

[1] Por isso quasi todos os escriptores, confundindo as duas cousas, attribuem a *descoberta* a Lourenço Marques. Documentos n.os 1 a 4.

[2] Esta carta a el-rei D. Manuel forma o documento n.º 5.

[3] Documentos n.os 2, 4 e 6.

[4] Documento n.º 6.

de ce dernier, qui est l'estuaire de trois rivières qui y affluent (le *Tembe,* le *Matolla,* et le *Lourenço Marques),* sont situés la ville et le fort de Lourenço Marques.

CHAPITRE II

Découverte et exploration de la baie

La baie de Lourenço Marques fut *découverte* au commencement du XVIe siècle par les Portugais qui lui donnèrent le nom de baie de *Lagoa.* Elle prit ensuite celui de Lourenço Marques, du premier d'entre eux qui l'*explora* régulièrement et y alla avec Antonio Caldeira pour établir le commerce quelques années après, en 1544.

Il faut distinguer les deux faits de la *découverte* et de l'*exploration,* pour ne pas attribuer à Lourenço Marques la découverte que d'autres Portugais en firent avant lui [1].

La baie était *découverte* avant 1506. En 1505, le roi don Emmanuel ordonna à Cid Barbudo d'aller avec Pedro Quaresme examiner toute la côte *depuis le cap de Bonne-Espérance jusqu'à Sofala,* afin d'avoir des nouvelles de Francisco de Albuquerque et de Pedro de Mendonça, que l'on disait avoir disparu entre ces deux points. L'expédition partit de Lisbonne le 19 septembre. Un des points que ces navigateurs examinèrent fut la baie qui s'est appelée plus tard baie de Lourenço Marques et dont la pointe S. est formée par le cap Sainte-Marie. Ce fait est prouvé par la lettre écrite de Mozambique par Pedro Quaresma au roi don Emmanuel, et datée du 31 août 1506 [2].

Dans ce document on parle de la baie comme d'une chose déjà découverte et connue: la découverte en doit donc avoir eu lieu entre le premier voyage de Vasco de Gama (1497) et l'année 1506.

La première exploration de la baie fut faite en 1544 par Lourenço Marques et Antonio Caldeira, qui allèrent y établir le commerce avec les indigènes [3].

Don João de Castro partant pour l'Inde en 1545, écrivait au roi don Jean III [4], en juillet de cette même année, que Lourenço Marques avait commencé dans cette baie le commerce du cuivre et de l'ivoire.

[1] C'est pourquoi la plupart des écrivains, confondant les deux choses, attribuent la *découverte* à Lourenço Marques. Documents nos 1 à 4.

[2] Cette lettre du roi don Emmanuel forme le document n° 5.

[3] Documents nos 2, 4 et 6.

[4] Document n° 6.

monarcha ordenava, em resposta de 8 de março de 1546, que elle mandasse de novo Lourenço Marques á bahia explorar e assentar definitivamente o commercio dos rios [1].

O serviço prestado n'esta e n'outras commissões foi considerado de valia, e remunerado com a nomeação de Lourenço Marques para escrivão da feitoria de Cochim na India, por carta regia de 11 de fevereiro de 1557 [2].

Conclusões d'este capitulo:

1.ª A bahia de Lourenço Marques estava *descoberta* pelos portuguezes em 1506.

2.ª Foi *explorada* pela primeira vez em 1544 pelos portuguezes Lourenço Marques e Antonio Caldeira, do primeiro dos quaes recebeu o nome por que ainda hoje é conhecida.

3.ª Pelos serviços prestados n'esta e em outras commissões importantes, estabelecendo as nossas relações com os indigenas, teve Lourenço Marques como recompensa o despacho de escrivão da feitoria de Cochim em 11 de fevereiro de 1557.

CAPITULO III

Denominação da bahia

A bahia foi conhecida logo depois do seu descobrimento pelo nome de bahia da *Lagoa,* e assim figurava nas cartas portuguezas do principio do seculo XVI, como referia Manuel de Mesquita Perestrello, em 1554 [3].

Com esse nome de *Lagoa* é indicada no mappa de Diego Ribero de 1529 existente na bibliotheca de Weimar [4], no de Diogo Homem de 1558 existente no museu britannico, e no globo terrestre de Francfort da primeira metade do seculo XVI *(A bahia de Lagoa)* [5].

Essa designação de *bahia de Lagoa* nasceu da crença dos portuguezes, fundados nas relações dos indigenas, de que os rios da *Lagoa* e *Manhiça,* derivavam (juntamente com o Nilo) de um grande lago no interior [6].

1 Documento n.º 7.
2 Documento n.º 8.
3 Veja-se no appendice 1.º a sua descripção da bahia.
4 No *Atlas composé des cartes des* XIV, XV, XVI et XVII *siècles* do visconde de Santarem, Paris, 1841.
5 Na collecção de Jomard, *Les monuments de la géographie,* Paris.
6 Confessam-no os proprios inglezes. Vide Cooley, *Inner Africa laid open,* London, 1852, pag. 135 e seg.

Dans sa réponse en date du 8 mars 1546, le roi lui ordonnait d'envoyer de nouveau Lourenço Marques à la baie, afin qu'il y établît définitivement le commerce des fleuves [1].

Les services rendus dans cette commission et dans quelques autres par Lourenço Marques ayant été pris en considération, il reçut sa nomination à l'emploi de secrétaire de la factorerie de Cochin dans l'Inde, par lettre royale du 11 février 1557 [2].

Conclusions de ce chapitre:

1° En 1506 la baie de Lourenço Marques était *découverte* par les Portugais.

2° En 1544 elle fut explorée pour la première fois par les Portugais Lourenço Marques et Antonio Caldeira. Elle reçut du premier de ces navigateurs le nom sous lequel elle est encore connue de nos jours.

3° En récompense des services qu'il rendit dans cette commission et dans d'autres commissions importantes, en établissant nos relations avec les indigènes, Lourenço Marques fut nommé, le 11 février 1557, secrétaire de la factorerie de Cochin.

CHAPITRE III

Dénomination de la baie

A sa découverte la baie fut connue sous le nom de baie de *Lagoa.* C'est sous ce nom qu'elle figurait sur les cartes portugaises du commencement du XVIe siècle, comme le rapportait Manuel de Mesquita Perestrello en 1554 [3].

Elle est indiquée sous ce nom de *Lagoa,* sur la carte de Diego Ribero de 1529, qui est à la bibliothèque de Weimar [4], sur celle de Diogo Homem, de 1558, qui existe au Musée Britannique, et sur le globe terrestre de Francfort de la première moitié du XVIe siècle *(A bahia de Lagoa)* [5].

Cette désignation de *baie de Lagoa* avait pour origine la persuasion où étaient les Portugais, persuasion fondée sur les rapports des indigènes, que les fleuves de *Lagoa* et *Manhiça* prenaient leur source (comme le Nil) dans un grand lac de l'intérieur [6].

1 Document n° 7.
2 Document n° 8.
3 Voir sa description de la baie dans l'appendice n° 1.
4 Dans l'*Atlas composé des cartes des* XIVe, XVe, XVIe *et* XVIIe *siècles,* du vicomte de Santarem, Paris, 1841.
5 Dans la collection de Jomard, *Les monuments de la géographie,* Paris.
6 Les Anglais l'avouent eux-mêmes. Voir Coeley. *Ier Africa laid open,* London, 1852, p. 135 et suiv.

Depois da exploração de Lourenço Marques em 1544, ficou a bahia sendo conhecida pelo nome de *bahia de Lourenço Marques;* o rio da Lagoa, pelo de rio do *Espirito Santo;* e um dos rios que vem desaguar n'esse estuario, juntamente com o *Matolla* e o *Tembe,* pelo de *Lourenço Marques.*

De modo que o nome de *Delagoa bay,* dado pelos inglezes á bahia depois da visita que a ella fez o capitão Owen em 1822, nem é uma novidade, é a reproducção ingleza das expressões portuguezas *bahia da Lagoa,* primitivo nome pelo qual era designada antes da exploração portugueza de 1544.

Que a *Bahia de Lourenço Marques* foi sempre conhecida por esse nome depois d'essa epocha, apesar de pretenderem *hoje* os inglezes que elle não corresponde á *Delagoa bay,* e só designa a pequena enseada no rio do *Espirito Santo* (English river), fronteira ao estabelecimento portuguez, não póde offerecer duvida.

Abundam os documentos, mas apenas indicaremos alguns a começar do seculo XVI, para não tornar demasiado extensa esta memoria.

Seculo XVI — Com esse nome é designada a bahia:

1.° No roteiro de Perestrello, feito em 1575, e de que nos occupâmos no capitulo seguinte.

2.° No mappa de Africa de Filippo Pigafetta, dedicado ao bispo de S. Marcos, Antonio Migliori, e gravado em Roma em 1590, no qual, tanto a *Bahia de Lourenço Marques,* como o rio do *Espirito Santo,* são indicados com estes nomes portuguezes: — *Marques, Rio de S. Spirito.*

Seculo XVII — Com a mesma designação figura ella:

1.° No *Nuevo Atlas ó teatro de todo el mundo en el qual se contienen los mapas y descripciones,* etc. de Juan Janssonio, publicado em Amsterdam em 1653 [1].

2.° No *Occidentalium tractus Indiarum orientalium a Promontorio Bonae Spei ad C. Comorim,* publicado por Frederico de Witt em Amsterdam [2].

3.° Na carta da India, desde o Cabo da Boa Esperança, publicada em Amsterdam

[1] Mappa n.° 143.

[2] Tom. II, fol. 157, no mappa intitulado *Aethiopia inferior vel exterior.*

Après l'exploration de Lourenço Marques, en 1544, la baie resta connue sous le nom de *baie de Lourenço Marques,* le fleuve de Lagoa sous celui de *Saint-Esprit,* et un des fleuves qui se jettent dans cet estuaire avec le *Matolla* et le *Tembe,* sous celui de *Lourenço Marques.*

Ainsi le nom de *Delagoa bay,* donné par les Anglais à la baie après la visite que le capitaine Owen y fit en 1822, n'est pas même nouveau: c'est la reproduction anglaise des mots portugais *bahia de Lagoa,* nom qui la désignait primitivement et avant l'exploration portugaise de 1544.

Aucun doute ne peut subsister au sujet de ce nom de *Lourenço Marques* qui, depuis cette époque, désigne la baie, quoique les Anglais prétendent *aujourd'hui* qu'il ne désigne pas *Delagoa bay,* mais simplement l'anse ou petite baie formée par le fleuve *Saint-Esprit* (English river) en face de l'établissement portugais.

Dans la crainte d'élargir outre mesure le cadre de ce mémoire, parmi les nombreux documents que nous pourrions fournir, nous n'en prendrons que quelques uns, à partir du XVIe siècle, que nous citons à l'appui de notre assertion.

XVIe siècle. — La baie est désignée sous ce nom:

1° Dans le routier de Perestrello, fait en 1575 et dont nous nous occupons dans le chapitre suivant.

2° Sur la carte d'Afrique de Filippo Pigafetta, dédiée à l'évêque de S. Marc, Antonio Migliori, et gravée à Rome en 1590; la *baie de Lourenço Marques,* ainsi que le fleuve du *Saint-Esprit* y sont indiqués sous les noms portugais: — *Marques, Rio de S. Spirito.*

XVIIe siècle. — La baie figure sous la même dénomination:

1° Dans le *Nuevo Atlas ó teatro de todo el mundo en el cual se contienen los mapas y descripciones,* etc., de Juan Janssonio, publié à Amsterdam en 1653 [1].

2° Dans le *Occidentalium tractus Indiarum orientalium a Promontorio Bonae Spei ad C. Comorin,* publié par Frédéric Witt à Amsterdam [2].

3° Sur la carte de l'Inde depuis le cap de Bonne-Espérance, publiée à Amster-

[1] Carte n° 143.

[2] Tom. II, fol. 157, sur la carte intitulée *Aethiopia inferior vel exterior.*

em 1680 por Joanes van Keulen *(Lourenço Marques)* [1].

Seculo XVIII—No seculo XVIII é indicado com o mesmo nome:

1.° No Atlas de Africa de Lonchamps et Janvier, gravado por Chambon, e publicado em París em 1754—*(B. de Laurent Marques)* [2].

2.° Na carta de Africa de Robert Vaugondy, Paris, 1756—*(B. de Laurent Marques)*.

3.° No Atlas maritimo de Bellin, publicado em París em 1764—*(B. de Lourenzo Marques)* [3].

4.° Na *Carte réduite de l'Océan oriental depuis le cap de B. Espérance,* de Mannevillete, París, 1775—*(B. de Laurens Marques)*.

5.° Na *Géographie moderne,* do abbade Clouet (carta de Africa), París, 1780—*(Baye de Lourenço Marques)*.

6.° No *Atlas universel* por Saint Janvier publicado em Veneza em 1784—*(Baye de Laurent Marques ou du Saint-Esprit où est le fort Inhaque aux Portugais et où commence leur gouvernement de Mozambique)*.

7.° Na carta geral da Africa de Hérisson em 1795—*(Baie de Laurent Marques)* [4].

8.° No *Atlas universel,* de Mentelle et Chanlaire, publicado em París no anno VI da republica (1798)—*(B. de Laurent Marques)* [5].

E não só em cartas francezas, mas até nas proprias inglezas, como:

9.° Na de Robert Sayer, publicada em Londres em 1792—*(B. de Lourenço Marques)* [6].

10.° No mappa de Thomas Bowen no *A modern, authentic and complet system of universal geography,* publicado em Londres.

Seculo XIX—Com a mesma designação

[1] Vem no livro intitulado: *La nueva y grande relumbrante antorcha de la mar* de Nicoláo Jansz Voogt, publicado em Amsterdam.

[2] *L'Afrique divisée en tous ses États, dressée sur de nouveaux mémoires, chez les sieurs Longchamps et Janvier, géographes, avec approbation et privilège du roi, gravée par Chambon,* Paris, 1754.

[3] *Le petit Atlas maritime, recueil de cartes, etc. par ordre de M. le duc. de Choiseul, par Bellin, ingénieur de la marine,* Paris, 1764, tom. III, nº 115.

[4] *Carte générale de l'Afrique divisée en plusieurs royaumes dressée par Hérisson, ancien ingénieur hydrographe de la marine.* Paris, 1795 et 1821.

[5] *Atlas universel de géographie* par E. Mentelle et P. G. Chanlaire. Paris, an VI, pl. 150.

[6] *A new chart of the world on Wrigt's or Mercator projection.*

dam en 1680 par Joannes van Keulen *(Lourenço Marques)* [1].

XVIIIe siècle.—Au dix-huitième siècle elle est indiquée sous le même nom:

1° Dans l'atlas de Lonchamps et Janvier, gravé par Chambon et publié à Paris en 1754—*(B. de Laurent Marques)* [2].

2° Sur la carte d'Afrique de Robert Vaugondy, Paris, 1756—*(B. de Laurent Marques)*.

3° Dans l'atlas maritime de Bellin, publié à Paris en 1764—*(B. de Lourenzo Marques)* [3].

4° Sur la *Carte réduite de l'Océan oriental depuis le cap de B. Espéranee,* de Mannevillete, Paris, 1775—*(B. de Laurens Marques)*.

5° Dans la *Géographie moderne,* de l'abbé Clouet (carte d'Afrique), Paris, 1780—*(Baye de Lourenço Marques)*.

6° Dans l'*Atlas Universel,* par Saint Janvier, publié à Venise en 1784. *(Baye de Laurent Marques ou du Saint-Esprit où est le fort Inhaque aux Portugais et où commence leur gouvernement de Mozambique)*.

7° Sur la carte générale d'Afrique de Hérisson en 1795—*(Baie de Laurent Marques)* [4].

8° Dans *l'Atlas Universel,* de Mentelle et Chanlaire, publié à Paris en l'an VI de la république (1798)—*(B. de Laurent Marques)* [5].

Et non-seulement sur les cartes françaises, mais encore sur les cartes anglaises, savoir:

9° Sur celle de Robert Sayer, publiée à Londres en 1792—*(B. de Lourenço Marques)* [6].

10° Sur la carte de Thomas Bowen dans le livre *A modern, authentic and complet system of universal geography,* publié à Londres.

XIXe siècle.—Pendant ce siècle la baie

[1] Elle se trouve dans le livre intitulé: *La nueva y relumbrante antorcha de la mar* de Nicolas Jansy Voogt, publié à Amsterdam.

[2] *L'Afrique divisée en tous ses États, dressée sur de nouveaux mémoires, chez les sieurs Longchamps et Janvier, géographes, avec approbation et privilège du roi, gravée par Chambon.* Paris, 1754.

[3] *Le petit Atlas maritime, recueil de cartes, etc. par ordre de M. le duc de Choiseul, par Bellin, ingénieur de la marine.* Paris, 1764, tom. III, nº 115.

[4] *Carte générale de l'Afrique divisée en plusieurs royaumes dressée par Hérisson, ancien ingénieur hydrographe de la marine.* Paris, 1795 et 1821.

[5] *Atlas universel de géographie* par E. Mentelle et P. G. Chanlaire. Paris, an VI, pl. 150.

[6] *A new chart of the world on Wrigt's or Mercator projection.*

apparece a bahia mencionada no actual seculo, até pelos proprios inglezes:

1.° No *Mapa de Africa* publicado em 1801 por Don Juan Lopez, geographo do rei—*(Bahia de Lorenzo Marques).*

2.° No artigo 2.° da convenção entre Portugal e a Gran-Bretanha de 28 de julho de 1817 addicional ao tratado de 22 de julho de 1815—*(Bay of Lourenço Marques).*

3.° No mappa da bahia traçado em 1822 pelo proprio capitão Owen por ordem do almirantado e publicado em 1827—*(Delagoa bay or Lorenzo Marques).*

4.° Na carta de Africa de Arowsmith da edição de 1841—*(Delagoa Bay or Lorenzo Marques).*

5.° Na de James Wild de 1846—*(Bay delagoa or Lorenzo Marques).*

6.° Nas edições posteriores a 1854 da carta da costa oriental de Africa levantada por aquelle capitão Owen, e publicada em 1828 por ordem do almirantado britannico—*(Delagoa Bay, formerly Lorenzo Marques).*

7.° Nas instrucções nauticas do inglez James Horsbourg—*(La baie Delagoa, à laquelle on donne aussi le nom de Lorenzo Marques, qui l'a découverte,* etc.)[1].

8.° No *African pilot* do capitão Horsey—*(Delagoa bay was formerly called Lorenzo Marques after his discoverer)*[2].

9.° No *Atlas* de Malte-Brun da edição de Bruxelles de 1839—*(B. de Lorenzo Marques)*[3].

10.° Finalmente, omittindo outros documentos, no *Dictionnaire général de biographie et d'histoire* de Dézobry et Bachelet[4]—*(Lorenzo Marques, fleuve de l'Afrique orientale dans la baie de ce nom, dite aussi baie Delagoa... vers 26° latitude S.).*

Ao rio da *Lagoa*, logo no seculo XVI, mudámos tambem o nome em rio do *Espirito Santo,* para o que bastará comparar entre os monumentos geographicos d'esse seculo:

[1] *Instructions nautiques.* Première partie, trad. de le Predour, Darondeau et Reille, 3e edit., revue sur la 7e éd. anglaise par M. J. Lafont, capitaine de frégate. Paris, 1861, tom. I, pag. 365.

[2] *The African pilot for the south and east coast of Africa from the cape of Good Hope to cape Guardafui, by captain Algernon F. R. de Horsey.* London, 1864, pag. 88.

[3] *Atlas complet du précis de la géographie etc., revue par Huot.* Bruxelles, 1839.

[4] Paris, 1863, 3.ª ed., tom. II na palavra *Lorenzo Marques.*

porte encore le nom de *Lourenço Marques* que lui donnent les Anglais eux-mêmes.

1° Sur le *Mapa de Africa* publié en 1801 par don Juan Lopez, géographe du roi *(Bahia de Lorenzo Marques).*

2° Dans l'article 2 de la convention du 28 juillet 1817, entre le Portugal et la Grande-Bretagne, additionnelle au traité du 22 juillet 1815—*(Bay of Lourenço Marques).*

3° Sur la carte de la baie dressée en 1822 par le capitaine Owen lui-même par ordre de l'amirauté, et publiée en 1827—*(Delagoa bay or Lorenzo Marques).*

4° Sur la carte d'Afrique d'Arowsmith, de l'édition de 1841—*(Delagoa bay or Lorenzo Marques).*

5° Sur celle de James Wild de 1846—*(Bay delagoa or Lorenzo Marques).*

6° Dans les éditions, postérieures à 1854, de la carte de la côte orientale d'Afrique, dressée par le même capitaine Owen, et publiée en 1828 par ordre de l'amirauté anglaise—*(Delagoa bay, formerly Lorenzo Marques).*

7° Dans les instructions nautiques de l'Anglais James Horsbourg—*(La baie Delagoa, à laquelle on donne aussi le nom de Lorenzo Marques qui l'a découverte,* etc.)[1].

8° Dans *l'African pilot* du capitaine Horsey—*(Delagoa bay was formerly called Lorenzo Marques after his discoverer)*[2].

9° Dans l'Atlas de Malte-Brun, de l'édition de Bruxelles de 1839—*(B. de Lorenzo Marques)*[3].

10° Enfin, et sans faire mention d'autres documents, dans le *Dictionnaire général de biographie et d'histoire* de Dézobry et Bachelet[4]—*(Lorenzo Marques, fleuve de l'Afrique orientale dans la baie de ce nom, dite aussi baie Delagoa... vers 26° latitude S.).*

Au commencement du XVIe siècle, nous avons aussi changé le nom du fleuve de *Lagoa* en celui de fleuve *Saint-Esprit.* Il suffira, pour s'en convaincre, de comparer entre eux les ouvrages géographiques de ce siècle:

[1] *Instructions nautiques.* Première partie, trad. de le Predour, Darondeau et Reille, 3e edit., revue sur la 7e éd. anglaise par M. J. Lafont, capitaine de frégate. Paris, 1861, tom. I, p. 365.

[2] *The African pilot for the south and east coast of Africa from the cape of Good Hope to cape Guardafui, by captain Algernon F. R. de Horsey.* Londres, 1864, p. 88.

[3] *Atlas complet du précis de la géographie etc., revu par Huot.* Bruxelles, 1839.

[4] Paris, 1863, 3.ª ed., tom. II au mot *Lorenzo Marques.*

1.° O *Mappa mundi* em pergaminho mandado fazer em 1542 por Francisco I de França e attribuido geralmente a Henrique II — *(Rio de alagoa)* [1].

2.° O *Mappa mundi* de Sebastião Cabot, piloto-mór de Carlos V, de 1544 — *(Rio de lagoa)*.

3.° O *Mappa mundi* de Gérard Mercator (Duisbourg, 1569), onde se lê — *Rio di Lago* (a) *primum, nunc R. del Spirito Santo*.

4.° A *Africae tabula nova* publicada em Anvers em 1570, e reproduzida em 1602 no *Theatrum orbis terrarum* de Abraham Ortell, edição de Anvers de J. Baptista Vrontius, onde igualmente se lê — *R. di Spirito Santo — Lagoa fl.*

5.° O já citado mappa de Africa de Filippo Pigafetta de 1590 — *(Rio de S. Spirito)*.

Com a mesma designação é indicado nas cartas do seculo XVII, entre ellas a de Antonio Sanches de 1623, existente no museu britannico de Londres — *(Rio do S. Spirito)* [2].

Pela mesma fórma é designado o rio do *Espirito Santo* nos monumentos do seculo XVIII, entre os quaes indicaremos apenas:

Em 1704, *L'Afrique selon les relations les plus nouvelles, dressée sur les mémoires du sieur de Tillemont — (Rio del Spirito Santo)* [3].

Em 1718, o *Atlas historique avec dissertations* por mr. de Guedeville, publicado em Amsterdam (tom. I).

Em 1722, *L'Afrique dressée selon les dernières relations* por N. de Fer, geographo de Sua Magestade Catholica, publicada em París — *(Rivière du Saint-Esprit)*.

Em 1727 a *Carte de l'Éthiopie orientale*, de *d'Anville*, geographo ordinario do rei, publicada em París — *(Rivière du Saint-Esprit.)*

Em 1752 o *Atlas do inglez Emmanuel Bowen*, geographo do rei, e publicado em Londres — *(Rio del Spirito Santo)* [4].

E finalmente o *Map of Africa* de Herman Moll, dedicado a Carlos, conde de Peterborow e Monmouth — *(Saint-Esprit or Delagoa R.)*

[1] Tanto este como o de Cabot na collecção de Jomard.

[2] Foi publicado o seu fac-simile na obra de D. José de Lacerda, *Exame das viagens do dr. Livingstone*. Lisboa, 1866.

[3] Paris, 1704, chez J. B. Nolin.

[4] *Complet Atlas of distinct views of the known world.* London, 1752, pl. 47.

1° Le *Mappa mundi* sur parchemin, fait en 1542 par ordre de François 1er, roi de France, et généralement attribué à Henri II — *(Rio de alagoa)* [1].

2° Le *Mappa mundi* de Sébastien Cabot, pilote-major de Charles V, de 1544 — *(Rio de lagoa)*.

3° Le *Mappa mundi* de Gérard Mercator (Duisbourg, 1569), où on lit — *Rio di Lago* (a) *primum, nunc R. del Spirito Santo*.

4° L'*Africae tabula nova* publié à Anvers en 1570, et reproduite en 1602 dans le *Theatrum orbis terrarum* d'Abraham Ortell, édition d'Anvers, de J. Baptiste Vrontius, où on lit — *R. di Spirito Santo — Lagoa fl.*

5° La carte d'Afrique de Philippo Pigafetta, de 1590, déjà citée — *(Rio de S. Spirito)*.

Le fleuve porte encore la même désignation sur les cartes du XVIIe siècle, entre autres sur celle de Antonio Sanches de 1623, qui se trouve au Musée Britannique de Londres — *(Rio do S. Spirito)* [2].

Le fleuve du *Saint-Esprit* est désigné de la même manière dans les ouvrages du XVIIIe siècle, parmi lesquels il suffira d'indiquer:

En 1704, *l'Afrique selon les relations les plus nouvelles, dressée sur les mémoires du sieur de Tillemont — (Rio del Spirito Santo)* [3].

En 1718, *l'Atlas historique avec dissertations*, par mr. de Guedeville, publié à Amsterdam (tome 1er).

En 1722, *l'Afrique dressée selon les dernières relations*, par N. de Fer, géographe de Sa Majesté Catholique, publié à Paris. — *(Rivière du Saint-Esprit)*.

En 1727, *la Carte de l'Éthiopie orientale*, de *d'Anville*, géographe ordinaire du roi, publiée à Paris — *(Rivière du Saint-Esprit)*.

En 1752, *l'Atlas de l'Anglais Emmanuel Bowen*, géographe ordinaire du roi, publié à Londres — *(Rio del Spirito Santo)* [4].

Et enfin le *Map of Africa*, de Herman Moll, dédié à Charles, comte de Peterborow et Monmouth *(Saint-Esprit or Delagoa R.)*

[1] Ainsi que celui de Cabot dans la collection de Jomard.

[2] Le fac-simile de cette carte a été publié dans l'ouvrage de D. José de Lacerda, *Exame das viagens do dr. Livingstone*. Lisbonne, 1866.

[3] Paris, 1704, chez J. D. Nolin.

[4] *Complet Atlas of distinct views of the known world.* Londres, 1752, planche 47.

Conclusões e resumo d'este capitulo:

1.° A bahia de Lourenço Marques, descoberta pelos portuguezes antes de 1506, teve o nome de *Bahia da Lagoa,* pelo qual era designada nos monumentos geographicos do seculo XVI.

2.° Depois de explorada pelo portuguez Lourenço Marques, em 1544, ficou sendo conhecida por este nome nos documentos geographicos desde o meado do seculo XVI até ao seculo XIX.

3.° O capitão Owen em 1822 e os inglezes que o imitaram, começaram a dar á bahia o nome de *Delagoa bay,* reconhecendo todavia elles proprios ser elle até então o de *Bahia de Lourenço Marques.*

4.° O nome de *Delagoa bay* nem é novidade, é a reproducção ingleza de *Bahia da Lagoa,* expressões pelas quaes foi primivamente designada pelos portuguezes no principio do seculo XVI, antes da exploração de Lourenço Marques.

5.° Ha por isso *identidade perfeita* entre a *Delagoa bay* dos inglezes e a *Bahia de Lourenço Marques* dos portuguezes.

6.° O rio do *Espirito Santo* (a que os inglezes dão nas suas cartas desde 1822 o nome de *English river)* é o que no principio do seculo XVI tinha, como a bahia, o nome de *rio da Lagoa.*

CAPITULO IV

Explorações maritimas e terrestres do cabo da Boa Esperança até á bahia de Lourenço Marques

Não era o simples intuito de conquista que nos levava a assentar dominio nas longiquas regiões da Africa austral. Ou directamente, no interesse do commercio, da geographia e da hydrographia, ou indirectamente, movidos da força das circumstancias, fizemos no seculo XVI a exploração *maritima* da bahia, e ainda mais, a exploração por *terra* e pelo *interior* da Cafraria, do Cabo e da costa de Natal até lá, como vamos demonstrar; não porque o julguemos indispensavel para a solução da questão pendente, mas para destruir em tudo as pretensões inglezas, que até da gloria d'essas explorações intentam privar a nação portugueza.

Conclusions et résumé de ce chapitre:

1° La baie de Lourenço Marques, découverte par les Portugais avant 1506, a porté le nom de *Baie. da Lagoa,* sous lequel on la désignait dans les ouvrages géographiques du XVIe siècle.

2° Après avoir été explorée par le Portugais Lourenço Marques en 1544, elle fut désignée sous ce nom dans les documents géographiques, depuis la seconde moitié du XVIe siècle jusqu'au XIXe siècle;

3° En 1822, le capitaine Owen et les Anglais qui l'ont imité commencèrent à donner à la baie le nom de *Delagoa bay,* reconnaissant toutefois eux-mêmes que son nom avait été jusqu'alors *Baie de Lourenço Marques.*

4° Le nom de *Delagoa bay* n'est pas même nouveau. C'est la reproduction anglaise de *Baie de Lagoa,* mots par lesquels elle a été primitivement désignée par les Portugais au commencement du XVIe siècle, avant l'exploration de Lourenço Marques.

5° Il y a par conséquent, *identité parfaite* entre la *Delagoa bay* des Anglais et la *Baie de Lourenço Marques* des Portugais.

6° Le fleuve *Saint-Esprit* (auquel les Anglais donnent le nom de *Englisg river* sur leurs cartes, à partir de 1822) est le même qui, au commencement du XVIe siècle, portait, ainsi que la baie, le nom de *fleuve de Lagoa.*

CHAPITRE IV

Explorations maritimes et terrestres depuis le cap de Bonne-Espérance jusqu'à la baie de Lourenço Marques

Ce n'était pas uniquement la soif des conquêtes qui nous portait à établir notre domination dans les régions lointaines de l'Afrique australe. Mûs directement par l'intérêt du commerce, de la géographie et de l'hydrographie ou poussés indirectement par la force des circonstances, nous effectuâmes au XVIe siècle non-seulement l'exploration *maritime* de la baie, mais encore l'exploration par *terre* et dans *l'intérieur* de la Cafrerie, du cap et de la côte du Natal jusqu'à Lourenço Marques, comme nous allons le démontrer. Nous n'ignorons pas que le récit de ces voyages d'exploration est superflu pour les besoins de notre cause, nous tenons cependant à le faire, ne fût-ce que pour détruire les prétentions des Anglais qui désirent même priver notre nation de la gloire qui peut lui en revenir.

SECÇÃO I.

Explorações maritimas

As nossas principaes explorações maritimas da *Bahia de Lourenço Marques* no seculo XVI são as seguintes:

1.ª

Foi a primeira em 1506, ordenada por el-rei D. Manuel em 1505 a Cyde Barbudo e Pedro Quaresma, mandados em expedição para obterem noticias de Francisco de Albuquerque e Pedro de Mendonça, que se dizia terem desapparecido entre o Cabo da Boa Esperança e Sofalla. A costa foi toda explorada entre estes dois pontos, especialmente a bahia de Lourenço Marques, e o relatorio d'essa viagem (como notámos no cap. II) foi enviado de Moçambique a El-Rei D. Manuel, por Pedro Quaresma, em data de 31 de agosto de 1506 [1].

2.ª

Teve logar a segunda em 1527, quando Diogo Botelho Pereira foi mandado correr a costa do Cabo da Boa Esperança até ao Cabo das Correntes para colher noticias de D. Luiz de Menezes, que entre elles desapparecêra, vindo da India dois annos antes [2].

3.ª

Foi a terceira a de Lourenço Marques em 1544, já mencionada quando tratámos do descobrimento e exploração da bahia (cap. II).

4.ª

Verificou-se a quarta em 1575 por ordem de el-rei D. Sebastião, o qual encarregou Manuel de Mesquita Perestrello de reconhecer a costa de Africa austral desde o Cabo da Boa Esperança até ao Cabo das Correntes.

Em resultado d'esta viagem, em que estudou a bahia de Lourenço Marques (onde aliás já estivera em 1554), escreveu Perestrello uma noticia [3], onde as latitudes

[1] D'esta viagem fazem menção Damião de Goes, *Chronica de El-Rei D. Manuel*, parte 2.ª, cap. IX; João de Barros, *Decadas*, decada 1.ª, liv. 10.º, cap. VI; e Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. I, pag. 289. — Docum. n.º 5.

[2] Diogo de Couto, *Decadas da India*, decada 4.ª, liv. 6.º, cap. I.

[3] Foi impresso pela primeira vez na *Arte pratica de navegar*, de Luiz Serrão Pimentel, Lisboa, 1681, pag. 394 e seg. Existe manuscripto nas bibliothecas do Porto e de Evora, sendo o exemplar d'esta, que é acompanhado de mappas illuminados, o original de Perestrello, na opinião de Rivara. *Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca publica eborense.* Lisboa, 1850, pag. 4.

SECTION I

Explorations maritimes

Voici quelles ont été nos principales explorations maritimes de la *Baie de Lourenço Marques* au XVIe siècle.

1ère

La première exploration fut faite en 1506 d'après les ordres que le roi don Emmanuel donna, en 1505, à Cyde Barbudo et à Pedro Quaresma, lors de leur expédition à la recherche de Francisco de Albuquerque et de Pedro de Mendonza, que l'on croyait perdus entre le cap de Bonne-Espérance et Sofala. Toute la côte comprise entre ces deux points fut explorée, et plus spécialement la baie de Lourenço Marques. Ainsi que nous l'avons fait remarquer au chapitre II, le compte-rendu de ce voyage fut envoyé de Mozambique au roi don Emmanuel par Pedro Quaresma le 31 août 1506 [1].

2e

La seconde eut lieu en 1527, lorsque Diogo Botelho Pereira reçut l'ordre de parcourir la côte du cap de Bonne-Espérance jusqu'au cap des Courants à la recherche de Luiz de Menezes, disparu deux ans auparavant, à son retour de l'Inde [2].

3e

La troisième fut celle de Lourenço Marques en 1544. Nous en avons déjà fait mention au sujet de la découverte et de l'exploration de la baie (chapitre II).

4e

La quatrième eut lieu en 1575, par ordre du roi don Sébastien, qui chargea Manuel de Mesquita Perestrello de reconnaître la côte de l'Afrique australe depuis le cap de Bonne-Espérance jusqu'au cap des Courants.

A la suite de ce voyage pendant lequel il étudia la baie de Lourenço Marques (où d'ailleurs il avait déjà été en 1554) Perestrello écrivit une notice [3] dans laquelle

[1] Il est fait mention de ce voyage par Damião de Goes, *Chronica de El-Rei D. Manuel*, 2e partie, chap. IX, par João de Barros, *Decadas*, 1ère décade, livre 10e, chap. VI; et par Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. 1er, p. 289. — Document nº 5.

[2] Diogo de Couto, *Decadas da India*, 4e décade, livre 6e, chap. 1er.

[3] Ce routier a été imprimé pour la première fois dans l'*Arte pratica de navegar* de Luiz Serrão Pimentel, Lisbonne, 1681, p. 394 et suivantes. Il existe en manuscrit dans les bibliothèques de Porto et d'Evora. Suivant l'opinion de Rivara, l'exemplaire qui se trouve dans cette dernière, et qui est accompagné de cartes enluminées, serait le manuscrit original de Perestrello. *Catalogue des manuscrits de la bibliothèque publique d'Evora.* Lisbonne, 1850, p. 4.

e rumos dos pontos mais notaveis são marcados com uma exacção, singular para aquelles tempos, que honra o navegador portuguez, em cujo auxilio não se offereciam os meios aperfeiçoados de que hoje dispomos, e que valeu ao seu escripto a distincção de ser traduzido e inserido por Mannevillete no seu *Neptune Oriental* [1].

5.ª

Foi a quinta antes de 1598 por Aleixo da Motta, cosmographo da carreira da India, que visitou e estudou a bahia, como se vê do seu *Roteiro da navegação da India,* em que se aproveitou do escripto de Perestrello. Este trabalho foi traduzido em francez e publicado em París em 1664 por Thévenot na segunda parte das suas *Relations de divers voyages curieux.*

Em resultado d'estas explorações logo no principio do seculo XVI se fizeram e levantaram cartas maritimas e geographicas, como a *Carta universal* de 1527 e o mappa de Diego Ribero de 1529, existentes na bibliotheca de Weimar, e outras já apontadas no cap. III. D'essas cartas falla Perestrello na sua relação do naufragio de 1552, que adiante citâmos.

SECÇÃO II

Explorações pela Cafraria do cabo á bahia de Lourenço Marques

As principaes explorações feitas pelos portuguezes pelo interior da Cafraria desde o Cabo e Costa de Natal até á bahia de Lourenço Marques, a começar do seculo XVI, são as seguintes:

1.ª

É a primeira de 1552. N'esse anno, vindo da India o galeão *S. João* perdeu-se a 24 de junho na terra da costa de Natal em 31° de latitude S., salvando-se a tripulação e passageiros. Seguindo em 7 de julho pela Cafraria, e correndo muitos perigos foram ao cabo de tres mezes ter á bahia de Lourenço Marques, onde falleceu o celebre Manuel de Sousa de Sepulveda com sua mulher, atravessando o territorio que fica

1 *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1497,* 2.ª ed. correcta e augmentada de algumas observações, etc., por A. Herculano e o barão de Castello de Paiva. Lisboa, 1861, pag. 145.

les latitudes et les directions des principaux points sont désignées avec une exactitude d'autant plus remarquable qu'à cette époque il ne pouvait s'aider des instruments perfectionnés dont nous disposons aujourd'hui. Aussi son travail fut-il regardé comme digne d'être traduit et inséré par Mannevillete dans le *Neptune Oriental* [1].

5e

La cinquième fut accomplie avant 1598 par Aleixo da Motta, cosmographe de la ligne des Indes, qui visita et étudia la baie, comme on le voit dans son *Roteiro da navegação da India,* ouvrage pour lequel il s'aida du travail de Perestrello et qui fut traduit en français et publié à Paris en 1664 par Thévenot, dans la deuxième partie de ses *Relations de divers voyages curieux.*

A la suite de ces explorations, on dressa, dès le commencement du XVIe siècle, des cartes maritimes et géographiques, telles que la *Carta Universal* de 1527 et la carte de Diego Ribero de 1529, qui existent à la bibliothèque de Weimar, ainsi que d'autres déjá citées au chapitre III. Perestrello fait mention de ces cartes dans son compte rendu du naufrage de 1552, dont nous parlons plus loin.

SECTION II

Explorations en Cafrerie, depuis le Cap jusqu'à la baie de Lourenço Marques

Voici quelles furent les principales explorations faites par les Portugais dans l'intérieur de la Cafrerie depuis le Cap et la côte du Natal jusqu'à la baie de Lourenço Marques.

1ère

La première date de 1552. Le galion *Saint-Jean,* revenant de l'Inde, se perdit le 24 juin de cette année sur la côte du Natal sous le 31e degré de latitude S. L'équipage et les passagers échappèrent au naufrage. Ils partirent le 7 juillet, traversèrent la Cafrerie, et, bravant de nombreux dangers, ils parvinrent, au bout de trois mois, à la baie de Lourenço Marques où le célèbre Manuel de Sousa de Sepulveda périt

1 *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1497,* deuxième édition, corrigée et augmentée de quelques observations, etc., par A. Herculano et le baron de Castello de Paiva. Lisbonne, 1861, p. 145.

entre o rio do Espirito Santo e o Manhiça.

D'esta expedição pela Cafraria (composta de 500 pessoas, das quaes se perderam e extraviaram 380) deixou Alvaro Fernandes, guardião d'aquelle galeão, uma importante noticia intitulada: *Historia da mui notavel perda do galeão grande S. João, em que se contam os innumeraveis trabalhos e grandes desaventuras que aconteceram ao capitão Manuel de Sousa de Sepulveda, etc., o qual se perdeu no anno de 1552, a 24 de junho, na terra de Natal* [1].

2.ª

Foi a segunda em 1554. A nau *S. Bento*, da carreira da India, do commando de Fernão Alvares Cabral, perdeu-se a 22 de abril d'esse anno na *costa de Natal*, junto do rio do *Infante*. Resolveram então os naufragos, como unico recurso, seguir, como seguiram no dia 29, em numero de 322 (98 portuguezes e 224 escravos) pelo interior da Cafraria até á bahia de Lourenço Marques, onde chegaram a 7 de julho, com 68 dias de marcha. D'esta expedição pelo interior, em que se perderam 260 pessoas, deixou um dos naufragos, Manuel de Mesquita Perestrello, curiosa relação, que saiu impressa dez annos depois (Coimbra, 1564) com o titulo de *Naufragio da nau S. Bento, sendo capitão Fernão Alvares Cabral, que se perdeu a 22 de abril de 1554 na costa da terra de Natal, junto do rio do Infante* [2].

3.ª

Foi a terceira em 1588 pela tripulação e passageiros da nau *S. Thomé* da mesma carreira, naufragada a 16 de março na costa dos *Fumos* por 27° 20′ de latitude junto ao rio de *Simão Dote*. Esta expedição, dirigida pelo commandante Estevão da Veiga, começou a sua marcha em 23 d'aquelle mez, e chegou á bahia em 10 de abril; d'ella deixou curiosa e importante relação, publicada em Lisboa em 1611, o chronista

[1] Sem logar, nem anno de impressão; ha porém edições posteriores de 1592, 1614, 1615 e 1633 indicadas pelos bibliographos, e a reimpressão no tomo I da *Historia tragico-maritima*, publicada por Bernardo Gomes de Brito no seculo passado (Lisboa, 1735).

[2] Reimpresso na *Historia tragico-maritima*, tom. I, pag. 139 e seg.

avec sa femme en traversant le territoire situé entre le fleuve du *Saint-Esprit* et le *Manhiça*.

Alvaro Fernandes, contre-maître de ce galion, a laissé de cette expédition en Cafrerie, (expédition composée de 500 personnes dont 380 périrent ou s'égarèrent) une notice importante intitulée: *Histoire de la très-notable perte du grand galion Saint-Jean, dans laquelle on raconte les innombrables travaux et les grands malheurs qu'éprouva le capitaine Manuel de Sousa de Sepulveda, etc., lequel se perdit en l'année 1552, le 24 juin, sur le territoire de Natal* [1].

2e

La seconde exploration eut lieu en 1554. Le vaisseau *Saint-Benoît*, de la ligne des Indes, commandé par Fernão Alvares Cabral, se perdit, le 22 avril, sur la *côte de Natal*, près du fleuve *Infante*. Les naufragés au nombre de 322 (98 Portugais et 224 esclaves) résolurent de continuer leur voyage par l'intérieur de la Cafrerie jusqu'à la baie de Lourenço Marques. Ils partirent le 29 et y arrivèrent le 7 juillet, après 68 jours de marche. Manuel de Mesquita Perestrello, l'un des naufragés, a laissé de cette expédition, dans laquelle périrent 260 personnes, une curieuse relation que fut imprimée dix ans plus tard (Coimbre 1564) sous le titre: *Naufrage du vaisseau Saint-Benoît, capitaine Fernão Alvares Cabral, qui s'est perdu le 22 avril 1554, sur la côte du territoire de Natal, près du fleuve de l'Infante* [2].

3e

La troisième fut effectuée en 1588 par l'équipage et les passagers du vaisseau *Saint-Thomas*, de la même ligne, naufragé le 16 mars, sur la côte des *Fumées* par 27° 20′ de latitude, près du fleuve de *Simão Dote*. Cette expédition, dirigée par le commandant Estevão da Veiga, partit le 23 mars et arriva à la baie le 10 avril. Le chroniqueur de l'Inde, Diogo de Couto, en a laissé une relation curieuse et im-

[1] Le lieu et l'année de l'impression ne sont pas désignés; mais il existe des éditions postérieures de 1592, 1614, 1615 et 1633 indiquées par les bibliographes, ainsi que la réimpression dans le tome I de l'*Historia tragico-maritima* publiée par Bernardo Gomes de Brito pendant le dernier siècle (Lisbonne, 1735).

[2] Réimprimé dans l'*Historia tragico-maritima*, tome I, p. 139 et suivantes.

da India, Diogo de Couto: *Relação do naufragio da nau S. Thomé* [1].

4.ª

Foi a quarta em 1593 pela tripulação e passageiros da nau *Santo Alberto* da carreira da India, a qual naufragou em 27 de março no *Penedo das Fontes* em 33°, 14′. Seguindo d'esse ponto em 3 de abril, dirigidos por Nuno Velho Pereira, chegaram á bahia de Lourenço Marques em 27 de junho com dois mezes e vinte e quatro dias, tendo percorrido perto de 300 leguas. Compunha-se a expedição ao chegar á bahia, e deduzidas as perdas, de 182 pessoas, sendo 117 portuguezes livres e 65 escravos. João Baptista Lavanha, primeiro cosmographo do reino, publicou em Lisboa, quatro annos depois (1597), por ordem do governo portuguez, e sob o titulo de: *Naufragio da nau Santo Alberto, e itinerario da gente que della se salvou,* o roteiro ou jornal d'esta viagem, como altamente importante para a geographia da Africa austral [2]; e apesar da sua má redacção, fez d'elle Ternaux-Compans uma analyse ou extracto que publicou em París nos seus *Archives des voyages ou collection d'anciennes relations,* etc. [3]

5.ª

Foi a quinta em 1623 pela tripulação e passageiros da nau *S. João Baptista,* a qual saíndo de Goa para Lisboa em 1 de março, commandada por Pedro de Moraes Sarmento, naufragou no 1.° de setembro na costa de Natal em 33° de latitude S., d'onde seguiram pelo interior até á bahia de Lourenço Marques, e d'ahi a Sofalla. A expedição compunha-se de 279 pessoas, e d'ella publicou em 1625 Francisco Vaz de Almada, na cidade de Lisboa, uma valiosa noticia intitulada: *Tratado do successo que teve a nau S. João Baptista, e jornada que fez a gente que della escapou, desde 33 graus no Cabo da Boa Esperança, onde fez naufragio;* etc. Lisboa, 1625.

[1] Reproduzida na *Historia tragico-maritima,* tom. II pag. 174 e seg.

[2] Reproduzido na *Historia tragico-maritima,* tom. II, pag. 308 e seg.

[3] Tom. II, pag. 227 e seg.

portante, qui a été publiée à Lisbonne en 1611: *Relation du naufrage du vaisseau Saint-Thomas* [1].

4e

La quatrième fut faite en 1593 par l'équipage et les passagers du vaisseau *Saint-Albert,* de la ligne des Indes, qui naufragea le 27 mars sur le *Penedo das Fontes.* Ils partirent de ce point le 3 avril, sous la conduite de Nuno Velho Pereira, et ils arrivèrent à la baie de Lourenço Marques le 27 juin, après avoir parcouru près de 300 lieues en deux mois et vingt-quatre jours. Déduction faite des voyageurs morts pendant le trajet, l'expédition se composait, lors de son arrivée à la baie, de 182 personnes, dont 117 Portugais libres et 65 esclaves. João Baptista Lavanha, premier cosmographe du roi, publia à Lisbonne, quatre ans après (1597), par ordre du gouvernement portugais et sous le titre de: *Naufrage du vaisseau Saint-Albert et itinéraire de ceux qui purent se sauver,* l'itinéraire ou journal de ce voyage, travail d'une haute importance, à cette époque, pour la géographie de l'Afrique australe [2]. Malgré la mauvaise rédaction de ce travail, Ternaux-Compans en fit une analyse ou un extrait qu'il publia à Paris dans ses *Archives des voyages ou collection d'anciennes relations,* etc. [3]

5e

La cinquième exploration fut entreprise en 1623 par l'équipage et les passagers du vaisseau *Saint-Jean-Baptiste* qui, parti le 1er mars de Goa pour Lisbonne, sous les ordres de Pedro de Moraes Sarmento, naufragea le 1er septembre sur la côte de Natal, sous le 33e degré de latitude S.; de là les naufragés se dirigèrent par l'intérieur jusqu'à la baie de Lourenço Marques, et de là jusqu'à Sofala. L'expédition se composait de 279 personnes. Francisco Vaz de Almada en a publié à Lisbonne, en 1625, une notice intéressante intitulée: *Traité du désastre survenu au vaisseau Saint-Jean-Baptiste, et du voyage que les personnes qui se sauvèrent, firent depuis le 33e degré au cap de Bonne-Espérance où il fit naufrage,* etc. Lisbonne, 1625.

[1] Reproduite dans l'*Historia tragico-maritima,* tome II, p. 174 et suivantes.

[2] Reproduit dans l'*Historia tragico-maritima,* tome II, p. 308 et suivantes.

[3] Tome II, p. 237 et suivantes.

6.ª

Foi a sexta em 1647 pela gente das naus *Sacramento* e *Nossa Senhora da Atalaya,* que vindo da India para o reino naufragaram proximo do cabo da Boa Esperança. Era a expedição dirigida pelo capitão mór Luiz de Miranda Henriques, e seguiu pelo sertão até á bahia de Lourenço Marques.

A narração d'esta expedição foi publicada em Lisboa, tres annos depois, por Bento Teixeira Feyo: *Relação do naufragio que fizeram as Naus Sacramento e Nossa Senhora da Atalaya, vindo da India para o reino, no Cabo da Boa Esperança, de que era capitão mór Luiz de Miranda Henriques no anno de 1647.* Lisboa, 1650.

Do exposto resulta que a viagem de Cowie e Green, colonos inglezes, feita por terra, do cabo da Boa Esperança á bahia de Lourenço Marques, já no seculo XIX, viagem cujos pormenores se podem ver no *South African Advertiser,* jornal do Cabo, de 1830, e no *Asiatic Journal,* de Londres do mesmo anno, *não foi, como os inglezes pretendem, a primeira viagem por terra entre esses dois pontos,* e que já tres seculos antes estava por nós explorada essa parte da Cafraria. E é para lastimar que o distincto escriptor Walckenaer affirmasse uma tal inexactidão na sua *Collection des relations des voyages* [1].

Conclusões d'este capitulo:

1.ª Não se limitaram os portuguezes a descobrir e assentar depois (como veremos) o seu dominio e soberania na bahia de Lourenço Marques. No interesse da hydrographia e da geographia fizeram explorações maritimas da bahia e terrestres pelo interior, desde o cabo da Boa Esperança e costa do Natal até esse ponto.

2.ª As principaes explorações maritimas da bahia, só no seculo XVI, foram *cinco* em 1506, 1527, 1544, 1575 e 1598.

3.ª D'ellas resultou logo no primeiro quartel d'esse seculo o levantamento de cartas geographicas e maritimas, entre as quaes o mappa mundi ou carta universal

[1] Tomo XXI. Paris, 1842.

La sixième fut faite en 1647 par les équipages des vaisseaux *Saint-Sacrement* et *Notre-Dame de Atalaya,* qui naufragèrent près du cap de Bonne-Espérance en revenant de l'Inde. L'expédition, sous la direction du capitaine-major Luiz de Miranda Henriques, gagna, à travers les terres, la baie de Lourenço Marques.

Le récit de cette expédition fut publié à Lisbonne, trois ans après, par Bento Teixeira Feyo: *Relation du naufrage, au cap de Bonne-Espérance, des vaisseaux Saint-Sacrement et Notre-Dame de Atalaya, revenant de l'Inde, et dont le capitaine-major était Louis de Miranda Henriques, en 1647.* Lisbonne, 1650.

Il résulte de ce que nous venons d'exposer, que le voyage de Cowie et Green, colons anglais, accompli par terre depuis le cap de Bonne-Espérance jusqu'à la baie de Lourenço Marques au XIXe siècle, et dont les détails se trouvent dans le *South African Advertiser,* journal du Cap, de 1830, et dans le *Asiatic journal,* de Londres, de la même année, *n'est pas, comme les Anglais le prétendent, le premier voyage fait par terre entre ces deux points,* puisqu'il y avait déjà trois siècles que cette partie de la Cafrerie était explorée par nous. Il est à regretter que le célèbre écrivain Walckenaer ait affirmé une telle inexactitude dans sa *Collection des relations des voyages* [1].

Conclusions de ce chapitre:

1° Les Portugais ne se sont pas bornés à découvrir la baie de Lourenço Marques et à y établir (comme nous le verrons plus loin) leur domination et leur souveraineté. Dans l'intérêt de l'hydrographie et de la géographie, ils firent des explorations maritimes dans la baie et en entreprirent d'autres dans l'intérieur, depuis le cap de Bonne-Espérance et la côte du Natal jusqu'à ce point.

2° Les principales explorations maritimes effectuées dans la baie pendant le XVIe siècle, ont été au nombre de *cinq,* savoir: en 1506, 1527, 1544, 1575 et 1598.

3° Dès les premières années du XVIe siècle, ces explorations eurent pour résultat le levé de cartes géographiques et maritimes, parmi lesquelles on compte la mappe-

[1] Tom. XXI. Paris, 1842.

de Weimar de 1527, e o mappa de Diego Ribero de 1529, etc.

4.ª As principaes explorações terrestres do cabo e da costa do Natal pelo interior da Cafraria até á bahia foram *seis* desde o seculo XVI até ao meiado do seculo XVII: em 1552, 1554, 1588, 1593, 1623 e 1647.

5.ª Essas expedições terrestres seguiram, como resulta dos respectivos relatorios, duas linhas, uma mais a O. proximo da costa (as primeiras), outra mais ao interior (as ultimas).

6.ª E portanto infundada a pretensão dos inglezes de que a viagem de Cowie e Green, colonos inglezes do cabo da Boa Esperança feita n'este seculo á bahia de Lourenço Marques fôra a *primeira* viagem por terra d'aquelle a este ponto.

CAPITULO V

Descripção do estabelecimento portuguez de Lourenço Marques e territorios sujeitos

SECÇÃO I

Do districto de Lourenço Marques, sua extensão e limites

Lourenço Marques constitue um dos sete districtos em que está dividida a provincia de Moçambique.

Comprehende a costa desde 26° 30′ de latitude S. até entestar com o districto de Inhambane junto ao cabo das Correntes por 24° 7′ de latitude S., n'uma extensão de 68 leguas; e estende-se para o interior até ás terras da republica do Transvaal.

É limitado a E. pelo mar, ao N. pelo districto de Inhambane, ao S. e OE. por uma linha que, tirada de 26° 30′ de latitude S. vae em recta para OE. até ás montanhas do Lebombo ou serras do *Musuate,* segue pelo cume d'estas até ao passo do rio Incomati, d'ahi para o NNE. ao monte *Pokioenieskop* ao N. do rio dos *Elephantes,* e d'elle para NNO. até junto á serra do *Chicundo,* onde conflue o rio *Matjatsies* com o *Umbovo,* e d'ahi em recta até á juncção dos rios *Paforis* e *Limpopo.*

Foi esta a linha de limites a S. e O.

monde ou carte universelle de Weimar, de 1527, la carte de Diego Ribero, de 1529, etc.

4° Du commencement du XVIe siècle jusqu'à la moitié du XVIIe, les principales explorations terrestres de la côte du Natal, par l'intérieur de la Cafrerie jusqu'à la baie, ont été au nombre de *six:* en 1552, 1554, 1588, 1593, 1623 et 1647.

5° Ainsi qu'il résulte des comptes rendus respectifs, ces explorations terrestres ont suivi deux lignes, l'une plus à l'O. près de la côte (ce furent les premières), et l'autre plus à l'intérieur (ce furent les dernières).

6.° C'est donc à tort que les Anglais prétendent que le voyage de Cowie et Green, colons anglais, accompli pendant ce siècle à la baie de Lourenço Marques, ait été le *premier* voyage fait par terre entre ces deux points.

CHAPITRE V

Description de l'établissement de Lourenço Marques et des territoires que lui sont soumis

SECTION I

Du district de Lourenço Marques, de son étendue et de ses limites

Lourenço Marques est un des sept districts ou divisions de la province de Mozambique.

Il embrasse la côte depuis le 26° 30′ de latitude S. jusqu'au district d'Inhambane, en touchant au cap *des Courants* par 24° 7′ de latitude S., sur un parcours de 68 lieues, et s'étend dans l'intérieur jusqu'au territoire de la république du Transvaal.

Lourenço Marques est borné à l'E. par la mer, au nord par le district d'Inhambane, au S. et à l'O. par une ligne qui, tirée du 26° 30′ de latitude S. court directement vers l'O. jusqu'aux montagnes de Lebombo ou de *Musuate,* suit leurs sommets jusqu'aux rives de l'Incomati, de là se dirige au NNE. jusqu'au mont *Pokioenieskop* au nord de la rivière des Éléphants, va vers le NNO. jusqu'à la montagne de *Chicundo,* où se trouve le confluent du *Matjatsies* et de l'*Umbovo,* et enfin continue directement jusqu'à la jonction des rivières *Paforis* et *Limpopo.*

Telle est la ligne des limites au S. et à

estabelecida com a republica dos boers no tratado de 29 de julho de 1869 [1].

Alem da villa e praça de Lourenço Marques, tem mais o districto no interior a colonia de S. Luiz, de que adiante nos occupâmos na secção XIV.

SECÇÃO II

Da praça, capital do districto

Está situada a praça, cabeça do districto de Lourenço Marques, em 25° 58′ de latitude S., e 41° 35′ de longitude E. do meridiano de Lisboa, na margem esquerda do rio do Espirito Santo *(English river)* a $1^1/_3$ de milha da *Ponta alta de Mafumo* ou *Ponta Vermelha,* que á entrada do rio se levanta 200 pés acima do mar [2].

Da origem do estabelecimento e differentes modificações por que tem passado esta praça da invocação de Nossa Senhora da Conceição, adiante diremos.

A fortaleza foi restaurada em 1864; fizeram-se quartel, enfermaria, botica, cozinha, quartos para officiaes e sargentos, e construiram-se um baluarte fóra da praça, que monta oito peças, um paiol e um armazem para guarda de objectos da fazenda [3]; e posteriormente, governando o districto o capitão de artilheria Frederico Augusto Gourgell em 1867, fez-se uma nova linha de defeza, começada em 1 de abril e concluida em 31 de outubro d'esse anno, com quatro baluartes, *31 de Julho, S. Pedro, Santo Antonio* e *S. João.*

A villa é dividida em varias ruas alinhadas, com setenta casas de alvenaria, mais de quarenta de pedra e barro com seus terraços, e algumas, poucas, de madeira.

Tem o estabelecimento duas fontes de boa agua, uma ao pé da praia ao S. da praça, que serve para aguada dos navios, outra fóra, alem da agua da lagoa, da qual os moradores se servem para beber.

[1] Documento n.° 9.
[2] Horsey, *African pilot,* pag. 93.
[3] Officio do governador, de 20 de agosto de 1864, no *Boletim da provincia,* n.° 41, pag. 217.

l'O. établie entre le gouvernement portugais et la république des Boers par le traité du 29 juillet 1869 [1].

Outre la ville et le fort de Lourenço Marques, le district possède, dans l'intérieur, la colonie de Saint-Louis, dont nous nous occuperons dans la section XIV.

SECTION II

De la ville, chef-lieu du district

La ville, chef-lieu du district de Lourenço Marques, est située par 25° 58′ de latitude S. et 41° 35′ de longitude E. du méridien de Lisbonne, sur la rive gauche du Saint-Esprit *(English river)* à un mille et un tiers de *Ponta alta de Mafoumo* ou *Ponta Vermelha* qui, à l'embouchure du fleuve, s'élève de 200 pieds au-dessus du niveau de la mer [2].

Nous parlerons plus loin de l'origine de l'établissement et des différentes modifications qu'a subies cette ville placée sous le patronage de Notre-Dame de la Conception.

La forteresse fut restaurée en 1864; on y construisit une caserne, une infirmerie, une pharmacie, une cuisine et des logements pour les officiers et les sergents. A l'extérieur on éleva un rempart garni de huit pièces d'artillerie, une poudrière et un magasin pour abriter les objets appartenant à l'État [3]; plus tard, en 1867, sous l'administration du capitaine d'artillerie Frederico Augusto Gourgell, alors gouverneur du district, une nouvelle ligne de défense fut construite. Cet ouvrage commencé le 1er avril et achevé le 31 octobre de la même année, se compose de quatre batteries ainsi nommées: *31 Juillet, Saint-Pierre, Saint-Antoine et Saint-Jean.*

La ville est coupée par différentes rues tirées au cordeau, bordées de plus de soixante-dix maisons en pierre, de plus de quarante autres en pierre et terre glaise, garnies de terrasses, et de quelques rares constructions en bois.

L'établissement possède deux fontaines d'une eau excellente, l'une placée près de la plage, au S. de la ville et servant d'aiguade aux navires, l'autre placée hors de la ville; outre ces fontaines, l'établissement a encore l'eau du lac qui sert aux besoins des habitants.

[1] Document n° 9.
[2] Horsey, *African pilot,* p. 93.
[3] Dépêche officielle du gouverneur, du 20 août 1864, dans le *Bulletin de la province* n° 41, p. 217.

Passada esta, e n'um logar deserto denominado *Mochamba,* faziam-se os enterramentos dos christãos; mas em 1864 construiu-se cemiterio apropriado [1].

SECÇÃO III

Clima e temperatura

O tempo das chuvas e do verão é de setembro a março, o do inverno de abril a setembro, que são as duas estações n'aquella região. Eleva-se o barometro com os ventos do quadrante S., e abaixa com os do quadrante N.

Apesar de situado na zona temperada, é o districto de Lourenço Marques mais doentio do que a ilha do Ibo (Cabo Delgado), que jaz em 12° 30′; reina ali, desde 1837, uma especie de angina maligna, gangrenosa ou putrida, denominada *matuniça* ou *mapute* (em lingua landina) que se tornou endemica, e contra a qual têem os negros um vomitivo de casca de *xibaca,* que dizem ser especifico heroico [2].

O governador Caetano da Costa Mattoso, referindo-se á situação da fortaleza, escrevia em officio de 23 de junho de 1828: «Acha-se esta praça situada em uma baixa, dominada por montes e cercada de continuados pantanos, que tornam bem triste a sorte dos habitantes sujeitos a continuadas febres, (de) que quasi sempre lhes resulta a morte ou doenças que os impossibilita de poderem ser uteis á nação; havendo aliás um local melhor e sanitario defronte, do lado direito do mesmo rio, em a mais elevada paragem, defensavel, com agua, e terras excellentes para cultura».

SECÇÃO IV

População

A população portugueza do estabelecimento tem successivamente augmentado, para o que bastará notar que tendo estado por muito tempo estacionaria, tem tido nos ultimos dez annos de 1862 a

[1] Officio do cirurgião militar José Antonio de Miranda, de 7 de abril de 1863, no *Boletim* n.° 21 d'esse anno, pag. 92; officios do governador do districto, de 20 de agosto de 1864, no *Boletim* n.° 41, e de 15 de abril de 1865, no *Boletim* n.° 21.

[2] Bordalo, pag. 64 e seg.; Jacques de Sallis de Celerina, *Esboço sobre as molestias da costa oriental de Africa,* nos *Annaes maritimos e coloniaes,* 6.ª serie, pag. 43 e seg.

Au-delà de la seconde fontaine, dans un lieu désert nommé *Mochamba,* en donnait la sépulture aux chrétiens; mais en 1864 on construisit un cimetière plus convenable [1].

SECTION III

Climat et température

Dans cette contrée, l'année se partage en deux saisons: l'été ou saison des pluies, qui dure de septembre à mars, et l'hiver, d'avril à septembre. Le baromètre s'élève lorsque soufflent les vents du sud, et tombe sous l'influence des vents du nord.

Quoique situé sous une zone tempérée, le district de Lourenço Marques est plus insalubre que l'île de Ibo *(Cap Delgado)* qui se trouve sous le 12° 30′. Depuis 1837, il y règne une sorte d'angine pernicieuse, gangréneuse ou putride, nommée *matuniça* ou *mapute* en langue indigène, qui est devenue endémique et contre laquelle les nègres emploient un vomitif préparé avec de l'écorce de *xibaca,* ce qu'ils prétendent être un remède souverain [2].

Le gouverneur Caetano da Costa Mattoso écrivait, dans sa dépêche officielle du 23 juin 1828, à l'égard de la situation du fort: «Cette place est située dans un terrain bas dominé par des montagnes et entouré de marécages permanents qui rendent précaire le sort des habitants sujets à des fièvres continuelles et trop souvent mortelles, ou à des maladies qui les empêchent de se rendre utiles à la nation: et cependant il existe, en face et sur la rive droite du fleuve, un emplacement plus sain, plus élevé, facile à défendre et possédant de l'eau et des terres excellentes pour la culture.»

SECTION IV

Population

La population portugaise de l'établissement a successivement augmenté; pour s'en convaincre il suffira de remarquer qu'après être restée longtemps stationnaire, elle a subi dans ces dix dernières

[1] Dépêche officielle du chirurgien de l'armée, José Antonio de Miranda, du 7 avril 1863, dans le *Bulletin* n° 21 de cette année, p. 93; dépêches officielles du gouverneur du district, du 20 août 1864, dans le *Bulletin* n° 41, et du 15 avril dans le *Bulletin* n° 21.

[2] Bordalo, p. 64 et suiv.; Jacques de Sallis de Celerina, *Esboço sobre as molestias da costa oriental de Africa* dans les *Annaes maritimos et coloniaes,* 6e série, p. 43 et suiv.

1872, o movimento constante da seguinte nota:

1862	1:081
1863	–
1864	1:098
1872 [1]	2:670

O numero de escravos registados n'este districto, nos termos do decreto de 14 de dezembro de 1854, era de 207 em 20 de maio de 1865. Hoje não ha escravos, porque está abolida a escravidão em todas as colonias portuguezas.

SECÇÃO V

Povos sujeitos á nossa soberania

Alem dos indigenas, que vivem na villa e praça, dependem d'elle, ao N. e NE., as gentes dos regulos Mafumo (cujas terras cercam o presidio), Pamana, Mahota, Magaia e Cherinda; a O. as do regulo Matola, ao SO. as do Catembe ou Tembe, e a S. as do Maputo.

Os primeiros (ao N. e NE.) pagam ao estado, conforme a producção das terras, um certo numero de panjas de mantimento, applicado á sustentação dos negros que vem fazer fachinas no porto e presidio, ou tripular lanchas do estado.

Os segundos (ao S. e SO.) contribuem em signal de vassallagem com pontas de marfim e de abada, e ás vezes com gado

SECÇÃO VI

Agricultura

O terreno que cerca o presidio de Lourenço Marques, situado já fóra do tropico, produz muitos dos fructos da Europa, e com tão bom gosto como os de Portugal, entre os quaes os melões e melancias.

A cultura da vinha, dando-se esta em toda a costa do S., deve produzir resultados identicos aos que se admiram no Cabo da Boa Esperança [2].

Na falda da montanha, ao N. do presidio alem da langua, ha hortas *(machambas)* de pouca importancia, cultivadas pelos moradores.

De todo o districto são sobretudo Ma-

[1] V. de Paiva Manso, *Memoria sobre Lourenço Marques*, Lisboa, 1870, pag. 20.
[2] Bordalo, pag. 280.

années, de 1862 à 1872, l'accroissement constant que résume cette note:

1862	1,081
1863	–
1864	1,098
1872 [1]	2,670

Le nombre des esclaves enregistrés dans ce district en vertu du décret du 14 décembre 1854 était de 207 à la date du 20 mai 1865. Aujourd'hui il n'y a plus d'esclaves, l'esclavage étant aboli dans toutes les colonies portugaises.

SECTION V

Peuples soumis à notre domination

Outre les indigènes qui vivent dans la ville et le fort, quelques peuplades dépendent du district. Ce sont, au N. et au NE., celles des régules ou chefs Mafoumo (dont les terres entourent le fort), Pamana, Mahota, Magaia et Cherinda; à l'O. celle du chef Matola; au SO. celle du Catembe ou Tembe, et au S. celle de Mapouto.

Les premières (au N. et au NE.) payent à l'État, suivant la production des terres, un certain nombre de *panjas* (mesures) de provisions qui servent au soutien des nègres qui travaillent sur le port et dans le fort, ou qui garnissent les chaloupes de l'État.

Les seconds (au S. et au SO.) donnent, comme tribut, de l'ivoire, des cornes de rhinocéros et quelquefois du bétail.

SECTION VI

Agriculture

Le terrain qui entoure le fort de *Lourenço Marques,* déjà hors du tropique, produit un grand nombre des fruits de l'Europe, aussi savoureux que ceux du Portugal, entr'autres des melons et des pastèques.

Quant à la vigne, si on la cultivait sur toute la côte du S., elle donnerait indubitablement des résultats identiques à ceux que l'on admire au cap de Bonne-Espérance [2].

Au bas de la montagne, au N. du fort et au-delà du lac, on trouve quelques vergers *(machambas)* de peu de valeur et qui sont cultivés par leurs propriétaires.

Mafoumo, Mahota, Pamana, Magaia,

[1] Vicomte de Paiva Manso, *Memoria sobre Lourenço Marques*, Lisbonne, 1870, p. 20.
[2] Bordalo, p. 280.

fumo, Mahota, Pamana, Magaia, Cherinda e Muamba, ao N. e E., e Catembe, Unhaca, Maputo e Empanhel ao S. os pontos onde a agricultura é cultivada, e d'onde nos vem mantimentos, arroz, milho fino e grosso, *michoeira* ou milho miudo, mandioca, feijão, mendobi, hortaliça, abobora, etc.

«O estado da agricultura (escrevia em 1865 o capitão Antonio de Sousa Teixeira, governador interino, ao governador geral [1]) é bastante escasso, porque os cafres d'este districto dedicam-se mais ás caçadas de elephantes, e só as mulheres são as que trabalham; e por isso o mantimento cafreal está por um preço exorbitante, sendo por cada *panja* 960 réis; arroz ha muito pouco, e se vende cada *panja* em casca 920 réis; e cultivam a mandioca em pequena quantidade.»

Cherinda et Mouamba, au N. et à l'E., Catembe, Unhaca, Mapouto et Empanhel, au S., sont les points de tout le district où l'agriculture est le plus répandue. De là nous viennent différentes denrées telles que le riz, le maïs, le millet, le manioc, les haricots, l'arachide ou pistache de terre, les légumes, la citrouille, etc.

L'état de l'agriculture (écrivait en 1865 au gouverneur général le capitaine Antonio de Sousa Teixeira, gouverneur par intérim [1]), est languissant, attendu que les nègres de ce district s'occupent presque exclusivement de la chasse à l'éléphant et laissent aux femmes le soin de cultiver la terre; c'est pourquoi les denrées de provenance indigène se trouvent à un prix exorbitant; chaque *panja* coûte 960 réis; le riz est fort rare et se vend à 920 réis la *panja*; quant au manioc, on ne le cultive qu'en très-petite quantité.

SECÇÃO VII

Commercio

O commercio em Lourenço Marques, como em toda a Africa, foi sempre monopolisado pelo estado sob differentes fórmas, até ser declarado livre para nacionaes pelo alvará de 10 de junho de 1755 com excepção do vellorio ou missanga, que tambem foi declarada livre pelo de 7 de maio de 1761 [2]. Para os estrangeiros sómente foi aberto, salvas as anteriores excepções dos tratados, por decreto de 17 de outubro de 1853.

É já hoje importante o commercio do districto, tanto nacional como estrangeiro.

Entre as casas principaes estabelecidas em Lourenço Marques, avultam hoje as dos portuguezes Paiva Raposo, Diocleciano Fernandes das Neves, e Nandim Carvalho & C.ª, e as francezas de Fabre & Filhos, e de Régis Ainé de Marselha; as dos canarins Antonio Gabriel de Gouveia, Manuel Francisco de Sousa e José de Sant'Anna da Gama; dos mouros Ibramo Dahud, Mussá Agy Ibramo e Ismael Nur; e a dos baneanes Vachicande Premichande, Jugul-

[1] *Boletim e annaes do conselho ultramarino*, 7.ª serie n.º 12, parte não official, pag. 98.

[2] Sobre as differentes fórmas d'esse commercio veja-se a importante nota do sr. Rivara no *Boletim do governo da India* de 1864, pag. 706 e seg.

SECTION VII

Commerce

A Lourenço Marques, comme dans toute l'Afrique, le commerce fut, longtemps et sous différentes formes, un monopole de l'État. Un édit du 10 juin 1755 le rendit libre pour les nationaux, à l'exception pourtant du commerce de la verroterie, qui ne fut déclaré libre à son tour que par l'édit du 7 mai 1761 [2]. Enfin le commerce ne fut ouvert aux étrangers, sauf les exceptions des traités, que par le décret du 17 octobre 1853.

Aujourd'hui, le commerce national et le commerce étranger du district ont acquis une certaine importance.

Parmi les principales maisons commerciales établies actuellement à Lourenço Marques, on distingue celle des Portugais Paiva Raposo, Diocleciano Fernandes das Neves, et Nandim de Carvalho & Cie, les maisons françaises de Fabre et Fils, et Régis Ainé de Marseille; les établissements des Indiens Antonio Gabriel de Gouveia, Manuel Francisco de Sousa et José de Sant'Anna da Gama; les maisons des Maures Ibramo Dahud, Mussá Agy Ibramo et Ismael Nur; celles des Banians Vachicande Premichande, Jugul-

[1] *Boletim e annaes do conselho ultramarino*, 7e série, n° 12, partie non officielle, p. 98.

[2] Sur les différentes formes de ce commerce, voir l'importante note de M. Rivara dans le *Bulletin du gouvernement de l'Inde* de 1864, p. 706 et suiv.

Curugy Daugy, Othmechand Lakmechande, Juguldás Verichande e outros.

O commercio com o interior faz-se por meio de permutação de fazendas, principalmente zuartes, algodões crús, pannos da costa, lenços estampados e tintos, polvora, armas, missangas, aguardente, enchadas, cobre em cavilhas e em arame, estanho, chumbo, etc.

Os generos de commercio que se permutam por aquelles são marfim [1] de elephante e de cavallo marinho, pontas de abada e pelles de animaes, como couros de boi, de bufalo, de zebra, de angonha, de nungó, etc.

Para Porto Natal exporta-se tambem milho e arroz, *angulas* ou cestas de entrançado, e pelles de macaco *(cimba)* e de gato bravo.

No commercio portuguez empregam-se da praça de Lisboa as barcas *Penha Longa* e *Novo Paquete,* de Thomás Maria Bessone, *Tejo,* de Antonio Joaquim de Oliveira, *Josephina,* de Manuel José Dias Monteiro; e da praça de Moçambique os brigues *Amizade, Leticia, Estrella de Damão, Felicidade, Vestal* e *Flor de Gôa.*

Apesar da falta de communicações acceleradas com a metropole, com as outras partes da provincia de Moçambique e com os portos estrangeiros, tende o commercio a desenvolver-se. Os direitos da alfandega, que no anno economico de 1856-1857 renderam apenas 1:993$959 réis, produziram dois annos depois, no anno de 1858-1859, 3:721$078 réis [2] e em 1870-1871, 7:005$882 réis [3]. O valor das importações e exportações, que em 1866 fôra de 37:023$686 réis, elevou-se em 1871 a 64:371$401 réis.

A reforma da pauta de Moçambique, decretada em 12 de novembro de 1869, o tratado de commercio com os boers e o estabelecimento, inevitavel, de uma linha regular de vapores entre a metropole e a

[1] É um dos ramos mais importantes do commercio. Em 1852 calculava-se o que annualmente ía para Moçambique em 1:600 arrobas.—C. J. Caldeira, tom. 2.º, pag. 139.

[2] Bordalo, pag. 282; *Boletim,* n.º 50, de 10 de dezembro de 1859.

[3] *Boletim da provincia de Moçambique,* n.º 33 de 17 de agosto de 1872.

das Dubob, Ceragy Cadiri, Navangy Sauchande, Givá Carvá, Curugy Daugy, Othmechand Lakmechande, Juguldas Verichande et autres.

Le commerce avec l'intérieur se fait au moyen d'échange de marchandises telles que les cotonnades, les toiles de la côte, les foulards teints et imprimés, la poudre, les armes, la verroterie, l'eau-de-vie, les pioches, le cuivre, l'étain, le plomb, etc.

Les marchandises que l'on reçoit en échange sont l'ivoire [1] d'éléphant et d'hippopotame, les cornes de rhinocéros femelle, les cuirs d'animaux tels que le bœuf, le buffle, le zèbre; les peaux d'*angonha,* de *nungo,* etc.

On exporte aussi pour Port-Natal du maïs, du riz, des *angulas* ou paniers tressés, et des peaux de singe *(cimba)* et de chat sauvage.

Plusieurs navires appartenant à la place de Lisbonne sont affectés au commerce portugais de Lourenço Marques, ce sont: les trois-mâts *Penha Longa* et *Novo Paquete,* de Thomas Maria Bessone; *Tejo,* de Antonio Joaquim de Oliveira; *Josephina,* de Manuel José Dias Monteiro. Des navires de Mozambique sont également employés à ce commerce, ce sont les bricks *Amizade, Leticia, Estrella de Damão, Felicidade, Vestal* et *Flor de Gôa.*

Malgré le manque de communications rapides avec la métropole, les autres parties de la province de Mozambique et les ports étrangers, le commerce de Lourenço Marques tend à se développer. Les droits de douane qui, dans l'année économique 1856-1857, montèrent à peine à 11:077 fr. produisirent dans l'année suivante, 1858-1859, 20:672 fr.[2] et 38:921 fr. dans l'année 1870-1871[3]. La valeur des importations et des exportations qui, en 1866, avait été de 205:687 fr. s'éleva, en 1871, à 357:618 fr.

La réforme du tarif des douanes de Mozambique, décrétée le 12 novembre 1869, le traité de commerce avec les Boers et l'établissement inévitable d'une ligne régulière de bateaux à vapeur entre la mé-

[1] C'est là une des branches les plus importantes du commerce. En 1852 on calculait que le poids de l'ivoire rendu chaque année à Mozambique n'était pas inférieur à 24:000 kil.—C. J. Caldeira, tom. 2e, p. 139.

[2] Bordalo, p. 282; *Bulletin* n.º 50 du 10 décembre 1859.

[3] *Bulletin de la province de Mozambique* nº 33 du 17 août 1872.

provincia de Moçambique pelo canal de Suez ou pelo Cabo, deve concorrer para que o commercio attinja proporções enormes, sobretudo sendo innegavel a tendencia de parte do de Porto Natal a derivar para Lourenço Marques.

SECÇÃO VIII

Moedas, pesos e medidas

Correm no commercio toda a moeda nacional do reino, a franceza e ingleza de oiro e prata, as onças hespanholas, e as aguias dos Estados Unidos.

Os pesos empregados são os antigos de arroba, arratel e suas subdivisões, excepto na alfandega, onde já se faz obra pelos novos pesos do systema metrico-decimal.

As medidas de solidos e liquidos são as do reino; mas como medida de capacidade dos solidos prevalece a cafreal, que é a *panja* e suas subdivisões. A *panja* corresponde a um alqueire e tres quartas; divide-se em *comegaes,* e estes em meios e quartas.

SECÇÃO IX

Communicações

Alem das communicações regulares com a capital da provincia e outros portos por meio dos navios da praça, as quaes têem logar para a capital nas monções de abril e agosto, e d'esta para Lourenço Marques em novembro e junho, ha em Lourenço Marques correio regular por terra para Inhambane, e para a republica dos boers, para a qual a portaria do ministerio dá marinha de 10 de março de 1855 mandou providentemente abrir uma estrada para uso dos carros-wagons.

Não se realisou até hoje este melhoramento; mas depois do tratado entre Portugal e essa republica, não se fará esperar outro mais importante, porque está já em projecto um caminho de ferro que ha de ligar a villa de Lourenço Marques com Pretoria, capital da republica, caminho para que o governo portuguez já tem recebido ultimamente propostas.

tropole et la province de Mozambique, soit par le canal de Suez, soit par le Cap, doivent aider le commerce à atteindre d'énormes proportions, surtout maintenant qu'est devenue bien évidente la tendance d'une partie du commerce de Port-Natal à se porter sur Lourenço Marques.

SECÇÃO VIII

Monnaies, poids et mesures

Toute la monnaie nationale du royaume, les monnaies françaises et anglaises d'or et d'argent, les onces espagnoles et les aigles des États-Unis ont cours sur la place de Lourenço Marques.

On se sert encore dans la colonie des anciens poids, *arroba, arratel* et subdivisions, excepté à la douane où l'on emploie déjà les nouveaux poids du système métrique.

Les mesures de solides et de liquides sont celles du royaume; toutefois la mesure de capacité des solides qui est le plus communément employée est la mesure du pays même, la *panja* et ses subdivisions. La *panja* correspond à un *alqueire* et trois quarts; elle se divise en *comegaes* et ceux-ci en demi-*comegaes* et en quarts.

SECTION IX

Communications

Lourenço Marques est en communication régulière avec la capitale de la province et les autres ports au moyen des navires de la place. Ces voyages se font de Lourenço Marques à la capitale pendant les moussons d'avril et d'août, et de la capitale à Lourenço Marques en novembre et en juin. Outre ces communications, un service régulier de courrier par voie de terre est établi entre la colonie, Inhambane et la république des Boers; de plus, une ordonnance ministérielle en date du 10 mars 1855 a décidé l'ouverture d'une route qui reliât cette république à Lourenço Marques et qui fût appropriée à l'usage des chars-wagons.

Cette amélioration n'a pas encore été réalisée; mais depuis le traité entre le Portugal et la république des Boers, il existe un projet de chemin de fer qui devra lier Lourenço Marques avec Pretoria, capitale de cette république, chemin de fer très important, et au sujet duquel de récentes propositions ont été soumises au gouvernement portugais.

SECÇÃO X

Governo e administração geral

Lourenço Marques constitue hoje um dos districtos da provincia de Moçambique, e é dirigido, como elles, por um governador especial, com a gratificação de 1:000$000 réis, nomeado pelo governador geral, nos termos do decreto de 31 de outubro de 1838, aindaque alguns têem sido ultimamente nomeados directamente pelo governo.

SECÇÃO XI

Administração de fazenda

Como nos outros districtos da provincia está a administração de fazenda em Lourenço Marques a cargo de uma delegação da junta de fazenda de Moçambique, composta do governador presidente, de um thesoureiro almoxarife, e de um escrivão; importando a sua despeza em 420$000 réis, vencimento dos dois funccionarios, e 20$000 réis de expediente.

Já em 1787 foi mandada estabelecer alfandega em Lourenço Marques, mas essa ordem deixou de ser cumprida pelo governador de Moçambique Antonio Manuel de Mello e Castro [1], e só veiu a ser creada em virtude do decreto de 17 de outubro de 1853.

Compõe-se o seu pessoal de:

1 Director, 1 escrivão verificador, 1 thesoureiro, 1 porteiro, 2 guardas, 1 patrão de escaler e remadores.

O que tudo figura na despeza do orçamento em 1:192$000 réis.

A pauta hoje em vigor, e que substituiu á de 18 de outubro de 1856, é a decretada para Moçambique em 12 de novembro de 1869.

N'ella é tratado com especial favor o districto de Lourenço Marques, a respeito do qual sempre desde 1779 foi reconhecida a necessidade de uma differença favoravel de direitos. Emquanto os demais portos do S. pagavam então 30 por cento, Lourenço Marques ficou sujeito apenas ao direito de 8 por cento, reduzido a 6 por cento em 1787, quando no governo de Antonio Manuel de Mello e Castro, em vir

[1] Bordalo, pag. 123 e seg.

SECTION X

Gouvernement et administration générale

Lourenço Marques constitue aujourd'hui un des districts de la province de Mozambique; comme les autres districts il est administré par un gouverneur spécial qui reçoit 1,000,000 *réis* de gratification, et dont la nomination émane du gouverneur général en vertu du décret du 31 octobre 1838; toutefois quelques-uns de ces gouverneurs de district ont été, dans ces derniers temps, nommés directement par le gouvernement de la métropole.

SECTION XI

Administration des finances

Comme dans les autres districts de la province, l'administration des finances à Lourenço Marques est entre les mains d'une délégation de la junte des finances de Mozambique, composée du gouverneur avec présidence, d'un surintendant-trésorier et d'un greffier. La dépense faite est de 420,000 *réis,* appointements des deux fonctionnaires et de 20,000 *réis* d'expédition.

Déjà en 1787 on avait ordonné l'établissement d'une douane à Lourenço Marques, mais le gouverneur de Mozambique, Antoine Emmanuel de Mello e Castro [1], négligea l'ordre donné et la douane ne fut créée qu'en vertu du décret du 17 octobre 1853.

Le personnel de cette administration est ainsi composé:

Un directeur, un secrétaire vérificateur, un trésorier, un portier, deux douaniers, un patron de barque et des rameurs.

La dépense totale de ce personnel se chiffre au budget par 1,192,000 *réis.*

Le tarif de douane aujourd'hui en vigueur et qui a remplacé celui du 18 octobre 1856, est le tarif décrété pour Mozambique le 12 novembre 1869.

Dans ce tarif le district de Lourenço Marques est spécialement favorisé, car depuis 1779 on reconnut la nécessité d'une différence profitable au district dans les droits de douane. Tandis que les autres ports du S. payaient 30 pour 100, Lourenço Marques ne fut astreint à payer que 8 pour 100, encore réduits à 6 en 1787 sous l'administration du gouverneur Antonio Manuel de Mello e Castro, en

[1] Bordalo, pag. 123 et suiv.

tude das ordens regias de 5 e 19 de abril de 1785, foi feita em todos os direitos a reducção de 25 por cento [1].

SECÇÃO XII

Administrações militar e de marinha

A força militar é formada actualmente de 120 praças do batalhão de caçadores n.º 3 de Inhambane, e dá os destacamentos para as ilhas de Benguelene ao N. e da Unhaca ao S. Este ultimo porém foi retirado para mostrar a boa fé portugueza, desde que a questão com a Inglaterra foi submettida á arbitragem [2].

O districto, quanto á administração de marinha, depende do capitão do porto de Moçambique, que tem attribuições de intendente. Ha para o serviço do porto um patrão mór, com o vencimento de 24$000 réis.

SECÇÃO XIII

Administração ecclesiastica e instrucção

Constitue o districto uma parochia da prelazia de Moçambique, da invocação de Nossa Senhora dos Remedios, outr'ora a cargo dos religiosos de S. Domingos, como a de Sofalla.

Despende a fazenda no serviço religioso 220$000 réis com o parocho, e 24$000 réis com um sacristão.

Pertencendo, pelo decreto de 1 de setembro de 1854, á provincia de Moçambique oito escolas de 1.ª classe, coube uma a Lourenço Marques, por portaria de 14 de novembro de 1857, executada em 1860, sendo o estabelecimento da escola approvado pela portaria do ministerio da marinha de 25 de abril de 1861 [3]; e já desde 1855 o governador Vasco Guedes de Carvalho e Menezes mandára crear n'este districto uma escola regimental [4]. O professor de instrucção primaria vence 200$000 réis.

1 Boletim official de Moçambique n.º 2 de 10 de janeiro de 1863.

2 Em 1795 a força era de 64 homens, com seis bôcas de fogo.

No primeiro quartel d'este seculo a guarnição era regularmente de 40 homens, diz Balbi, *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise.* París, 1822, pag. 116.

3 Bordalo, pag. 162.

4 Idem, pag. 160.

vertu des ordonnances royales du 5 et du 19 avril 1785, alors que fut faite une réduction de 25 pour 100 sur tous les droits de douane [1].

SECTION XII

Administration militaire et administration de la marine

La force militaire se compose actuellement de 120 hommes du 3e bataillon de chasseurs d'Inhambane, et fournit des détachements aux îles de Benguelene au N. et de l'Unhaca au S.; ce dernier détachement s'est néanmoins retiré en signe de la bonne foi du gouvernement portugais, à partir du moment où le différend avec l'Angletere a été soumis à un arbitrage [2].

Quant à l'administration de la marine, le district de Lourenço Marques dépend du capitaine du port de Mozambique qui a les attributions d'intendant. Pour le service du port il y a un *patron major,* aux appointements de 24,000 *réis.*

SECTION XIII

Administration ecclésiastique et instruction

Le district de Lourenço Marques forme une des paroisses de la prélature de Mozambique, sous l'invocation de Notre-Dame des Remèdes, autrefois, comme celle de Sofala, à la charge des religieux de Saint-Dominique.

Le service religieux coûte à l'État 220,000 *réis* pour le curé et 24,000 *réis* pour le sacristain.

Sur les huit écoles de 1ère classe qui appartiennent à la province de Mozambique par le décret du 1er septembre 1854, Lourenço Marques en possède une en vertu de l'ordonnance ministérielle du 14 novembre 1857, exécutée en 1860. Le 25 avril 1861 [3] l'établissement de l'école a été approuvé par ordonnance du ministère de la marine; déjà dès 1855, le gouverneur Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, avait fait créer dans le district une école régimentaire [4]. Le professeur d'instruction primaire reçoit 200,000 *réis.*

1 *Bulletin officiel de Mozambique,* nº 2, du 10 janvier 1863.

2 La garnison était de 64 soldats, avec six canons en 1795.

Dans le premier quart de ce siècle la garnison se composait régulièrement de 40 hommes. — Balbi, *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise.* Paris, 1822, pag. 116.

3 Bordalo, pag. 162.

4 Idem, pag. 160.

SECÇÃO XIV

Da colonia de S. Luiz

Tendo o regulo Makaxulle vendido em 1845 a João Albazini, vice-consul portuguez na republica do Transvaal, uma porção de terras a cinco dias de viagem para o interior de Lourenço Marques, ao N. do parallelo de 26° nas margens do rio Save, e estendendo-se em largura até ao Incomate, com o qual confinam, e a meio caminho entre a fronteira da republica e o nosso estabelecimento, fez o mesmo Albazini doação d'ellas ao governo portuguez em 8 de abril de 1868.

Este cidadão, auxiliado por alguns portuguezes residentes na republica no districto de Pretoria, e por algumas familias hollandezas, propoz ao governador de Moçambique o estabelecer n'essas terras uma colonia portugueza.

Auctorisou-a o governador em portarias de 25 e 28 de maio de 1869, com o nome de *Colonia de S. Luiz*, como tributo de homenagem a El-Rei de Portugal, nomeando João Albazini chefe interino da mesma colonia, com attribuições administrativas e judiciaes, e destinando para ella um destacamento de 50 praças [1].

A nova colonia, pela sua posição especial, ponto forçado de transito commercial dos Boers para Lourenço Marques, deve ter rapido desenvolvimento.

SECÇÃO XV

Communicações com a republica do Transvaal

Tres vias principaes de communicação existem actualmente entre o districto portuguez de Lourenço Marques e a republica do Transvaal.

Parte a primeira de Origstad, hoje quasi abandonada por causa da sua insalubridade, desde os profundos declives de *Kathlamba* ou *Drakenberg*, segue o *Save* ou *Sabia*, cruza o baixo *Incomati* e vem dar ao N. da villa de Lourenço Marques. Este caminho offerece uma extensão de 200 milhas; percorre-se em 10 ou 12 dias em carros de bois; mas é menos favoravel que os outros dois, porque tem que atravessar um maior espaço de terreno infectado pela mosca *tsétsé*.

Sáe a segunda do districto de *New-Scot-*

[1] Documentos n.os 10 a 12.

SECTION XIV

De la colonie de Saint-Louis

En 1845 le régule Makaxulle vendit à Jean Albazini, vice-consul portugais près la république du Transvaal, une portion de territoire placée à cinq jours de marche à l'intérieur de Lourenço Marques, au nord du parallèle du 26° sur les rives du Save. Ce territoire s'étend en largeur jusqu'à l'Incomate avec lequel il confine et se trouve à moitié chemin entre la frontière de la république et notre établissement. Le 8 avril 1868, Jean Albazini en fit don au gouvernement portugais.

Ce citoyen, aidé par quelques Portugais habitant le district de Pretoria dans la république du Transvaal et par quelques familles hollandaises, proposa au gouverneur de Mozambique l'établissement, sur ces terrains, d'une colonie portugaise.

Par ordonnances du 25 et du 28 mai 1869, le gouverneur autorisa cet établissement sous le titre de *Colonie de Saint-Louis*, en hommage au roi de Portugal, et nomma Jean Albazini chef provisoire de cette colonie, avec toutes attributions administratives et judiciaires; un détachement de 50 hommes fut destiné à cette colonie [1].

Ce nouvel établissement, se trouvant, par sa position spéciale, le point forcé des communications commerciales des Boers avec Lourenço Marques, doit prendre un rapide développement.

SECTION XV

Communications avec la république du Transvaal

Trois voies principales de communication existent actuellement entre le district portugais de Lourenço Marques et la république du Transvaal.

La première part d'Origstad, aujourd'hui presque abandonnée à cause de son insalubrité, descend les pentes de *Kathlamba* ou *Drakenberg*, suit le *Save* ou *Sabia*, croise le bas *Incomati* et vient aboutir au nord de la ville de Lourenço Marques. Ce chemin a une longueur de 200 milles; les chars à bœufs le parcourent en 10 ou 12 jours, toutefois il est moins facile que les deux autres attendu qu'il traverse un plus grand espace de terrain infesté par la mouche *tsétsé*.

La seconde de ces voies qui présente

[1] Documents nos 10 à 12.

land n'uma quebrada das serras de *Kathlamba;* deixa o rio *Anzete* (Umzuti), corta a E. cruzando os montes de *Lebombo* ou serras de *Musuate,* e segue o *Catembe* até ao mar, offerecendo um percurso de 100 milhas.

A terceira, não sendo a mais curta, é a mais facil. Segue o baixo *Anzete* ou *Maputo,* e por elle vem dar á bahia. Tanto n'este como no segundo caminho é muito diminuta a linha infestada pelo *tsétsé.*

Sobre estas vias actuaes de communicação é digno de attenção o relatorio escripto em 1870 pelo secretario da commissão diplomatica portugueza que esteve no Transvaal, Francisco da Costa Leal, relatorio publicado no *Boletim da provincia de Moçambique* [1].

Conclusões d'este capitulo:

1.ª Lourenço Marques é um dos districtos em que se divide a provincia de Moçambique, e estende-se n'uma extensão de 68 leguas de costa, em que se comprehende a bahia d'esse nome, desde o districto de Inhambane ao N., junto ao cabo das Correntes, até 26° 30′ de latitude S.

2.ª A villa e fortaleza de Lourenço Marques, com uma população portugueza de 2:670 almas, estão na margem N. do rio do Espirito Santo, em 25° 58′ de latitude S.

3.ª N'esse districto, importante pelo seu commercio interno e externo, está regularmente constituido o governo e administração geral, a administração de fazenda, a militar e maritima, a ecclesiastica, e a instrucção publica.

4.ª Estão sujeitos ao dominio e soberania portugueza, alem das populações indigenas ao N. e NE. da bahia (sobre que não ha questão), as do Tembe e Maputo ao S., objecto da pendencia.

5.ª Occupâmos militarmente, alem da fortaleza, a ilha de *Benguelene,* com artilheria e infanteria, ponto N. da bahia.

6.ª Desoccupámos a ilha da *Unhaca,* ponto S. da mesma bahia, e retirámos d'ella a força militar, para mostrar o respeito de Portugal pela arbitragem, desde que propozemos este meio de resolver a pendencia.

[1] N.os 47 e seg. de 1870, e n.os 19 e seg. de 1871.

un parcours de 100 milles, sort du district de *New-Scotland* par une gorge des montagnes de *Kathlamba,* quitte la rivière *Anzete* (Umzuti), prend à l'E. en croisant les monts de *Lebombo* ou *Musuate,* et suit le *Catembe* jusqu'à la mer.

La troisième est la plus facile quoique n'étant pas la plus courte. Elle suit le bas *Anzete* ou *Mapouto* et vient aboutir à la baie. Sur ce chemin, comme sur le précédent, le terrain infesté par la mouche *tsétsé* a fort peu d'étendue.

A l'égard de ces voies actuelles de communication, un rapport fort remarquable fut écrit en 1870 par Francisco da Costa Leal, secrétaire de la commission diplomatique portugaise envoyée dans le Transvaal, et publié dans le *Bulletin de la province de Mozambique* [1].

Conclusions de ce chapitre:

1° Lourenço Marques est un des districts qui composent la province de Mozambique, et s'étend sur une longueur de 68 lieues de côtes, comprenant la baie de ce nom, depuis le district d'Inhambane, au N., touchant au cap des Courants, jusqu'au 26° 30′ de latitude S.

2° La ville et le fort de Lourenço Marques, contenant une population portugaise de 2,670 âmes, se trouvent sur la rive N. du fleuve du Saint-Esprit, par 25° 58′ de latitude S.

3° Dans ce district, important par son commerce intérieur et extérieur, se trouvent régulièrement établis le gouvernement et l'administration générale, ainsi que les administrations des finances, de la guerre, de la marine, du culte et de l'instruction publique.

4° Sont soumises à la domination et à la souveraineté portugaises, outre les populations indigènes du N. et du NE. de la baie (à l'égard desquelles ne s'élève aucune contestation), celles de Tembe et de Mapouto au S. qui sont l'objet du conflit;

5° Nous avons occupé militairement, avec de l'artillerie et de l'infanterie, outre la forteresse, l'île de *Benguelene,* point N. de la baie.

6° Nous avons quitté l'île de l'*Unhaca,* point S. de la même baie, et nous en avons retiré nos forces militaires, afin de montrer le respect du Portugal pour l'arbitrage, depuis que nous avons proposé ce moyen de résoudre le différend.

[1] Nos 47 et suiv. de 1870, et nos 19 et suiv. de 1871.

CAPITULO VI

Desenvolvimento material e moral do districto

Escriptores inglezes interessados contra Portugal, ou individuos que por falta de elementos avançam, de boa fé, juizos temerarios, têem accusado a nação portugueza de não aproveitar os vastos recursos que offerece o districto de Lourenço Marques, insinuando que outros resultados daria nas mãos da Inglaterra [1].

Comquanto se não possa admittir a idéa de expropriação do territorio de qualquer nação com este fundamento, nem a questão pendente com a Inglaterra tenha de ser resolvida por motivos de interesse, cumpre não deixar sem resposta tão infundada arguição, e mostrar com os factos, que Portugal tem procurado fazer desenvolver o districto de Lourenço Marques, material e moralmente, facilitando as communicações, promovendo a industria e o commercio, e alimentando a instrucção civil e religiosa.

Quanto ás *communicações,* estabelecendo correio regular para a republica do Transvaal; mandando em 10 de março de 1855 abrir uma estrada entre Lourenço Marques e aquella republica para uso dos carros-wagons; e tratando em 1869 do estabelecimento de um *tram-way* abandonado depois, preferindo-se a abertura de um caminho de ferro, para que já ha propostas aos governos portuguez e do Transvaal, e é negocio pendente.

Quanto á industria, promovendo a da *pescaria* em grande, de que é prova o estabelecimento da companhia portugueza da pesca da baleia fundada em 1817, por iniciativa do governador de Moçambique, Cavalcante de Albuquerque, por João Pereira de Sousa Caldas (assassinado pouco depois pelos cafres por influencia *estrangeira* [2]), e para cujo serviço vieram utensilios do norte da America; animando em

[1] Veja-se o jornal *République française,* de 31 de janeiro de 1873.
[2] Bordalo, loc. cit., pag. 126.

CHAPITRE VI

Développement matériel et moral du district

Des écrivains anglais malveillants envers le Portugal ou des individus auxquels les renseignements suffisants faisaient défaut, n'ont pas craint de porter des jugements erronés, et ont accusé la nation portugaise de ne pas savoir mettre à profit les vastes ressources qu'offre le district de Lourenço Marques, donnant ainsi à entendre que, placée entre des mains anglaises, cette colonie présenterait des résultats tout autres [1].

Quoique l'on ne puisse admettre que pour de semblables motifs une nation puisse être expropriée d'une partie de son territoire, et malgré que le différend existant avec l'Angleterre ne doive pas être résolu par des motifs d'intérêt, il convient néanmoins de ne pas laisser sans réponse des accusations aussi peu fondées, et de montrer, à l'aide des faits, que le Portugal a mis tous ses efforts à aider au développement du district de Lourenço Marques, matériellement et moralement, en rendant faciles les communications, en encourageant l'industrie et le commerce, et en soutenant l'instruction civile et religieuse.

Pour rendre faciles et multiplier les *communications,* le Portugal a établi un service postal régulier jusqu'à la république du Transvaal; il a ordonné le 10 mars 1855 la construction, entre cette république et Lourenço Marques, d'une route à l'usage des chars-wagons; il a enfin traité en 1869 de l'établissement d'un *tram-way,* projet auquel on a préféré celui de l'établissement d'un chemin de fer à l'égard duquel des propositions sont déjà soumises au gouvernement portugais et à celui de la république du Transvaal, affaire qui est encore à décider.

Pour encourager l'industrie, le Portugal a créé celle de la *pêche* en grand, ce qui est prouvé par l'établissement de la compagnie portugaise de la pêche à la baleine, fondée en 1817 grâce à l'initiative du gouverneur de Mozambique, Cavalcante de Albuquerque, et à João Pereira de Sousa Caldas (assassiné peu après par les Cafres excités par une influence *étrangère* [2]), pêche pour laquelle on a fait

[1] Voir le journal *République française,* du 31 janvier, 1873.
[2] Bordalo, loc. cit., pag. 126.

grande escala a da caça do elephante, importante para o commercio de marfim, e que tem levado os portuguezes a estenderem as suas explorações para esse fim do lado do S. da bahia até ás terras do Panda, rei dos Zulus, como mostraremos na parte 4.ª; e finalmente patenteando no Museu colonial de Lisboa, ao estudo dos homens da sciencia e dos industriaes, os specimens das riquezas naturaes d'aquella importante região.

Quanto ao *commercio,* creando a companhia commercial com o exclusivo durante 24 annos de todo o trafico da bahia, por carta regia de 13 de novembro de 1824, companhia de que era director Vicente Thomás dos Santos, e a quem o alvará de 27 de outubro de 1825 concedeu mais privilegios. Aindaque o seu objecto principal fosse o commercio, foi a companhia creada tambem com o fim da cultura e da colonisação, obrigando-se a sustentar 25 casaes, que para ali devia o governo mandar cada anno no intuito colonisador [1].

Aberto em 1853 o commercio da bahia aos estrangeiros em resultado das idéas economicas, publicou-se a nova pauta, que ali tem attrahido o commercio, hoje explorado principalmente pelas casas francezas, que ali vivem na melhor harmonia com as auctoridades portuguezas, respeitando as nossas leis e regulamentos, e contribuindo poderosamente para o desenvolvimento material do districto.

Quanto á *instrucção,* creando duas escolas primarias, uma civil e outra militar, como já indicámos na secção 13.ª, e mantendo o serviço religioso da missão catholica de Lourenço Marques, dependente da prelazia ou perfeitura ecclesiastica de Moçambique.

E finalmente no interesse da *sciencia,* juntando ás explorações hydrographicas dos seculos anteriores a feita em toda a bahia no seculo XVIII, pela fragata de guerra portugueza do commando de Antonio José de Mello [2], e no seculo actual a dos rios que na bahia desaguam, feita pela canhoneira *Maria Anna* em 1871, e cujos resultados constam do interessan-

1 José Acursio das Neves, loc. cit., pag. 283 e seg.
2 Bordalo, loc. cit., pag. 277.

venir des engins du nord de l'Amérique; il a donné une forte impulsion à la chasse de l'éléphant, industrie très importante pour le commerce de l'ivoire et qui a conduit les Portugais à étendre leurs explorations du côté S. de la baie jusqu'aux domaines de Panda, roi des Zoulous, ainsi que nous le démontrerons dans la quatrième partie de ce mémoire; il a enfin livré à l'étude des hommes de la science et des industriels, dans le Musée colonial de Lisbonne, les échantillons des richesses naturelles de cette importante contrée.

Quant au *commerce,* par décret royal du 13 novembre 1824, le gouvernement a créé la compagnie commerciale à laquelle il a accordé pour 24 ans le privilège de tout le trafic de la baie, compagnie qui avait pour directeur Vicente Thomás dos Santos, et à laquelle il concéda de nouveaux privilèges par ordonnance ministérielle du 27 octobre 1825. Quoique l'objet principal de cette compagnie fût le commerce, elle était encore créée dans un but de culture et de colonisation, car elle s'obligeait à soutenir 25 familles que le gouvernement envoyait chaque année dans la colonie [1].

Le commerce de la baie ayant été ouvert aux étrangers en 1853, on publia un nouveau tarif de douane qui a attiré dans la colonie un grand nombre de négociants; des maisons françaises importantes s'y trouvent établies et sont dans les meilleurs rapports avec les autorités portugaises, car elles respectent nos lois et nos réglements et contribuent d'une manière puissante au développement matériel du district.

Quant à l'*instruction,* le gouvernement a créé dans le district deux écoles primaires, l'une civile, l'autre militaire, comme nous l'avons dit dans la section 13e, et il a maintenu le service religieux de la mission catholique de Lourenço Marques, dépendant de la prélature ou préfecture ecclésiastique de Mozambique.

Enfin, dans l'intérêt de la *science,* le gouvernement a joint aux explorations hydrographiques des siècles antérieurs, celle qui fut faite au XVIIIe siècle dans toute la baie par la frégate de guerre commandée par Antonio José de Mello [2], et celle qui, de nos jours, a été entreprise par la canonnière *Marie Anne* en 1871, sur tous les fleuves qui débouchent dans la

1 José Acursio das Neves, loc. cit., pag. 283 et suiv.
2 Bordalo, loc. cit., pag. 277.

te relatorio a que já alludimos, e que foi publicado no *Boletim da provincia de Moçambique*[1].

CAPITULO VII

Noticia das tribus cafres ao N. e S. da bahia de Lourenço Marques

Os indigenas que povoam o N. e S. da bahia pertencem á grande familia dos cafres, a qual constitue com a dos *Sauahili* as duas grandes divisões da principal raça da Africa austral e oriental[2]. A estes cafres démos o nome generico de *Landins* ou de *Vatuas* do N. e do S., conforme a posição que occupam.

Todas essas tribus podem pôr em armas mais de 80:000 homens, a maior parte dos quaes sabem manejar armas de fogo; mas as suas armas ordinarias são a zagaia e a rodela, de que se servem com muita destreza.

Estes cafres, alem do portuguez, que fallam mais ou menos correctamente, têem a sua lingua ou dialecto especial á bahia de Lourenço Marques e territorios d'ella dependentes.

É este dialecto do ramo de *Kafir Tsuana*, e differe dos de Moçambique e da bacia do Zambeze, que são dialectos *Makua*.

Sobre o de Lourenço Marques, que já em 1842 mereceu a attenção especial do dr. William Peters, professor de medicina, e membro da academia de Berlim, que então visitou esta região, são conhecidos os trabalhos de William White[3], Appleiards[4], e sobretudo de Bleek[5].

SECÇÃO I

Tribus do N. e NE. da bahia

Ao N. e NE. da bahia estão os territorios de *Manhiça* ou *Magaia, Injote, Mo*

[1] De 23 de março de 1872.

[2] W. D. Cooley, *Memoir on the civilisation of the tribes near Delagoa Bay;* Eugène de Froberville, *Mémoire sur les langues et les races de l'Afrique orientale,* nos *Nouvelles annales des voyages,* de fevereiro de 1847, pag. 216 e seguintes; H. C. von. der Gabelentz, *Ueber die Sprache der Suaheli,* no *Zeitschrift des Deutschen morgenländischen Gesellschaft* ou jornal da sociedade oriental da Allemanha, tom. I, 1847, pag. 238, etc.

[3] *Journal of a voyage from Madras to Columbo and Delagoa bay.* London, 1810, pag. 65 e seg.

[4] *Kafir Grammar,* pag. 57 e seg.

[5] *The languages of Mozambique. Vocabularies of the dialects of Lourenzo Marques, Inhambane,* etc. London, 1856.—Vide o appendice nº 2.

baie, et dont les résultats sont consignés dans l'intéressant rapport auquel nous avons fait allusion plus haut et qui a été publié dans le *Bulletin de la province de Mozambique*[1].

CHAPITRE VII

Notice sur les tribus cafres au N. et au S. de la baie de Lourenço Marques

Les indigènes qui peuplent le nord et le sud de la baie appartiennent à la grande famille des Cafres, laquelle forme, avec celle des *Saouahili*, les deux grandes divisions de la race principale qui habite l'Afrique australe et orientale[2]. Nous avons donné à ces Cafres le nom générique de *Landins* ou *Vatouás,* du nord ou du sud, suivant la région qu'ils occupent.

Toutes ces tribus peuvent réunir 80,000 hommes armés, dont la plupart savent faire usage des armes à feu, quoique celles dont ils se servent habituellement soient la zagaie et la rondache, qu'ils manient avec une grande dextérité.

Ces Cafres, outre la langue portugaise qu'ils parlent plus ou moins correctement, ont un langage ou dialecte particulier à la baie de Lourenço Marques et aux territoires qui en dépendent.

Ce dialecte dérive de celui du *Kafir Tsouana* et diffère de ceux de Mozambique et du bassin du Zambèze, qui sont des dialectes *Makoua.*

En 1842 le docteur William Peters, professeur de médecine et membre de l'académie de Berlin, ayant visité ces contrées, s'occupa du dialecte de Lourenço Marques, au sujet duquel on connaît les travaux de William White[3], d'Appleiards[4] et surtout de Bleek[5].

SECTION I

Tribus du N. et du NE. de la baie

Au N. et au NE. de la baie se trouvent les territoires de *Manhiça* ou *Ma-*

[1] Du 23 mars 1872.

[2] W. D. Cooley, *Memoir on the civilisation of the tribes near Delagoa bay;* Eugène de Froberville, *Mémoire sur les langues et les races de l'Afrique orientale, dans les Nouvelles annales des voyages,* de février 1847, pag. 216 et suiv.; H. C. von der Gabelentz, *Ueber die Sprache der Suaheli, dans le Zeitschrift des Deutschen morgenländischen Gesellschaft* ou journal de la société orientale d'Allemagne, tome 1, 1847, pag. 238, etc.

[3] *Journal of a voyage from Madras to Columbo and Delagoa bay.* London, 1810, pag. 65 et suiv.

[4] *Kafir Grammar,* pag. 57 et suiv.

[5] *The languages of Mozambique. Vocabularies of the dialects of Lourenzo Marques, Inhambane, etc.* London, 1856.—Voir l'appendice nº 2.

amba, Cherinda e os de *Mafumo* e *Matolla,* governados por seus regulos, e todos, com excepção dos dois ultimos, subordinados ao poderoso regulo *Muzilla,* chefe da raça ou tribu dos *Amatabelas,* nosso vassallo, que vive mais ao N. no sertão de Sofalla, na terra *Madanda* junto ao rio *Buzi.*

Nas terras de *Mafumo,* que se estendem á margem N. do rio do *Espirito Santo,* está situada a villa e fortaleza portugueza.

O actual e poderoso regulo *Muzilla* (Umzilla), tendo succedido a seu pae o celebre *Manicusse,* teve que sustentar renhida luta contra seu irmão o feroz *Maueva,* que lhe disputava o poder.

Recorrendo n'essa occasião ao governo portuguez e pedindo auxilio, foi-lhe concedido; e depois de uma campanha de mais de um anno, em que as nossas armas tiveram a vantagem, pozeram termo á luta as acções de 17 e 20 de agosto de 1862 nos campos da Moamba[1].

Em recompensa d'este valioso auxilio, e declarando-se novamente vassallo e tributario da corôa portugueza, cedeu-lhe *Muzilla,* em 2 de dezembro de 1861 as terras de Moamba, Cherinda, Manhiça e Injote, áquem do rio Incomati, as quaes ficaram pagando a Portugal o tributo e completamente desligadas da sujeição ao mesmo *Muzilla*[2].

Já o regulo da *Moamba* fizera em 5 de abril de 1805 doação á corôa portugueza das terras de *Mafumo, Mafumo Branco* e *Palane,* sendo governador de Lourenço Marques José Antonio Caldas[3].

SECÇÃO II

Tribus do S. e SO.

Ao S. e SO. estão os gentios de *Maputo* e do *Tembe,* da raça dos *Amazuasi.*

O territorio de Maputo abrange hoje todo o territorio entre o rio d'esse nome e as ilhas da Unhaca e dos Elephantes, e estende-se para o interior do lado do Panda, rei dos Zulus, com quem confronta.

[1] Proclamação de 20 de setembro de 1862, do governador de Lourenço Marques, e officio de 2 de outubro seguinte, ao governador geral de Moçambique.— Documentos n.os 13 e 14.

[2] Documento n.º 15.

[3] Documento n.º 16.

gaia, Injote, Moamba, Cherinda et ceux de *Mafoumo* et *Matolla,* gouvernés par leurs régules. Tous, excepté les deux derniers, sont soumis au puissant régule *Mouzilla,* chef de la race ou tribu des *Amatabelas,* notre vassal, qui habite plus au nord, dans les forêts de Sofala, sur le territoire *Madanda,* près de la rivière *Buzi.*

La ville et le fort portugais sont situés sur le territoire de *Mafoumo,* qui s'étend sur la rive nord du *Saint-Esprit.*

L'actuel et puissant régule *Mouzilla* (Umzilla) ayant succédé à son père, le célèbre Manicousse, dut soutenir une lutte acharnée contre son frère, le féroce *Maoueva,* qui lui disputait le pouvoir.

En cette occurrence il s'adressa au gouvernement portugais auquel il demanda un secours qui lui fut accordé. Après une campagne de plus d'une année, pendant laquelle nos armes furent victorieuses, la lutte se termina par les combats du 17 et 20 août 1862 dans les plaines de Moamba[1].

Pour prix de ce puissant secours, le 2 décembre 1861, *Mouzilla* céda à la couronne portugaise, dont il se déclara de nouveau vassal et tributaire, les territoires de Moamba, Cherinda, Manhiça et Injote, en-deçà de la rivière Incomati. Ces territoires payèrent dès lors un tribut au Portugal et se trouvèrent entièrement affranchis de la domination de *Mouzilla*[2].

Déjà le 5 avril 1805, le chef de *Moamba* avait fait don à la couronne portugaise des terres de *Mafoumo, Mafoumo Branco* et *Palane,* alors que José Antonio Caldas était gouverneur de Lourenço Marques[3].

SECTION II

Tribus du S. et du SO.

Au S. et au SO. se trouvent les tribus du *Mapouto* et du *Tembe,* de la race des *Amazouasi.*

Le Mapouto embrasse aujourd'hui tout le territoire situé entre le fleuve de ce nom et les îles de l'Unhaca et des Éléphants, il s'étend dans l'intérieur et touche aux terres du Panda, roi des Zoulous.

[1] Proclamation du 20 septembre 1862 du gouverneur de Lourenço Marques et lettre officielle du 2 octobre suivant au gouverneur général de Mozambique. — Documents nos 13 et 14.

[2] Document nº 15.

[3] Document nº 16.

Este territorio é regido por um regulo, que nos seculos XVI e XVII era designado pelo titulo de rei da *Unhaca,* e hoje pelo de regulo ou rei de *Maputo.*

O actual é *Missongue* ou *Nasinguile,* filho de *Tuma* e de *Molaty;* começou a governar em 1850, por morte de seu avô *Macassana* (que regeu o *Maputo* desde o principio d'este seculo) por ser já fallecido seu pae *Tuma.* Apesar de ser o mais novo dos netos, subiu ao poder por influencia de sua tia *Minguana.*

É o territorio de *Maputo* dividido em varios districtos com seus chefes; um d'esses districtos é constituido pela ilha da *Unhaca,* que é sempre governada por um parente ou parenta do regulo; o penultimo chefe da *Unhaca* foi a prima do Missongue, a que os portuguezes chamavam *Rainha da Unhaca,* e que era filha de *Minguana,* filha primogenita do velho *Macassana.* O regulo Missongue fez ha poucos annos assassinar, tanto esta prima, como sua tia *Minguana,* a pretexto de conspirarem contra elle, e substituiu-a por sua irmã *Gohica.*

O territorio de *Tembe* ou *Catembe* comprehende ao SO. toda a região que se estende á beira da bahia desde o rio *Maputo* até á margem S. do rio do *Espirito Santo,* e vae para o interior até entestar com o regulo do *Musuate,* que domina nos montes do *Lebombo.*

Este territorio, dividido igualmente em pequenos districtos, é governado por um regulo, a quem de remotos tempos démos o titulo de *Capella,* que elle junta ao seu nome proprio; assim o actual, que começou a governar em 1857, chama-se *Bacute* Capella, e o seu antecessor, que foi proclamado regulo em 1822, *Maietta* Capella.

Conclusões d'este capitulo:

1.º Os indigenas do N. e S. da bahia pertencem todos á grande familia dos cafres, e fallam, além do portuguez, um dialecto especial do ramo *Kafir Tsuana.*

2.º Ao S. e SO. estão os de *Maputo* e do *Tembe* ou *Catembe,* ao N. e NE. os de *Manhiça, Injote, Moamba* e *Cherinda,* e os de *Mafumo* e *Matolla.*

3.º Os de *Maputo* occupam o territorio entre o rio d'esse nome e as ilhas da

Ce territoire est gouverné par un régule qui, aux XVIe et XVIIe siècles, était désigné sous le titre de roi de l'*Unhaca* et qui, aujourd'hui, est connu sous celui de régule ou roi de *Mapouto.*

Le roi actuel est *Missongue* ou *Nasinguile,* fils de *Touma* et de *Molaty;* il commença à régner en 1850, à la mort de son grand-père *Macassana* (qui avait gouverné le *Mapouto* depuis le commencement de notre siècle), son père *Touma* étant mort avant cette époque.

Le *Mapouto* se divise en plusieurs districts ayant chacun son chef. Un de ces districts est formé de l'île de l'*Unhaca,* qui est toujours gouvernée par un parent ou une parente du régule. Le dernier chef de l'*Unhaca* fut la cousine de Missongue, à qui les Portugais donnaient le titre de *reine de l'Unhaca,* et qui était fille de *Mingouana,* fille ainée elle-même du vieux *Macassana.* Le régule Missongue fit assassiner il y a quelques années sa cousine et sa tante *Minguana,* sous prétexte qu'elles conspiraient contre lui et remplaça cette reine de l'Unhaca par sa sœur *Gohica.*

Le territoire de *Tembe* ou *Catembe* comprend au SO. toute la région qui s'étend au bord de la baie, depuis le fleuve *Mapouto* jusqu'à la rive S. du *Saint-Esprit;* il pénètre dans l'intérieur jusqu'aux frontières du régule du *Musuate* qui règne sur les montagnes du *Lebombo.*

Ce territoire, également divisé en petits districts, est gouverné par des régules à qui depuis de nombreuses années nous avons donné le titre de *Capella* qu'ils joingnent à leur propre nom. Ainsi, le régule actuel, dont le règne commença en 1857, se nomme *Bacute* Capella, et son prédécesseur qui fut proclamé régule en 1823, se nommait *Maietta* Capella.

Conclusions de ce chapitre:

1° Les indigènes du N. et du S. de la baie appartiennent tous à la grande famille des Cafres et parlent, outre le portugais, un dialecte particulier, qui est une branche du *Kafir Tsuana.*

2° Au S. et au SO. se trouvent les peuples de *Mapouto* et ceux du *Tembe* ou *Catembe,* au N. et au NE. ceux de *Manhiça, Injote, Moamba, Cherinda,* et ceux de *Mafoumo* et *Matolla.*

3° Les peuples de *Mapouto* occupent le territoire situé entre le fleuve de ce nom

Unhaca e dos Elephantes, que é dividido em districtos, e governado por um regulo conhecido pelo nome de regulo ou rei de Maputo, sendo o actual *Missongue* ou *Nasinguile*.

4.° Os de *Tembe* ou *Catembe* occupam o territorio entre o *Maputo* e a margem S. do rio do *Espirito Santo*, que é dividido tambem em districtos, e governado por um regulo, que toma o nome de *Capella*, sendo o actual *Bacute*.

5.° Os do N. e SO. são governados por differentes regulos, subordinados alguns ao poderoso *Muzilla*, vassallo de Portugal, que vive no sertão de Sofalla, e todos vassallos da corôa portugueza.

PARTE SEGUNDA

CAPITULO I

Historia do estabelecimento da soberania portugueza na bahia de Lourenço Marques

A historia do estabelecimento da soberania portugueza na bahia de Lourenço Marques póde dividir-se em tres epochas; a primeira, desde a exploração de Lourenço Marques em 1544 até principios do seculo XVII; a segunda, do começo do seculo XVII até ao meiado do seculo XVIII; a terceira, d'ahi até hoje.

SECÇÃO I

1.ª Epocha

(1544—1600)

N'esta primeira epocha, considerando-se os portuguezes, segundo as idéas e o direito publico d'esse tempo, senhores da bahia que haviam descoberto e começado a explorar depois em 1544, não julgaram necessario fazer *fortificação permanente*. Exerceram o seu dominio pelo *exclusivo da navegação e commercio* para aquelle ponto, e pela *occupação* e *posse* de toda a bahia por meio de *feitorias* ao S., ao N. e ao centro no rio do *Espirito Santo*.

O exclusivo do commercio exerciamo-lo mandando todos os annos da India ou de Moçambique uma nau para o resgate do marfim, cobre, etc., em que consistia o commercio da bahia, do que achámos noticia nos escriptores coevos [1].

[1] Documento n.° 17.

et les îles de l'Unhaca et des Éléphants; ce territoire est divisé en districts et gouverné par un régule connu autrefois sous le nom de roi de l'*Unhaca* et aujourd'hui sous celui de régule de Mapouto. Le roi actuel est *Missongue* ou *Nasinguile*.

4° Les peuples de *Tembe* ou *Catembe* occupent le territoire qui se trouve entre le *Mapouto* et la rive sud du *Saint-Esprit*, et qui est également divisé en districts et gouverné par un régule qui prend le titre de *Capella*. Le régule actuel est *Bacute*.

5° Les peuples du N. et du SO. sont gouvernés par différents régules soumis au puissant *Mouzilla*, qui lui-même est vassal du Portugal et vit dans les forêts de Sofala.

DEUXIÈME PARTIE

CHAPITRE I

Histoire de l'établissement de la souveraineté portugaise dans la baie de Lourenço Marques

L'histoire de l'établissement de la souveraineté portugaise dans la baie de Lourenço Marques peut se diviser en trois époques: la première s'étend depuis l'exploration de Lourenço Marques en 1544 jusqu'au commencement du XVIIe siècle; la seconde depuis le commencement du XVIIe siècle jusqu'au milieu du XVIIIe; la troisième depuis ce temps jusqu'à nos jours.

SECTION I

1e Époque

(1544—1600)

A cette première époque les Portugais se considérant, suivant les idées et le droit public du siècle, maîtres de la baie qu'ils avaient découverte et commencé d'explorer en 1544, ne jugèrent pas nécessaire d'y établir une *fortification permanente*. Ils affirmèrent leur souveraineté en exerçant le monopole de la *navigation* et du *commerce* sur ce point, et en *occupant* toute la baie au moyen de factoreries au S., au N. et au centre, sur le fleuve du *Saint-Esprit*.

Nous exercions le monopole du commerce en y envoyant chaque année, de l'Inde ou de Mozambique, un vaisseau pour l'échange de l'ivoire, du cuivre, etc., ce qui constituait le commerce de la baie, ainsi que l'assurent les écrivains de ce temps [1].

[1] Document n° 17.

Da nau de 1552 faz menção Alvaro Fernandes na já referida historia da perda do galeão S. João; da de 1554, que recolheu os naufragos da nau *S. Bento,* dá noticia Manuel de Mesquita Perestrello na relação tambem já mencionada d'esse naufragio; da de 1588, onde acharam abrigo os naufragos da nau *S. Thomé,* da de 1593, que levou os da nau *Santo Alberto,* e da de 1594, em que o dominicano Fr. João dos Santos seguiu de Quirimba para Sofalla, achâmos menção no curioso livro d'este religioso denominado *Ethiopia oriental,* e impresso em Evora em 1609[1].

Das feitorias portuguezas na bahia de Lourenço Marques no seculo XVI, inclusivamente na ilha de *Unhaca,* fazem menção Alvaro Fernandes em 1552, Manuel de Mesquita Perestrello em 1554, João Baptista Lavanha em 1597, e Diogo de Couto em 1611 nas relações já citadas dos naufragios do galeão *S. João,* e das naus *S. Bento, Santo Alberto* e *S. Thomé.*

Da ultima d'estas mostra-se que ao S. da bahia, 12 leguas pelo rio Maputo, estavam já estabelecidos alguns portuguezes em 1589.

SECÇÃO II

2.ª Epocha

(1600–1744)

Na segunda epocha, isto é, desde o começo do seculo XVII até ao meiado do seculo XVIII, continuámos o mesmo systema de occupação por meio de feitorias; mas já em 1635 o estabelecimento portuguez da bahia de Lourenço Marques era considerado de muita importancia, e fazia parte do grande districto de Sofalla, um dos tres em que se subdividia a circumscripção de Moçambique.

N'essa epocha era a nossa Africa oriental dividida em duas circumscripções; a de Mombaça, que se estendia do Cabo Delgado até Zanzibar e ilhas adjacentes; e a de Moçambique, que comprehendia os districtos de Sofalla, Moçambique e Zambezia ou rios de Cuama, como se vê

[1] Liv. 3, cap. IV, fol. 84 v., cap. XV, fol. 79 v., e cap. XVI, fol. 81 v.

Dans l'histoire du naufrage du galion *Saint-Jean,* Alvaro Fernandes fait mention du vaisseau envoyé à Lourenço Marques en 1552; Manuel de Mesquita Perestrello, dans son rapport déjà mentionné sur le naufrage du *Saint-Benoît,* parle du vaisseau qui y fut envoyé en 1554 et qui recueillit les naufragés. Dans le curieux livre du dominicain frère João dos Santos, intitulé *Ethiopia Oriental* et imprimé à Evora en 1609[1], il est fait mention du vaisseau sur lequel les naufragés du *Saint-Thomas* trouvèrent un refuge en 1588, de celui qui, en 1593, recueillit les naufragés du *Saint-Albert* et enfin de celui sur lequel João dos Santos lui-même fit route de Quirimba à Sofala, en 1594.

Quant aux factoreries portugaises dans la baie de Lourenço Marques et dans l'île de l'*Unhaca,* au XVIe siècle, il en est fait mention par Alvaro Fernandes en 1552, par Manuel de Mesquita Perestrello en 1554, par João Baptista Lavanha en 1597, et par Diogo de Couto en 1611, dans les rapports déjà cités sur les naufrages du galion *Saint-Jean* et des vaisseaux *Saint-Benoît, Saint-Albert* et *Saint-Thomas.*

Par le dernier de ces rapports, il est démontré que, déjà en 1589, quelques Portugais s'étaient établis au S. de la baie, à douze lieues de l'embouchure du Mapouto.

SECTION II

2e Époque

(1600–1744)

Pendant la seconde époque, c'est-à-dire du commencement du XVIe siècle jusque vers le milieu du XVIIIe, nous suivîmes le même système d'occupation au moyen de factoreries; mais déjà en 1635 l'établissement portugais de la baie de Lourenço Marques était regardé comme ayant une grande importance et faisait partie du vaste district de Sofala, l'un des trois qui formaient la circonscription de Mozambique.

A cette époque, nos possessions de l'Afrique orientale étaient divisées en deux circonscriptions; celle de Mombaça, qui s'étendait du Cap Delgado à Zanzibar et aux îles adjacentes, et celle de Mozambique, qui comprenait les districts de Sofala, de Mozambique et du Zambèze ou

[1] Liv. 3, chap. IV, fol. 84 v., chap. XV, fol. 79 v., et chap. XVI, fol. 81 v.

do *Breve tratado,* ainda inedito, escripto em 1635 por Pedro Barreto de Rezende, secretario do vice-rei da India, conde de Linhares, de que existe um magnifico exemplar na bibliotheca nacional de Paris.

Sobre a importancia de Lourenço Marques, e de accordo com Barreto de Rezende, escreve um distincto official da marinha franceza, que seriamente estudou a historia da Africa oriental, o seguinte: «*Le capitaine de Sofala avait le monopole du commerce sur toute la côte comprise entre ce point et le cap de Bonne-Espérance, où il existait deux comptoirs assez importants, l'un, par 26° de latitude S., dans la baie de Lagoa ou de Lourenço Marques, nom du premier Portugais qui, pour la traite de l'ivoire, alla y établir des relations régulières avec les Cafres; l'autre celui de Inhambane* [1]».

E não podia deixar de ter esta importancia o nosso estabelecimento, contando em 1647 uma população já de trezentas pessoas, como se vê do que tres annos depois escrevia Bento Teixeira Feyo na *Relação do naufragio das naus Sacramento e Nossa Senhora da Atalaia,* impressa em Lisboa em 1650 [2], e que mais de uma vez temos citado.

As nossas feitorias no seculo XVII eram cinco [3], sendo uma ao S. na ilha da *Unhaca* [4], outra na ilha *Chefina* [4], outra ao N. no territorio de *Manhiça* [5], e as outras no rio do *Espirito Santo* dos dois lados. É o que resulta do testemunho insuspeito de escriptores coevos, como Diogo do Couto em 1611, Francisco Vaz de Almada em 1625, e Bento Teixeira Feyo em 1650.

Já n'esta epocha havia tambem capella

[1] Guillain, *Documents sur l'histoire, la géographie et le commerce de l' Afrique orientale.* Paris, 1856, pag. 453.

[2] Pag. 85.

[3] Bento Teixeira Feyo, *Relação do naufragio que fizeram as naus Sacramento e Nossa Senhora da Atalaya, indo da India para o reino, no Cabo da Boa Esperança, de que era capitão mór Luiz de Miranda Henriques em 1647.* Lisboa, 1650, pag. 84.

[4] Ibidem, pag. 80.

[5] Francisco Vaz de Almada, *Tratado do successo que teve a nau S. João Baptista, e jornada que fez a gente que d'ella escapou desde 33° no Cabo da Boa Esperança, onde fez naufragio, até Sofalla,* etc. Lisboa, 1625, pag. 73; e Diogo do Couto, *Relação do naufragio da nau S. Thomé.* Lisboa, 1611.

rivières de Cuama; ces faits se trouvent consignés dans le *Breve tratado,* ouvrage encore inédit, écrit en 1635 par Pedro Barreto de Rezende, secrétaire du comte de Linhares, vice-roi de l'Inde, et dont un exemplaire existe à la bibliothèque nationale de Paris.

Partageant l'opinion de Barreto de Rezende, sur l'importance de Lourenço Marques, un officier distingué de la marine française qui a sérieusement étudié l'histoire de l'Afrique orientale, écrit les lignes suivantes: «*Le capitaine de Sofala avait le monopole du commerce sur toute la côte comprise entre ce point et le cap de Bonne-Espérance, où il existait deux comptoirs assez importants, l'un par 26° de latitude S., dans la baie de Lagoa ou de Lourenço Marques, nom du premier Portugais qui, pour la traite de l'ivoire, alla y établir des relations régulières avec les Cafres; l'autre celui de Inhambane* [1]».

Et notre établissement ne pouvait pas ne pas avoir cette importance, puisque déjà en 1647 il comptait une population de trois cents âmes, comme cela est prouvé par ce qu'écrivait, trois ans plus tard, Bento Teixeira Feyo dans la *Relation du naufrage des vaisseaux Sacrement et Notre Dame de Atalaya,* imprimée à Lisbonne en 1650, et que nous avons déjà citée plusieurs fois [2].

Au XVIIe siècle, nos factoreries étaient au nombre de cinq [3]: une au S. dans l'île de l'*Unhaca* [4], une autre dans l'île *Chefine* [4], une troisième au N. sur le territoire de *Manhiça* [5], et les dernières sur les deux rives du *Saint-Esprit.* Ceci est prouvé par le témoignage indubitable d'écrivains de l'époque, tels que Diogo do Couto en 1611, Francisco Vaz de Almada en 1625 et Bento Teixeira Feyo en 1650.

A cette époque, comme l'assure ce der-

[1] Guillain, *Documents sur l'histoire, la géographie et le commerce de l'Afrique orientale.* Paris, 1856, pag. 453.

[2] Pag. 85.

[3] Bento Teixeira Feyo, *Relação do naufragio que fizeram as naus Sacramento e Nossa Senhora da Atalaya, indo da India pard o reino, no Cabo da Boa Esperança, de que era capitão mór Luiz de Miranda Henriques em 1647.* Lisbonne, 1650, pag. 84.

[4] Ibidem, pag. 80.

[5] Francisco Vaz de Almada, *Tratado do successo que teve a nau S. João Baptista e jornada que fez a gente que d'ella escapou desde 33° no cabo da Boa Esperança, onde fez naufragio, até Sofalla, etc.* Lisbonne, 1625, pag. 73; et Diogo do Couto, *Relação do naufragio da nau S. Thomé.* Lisbonne, 1611.

com seu capellão, como testemunha este, ultimo escriptor [1].

No ultimo quartel do seculo XVII deu-se porém um facto que, repetindo-se no começo do seculo XVIII, nos fez mudar o systema de occupação.

Os hollandezes estabelecidos no cabo da Boa Esperança começaram a lançar vistas sobre a bahia de Lourenço Marques.

Mandaram em 19 de outubro de 1688 a galeota *Noord* com instrucções apparentes de sondar a bahia e levantar a sua carta, mas com o intuito real de se apoderarem d'ella, comprando o governador portuguez, que então era João Jacques.

O tenente coronel do exercito inglez Southerland, referindo este facto, diz que era muito para estranhar estando os hollandezes em paz com Portugal, e sendo aquella bahia possuida pelos portuguezes, havia dois seculos: *in the possession of the Portuguese for the last two hundred years* [2].

Frustrado então o plano mudaram os hollandezes de systema; e abusando da faculdade de commerciar nos nossos dominios que lhes concedia o artigo 4.° do tratado de paz entre Portugal e as Provincias Unidas de 6 de agosto de 1661 [3], tentaram fundar uma simples e pequena feitoria commercial na bahia proximo do nosso estabelecimento, com permissão do governador portuguez, que, segundo o direito e as idéas da epocha, lh'o não devia consentir, tendo Portugal o exclusivo do commercio n'aquelle ponto sujeito á sua soberania.

Mandaram para esse fim em 1721 duas urcas dirigidas por Guilherme van Taak, que fundearam na bahia a 3 de abril; a pequena feitoria a cargo de Koning, enfraquecida pela doença foi arrasada pelos cafres e abandonada. Renovaram a tentativa ainda posteriormente, mas foi abandonada tambem em 1734 ou 1735 [4].

Sabedor d'estes factos e da tolerancia

[1] Loc. cit., pag. 83.

[2] *Memoir respecting the Kaffers Hottentots and Bosjemans of South Africa.* Cape Town, tom. I, pag. 52 e seg. e 312 e seg.

[3] Documento n.° 18.

[4] Doc. n.° 19. José Accursio das Neves, *Considerações politicas e commerciaes sobre os descobrimentos e possessões dos portuguezes.* Lisboa, 1830, pag. 260; Bordalo, loc. cit., pag. 22 e 277, Lyons M.ᶜ Leod, *Travels in eastern Africa.* London, 1860, pag. 1857; Henry Hall, *Manual of South Africa geography.* Cape Town, 1859, pag. 179, etc.

nier, il y avait déjà dans la colonie une chapelle et un aumônier pour la desservir [1].

Dans les dernières années du XVIIᵉ siècle pourtant, un fait eut lieu qui, s'étant reproduit au commencement du XVIIIᵉ siècle, nous obligea de changer notre système d'occupation.

Les Hollandais établis au cap de Bonne-Espérance commencèrent à jeter des regards de convoitise sur la baie de Lourenço Marques.

Le 19 octobre 1688 ils y envoyèrent la galiote *Noord,* sous le prétexte de faire des sondages dans la baie et d'en dresser la carte, mais en réalité dans le but de s'en emparer, en achetant le gouverneur portugais, João Jacques.

Le lieutenant-colonel de l'armée anglaise Southerland raconte ce fait et ajoute qu'une semblable tentative était d'autant plus étrange que la Hollande vivait en paix avec le Portugal et que cette baie était la propriété des Portugais depuis deux siècles: *in the possession of the Portuguese for the last two hundred years* [2].

Cette tentative ayant échoué, les Hollandais changèrent de système et, abusant de la faculté de faire le commerce dans nos colonies, faculté qui leur était concédée par l'article 4ᵉ du traité de paix du 6 août 1661 [3] entre le Portugal et les Provinces Unies, ils tentèrent de fonder une petite factorerie commerciale dans la baie, près de notre établissement, avec la permission du gouverneur portugais qui, selon le droit et les idées de l'époque, n'aurait pas dû la leur accorder puisque le Portugal s'était réservé le monopole du commerce sur ce point soumis à sa domination.

Dans ce but, ils armèrent en 1721 deux ourques commandées par Guillaume van Taak, qui jetèrent l'ancre dans la baie, le 3 avril. La petite factorerie fondée par eux et gouvernée par Koning, dévastée par la maladie, fut peu de temps après détruite par les Cafres. Plus tard ils renouvelèrent encore leur tentative, mais elle fut abandonnée en 1734 ou 1735 [4].

Instruit de ces faits et de la tolérance de

[1] Loc. cit., pag. 83.

[2] *Memoir respecting the Kaffers Hottentots and Bosjemans of South Africa.* Cape Town, tom. I, pag. 52 et suiv. et 312 et suiv.

[3] Document nº 18.

[4] Doc. nº 19. José Accursio das Neves, *Considerações politicas e commerciaes sobre os descobrimentos e possessões dos portuguezes.* Lisbonne, 1830, pag. 260; Bordalo, loc. cit., pag. 22 et 277; Lyons M.ᶜ Leod, *Travels in eastern Africa.* Londres, 1860, pag. 1857; Henry Hall, *Manual of South Africa geography.* Cape Town, 1859, pag. 179, etc.

dos seus delegados para com os hollandezes, deu o governo portuguez instrucções terminantes ao marquez de Louriçal, que partiu para a India como vice-rei em 17 de maio de 1740, para não tolerar na bahia estabelecimento algum estrangeiro, e iguaes instrucções deu ao então vice-rei marquez de Castello Novo em 25 de março de 1744 [1].

Deliberou ao mesmo tempo fortificar em devida fórma a bahia, e alem das feitorias permanentes, ordenou a fortificação regular.

SECÇÃO III

3.ª Epocha

(1744-1782)

N'esta terceira epocha a nossa occupação, manifestada nas feitorias e na povoação no rio do Espirito Santo, é defendida com as fortificações na margem direita d'esse rio no territorio do *Tembe* ou *Catembe,* na ilha da Unhaca na ponta S. da bahia e na ilha *Chefina* [2].

Da nossa fortificação na bahia de Lourenço Marques, no seculo XVIII, tanto na villa de Lourenço Marques, na margem sul do rio do *Espirito Santo (English river),* como na ilha da *Unhaca,* achâmos imparcial menção nos proprios escriptores estrangeiros.

Em 1744 le Rouge, engenheiro e geographo do rei de França, na *Mappe-monde nouvelle,* dedicada a monseigneur le comte de Maurepas, e publicada n'esse anno em Paris, põe junto á bahia a seguinte indicação—*F.* (fort) *portugais.*

Emmanuel Bowen, engenheiro do rei d'Inglaterra, faz com respeito á bahia a mesma indicação *(Portuguese F.)* no seu *Complete Atlas of distinct views of the known world,* publicado em Londres em 1752 [3].

Jacob Frankens, na relação que em 1759 escreveu da sua viagem a Lourenço Marques, faz igualmente menção da fortaleza portugueza.

O barão de Puffendorf na *Introduction à l'histoire moderne, générale et politique de l'univers,* da edição de M. De Grâce (Paris, 1759), faz tambem expressa menção do nosso forte na Unhaca: « *Vers l'em-*

[1] Documento n.º 20.

[2] Da fortificação na *Chefina* existiam vestigios em 1763.—Documento n.º 21.

[3] Carta n.º 47.

ses délégués envers les Hollandais, le gouvernement portugais donna des ordres positifs au marquis de Louriçal qui partit pour les Indes le 7 mai 1740 en qualité de vice-roi, lui enjoignant de ne souffrir dans la baie aucun établissement étranger; de semblables instructions furent encore données à son successeur, le marquis de Castello Novo, le 25 mars 1744 [1].

En même temps, le gouvernement décida que la baie serait convenablement fortifiée, et il ordonna, outre la construction de factoreries permanentes, le commencement de travaux réguliers de fortification.

SECTION III

3e Époque

(1744-1782)

Pendant cette troisième époque, notre occupation, affirmée par les factoreries et le village sur le fleuve du Saint-Esprit, est garantie par des fortifications établies sur la rive droite de ce fleuve, sur le territoire du *Tembe* ou *Catembe,* dans l'île de l'Unhaca, à la pointe S. de la baie et dans l'île *Chefine* [2].

Dans les ouvrages de quelques écrivains, même étrangers, nous trouvons une mention impartiale de nos fortifications de la baie de Lourenço Marques, au XVIIIe siècle, tant dans la ville même de Lourenço Marques, sur la rive S. du fleuve du *Saint-Esprit (English river),* que dans l'île de l'*Unhaca.*

En 1744, Le Rouge, ingénieur et géographe du roi de France, sur la *Mappemonde nouvelle,* dédiée à monseigneur le comte de Maurepas et publiée à Paris dans la même année, place auprès de la baie la suivante indication—*F.* (fort) *portugais.*

Emmanuel Bowen, ingénieur du roi d'Angleterre, faisait à l'égard de la baie la même indication *(Portuguese F.)* dans son *Complete Atlas of distinct views of the known world,* publié à Londres en 1752. [3]

Jacob Frankens, dans la narration qu'il écrivit en 1759 de son voyage à Lourenço Marques, fait pareillement mention de la forteresse portugaise.

Le baron de Puffendorf, dans son *Introduction à l'histoire moderne, générale et politique de l'univers,* édition de M. de Grâce (Paris, 1759), fait aussi mention de notre fort de l'Unhaca: « *Vers l'embouchure*

[1] Document nº 20.

[2] On voyait encore en 1763 les traces de la fortification à l'île *Chefine.*—Document nº 21.

[3] Lettre nº 47.

bouchure de la rivière de Maniça, on trouve le royaume d'Inhambane. Les Portugais ont au midi un fort qu'on appelle INHAQUE [1]».

Berenger indica-o igualmente em 1782 na sua continuação da geographia de Busching: «*Vers le sud les Portugais possèdent le fort d'Inhaque* [2]».

E finalmente Saint-Janvier no seu *Atlas universel,* publicado em Veneza em 1784 (parte 2.ª, pl. 39), reconhece o mesmo facto: «*Baie de Laurent Marques ou du Saint-Esprit où est le fort* INHAQUE *aux Portugais*».

A fortaleza ou rio do *Espirito Santo,* na margem sul, foi ampliada em 1755 por ordem expedida em 1752 ao governador geral de Moçambique Francisco de Mello e Castro; mas julgando mais conveniente o nosso estabelecimento na margem norte, para ali o mudámos em 1781 em terras do regulo Matolla, onde construimos a nova fortaleza e povoação, despendendo com isto até 1790 réis 160:000$000 [3], e ahi temos continuado até hoje, explorando o commercio, e occupando, alem do rio do Espirito Santo, com força militar, a ponta norte da bahia na ilha de Benguelene á entrada do *Manhiça*, e a ilha da *Unhaca* ao sul, mandando porém, para mostrar a boa fé portugueza, retirar d'esta ultima a força militar que a occupava, desde que a questão foi sujeita á arbitragem, esperando a decisão justiceira do arbitro [4].

Das ruinas da nossa primitiva fortificação na margem sul do rio do Espirito Santo faz menção no principio d'este seculo James Horsbourg [5]: «*Vis-à-vis de cette pointe* (diz elle) *on voit, sur la rive opposée, les ruines d'un fort portugais*».

A existencia da fortaleza portugueza no seculo XVIII, na margem sul do rio do Espirito Santo, é tambem *confessada* em 1823 pelo proprio capitão Owen em carta ao governador de Lourenço Marques, e em 1862 pelo ministro inglez em Lisboa sir Arthur C. Magenis em nota de 18 de março [6];

1 Tom. VIII, pag. 226.
2 *Suite de la géographie de Busching,* tom. X. Lausanne, 1782, pag. 90.
3 Jeronymo José Nogueira de Andrade, *Descripção da capitania de Moçambique em 1790,* Ms. da bibliotheca nacional de Lisboa, B $\frac{15}{2}$.
4 Documento n.º 22.
5 *Instructions nautiques,* loc. cit., pag. 367.
6 Documentos n.os 41 e 70.

de la rivière de Maniça on trouve le royaume d'Inhambane. Les Portugais ont au midi un fort qu'on appelle INHAQUE [1]».

Berenger l'indique également, en 1732, dans sa suite de la géographie de Busching: «*Vers le sud les Portugais possèdent le fort d'Inhaque* [2]».

Enfin Saint-Janvier, dans son *Atlas universel,* publié à Venise en 1784 (2e partie, pl. 39) reconnaît le même fait: «*Baie de Laurent Marques ou du Saint-Esprit, où est le fort* INHAQUE *aux Portugais*».

Le fort, situé sur la rive sud du *Saint-Esprit,* fut agrandi en 1755, d'après un ordre envoyé en 1752 au gouverneur général de Mozambique, Francisco de Mello e Castro. Toutefois, jugeant plus convenable notre établissement sur la rive nord, nous nous y transportâmes en 1781, et nous construisîmes, sur les terres du régule Matolla, la ville et le nouveau fort, dont la dépense, jusqu'en 1790, monta à 160,000,000 réis (888,000 fr.) [3].

C'est là que nous sommes restés jusqu'à ce jour, faisant le commerce et occupant avec nos forces militaires, outre le fleuve du Saint-Esprit, la pointe nord de la baie, dans l'île de Benguelene, à l'entrée de *Manhiça,* et l'île de l'*Unhaca,* au sud. Néanmoins, en attendant la juste décision qui doit mettre fin à ce différend, et dans le but de rendre bien évidente la bonne foi portugaise, nous avons évacué ce dernier point depuis que cette affaire a été soumise à l'arbitrage [4].

Dans les premières années de notre siècle, James Horsbourg [5] fait mention des restes de notre première fortification sur la rive sud du fleuve du Saint-Esprit: «*Vis-à vis de cette pointe,* dit-il, *on voit, sur la rive opposée, les ruines d'un fort portugais*».

L'existence, au XVIIIe siècle, du fort portugais sur la rive sud de ce fleuve est également *reconnue* em 1823 par le capitaine Owen lui-même dans une lettre au gouverneur de Lourenço Marques, et en 1862 par le ministre anglais à Lisbonne, sir Arthur C. Magenis, dans une note [6]

1 Tome VIII, pag. 226.
2 *Suite de la géographie de Busching,* tom. X. Lausanne, 1782, pag. 90.
3 Jeronymo José Nogueira de Andrade, *Descripção da capitania de Moçambique em 1790,* Ms. de la bibliothèque nationale de Lisbonne, B. $\frac{15}{2}$.
4 Document nº 22.
5 *Instructions nautiques,* loc. cit., p. 367.
6 Documents nos 41 et 70.

e comquanto pretenda, para destruir o mau effeito d'esta *confissão,* attenua-la, dizendo que pagava por isso Portugal um presente annual, *como fôro,* ao rei do Tembe, que era o Capella, não prova nem provará nunca a sua asserção, que é inteiramente inexacta, e confunde cousas essencialmente differentes, porque o presente ou saguate fazem os portuguezes nas colonias aos regulos seus vassallos quando estes vem annualmente pagar o tributo.

Conclusões d'este capitulo:

1.° A historia do estabelecimento portuguez na bahia de Lourenço Marques divide-se em tres epochas: a primeira de 1544 a 1600; a segunda d'ahi a 1744; a terceira de então até hoje.

2.° Nas duas primeiras exerciamos o dominio pelo exclusivo da navegação, e pela occupação da bahia por meio de feitorias ao sul, ao norte e ao centro no rio do Espirito Santo, e até em um pequeno estabelecimento doze leguas acima da foz do rio *Maputo* em 1589.

3.° Na segunda epocha era Lourenço Marques já um importante districto dependente de Sofalla. Tinha uma população em 1647 de trezentas pessoas livres, com seu capellão, e seis feitorias, na *Unhaca,* na ilha *Chefina,* no territorio do Manhiça ao norte, e no rio do *Espirito Santo.*

4.° As tentativas, aliás infructiferas, dos hollandezes no fim do seculo XVII e principio do seculo seguinte, para se estabelecerem na bahia, levaram-nos na primeira metade do seculo XVIII a defender a occupação por meio de fortificações.

5.° Essas fortificações eram ao sul na *Unhaca,* como é reconhecido pelo testemunho dos proprios estrangeiros, ao norte no *Manhiça,* na ilha de *Benguelene,* e na *Chefina,* e ao centro no rio do *Espirito Santo (English river).*

6.° A fortificação n'este ultimo rio foi a principio na margem esquerda, no territorio do *Tembe,* e d'ella restam ainda vestigios, como confessam os proprios inglezes; mas foi depois transferida para a margem norte, onde hoje existe.

7.° Occupavamos assim o rio do *Espirito Santo,* e as pontas norte e sul da bahia, mas desoccupámos a ponta sul (a da *Unha-*

en date du 18 mars; et, quoiqu'il prétende atténuer la valeur de cet *aveu* en disant que le Portugal payait pour ce droit un tribut annuel comme cens *(fôro)* au roi de Tembe, qui se nommait le Capella, il ne prouve et ne pourra jamais prouver son assertion qui est en tous ses points inexacte; ce ministre confond des choses essentiellement différentes, car les Portugais sont dans l'usage de faire des présents à ces rois, leurs vassaux, quand ceux-ci viennent payer leur tribut annuel.

Conclusions de ce chapitre:

1° L'histoire de l'établissement portugais dans la baie de Lourenço Marques se divise en trois époques: la première de 1544 à 1600; la seconde de 1600 à 1744, et la dernière de 1744 jusqu'à nos jours.

2° Pendant les deux premières époques nous exercions notre souveraineté au moyen du monopole de la navigation et de l'occupation de la baie par des factoreries situées au sud, au nord et au centre du Saint-Esprit et aussi par un petit établissement placé douze lieues au dessus de l'embouchure du fleuve *Mapouto* en 1589.

3° Pendant la seconde époque, Lourenço Marques était déjà un district important, dépendant de Sofala. Il possédait en 1647 une population de trois cents personnes libres, un chapelain et six factoreries établies dans l'*Unhaca,* dans l'île *Chefine,* sur le territoire du Manhiça au nord, et sur le fleuve du *Saint-Esprit.*

4° Les tentatives d'ailleurs infructueuses des Hollandais pour s'établir dans la baie vers la fin du XVIIe siècle et le commencement du siècle suivant nous conduisirent, dans la première moitié du XVIIIe siècle, à défendre nos droits de premiers occupants au moyen de fortifications.

5° Ces fortifications, ainsi que le démontre le témoignage des étrangers eux-mêmes, se trouvaient placées au sud de l'*Unhaca,* au nord dans le *Manhiça,* dans l'île de *Benguelene* et dans la *Chefine,* et au centre sur le fleuve du *Saint-Esprit (English river).*

6° Le fort se trouvait primitivement sur la rive gauche de ce dernier fleuve, sur le territoire du *Tembe;* il en reste, de l'aveu des Anglais eux-mêmes, quelques ruines; plus tard il fut transporté sur la rive nord, où on le voit encore aujourd'hui.

7° Nous occupions ainsi le fleuve du *Saint-Esprit* et les pointes nord et sud de la baie, mais nous avons quitté la pointe

ca) desde que a questão foi submettida á arbitragem, para mostrar a nossa boa fé, o nosso respeito ao arbitro, e a confiança no nosso direito.

CAPITULO II

Systema portuguez de exercer a soberania

O systema de exercer a soberania seguido pelos portuguezes na Africa e em outros pontos não póde ser melhor descripto do que o fez o embaixador de Portugal em Londres, João Pereira Dantas, na exposição dirigida á rainha Izabel de Inglaterra, em 22 de maio de 1562, e que existe manuscripta no Museu britannico [1].

Póde elle resumir-se nos seguintes pontos:

1.° Que a corôa portugueza, segundo o direito publico d'aquella epocha, adquiríra aquelles territorios pelo facto do seu *descobrimento* pelos portuguezes, *á custa de muitos cabedaes, e com perda de muitas vidas, e com proveito immenso* para as nações da Europa.

2.° Que sendo o fim dos soberanos portuguezes, não só o commercio, mas tambem a civilisação dos indigenas pela propagação da fé, mandavam receber a amisade e vassallagem dos regulos, submettendo uns a um pequeno tributo em mero signal de vassallagem, isentando outros d'esse tributo, e concedendo até pensões a alguns, conforme os serviços que prestavam á corôa portugueza, sendo por isso grave erro suppor, que ella só tinha dominio onde lhe pagavam tributo.

3.° Que a corôa portugueza nunca privou os indigenas da propriedade do territorio, antes lh'a reconheceu e deixou livre, e por isso acceitava d'elles doações ou cessões, e lhes fazia compra de terrenos, como o governo de uma nação póde acceita-las de qualquer subdito.

4.° Que quanto ao modo de gosar da posse dos seus dominios seguia Portugal dois systemas; nas terras em que a fidelidade dos povos era incerta pelo receio

[1] *Bibliotheca Cottoniana*, Nero-B-1, fol. 99.

sud (celle de l'*Unhaca)*, depuis que le différend a été soumis à l'arbitrage, et afin de prouver notre bonne foi, notre respect pour l'arbitre et la confiance que nous avons dans notre droit.

CHAPITRE II

Système de domination suivi par les Portugais

Le système de domination suivi par les Portugais dans l'Afrique et sur d'autres points ne peut être mieux décrit qu'il l'a été par l'ambassadeur de Portugal à Londres, João Pereira Dantas, dans l'exposé adressé à la Reine d'Angleterre, Elisabeth, le 22 mai 1562 et qui se trouve en manuscrit au Musée Britannique [1].

Il peut se résumer de la manière suivante:

1° La couronne portugaise, d'après le droit public de cette époque, avait acquis la possession de ces territoires par le fait de *leur découverte* par les Portugais, *et cela au moyen de grandes dépenses d'argent, au prix de l'existence de nombreux citoyens et avec un immense profit* pour les nations de l'Europe.

2° Le but des souverains portugais étant, non seulement le commerce mais aussi la civilisation des indigènes au moyen de la propagation de la foi, ils faisaient rechercher l'amitié et le vasselage des régules, soumettant les uns à un léger tribut en signe de sujétion, exemptant les autres de ce tribut et accordant même à quelques-uns d'entre eux des pensions, suivant les services qu'ils prêtaient à la couronne portugaise; c'est donc une grave erreur que de supposer que le Portugal n'avait de souveraineté que là où on lui payait un tribut.

3° La couronne portugaise ne voulut jamais priver les indigènes de la propriété de leur territoire; elle reconnut même leurs droits de propriété et les laissa libres; c'est pourquoi elle acceptait des donations ou cessions et leur achetait même des terrains, agissant en cela comme tout gouvernement d'un pays peut le faire envers ses propres citoyens.

4° Quant à la manière de jouir de la possession de ses domaines, le Portugal suivait deux systèmes; chez les peuples dont la fidélité pouvait être ébranlée par

[1] *Bibliothèque Cottonienne*, Nero-B-1, fol. 99.

das invasões dos turços, dos sarracenos e de outros, construia logo fortalezas conforme a necessidade; nas terras, porém, onde não havia aquelle receio, nem a necessidade d'essa despeza, e sobretudo quando o clima era pestilente, estabeleciam simples feitorias, e mandavam todos os annos os seus navios ao commercio.

5.° Que nos pontos em que não tinha fortalezas era tal a amisade e obediencia dos povos, que seria inutil a despeza da sua construcção.

6.° Que Portugal gosava publica e pacificamente da posse em que estava de exercer a sua soberania, e que era por todas as nações respeitada.

Fieis a estes principios não privaram os portuguezes das suas terras os differentes regulos da bahia, limitaram-se a considera-los como vassallos, satisfazendo esses regulos annualmente, apenas em signal de reconhecimento da soberania portugueza, uma porção de marfim e pontas de abada, ou de gado, ou de arroz e mantimento, e recebendo em compensação um presente *(sayuate)* de fato e aguardente; e alguns até um soldo mensal.

Conclusões d'este capitulo:

1.° O systema de exercer a soberania nos territorios que Portugal foi adquirindo na Africa desde o seculo XV era dominado pelas idéas de civilisação e humanidade.

2.° Procuravamos adquirir a amisade dos chefes indigenas, contentando-nos com a sua vassallagem.

3.° Deixámos-lhes sempre salvo o direito de propriedade, e por isso lhes acceitavamos doações ou cessão de terrenos.

4.° Satisfaziamo-nos com aquella vassallagem, acceitando em reconhecimento d'ella um pequeno tributo, que a alguns chefes dispensavamos; e até a outros concediamos pensão ou soldo.

5.° Exerciamos o monopolio do commercio e da navegação, estabeleciamos feitorias, e não levantavamos em geral fortalezas senão nos pontos em que o nosso direito e posse podia ser ameaçado por estranhos.

la crainte des invasions des Turcs, des Sarrasins ou d'autres, il élevait en toute hâte des forts, mais chez ceux où une semblable éventualité n'était point à redouter ou bien, là où cette dépense n'était pas nécessaire, et surtout sous les climats pestilentiels, il se contentait d'établir de simples factoreries et d'y envoyer des navires pour les besoins du commerce.

5° Sur les points où le Portugal n'avait pas construit de forts, l'amitié et l'obéissance des peuples étaient telles, que cette dépense eût été superflue.

6° Le Portugal jouissait publiquement et paisiblement de sa souveraineté sur ces colonies, souveraineté respectée par toutes les nations.

Fidèles à ces principes, les Portugais ne privèrent jamais les différents régules de la baie de la propriété de leurs terres, ils se contentaient de considérer comme vassaux ces régules qui, en signe de soumission à la couronne portugaise, leur donnaient chaque année une certaine quantité d'ivoire et de cornes de rhinocéros, des bestiaux, du riz ou d'autres provisions et recevaient en échange un présent *(saguate)* composé d'habillements et d'eau-de-vie, et quelques-uns même une pension mensuelle.

Conclusions de ce chapitre:

1° Le Portugal, dans la manière dont il a exercé sa domination sur les territoires qu'il a acquis en Afrique depuis le XVe siècle, s'est toujours laissé guider par un esprit de civilisation et d'humanité.

2° Nous cherchions à gagner l'amitié des chefs indigènes, nous contentant de leur vasselage.

3° Nous leur avons toujours laissé intact le droit de propriété, c'est pourquoi nous en acceptions des donations ou des cessions de terrains.

4° Nous nous contentions de leur vasselage, et nous recevions seulement comme signe de leur dépendance un léger tribut; à quelques-uns d'entre eux nous faisions remise de ce tribut, à quelques autres même nous accordions une solde ou pension.

5° Nous nous étions réservé le monopole du commerce et de la navigation, nous établissions des factoreries et n'élevions de forts, en général, que dans les contrées où notre droit et notre propriété pouvaient être menacés par des étrangers.

6.° A Inglaterra tem perfeito conhecimento d'este nosso systema pela exposição que d'elle fez em Londres, em 22 de maio de 1562, á rainha Izabel o enviado portuguez João Pereira Dantas.

CAPITULO III

Manifestações da nossa soberania

Como manifestações da nossa soberania na bahia de Lourenço Marques podem indicar-se, entre outros actos, os seguintes:

1.°

O titulo ou dictado de *Senhores da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India*, etc., que os monarchas portuguezes assumiram e ainda hoje conservam, desde el-rei D. Manuel, depois da chegada da armada de Vasco da Gama em 1499 [1], e que acrescentaram ao antigo de *Reis de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa.*

Este titulo não era de *pretensão,* mas de *posse;* era e foi sempre a expressão de um facto *incontestado,* e não simples *titulo de memoria,* na phrase de Kluber [2]. A palavra *Ethiopia* n'elle empregada designa a Africa oriental, como nota o visconde de Santarem [3].

Esse titulo em relação a Portugal não era com effeito um titulo banal, significava o facto do *senhorio e posse* d'essas regiões. Reconhece-o um dos homens mais instruidos na geographia da Africa, mr. d'Avezac, quando fallando de D. João II, diz: «*Le roi Jean II ajouta à ces titres officiels celui de seigneur de Guinée. Toutes les côtes jusqu'alors reconnues par ses sujets... semblèrent désormais former un seul domaine, dont une prise de possession solennelle était constatée* [4]».

[1] João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas*, tom. II, Lisboa, 1811, pag. 208.
[2] Loc. cit., § 111; Réal, *Science du gouvernement*, tom. v, p. 4, sect. 4.
[3] *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tom. xv. Paris, 1854, pag. 107, not. 138.
[4] Artigo *Guinée* na *Encyclopédie des gens du monde.*

6° L'Angleterre a une parfaite connaissance de notre système de domination, grâce à l'exposé qu'à ce sujet le chargé d'affaires João Pereira Dantas adressa à la reine Elisabeth le 22 mai 1562.

CHAPITRE III

Manifestations de notre souveraineté

Les actes suivants peuvent, entre autres, être indiqués comme des manifestations de notre souveraineté dans la baie de Lourenço Marques.

1°

Le titre ou dénomination de *Senhores da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India,* etc. (maîtres de la conquête, de la navigation et du commerce de l'Éthiopie, de l'Arabie, de la Perse et de l'Inde) que les monarques portugais ont pris depuis le roi don Manuel, après l'arrivée de la flotte de Vasco de Gama en 1499 [1], et qu'ils conservent encore aujourd'hui et ont ajouté à l'ancien titre de *Reis de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa* (rois de Portugal et des Algarves, en deçà et au-delà de la mer en Afrique).

Ce titre n'était pas un titre de *prétention,* il constituait un titre de *possession;* il fut toujours l'expression d'un fait *incontesté* et non un simple *titre de mémoire,* comme le dit Kluber [2]. Le mot *Éthiopie,* qui y est employé, désigne l'Afrique orientale, ainsi que le remarque le vicomte de Santarem [3].

En effet, pour le Portugal, ce titre n'était point une banalité: il signifiait le fait de la *domination* et de la *possession* de ces contrées. L'un des hommes les plus versés dans la géographie de l'Afrique, M. d'Avezac, le reconnaît lui-même quand il dit, en parlant de Jean II: «*Le roi Jean II ajouta à ces titres officiels celui de Seigneur de Guinée. Toutes les côtes jusqu'alors reconnues par ses sujets semblèrent désormais former un seul domaine dont une prise de possession solennelle était constatée* [4]».

[1] João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas*, tom. II, Lisbonne, 1811, pag. 208.
[2] Loc. cit. § 8° Réal, *Science du gouvernement*, Tom. v, p. 4, sect. 4.
[3] *Tableau élémentaire des relations politiques et diplomatiques du Portugal*, tom. xv. Paris, 1854, pag. 107, note 138.
[4] Article *Guinée* dans l'*Encyclopédie des gens du monde.*

2.º

A *occupação e posse* da bahia, desde o seculo XVI, a principio por meio de feitorias ao N. e ao S. na *Unhaca,* e ao centro da bahia no rio do *Espirito Santo* e na ilha *Chefina,* e posteriormente por meio de fortificações, como ficou demonstrado no capitulo 1.º d'esta terceira parte.

3.º

O *exclusivo* do commercio por conta do estado, sob differentes fórmas, até ser declarado livre para os *nacionaes* em 1755 por alvará de 10 de junho, com a unica excepção da missanga, tambem declarada livre para elles por alvará de 7 de maio de 1761, e até ser aberto aos estrangeiros por decreto de 17 de outubro de 1853; e bem assim o exclusivo da navegação, em quanto não franqueámos aos estrangeiros os portos das colonias, como já deixámos notado.

4.º

A *expulsão dos estrangeiros* que ali pretenderam estabelecer-se ou commerciar, para o que apontaremos os seguintes factos:

1.º As ordens dadas, como já referimos, aos vice-reis da India no seculo XVIII para não consentirem na bahia os hollandezes que n'ella tentaram estabelecer commercio (parte II, capitulo I).

2.º O tenente coronel inglez William Bolts, ao serviço austriaco da companhia asiatica de Trieste, auctorisado pela imperatriz Maria Thereza por carta de 5 de junho de 1775, tomára em 1777 o commando de uma expedição que seguindo na nau *José e Thereza* se dirigiu á bahia de Lourenço Marques, onde deixou alguma gente e artilheria, e seguiu para a India. Protestando logo o governador da India contra este attentado á soberania portugueza, deu conta do occorrido ao governo da metropole em officios de 28 e 30 de abril de 1778; e o governo, em resposta de 15 de março de 1779, lhe ordenou que enviasse á bahia uma expedição militar para d'ella expulsar os intrusos [1].

[1] Documentos n.os 23 e 24.

2e

L'*occupation* et la *possession* de la baie depuis le XVIe siècle, d'abord au moyen de factoreries établies au N. et au S. dans l'*Unhaca* et au centre de la baie sur le fleuve du *Saint-Esprit* et dans l'île *Chefine,* et plus tard à l'aide de fortifications, comme cela a été démontré dans le chapitre Ier de la troisième partie.

3e

Le *monopole* du commerce pour le compte de l'État, sous différentes formes, jusqu'en 1755, époque à laquelle il fut déclaré libre pour les *nationaux* par une ordonnance du 10 juin à la seule exception de la verroterie, déclarée également libre par ordonnance du 7 mai 1761, et jusqu'à l'époque où le commerce fut ouvert aux étrangers par décret du 17 octobre 1853; et le monopole de la navigation jusqu'au moment où nous ouvrîmes nos colonies aux étrangers, comme nous l'avons déjà fait remarquer.

4e

L'*expulsion des étrangers* qui prétendirent s'établir dans nos colonies et y faire le commerce, ce que nous prouverons par les faits suivants:

1e Les ordres donnés, ainsi que nous l'avons déjà dit, aux vice-rois de l'Inde leur enjoignant de ne pas souffrir dans la baie la présence des Hollandais qui tentaient d'y établir leur commerce. (2e partie, chapitre I.)

2e Le lieutenant-colonel anglais William Bolts, au service autrichien de la compagnie asiatique de Trieste, autorisée par l'impératrice Marie-Thérèse dans une lettre du 5 juin 1775, prit en 1777 le commandement d'une expédition transportée par le vaisseau *Joseph et Thérèse,* et qui se dirigea vers l'Inde après avoir touché à Lourenço Marques et y avoir laissé quelques troupes avec de l'artillerie. Le gouverneur de l'Inde protesta sans retard contre cet attentat à la souveraineté portugaise et rendit compte de ce fait au gouvernement de la métropole dans les lettres officielles du 28 et du 30 avril 1778. Dans sa réponse du 15 mars 1779 le gouvernement le chargea d'envoyer une expédition militaire dans la baie pour en chasser les intrus [1].

[1] Documents nos 23 et 24.

Foi executada a ordem em 1781 pelo governador da India D. Frederico Guilherme de Sousa, o qual fez embarcar na fragata de guerra *Sant'Anna,* de quarenta peças, em 19 de janeiro d'esse anno, uma força de duas companhias de infanteria e de cipaes, e um destacamento de artilheria com peças de campanha, commandada pelo tenente coronel Joaquim Vicente Godinho de Mira, com uma força total de 500 homens.

A expedição, tocando em Moçambique, em 20 de fevereiro seguinte, chegou á bahia de Lourenço Marques em 30 de março, onde se demorou até 4 de maio.

Em execução das ordens do governo o commandante arrasou, em 1 de abril, o estabelecimento austriaco no rio do *Espirito Santo,* e no dia 21 uns armazens que tinham feito na ilha da Unhaca; apresou duas palas denominadas *Principe Fernando* e *Conde de Proli;* fez retirar da bahia uma embarcação ingleza de Bombaim que ali fôra para traficar; e recebeu a final as homenagens dos regulos de Catembe ou Tembe, e da Unhaca ao S., e dos de Mafumo e Matolla ao N. [1].

Contra estes factos não protestou a Inglaterra, e nem póde allegar ignorancia, sendo elles do dominio publico, e até expostos pelos escriptores inglezes, entre os quaes David Macpherson no seu livro *The history of the European commerce with India* [2], e sendo na mesma occasião expulso da bahia um navio mercante inglez do commando de Thomás George [3].

Pelo que respeita á Austria o seu ministro em Lisboa, o cavalheiro de Lebzeltern, communicou em officio de 10 de janeiro de 1782 o occorrido ao principe Kaunitz de Rietberg, o qual em officio de 23 de fevereiro seguinte lhe ordenava que, dando d'elle conta ao governo portuguez, pedisse explicações sobre o assumpto, o que elle cumpriu [4].

Sustentou o governo portuguez o seu direito, que aliás *não era contestado pela*

[1] Documentos n.os 25, 26 e 27 e annexos.
[2] London, 1812, pag. 313 e seg.; documento n.º 28.
[3] Documento n.º 27 annexo n.º 7.
[4] Documento n.º 29 e annexos.

Cet ordre fut exécuté en 1781 par le gouverneur de l'Inde don Frederico Guilherme de Sousa qui, le 19 janvier de la même année, fit embarquer sur la frégate de guerre *Sainte-Anne,* de quarante canons, un corps de troupes composé de deux compagnies d'infanterie et de cipayes et d'un détachement d'artillerie de campagne, le tout placé sous les ordres du lieutenant-colonel Joaquim Vicente Godinho de Mira et formant un total de 500 hommes.

L'expédition toucha à Mozambique le 20 février suivant, parvint dans la baie de Lourenço Marques le 30 mars et y resta jusqu'au 4 mai.

En exécution des ordres du gouvernement, le commandant de l'expédition détruisit, le 1er avril, l'établissement autrichien du fleuve du *Saint-Esprit,* et, le 21, des magasins qui avaient été construits dans l'île de l'Unhaca; il s'empara de deux navires nommés *Prince Ferdinand* et *Comte de Proli;* il fit sortir de la baie un bâtiment anglais de Bombay qui s'y était rendu pour y faire le commerce, et reçut enfin l'hommage de soumission des régules de Catembe ou Tembe, et de l'Unhaca au S. et de ceux de Mafoumo et Matolla au N. [1].

L'Angleterre ne protesta point contre ces faits; elle ne peut même alléguer son ignorance à cet égard puisqu'un navire marchand anglais commandé par Thomas George [2] fut chassé de la baie en cette occasion, que ces événements furent connus du monde entier, et que même ils sont rapportés par quelques écrivains anglais parmi lesquels David Macpherson qui en parle dans son livre *The history of the European commerce with India* [3].

Le ministre d'Autriche à Lisbonne, le chevalier de Lebzeltern, s'empressa, par lettre du 10 janvier 1782, de communiquer l'événement au prince Kaunitz Rietberg, lequel lui ordonna, par sa dépêche du 23 février (dont il l'autorisait à donner connaissance au gouvernement portugais), de demander des explications à ce sujet, ce qu'il exécuta [4].

Le gouvernement portugais soutint ses droits, que d'ailleurs la *cour de Vienne*

[1] Documents nos 25, 26 et 27 et annexes.
[2] Document nº 27, annexe nº 7.
[3] Londres, 1812, pag. 313 et suiv., document nº 28.
[4] Document nº 29 et annexes.

côrte de *Austria,* mas só o *modo* como fôra tornado effectivo; e dando instrucções em officio de 9 de abril ao conde Oeynhausen, nosso enviado junto áquella côrte, sobre o occorrido e sobre o nosso direito, limitou-se a fazer constar ao governo austriaco que por deferencia para com Sua Magestade Imperial se lhe mandavam entregar os navios apresados e os individuos capturados [1], e que esperava se não renovasse o attentado; assim o fez o nosso ministro, como communicou em officio de 11 de maio [2]; a côrte de Vienna deu-se por satisfeita, o imperador retirou a auctorisação a Bolts, e assim acabou esta pendencia [3].

3.° A expulsão da bahia a tiro de peça em 1815 de uma embarcação ingleza que tentava contrabandear n'aquelle porto, violando a lei; e contra este facto tambem não protestou, nem reclamou a Inglaterra [4].

4.° A apprehensão do navio inglez mercante *Eleonor of London,* junto ao rio Maputo em 1825, e a de uma escuna tambem ingleza no mesmo rio em 1828, por fazerem ali commercio illicito; mas não insistimos n'estes dois factos, por serem posteriores ao chamado titulo de cessão que a Inglaterra invoca.

5.°

O castigo infligido ás tribus que se tornavam merecedoras de repressão por algum facto isolado, felizmente pouco vulgar, para o que bastará indicar:

1.° Em relação ao *Tembe* ou *Catembe* a severa punição que em 1552 applicámos a uma tribu d'esse territorio, incendiando uma povoação e punindo de morte o seu chefe *Maçamana,* por haver insultado e espancado Bastião de Lemos, capitão de um navio portuguez, facto que levou o regulo do Tembe a dar-nos todas as satisfações e assentar pazes, como refere Perestrello na sua relação do naufragio da nau *S. Bento* [5].

2.° Em relação ao *Maputo* a correcção que, auxiliados pelo regulo do *Tembe,* lhe démos em 1824, sendo governador inte-

[1] Documento n.° 30.
[2] Documento n.° 31.
[3] Makintosh, *Lettres* II, 37.
[4] Bordalo, loc. cit., pag. 278 e seg.
[5] Na *Historia tragico-maritima,* tom. I, pag. 165.

ne contestait pas, ne se plaignant que de la *manière* dont on les avait fait valoir; et par dépêche du 9 avril il donna des instructions sur l'affaire et sur notre droit au comte d'Oeynhausen, notre envoyé près ladite cour, en lui ordonnant également de faire savoir au gouvernement autrichien que, par déférence envers Sa Majesté Impériale on allait faire remettre aux armateurs les navires capturés et mettre en liberté les prisonniers, mais qu'on espérait que pareil attentat ne se renouvellerait plus [4]. Notre ministre exécuta ces ordres et en rendit compte par dépêche du 11 mai [2]; la cour de Vienne se déclara satisfaite, et ainsi finit cet incident diplomatique [3].

3° L'expulsion à coups de canon, d'un navire anglais, qui s'était introduit en 1815 dans la baie et cherchait à y faire la contrebande, au mépris de la loi, expulsion contre laquelle l'Angleterre n'éleva ni réclamation ni protestation [4].

4° La confiscation du navire marchand anglais *Eleonor of London,* près du fleuve Mapouto en 1825, et celle d'une goëlette également anglaise qui, en 1828, faisait un commerce défendu sur le même fleuve; nous n'insistons pas toutefois sur ces deux faits, car ils sont postérieurs à ce fameux titre de cession invoqué par l'Angleterre.

5°

Le châtiment infligé aux tribus dont la conduite, pour quelque fait isolé et heureusement assez rare, méritait une répression; ce dont il nous suffira d'indiquer les exemples suivants:

1° Par rapport au *Tembe* ou *Catembe,* la sévère punition que nous infligeâmes en 1552 à une tribu de ce territoire, alors que nous incendiâmes un village et que nous punîmes de mort son chef *Maçamana,* pour avoir insulté et accablé de coups Bastião de Lemos, capitaine d'un navire portugais, fait qui conduisit le régule de Tembe à nous offrir toutes les réparations possibles et à établir avec nous une paix durable, ainsi que le rapporte Perestrello dans son récit du naufrage du vaisseau *Saint-Benoît* [5].

2° Par rapport au *Mapouto,* le châtiment qu'il subit en 1824, alors que Teixeira était gouverneur par intérim, châ-

[1] Document n° 30.
[2] Document n° 31.
[3] Makintosh, *Lettres,* II, 37.
[4] Bordalo, loc. cit., pag. 278, et suiv.
[5] Dans l'*Historia tragico-maritima,* tom. I, pag. 165.

rino Teixeira, quando uma das suas tribus se sublevou n'essa occasião. Confessa-o o proprio narrador da expedição de Owen, postoque desfigurando sempre os factos: « *Teixeira, who now succeed to the command, was obliged to call upon one of the other powers for assistance. Mayetta instantly come foward, being the constant enemy of Machacane: but as soon as the latter heard of Mayetta's intention he attacked Temby, but was drawn into an ambush by his more skilful enemy, where the greater part of his soldiers were destroyed* [1] ».

CAPITULO IV

Relações dos portuguezes com os regulos do S. e SO. (Tembe e Maputo)

Pondo de parte a historia das nossas relações com os regulos do N. e NE. da bahia, territorio que não faz objecto da questão e não nos é contestado, e a respeito das quaes fica em todo o caso dito o sufficiente no cap. VII, secção 1.ª da parte II, cumpre notar o preciso com respeito ás nossas relações com os dois regulos da parte contestada, os do *Tembe* ou *Catembe* e do *Maputo*.

As nossas relações com os regulos do *Tembe* foram sempre as mais cordiaes a começar do seculo XVI, para o que indicaremos apenas alguns factos:

1.º Em 1552, por occasião da severa punição que infligimos a uma sua povoação, veiu o regulo submetter-se e pedir pazes, como já notámos no capitulo III.

2.º Acceitaram de bom grado os regulos a nossa *soberania*, e consideraram-se como nossos *vassallos*.

3.º Em signal de vassallagem pagaram-nos sempre o tributo; e vinham e vem na sua entrada no poder ser *investidos* da auctoridade na nossa fortaleza, e prestar *preito e homenagem* a El-Rei de Portugal, como diremos no capitulo VI da parte IV d'esta memoria.

4.º Recorriam ao governo portuguez, como vassallos, para lhes prestarmos auxilio quando alguma revolta das tribus cafres os punha em perigo, como succedeu em 1793 e em 1819; e similhante-

[1] *Narrative of voyages*, etc., tom. II, pag. 22.

timent infligé à une tribu qui s'était soulevée et que le régule de Tembe nous aida à punir. Ainsi l'avoue le narrateur même de l'expédition d'Owen, tout en défigurant, comme d'habitude, les faits: « *Teixeira, who now succeed to the command, was obliged to call upon one of the other powers for assistance. Mayetta instantly came forward, being the constant enemy of Machacane: but as soon as the latter heard of Mayetta's intention he attacked Temby, but was drawn into an ambush by his more skilfull enemy, where the greater part of his soldiers were destroyed* [1] ».

CHAPITRE IV

Rapports des Portugais avec les régules du S. et du SO. (Tembe et Mapouto)

Laissant de côté l'histoire de nos rapports avec les régules du N. et du NE. de la baie, dont le territoire ne fait pas l'objet du conflit, et qui ne nous est pas contesté, rapports au sujet desquels, en tous cas, nous en avons suffisamment dit dans le chapitre VII, section 1e de la 2e partie, nous devons parler de ceux que nous entretenons avec les deux régules de la partie contestée, ceux du *Tembe* ou *Catembe* et du *Mapouto*.

Depuis le commencement du XVIe siècle, nos relations avec les régules du *Tembe* ont toujours été des plus cordiales: nous nous bornerons à citer quelques faits à l'appui de cette assertion.

1° En 1552, à l'occasion du châtiment sévère que nous infligeâmes à un village, le régule vint faire sa soumission et demander la paix, comme nous l'avons déjà dit dans le chapitre III.

2° Les régules ont accepté de bon gré notre *souveraineté*, et se sont considérés comme nos *vassaux*.

3° En signe de soumission ils nous ont toujours payé un tribut, et ils venaient et viennent encore, à leur entrée au pouvoir, se faire *investir* de l'autorité dans notre forteresse et prêter *foi et hommage* au roi de Portugal, comme nous le dirons dans le chapitre VI de la 4e partie de ce mémoire.

4° En qualité de vassaux, ils avaient recours au gouvernement portugais et lui demandaient des secours lorsque quelque révolte des tribus cafres les mettait en danger, comme cela eut lieu en 1793 et

[1] *Narrative of voyages, etc.*, tom. II, pag. 22.

mente, quando d'elles careciamos em caso de guerra, vinham por uma especie de *hommage-lige* [1] contribuir com as suas forças, como succedeu em 1824, auxiliando-nos para debellarmos um levantamento no *Maputo*.

5.° Fizeram-nos até *doação* expressa das suas terras em 1794.

6.° De nós receberam o titulo de *Capella*.

Os regulos do *Tembe* eram no seculo XVIII muito poderosos, porque dominavam toda a parte S. da bahia, e até lhes estava subordinado o proprio regulo de *Maputo*, ou da *Unhaca*, como d'antes se lhe chamava. A sua importancia n'essa epocha era notada pelos poucos escriptores que se occupavam d'aquella parte da Cafraria, entre os quaes White [2] e Pinkerton [3]: «*Dans la partie méridionale, il y a un roi appelé Capelleh* (Capella), *dont les domaines s'étendent à une distance d'environ cent soixante-dix milles dans l'intérieur et environ quatre-vingt-cinq sur le rivage de la mer*».

Hoje diminuiu mais o seu poder, e o regulo de *Maputo* é completamente independente do do *Tembe*.

Com os regulos da *Unhaca* ou *Maputo* mantemos similhantemente, desde o seculo XVI, a melhor harmonia.

Bastará notar para isso o seguinte:

1.° O que governava em 1544, quando a bahia foi explorada por Lourenço Marques, tomou o nome de *Garcia de Sá* por se parecer com o portuguez d'este nome; era muito amigo dos portuguezes, e ainda vivia em 1552, como escreveu Alvaro Fernandes, que com elle conviveu, na *Relação da perda do galeão S. João* [4].

2.° A elle prestou Pantaleão de Sá n'esse anno o serviço de com mais 20 portuguezes e 500 cafres, o auxiliarem contra um chefe de um districto mais ao S. que contra elle se rebellára, como affirma o mesmo Alvaro Fernandes [4].

3.° Com o filho d'este regulo *Garcia de*

[1] Salvaing, *De l'usage des fiefs*, cap. IV e XVIII; *Dictionnaire de l'ancien régime* por Paul D*** de P*** Paris, 1820, v. *Vassal*.

[2] *Journal from Madrast*, 1800.

[3] *Géographie moderne*, trad. de Walcknaer. Paris, an. XII (1804), tom. VI, pag. 407.

[4] Na *Historia tragico-maritima*, tom. I, pag. 23.

en 1819; de même, en cas de guerre, si nous avions besoin d'eux, ils venaient, par une sorte *d'hommage-lige* [1], mettre leurs efforts à notre service, ainsi que cela arriva en 1824, alors qu'ils nous aidèrent à étouffer un soulèvement dans le *Mapouto*.

5° Ils allèrent même jusqu'à nous faire une *donation* expresse de leurs terres en 1794.

6° Ils reçurent de nous le titre de *Capella*.

Au XVIIIe siècle les régules du *Tembe* étaient fort puissants car non seulement ils dominaient toute la partie S. de la baie, mais encore ils avaient soumis le régule même du *Mapouto* ou de l'*Unhaca*, comme on l'appelait jadis. Leur importance à cette époque était rapportée par quelques écrivains qui s'occupaient de cette partie de la Cafrerie, tels que White [2] et Pinkerton [3]: «*Dans la partie méridionale, il y a un roi appelé Capelleh* (Capella), *dont les domaines s'étendent à une distance d'environ cent soixante-dix milles dans l'intérieur et environ quatre-vingt-cinq sur le rivage de la mer*».

Aujourd'hui leur pouvoir est quelque peu amoindri et le régule de *Mapouto* est complètement indépendant de celui du *Tembe*.

Depuis le XVIe siècle, nous entretenons aussi des rapports d'amitié avec les régules de l'*Unhaca* ou *Mapouto*.

Pour le prouver il suffira de citer les faits suivants:

1° Le régule qui gouvernait en 1544, à l'époque où la baie fut explorée par Lourenço Marques, prit le nom de *Garcia de Sá*, d'un Portugais auquel il ressemblait; il avait les Portugais en grande amitié et vivait encore en 1552, ainsi que l'écrit Alvaro Fernandes qui le connut particulièrement, dans son *Récit de la perte du galion Saint-Jean* [4].

2° Dans cette même année, Pantaleão de Sá, comme l'affirme le même Alvaro Fernandes [4], rendit à ce régule le service de l'aider, avec 20 Portugais et 500 Cafres, contre un chef révolté d'un district situé vers le sud.

3° Nous entretînmes les mêmes rapports

[1] Salvaing, *De l'usage des fiefs*, chap. IV et XVIII; *Dictionnaire de l'ancien régime*, par Paul D*** de P*** Paris, 1820, v. *Vassal*.

[2] *Journal from Madrast*, 1800.

[3] *Géographie moderne*, trad. de Walcknaer. Paris, an XII (1804), tom. VI, pag. 407.

[4] Dans l'*Historia tragico-maritima*, tom. I, pag. 23.

Sá, que governou até 1587, continuámos nas mesmas relações.

4.° O filho d'este, e neto de *Garcia de Sá,* que começou a governar em 1587, era igualmente muito amigo dos portuguezes, bem como uma sua irmã casada mais ao S. no sitio dos *Medões de Oiro* junto ao rio da *Abundancia.*

Para com este regulo da *Unhaca* intercedeu Nuno Velho Pereira em 1593 em favor do rei *Gimbacucuba* mais ao S., a fim de lhe restituir as terras que lhe havia usurpado, como em 1597 refere João Baptista Lavanha na *Relação do naufragio da nau Santo Alberto*[1].

5.° Succedeu a este regulo *Sangane,* o qual foi despojado pelo seu successor *Manganheira,* que governava em 1623, sempre na melhor harmonia comnosco, como se vê do que referem em 1635, Francisco Vaz de Almada e em 1650 Bento Teixeira Feyo, nas relações já referidas dos naufragios das naus *S. João Baptista* e *Nossa Senhora da Atalaia.*

6.° A este regulo *Sangane,* que occupou depois de despojado da *Unhaca* pelo *Manganheira* ainda uma porção de territorio entre o rio *Maputo* e o *Tembe*, deu o capitão mór Pero de Moraes, em recompensa da sua fidelidade aos portuguezes, o habito de Christo, que elle proprio lhe deitou ao peito, suspenso em cadeia de oiro a 3 de abril de 1623.

7.° Acceitaram esses regulos, como os do *Tembe,* a nossa soberania, considerando-se nossos *vassallos*, prestando *preito e homenagem* á corôa portugueza, pagando-nos tributo, e reconhecendo até por escripto a nossa soberania, como fizeram em outubro de 1823 [2].

d'amitié avec le fils de *Garcia de Sá* qui gouverna jusqu'en 1587.

4° Le fils de ce régule, petit-fils de *Garcia de Sá,* qui commença de régner en 1587 était également fort dévoué aux Portugais, ainsi que sa sœur mariée dans les contrées du sud, aux *Dunes d'Or (Medões de Oiro),* près du fleuve de l'*Abondance.*

En 1593, Nuno Velho Pereira intercéda près de ce régule de l'*Unhaca,* en faveur du roi *Gimbacucuba,* qui gouvernait vers le sud, dans le but de faire rendre à ce dernier les terres qui lui avaient été usurpées en 1597. Ce fait est raconté par *João Baptista Lavanha,* dans son *Récit du naufrage du vaisseau Saint-Albert* [1].

5° A ce régule succéda *Sangane* qui fut dépouillé par son successeur *Manganheira.* Celui-ci gouvernait en 1623, toujours dans les meilleures relations avec nous, ainsi que cela est rapporté en 1635 par Francisco Vaz de Almada, et en 1650 par Bento Teixeira Feyo, dans les récits déjà mentionnés des naufrages des vaisseaux *Saint-Jean-Baptiste* et *Notre-Dame de Atalaia.*

6° Ce régule *Sangane,* qui, après avoir été dépouillé de l'*Unhaca* par *Manganheira,* occupait encore une étendue de territoire entre le fleuve *Mapouto* et le *Tembe,* reçut, le 3 avril 1623, en récompense de sa fidélité aux Portugais, la croix du Christ, suspendue à une chaîne d'or, que le capitaine Pero de Moraes lui-même lui passa au cou.

7° Ces régules, comme ceux du *Tembe,* acceptèrent notre souveraineté, se considérèrent comme nos *vassaux,* prêtèrent *foi* et *hommage* à la couronne portugaise, nous payèrent un tribut et reconnurent même notre souveraineté par écrit en octobre 1823 [2].

PARTE TERCEIRA

CAPITULO I

Natureza da questão entre Portugal e a Inglaterra em relação á bahia de Lourenço Marques

Contesta a Gran-Bretanha a Portugal o senhorio de parte da bahia de Lourenço Marques; reclamando para si a soberania do territorio do Tembe e de Maputo, a começar na margem sul do rio do *Espirito*

[1] Na *Historia tragico-maritimo*, tom. II, pag. 306.
[2] Documentos n.os 32, 33 e 34.

TROISIÈME PARTIE

CHAPITRE I

Nature du différend qui existe entre le Portugal et l'Angleterre au sujet de la baie de Lourenço Marques

La Grande-Bretagne conteste au Portugal la possession d'une partie de la baie de Lourenço Marques; elle réclame la souveraineté du territoire du Tembe et de Mapouto, à partir de la rive sud du fleuve

[1] Dans l'*Historia tragico-maritima,* tom. II, pag. 306.
[2] Documents nos 32, 33 e 34.

Santo (English river), e a acabar nas ilhas da Unhaca e dos Elephantes; e não reconhecendo direito a Portugal senão desde a margem norte d'aquelle rio do Espirito Santo, onde temos a fortaleza, para o norte.

Portugal sustenta o seu direito a *toda* a bahia, isto é, até 26° 30′ de latitude sul.

O mappa n.° 2 demonstra claramente o alcance d'estas pretensões reciprocas.

Prevalecendo a justa pretensão de Portugal o limite sul das suas possessões na Africa oriental será, como até agora, em 26° 30′ de latitude S., abrangendo toda a bahia de Lourenço Marques.

Prevalecendo a da Inglaterra o limite sul das nossas possessões n'essa região seria uma linha ideal tirada da fortaleza portugueza ou margem norte do rio do *Espirito Santo (English river)* em 25° 58′ de latitude S.

CAPITULO II

Origem e differentes phases da questão entre Portugal e a Inglaterra

SECÇÃO I

1.ª Epocha

(1823–1860)

Definida a natureza das pretensões das duas nações com relação á bahia de Lourenço Marques, vamos expor a origem e differentes phases da questão, a qual se póde dividir em tres epochas; a primeira de 1823 a 1860; a segunda de 1860 a 1869; a terceira de 1869 até hoje.

Quando o governo inglez enviou á Africa oriental o capitão Owen para *estudar* a costa do cabo da Boa Esperança para o norte, lord Londonderry, ministro dos negocios estrangeiros, pediu em officio de 2 de fevereiro de 1822 ao cavalheiro de Oliveira, encarregado de negocios de Portugal em Londres, o recommendasse ás auctoridades portuguezas n'aquellas regiões[1], ao que elle promptamente satisfez[2]; e chegando a Lisboa em 23 d'esse mez obteve iguaes recommendações do ministro da marinha e das co-

[1] Documento n.° 35.

[2] *Narrative of voyages to explore the shores of Africa, Arabia and Madagascar performed in H. M. Ships* Leven *and* Barracouta, *under the direction of Captain W. F. Owen*, etc. London, 1833, tom. I, pag. 6. Sobre esta expedição póde ver-se nos *Nouvelles annales des voyages* de 1833 a *Relation des voyages du capitaine Owen*, no tom. IV, pag. 326 e seg.

du *Saint-Esprit (English river)* jusqu'aux îles de l'Unhaca et des Éléphants et ne reconnaît au Portugal que son droit sur la partie qui, de la rive du Saint-Esprit où nous avons la forteresse, s'étend vers le nord.

Le Portugal soutient son droit sur *toute* la baie, c'est-à-dire, jusqu'au 26° 30′ de latitude sud.

La carte n° 2 montre clairement la portée de ces prétentions réciproques.

S'il est fait justice à la réclamation du Portugal, les limites sud de ses possessions dans l'Afrique orientale s'étendront jusqu'au 26° 30′ de latitude S. et embrasseront toute la baie de Lourenço Marques.

Si les réclamations de l'Angleterre sont écoutées, les limites sud de nos possessions dans ces contrées seront formées par une ligne idéale tirée du fort portugais ou de la rive nord du fleuve du *Saint-Esprit (English river)* par 25° 58′ de latitude S.

CHAPITRE II

Origine et différentes phases du différend soulevé entre le Portugal et l'Angleterre

SECTION I

1e Époque

(1823–1860)

La nature des prétentions des deux pays à l'égard de la baie de Lourenço Marques étant définie, nous allons exposer l'origine et les différentes phases du conflit dont nous diviserons l'historique en trois époques: la première de 1823 à 1860, la seconde de 1860 à 1869, et la troisième de 1869 jusqu'aujourd'hui.

Lorsque le gouvernement anglais envoya dans l'Afrique orientale le capitaine Owen dans le but d'*étudier* la partie nord de la côte du cap de Bonne-Espérance, lord Londonderry, ministre des affaires étrangères, demanda, dans une lettre officielle datée du 2 février 1822, au chevalier d'Oliveira, chargé d'affaires du Portugal à Londres, la faveur de recommander ce capitaine aux autorités portugaises établies dans ces contrées[1], ce qui lui fut promptement accordé[2]. A son arrivée à Lisbonne, le 23 du même mois, le capitaine

[1] Document n° 35.

[2] *Narrative of voyages to explore the shores of Africa, Arabia and Madagascar performed in H. M. Ships* Leven *and* Barracouta, *under the direction of Captain W. T. Owen*, etc. London, 1833, tom. I, pag. 6. Au sujet de cette expédition on peut voir dans les *Nouvelles annales des voyages*, de 1833, la *Relation des voyages du capitaine Owen*, au tom. IV, pag. 326 et suiv.

lonias, o almirante Quintella, como elle proprio confessa na descripção ou relatorio que da sua viagem foi publicado em 1833 [1].

Partindo para o seu destino o capitão Owen chegou á bahia de Lourenço Marques com os navios *Leven* e *Burracouta* em 27 de setembro de 1822, e ahi se demorou até novembro; voltou novamente em principios de 1823, e depois em setembro de 1825.

Em todo este tempo praticou o capitão uma serie de attentados contra a nação portugueza, abusando da benevolencia com que fôra tratado pelo governo, e das recommendações que este lhe déra para as auctoridades suas delegadas.

Aproveitando-se de uma desintelligencia entre a gente do regulo do Tembe (que aliás ainda não estava installado e reconhecido como tal) e o governador portuguez, por causa da morte de um indigena, tratou de os insinuar a abandonarem a obediencia á corôa portugueza, e de os captar por meio de presentes; e forjou um papel a que poz a data de 8 de março de 1823, em que se figurava ter aquelle regulo cedido á Gran-Bretanha a soberania dos seus territorios do Tembe; e prevalecendo-se da força bruta, foi plantar uma bandeira ingleza, tanto no territorio do Tembe, como no do Maputo [1]. Adiante examinaremos o valor d'esse forjado documento, que em si mesmo tem o cunho de falsidade.

Cumpre desde já notar que o velho regulo Capella morrêra em setembro de 1822, e que é antigo uso e costume ficar a morte do regulo occulta durante um anno, e só no fim d'esse tempo ser proclamado o successor; mas o capitão Owen, para dar mais verosimilhança á cessão que meditava, fingiu que, por excepção ou *obsequio* a elle, fôra proclamado logo o novo rei [2]: «*By an ancient law, not a man in the kingdom dared to mention it during one year. Upon this occasion however, the ancient custom was departed from, and within two months after the death of king Kappel, his grandson and successor Mayetta was proclaimed*»; o que é absolutamente falso, por-

[1] *Narrative of voyages to explore the shores of Africa*, etc. tom. I, p. 103 e seg.
[2] Documento n.º 36.

Owen obtint encore des lettres de recommandation du ministre de la marine et des colonies, l'amiral Quintella, ainsi qu'il l'avoue lui-même dans la description ou le rapport de son voyage, publié en 1833 [1].

Le capitaine Owen partit de Lisbonne et arriva dans la baie de Lourenço Marques avec les navires *Leven* et *Barracouta* le 27 septembre 1822; il y resta jusqu'en novembre et y revint encore dans les premiers mois de 1823 et en sep tembre de l'année 1825.

Pendant tout ce temps, le capitaine commit une suite d'attentats contre la nation portugaise, abusant de la bienveillance que lui avait témoignée le gouvernement et des recommandations qu'il en avait obtenues pour les autorités chargées de le représenter.

Profitant d'une mésintelligence survenue entre les gens du régule de Tembe (qui d'ailleurs n'était point encore installé et reconnu comme tel) et le gouverneur portugais, à cause de la mort d'un indigène, le capitaine Owen mit tous ses efforts à les détacher de leur soumission à la couronne portugaise et essaya de les gagner au moyen de présents; il fabriqua un écrit sur lequel il mit la date du 8 mars 1823, écrit d'après lequel le régule de Tembe aurait cédé à la Grande-Bretagne la souveraineté de son territoire, puis, usant du droit de la force, il alla planter le drapeau anglais, non seulement sur les terres du Tembe mais encore sur celles du Mapouto [1]. Nous examinerons plus loin la valeur de cet écrit qui porte le cachet de la fausseté.

Il est à remarquer que le vieux régule Capella était mort en septembre 1822, et que, d'après un ancien usage, le décès du régule doit être tenu secret pendant un an; ce n'est qu'au bout de ce temps que son successeur est proclamé. Le capitaine Owen, pour éluder cette difficulté et donner quelque vraisemblance à la cession qu'il espérait obtenir, s'ingénia à faire croire que, par exception et par *faveur* pour lui, le nouveau régule avait été proclamé aussitôt après la mort de son prédécesseur [2]: «*By an ancient law, not a man in the Kingdom dared to mention it during one year. Upon this occasion however, the ancient custom was departed from, and*

[1] *Narrative of voyages to explore the shores of Africa*, etc., tom. I, pag. 100 et suiv.
[2] Document nº 36.

que só no fim do anno, e na fórma do costume foi o regulo Maietta proclamado em 19 de outubro, vindo prestar homenagem á fortaleza portugueza.

D'este attentado teve o capitão Owen o arrojo de dar noticia ao governador portuquez de Lourenço Marques em officio de 9 de março de 1823 [1].

Praticada esta tentativa de usurpação por Owen, logo José Nowe, commandante das forças navaes britannicas no Cabo da Boa Esperança a communicou por meio de instrucções ou passaportes ás embarcações mercantes inglezas em data de 1 de junho de 1823 [2].

Não satisfeito ainda forjou o capitão Owen dois chamados tratados de commercio com o regulo de Maputo (cujo valor será apreciado na 5.ª parte) datados de 3 e 23 de agosto, nos quaes se dava o mesmo regulo como pondo o seu territorio sob o protectorado da Gran-Bretanha [3]

D'este novo attentado deu igualmente noticia o capitão Owen ao governador de Lourenço Marques em officio de 26 de agosto [4].

E chegando a Moçambique teve o arrojo de dar conta do occorrido ao governador geral João Manuel da Costa, em carta escripta em 7 de outubro de 1823 de bordo do seu navio *Leven,* pretendendo desculpar-se, e allegando que Portugal não tinha nenhum dominio alem dos limites do forte de Lourenço Marques; que o regulo do Tembe instára com elle para acceitar a soberania do territorio; que só com esta condição lhe fornecia gente para o auxiliar, e que *só por isso* (on these conditions only) *e collocado em tal situação* (situated as I was) se lhe tornára de *necessidade* (et became a matter of necessity) acceder aos *desejos* do regulo e do povo (accede to their wishes)!! [5].

Voltando Owen á bahia em 18 de abril de 1824, tornou a fazer arvorar no Tembe

[1] Doc. n.º 37.
[2] Documento n.º 38.
[3] Documento n.ºs 39 e 40.
[4] Documento n.º 41.
[5] Documento n.º 42.

within two months after the death of King Kappel, his grandson and successor Mayetta was proclaimed ». Ce fait est absolument faux puisque ce ne fut qu'après l'année révolue et suivant l'usage, que le régule Maïetta fut proclamé (le 19 octobre) et qu'il vint rendre hommage à notre souveraineté dans le fort portugais.

Le capitaine Owen, dans une lettre du 9 mars 1823 [1], eut l'audace de faire connaître cet attentat au gouverneur portugais de Lourenço Marques.

A la suite de cette tentative d'usurpation du capitaine Owen, Joseph Nowe, commandant des forces navales de l'Angleterre au cap de Bonne-Espérance, en donna communication aux navires marchands anglais, au moyen d'instructions ou de passe-ports, en date du 1er juin 1823 [3].

Non content encore de cela, le capitaine Owen fabriqua deux autres pièces qu'il fit passer pour des traités de commerce faits avec le régule de Mapouto, datées du 3 et du 23 août, et dans lesquelles le régule était sensé mettre son territoire sous le protectorat de la Grande-Bretagne [3]. Dans la 5e partie nous apprécierons la valeur de ces pièces.

Dans une lettre du 26 août, Owen fit également part au gouverneur de Lourenço Marques de ce nouvel attentat [4].

En arrivant à Mozambique, le capitaine Owen eut encore l'impudence de rendre compte de ces faits au gouverneur général Jean Emmanuel da Costa, dans une lettre écrite le 7 octobre 1823 à bord de son navire le *Leven.* Il cherchait à s'excuser, alléguant que le Portugal n'avait aucun domaine au-delà des limites du fort de Lourenço Marques; que le régule du Tembe avait insisté auprès de lui pour lui faire accepter la souveraineté du territoire; qu'à cette condition seulement il avait pu en obtenir des hommes pour l'aider et que, *uniquement pour cette cause* (on these conditions only) et *placé dans cette situation* (situated as I was) il était devenu pour lui de *toute nécessité* (et because a matter of necessity) *d'accéder aux vœux* du régule et du peuple [5].

De retour dans la baie le 18 avril 1824, Owen fit de nouveau arborer dans le Tem-

[1] Document nº 37.
[2] Document nº 38.
[3] Document nºs 39 et 40.
[4] Document nº 41.
[5] Document nº 42.

a bandeira ingleza pelo tenente Johnes acompanhado de uma força de marinheiros, que arrancaram a bandeira portugueza, e saíu da bahia em 21 de maio [1] aproveitando-se para este novo attentado da perturbação em que estava a fortaleza portugueza pelas mortes recentes do governador effectivo Lupi de Cardenas, e de Teixeira que o substituíra interinamente, entregue a um official inferior Maximiano José Fernandes.

Vindo em 28 de agosto de 1825 á bahia o capitão Owen com a corveta *Leven,* o brigue *Barracouta* e uma escuna apoderou-se á força no dia 30 do brigue *Eleonor of London,* que havia sido apprehendido por estar fazendo contrabando no Maputo, matou com um tiro de espingarda disparado de bordo um tambor da fortaleza, e no dia 31 veio sitiar a fortaleza, ameaçando arrasa-la com a sua artilheria se não se rendesse em vinte e quatro horas!

Em vista porém da energia do governador de Lourenço Marques desistiu de consummar este attentado, mas teve a audacia de mandar por uma escolta arrancar do Tembe a bandeira portugueza que levou para Inglaterra, e de deixar ao mesmo governador umas chamadas instrucções datadas de 4 de setembro, nas quaes reconhecia aliás na condição C, que a questão de dominio do Tembe, ficaria para ser resolvida pelos dois governos [2], o que tudo communicou elle governador ao governo portuguez em officios de 28 de outubro de 1823, 5 de setembro de 1825 e 6 de junho de 1826, enviados por copia ao ministro portuguez em Londres para reforçar a reclamação [3].

O que fizeram os interessados contra esta serie de attentados?

Contra a figurada cessão de Maputo protestou logo o regulo *Macassana Maxilleme,* em 8 de outubro de 1823, declarando *que só reconhecia os portuguezes como senhores d'estas terras,* e que nenhum valor teria qualquer convenção feita com outra nação, declaração que fez e assignou juntamente com *Camana,* seu irmão e primeiro secretario, e com o governador de

[1] *Narrative of voyages to explore the shores of Africa,* etc., *under the direction of Captain Owen.* London, 1833, tom. II p. 24.
[2] Documento n.º 43.
[3] Documentos n.os 44, 45 e 46.

be le pavillon anglais par le lieutenant Johnes accompagné d'une troupe de marins qui arrachèrent le drapeau portugais, après quoi il quitta la baie le 21 mai [1], profitant, pour l'accomplissement de ce nouvel outrage, du trouble où se trouvait le fort, à cause de la mort récente du gouverneur effectif Lupi de Cardenas et de celle de Teixeira qui l'avait remplacé par intérim, le fort n'étant plus commandé en ce moment que par un sous-officier nommé Maximiano José Fernandes.

Le 28 août 1825 le capitaine Owen revint dans la baie avec la corvette *Leven,* le brick *Barracouta* et une goëlette. Le 30, il s'empara du brick *Eleonor of London* qui avait été saisi pour avoir fait la contrebande dans le Mapouto, tua d'un coup de fusil tiré de son navire un tambour de la garnison, et, le 31, il vint assiéger le fort menaçant de le raser à coups de canon s'il ne se rendait dans les vingt-quatre heures!

Devant l'énergique attitude du gouverneur de Lourenço Marques, Owen renonça à l'accomplissement de ses menaces; il eut néanmoins la hardiesse d'envoyer une compagnie de ses hommes arracher du Tembe le drapeau portugais qu'il emporta en Angleterre et de laisser au même gouverneur des *instructions* dans lesquelles, d'ailleurs, il reconnaissait que le différend qui existait au sujet de la possession du Tembe devrait être plus tard résolu par les deux gouvernements [2]. Le gouverneur portugais fit part de tous ces faits à son gouvernement dans les dépêches officielles du 5 septembre 1825 et du 6 juin 1826, dont les copies furent envoyées au ministre de Portugal à Londres afin d'appuyer ses réclamations [3].

Et maintenant, qu'ont fait les intéressés contre cette série d'attentats?

Le 8 octobre 1823 le régule *Macassana Maxilleme* protesta contre cette fausse cession du Mapouto déclarant qu'il ne *reconnaissait que les Portugais comme maîtres de ce territoire* et que toute convention faite avec une autre nation devrait être regardée comme nulle; il signa cette déclaration conjointement avec son frère et premier secrétaire *Camana* et avec Mi-

[1] *Narrative of voyages to explore the shores of Africa, etc., under the direction of Captain Owen.* London, 1833, tom. II, pag. 24.
[2] Document nº 33.
[3] Document nos 44, 45, 46 e 47.

Lourenço Marques, Miguel Lupi de Cardenas [1].

Protestou igualmente o regulo *Maietta Capella* do Tembe na sua povoação de Machanja em 20 do mesmo mez de outubro, declarando na presença dos seus grandes, parentes e secretarios, e na do governador de Lourenço Marques e de outras testemunhas:

1.° Que elle e o seu povo eram *Landins,* filhos de Capella, *que nascêra dos Molungos* (portuguezes).

2.° Que *não assignára papel algum ao capitão Owen,* doando as suas terras á Inglaterra; nem as podia dar, por pertencerem aos Molungos (portuguezes).

3.° Que se recebêra do capitão Owen algum fato fôra em troca de bois e marfim, e se elle pensava ter-lhe elle por isso doado as suas terras estava enganado.

4.° Que *sempre se consideraram subditos de Portugal;* que tinham *padrão de pedra* e *bandeira* portugueza; e que até para irem a bordo do navio d'aquelle capitão mandaram parte ao governador portuguez.

5.° E que pediam um destacamento para resguardar de qualquer insulto a bandeira portugueza nas terras de Tembe [2].

Para dar mais authenticidade a esta declaração, achando-se na bahia duas escunas inglezas, de que era sobrecarga um tal Macuard, foi este convidado pelo governador com os mais inglezes, que então se achavam na bahia para assistirem a esta solemnidade, a fim de que não podesse de futuro ser taxada de ficticia ou filha de violencia [3].

Assistiram os inglezes, mas recusaram-se a assignar o auto, o que n'elle foi declarado pelo escrivão.

Por outro lado o governo portuguez, avisado do occorrido pelo governador de Moçambique, deu logo em 29 de maio de 1824 instrucções ao seu enviado em Londres o conde de Villa Real, para protestar

[1] Documento n.° 32.
[2] Documento n.° 34.
[3] Documento n.° 47.

guel Lupi de Cardenas, gouverneur de Lourenço Marques [1].

Le régule du Tembe, *Maietta Capella,* protesta également le 20 octobre, dans sa ville de Machanja, déclarant en présence de sa cour, de ses parents et de ses secrétaires et en celle du gouverneur de Lourenço Marques et d'autres témoins:

1° Que lui et son peuple étaient *Landins,* fils de Capella, qui *était né des Molungos* (Portugais).

2° Qu'il *n'avait signé aucun écrit au capitaine Owen,* ni cédé aucun territoire à l'Angleterre, ce qu'il n'aurait pu faire puisque tout le territoire appartenait aux Molungos (Portugais).

3° Que s'il avait reçu du capitaine Owen quelques vêtements, cela avait été en échange de bœufs et d'ivoire, et que si le capitaine croyait pour cela avoir reçu donation de ses terres, il était dans une complète erreur.

4° *Que lui et les siens s'étaient toujours regardés comme des sujets du Portugal;* qu'ils possédaient un monument commémoratif en pierre et un drapeau portugais; et que même, avant de se rendre à bord du navire de ce capitaine, ils avaient prévenu le gouverneur portugais.

5° Et qu'ils demandaient un détachement pour protéger le drapeau portugais, sur le territoire du Tembe [2], contre toute insulte.

Dans le but de rendre cette déclaration plus authentique et comme en cette circonstance se trouvaient dans la baie deux goëlettes anglaises qui avaient pour subrécargue une nommé Macuard, ce dernier fut invité par le gouverneur ainsi que d'autres Anglais alors dans la baie, à assister à cette solennité afin que la déclaration du régule ne pût être plus tard regardée comme fictive ou comme extorquée par la violence [3].

Les Anglais vinrent assister à cette cérémonie, mais ils refusèrent d'en signer le procès-verbal, ce qui fut constaté par le greffier dans ce même procès-verbal.

D'autre part, le gouvernement portugais, prévenu de ces événements par le gouverneur de Mozambique, s'empressa d'envoyer, en date du 29 mai 1824, à son ministre en Angleterre, le comte de

[1] Document n° 32.
[2] Document n° 34.
[3] Document n° 47.

contra o facto do capitão Owen, e pedir a devida satisfação [1], instrucções que renovou em 7 de agosto do mesmo anno acompanhadas de documentos para fundamentar a reclamação [2]; e foram repetidas ao marquez de Palmella em 15 de abril e 21 de outubro de 1826 [3], e em 17 de março e 28 de abril de 1827 [4].

Dirigiu em 17 de junho de 1826 o marquez de Palmella, enviado portuguez em Londres, uma nota a sir George Canning, ministro dos negocios estrangeiros, protestando contra o attentado do capitão Owen, e pedindo satisfação, ao que elle respondeu, que esperava, para se habilitar convenientemente, a chegada do capitão Owen, que devia ter proximamente logar [5]; e em 25 de abril de 1827 declarou ter esse capitão justificado o seu procedimento, duvidando que pertencessem a Portugal os dois districtos de Tembe e Maputo, os quaes dizia terem sido cedidos á Inglaterra pelos respectivos regulos, e concluiu pedindo informações ácerca do direito que n'elles tinha a corôa portugueza.

Respondeu o enviado de Portugal em Londres em 23 de maio seguinte: que o direito da corôa portugueza se baseava na prioridade incontestavel da descoberta; nos nossos estabelecimentos fundados na bahia e defendidos pela fortaleza de Lourenço Marques; nas convenções e actos de reconhecimento reiterados desde muitos seculos por parte dos chefes das povoações da costa, que sempre tinham acquiescido á soberania de Portugal; no reconhecimento constante d'esse direito por parte dos governos europeus, que os tinham sempre respeitado, como se podia verificar pela simples inspecção das cartas geographicas; e no artigo 2.° do tratado de 28 de julho de 1817, em que a propria Gran-Bretanha reconhecia a soberania de Portugal na costa oriental da Africa, desde

[1] Documento n.° 48.
[2] Documento n.° 49.
[3] Documentos n.os 50 e 51.
[4] Documentos n.os 52 e 53.
[5] Documentos n.os 54 e 55.

Villa Real, les instructions nécessaires pour protester contre les violences pratiquées par le capitaine Owen et demander une juste réparation [1]. Ces instructions furent répétées le 7 du mois d'août de la même année et accompagnées de toutes les pièces sur lesquelles s'appuyait la réclamation [2]; le 15 avril et le 21 octobre 1826 [3] ainsi que le 17 mars et le 28 avril 1827 [4], ces mêmes instructions furent renouvelées au marquis de Palmella.

Le 17 juin 1826, le marquis de Palmella, chargé d'affaires du Portugal près la cour de Londres, adressa une note à sir George Canning, ministre des affaires étrangères, note dans laquelle il protestait contre l'attentat commis par le capitaine Owen, et en demandait réparation. Le ministre anglais répondit qu'il attendait, pour s'éclairer sur les faits énoncés, l'arrivée du capitaine Owen qui devait avoir lieu [5] prochainement, et, le 25 avril 1827, sa réponse fut que le capitaine Owen s'était justifié de son procédé par le doute où il était à l'égard du droit que possédait le Portugal sur les deux districts de Tembe et de Mapouto, qui avaient été, disait-il, cédés à l'Angleterre par leurs régules respectifs; le ministre concluait en demandant des informations sur les droits que la couronne portugaise pouvait avoir sur ces districts.

Le chargé d'affaires de Portugal à Londres répondit, le 23 mai suivant, que les droits de la couronne portugaise s'appuyaient: sur la priorité incontestable de la découverte; sur le fait de l'établissement de nos factoreries défendues par le fort de Lourenço Marques; sur les conventions ou actes de reconnaissance multipliés depuis de nombreux siècles par les chefs des peuples de la côte qui avaient toujours accepté la souveraineté du Portugal; sur la reconnaissance constante de ce droit par les gouvernements européens qui l'avaient toujours respecté, comme il était facile de s'en assurer par le simple examen des cartes géographiques; et enfin, sur l'article 2 du traité du 28 juillet 1817 par lequel la Grande Bretagne elle-même reconnaissait la souveraineté du

[1] Document n° 48.
[2] Document n° 49.
[3] Documents nos 50 et 51.
[4] Documents nos 52 et 53.
[5] Documents nos 54 et 55.

cabo Delgado até á bahia de Lourenço Marques.

N'essa nota de 23 de maio de 1827, e em outra de 22 de maio de 1828, destruiu, alem d'isso, o nosso enviado o argumento fundado nas chamadas cessões dos regulos do Tembe e Maputo, mostrando serem subrepticias; e produziu varias copias de actos e declarações authenticas, e de antiga data, para comprovar as relações de soberania entre a corôa portugueza e os referidos chefes, entre ellas os protestos já referidos dos regulos de Tembe e de Maputo, declarando só reconhecerem a Portugal por senhor de suas terras, e não terem querido, nem podido fazer doação d'ellas a Sua Magestade Britannica, porque pertenciam ao Rei de Portugal.

Lord Dudley, que substituiu mr. Canning no ministerio dos negocios estrangeiros, respondeu em 5 de dezembro de 1827 á nota do nosso ministro de 22 de maio d'esse anno, e não podendo convencer os seus argumentos, quiz sustentar, com relação ao tratado de 1817, que quando n'elle se reconhecêra a nossa soberania na Africa oriental desde cabo Delgado até á bahia de Lourenço Marques ao S., não fôra *inclusivamente,* isto é, não se comprehendêra essa bahia.

Destruiu completamente esta interpretação o nosso ministro na referida nota de 22 de maio de 1828, porque, dizendo-se no tratado, que as nossas possessões se estendiam desde cabo Delgado até á bahia de Lourenço Marques ao S., nunca se poderia entender excluida, antes incluida toda esta, muito mais possuindo ali a corôa portugueza estabelecimentos desde seculos [1].

Ficou a questão pendente n'este estado, porque o governo britannico nunca respondeu á nota de 22 de maio de 1828, que servia de replica á de lord Dudley, guardando silencio durante trinta e tres

[1] Documentos n.os 56 e 57; *Despachos e correspondencias do duque de Palmella,* colligidos e publicados por J. J. dos Reis e Vasconcellos, tom. III. Lisboa, 1854, pag. 154 e seg.

Portugal sur la côte orientale d'Afrique, depuis le cap Delgado jusqu'à la baie de Lourenço Marques.

En outre, dans ses notes du 23 mai 1827 et du 22 mai 1828, notre chargé d'affaires réfuta l'argument basé sur ce que les Anglais nommaient des cessions faites par les régules du Tembe et du Mapouto; il démontra que ces cessions étaient subreptices; il produisit différentes copies d'actes et de déclarations authentiques et d'ancienne date qui prouvaient les relations de souveraineté existant entre la couronne portugaise et les susdits régules et, parmi ces pièces enfin, il fit valoir les déclarations déjà mentionnées des régules de Tembe et de Mapouto, déclarations par lesquelles ils reconnaissaient non seulement que le Portugal était seul maître de leurs terres, mais encore qu'ils n'auraient pu en faire don à Sa Majesté Britannique puisqu'elles appartenaient au roi de Portugal.

Lord Dudley, qui remplaça Mr. Canning au ministère des affaires étrangères, répondit le 5 décembre 1827 à la note de notre ministre datée du 22 mai de la même année, et, ne pouvant faire prévaloir ses arguments, il tenta de soutenir que, pour ce qui regardait le traité de 1817, lorsque dans ce traité on avait reconnu notre souveraineté dans l'Afrique orientale depuis le cap Delgado jusqu'à la baie de Lourenço Marques, au S., cela n'avait pas été *indlusivement,* c'est-à-dire que la baie n'avait pas été comprise dans cette reconnaissance de notre territoire.

Dans sa note du 28 mai 1828, notre ministre détruisit victorieusement l'interprétation du ministre anglais, et fit ressortir que, par le traité où il était dit que nos possessions s'étendaient depuis le cap Delgado jusqu'au S. de la baie de Lourenço Marques, on ne pouvait en aucune manière entendre en exclure la baie, qu'elle y était naturellement comprise, et cela d'autant plus clairement que la couronne portugaise y possédait de nombreux établissements depuis plusieurs siècles [1].

La question en resta là; le gouvernement britannique ne répondit jamais à la note du 22 mai 1828 qui réfutait celle de lord Dudley, il garda le silence pendant trente et trois années jusqu'à ce que,

[1] Documents n°s 56 et 57; *Dépêches et correspondance du duc de Palmella,* réunies et publiées par J. J. dos Reis e Vasconcellos, tom. III. Lisbonne, 1854, p. 154 et suiv.

annos, até que em 1861 praticaram os seus agentes, contra todos os principios de direito e até de cortezia, uma *tentativa* de verdadeira usurpação, que cumpre referir.

SECÇÃO 2.ª

2.ª Epocha

(1861–1869)

Communicára o commissario portuguez da commissão mixta do Cabo da Boa Esperança, em officios de 20 de março e 22 de junho de 1855, que o governo da colonia ingleza manifestava ambição de possuir parte da bahia de Lourenço Marques, e prevenira o governo portuguez de uma visita que se dizia projectava a essa bahia o governador do Cabo, sir George Grey [1].

Esta suspeita que então se não traduziu em factos, renovou-se cinco annos depois com mais fundamento, porque começou a manifestar-se abertamente.

Fundeando na bahia de Lourenço Marques em 27 de julho de 1860 o contra-almirante da marinha ingleza, Henry Keppel, commandando o navio *Brisk,* officiou no dia seguinte ao governador portuguez e ao governader geral de Moçambique, declarando-lhes que a Inglaterra considerava seu o territorio ao S. da mesma bahia [2], ao que respondeu aquelle governador geral em 7 de agosto, sustentando o direito de Portugal, mas declarando que qualquer duvida sobre esse ponto deveria ser tratada entre os governos das duas nações [3].

Em 2 de novembro de 1861 publicava o *Cape Argus,* jornal do Cabo, a noticia de que o navio de guerra *Narcissus,* do almirante Walker, saíra com destino á bahia de Lourenço Marques para ir ahi plantar a bandeira da liberdade. *(So the vessel, it is said, is only gone to plant the flag of freedom on the shores of Delagoa Bay)!*

E o commissario portuguez da commissão mixta do Cabo avisava o governo de Portugal, em officio de 12 do mesmo mez, d'esse boato [4].

Realisou-se este, porque em virtude de

[1] Documentos n.os 58 e 59.
[2] Documento n.º 60.
[3] Documento n.º 61.
[4] Documento n.º 62.

en 1861, ses agents recommencèrent, contre tous les principes du droit et même de la courtoisie, une tentative de véritable usurpation qu'il est nécessaire de rapporter.

SECTION II

2e Époque

(1861–1869)

Le commissaire portugais de la commission mixte du Cap de Bonne-Espérance avait communiqué au gouvernement de la métropole, dans ses dépêches officielles du 20 mars et du 22 juin 1855, que le gouvernement de la colonie anglaise manifestait le désir de posséder une partie de la baie de Lourenço Marques et que le gouverneur du Cap, sir George Grey, formait, disait-on, le projet de visiter la baie [1].

Ces bruits qui alors ne se traduisaient pas par des faits, se renouvelèrent cinq ans plus tard avec plus de raison d'être, attendu que les événements vinrent bientôt en confirmer la valeur.

Le contre-amiral de la marine anglaise, Henry Keppel, commandant le navire *Brisk,* ayant jeté l'ancre dans la baie de Lourenço Marques le 27 juillet 1860, envoya le jour suivant une dépêche officielle au gouverneur portugais et au gouverneur général de Mozambique, leur déclarant que l'Angleterre regardait comme lui appartenant le territoire situé au S. de la même baie [2], à quoi le gouverneur général répondit le 7 août en maintenant le droit du Portugal, mais en exposant que toute contestation à cet égard devrait être soumise aux gouvernements des deux pays [3].

Le 2 novembre 1861, le *Cape Argus,* journal du Cap, publiait que le navire de guerre *Narcissus,* de l'amiral Walker, avait quitté la colonie à direction de la baie de Lourenço Marques, dans le but d'aller y arborer le drapeau de la liberté. *(So the vessel, it is said, is only gone to plant the flag of freedom on the shores of Delagoa Bay.)*

Dans une dépêche officielle du 12 du même mois, le commissaire portugais de la commission mixte du Cap prévenait le gouvernement de ce bruit [4].

Les événements vinrent justifier cette

[1] Documents nos 58 e 59.
[2] Document no 60.
[3] Document no 61.
[4] Document no 62.

um despacho de 4 de outubro dirigido pelo duque de Newcastle ao governador do Cabo, entrou aquelle navio com effeito na bahia sob o commando do capitão Biskford, e no dia 5 de novembro fez o simulacro de plantar uma bandeira na ilha da Unhaca, e retirou sem a menor attenção e sem praticar mais facto algum.

No dia 25 publicava a gazeta official do Cabo a noticia de que n'aquelle dia fôra arvorada a bandeira britannica nas ilhas da Unhaca e dos Elephantes, as quaes haviam sido declaradas possessões inglezas e annexadas á colonia de Natal!

O commissario portuguez da commissão mixta protestou logo, em officio de 5 de dezembro seguinte, contra este facto, protesto que dirigiu ao governador do Cabo, e que este em resposta do dia 10 declarou remetter ao governo de Sua Magestade britannica [1].

Declarou mais verbalmente o mesmo governador ao commissario portuguez que o seu governo *procedêra com o consentimento do governo portuguez,* annexando as ilhas á colonia de Natal; e na mesma supposição de accordo entre os dois governos estava mr. Pritchard, secretario do almirantado, em carta dirigida em 10 ao mesmo commissario [2], o que este communicou ao governo de Sua Magestade Fidelissima em officio de 21 de dezembro [3].

Protestou logo o governo portuguez por intermedio do conde de Lavradio, seu ministro em Londres, em nota de 22 de fevereiro de 1862 [4], cuja recepção lord John Russell accusou em 28 do mesmo mez, declarando que o ministro de Sua Magestade Britannica em Lisboa communicaria ao governo portuguez a resposta da Inglaterra á sua communicação [5].

Precedeu esta nota uma conferencia verbal de lord John Russell com o conde de Lavradio no dia 21, na qual declarou ao nosso ministro que as ilhas da *Unhaca* e *Elephantes* eram *necessarias* ao governo

[1] Documentos n.os 63 e 64.
[2] Documento n.º 65.
[3] Documento n.º 66.
[4] Documento n.º 67.
[5] Documento n.º 68.

nouvelle car, d'après une dépêche du 4 octobre adressée par le duc de Newcastle au gouverneur du Cap, le *Narcissus,* sous le commandement du capitaine Biskford, entrait effectivement dans la baie et, le 5, faisait le simulacre de planter un drapeau sur l'île de l'Unhaca, après quoi il se retirait sans faire d'autres démonstrations.

Le 25, le journal officiel du Cap publiait une nouvelle annonçant que ce jour là le drapeau de la Grande-Bretagne avait été arboré sur les îles de l'Unhaca et des Éléphants, qui venaient d'être déclarées possessions anglaises et annexées à la colonie de Natal!

Le commissaire portugais de la commission mixte protesta immédiatement contre ce fait dans sa dépêche officielle du 5 décembre qu'il adressa au gouverneur du Cap; celui-ci lui déclara, dans sa réponse, que sa réclamation allait être envoyée au gouvernement de Sa Majesté Britannique [1].

En outre, ce gouverneur déclara verbalement au commissaire portugais que son gouvernement *avait agi avec le consentement du gouvernement portugais* en annexant ces îles à la colonie de Natal; et mr. Pritchard, secrétaire de l'amirauté, montra, dans une lettre adressée le 10 août au commissaire [2], qu'il était dans la même persuasion au sujet d'un accord entre les deux gouvernements. De tous ces faits le commissaire portugais donna connaissance au gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle dans une dépêche officielle datée du 21 décembre [3].

Le comte de Lavradio, ministre de Portugal à Londres, protesta sans retard au nom de son gouvernement, dans une note datée du 22 février 1862 [4], dont réception lui fut accusée le 28 du même mois, par lord John Russell, qui lui déclara en même temps que le ministre de Sa Majesté Britannique à Lisbonne communiquerait au gouvernement portugais la réponse de l'Angleterre au sujet de sa réclamation [5].

Cette note diplomatique fut précédée d'une conférence qui eut lieu le 21 entre lord John Russell et le comte de Lavradio, conférence dans laquelle lord John Russell déclara verbalement à notre mi-

[1] Documents nos 63 et 64.
[2] Document nº 65.
[3] Document nº 66.
[4] Document nº 67.
[5] Document nº 68.

inglez *para reprimir o trafico de escravos*, como communicou o enviado portuguez em Londres ao seu governo em officio de 25 de fevereiro [1].

Em 17 de março de 1862 respondeu sir Arthur G. Magenis, ministro de Sua Magestade Britannica, á nota de 22 de fevereiro dirigida pelo enviado de Sua Magestade Fidelissima em Londres, pretendendo justificar o procedimento do seu governo, fundado por um lado em que o territorio ao sul da bahia de Lourenço Marques, onde estavam situadas as duas ilhas pertencia, á corôa de Inglaterra em virtude dos tratados celebrados em março e agosto de 1823 pelo capitão Owen com os regulos de Tembe e Maputo, e por outro lado em que o governo inglez, lançando mão das referidas ilhas, tinha por fito obstar ao trafico de escravos nas possessões portuguezas.

Acrescentava mais que não obstava:

1.° O artigo 2.° do tratado entre Portugal e a Inglaterra, e em que figura a bahia de Lourenço Marques como extremo sul das possessões portuguezas na Africa oriental; porque a bahia de Lourenço Marques, a que se referia o tratado, não era a bahia de Lourenço Marques ou Delagoa bay, mas a pequena bahia no rio de Lourenço Marques fronteira ao estabelecimento portuguez na margem norte d'esse rio.

2.° O facto de terem os portuguezes tido estabelecimento ao sul, no territorio do Tembe; porque pagavam ao rei Capella (Kappel) um presente ou fôro annual, e porque se considerassem sua a margem sul não teriam feito o principal estabelecimento na margem norte [2].

SECÇÃO III

3.ª Epocha

(1869–1871)

Em officio de 4 de abril de 1869 communicava o consul geral de Portugal no Cabo ao ministro dos negocios estrangei-

[1] Documento n.° 69.
[2] Documento n.° 70.

nistre que les îles de l'*Unhaca* et des *Éléphants* étaient *nécessaires* au gouvernement anglais pour *réprimer la traite des nègres*. Le comte de Lavradio fit part de cette conférence au gouvernement portugais dans sa dépêche du 25 février [1].

Le 17 mars 1862, sir Arthur G. Magenis, ministre de Sa Majesté Britannique, répondit à la note envoyée le 22 février par le ministre de Sa Majesté Très-Fidèle à Londres, en essayant de justifier le procédé de son gouvernement, basé d'une part, sur ce que le territoire, au sud de la baie de Lourenço Marques où se trouvaient situées les deux îles, appartenait à la couronne d'Angleterre en vertu des traités faits en mars et août 1823 par le capitaine Owen avec les régules de Tembe et de Mapouto, et, d'autre part, sur ce que le gouvernement anglais, en s'emparant des îles susdites, n'avait d'autre but que celui d'empêcher la traite des noirs dans les possessions portugaises.

Et il ajoutait qu'on ne pourrait pas lui opposer:

1° L'article 2e du traité entre le Portugal et l'Angleterre, qui représente la baie de Lourenço Marques comme l'extrémité sud des possessions portugaises dans l'Afrique orientale; attendu que la baie de Lourenço Marques à laquelle ce traité fait allusion n'est point la baie de Lourenço Marques ou Delagoa bay, mais bien la petite baie ou anse du fleuve du Saint-Esprit qui fait face à l'établissement portugais placé sur la rive nord de ce fleuve.

2° Le fait de l'existence d'un établissement portugais au sud, sur le territoire du Tembe; attendu que pour avoir cet établissement les Portugais donnaient au roi un présent ou un cens annuel *(fôro)*; et encore parce que, si les Portugais avaient regardé la rive sud comme leur appartenant, ils n'auraient point fait leur principal établissement sur la rive nord [2].

SECTION III

3e Époque

(1869–1871)

Dans une dépêche officielle du 4 avril 1869, le consul général de Portugal au Cap communiquait au ministre des affai-

[1] Document n° 69.
[2] Document n° 70.

ros que tendo o vapor *Peterel* saído mysteriosamente de *East London*, porto na Cafraria, para a bahia de Lourenço Marques, e desconfiando que não fosse unicamente para cruzar, soubera por um official da marinha ingleza terem vindo ordens de Londres ao commodoro da estação naval para mandar um vapor *tomar posse das terras de Tembe e Maputo* ao sul da bahia [1].

O encarregado de negocios de Portugal em Londres, Figanière Morão, protestou logo em 21 de junho, e pediu explicações contra similhante ordem a lord Clarendon [2]. O ministro inglez declarou ao nosso encarregado, em nota de 27 de agosto de 1869, *não ter o governo britannico, nem as suas auctoridades no Cabo, dado taes ordens para tomar posse d'aquelles territorios* [3].

Por occasião da negociação entre Portugal e a republica de Transvaal, que terminou pelo tratado de 29 de julho de 1869, em que o limite sul das possessões portuguezas é fixado no art. 23.° n.° 2 em 26° 30′ (comprehendendo por isso toda a bahia de Lourenço Marques), renovou a Inglaterra diplomaticamente a questão das suas pretensões á parte S. da bahia, em notas do seu ministro na côrte de Lisboa, de 25 e 26 de abril, e do seu encarregado de negocios, de maio de 1871, a que o governo portuguez respondeu em nota de 3 de julho seguinte [4].

Replicou o mesmo encarregado de negocios em nota de 17 de julho seguinte, declarando que, em virtude de um despacho de lord Granville, o seu governo não reconhecia direito algum de Portugal á parte meridional da bahia [5].

N'estas circumstancias, e sendo conveniente para ambas as partes terminar para sempre a questão de um modo honroso para ellas pelo recurso á arbitragem, já proposta pelo governo portuguez em notas de 5 de janeiro e 3 de fevereiro de 1869, do marquez de Sá da Bandeira ao ministro inglez em Lisboa, sir Charles Murray, decidiu-se a final o governo inglez a acceita-la, como communicou aquelle seu re-

[1] Documento n.° 71.
[2] Documento n.° 72.
[3] Documento n.° 73.
[4] Documentos n.os 74 a 76.
[5] Documento n.° 77.

res étrangères que le bateau à vapeur *Peterel* était revenu mystérieusement de *East-London*, port de la Cafrerie, dans la baie de Lourenço Marques, et que lui, consul, soupçonnant que ce voyage n'avait pas été uniquement entrepris dans un but de croisière, avait appris d'un officier de la marine anglaise que des ordres transmis de Londres au commodore de la station navale lui enjoignaient d'envoyer un bateau à vapeur *prendre possession des terres de Tembe et de Mapouto* au sud de la baie [1].

Le chargé d'affaires de Portugal à Londres, Figanière Morão, protesta le 21 juin et demanda des explications au sujet de ces ordres singuliers de lord Clarendon [2]. Dans une note du 27 août 1869, le ministre anglais déclara à notre chargé d'affaires, *que le gouvernement britannique, non plus que les autorités anglaises du Cap, n'avait donné aucun ordre relativement à une prise de possession de ces territoires* [3].

A l'occasion de la négociation entamée entre le Portugal et la république du Transvaal, négociation qui aboutit au traité du 29 juillet 1869 dans lequel les limites sud des possessions portugaises sont placées sous le 26° 30′ (comprenant ainsi toute la baie de Lourenço Marques), l'Angleterre renouvela diplomatiquement l'exposé de ses prétentions à la partie sud de la baie, dans les notes de son ministre à Lisbonne, du 25 et du 26 avril, et de son chargé d'affaires, de mai 1871, auxquelles le gouvernement portugais répondit dans une note du 3 juillet suivant [4].

Le même chargé d'affaires répliqua dans sa note du 17 juillet et déclara que, en vertu d'une dépêche officielle de lord Granville, son gouvernement ne reconnaissait au Portugal aucun droit sur la partie méridionale de la baie [5].

En cette occurrence, et comme il convenait aux deux parties de terminer pour toujours ce différend d'une manière honorable et au moyen d'un arbitrage, comme cela avait déjà été proposé dans les notes du 5 janvier et du 3 février 1869, du marquis de Sá da Bandeira, adressées au ministre anglais à Lisbonne, sir Charles Murray, le gouvernement britannique se décida enfin à accepter cette proposi-

[1] Document n° 71.
[2] Document n° 72.
[3] Document n° 73.
[4] Documents n°s 74 à 76.
[5] Document n° 77.

presentante em Lisboa, em nota de 28 de setembro de 1871; seguindo-se depois os mais termos até á escolha e acceitação do arbitro, e á assignatura do protocollo de 25 de setembro de 1872.

Conclusões d'este capitulo:

1.° A Inglaterra contesta a Portugal a parte meridional da bahia, isto é, os territorios de *Tembe* e *Maputo,* a começar na margem S. do rio do Espirito Santo, e a terminar na ponta S. da bahia nas ilhas da *Unhaca* e dos *Elephantes*;

2.° Portugal entende que esses territorios lhe pertencem, que a bahia *inteira* é sua, e que por isso a sua soberania se estende a 26° 30′;

3.° As pretensões de Inglaterra á parte meridional têem-se manifestado em tres epochas differentes;

4.° A questão nasceu em virtude de uns chamados tratados datados de março e agosto de 1823, e que o capitão Owen, da marinha britannica, disse ter celebrado com os regulos de *Tembe* e *Maputo,* tratados contra os quaes protestaram logo os regulos e o governo portuguez;

5.° Foi tão energica a nossa reclamação contra a serie de attentados praticados por Owen, que a ultima nota do nosso enviado em Londres, de 22 de maio de 1828, ficou sem resposta;

6.° O governo inglez que desde essa data (22 de maio de 1828) guardára o mais profundo silencio durante *trinta e tres annos,* declarou annexadas á colonia do Natal as ilhas da *Unhaca* e dos *Elephantes,* e mandou por despacho de 4 de outubro de 1861, do duque de New-Castle, arvorar n'ellas a bandeira ingleza, insinuando ás suas auctoridades que o fazia com o consentimento do governo portuguez;

7.° Esse simulacro de posse verificou-se no dia 5 de novembro d'esse anno de 1861, e limitou-se á collocação na *Unhaca* da bandeira ingleza, que logo desappareceu;

8.° Protestou sem demora contra o facto o governo portuguez, e não foi por diante a tentativa da Inglaterra, com relação ás ilhas da *Unhaca* e dos *Elephantes,* e menos ainda com respeito ao *Tembe* e *Maputo,* territorios de que nem sequer ou-

tion, ainsi que cela fut communiqué par le ministre anglais dans sa note du 28 septembre 1871, après quoi eurent lieu les formalités nécessaires pour arriver au choix et à l'acceptation de l'arbitre, et à la signature du protocole du 25 septembre 1872.

Conclusions de ce chapitre:

1° L'Angleterre conteste au Portugal la partie méridionale de la baie, c'est-à-dire, les territoires de *Tembe* et de *Mapouto* depuis la rive sud du fleuve de *Saint-Esprit* jusqu'à la pointe sud de la baie formée par les îles de l'*Unhaca* et des *Éléphants;*

2° Le Portugal affirme que ces territoires lui appartiennent, que la baie entière est sienne et que sa souveraineté s'étend, par conséquent, jusqu'au 26° 30′;

3° Les prétentions de l'Angleterre à la souveraineté de la partie méridionale de la baie se sont manifestées à trois époques;

4° Le différend a été suscité par de certains traités en date de mars et d'août 1823, que le capitaine Owen, de la marine anglaise, assura avoir fait avec les régules de *Tembe* et de *Mapouto,* et contre lesquels protestèrent immédiatement les régules et le gouvernement portugais;

5° Notre réclamation contre les nombreuses violences du capitaine Owen fut tellement énergique que la dernière note de notre chargé d'affaires à Londres, du 22 mai 1828, resta sans réponse;

6° Le gouvernement anglais qui, depuis cette date (22 mai 1828) avait gardé, pendant *trente-trois années,* le plus profond silence à cet égard, déclara les îles de l'*Unhaca* et des *Éléphants* annexées à la colonie de Natal, et, par une dépêche officielle du duc de New-Castle, en date du 4 octobre 1861 il y fit arborer le drapeau anglais, tout en laissant croire aux autorités anglaises qu'il agissait ainsi avec le consentement du gouvernement portugais;

7° Ce simulacre de prise de possession eut lieu le 5 novembre de cette même année 1861 et se borna à l'action de planter dans l'*Unhaca* le drapeau anglais, qui disparut presque aussitôt;

8° Le gouvernement portugais protesta sans retard contre ce fait et la tentative de l'Angleterre au sujet des îles de l'*Unhaca* et des *Éléphants* n'eut pas d'autres suites; quant aux territoires de *Tembe* et de *Mapouto,* les Anglais n'eurent même pas

sou querer tomar posse, como declarou lord Clarendon em 27 de agosto de 1869;

9.° Finalmente, e por occasião do tratado entre Portugal e a republica do Transwal (no qual se reconheceu o nosso direito até 26° 30'), renovou a Inglaterra a sua pretensão abertamente a toda a parte meridional da bahia em 1871;

10.° Resolveu-se então submetter a questão á arbitragem pelo protocollo de 25 de setembro de 1872.

l'idée d'en prendre possession, comme le déclara lord Clarendon le 27 août 1869;

9° A l'occasion enfin du traité fait entre le Portugal et la république du Transvaal (traité dans lequel notre droit fut reconnu jusqu'au 26° 30'), l'Angleterre en 1871, renouvela ouvertement ses prétentions à toute la partie méridionale de la baie;

10° Par le protocole du 25 septembre 1872, il fut enfin résolu que ce différend serait soumis à un arbitrage.

PARTE QUARTA

Titulos em que se funda o direito de Portugal á parte contestada na bahia de Lourenço Marques

O direito da nação portugueza á parte contestada pela Gran-Bretanha na bahia de Lourenço Marques, assim como a *toda* a bahia, funda-se principal e subsidiariamente nos seguintes titulos:

1.° No *descobrimento* e *exploração* da bahia pelos portuguezes no seculo XVI.

2.° Na sua *occupação* e *posse* durante tres seculos.

3.° Na *natureza* da propria bahia que forma o accesso do territorio occupado pela nação portugueza, e que não é contestado.

4.° Na *doação* do imperador do Monomotapa no principio do seculo XVII.

5.° Na *doação* do regulo de Tembe.

6.° No *reconhecimento* expresso dos regulos ou chefes das tribus respectivas de Tembe e Maputo.

7.° No *reconhecimento* do direito de Portugal pelas nações da Europa.

8.° No *reconhecimento* d'esse direito pelo proprio governo inglez.

Estes titulos fazem objecto dos capitulos em que esta quarta parte vae dividida.

QUATRIÈME PARTIE

Titres sur lesquels s'appuient les droits du Portugal à la partie contestée de la baie de Lourenço Marques

Les droits de la nation portugaise à la partie contestée par la Grande-Bretagne dans la baie de Lourenço Marques ainsi qu'à *toute* la baie, s'appuient principalement et subsidiairement sur les suivants titres:

1° La *découverte* et l'*exploration* de la baie par les Portugais au XVIe siècle.

2° L'*occupation* et la *possession* de la baie pendant trois siècles.

3° La *nature* même de la baie qui forme l'accès du territoire occupé par les Portugais et qui ne leur est pas contesté.

4° La *donation* faite par l'empereur du Monomotapa au commencement du XVIIe siècle.

5° La *donation* faite par le régule de Tembe.

6° La *reconnaissance* expresse des régules ou chefs des tribus respectives de Tembe et de Mapouto.

7° La *reconnaissance* des droits du Portugal par les nations de l'Europe.

8° La *reconnaissance* de ce droit par le gouvernement anglais lui-même.

Ces titres font l'objet des chapitres qui divisent cette quatrième partie.

CAPITULO I

Prioridade do descobrimento e exploração da bahia pelos portuguezes no seculo XVI

Ninguem contesta a prioridade do *descobrimento* e da *exploração* da mesma

CHAPITRE I

Priorité de la découverte et de l'exploration de la baie par les Portugais au XVIe siècle

Personne ne conteste la priorité de la *découverte* et de l'*exploration* de cette

bahia, e respectivos rios e territorios no seculo XVI,

N'essa epocha era o *descobrimento,* segundo as idéas *então* em vigor, um *titulo* legitimo de acquisição do direito, e por isso o valor do titulo ha de ser apreciado pelos principios juridicos admittidos n'*esse* seculo [1].

Os titulos de quasi todas as nações europeas aos territorios possuidos por ellas na Europa derivam na sua origem, diz Wheaton, das conquistas posteriormente confirmadas por uma longa posse, e pelas relações internacionaes em que todas as nações successivamente tomaram parte. Os seus direitos aos territorios descobertos por Christovão Colombo no novo mundo, e aos que occupão na Asia e na Africa derivam tambem originariamente do *descobrimento,* da *conquista,* ou da *colonisação* nos seculos XVI e seguintes.

Pelas idéas em vigor na Europa nos seculos XV e XVI as nações pagãs que habitavam as regiões novamente descobertas eram consideradas como pertencendo legitimamente aos conquistadores christãos d'esses paizes; era *então* uma maxima de politica e de *direito;* e por isso em todas as guerras, tratados e negociações motivadas pelas pretensões rivaes das differentes potencias da Europa sobre territorios no continente americano, foram os direitos dos indios completamente postos de parte ou abandonados á discrição dos estados a que as convenções das differentes potencias europeas os tinham entregues.

A Inglaterra reconhecia e admittia então esse principio ou esse titulo de direito. As cartas patentes de Henrique VII a João Cabot e seus descendentes auctorisavam-nos, como seus vassallos ou logares tenentes, a descobrir todas as ilhas, paizes e provincias pertencentes a infieis, e a submetter e occupar esses territorios.

A rainha Izabel auctorisava igualmente sir Humphrey Gilbert a descobrir todas as regiões pagãs e insulares não possuidas por principes ou povos christãos, e a occupa-las.

[1] Sobre as theorias então em vigor vide, entre outros, Serafim de Freitas, *De justo imperio Lusitanorum Asiatico.* Valladolid, 1625.

baie au XVIe siècle ainsi que des fleuves et des territoires qui en dépendent.

A cette époque, la *découverte,* selon les idées *alors* en vigueur, était un titre légitime d'*acquisition* de *droit;* c'est pourquoi la valeur de ce titre doit être jugée d'après les principes juridiques admis à la *même époque* [1].

Les titres de presque toutes les nations aux territoires possédés par elles en Europe, dit Wheaton, dérivent, dans leur origine, des conquêtes postérieurement confirmées par une longue possession et par les rapports internationaux auxquels tous les pays ont pris successivement part. Leurs droits aux territoires découverts par Christophe Colomb dans le nouveau monde et à ceux qu'elles occupent en Asie et en Afrique, dérivent aussi originairement de la *découverte,* de la *conquête* et de la *colonisation* pendant le XVIe siècle et les suivants.

D'après les idées en vigueur parmi les nations de l'Europe aux XVe et XVIe siècles, les peuples payens qui habitaient les contrées nouvellement découvertes étaient considérés comme appartenant légitimement aux conquérants chrétiens de ces mêmes contrées: ceci était, *à cette époque,* une maxime de politique et de *droit;* c'est pourquoi, dans toutes les guerres, tous les traités ou toutes les conventions motivées par les ambitions rivales des différentes nations de l'Europe, et ayant pour objet la possession de territoires sur le continent américain, les droits des Indiens étaient complètement mis de côté ou abandonnés à la discrétion des États auxquels ces Indiens étaient livrés par les conventions des différentes puissances.

L'Angleterre reconnaissait et admettait alors ce principe ou ce titre de droit. Les lettres patentes données par Henri VII à Jean Cabot et à ses descendants les autorisaient, en qualité de ses vassaux ou lieutenants, à découvrir toutes les îles, pays ou provinces appartenant à des infidèles, à les soumettre et à les occuper.

La reine Élisabeth autorisait également sir Humphrey Gilbert à découvrir et à occuper toutes les contrées ou îles habitées par des peuples payens et non déjà placées sous la domination de princes ou

[1] Sur les théories alors en vigueur, voyez, entre autres, Serafim de Freitas, *De justo imperio Lusitanorum Asiatico* Valladolid, 1625.

E Selden, no seu *Mare clausum* queria d'este principio tirar até a conclusão de que, tendo Gilbert percorrido o Oceano e entrado no porto de S. João na Terra Nova, adquirira para a Gran-Bretanha o dominio do *mar* que havia percorrido[1]!

Por ser o descobrimento um titulo de direito na epocha em que foi realisado, ainda no seculo passado e no actual tem sido invocado.

Fundaram principalmente os Estados Unidos as suas pretensões ao territorio do Oregon, no descobrimento do rio Colombia pelo capitão Gray, de Boston, em 1792; na exploração do curso d'esse rio desde a sua origem até ao mar, pelos capitães Lewis e Clarke em 1805 e 1806; na prioridadade da occupação dos portos d'esse territorio pelos cidadãos americanos; e na acquisição pelo tratado de 1819 com a Hespanha, de todos os titulos d'esta potencia a esse territorio, baseados na descoberta do paiz por subditos hespanhoes.

Fundados tambem no descobrimento, tomaram os Estados Unidos posse em 19 de novembro de 1813 da Nova Beevah, ilha a que o capitão americano David Porter deu o nome de Maddison[2].

Pelo mesmo motivo, e porque o valor do titulo ha de ser apreciado pelo direito em vigor na epocha da acquisição do direito, foi a prioridade da descoberta considerada como titulo legitimo na questão de Portugal com a Inglaterra com respeito á ilha de Bolama na Guiné, e adduzida como um dos fundamentos da sentença arbitral de 21 de abril de 1870 proferida pelo presidente dos Estados Unidos a favor de Portugal: «*And it appearing that the said island of Bolama, and the said mainland opposite thereto were discovered by a Portuguese navigator in 1446*», etc.[3]

Sendo esta sentença proferida entre as *mesmas* partes, que hoje litigam perante o Presidente da republica franceza, faz direito entre ellas, e por isso não póde a Inglaterra contestar que a prioridade do descobrimento seja titulo com relação á bahia de Lourenço Marques, desde que essa prioridade foi considerada como tal

[1] De Rayneval, *De la liberté des mers*. Paris, 1811, tom. II, pag. 40 e 98.
[2] *Miscellen aus der neusten aus ländischen Litteratur*. Leipzig, 1814, pag. 577 e seg.
[3] Documento n.° 78.

de peuples chrétiens. Selden, dans son *Mare clausum*, alla même jusqu'à vouloir déduire de ce principe que Gilbert, ayant parcouru l'Océan et étant entré dans le port de Saint-Jean, à Terre-Neuve, avait, par ce fait, acquis à la Grande-Bretagne, le domaine de la *mer* qu'il avait parcourue[1].

La découverte était tellement, au moment de sa réalisation, un titre de droit, que ce titre a été invoqué au siècle dernier et même pendant le siècle actuel.

Les États-Unis appuyèrent principalement leurs prétentions au territoire de l'Orégon sur: la découverte du fleuve Columbia par le capitaine Gray, de Boston, en 1792; l'exploration du cours de ce fleuve depuis sa source jusqu'à la mer, par les capitaines Lewis et Clarke en 1805 et 1806; la priorité de l'occupation des ports de ce territoire par des citoyens américains; l'acquisition, enfin, par le traité de 1819 fait avec l'Espagne, de tous les titres que cette puissance avait à la possession de ce territoire, titres basés sur sa découverte par des sujets espagnols.

En vertu encore de la découverte, les États-Unis prirent, le 19 novembre 1813, possession de la Nouvelle-Beevah, île à laquelle le capitaine américain David Porter, donna le nom de Maddison[2].

Par la même raison, et parce que la valeur du titre doit être appréciée d'après le droit en vigueur à l'époque de l'acquisition de ce droit, la priorité de la découverte fut considérée comme un titre légitime lors du différend soulevé entre le Portugal et l'Angleterre au sujet de l'île de Boulama dans la Guinée, et admise comme une des bases du jugement arbitral rendu le 21 avril 1870 en faveur du Portugal par le président des États-Unis: «*And it appearing that the said island of Bolama, and the said mainland opposite thereto were discovered by a Portuguese navigator in 1446*», etc.[3]

Ce jugement ayant été prononcé entre les *mêmes* parties qui plaident aujourd'hui leur cause auprès du Président de la république française, établit un droit entre elles et par conséquent l'Angleterre ne peut contester que la priorité de la découverte soit un titre à la propriété de la baie de Lourenço Marques, puisque cette

[1] De Rayneval, *De la liberté des mers*. Paris, 1811, tom. II, pag. 40 et 98.
[2] *Miscellen aus der neusten aus ländischen Litteratur*. Leipzig, 1814, pag. 577 et suiv.
[3] Document n° 78.

n'aquella sentença com respeito á ilha de Bolama.

Nem póde contra isto objectar-se que a decisão do presidente dos Estados Unidos n'essa questão entre Portugal e a Inglaterra só constitue caso julgado quanto ao *dispositivo,* mas não quanto aos *motivos* da sentença; os motivos objectivos de qualquer sentença são parte integrante do seu dispositivo, não podem d'elle separar-se, e constituem, como elle, caso julgado.

Esta doutrina, já sustentada por Boehmer e por outros jurisconsultos, tem ainda ultimamente a seu favor a auctoridade do celebre Savigny [1].

CAPITULO II

Occupação e posse durante tres seculos

Não desconhecemos que são hoje raras em direito internacional as occasiões praticas de fazer applicação dos principios da posse e prescripção, e que sobre outras bases assenta nos nossos dias a demonstração do direito de propriedade internacional.

A prescripção acquisitiva do direito privado não póde ser invocada como frequentemente o era pelos principes na epocha em que os territorios extremamente divididos formavam para elles como uma propriedade *patrimonial,* e originavam, por exemplo, as contestações, submettidas á decisão do parlamento de París, entre a casa de Austria e o rei da Polonia a respeito da Bohemia e de parte da Moravia por causa da herança do imperador Sigismundo.

Todavia a posse representa ainda hoje um papel importante em direito internacional. Tres systemas principaes dividem os jurisconsultos e escriptores de direito.

Uns (e tal é a doutrina mais geral, professada por Wheaton) entendem que a *longa posse* de um territorio por uma nação exclue só por si o direito de qualquer outra, em virtude de um consenso geral;

priorité de découverte a été ainsi considérée par le jugement prononcé à l'égard de l'île de Boulama.

Et contre ceci on ne peut objecter que la décision du président des États-Unis dans cette question entre le Portugal et l'Angleterre constitue seulement chose jugée quant au *dispositif* et non quant aux *motifs* de la sentence; les motifs objectifs de toute sentence appartenant intégralement à son dispositif et, comme la sentence, constituant chose jugée.

Cette doctrine déjà soutenue par Boehmer et par d'autres jurisconsultes a été dernièrement appuyée de l'autorité du célèbre Savigny [1].

CHAPITRE II

Occupation et possession pendant trois siècles

Nous n'ignorons pas qu'en droit international les occasions pratiques d'appliquer les principes de la possession et de la prescription sont rares aujourd'hui et qu'à notre époque, la démonstration du droit de propriété internationale repose sur d'autres bases.

La prescription acquisitive du droit privé ne peut être aujourd'hui invoquée comme elle l'était souvent par les princes à l'époque où les territoires extrêmement divisés formaient pour eux une propriété *patrimoniale* et donnaient lieu à des contestations comme celles, par exemple, qui furent soumises à la décision du parlement de Paris entre la maison d'Autriche et le roi de Pologne au sujet de la Bohême et d'une partie de la Moravie, et qui étaient relatives à la succession de l'empereur Sigismond.

Toutefois la possession remplit de nos jours un rôle important dans le droit international. Trois principaux systèmes partagent les jurisconsultes et les écrivains qui s'occupent de droit.

Les uns, (et telle est la doctrine la plus générale, professée par Wheaton) entendent que la possession *pendant longtemps* d'un territoire par une nation exclut par elle-même le droit de toute autre en vertu

[1] *Exercit. ad Pandect.*, tom. v, pag. 534 § 18. «Equidem rationes decidendi virtualiter sententiae inesse creduntur, cum contineant fundamenta, quibus judex motus sententiam eo quo factum est modo tulit, adeoque eamdem vim cum ipsa sententia habere videntur».

[2] *Traité du droit romain,* tom. VI. Paris, 1849, §§ 291-294.

[1] *Exercit. ad Pandect,* tom. v, p. 534 § 18. «Equidem rationes decidendi virtualiter sententiae inesse credentur, cum contineant fundamenta, quibus judex motus sententiam eo quo factum est modo tulit, adeoque eamdem vim cum ipsa sententia habere videntur».

[2] *Traité du droit romain,* tom. VI. Paris, 1849, §§ 291-294.

o qual, ou se considere como um contrato tacito ou como um direito positivo, é respeitado por todas as nações, que a não procederem assim abalariam os seus proprios titulos ao territorio que occupam: «*L'usage constant et approuvé des nations*, diz elle, *montre que, quel que soit le nom qu'on donne à ce droit, la possession non interrompue par un État d'un territoire ou de tout autre bien pendant un certain laps de temps exclut les droits de tout autre État à cet égard*[1].»

Reconhecem outros a posse internacional como titulo de direito apenas em relação a alguma porção de territorio em regiões remotas, ou á fixação de limites.

Outros finalmente não a admittem como titulo de direito, mas só como consideração subsidiaria e confirmativa das outras demonstrações de propriedade[2].

Qualquer que seja porém o aspecto debaixo do qual encaremos a posse internacional, tem-na Portugal em seu favor, ou seja como titulo de direito independente de qualquer outro, ou como consideração subsidiaria em confirmação dos outros titulos.

A posse de Portugal reune todas as condições juridicas relativas ao caracter e á duração da posse, porque é fundada em titulo, tem sido exercida a titulo de propriedade, e é publica e continua.

É fundada em titulo, porque deriva do descobrimento e occupação, que era no seculo XVI titulo de acquisição do dominio internacional.

Tem sido exercida a titulo de propriedade *(animo domini)*, porque ha tres seculos occupâmos como *proprietarios* a bahia de Lourenço Marques, affirmando o nosso direito e soberania, sustentando-o com fortaleza e fortificações, e defendendo-o quando atacado, como foi pelos austriacos no seculo passado, como já mostrámos.

Não fomos detentores precarios, ou em nome alheio que invertessemos o titulo da posse. Se tivessemos occupado a titulo de

[1] *Éléments de droit international*, tom. I, part. II, cap. IV, § 4.°

[2] Ortolan, *Domaine international*. Paris, 1851, pag. 131.

d'un assentiment général, lequel assentiment se considère, ou comme un contrat tacite ou comme un droit positif et respecté par toutes les nations qui ne pourraient agir autrement sans compromettre leurs propres droits aux territoires qu'elles occupent: «*L'usage constant et approuvé des nations*, dit-il, *montre que quel que soit le nom qu'on donne à ce droit, la possession non interrompue par un État d'un territoire ou de tout autre bien pendant un certain laps de temps, exclut les droits de tout autre État à cet égard*[1].

D'autres reconnaissent la possession internationale comme titre de droit à peine applicable à quelque partie d'un territoire occupé dans des régions lointaines ou à la fixation de limites.

Enfin d'autres n'admettent pas cette possession comme titre de droit, mais seulement comme considération subsidiaire ou confirmative d'autres titres de propriété[2].

Sous quelque aspect, toutefois, que nous envisagions la possession internationale, elle est en faveur du Portugal soit comme titre de droit indépendant de tout autre, soit comme considération subsidiaire et confirmative des autres titres.

La possession portugaise réunit toutes les conditions juridiques relatives à la nature et à la durée de la possession, parce qu'elle est fondée en titre, qu'elle a toujours été exercée à titre de propriété, et qu'elle est publique et continue.

Elle est fondée en titre parce qu'elle provient de la découverte et de l'occupation, ce qui au XVIe siècle constituait un titre d'acquisition du domaine international.

Elle a été exercée à titre de propriété *(animo domini)* parce que, depuis trois siècles, nous occupons comme propriétaires la baie de Lourenço Marques, affirmant notre droit et notre souveraineté, l'appuyant d'une forteresse et de fortifications, et la défendant lorsqu'elle était attaquée ainsi qu'elle le fut par les Autrichiens dans le siècle dernier, comme nous l'avons déjà dit plus haut.

Nous n'avons pas été détenteurs précaires ou au nom d'autrui ayant interverti notre titre de possession. Si nous

[1] *Éléments de droit international*, tom. I, part. II, chap. IV, § 4.°

[2] Ortolan, *Domaine international*. Paris, 1851, pag. 131.

soccorro e protecção dos regulos, ou como hypotheca de algum credito, como os venezianos occuparam Mantua para garantia dos quatro milhões emprestados a Henrique de Gonzaga, duque de Mantua, ou como o ultimo duque de Borgonha, Carlos o Temerario, recebendo em hypotheca do imperador Frederico III a Alsacia e uma parte da Floresta Negra, não poderiamos invocar essa detenção nem prevalecer-nos d'ella. Mas a nossa posse na bahia de Lourenço Marques foi sempre a titulo de *soberania*.

Tem sido *publica*, porque se tem sempre manifestado por actos externos, ostensiveis a todos.

Tem sido finalmente *continua*, porque não é constituida por actos passageiros, intermittentes ou transitorios, mas por uma occupação *permanente* durante tres seculos, e pelo *exercicio* constante da nossa *soberania* em toda a bahia.

E nem se diga contra a nossa posse que não temos actualmente estabelecimentos em *toda* a parte sul da bahia (*Tembe* e *Maputo*).

Em primeiro logar, acceitando a questão no terreno da posse material de territorio, respondemos que para conservar a posse de *toda* a bahia não era preciso cobri-la *toda* de estabelecimentos:

1.º Porque, segundo a doutrina de Diocleciano e Maximiano, na const. 4, cod. *de acquir. posses.*: «*Licet possessio nudo animo adquiri non possit, tamen solo animo retineri potest...*»; e por isso concluem: «*Si ergo praediorum desertam possessionem non delinquendi affectione, transacto tempore non coluisti, sed... culturam eorum distulisti, praejudicium ex transmissi temporis injuria generari non potest*»; principio este que passou para a jurisprudencia moderna, e é ensinado por Troplong: «*La possession n'a pas besoin pour se conserver d'un fait corporel extérieur, l'intention suffit... elle persévère tant qu'une volonté contraire ne vient pas la détruire*» [1].

D'onde resulta que ainda quando Portugal não tivesse hoje estabelecimento algum na parte sul da bahia (o que não

[1] *De la prescription*, n.º 263.

eussions occupé la baie à titre de secours et de protection donnés aux régules, ou si nous l'eussions prise comme hypothèque d'une créance quelconque, ainsi que le firent les Vénitiens qui occupèrent Mantoue pour garantir les quatre millions prêtés à Henri de Gonzague, duc de Mantoue, ou ainsi qu'en usa le dernier duc de Bourgogne, Charles-le-Téméraire, recevant en hypothèque, de l'empereur Frédéric III, l'Alsace et une partie de la Forêt-Noire, nous ne pourrions invoquer cette occupation ni nous en prévaloir; mais notre possession de Lourenço Marques a toujours été exercée à titre de *souveraineté*.

Elle a été *publique*, parce qu'elle s'est toujours manifestée par des actes publics et connus de tous.

Elle a enfin été *continue* parce qu'elle n'est pas constituée par des actes passagers, intermittents ou transitoires, mais par une occupation permanente pendant trois siècles et par l'*exercice* constant de notre *souveraineté* dans toute la baie.

Et que l'on ne vienne pas dire, pour contester notre possession, que nous n'avons pas actuellement des établissements dans *toute* la partie sud de la baie (*Tembe* et *Mapouto*).

En premier lieu, si nous acceptons la discussion sur le point de la possession matérielle du territoire, nous répondrons que, pour conserver la possession de *toute* la baie, il n'était point nécessaire de la couvrir, *toute*, d'établissements.

1° Parce que, suivant la doctrine de Dioclétien et de Maximien, dans la const. 4, Cod. *de acquir posses.*: «*Licet possessio nudo animo adquiri non possit, tamen solo animo retineri potest...*»; d'où ils concluent: «*Si ergo praediorum desertam possessionem non delinquendi affectione, transacto tempore non coluisti, sed... culturam eorum distulisti, praejudicium ex transmissi temporis injuria generari non potest*»; principe qui est passé dans la jurisprudence moderne et qui est enseigné par Troplong: «*La possession n'a pas besoin pour se conserver d'un fait corporel extérieur, l'intention suffit... elle persévère tant qu'une volonté contraire ne vient pas la détruire*» [1].

D'où il résulte que, quand même le Portugal n'aurait pas aujourd'hui un seul établissement dans la partie sud de la baie

[1] *De la prescription*, n° 263.

é exacto) conservaria *solo animo* a sua posse.

2.° Porque a posse exerce-se não só por meio de estabelecimentos, mas tambem pela exploração das propriedades, conforme o seu destino; e, abstrahindo ainda dos estabelecimentos, Portugal tem-na exercido em toda a parte sul por meio da caça do elephante em territorio de Tembe e de Maputo no tempo proprio, a ponto de os caçadores portuguezes se estenderem nas suas excursões até ás terras do Panda, rei dos Zulus; e esta posse até, segundo direito, não se exerce por actos quotidianos, conforme a doutrina de Paulo na lei 3.ª, § 11.°, Dig. *de acquir. posses.*: «*Saltus hibernos, aestivosque animo possidemus, quamvis eos certis temporibus relinquamus*».

3.° Porque a posse conserva-se tambem por meio de vestigios, porque por elles se prova a sua continuidade, sobretudo sendo manifesta a vontade do não abandono, e esses vestigios estão ainda palpitantes no *Tembe* em restos da nossa primeira fortaleza, cuja existencia não é contestada, e no padrão que n'esse territorio collocámos em 1796.

A posse e a sua continuidade prova-se com effeito, segundo Troplong [1], por vestigios e restos de construcções que n'outro tempo servissem a protege-la, porque os vestigios são de algum modo actos *permanentes* e *continuos* que attestam a existencia do direito que se possue, e que são a prova de que não se abandona.

É a mesma doutrina sustentada já muito antes em França por D'Argentré [2]: «*Per signa enim talia... retinetur juris possessio: per signum enim retinetur signatum. Sunt enim ista actus permanentes et continui... Quare consulunt auctores scolastici ut dirutis aedificiis, quam maxime pali, ridicae et vestigia conservantur; quia in talibus consistit et conservatur possessio... Quare manente signo, nemo libertatem contra habentem praescribit, propter retentionem possessionis in signo permanente*».

4.° Porque a posse com relação ao ter-

[1] *De la prescripton* ao art. 2229 do cod. francez, n.os 343 e 550; Merlin, *Répert.* v. Prescription, secç. 1.ª, § 5.°, art. 3.°, n.° 3.°; Aubry et Rau sur Zachariae, tom. II, pag. 78, not. 23.°; Roux de Bretagne, *Traité de la prescription.* Paris, 1861, tom. I, pag. 226.

[2] *Sur Bretagne*, art. 368.°, pag. 1549 e 1550.

il n'en conserverait pas moins *solo animo* sa possession.

2° Parce que la possession ne s'exerce pas seulement au moyen d'établissements, mais aussi par l'exploitation des propriétés, suivant leur destination; et, abstraction faite des établissements, le Portugal a exercé sa possession dans toute la partie sud de la baie par la chasse à l'éléphant sur le territorie de Tembe et de Mapouto, pendant la saison propice, si bien que les chasseurs portugais ont même poussé leurs excursions jusqu'aux terres de Panda, roi des Zoulous; possession qui, selon le droit, ne s'exerce pas par des actes quotidiens, suivant la doctrine de Paul dans la loi 3e § 11°, Dig. *de acquir. posses.*: «*Saltus hibernos, aestivosque animo possidemus, quamvis eos certis temporibus relinquamus*».

3° Parce que la possession se conserve également au moyen de vestiges, car ils prouvent sa continuité surtout lorsque la volonté de non-abandon est manifeste; et ces vestiges sont encore bien visibles dans le *Tembe,* dans les ruines de notre premier fort dont l'existence n'est pas contestée, et dans le monument commémoratif que nous avons élevé sur ce territoire en 1796.

En effet, suivant Troplong [1], la possession et sa continuité sont prouvées par des vestiges et des restes de constructions qui auraient jadis servi à la défendre, parce que les vestiges sont en quelque sorte des actes *permanents* et *continus* qui attestent l'existence du droit que l'on possède et sont autant de preuves que l'on n'abandonne pas ce droit.

C'est la même doctrine qui, longtemps auparavant, fut soutenue en France par d'Argentré [2]: «*Per signa enim talia... retinetur juris possessio: per signum enim retinetur signatum. Sunt enim ista actus permanentes et continui... Quare consulunt auctores scolastici ut dirutis aedificiis, quam maxime pali, ridicae et vestigia conservantur; quia in talibus consistit et conservatur possessio... Quare manente signo, nemo libertatem contra habentem praescribit, propter retentionem possessionis in signo permanente*».

4° Parce que la possession, à l'égard du

[1] *De la prescription*, à l'art. 2229 du code français, nos 384 et 550; Merlin, *Répert.* v. Prescription, sect. 1ère § 5, art. 3, n° 3°; Aubry et Rau sur Zacharie, tom. II pag. 78, note 23; Roux de Bretagne, *Traité de la prescription.* Paris, 1861, tom. I, pag. 226,

[2] *Sur Bretagne*, art. 368, pag. 1549 et 1550.

ritorio de *Maputo*, de que faz parte a ilha da Unhaca, prova-se pelo facto de havermos desoccupado essa ilha como testemunho de respeito á arbitragem, facto que demonstra a existencia da posse e occupação antecedente.

Mas a questão da posse deve principalmente ser encarada debaixo do ponto de vista da *soberania*, que é um direito, e por isso como *posse de direitos*, e n'esse caso respondemos então:

1.° Que Portugal tem exercido a sua soberania em *toda* a bahia, mesmo em relação aos territorios de *Tembe* e de *Maputo*, sempre que tem sido necessario manifesta-la, como já se demonstrou no capitulo III da parte III d'esta memoria.

2.° Que, conforme os principios de direito, consagrados pelo presidente Fabre, e mais modernamente por Troplong, a continuidade da posse dos direitos estabelece-se por actos reiterados, de tempos a tempos, segundo as necessidades de nos servirmos desses direitos.

«*Jurium incorporalium quasi possessio* (diz o primeiro [1]) *in actibus discontinuis et inducitur et probatur per duos actus uniformes... et unus actus potest sufficere, si toto tempore quod hominum memoriam complectitur, non nisi semel casus evenerit, in quo uti jure suo actor potuerit, sive a quibus causam habet.*»

«*Des actes réitérés de temps en temps* (escreve o segundo [2]) *à certains intervalles inégaux, conformément aux besoins de l'usager, suffiraient pour établir juridiquement la continuité.*»

3.° Que estes mesmos principios estão reconhecidos pelo tribunal de cassação de França em accordão de 5 de junho de 1839: «*La possession* (diz elle) *s'exerce suivant la nature de l'objet auquel elle s'applique, et celle, qui ne peut se manifester qu'à de certains intervalles par des faits distincts et plus ou moins séparés, n'en est pas moins continue par cela seul qu'elle a été exercée dans toutes les occasions et à tous les moments où elle devait l'être, et qu'elle n'a pas été interrompue, soit par la cessation absolue d'actes, soit par des actes contraires* [3]».

Quando porém (o que só por simples

[1] Cod. lib. VII, tit. VII, def. III.
[2] *De la prescription*, n° 339.
[3] Dalloz, 39, 1, 237; Le Roux de Bretagne, *Nouveau traité de la prescripton en matière civile.* Paris, 1869, tom. I, pag. 221 e seg.

territoire de *Mapouto* dont fait partie l'île de l'Unhaca, est prouvée par le fait de notre sortie de l'île, effectuée uniquement pour montrer notre respect envers l'arbitrage, fait qui démontre l'existence de la possession et de l'occupation antérieure.

Mais la discussion doit être principalement envisagée sous le point de vue de la *souveraineté*, qui est un droit, et par conséquent comme *possession de droits*, et dans ce cas nous répondrons:

1° Que le Portugal a exercé sa souveraineté sur *toute* la baie, y compris les territoires de *Tembe* et de *Mapouto*, chaque fois qu'il a eu besoin de la manifester, ainsi que cela a été démontré dans le chapitre III de la troisième partie de ce mémoire.

2.° Que, selon les principes de droit, consacrés par le président Fabre et, plus récemment, par Troplong, la continuité de la possession des droits s'affirme par des actes réitérés de temps en temps, suivant la nécessité que nous avons de faire usage de ces droits.

«*Jurium incorporalium quasi possessio* (dit le premier [1]) *in actibus discontinuis et inducitur et probatur per duos actus uniformes... et unus actus potest sufficere, si toto tempore quod hominum memoriam complectitur, non nisi semel casus evenerit, in quo uti jure suo actor potuerit, sive a quibus causam habet.*»

«*Des actes réitérés de temps en temps* (écrit le second [2]) *à certains intervalles inégaux, conformément aux besoins de l'usager, suffiraient pour établir juridiquement la continuité.*»

3.° Que ces mêmes principes sont reconnus par la cour de cassation de France, dans un arrêt du 5 juin 1839: «*La possession*, (y est-il dit) *s'exerce suivant la nature de l'objet auquel elle s'applique, et celle qui ne peut se manifester qu'à de certains intervalles par des faits distincts et plus ou moins séparés, n'en est pas moins continue par cela seul qu'elle a été exercée dans toutes les occasions et à tous les moments où elle devait l'être, et qu'elle n'a pas été interrompue, soit par la cessation absolue d'actes, soit par des actes contraires* [3]».

Si pourtant, (ce que l'on ne peut admet-

[1] Cod. liv. VII, tit. VII, def. III.
[2] *De la prescription*, n° 339.
[3] Dalloz, 39, 1, 237; Le Roux de Bretagne, *Nouveau traité de la prescription en matière civile.* Paris, 1869, tom. I, pag. 221 et suiv.

hypothese, e salvas todas as reservas, se admitte) os dois primeiros titulos tivessem sido prejudicados pelo *abandono* de Portugal, como sustentam alguns escriptores inglezes, allegando que Portugal abandonou a bahia, que foi occupada pelos hollandezes, abandonada tambem por elles, e depois occupada pelos austriacos; n'esse caso pela expulsão d'estes em 1781 teriam os Portuguezes novamente adquirido direito a ella desde 1781 por titulo de *conquista,* firmada pelo seu estabelecimento permanente até hoje, e pelo reconhecimento dos regulos.

CAPITULO III

A bahia forma o accesso do territorio não contestado

Independentemente das considerações deduzidas do descobrimento e exploração, e da occupação e posse de toda a bahia, ha uma outra derivada da sua natureza, que torna incontestavel o direito de Portugal.

A bahia de Lourenço Marques não podia deixar de ser portugueza desde o momento que dentro d'ella a nação portugueza tinha a fortaleza e povoação á entrada do rio do *Espirito Santo,* que n'ella esboca, porque, segundo o direito das gentes, são considerados dependencia de um territorio as *bahias* e portos, artificiaes ou naturaes, que formam o accesso do mesmo territorio.

Esta doutrina, reconhecida já pelo direito romano na L. 15 *Dig. de publicanis*[1], passou para as nações modernas, e é admittida pelos escriptores e codigos das nações.

Começaremos pela França:

« *Tout ce que nous avons dit des parties de la mer voisine des côtes* (escreve Vattel[2]), *se dit plus particulièrement et à plus forte raison des rades, des baies et des détroits, comme plus capables d'être occupés, et plus importants à la sûreté du pays.* »

« *Le territoire maritime de chaque État comprend les ports, baies, rades, golfes, embouchures des fleuves* », diz Pradier-Fodéré, annotando esse logar de Vattel[3].

« *On doit ranger sur la même ligne que les rades et les ports, les golfes et les baies*

[1] Portus quoque, qui insulae essent, omnes ejus insulae esse viderentur.

[2] *Le droit des gens,* liv. I, cap. XXIII, § 291.

[3] Vattel, *Le droit des gens,* nouv. edit. par Pradier-Fodéré. Paris, 1863, tom. I, pag. 584.

tre que par pure hypothèse et toutes réserves faites) les deux premiers titres étaient périmés par l'*abandon* du Portugal, ainsi que le soutiennent quelques écrivains anglais qui prétendent que le Portugal a abandonné la baie; qu'elle fut ensuite occupée par les Hollandais, puis abandonnée par eux pour être plus tard occupée par les Autrichiens, l'expulsion de ces derniers en 1781 aurait acquis aux Portugais, à titre de *conquête* affirmée par leur établissement jusqu'aujourd'hui et par la reconnaissance des régules, un nouveau droit sur la baie.

CHAPITRE III

La baie forme l'accès du territoire non contesté

Indépendamment des considérations qui découlent de la découverte, de l'exploitation, de l'occupation et de la possession il en existe une autre qui, par la nature même de la baie, rend incontestable le droit du Portugal.

La baie de Lourenço Marques devait être forcément portugaise, du moment où le Portugal possédait, à l'embouchure du fleuve du *Saint-Esprit* qui s'y jette, un fort et un village, parce que, d'après le droit des gens, sont considérés comme dépendances d'un territoire les *baies* et les ports naturels ou artificiels qui forment l'accès de ce même territoire.

Cette doctrine, déjà reconnue par le droit romain dans la L. 15 *Dig. de publicanis* [1], a été transmise aux nations modernes et reçue par les publicistes et les codes de toutes les nations.

La France nous en fournit le premier exemple:

« *Tout ce que nous avons dit des parties de la mer voisine des côtes* (écrit Vattel [2]) *se dit plus particulièrement et à plus forte raison des rades, des baies et des détroits, comme plus capables d'être occupés, et plus importants à la sûreté du pays.* »

« *Le territoire maritime de chaque État comprend les ports, baies, rades, golfes, embouchures des fleuves* », dit Pradier-Fodéré en annotant ce passage de Vattel [3].

« *On doit ranger sur la même ligne que les rades et les ports, les golfes et les baies*

[1] Portus quoque, qui insulae essent, omnes ejus insulae esse viderentur.

[2] *Le droit des gens,* liv. I, chap. XXIII, § 291.

[3] Vattel, *Le droit des gens,* nouv. édit. par Pradier-Fodéré. Paris, 1863, tom. I, pag. 584.

et tous les enfoncements connus sous d'autres dénominations... lorsque l'entrée peut en être gouvernée par l'artillerie ou qu'elle est défendue naturellement par des îles, par des bancs ou par des rochers. Dans tous ces cas, en effet, il est vrai de dire que ces golfes, ou ces baies sont en la puissance de l'État maître du territoire», etc., escreve Theodoro Ortolan[1].

«*Les parties de la mer qui pénètrent dans le territoire continental, tels que les golfes et les baies ... appartiennent au territoire maritime*», escreve o barão Ferdinand de Cussy[2].

E o mesmo sustenta de Moreuil, acrescentando: «*En effet, il est certaines parties rapprochées des terres, participant en quelque sorte de leur condition, ou ces causes cessent plus ou moins d'exister et ou, par conséquent, ces droits* (de propriété et d'empire) *peuvent avoir lieu*», etc.[3]

«*La pleine mer*, escreve tambem Eug. Ortolan[4], *n'est susceptible ni de propriété ni d'empire de la part d'une nation à l'égard des autres... Le même raisonnement ne serait pas exact quant aux parties plus restreintes de la mer; telles que les ports et les rades, les golfes et les baies... c'est ce qui forme le territoire maritime... Dans ces limites la nation exerce une possession réelle et permanente, elle est à même d'éloigner toute action étrangère.*»

Na Italia é a mesma doutrina professada pelos jurisconsultos e publicistas d'esse paiz.

«*Tout ce qui a été dit à l'égard des côtes de la mer doit se dire à plus forte raison des baies, détroits et ports, lesquels dépendent manifestement, ou plutôt font partie du pays qu'ils embrassent... J'ai dit à plus forte raison, parce qu'ils importent plus à la sûreté du pays*», escreve o conde Lucchesi Palli[5].

Entre os allemães é fóra de duvida o mesmo principio.

«*Au territoire maritime*, diz Kluber[6], *appartiennent les districts maritimes ou parages susceptibles d'une possession exclusive,*

[1] *Règles internationales et diplomatie de la mer*, 4e édit. Paris, 1864, tom. I, pag. 145.

[2] *Dictionnaire ou manuel-lexique du diplomate et du consul.* Leipzig, 1846, v. *Territoire maritime*, pag. 692.

[3] *Dictionnaire des chancelleries diplomatiques et consulaires.* Paris, 1855, tom. II, pag. 125.

[4] *Du domaine international.* Paris. 1851, pag. 28 e seg.

[5] *Principes du droit public maritime*, trad. de Galiani. Paris, 1842, pag. 21.

[6] *Droit des gens moderne de l'Europe*, nouv. édit. par M. A. Ott. Paris, 1861, § 130.

et tous les enfoncements connus sous d'autres dénominations... lorsque l'entrée peut en être gouvernée par l'artillerie ou qu'elle est défendue naturellement par des îles, par des bancs ou par des rochers. Dans tous ces cas, en effet, il est vrai de dire que ces golfes ou ces baies sont en la puissance de l'État maître du territoire», etc., écrit Théodore Ortolan. [1].

«*Les parties de la mer qui pénètrent dans le territoire continental, tels que les golfes et les baies... appartiennent au territoire maritime*», écrit le baron Ferdinand de Cussy [2].

Cette même opinion est soutenue par de Moreuil, qui ajoute: «*En effet, il est certaines parties rapprochées des terres, participant en quelque sorte de leur condition, où ces causes cessent plus ou moins d'exister et où, par conséquent, ces droits* (de propriété et d'empire) *peuvent avoir lieu*», etc.[3]

«*La pleine mer*, écrit encore Eug. Ortolan [4], *n'est susceptible ni de propriété ni d'empire de la part d'une nation à l'égard des autres... Le même raisonnement ne serait pas exact quant aux parties plus restreintes de la mer, telles que les ports et les rades, les golfes et les baies... c'est ce qui forme le territoire maritime... Dans ces limites la nation exerce une possession réelle et permanente, elle est à même d'éloigner toute action étrangère.*»

En Italie, cette même doctrine est également professée par les jurisconsultes et les publicistes:

«*Tout ce qui a été dit à l'égard des côtes de la mer doit se dire à plus forte raison des baies, détroits et ports, lesquels dépendent manifestement, ou plutôt font partie du pays qu'ils embrassent... J'ai dit à plus forte raison, parce qu'ils importent plus à la sûreté du pays*», écrit le comte Lucchesi Palli [5].

Les Allemands n'élèvent aucun doute à l'égard de ce même principe:

«*Au territoire maritime*, dit Kluber [6], *appartiennent les districts maritimes ou parages susceptibles d'une possession exclu-*

[1] *Règles internationales et diplomatie de la mer*, 4e édit. Paris, 1864, tom. I, pag. 145.

[2] *Dictionnaire ou manuel-lexique du diplomate et du consul.* Leipzig 1846, v. *Territoire maritime*, pag. 692.

[3] *Dictionnaire des chancelleries diplomatiques et consulaires.* Paris, 1855, tom. II, pag. 125.

[4] *Du domaine international.* Paris, 1851, pag. 28 et suiv.

[5] *Principes du droit public maritime*, trad. de Galiani, Paris, 1842, pag. 21.

[6] *Droit des gens moderne de l'Europe*, nouv. édit., par M. A. Ott. Paris, 1861, § 130.

sur lesquels l'État a acquis (par occupation ou convention) et conservé la souveraineté. De ce nombre sont... 2° les parties de l'Océan qui s'étendent dans le territoire continental de l'État, si elles peuvent être dominées par le canon des deux bords, ou que l'entrée seulement puisse en être défendue aux vaisseaux (golfes, baies et cales).»

«*Les dépendances d'un pays,* diz Hefter[1], *en sont seules exceptées, et sont regardées comme telles... 2° les ports et havres, soit artificiels, soit naturels* qui forment l'accès d'un territoire... *Toutes les autres parties de la haute mer... sont complètement libres.*»

Dos americanos bastará indicar Wheaton[2].

«*Par rapport aux ports, aux havres, aux baies... le droit de propriété exclusif d'un État peut être maintenu sans que pour cela les principes énoncés au sujet de la pleine liberté de la mer soient ébranlés. En effet, l'État dont le territoire est baigné par ces eaux a le pouvoir physique d'agir perpétuellement sur elles, et en même temps le droit d'en exclure tout autre État, deux choses qui constituent la possession.*»

A propria Inglaterra, emfim, admitte este principio, levando-o até ao exagero, e arrogando-se, por uma extensão de seus direitos sobre as aguas das costas, uma especie de dominio, ou ao menos o uso exclusivo de certas porções do alto mar, e comprehendendo sob o nome de *King's chambers* as bahias situadas entre dois promontorios[3].

Suppondo portanto, e por mera hypothese, que os portuguezes nunca tivessem tido estabelecimento senão á entrada do rio do *Espirito Santo* (English river), a natureza da bahia fazia com que desde o seculo XVI toda ella ficasse constituindo dependencia do territorio de que era o accesso, muito mais não havendo então nem nos seguintes seculos quem tal direito lhe disputasse.

CAPITULO IV

Doação do imperador de Monomotapa

Quando os titulos, que temos referido,

[1] *Le droit international public de l'Europe.* Berlin, 1857, pag. 159.
[2] *Eléments de droit international,* tom. I, pag. 179.
[3] Hefter, *Le droit international.* Berlin, 1857, pag. 160.

sive, sur lesquels l'État a acquis (par occupation ou convention) et conservé la souveraineté. De ce nombre sont... 2° les parties de l'Océan qui s'étendent dans le territoire continental de l'Etat, si elles peuvent être dominées par le canon des deux bords, ou que l'entrée seulement puisse en être défendue aux vaisseaux (golfes, baies et cales).»

«*Les dépendances d'un pays,* dit Hefter[1], *en sont seules exceptées, et sont regardées comme telles... 2° les ports et havres, soit artificiels soit naturels* qui forment l'accès d'un territoire... *Toutes les autres parties de la haute mer... sont complètement libres.*»

Parmi les Américains, il nous suffira d'indiquer Wheaton[2]:

«*Par rapport aux ports, aux havres, aux baies... le droit de propriété exclusif d'un État peut être maintenu sans que pour cela les principes énoncés au sujet de la pleine liberté de la mer soient ébranlés. En effet, l'État dont le territoire est baigné par ces eaux a le pouvoir physique d'agir perpétuellement sur elles, et en même temps le droit d'en exclure tout autre État, deux choses qui constituent la possession.*»

Enfin l'Angleterre admet ce principe et en exagère même l'application en s'attribuant, par une extension de ses droits sur les eaux des côtes, une espèce de souveraineté ou au moins la jouissance exclusive de certaines parties de la haute mer, et en comprenant sous la dénomination de *King's chambers* les baies situées entre deux promontoires[3].

En admettant toutefois et par simple hypothèse que les Portugais n'eussent jamais eu d'autre établissement que celui qui est situé à l'embouchure du fleuve du *Saint-Esprit* (English river), la situation de la baie la constituait depuis le XVIe siècle dépendance obligée du territoire dont elle formait l'accès, et cela d'autant plus que ni à cette époche ni dans les siècles suivants ce droit n'avait été contesté.

CHAPITRE IV

Donation faite par l'empereur du Monomotapa

Si les titres que nous avons énumérés

[1] *Le droit international public de l'Europe.* Berlin 1857, pag. 159.
[2] *Eléments de droit international,* tom. I, pag. 179.
[3] Hefter, *Le droit international.* Berlin 1857, pag. 160.

não bastassem só por si para legitimar o direito de Portugal seria elle ainda mais confirmado pela *vassallagem* que em 24 de maio de 1629 prestou a El-Rei de Portugal o então imperador ou rei do Monomotapa, cujos dominios se estendiam então do norte ao sul da Africa oriental desde o *Cuama* ou *Zambeze* até aos pequenos reinos proximos do cabo da Boa Esperança, e comprehendiam por isso a bahia de Lourenço Marques ainda alem de 26° 30′.

O documento d'esta vassallagem, que se acha nos archivos da India Portugueza [1], foi publicado em 1864 no *Boletim do governo do estado da India,* e vae nos documentos [2].

Que a soberania do rei de Monomotapa se estendia no seculo XVII até á bahia de Lourenço Marques resulta do testemunho dos geographos e historiadores contemporaneos:

Philippus Ferrarius no *Novum lexicon geographicum,* da edição de Miguel Antonio Baudrand de 1695: «*Spiritus Sancti fluvius* (Rio do *Espirito Santo) Lusitanus fluvius Africae, in Aethiopia inferiori et in regione Monomotapa* [3]».

João Jacob Hoffmann no *Lexicon universale,* edição de 1698: «*Spiritus Sancti fluvius, vulgo Rio de lo Spirito Santo, lusitanus fluvius Africae in Aethiopia inferiori et in regione Monomotapa* [4]».

Corneille no *Dictionnaire universel géographique et historique,* edição de Paris de 1708:

«*Cet empire s'étend du nord au sud, depuis le Couama jusqu'aux petits royaumes qui sont aux environs du cap de Bonne-Espérance... Des petits rois... dont les États sont compris entre le Cap et le Magniça, reconnaissent le roi de Monomotapa pour leur souverain* [5].»

De modo que se Portugal não tivesse já adquirido a soberania da bahia de Lourenço Marques, estaria comprehendida na cessão feita em 1629 pelo rei do Monomotapa á corôa portugueza.

[1] Livro XIII das Monções, fl. 438.
[2] *Boletim* n.° 29 de 15 de abril pag. 366; Documento n.° 67.
[3] Tom. II. Pataviae 1695, pag. 184.
[4] Tom. IV. Lugduni Batavorum, pag. 240.
[5] Paris, 1708, tom. II, pag. 715.

n'étaient pas par eux-mêmes suffisants pour légitimer les droits du Portugal, l'hommage prêté comme *vassal,* le 24 mai 1629, au roi de Portugal par l'empereur ou roi du Monomotapa, viendrait confirmer ces droits. Les domaines de ce souverain s'étendaient alors du nord au sud de l'Afrique orientale depuis le *Couama* ou *Zambèze* jusqu'aux petits royaumes voisins du cap de Bonne-Espérance, comprenant ainsi la baie de Lourenço Marques même au delà du 26° 30′.

Le document qui se trouve dans les archives de l'Inde portugaise [1], relativement à cette vassalité, a été publié dans le *Bulletin du gouvernement de l'État de l'Inde* et est annexé aux autres documents [2].

La souveraineté du roi du Monomotapa s'étendait au XVIIe siècle jusque sur la baie de Lourenço Marques; ce fait est confirmé par le témoignage des géographes et des historiens de cette époque:

Philippus Ferrarius dans le *Novum lexicon geographicum,* de l'édition de Michel Antoine Baudrand, de 1695: «*Spiritus Sancti fluvius* (Fleuve du *Saint-Esprit) Lusitanus fluvius Africae, in Aethiopia inferiori et in regione Monomotapa* [3]».

Jean Jacob Hoffmann dans le *Lexicon universale,* édition de 1698: «*Spiritus Sancti fluvius, vulgo Rio de lo Spirito Santo, lusitanus fluvius Africae in Aethiopia inferiori et in regione Monomotapa* [4]».

Corneille dans le *Dictionnaire universel, géographique et historique,* édition de Paris, de 1708:

«*Cet empire s'étend du nord au sud, depuis le Couama jusqu'aux petits royaumes qui sont aix environs du cap de Bonne-Espérance... Des petits rois... dont les États sont compris entre le Cap et le Magniça, reconnaissent le roi de Monomotapa pour leur souverain* [5].»

De sorte que, si le Portugal n'avait pas déjà acquis la souveraineté de la baie de Lourenço Marques, elle se trouverait comprise dans la cession faite en 1629 par le roi du Monomotapa à la couronne portugaise.

[1] Livre XIII das Monções, fol. 438.
[2] *Bulletin* n° 29 du 15 avril, pag. 366; Document n° 67.
[3] Tom. II. Pataviae 1695, pag. 184.
[4] Tom. IV. Lugduni Batavorum, pag. 240.
[5] Paris 1708 tom. II pag. 715.

CAPITULO V

Doação do regulo Capella do Tembe

Acresce mais aos titulos já mencionados, e com relação especial ao territorio do *Tembe,* a doação do respectivo regulo feita á corôa portugueza em 1794.

Esse regulo, tendo sido deposto por uma revolta do seu gentio do *Tembe*, recorreu, como vassallo de Portugal, á protecção do governador de Lourenço Marques José Correia Monteiro de Mattos, pelo qual foi restituido á sua auctoridade.

Reconhecido a este serviço, o regulo Capella, apesar de subdito e vassallo portuguez, foi ainda mais longe; e em 10 de novembro de 1794 fez, na presença de seus conselheiros e parentes, de sua livre e espontanea vontade, doação á corôa portugueza das suas terras, das quaes logo o governador tomou *posse,* confirmada com o juramento do rei na fórma do seu rito e costume, lavrando de tudo o respectivo auto, por todos assignado, o escrivão da fazenda real, João Gonçalves de Sequeira[1].

Como testemunho d'essa posse se mandou collocar no *Tembe,* em 1796, um padrão de pedra, cuja existencia em outubro de 1823 é attestada pelo regulo Maietta[2].

CAPITULO VI

Reconhecimento da nossa soberania pelos regulos do Tembe e Maputo

Como actos de *reconhecimento expresso e solemne* da soberania portugueza pelos regulos do S. da bahia temos da parte do *Tembe,* que foi sempre o principal:

1.° O que o rei Capella praticou em 5 de abril de 1781 perante o commandante da expedição portugueza que da India foi mandada n'esse anno para destruir o estabelecimento que a companhia austriaca tentára fazer na bahia de Lourenço Marques, expedição que já fica mencionada[3];

2.° O que esse mesmo regulo renovou[4].

[1] Documento n.os 80 e 81.
[2] Documento n.os 82 e 34.
[3] Documento n.° 27 (annexos).
[4] Documento n.° 80.

CHAPITRE V

Donation faite par le régule Capella, du Tembe

La donation faite à la couronne portugaise en 1794 par le régule du *Tembe,* vient ajouter un titre spécial à ceux que nous avons déjà cités relativement au territoire de ce nom.

Ce régule ayant été détrôné à la suite d'une révolte de ses sujets du *Tembe,* réclama, en qualité de vassal de la couronne portugaise, la protection du gouverneur de Lourenço Marques, José Correia Monteiro de Mattos qui rétablit son pouvoir.

Reconnaissant de ce service, le régule Capella, quoique déjà sujet et vassal de la couronne portugaise, voulut faire encore plus, et, le 10 novembre 1794, en présence de ses conseillers et de ses parents, spontanément et de sa propre volonté, il fit une donation au Portugal de ses terres dont le gouverneur prit immédiatement possession consacrée par serment du roi fait suivant les rites et usages du pays. Le greffier des finances royales, João Gonçalves de Sequeira, dressa du tout un acte authentique qui fut signé par tous les assistants[1].

En signe de cette prise de possession, on éleva dans le *Tembe,* em 1796, une colonne aux armes de Portugal dont, en octobre 1823, l'existence a été attestée par le régule Maietta[2].

CHAPITRE VI

Reconnaissance de notre souveraineté par les régules du Tembe et du Mapouto

Comme actes de reconnaissance *expresse et solennelle* de la souveraineté portugaise par les régules du sud de la baie, nous avons, de la part de celui du *Tembe,* qui en fut toujours le plus puissant:

1° L'acte pratiqué par le roi Capella le 5 avril 1781 devant le chef de l'expédition portugaise envoyé dans la même année, de l'Inde, pour détruire l'établissement essayé par les Autrichiens dans la baie de Lourenço Marques, expédition dont nous avons déjà parlé[3].

2° L'acte renouvelé[4] par ce même régu-

[1] Documents nos 80 et 81.
[2] Documents nos 82 et 34.
[3] Document n° 27 (annèxes).
[4] Document n° 80.

por occasião da doação feita á corôa portugueza em 10 de novembro de 1794 nas mãos do governador de Lourenço Marques, José Correia Monteiro de Mattos, de que já fizemos especial menção no cap. v;

3.° O que praticou o outro Capella, seu neto e legitimo successor, Maietta, em 20 de outubro de 1823 nas mãos do governador portuguez Miguel Lupi de Cardenas, e na presença dos seus grandes e conselheiros por occasião da sua installação no governo, obrigando-se n'essa occasião á sujeição e vassallagem á corôa portugueza [1].

4.° Finalmente o que fez o actual Capella, e successor d'este, por nome *Bacute,* quando em principios de 1857 tomou conta do governo de Tembe, pedindo a sua confirmação ao governador de Lourenço Marques, e sendo, com assistencia de um delegado d'este, installado com as solemnidades do estilo; o que foi communicado ao governo portuguez em officio de maio de 1857 pelo governador geral de Moçambique, e noticiado ao parlamento pelo marquez de Sá da Bandeira, então ministro da marinha, no seu relatorio de 11 de março de 1859 [2].

Da parte do regulo de *Maputo* tem Portugal, além do reconhecimento tacito, o expresso feito pelo regulo Macassana Maxilleme, em 8 de outubro de 1823 perante o governador de Lourenço Marques, Miguel Lupi de Cardenas [3].

O proprio Owen ou o auctor das *Narrative of voyages* reconhece o que dizemos: « *The Captain (Owen) by the aid of some Mattolese, who speek a little portuguese carried on a long conversation with Matchakany, who told him, amongst other things, that he considered the king of Portugal as his brother, the Portuguese having always been his friends* [4] ».

D'esta passagem resulta confessar Owen ter ouvido do proprio Macassana ser *irmão de El-Rei de Portugal e muito amigo dos portuguezes,* e fallar o mesmo Macassana o portuguez, visto que para se en-

[1] Documento n.° 34.
[2] Documento n.° 83.
[3] Documento n.° 32.
[4] *Narrative of voyages to explore the shores of Africa, etc., under the direction of Captain W. F. W. Owen.* Londres, 1833, tom. I, pag. 262.

le à l'occasion de la donation faite à la couronne portugaise le 10 novembre 1794 dans les mains du gouverneur de Lourenço Marques, José Correia Monteiro de Mattos, donation dont nous avons déjà fait une mention spéciale dans le chapitre précédent [2].

3° Celui qui fut célebré par l'autre Capella, son petit-fils et légitime successeur Maietta, le 20 octobre 1823, en présence du gouverneur portugais Miguel Lupi de Cardenas, et des grands et conseillers de sa cour à l'occasion de son installation au pouvoir, alors qu'il se déclara sujet et vassal de la couronne portugaise [1].

4° Enfin, celui de l'actuel Capella, son successeur, nommé *Bacute,* quand, dans les premiers jours de 1857, il prit le gouvernement de Tembe; et demanda sa confirmation au gouverneur de Lourenço Marques qui le fit installer au pouvoir avec toutes les formalités d'usage par un de ses délégués; acte et cérémonie dont il fut rendu compte au gouvernement portugais dans un rapport en date de mai 1857 par le gouverneur général de Mozambique et qui fut notifié aux cortès par le marquis de Sá da Bandeira, alors ministre de la marine, dans son compte-rendu du 11 mars 1859 [2].

Quant au régule de *Mapouto,* le Portugal, outre la reconnaissance tacite, possède la reconnaissance expresse faite par le régule Macassana Maxilleme, le 8 octobre 1823, en présence du gouverneur de Lourenço Marques, Miguel Lupi de Cardenas [3].

Owen lui-même ou l'auteur des *Narratives of voyages,* reconnaît la vérité de ce que nous avançons: « *The Captain (Owen) by the aid of some Mattolese, who speek a little portuguese carried on a long conversation with Matchakany, who told him, amongst other things, that he considered the king of Portugal as his brother, the Portuguese having always been his friends* [4] ».

Il résulte de ce passage qu'Owen avoue avoir entendu dire à Macassana lui-même, qu'il était *frère du roi de Portugal et très ami des Portugais;* que le même Macassana parlait portugais et que, pour

[1] Document n° 34.
[2] Document n° 83.
[3] Document n° 32.
[4] *Narrative of voyages to explore the shores of Africa, etc., under the direction of Captain W. F. W. Owen.* Londres, 1833, tom. I, pag. 262.

tender com elle teve Owen de levar comsigo interpretes que fallassem esta lingua.

Esse regulo manteve-se sempre na obediencia a Portugal até ao seu fallecimento em 1850, e na mesma harmonia e amisade tem continuado o actual regulo Missongue ou Nasinguile, neto d'aquelle.

É este tão affecto aos portuguezes, que sabendo da questão entre Portugal e a Inglaterra sobre a ilha da Unhaca propoz em 1870 fazer ao governo portuguez doação da *propriedade territorial* da mesma ilha, cuja soberania já era da corôa de Portugal, o que com effeito realisou perante o governador portuguez de Lourenço Marques, José Augusto de Sá e Simas.

Como actos de reconhecimento *tacito*, e consequencia da nossa soberania, enviaram e enviam annualmente os regulos, como *tributo* em signal de reconhecimento d'essa soberania, uma porção de marfim e de pontas de abada, e ás vezes cabeças de gado, e recebiam e recebem de nós um presente ou *saguate* de fato e aguardente.

Do tributo satisfeito em 1795 faz menção o governador de Lourenço Marques em officio ao governador geral de Moçambique de 16 de junho [1].

Do pago n'este seculo e antes de 1823 faz menção o escrivão que foi de Lourenço Marques na sua queixa áquelle governador geral contra elle [2].

Do tributo enviado por occasião dos regulos de Tembe e Maputo declararem em outubro de 1823 não quererem outra sobenia senão a de Portugal, e consistente em 300 ou 400 dentes de elephante, faz menção o proprio capitão Oven: «*A caravan, consisting of about one thousand natives, arrived at the factory bringing between three and four hundred elephant's teeth* [3]».

E o que é mais notavel é que o proprio Chaca, o celebre e feroz rei dos *Zulus*, que tanto deu que fallar, quando em 1822 foi levado pelo seu espirito de conquista para o norte até proximo de Lourenço Marques,

[1] Documento n.º 84.
[2] Documentos n.os 85 e 86.
[3] *Narrative of voyages to explore*, etc., tom. II, pag. 20.

s'entendre avec lui, il avait été obligé de se faire accompagner d'interprètes connaissant cette langue.

Ce régule est resté jusqu'à sa mort, qui eut lieu en 1850, dans l'obéissance du Portugal, et ces rapports d'amitié et de bonne harmonie se sont continués sous l'actuel régule Missongue ou Nasinguile, son petit-fils.

Et ce dernier est tellement attaché aux Portugais, qu'ayant eu connaissance du conflit soulevé entre l'Angleterre et le Portugal à l'égard de l'île de l'Unhaca, il offrit, en 1870, au gouvernement portugais de lui faire une donation de la propriété territoriale de cette même île dont la souveraineté appartenait déjà à la couronne portugaise, donation qu'il fit, en effet, entre les mains du gouverneur de Lourenço Marques, José Augusto de Sá e Simas.

Comme actes de reconnaissance *tacite* et conséquence de notre souveraineté, les régules nous ont envoyé et nous envoient chaque année, à titre de *tribut*, une certaine quantité d'ivoire et de cornes de rhinocéros femelle et quelquefois du bétail, et reçoivent de nous un *saguate* ou présent consistant en vêtements et eau-de-vie.

Le gouverneur de Lourenço Marques dans son rapport au gouverneur général de Mozambique, du 16 juin, fait mention du tribut payé en 1795 [1].

L'ex-greffier de Lourenço Marques, dans sa plainte contre le gouverneur général, fait mention du tribut payé dans ce siècle et avant 1823 [2].

Le capitaine Owen fait lui-même mention du tribut consistant en 3 ou 400 dents d'éléphant qui fut envoyé par les régules du Tembe et de Mapouto en octobre 1823, alors qu'ils déclarèrent ne vouloir reconnaître d'autre souveraineté que celle du Portugal: «*A caravan consisting of about one thousand natives, arrived at the factory bringing between three and four hundred elephant's teeth* [3].»

Et ce qui est encore plus remarquable, c'est que *Chaca* lui-même, le célèbre et féroce roi des *Zoulous*, qui fit tant parler de lui lorsque, poussé par la soif des conquêtes, il parvint dans le nord jusque près

[1] Document nº 84.
[2] Documents nos 85 et 86.
[3] *Narrative of voyages to explore*, etc., tom. II, pag. 20.

mandou solicitar a amisade de El-Rei de Portugal e offerecer tributo [1]!

Finalmente como prova a mais palpitante do reconhecimento do nosso direito pelos indigenas de *Maputo,* é o proprio nome de *Maputo,* pelo qual o regulo d'aquella região deixou o de *Unhaca* (que tomava da ilha d'esse nome comprehendida no seu territorio) e que tambem foi dado ao rio *Anzete (Umzuti).*

Maputo na lingua de muitos povos da Africa occidental e oriental significa os portuguezes ou brancos, como reconhece o reverendo S. W. Koelle, na sua *Polyglotta africana* [2]. Assim, por exemplo, na Africa occidental proximo a S. Salvador do Congo ha a povoação de *Banza-puto,* que é a povoação portugueza; e todos os povos d'aquella região dão a El-Rei de Portugal o nome de *Mani-puto.*

De modo que territorio ou rio de *Maputo* quer dizer territorio ou rio dos portuguezes ou do senhor dos portuguezes, designação significativa, sobretudo provindo dos indigenas.

O auctor das *Narratives of a voyage* dá á palavra *Maputo,* que os inglezes pronunciam *Mapoota,* a significação de azeite, no que revela uma profunda ignorancia, porque azeite na lingua cafreal é *Mafurra* e não *Mapoota.*

CAPITULO VII

Reconhecimento do direito de Portugal pelas nações da Europa

O *reconhecimento* do direito de Portugal, e da sua posse pelas nações da Europa demonstra-se pelo testemunho acorde dos documentos geographicos e dos escriptores, e pelo facto de nenhuma nação nos ter contestado aquelle direito.

SECÇÃO I

Documentos geographicos

Dos monumentos geographicos a contar do seculo XVI, já individuamente men-

[1] Documento n.º 85. *Chaca,* filho de *Usenzangakona* e de *Umnandi* nasceu em 1787, e morreu assassinado em 23 de setembro de 1828; por desavenças de sua mãe com seu pae veiu com ella para os *Amatevas,* de que era chefe *Udingisvayo,* e ahi viveu até á morte do pae em 1817 ou 1818, voltando então ao territorio dos *Zulus* que engrandeceu. No appendice III damos como specimen da litteratura Zulu uma biographia de Chaca e a lista dos reis Zulus.

[2] London, 1854, pag. 144.

de Lourenço Marques, fit solliciter l'amitié du roi de Portugal et lui offrit d'être son tributaire [1].

Enfin, la preuve la plus irrécusable de la reconnaissance de nos droits par les indigènes de *Mapouto,* est ce nom même de *Mapouto* pour lequel le régule de ce territoire quitta celui d'*Unhaca* (qu'il prenait de l'île de ce nom comprise dans ses domaines) et qui fut également donné au fleuve *Anzete (Umzuti).*

En effet, *Mapouto,* dans la langue d'un grand nombre des peuplades de l'Afrique occidentale et orientale, signifie Portugais ou blancs, comme le reconnaît le révérend S. W. Koelle, dans sa *Polyglotta africana.* Ainsi, par exemple, dans l'Afrique occidentale, près de Saint-Sauveur du Congo, on trouve le village de *Banza-pouto* qui est un village portugais, et toutes les peuplades de cette région donnent au roi de Portugal le nom de *Mani-pouto.*

De sorte que territoire ou fleuve de *Mapouto* signifient territoire ou fleuve des Portugais ou du roi des Portugais, désignation des plus significatives puisqu'elle provient des indigènes.

L'auteur des *Narratives of a voyage* traduit le mot *Mapouto* que les Anglais prononcent *Mapoota,* par le mot *huile,* ce qui dénonce une complète ignorance attendu que *huile* en langue cafre, se dit *Mafourra* et non *Mapoota.*

CHAPITRE VII

Reconnaissance des droits du Portugal par les nations de l'Europe

La reconnaissance des droits du Portugal et de sa possession en Afrique ressort du témoignage que fournissent tous les documents géographiques, de celui qui émane des écrivains et aussi du fait de la non-contestation de ces droits par les autres nations.

SECTION I

Documents géographiques

Des ouvrages géographiques à partir du XVIe siècle, ouvrages déjà produits au

[1] Document n° 85. *Chaca* ou *Chaka,* fils d'*Usenzangakona* et d'*Umnandi,* naquit en 1787 et mourut assassiné le 23 septembre 1828. Les querelles de son père avec sa mère l'obligèrent à se réfugier avec celle-ci chez les *Amatevas,* dont le chef était *Udingisvayo.* Il y vécut jusqu'à la mort de son père en 1817 ou 1818, époque à laquelle il retourna au territoire des *Zoulous,* qu'il agrandit. Dans l'appendice III nous donnons comme spécimen de la littérature des Zoulous une notice biographique de Chaca et la liste des rois Zoulous.

[2] London, 1854, pag. 144.

cionados no capitulo II da parte I, consagrado á denominação da bahia de Lourenço Marques, e que escusado é reproduzir, resulta evidentemente:

1.° Que *toda* a bahia é por elles considerada como portugueza;

2.° Que *por isso* o limite portuguez ao sul da mesma bahia é necessariamente de 26° 30′.

SECÇÃO II

Escriptores francezes

Dos escriptores francezes mencionaremos no seculo XVIII:

1.° Guillaume Delisle, primeiro geographo de El-Rei de França, o qual na carta do Congo e do paiz da Cafraria, que faz parte do seu atlas geographico, escreveu em 1722 a seguinte nota abaixo da ilha da Unhaca, approximadamente em 26° 30′: «*Inhaque où commence le gouvernement de Mozambique* [1]»; reconhecendo por esta fórma que fazia parte da provincia portugueza de Moçambique *toda* a bahia de Lourenço Marques, incluindo a ilha da Unhaca e o territorio d'esse nome até áquelle parallelo.

2.° De La Martinière, escrevendo em 1768, reconhece expressamente estar a bahia comprehendida no territorio portuguez, porque diz que o governo ou provincia de Moçambique começa na terra firme da Unhaca: «*Inhaque... en terre ferme et près de l'isle de ce nom... C'est où commence le gouvernement de Mozambique* [2]».

3.° Saint-Janvier confessa em 1784 o nosso dominio, a começar na Unhaca, no seu *Atlas universel,* publicado n'esse anno em Veneza (parte II, pl. 39.ª), indicando a existencia da nossa fortificação n'esse ponto: «*Baye de Laurent Marques ou du Saint-Esprit, où est le fort Inhaque aux Portugais*».

No presente seculo:

1.° Malte-Brun na sua geographia universal, edição de Th. Lavallée [3]: «*La côte africaine depuis la baie de Lagoa* (Lourenço Marques) *jusqu'au cap Delgado est censée appartenir aux Portugais, qui y ont en effet quelques établissements... on y*

[1] *Carte du Congo et du pays des Cafres.* Paris, 1722.
[2] *Le grand dictionnaire géographique,* tom. III, Paris, 1768, pag. 505, v. *Inhaque.*
[3] *Géographie universelle.* Paris, 1857, tom. VI, pag. 321.

chapitre II de la première partie de ce mémoire, consacré à la dénomination de la baie de Lourenço Marques et qu'il est inutile de reproduire, il résulte évidemment:

1° Que la baie, *dans toute son étendue,* est, par ces ouvrages, considérée comme portugaise;

2° Que, *par conséquent,* les limites de la possession portugaise au sud de la baie se trouvent nécessairement par 26° 30′.

SECTION II

Écrivains français

Parmi les écrivains français du XVIIIe siècle nous citerons:

1° Guillaume Delisle, premier géographe du Roi de France, lequel, dans la carte du Congo et du pays des Cafres qui fait partie de son atlas géographique, écrivait en 1722 la note suivante, au dessous de l'île de l'Unhaca, à peu près au 26° 30′: «*Inhaque où commence le gouvernement de Mozambique* [1]»; reconnaissant ainsi que *toute* la baie de Lourenço Marques, en y comprenant l'île de l'Unhaca et le territoire de ce nom jusqu'à ce parallèle, faisait partie de la province portugaise de Mozambique.

2° De La Martinière, écrivant en 1768, reconnaît positivement que cette baie se trouve comprise dans le territoire portugais puisqu'il dit que le gouvernement ou province de Mozambique commence en terre ferme de l'Unhaca: «*Inhaque... en terre ferme et près de l'isle de ce nom... C'est où commence le gouvernement de Mozambique* [2]».

3° Saint-Janvier dans son *Atlas universel,* publié à Venise en 1786 (2ème partie, pl. 39) confesse que notre domaine commence à l'Unhaca, puisqu'il reconnaît l'existence de nos fortifications sur ce point: «*Baye de Laurent Marques ou du Saint-Esprit, où est le fort Inhaque aux Portugais*».

Dans le siècle actuel:

1° Malte-Brun, dans sa géographie universelle, édition de Th. Lavallée [3]: «*La côte africaine depuis la baie de Lagoa* (Lourenço Marques) *jusqu'au cap Delgado est censée appartenir aux Portugais, qui y ont en effet quelques établissements...*

[1] *Carte du Congo et du pays des Cafres.* Paris, 1722.
[2] *Le grand dictionnaire géographique,* tom. III, Paris, 1768, pag. 505, v. *Inhaque.*
[3] *Géographie universelle.* Paris, 1857, tom. VI, pag. 321.

trouve deux établissements portugais: celui de Lourenço Marques dans la baie de Lagoa; celui d'Inhambane», etc.

2.° Horner na sua viagem á costa oriental de Africa [1]: «*Oubliée de l'Europe pendant le moyen âge, cette contrée fut, en 1498, visitée pour la première fois par Vasco da Gama. Le grand navigateur se rendit maître d'une partie de la côte, et se contenta de faire reconnaître le Roi de Portugal comme suzerain des roitelets du pays*».

Hoefer, comquanto contenha graves inexactidões sobre a Africa austral, escreve todavia que «*les indigènes ont... ... entretenu un trafic suivi avec les Portugais qui avaient établi un port et un comptoir dans la baie de Lagoa. Les principaux objets de commerce étaient, comme aujourd'hui, la poudre d'or, les dents d'éléphant, et l'ambre gris, la cire et la gomme* [2]».

Escriptores allemães e suissos

Dos escriptores allemães notaremos no seculo XVIII o barão de Puffendorf, que igualmente indica a extensão do nosso dominio até á Unhaca: «*Les Portugais ont au midi un fort qu'on appelle Inhaca* [3]».

Dos suissos mencionaremos:

1.° No seculo XVII o philologo Jean Jacques Hoffmann que no seu *Lexicon universale*, tanto na edição de Bâle de 1667, como na de Leyde de 1698, apresenta o rio do Espirito Santo como um rio portuguez, o que não faria se nós fossemos considerados senhores apenas de parte da bahia: «*Spiritus Sancti fluvius, vulgo* rio de lo Espirito Santo, *lusitanus fluvius Africae in AEthiopia inferiori* [4]».

2.° No seculo XVIII o polygrapho Bérenger, que na sua reedição da geographia de Busching indica o começo do nosso dominio na Unhaca: «*Vers le S. les Portugais possèdent le fort d'Inhaque* [5]».

[1] *Voyage à la côte orientale d'Afrique, etc.* Paris, 1872, pag. 19.
[2] *Afrique australe.* Paris, 1848, pag. 133; *Annales maritimes* de fevereiro de 1844.
[3] *Introduction à l'histoire moderne,* edição de Grâce. Paris, 1759, tom. VIII, pag. 226.
[4] *Lexicon universale, historiam sacram et profanam etc., explanans,* Lugd. Batav. 1698, tom. IV, pag. 240.
[5] *Suite de la géographie de Busching,* tom X. Lausanne 1782, pag. 90.

on y trouve deux établissements portugais: celui de Lourenço Marques dans la baie de Lagoa; celui d'Inhambane», etc.

2° Horner dans la relation de son voyage à la côte orientale d'Afrique [1]: «*Oubliée de l'Europe pendant le moyen âge, cette contrée fut, en 1498, visitée pour la première fois par Vasco da Gama. Le grand navigateur se rendit maître d'une partie de la côte, et se contenta de faire reconnaître le Roi de Portugal comme suzerain des roitelets du pays*».

Hoefer, malgré ses graves inexactitudes sur l'Afrique australe, écrit toutefois: «*Les indigènes ont... entretenu un trafic suivi avec les Portugais qui avaient établi un port et un comptoir dans la baie de Lagoa. Les principaux objets de commerce étaient, comme aujourd'hui, la poudre d'or, les dents d'éléphant, et l'ambre gris, la cire et la gomme* [2]».

Écrivains allemands et suisses

Parmi les écrivains allemands nous citerons le baron de Puffendorf qui indique l'étendue de nos domaines jusqu'à l'Unhaca: «*Les Portugais ont au midi un fort qu'on appelle Inhaca* [3]».

Parmi les écrivains suisses nous mentionnerons:

1° Dans le XVIIe siècle, le philologue Jean Jacques Hoffmann qui, dans son *Lexicon universale,* tant dans l'édition de Bâle de 1667 que dans celle de Leyde de 1698, fait figurer le fleuve du Saint-Esprit comme fleuve portugais, ce qu'il n'aurait pas fait si nous eussions été considérés comme uniquement possesseurs d'une partie de la baie: «*Spiritus Sancti fluvius; vulgo* rio de lo Espirito Santo, *lusitanus fluvius Africae in AEthiopia inferiori* [4]».

2° Dans le XVIIIe siècle, le polygraphe Bérenger qui, dans sa réédition de la géographie de Busching, indique l'Unhaca comme point de départ de nos domaines: «*Vers le S. les Portugais possèdent le fort d'Inhaque* [5]».

[1] *Voyage à la côte orientale d'Afrique,* etc. Paris, 1872, pag. 19.
[2] *Afrique australe.* Paris, 1848, pag. 133; *Annales maritimes* de février 1844.
[3] *Introduction à l'histoire moderne,* édition de Grâce. Paris, 1759, tom. VIII, pag. 226.
[4] *Lexicon universale, historiam sacram et profanam,* etc., *explanans.* Lugd. Batav., 1869, tom. IV, pag. 240.
[5] *Suite de la géographie de Busching,* tom. X. Lausanne, 1782, pag. 90.

Escriptores italianos

Dos italianos mencionaremos, no seculo XVII, Philippe Ferrari, da ordem dos servitas, o qual no seu *Lexicon geographicum,* publicado em Milão depois de sua morte por João Como, em 1627, e reimpresso posteriormente com additamentos de Baudrand, em París em 1670, e em Padua em 1695, designa, como Hoffmann, o rio do Espirito Santo como sendo um rio portuguez; o que por certo não faria se não nos considerasse senhores da bahia de Lourenço Marques: «*Spiritus Sancti fluvius,* rio del Espirito, *lusitanus fluvius Africae in AEthiopia*[1]».

Escriptores inglezes

Dos inglezes citaremos:

No seculo XVIII:

1.° Salmon, o qual, escrevendo em 1755, e referindo-se a Sofalla, diz que, na verdade, têem os portuguezes o commercio de toda a costa: *and indeed they have the trade of the whole coast almost to themselves*[2].

No seculo XIX:

1.° O tenente coronel Southerland, que tratando das pretensões hollandezas á bahia no fim do seculo XVII, confessa estar ella na posse de Portugal ha mais de duzentos annos: *in the possession of the Portuguese for the last two hundred years*[3].

2.° O auctor de um artigo do jornal do Cabo, *Standard and Mail,* de 21 de agosto de 1869, que reconhece o direito de Portugal á parte meridional da bahia, conforme o tratado entre Portugal e a republica do Transvaal celebrado pela cavalheiro Duprat, plenipotenciario portuguez, como se vê do *Cape Argus* de 7 de setembro: «*The* Standard *of the 21.st August gave a remark on Chevalier Duprat's treaty of commerce with the Vaal River Republic, and seems to beleeve that the Chevalier had a right to grant the South-West side of Delagoa Bay to the Boers on the ground that the cession made to Capt». Owen had never been ratifiedain.*

3.° Na sessão de 13 de novembro de

[1] *Novum lexicom geographicum.* Pataviae, 1695, tom. II, pag. 184.

[2] *The universal traveller.* London, 1755, tom. II, pag. 428.

[3] *Memoir respecting the Kaffers, Hottentots and Bosjemans of south Africa,* impressa no Cabo da Boa Esperança. Tom. I, pag. 312.

Écrivains italiens

Parmi les écrivains italiens du XVIIe siècle nous citerons Philippe Ferrari, de l'ordre des servites, lequel, dans son *Lexicon geographicum* publié à Milan après sa mort par Jean Como, en 1627, et réimprimé plus tard avec additions par Baudrand, à Paris en 1670 et à Padoue en 1695, désigne, ainsi qu'Hoffmann, le fleuve du Saint-Esprit comme fleuve portugais, ce que certes il n'aurait pas fait s'il ne nous eût considérés comme légitimes maîtres de la baie de Lourenço Marques: «*Spiritus Sancti fluvius,* rio del Espirito Santo, *lusitanus fluvius Africae in Æthiopia*[1]».

Écrivains anglais

Parmi les écrivains anglais nous citerons:

Au XVIIIe siècle:

1° Salmon, qui écrivait en 1755, en se rapportant à Sofala, qu'en effet les Portugais possédaient le commerce de toute la côte: *and indeed they have the trade of the whole coast almost to themselves*[2].

Au XIXe siècle:

1° Le lieutenant-colonel Southerland qui, parlant des prétentions des Hollandais sur la baie vers la fin du XVIIe siècle, confesse que cette baie est depuis plus de deux cents ans propriété du Portugal: *in the possession of the Portuguese for the last two hundred years*[3].

2° L'auteur d'un article du journal du Cap, le *Standard and Mail,* du 21 août 1869, qui reconnaît le droit du Portugal à la partie méridionale de la baie, conformément au traité entre le gouvernement portugais et la république du Transvaal, fait par le chevalier Duprat, plénipotentiaire portugais, ainsi qu'on le voit dans le *Cape Argus* du 7 septembre: «*The* Standard *of the 21.st August gave a remark on Chevalier Duprat's treaty of commerce with the Vaal River Republic, and seems to beleeve that the chevalier had a right to grant the South-West side of Delagoa Bay to the Boers on the ground that the cession made to Captain Owen had never been ratified».*

3° Dans la séance de la société géogra-

[1] *Novum lexicon geographicum.* Pataviae, 1695, tom. II, pag. 184.

[2] *The universal traveller.* London, 1755, tom. II, pag. 428.

[3] *Memoir respecting the Kaffers, Hottentots and Bosjemans of south Africa,* imprimé au cap de Bonne-Espérance, tom. I, pag. 312.

1871 da real sociedade geographica de Londres, a proposito da leitura do diario da exploração do Limpopo por Frederico Elton, disse um membro da sociedade que uma grande falta para os navios inglezes que navegam para o Cabo era a de um porto entre Simon's bay e Delagoa bay (Lourenço Marques), e por isso recommendava que a Inglaterra extendesse as suas possessões até ahi: «*He therefore recommended that England should extend her South African possessions to that bay*».

O presidente, major general Sir Henry C. Rawlison, louvando os seus desejos, declarou receiar que isso se oppozesse a considerações internacionaes, vistoque *a bahia de Lourenço Marques estava na posse dos portuguezes,* antigos e intimos alliados da Inglaterra: «*But he was afraid this was hardly consistent with a due regard to international considerations, as Delagoa Bay happened to be in the possession of our old and intimate allies the Portuguese*[1]».

4.° Carlos C. Michell, tenente coronel do exercito inglez e inspector geral das terras no Cabo da Boa Esperança, escrevendo ao duque de Palmella, ministro portuguez, em 15 de julho de 1843[2], enviou juntamente com essa carta um calque rascunho indicando as fronteiras das colonias inglezas do Cabo, do paiz occupado pelos Boers revoltados e da colonia portugueza de Lourenço Marques, e por esse calque (que é o mappa n.° 3 annexo a esta memoria) se vê que aquelle funccionario britannico comprehende no dominio portuguez, *não só toda a bahia de Lourenço Marques, mas ainda mais do que Portugal reclama; porque estende a nossa fronteira alem de 26° 30' de latitude sul.*

De modo que um funccionario inglez respeitavel e importante pela sua posição reconhecia em 1843 a Portugal, mais ainda do que elle reclama e exige como seu!

5.° Finalmente o redactor do jornal inglez *The Diamond News and Griqualand West Government Gazette*, que se publica na Africa em *De Beer's New Ruch, South*

[1] *Proceedings of the Royal Geographical Society*, col. XVI, n.° 2, fevereiro de 1872.
[2] Documento n.° 87.

phique de Londres, du 13 novembre 1871, et à l'occasion de la lecture du journal de l'exploration du Limpopo par Frédéric Elton, un membre de la société fit observer qu'il était fâcheux pour le commerce anglais que les navires de cette nation qui faisaient le voyage du Cap n'eussent pas un port entre Simon's bay et Delagoa bay (Lourenço Marques), et que, en conséquence, il demandait que l'Angleterre étendît ses possessions jusque là: «*He therefore recommended that England should extend her South African possessions to that bay*».

Le président de cette société, major-général sir Henry C. Rawlison, applaudissant à ces désirs, déclara qu'il était à craindre que des considérations internationales ne missent obstacle à leur réalisation, attendu que *la baie de Lourenço Marques était en possession des Portugais,* anciens et intimes alliés de l'Angleterre: «*But he was afraid this was hardly consistent with a due regard to international considerations, as Delagoa Bay happened to be in the possession of our old and intimate allies the Portuguese*[1]».

4° Charles C. Michell, lieutenant-colonel de l'armée anglaise et inspecteur général des territoires du cap de Bonne-Espérance, écrivant au duc de Palmella, ministre portugais, en date du 15 juillet 1843[2], joignit à sa lettre une esquisse indiquant les frontières des colonies anglaises au Cap, celles du territoire occupé par les Boers révoltés et celles de la colonie portugaise de Lourenço Marques: par cette esquisse (qui forme la carte n° 3 annexée à ce mémoire) on voit que ce fonctionnaire anglais comprend dans le domaine portugais *non-seulement toute la baie de Lourenço Marques, mais plus encore que ne réclame le Portugal puisqu'il porte nos frontières au delà du 26° 30' de latitude sud.*

De sorte qu'un fonctionnaire anglais respectable, et remplissant une charge importante, reconnaissait en 1843 comme propriété du Portugal plus que cette nation ne réclame comme lui appartenant!

5° Enfin le rédacteur du journal anglais *The Diamond News and Griqualand West Government Gazette,* publié en Afrique dans les champs des Diamands à *De*

[1] *Proceedings of the Royal Geographical Society*, col. XVI, n° 2, février 1872.
[2] Document n° 87.

Africa Diamond Fields (campo dos diamantes), escrevendo em o numero de 13 de maio do corrente anno de 1873 sobre a necessidade e importancia da acquisição da bahia de Lourenço Marques pela Inglaterra, reconhece a nossa posse e o nosso direito, quando sustenta a conveniencia de obter de Portugal a transferencia da mesma bahia: «*It is the easiest thing in the world* (diz elle) *to prove to England that Delagoa Bay will turn out a good investment for the necessary expenditure to induce* PORTUGAL TO TRANSFER THAT PORT TO GREAT BRITAIN».

Se a bahia não fosse portugueza como poderia Portugal cedê-la á Gran-Bretanha?

SECÇÃO III

Governos

O nosso direito tem sido reconhecido pelos differentes governos da Europa, uns expressa, outros tacitamente.

Tem-no reconhecido *tacitamente,* respeitando-o, e não o perturbando durante mais de tres seculos.

Têem-no reconhecido *expressamente*:

1.° A Austria, quando reclamando contra a expulsão, em 1781, dos agentes da companhia imperial, que abusivamente tinham ido estabelecer feitoria na bahia de Lourenço Marques, se deu por satisfeita com as nossas explicações [1].

2.° A Santa Sé, porque, pedindo o Rei de Portugal ao Papa Paulo V a creação da prelazia ou administração episcopal de Moçambique, desmembrando para esse fim parte do territorio pertencente ao arcebispado de Goa na India, elle annuiu pela bulla *In supereminenti militantis Ecclesiae* de 21 de janeiro de 1612 [2], assignando-lhe o territorio, que então se estendia ao sul até ao Cabo da Boa Esperança, e em que se comprehende a bahia de Lourenço Marques; e tendo Portugal abandonado o Cabo da Boa Esperança, que no seculo XVII foi occupado pelos hollandezes, foi desmembrada unicamente da prelazia de Moçambique a *colonia do Cabo,* que ficou sujeita ecclesiasticamente ao vigario apostolico da ilha Mauricia, até ser erigida em vigariado apostolico especial por Gregorio XVI pelo breve *Ex munere*

1 Parte 2.ª, cap. 3.°
2 Documento n.° 88.

Beer's New Ruch, South Africa Diamond Fields, écrivant dans le numero du 13 mai de cette année (1873) sur la nécessité et l'importance pour l'Angleterre de l'acquisition de la baie de Lourenço Marques reconnaît notre possession et notre droit, en soutenant l'avantage d'obtenir du Portugal la cession de la baie: «*It is the easiest thing in the world* (dit-il) *to prove to England that Delagoa Bay will turn out a good investment for the necessary expenditure to induce* PORTUGAL TO TRANSFER THAT PORT TO GREAT BRITAIN».

Si la baie n'était par portugaise, comment le Portugal pourrait-il la céder à la Grande-Bretagne?

SECTION III

Gouvernements

Notre droit a été reconnu par tous les gouvernements de l'Europe. Les uns l'ont reconnu expressément, les autres tacitement.

La reconnaissance *tacite* de ce droit s'est traduite par le respect de notre possession pendant plus de trois siècles.

Il a été reconnu *expressément:*

1° Par l'Autriche, alors que, réclamant en 1781 contre l'expulsion des agents de la compagnie impériale qui avaient été abusivement établir un comptoir dans la baie de Lourenço Marques, elle se déclara satisfaite de nos explications [1].

2° Par le Saint-Siège, attendu que le roi de Portugal ayant demandé au pape Paul V la création de la prélature ou administration épiscopale de Mozambique, démembrant dans ce but partie du territoire appartenant à l'archevêché de Goa, dans l'Inde, le Saint-Père, par sa bulle du 21 janvier 1612 *In supereminenti militantis Ecclesiae* [2], accéda à la demande du roi et lui désigna le territoire de la nouvelle prélature, qui s'étendait alors au sud jusqu'au cap de Bonne-Espérance, et dans lequel se trouve comprise la baie de Lourenço Marques. Les Portugais ayant abandonné le cap de Bonne-Espérance qui, au XVIIe siècle, fut occupé par les Hollandais, la *colonie du Cap* fut seule séparée de la prélature de Mozambique et resta soumise au régime ecclésiastique du vicaire apostolique de l'île Maurice jusqu'à la créa-

1 Deuxième partie, chap. III.
2 Document n° 88.

pastorali de 6 de junho de 1837 [1]; do mesmo modo que o territorio de Zanzibar, que já não pertence a Portugal, ficou constituindo missão especial a cargo de um prefeito apostolico e separada da prelazia de Moçambique, a qual se estende hoje de Cabo Delgado ao norte até Lourenço Marques ao sul inclusivamente.

3.° A republica africana do sul ou do Transvaal, que positivamente reconheceu o nosso dominio até 26° 30′ no artigo 23.° do tratado de 29 de julho de 1869 [2].

CAPITULO VIII

Reconhecimento do governo inglez

Acresce a tudo o que temos ponderado o reconhecimento pelo proprio governo inglez do nosso direito e posse nas terras descobertas na Africa occidental e oriental, reconhecimento que data do seculo XVI, como passâmos a mostrar com os seguintes factos.

1.°

Queixou-se em principio de abril de 1561 á rainha Izabel de Inglaterra o enviado portuguez Manuel de Araujo, em nome de el-rei D. Sebastião, de terem ido alguns navios inglezes á costa da Mina commerciar, o que não podiam fazer por serem as provincias de Africa, com o seu commercio e navegação, *legitima propriedade* de Portugal adquirida pelos predecessores d'aquelle rei á custa de grandes despezas e de sangue portuguez, e *por elles descobertas,* acrescentando não haver nenhum soberano disputado a sua posse [3].

Em resultado d'esta reclamação expediu a rainha Izabel de Inglaterra a carta patente de 24 de abril de 1561, fazendo saber que, ainda que não lhe parecesse justo impedir os seus subditos de navegar para terras sujeitas ao rei de Portugal, era sua tenção prevenir os inglezes de *se absterem de navegar para os portos de Africa sob o dominio do rei de Portugal* [4].

[1] *Bullarium pontificium Sacrae Congreg. de Propaganda fide,* tom. v. Romae, 1841, pag. 160.
[2] Documento n.° 9.
[3] Museu britannico, *Bibliotheca Cottoniana,* Nero B, 1,35.
[4] Londres, *State Papers Office,* maço 1 de Portugal.

tion d'un vicariat apostolique spécial érigé par Grégoire XVI suivant bref papal *Ex munere pastorali* du 6 juin 1837 [1]. De même le territoire de Zanzibar au nord, qui n'appartient déjà plus au Portugal, constitue une mission spéciale séparée de la prélature de Mozambique qui s'étend aujourd'hui du cap Delgado, au nord, jusqu'à Lourenço Marques au sud, inclusivement.

3° Par la république africaine du sud ou république du Transvaal, qui a reconnu positivement notre possession jusqu'au 26° 30′ par l'article 23° du traité du 29 juillet 1869 [2].

CHAPITRE VIII

Reconnaissance de nos droits par le gouvernement anglais

A tout ce que nous avons exposé vient se joindre la reconnaissance par le gouvernement anglais lui-même de nos droits et de notre possession des terres découvertes dans l'Afrique occidentale et orientale, reconnaissance qui date du XVIe siècle, ainsi que nous allons le démontrer par les faits suivants.

1°

Au commencement d'avril 1561, l'ambassadeur portugais, Manuel de Araujo, se plaignit à la reine Elisabeth d'Angleterre, au nom du roi don Sébastien, de ce que quelques navires anglais étaient allé trafiquer sur la côte Del-Mina, ce qu'ils n'auraient pas dû faire attendu que les provinces d'Afrique découvertes par les Portugais, ainsi que leur commerce et leur navigation, étaient la *légitime propriété* du Portugal, propriété acquise par les prédécesseurs de don Sébastien au prix de grands sacrifices d'argent et de sang, et qui n'avait jamais été disputée à la nation portugaise par aucun souverain [3].

Cette réclamation eut pour résultat la promulgation de la lettre patente d'Elisabeth d'Angleterre du 24 avril 1561, où elle disait que, quoiqu'il ne lui parût pas juste que l'on empêchât ses sujets de naviguer vers les terres soumises au roi de Portugal, elle désirait avertir les Anglais de *s'abstenir d'envoyer leurs navires dans les ports de l'Afrique, qui se trouvaient sous la domination du roi de Portugal* [4].

[1] *Bullarium pontificium Sacrae Congregationis de Propaganda fide,* tom. v. Romae, 1841, pag. 160.
[2] Document n° 9.
[3] Musée britannique, *Bibliothèque Cottonienne,* Nero B, 1,35.
[4] *State papers Office,* liasse 1 de Portugal.

E essa ordem deu em 1 de maio desse anno em carta dirigida ao grande almirante *(High Admiral of England)* [1], communicando-a tambem a el-rei de Portugal em carta de 22 de novembro seguinte [2].

2.º

Solicitando em 1571 um certo Grinvil do governo inglez licença para armamento de navios, foi-lhe dada sob condição de *não poder fazer descobrimento algum nos logares já visitados pelos hespanhoes e portuguezes,* facto que ao governo francez communicou o embaixador de França em Inglaterra, La Mothe Fenelon, em officio de 4 de junho de 1571 [3].

3.º

No artigo 12.º do tratado de 1642 entre D. João IV de Portugal e Carlos I de Inglaterra, reconheceu expressamente a Gran-Bretanha o dominio da corôa portugueza na costa que se estende *alem* do Cabo da Boa Esperança, e em que se comprehende a bahia de Lourenço Marques:

« *Item quod conventio treguae facta inter D. Michaelem de Noronham, Comitem de Linhares, Proregem Goae et Willielmum Methwold, Praesidem Anglorum in India Orientali 20 januarii 1635 stilo novo, inter subditos utriusque regis in India orientali, et in omnibus ditionibus serenissimi Regis Portugalliae ultra Caput Bonae Spei, continuabitur et observabitur* [4]. »

4.º

Reconheceu a Inglaterra terminantemente o nosso direito á bahia de Lourenço Marques na convenção de 28 de julho de 1817, addicional ao tratado de 22 de janeiro de 1815, em cujo artigo 2.º é expressamente confessada a soberania portugueza em todos os territorios entre o Cabo Delgado e bahia de Lourenço Marques.

« *Os territorios* (diz o texto portuguez) *que a corôa de Portugal possue nas costas de Africa ao sul do equador; a saber: na*

[1] *State papers Office,* liasse 1 de Portugal, document n.º 7.

[2] Museu britannico, *Bibliotheca Cottoniana,* Nero B, 1 fl. 97.

[3] *Correspondance diplomatique de La Mothe Fénélon,* publicada por Cooper, tom. XVI, pag. 127.

[4] Borges de Castro, *Collecção de tratados, convenções, etc., entre a corôa de Portugal e as mais potencias,* tom. I. Lisboa, 1856, pag. 82.

La reine donna cet ordre le 1er mai de la même année, dans une lettre adressée au grand amiral *(High Admiral of England)* [1]; ce qui fut communiqué au roi de Portugal par une lettre du 22 novembre suivant [2].

2º

Un certain Grinvil ayant, en 1571, sollicité du gouvernement anglais la permission d'armer des navires, elle lui fut accordée sous condition *qu'il ne pourrait faire aucune découverte dans les contrées déjà visitées par les Espagnols et les Portugais,* fait qui fut communiqué au gouvernement français par La Mothe Fénélon, ambassadeur de France en Angleterre, dans une dépêche datée du 4 juin 1571 [3].

3º

Dans l'article 12e du traité du 29 juin 1642, fait entre don Jean IV de Portugal et Charles 1er d'Angleterre, la Grande-Bretagne reconnaît expressément la souveraineté de la couronne portugaise sur la côte qui s'étend *au-delà* du cap de Bonne-Espérance, où se trouve comprise la baie de Lourenço Marques:

« *Item quod conventio treguae facta inter D. Michaelem de Noronham, Comitem de Linhares, Proregem Goae et Willielmum Methwold, Praesidem Anglorum in India Orientali 20 januari 1635 stilo novo, inter subditos utriusque regis in India orientali, et in omnibus ditionibus serenissimi Regis Portugalliae ultra Caput Bonae Spei, continuabitur et observabitur* [4]. »

4º

L'Angleterre a reconnu positivement nos droits sur la baie de Lourenço Marques dans la convention du 28 juillet 1817, additionnelle au traité du 22 janvier 1815, dans laquelle, par l'article 2e, la souveraineté portugaise sur tous les territoires compris entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques est expressément reconnue.

« *Les territoires* (dit le texte portugais) *que la couronne de Portugal possède sur les côtes d'Afrique au sud de l'équateur, sa-*

[1] *State Papers Office,* maço 1 de Portugal, documento n.º 7.

[2] Musée Britannique, *Bibliothèque Cottonienne,* Nero B. 1 fl. 97.

[3] *Correspondance diplomatique de La Mothe Fénélon,* publiée par Cooper, tom. XVI, pag. 127.

[4] Borges de Castro, *Collecção de tratados, convenções, etc., entre a corôa de Portugal e as mais potencias,* tom. I, Lisbonne, 1856, pag. 82.

costa oriental da Africa, o territorio comprehendido entre o Cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques, etc.»

«*The territories* (diz o texto inglez) *possessed by the crown of Portugal upon the coast of Africa to the south of the Equator, that is to say: upon the eastern coast of Africa the territory layng between Cape Delgado and the bay of Lourenço Marques,* etc.»

Contra este irrespondivel argumento, deduzido do artigo 2.º da convenção de 1817, oppoz a Inglaterra:

1.º Respondendo ás notas do duque de Palmella (1827-1828), que a bahia de Lourenço Marques, como limite sul das possessões portuguezas, deve entender-se *exclusivamente.*

2.º Em uma nota do seu enviado em Lisboa, que as expressões *bahia de Lourenço Marques* não designam verdadeiramente a bahia d'esse nome *(Delagoa bay),* mas a pequena bahia em frente do estabelecimento portuguez no rio do *Espirito Santo (English river).*

Não obsta a primeira objecção, já porque nem a Inglaterra poderia *só por si* decidir da interpretação do tratado sendo um contrato bilateral, já porque, a fazê-lo, tal interpretação seria inadmissivel por absurda e contradictoria:

1.º Porque a assignação da bahia de Lourenço Marques como limite sul dos dominios portuguezes na Africa oriental, não póde deixar de entender-se *inclusivamente,* assim como o Cabo Delgado, limite norte, tem sempre sido entendido *inclusivamente* por todas as nações e pela propria Inglaterra;

2.º Porque nunca poderia entender-se *exclusivamente,* pois não assignaria Portugal um tratado que *assim* o excluiria de *toda* a bahia, onde havia quasi tres seculos tinha assentado o seu dominio;

3.º Porque a Inglaterra, pretendendo *só* a parte *sul* da bahia, e não contestando a Portugal a soberania do seu estabelecimento e fortaleza *para o norte,* reconhece-lhe contradictoriamente direito a *meia* bahia, quando em presença da letra do tratado, ou teria direito a *toda,* sendo,

voir: sur la côte orientale d'Afrique, le territoire compris entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques, etc.»

«*The territories* (dit le texte anglais) *possessed by the crown of Portugal upon the coast of Africa to the south of the Equator, that is to say: upon the eastern coast of Africa the territory layng between Cape Delgado and the bay of Lourenço Marques,* etc.»

A cet argument irréfutable tiré de l'article 2e de la convention de 1817, l'Angleterre a opposé;

1° En réponse aux notes diplomatiques du duc de Palmella (1827–1828): que la baie de Lourenço Marques, en tant que limite sud des possessions portugaises devait s'entendre *exclusivement.*

2° Dans une note de son chargé d'affaires à Lisbonne, que les mots *baie de Lourenço Marques* ne désignent pas véritablement la baie de ce nom *(Delagoa bay),* mais bien la petite baie située devant l'établissement portugais sur le fleuve du *Saint-Esprit (English river).*

La première objection est inadmissible, attendu que, non-seulement l'Angleterre ne pourrait *seule* décider au sujet de l'interprétation du traité, puisqu'il constitue un contrat bilatéral, mais aussi parce que, si elle le faisait, cette interprétation serait inacceptable à cause de son absurdité et de la contradiction qu'elle renferme:

1.º Parce que la désignation de la baie de Lourenço Marques comme limite sud des possessions portugaises dans l'Afrique orientale, ne peut pas s'entendre autrement que *inclusivement,* de même que la désignation du cap Delgado comme limite nord a toujours été comprise *inclusivement* par toutes les nations et par l'Angleterre elle-même;

2° Parce qu'il eût été impossible de sous-entendre ce mot *exclusivement,* car le Portugal n'aurait pas en ce cas signé un traité qui l'aurait *ainsi* dépossédé de toute cette baie où, depuis plus de trois siècles, il avait établi sa souveraineté;

3° Parce que l'Angleterre, réclamant *seulement* la partie *sud* et ne contestant pas au Portugal la souveraineté de son établissement et de sa forteresse *au nord,* lui reconnaît contradictoirement un droit sur une moitié de la baie, alors que, en présence de la lettre du traité, ou il a droit

como deve ser tomada *inclusivamente*, ou não teria direito a parte alguma d'ella, sendo tomada, como a Inglaterra entende, *exclusivamente;*

4.° Porque todas as nações, reconhecendo hoje o nosso direito e soberania na bahia de Lourenço Marques, confirmam a unica e possivel interpretação do tratado, devendo mencionar-se como facto mais recente d'este reconhecimento o tratado de commercio e limites com a republica dos Boers, celebrado em 29 de julho de 1869, no qual o limite sul do nosso territorio é fixado por uma recta tirada de 26° 30′ latitude sul.

5.° Porque sendo, como é, clara e precisa a disposição do tratado, não é admissivel interpretação restrictiva da sua letra, segundo a regra ensinada por Wolf: «*Standum omnino est iis quae verbis expressis, quorum manifestus est significatus, indicata fuerunt, nisi omnem a negotiis humanis certitudinem removere volueris* [1]»; e repetida por Vattel: «*Quand un acte est conçu en termes clairs et précis, quand le sens en est manifeste et ne conduit à rien d'absurde, on n'a aucune raison de se refuser au sens que cet acte présente* [2]».

Não obsta tão pouca a segunda objecção:

1.° Porque está em contradição com a primeira; porquanto, ao passo que, no systema d'aquella, as expressões *bahia de Lourenço Marques* são tomadas como equivalentes de *Delagoa bay* para serem entendidas exclusivamente, no systema d'esta segunda objecção já não são equivalentes de *Delagoa bay,* e designam apenas a insignificante bahia ou aguada fronteira ao estabelecimento portuguez no rio do Espirito Santo!

2.° Porque tendo sempre as expressões *bahia de Lourenço Marques* designado a bahia a que os inglezes só começaram a dar o nome de *Delagoa bay* em 1823 (como se demonstrou no cap. II da part. I) essas expressões hão de ser necessariamente entendidas na convenção de 1817 no sentido em que *então* eram e sempre foram

[1] *Jus natur.*, pars VII, not. 822.

[2] *Le droit des gens*, liv. II, cap. XVII, § 263; Grotius, *De jure belli ac pacis*, lib. II, cap. XVI; Rutherforth's, *Institut.* II, cap. VII; Kluber, *Droit des gens moderne de l'Europe*, §§ 163.° e 328.°, etc.

à *toute* la baie (si l'on accepte, comme cela doit être, le mot *inclusivement*), ou bien il n'a droit à *aucune partie* de cette baie (si l'on sous-entend, ainsi que l'exige l'Angleterre, le mot *exclusivement*);

4° Parce que toutes les nations, reconnaissant aujourd'hui notre droit et notre souveraineté sur la baie de Lourenço Marques, confirment ainsi la seule interprétation possible du traité. L'on peut indiquer, comme la preuve la plus récente de cette reconnaissance, le traité de commerce et de limites fait avec la république des Boers, le 29 juillet 1869, traité dans lequel les limites sud de notre territoire sont fixées par une ligne droite tirée du 26°30′ de latitude sud.

5° Parce que, la disposition du traité étant claire et précise, on ne peut admettre aucune interprétation restrictive de sa lettre, suivant la règle enseignée par Wolf: «*Standum omnino est iis quae verbis expressis, quorum manifestus est significatus, indicata fuerunt, nisi omnem a negotiis humanis certitudinem removere volueris* [1]», et répétée par Vattel: «*Quand un acte est conçu en termes clairs et précis, quand le sens en est manifeste et ne conduit à rien d'absurde, on n'a aucune raison de se refuser au sens que cet acte présente* [2]».

La seconde objection n'a pas une plus grande valeur:

1° Parce que cette seconde objection est en contradiction avec la première; attendu que, tandis que d'après le système de la première objection les mots *baie de Lourenço Marques* sont pris comme équivalents de *Delagoa bay* pour être entendus exclusivement, d'après celui de la seconde ces mots ne sont déjà plus les équivalents de *Delagoa bay* et désignent à peine l'insignifiante baie ou anse qui se trouve en face de l'établissement portugais sur le fleuve du Saint-Esprit!

2° Parce que les mots *baie de Lourenço Marques* ayant toujours désigné la baie à laquelle les Anglais ne commencèrent à donner le nom de *Delagoa bay* qu'en 1823 (ainsi que nous l'avons démontré au chapitre II de la première partie) ces mots doivent être forcément compris, dans la convention de 1817, dans le sens

[1] *Jus natur.*, part. VII not. 822.

[2] *Le droit des gens*, liv. II, chap. XVII, § 263; Grotius, *De jure belli ac pacis*, lib. II. chap. XVI; Rutherforth's, *Institut.* II, chap. XII; Kluber, *Droit des gens moderne de l'Europe*, §§ 163e et 328e, etc.

tomadas; o que tambem é uma regra de interpretação dos tratados formulada por Vattel [1]: «*Le nom des pays... doit s'entendre suivant l'usage reçu alors... car on ne présume point que des ignorants ou des sots soient chargés d'une chose aussi importante*».

3.° Porque se a Inglaterra se não queria d'ellas servir na *unica* accepção que tinham n'essa epocha, explicasse-se; e não o tendo feito, ha de soffrer-lhe as consequencias, segundo a regra ensinada por Vattel: «*Si celui qui pouvait et devait s'expliquer nettement et pleinement ne l'a pas fait, tant pis pour lui: il ne peut être reçu à apporter subséquemment des restrictions qu'il n'a pas exprimées* [2]»; o que não é senão a applicação da maxima de direito romano: «*Pactionem obscuram iis nocere, in quorum fuit potestate legem apertius conscribere* [3]».

5.°

O reconhecimento expresso do nosso dominio na bahia de Lourenço Marques no artigo 2.° da convenção de 28 de julho de 1817 já estava implicito no tratado de 19 de fevereiro de 1810, quando no artigo 24.° se dizia que seria assegurado aos inglezes o commercio com as *possessões portuguezas na costa oriental de Africa*: «*All trade with the Portuguese possessions situated upon the eastern coast of the continent of Africa... which may have been formerly allowed to the subjets of Great Britain, is confirmed and secured to them* [4]».

Esta generalidade das expressões *possessões portuguezas na costa oriental* abrangia para os dois governos a bahia de Lourenço Marques; para o de Portugal, porque estando de posse da bahia e n'ella estabelecido, não duvidava do seu direito; para o de Inglaterra, porque não elevava pretensões a ella ou parte d'ella.

Se a Gran-Bretanha ou outra qualquer potencia contestasse a Portugal o seu direito, forçosamente se teria feito essa declaração com as reservas necessarias, como se fez, com relação a outros territorios dis-

1 Loco cit., § 271.°, e liv. IV, cap. III, § 33.°
2 Loco cit., § 264.°
3 L. 39, Dig. *de pactis*, e L. 21 *de contrah. emptione.*
4 Documento n.° 89.

qui leur était *alors* et qui leur fut toujours appliqué, ce qui constitue encore une règle d'interprétation des traités, formulée par Vattel [1]: «*Le nom des pays... doit s'entendre suivant l'usage reçu alors... car on ne présume point que des ignorants ou des sots soient chargés d'une chose aussi importante*».

3° Parce que l'Angleterre, si elle ne voulait pas se servir de ces mots dans *l'unique* acception qu'ils avaient à cette époque, aurait dû s'en expliquer, et comme elle ne l'a pas fait, elle devra en subir les conséquences, ainsi que l'enseigne la règle de Vattel: «*Si celui qui pouvait et devait s'expliquer nettement et pleinement ne l'a pas fait, tant pis pour lui: il ne peut être reçu à apporter subséquemment des restrictions qu'il n'a pas exprimées* [2]»; ce qui n'est que l'application de la maxime du droit romain: «*Pactionem obscuram iis nocere, in quorum fuit potestate legem apertius conscribere* [3]».

5°

La reconnaissance expresse de notre souveraineté sur la baie de Lourenço Marques, contenue dans l'article 2e de la convention du 28 juillet 1817 se trouvait déjà sous-entendue dans le traité du 19 février 1810, puisque l'article 24e de ce traité assurait aux Anglais le commerce avec les *possessions portugaises de la côte orientale d'Afrique*: «*All trade with the Portugueses possessions situated upon the eastern coast of the continent of Africa... which may have been formerly allowed to the subjets of Great-Britain, is confirmed and secured to them* [4]».

Pour les deux gouvernements, cette généralité des mots *possessions portugaises de la côte orientale* comprenait la baie de Lourençe Marques; pour le gouvernement portugais, parce que, ayant alors la possession de cette baie et s'y trouvant établi, il ne doutait en aucune façon de son droit, et pour le gouvernement anglais, parce qu'il n'élevait aucune prétention à la baie ou à une partie de la baie.

Si la Grande-Bretagne ou une autre puissance quelconque eût contesté au Portugal son droit, cette déclaration eût forcément été faite avec les réserves nécessaires, comme cela eut lieu à l'égard

1 Loc. cit., § 271e, et liv. VI, chap. III, § 33e.
2 Loc. cit., § 264.
3 L. 39. Dig. *de pactis* et L. 21e *de contrah. emptione.*
4 Document nº 89.

putados, no artigo 15.° do outro tratado da mesma data celebrado com aquelle paiz, e annullado pelo artigo 3.° do tratado assignado em Vienna a 22 de janeiro de 1815.

N'esse artigo 15.° declarou-se com effeito que as suas estipulações não invalidariam ou affectariam de modo algum os direitos da corôa de Portugal aos territorios de Cabinda e Molembo na Africa occidental, e de Ajudá e outros pontos da costa da Mina [1].

E porque não se fez igual declaração com respeito á bahia de Lourenço Marques de que estavamos de posse? Porque ninguem, nem a propria Inglaterra, punha em duvida o nosso direito.

Ainda mais; no proprio artigo 2.° da convenção com a Inglaterra de 28 de julho de 1817, em que expressamente se mencionava a bahia de Lourenço Marques como extremo sul das possessões portuguezas na Africa oriental, não apparece reserva alguma, ao passo que no n.° 2.° d'esse artigo se fez, como no tratado de 1810, a reserva quanto a Cabinda e Molembo.

6.°

Reconheceu ainda a Gran-Bretanha ultimamente o direito de Portugal. Queixou-se o Panda, rei dos Zulus, em 1855, de que os caçadores portuguezes de Lourenço Marques, indo á caça do elephante ao sul da bahia, se estendiam por esse lado a ponto de irem ao seu territorio invadir as florestas que para si reservára; e pediu ao governador inglez do Cabo da Boa Esperança, sir George Grey, que solicitasse do governo portuguez que isto não continuasse, o que elle fez em officio de 28 de fevereiro de 1855 ao commissario portuguez da commissão mixta do Cabo [2].

É sabido que o Panda é um regulo independente, cujo territorio está situado entre as possessões inglezas do Cabo e de Natal, e a parte S. da bahia de Lourenço Marques, e com o qual até a Inglaterra fez um tratado em 1843 [3].

Se a parte S. da bahia de Lourenço

[1] Documento n.° 90.
[2] Documento n.° 91 e annexos.
[3] Documento n.° 92.

d'autres territoires disputés, dans l'article 15e de l'autre traité fait à la même date avec cette nation et annulé par l'article 3e du traité signé à Vienne le 22 janvier 1815.

Dans cet article 15e, il fut en effet déclaré que ses clauses n'invalideraient pas ou n'affecteraient en aucune façon les droits de la couronne portugaise aux territoires de Cabinda et de Molembo dans l'Afrique occidentale et à ceux d'Ajuda et d'autres points sur la côte de la Mine [1].

Et pourquoi une semblable déclaration ne fut-elle pas faite au sujet de la baie de Lourenço Marques que nous avions en notre possession? Parce que personne, ni même l'Angleterre, ne mettait en doute notre droit.

Il y a plus: dans ce même article 2e de la convention faite avec l'Angleterre le 28 juillet 1817, où la baie de Lourenço Marques était expressément désignée comme formant l'extrémité sud des possessions portugaises dans l'Afrique orientale, il n'était fait aucune réserve au sujet de cette baie tandis que, dans le n° 2 de cet article, on faisait, comme dans le traité de 1810, une réserve au sujet de Cabinda et de Molembo.

6°

Encore dernièrement la Grande-Bretagne a reconnu le droit du Portugal. Panda, roi des Zoulous, se plaignit, en 1855, de ce que les chasseurs portugais de Lourenço Marques, poursuivant les éléphants au sud de la baie, s'avançaient de son côté au point d'envahir les forêts qu'il s'était réservées sur son territoire, et il pria le gouverneur anglais du cap de Bonne-Espérance, sir George Grey, de demander au gouvernement portugais qu'un pareil fait ne se renouvelât pas, ce que le gouverneur fit dans une dépêche officielle datée du 28 février 1855 et adressée au commissaire portugais de la commission mixte du Cap [2].

On sait que Panda est un régule indépendant avec lequel l'Angleterre a fait un traité en 1843 [3], et dont le territoire est situé entre les possessions anglaises du Cap et de Natal, et la partie sud de la baie de Lourenço Marques.

Or, si la partie sud de la baie de Lou-

[1] Document n° 90.
[2] Document n° 91 et annèxes.
[3] Document n° 92.

Marques, pela qual os caçadores portuguezes íam invadir as terras de Panda, fosse da Inglaterra e não de Portugal, viriam as auctoridades inglezas recorrer ás portuguezas para evitar essa invasão? Não se acredita; o remedio estaria na propria Inglaterra, se ella considerasse como sua, e possuisse, a parte sul d'aquella bahia.

7.º

Foi finalmente reconhecido o direito de Portugal pelas proprias auctoridades inglezas do Cabo quando em 1861, por occasião das reclamações do nosso representante n'aquelle ponto, a proposito da annexação e simulacro de posse da Unhaca, declaravam que tudo isso se fazia com o *consentimento e annuencia de Portugal*[1] *(!)*, annuencia que necessariamente suppunha o seu direito.

PARTE QUINTA

Refutação das pretensões da Inglaterra

Pretende a Inglaterra a soberania da parte S. da bahia, isto é, dos territorios de Tembe e Maputo, incluindo n'este as ilhas da Unhaca e dos Elephantes, e os fundamentos que allega são os seguintes:

1.º A cessão que diz terem feito d'esses territorios em 1823 os respectivos regulos á corôa da Gran-Bretanha por intermedio do capitão Owen da marinha britannica.

2.º O desejo de evitar o trafico da escravatura e de promover o commercio licito na bahia de Lourenço Marques.

D'estes dois fundamentos o primeiro é principal, o segundo subsidiario. Examinemos o valor de cada um d'elles.

CAPITULO I

Exame do primeiro fundamento da Inglaterra (convenções com os regulos em 1823)

Este primeiro e principal fundamento da pretensão da Inglaterra á parte S. da bahia, deduzido dos tratados com os regulos do Tembe em 8 de março, e do

[1] Documentos n.os 63-66.

renço Marques, par laquelle les chasseurs portugais envahissaient les terres de Panda, avait appartenu à l'Angleterre et non au Portugal, les autorités anglaises auraient-elles eu recours aux autorités portugaises pour empêcher un pareil fait? évidemment non; si l'Angleterre eût considéré comme sienne la partie sud de cette baie, elle eût trouvé en elle-même les moyens d'empêcher la violation des terres de Panda.

7°

Enfin le droit du Portugal a été reconnu par les autorités du Cap elles-mêmes alors que, en 1861, à l'occasion des réclamations de notre représentant au Cap à l'égard de l'annexion et du simulacre de prise de possession de l'Unhaca, ces autorités déclaraient que tout cela s'était fait avec le *consentement* et l'*approbation du Portugal* (!), approbation qui supposait nécessairement notre droit.

CINQUIÈME PARTIE

Réfutation des prétentions de l'Angleterre

L'Angleterre réclame la souveraineté de la partie sud de la baie, c'est-à-dire, des territoires de Tembe et de Mapouto, en y comprenant les îles de l'Unhaca et des Éléphants. Elle appuie ses prétentions:

1° Sur la cession qu'elle prétend que les respectifs régules lui ont faite de ces territoires en 1823, par l'entremise du capitaine Owen de la marine britannique.

2° Sur le désir de mettre obstacle à la traite des nègres et d'encourager tout commerce licite dans la baie de Lourenço Marques.

Le principal de ces arguments est le premier, l'autre n'est que subsidiaire. Examinons la valeur de chacun d'eux.

CHAPITRE I

Examen du premier argument présenté par l'Angleterre (Conventions faites avec les régules en 1823)

Ce premier et principal argument présenté par l'Angleterre comme base de ses prétentions à la partie sud de la baie de Lourenço Marques et tiré des traités faits

[1] Documents nos 63-66.

Maputo em 3 e 23 de agosto de 1823, nada vale:

1.° Porque esses tratados considerados na fórma e no fundo são ficticios;

2.° Porque, quando não fossem ficticios, seriam nullos na *fórma* e no *fundo*.

3.° Porque não poderiam em todo o caso produzir effeito algum a favor da Inglaterra.

Desenvolvamos cada um d'estes pontos.

SECÇÃO I

Os tratados são ficticios

A falsidade dos tratados demonstra-se por argumentos extrinsecos e intrinsecos ou deduzidos d'elles proprios.

Demonstra-se por argumentos *extrinsecos:*

1.° Em relação a ambos os regulos de Maputo e de Tembe, pela declaração delles reclamando logo em outubro de 1823[1] contra as figuradas convenções, que negaram redondamente;

2.° Em relação especial ao do Tembe, pela declaração feita em 1 de junho de 1823 pelo commandante das forças navaes britannicas no Cabo, José Nowe, de que Owen recebêra o papel com a cessão mandado pelo regulo Capella *por mão do chefe Slangella*[2]; d'onde resulta, pela confissão dos proprios inglezes, não ser o rei Capella (o qual, como vimos, nega a cessão) quem entregou o documento ao capitão Owen, nem quem tratou com elle, mas um chefe subalterno; o que, combinado com o protesto do rei, é mais uma prova da falsidade do mesmo documento ou de alguma mystificação armada ao capitão Owen.

Demonstra-se por argumentos intrinsecos deduzidos dos proprios documentos, que elles são visivelmente forjados; esses argumentos derivão da *lingua* em que são escriptos, da *assignatura* dos regulos, do *modo por que estão escriptos os seus nomes* e de *algumas das suas disposições.*

Da lingua em que são escriptos:

1.° Porque figurando a cessão do Tem-

[1] Documentos n.os 32–34.
[2] Documento n.° 38.

avec le régule du Tembe le 8 mars, et avec celui du Mapouto le 3 et le 23 août 1823, n'a aucune valeur:

1° Parce que ces traités, considérés dans leur forme et dans leur fond, sont fictices;

2° Parce que, quand même ils ne seraient pas fictices, ils n'en seraient pas moins nuls dans la *forme* et dans le *fond;*

3° Parce qu'ils ne pourraient produire aucun effet favorable aux prétentions de l'Angleterre.

Développons chacun de ces points.

SECTION I

Les traités sont fictices

La fausseté des traités se démontre par des arguments extrinsèques et intrinsèques ou que l'on déduit de ces documents mêmes.

Elle se démontre par des arguments extrinsèques:

1° A l'égard des deux régules de Mapouto et de Tembe, par leur déclaration faite en octobre 1823[1], protestant immédiatement contre les prétendues conventions qu'ils nièrent formellement avoir faites.

2° Spécialement à l'égard du régule de Tembe, par la déclaration faite le 1er juin 1823 par le commandant des forces navales britanniques au Cap, Joseph Nowe, qui disait qu'Owen avait reçu les pièces portant la cession faite par le régule Capella, *des mains du chef Slangella*[2]; d'où il résulte, de l'aveu des Anglais eux-mêmes, que ce ne fut pas le roi Capella en personne (lequel, comme nous l'avons vu, nie la cession) qui remit le document au capitaine Owen ni qui traita avec lui, mais bien un chef subalterne, ce qui, en se combinant avec la protestation du roi, est une preuve de plus de la fausseté de ce document ou d'une mystification faite au capitaine Owen.

Les arguments intrinsèques que l'on déduit de ces documents mêmes prouvent jusqu'à l'évidence que ces documents sont faux; ces arguments découlent de la *langue* dans laquelle sont rédigés ces documents, de la *signature* des régules, de la *manière dont leurs noms sont écrits,* et de *quelques-unes de leurs dispositions.*

De la langue dans laquelle ils sont rédigés:

1° Parce que la cession du Tembe fi-

[1] Documents nos 32–34.
[2] Document n° 38.

be como sendo espontaneamente feita e escripta pelo regulo Capella em 8 de março, enviada a Owen e acceita por este em 19 d'esse mez, é certo que nem o rei escrevia inglez, nem essa lingua era corrente no Tembe, e por isso não podia o rei escrever ou mandar escrever um documento em inglez, lingua que não fallava nem entendia.

2.° Porque sendo tambem os dois tratados com o Maputo escriptos em inglez, é certo que o regulo Macassana não sabia essa lingua, e só fallava o portuguez, o que confessa o proprio Owen, dizendo que quando tinha que se dirigir a elle era por meio de pretos que fallavam o portuguez: « *The Captain* (Owen)... *by the aid of some Mattollese, who spoke a little portuguese... carried on a long conversation* [1] ».

3.° Porque sendo o portuguez a lingua vulgarissima na bahia, o natural era servirem-se d'ella os regulos que a entendiam e fallavam como os seus subditos.

Da assignatura dos regulos:

1.° Porque nos documentos figura-se que elles os assignaram, e é certo que nem elles nem os seus antecessores sabiam escrever.

2.° Porque elles junto ao nome, que é escripto por quem lavra o documento, usam apenas de um *signal* de que damos um fac-simile [2].

Do modo por que estão escriptos os nomes:

1.° Porque a assignatura do regulo do Tembe, como está no tratado, é *Kapel,* que é como os inglezes escrevem o titulo do rei, o qual aliás se pronuncia e escreve como em portuguez *Capella,* o que mostra ser a assignatura, assim como o documento, obra de alguns inglezes.

2.° Porque a do chefe de Maputo está escripta *Makasane,* á ingleza, quando o seu nome se pronuncia e escreve *Macassana.*

Do conteúdo e de algumas disposições dos documentos:

gure dans ces documents comme ayant été faite spontanément et écrite par le régule Capella le 8 mars, envoyée à Owen et acceptée par ce dernier le 19 du même mois; or, comme il est certain que le roi n'écrivait pas l'anglais, langue inconnue dans le Tembe, l'impossibilité où il était de rédiger un document en anglais ou de le faire écrire dans cette langue qu'il ne comprenait même pas devient donc évidente.

2° Parce que les deux traités à l'égard de Mapouto sont écrits en anglais; or, il est avéré que le régule Macassana n'avait aucune connaissance de cette langue et ne parlait que le portugais, ainsi que l'avoue Owen, lui-même, puisqu'il dit que, lorsqu'il avait à s'adresser au régule, il employait comme interprètes des noirs qui parlaient portugais: « *The Captain* (Owen)... *by the aid of some Mattollese, who spoke a little portuguese... carried on a long conversation* [1] ».

3° Parce que la langue portugaise étant très répandue dans la baie, il était tout simple que les régules qui comprenaient cette langue et l'employaient aussi bien que leurs sujets, s'en servissent dans cette circonstance.

De la signature des régules:

1° Parce qu'il est dit dans ces documents qu'ils ont été signés par les régules, alors qu'il est avéré que ni eux ni leurs prédécesseurs ne savaient écrire.

2° Parce que les régules sont dans l'usage d'ajouter à leur nom écrit par celui qui dresse un contrat, un simple signe dont nous donnons le fac-simile [2].

De la manière dont leurs noms sont écrits:

1° Parce que la signature du régule de Tembe, telle qu'elle se trouve dans le traité, est *Kapel,* ainsi que les Anglais désignent le titre du roi, alors que ce titre s'écrit et se prononce comme en portugais, *Capella,* ce qui prouve que quelques Anglais sont les seuls auteurs et de la signature et du document.

2° Parce que la signature du chef de Mapouto est écrite à la manière anglaise, *Makasane,* tandis que ce nom s'écrit et se prononce *Macassana.*

De quelques-unes de leurs dispositions:

[1] *Narratives of voyages,* tom. I, pag. 262.
[2] Documento n.° 93.

[1] *Narratives of voyages,* tom. I, p. 262.
[2] Document n° 93.

1.° Porque no preambulo do tratado com o Tembe se declara o regulo Maietta Capella rei dos territorios comprehendidos entre o *English river* e *Dundas,* e o rio *Maputo;* ora é incrivel que o rei désse os nomes de *English river* ao rio do Espirito Santo e o de *Dundas* ao de Lourenço Marques que n'elle conflue, nomes que os indigenas nunca lhes deram, nem dão.

2.° Porque, quem acreditará ao ler o artigo 11.° desse denominado tratado, que um regulo das tribus semi-barbaras do Tembe tivesse em 1823 a velleidade de impor como condição da sua cessão o *estabelecimento do jury* (jurymen) em materia civil e criminal no seu territorio, n'uma epocha em que muitas nações civilisadas ainda não tinham implantado essa instituição entre ellas?!

Digamos a verdade. Os documentos alcunhados de cessão ou tratados não passam de papeis forjados pelo capitão Owen, ou então por algum inglez que o mystificou.

O certo é que os regulos nada fizeram nem assignaram.

Owen disse-lhes que lhes havia de enviar em navios inglezes muitas fazendas e presentes, e deixou a cada um d'elles um papel em inglez, que elles desconfiados, não queriam acceitar; Owen instóu-os para os receberem, dizendo serem as *notas das fazendas que elle lhes havia de mandar;* eram os chamados *tratados!* isto não se commenta.

Não deve por certo esquecer o que sobre este assumpto escreve judiciosamente E. Ortolan: *Les conventions qui doivent aboutir à un engagement de céder une portion du territoire sont d'une telle gravité, que, outre les règles communes pour toutes les conventions, les lois de chaque nation ont assujetti celles-ci à des conditions particulières nécessaires à la validité de leur existence* [1].

[1] *Du domaine international,* pag. 58.
A quem ler o trabalho de Ferdinand Denis, *Notes sur les traités chez les peuples sauvages,* que constitue o appendice 1.° dos *Études sur les traités publics chez les Grecs et chez les Romains* de Egger, membro do Instituto, não poderá restar duvida, examinando os pretendidos tratados de Owen, sobre o valor d'estes.

1° Parce que, dans le préambule du traité fait avec le Tembe, le régule Maietta Capella se donne le titre de roi des territoires compris entre le *English river* et *Dundas,* et le fleuve *Mapouto;* or il est inadmissible que le roi ait pu donner le nom de *English river* au fleuve du Saint-Esprit et celui de *Dundas* au fleuve de Lourenço Marques, son confluent, noms par lesquels les indigènes n'ont jamais désigné ces fleuves.

2° Parce qu'aucun des lecteurs de l'article 11 de ce supposé contrat ne pourra croire qu'un régule des tribus à moitié sauvages du Tembe ait eu, en 1823, la velléité d'imposer, comme condition de la cession de ses terres, l'*établissement du jury* (jurymen) en matière civile et criminelle sur son territoire, à une époque où un grand nombre de nations civilisées n'avaient pas encore implanté chez elles cette institution?!

Disons la vérité: les documents nommés actes de cession ou contrats ne sont que des pièces controuvées par le capitaine Owen ou par quelque Anglais qui aura voulu le mystifier.

Ce qui est certain, c'est que les régules n'ont rien fait, n'ont rien signé.

Owen leur assura qu'il leur enverrait par des navires anglais beaucoup de marchandises et un grand nombre de présents, et, à chacun d'eux, il laissa un écrit en anglais que, par méfiance, il ne voulaient pas recevoir. Owen les pressa de les accepter, leur déclarant que c'était *la liste des marchandises qu'il leur destinait.* Ces écrits n'étaient autre chose que les prétendus *traités!* tous commentaires sont superflus.

On ne doit certainement pas oublier ce que E. Ortolan écrit si judicieusement sur un pareil sujet: *Les conventions qui doivent aboutir à un engagement de céder une portion du territoire sont d'une telle gravité, que, outre les règles communes pour toutes les conventions, les lois de chaque nation ont assujetti celles-ci à des conditions particulières nécessaires à la validité de leur existence* [1].

[1] *Du domaine international,* p. 58.
Ceux qui liront le travail de Ferdinand Denis, *Notes sur les traités chez les peuples sauvages,* qui constitue l'appendice 1er des *Études sur les traités publics chez les Grecs et chez les Romains,* de Egger, membre de l'Institut, ne pourront, en examinant les prétendus traités faits par Owen, conserver le moindre doute sur leur nullité.

E póde a Inglaterra sustentar que n'esses chamados tratados se observaram as regras que ella segue nos que celebra com os outros povos?

SECÇÃO III

As cessões são nullas na fórma

Quando porém os tratados com os regulos do Maputo e do Tembe não fossem uma ficção, não teriam valor algum juridico, nem na fórma, nem no fundo.

Não o teriam na fórma.

1.° Porque sendo principio de direito das gentes que a validade dos tratados depende dos poderes do plenipotenciario [1], o capitão Owen da marinha britannica, alem de não ser pessoa publica auctorisada *pela sua posição* a fazer tratados, não tinha, ainda que o fosse, poderes alguns do governo britannico para celebrar tratados com os regulos da bahia de Lourenço Marques, o que tornaria as convenções duplicadamente nullas na fórma. E não só o governo britannico não póde mostrar que elle tivesse esses poderes, antes o contrario provam as instrucções que em data de 4 de fevereiro de 1822 lhe foram dadas pelo almirantado inglez, as quaes se limitavam a estudos hydrographicos na costa oriental de Africa, como se vê a pag. VI e seguintes do tom. I da já referida obra, *Narrative of voyages,* etc. *under the direction of Captain W. F. W Owen (London 1833).*

2.° Porque ainda mesmo que esta nullidade de fórma podesse ser coberta por uma ratificação de ambas as partes contratantes, o que ás vezes se admitte em direito das gentes [2], tal ratificação não existiu, nem se póde mostrar por parte da Inglaterra, ou dos regulos de Maputo e do Tembe, os quaes pelo contrario declararam em acto continuo, no mesmo anno de 1823, não reconhecerem outra soberania que não fosse a de Portugal, o

[1] Grotius, *De jure belli ac pacis,* lib. II cap. 11 § 12; J. Gerhard. *Dissertat. academicae* p. IV n.° 11; J. H. Lohman, *Dissertat. de diverso mandatorum genere quibus legati constituuntur,* Lugd. Batav. 1750, cap. 4; Kluber, loc. cit. § 142; etc.

[2] Grotius, lib. II, cap. 15 §§ 3, 16 e 17; Vattel, liv. II, cap. 14, § 212; Eisenbach, *Diss. de sponsionibus,* Ien. 1723; De Martens, *Recueil,* IV, 568; Kluber, § 142.

Et l'Angleterre peut-elle soutenir que dans ces prétendus traités ont été observées les règles qu'elle suit elle-même lorsqu'elle traite avec d'autres peuples?

SECTION III

Les cessions sont nulles dans la forme

Alors même que les traités avec les régules du Mapouto et du Tembe ne seraient pas une fiction, ils n'auraient aucune valeur juridique, ni dans la forme ni dans le fond.

Ils n'auraient aucune valeur dans la forme:

1° Parce que, d'après les principes du droit des gens, la validité d'un traité dépend des pouvoirs du plénipotentiaire [1]; or, le capitaine Owen, de la marine britannique, indépendamment qu'il n'était pas personnage public ayant *par sa position* qualité pour faire des traités, n'avait, alors que ses fonctions le lui permissent, aucuns pouvoirs du gouvernement britannique pour traiter avec les régules de la baie de Lourenço Marques, circonstance qui rendrait les contrats doublement nuls dans la forme. Et, non-seulement il serait impossible au gouvernement anglais de prouver qu'Owen avait ces pouvoirs, mais encore les instructions qui lui furent données par l'amirauté anglaise en date du 4 février 1822 établissent le contraire, ces instructions se bornant à déterminer des études sur l'hydrographie de la côte orientale d'Afrique, comme on le voit à la page VI et suivantes du tome I de l'ouvrage déjà cité, *Narrative of voyages,* etc. *under the direction of Captain W. F. W. Owen (London 1833.)*

2° Parce qu'alors même que cette nullité de forme pût être couverte par une ratification des deux parties contractantes, ce qui s'admet quelquefois en droit des gens [2], cette ratification n'a eu lieu ni de la part de l'Angleterre ni de celle des régules du Mapouto et du Tembe qui ont, au contraire, immédiatement et spontanément déclaré, dans le courant de cette même année 1823, qu'ils ne reconnaissaient d'autre souveraineté que celle

[1] Grotius, *De jure belli ac pacis,* lib. II, cap. 11, § 12; I. Gerhard, *Dissertat. academicae,* p. IV n.° 11; J. H. Lohman, *Dissertat. de diverso mandatorum genere quibus legati constituuntur,* Lugd. Batav. 1750, cap. 4; Kluber, loc. cit., § 142, etc.

[2] Grotius, lib. II, cap. 15, §§ 3, 16 et 17; Vattel, liv. II, chap. 14, § 212; Eisenbach, *Diss. de sponsionibus,* Ien. 1723; de Martens, *Recueil,* IV, 568; Kluber, § 142.

que tornava até impossivel e inefficaz qualquer ratificação posterior da Inglaterra.

3.° Porque o facto de Owen, tratando *sem qualidade,* nem póde ser comparado ás simples *sponsiones,* que por *excederem* o mandato dos delegados dos governos podiam ser validadas pela ratificação posterior; em cujo numero se contam no seculo XVIII a convenção de Reichenbach de 1790[1], e a convenção entre o duque de York e o general Brune de 1799[2], e anteriormente no seculo XVI a celebrada entre La Tremouille e os suissos, quando, para salvar Dijon por elles cercado em 1513, renunciou em nome de Luiz XII ao ducado de Milão, e se obrigou a pagar 600:000 escudos[3]. Da parte de Owen não houve *excesso,* houve *falta.*

4.° Porque ainda quando o capitão Owen tivesse *qualidade* e *poderes* para tratar, não a tinha em março de 1823 o regulo Maietta; pois sendo uso, costume e lei de Tembe não ser proclamado o successor do regulo senão passado *um anno* da morte d'aquelle a quem succede, como confessa o proprio Owen[4], e tendo fallecido o velho Capella em setembro de 1822, não podia Maietta em 8 de março de 1823 fazer a cessão, porque, não tendo ainda decorrido o anno, não estava proclamado regulo, nem o foi senão em 20 de outubro seguinte[5].

De modo que as chamadas convenções imaginadas pelo capitão Owen, entre elle e os referidos dois regulos, são tres vezes nullas na fórma, por falta de qualidade pessoal de Owen, e de plenos poderes, impossivel de sanar pela ratificação, e por falta de auctoridade de Maietta em março de 1823.

SECÇÃO III

Ás cessões são nullas no fundo

Seriam nullas no *fundo* as referidas convenções:

1.°

Porque não foram a *livre expressão* da vontade dos regulos, o que é essencial

[1] Martens, *Recueil, a* tom. III p. 174, *b* tom. IV p. 500 e 535.
[2] Martens, *ibid.*, tom. VII, p. 353.
[3] Guichardin liv. XII, cap. 2; Watteville, *Hist. de la confédération helvétique,* 2.ª part. pag. 185 e seguintes.
[4] Vide parte III, cap. 2, pag. LI.
[5] Documentos n.os 33 e 34.

des Portugais, déclaration qui rendait impossible et nulle toute ratification ultérieure de l'Angleterre.

3° Parce que l'acte pratiqué par Owen, quand il traita *sans qualité* pour le faire, ne peut même être assimilé aux simples *sponsiones* qui, lorsqu'elles *outre-passent* le mandat des délégués des gouvernements, peuvent être postérieurement rendues valides; nous prendrons comme exemples de ces dernières, dans le XVIIIe siecle, la convention de Reichenbach, de 1790[1] et celle qui eut lieu entre le duc d'York et le général Brune en 1799[2], et antérieurement, dans le XVIe siècle, celle qui fut passée entre les Suisses et la Trémouille qui, pour sauver Dijon assiégée par eux, en 1513, renonça, au nom de Louis XII, au duché de Milan et s'obligea à payer 600,000 écus[3]. De la part d'Owen il n'y a pas eu *excès* mais bien *défaut* complet de pouvoirs.

4° Parce qu'alors même qu'Owen eût eu *pouvoirs* et *qualité* pour traiter, le régule Maietta ne les possédait pas en 1823 attendu que, suivant la loi et les coutumes du Tembe, le successeur du régule ne peut être proclamé qu'une année après le décès de son prédécesseur, ainsi que l'avoue lui-même le capitaine Owen[4]; or le vieux Capella étant mort en septembre 1822, Maietta ne pouvait faire de cession le 8 mars 1823, puisque, l'année n'étant pas écoulée, il ne devait être proclamé régule et ne le fut, en effet, que le 20 octobre suivant[5].

De sorte que les prétendues conventions imaginées par le capitaine Owen entre lui et les deux régules sus-nommés sont trois fois nulles dans la forme: par le manque de qualité personnelle et de pleins pouvoirs d'Owen, par l'impossibilité où elles se trouvaient d'être ratifiées et, enfin, par le manque d'autorité de Maietta en mars 1823.

SECTION III

Les cessions sont nulles dans le fond

Lesdites conventions seraient nulles dans le *fond.*

1.°

Parce qu'elles n'ont pas signifié la *libre* expression de la volonté des régules, con-

[1] Martens, *Recueil a,* tome III p. 174, *b,* tome IV p. 500 et 535.
[2] Martens, *ibid.* tome VII p. 353.
[3] Guichardin liv. XII, chap. 2; Watteville, *Hist. de la confédération helvétique* 2e partie, p. 185 et suiv.
[4] Voyez troisième partie, chap. 2, p. LI.
[5] Documents n°s 33 et 34.

para a validade dos tratados ou convenções, sujeitos em geral ás regras *substanciaes* dos contratos. [1]

E que não foram a livre expressão da vontade dos regulos demonstraram-no estes (logo que souberam que o capitão Owen dizia terem-se elles submettido á Inglaterra), assignando em 8 de outubro do mesmo anno de 1823 o referido protesto, em que declaram só reconherem os portuguezes como senhores das suas terras, e não poderem ter cedido a Sua Magestade Britannica o que já era ha tantos annos da corôa portugueza; [2] e o proprio regulo do Tembe em especial, tirando de seu motu proprio a bandeira ingleza que o capitão arvorára no seu territorio. [3]

Confessam os inglezes este facto, pretendem porém fazer crer que o rei Maietta do Tembe negára a cessão *coagido* pelo governador portuguez de Lourenço Marques, Lupi de Cardenas, como escreve o auctor de um artigo publicado em 1873 no jornal inglez *Ocean Highways, The geographical recorder* que se publica em Londres [4]: «*Soon after this cession* (diz elle), *senhor Lupe de Cardenas, the governor of Lorenzo Marques, resolved to subjugate the whole of the surrounding country. His first measure was to induce Mayetta to deny the cession, which he effected by a threatening demonstration with a few soldiers. He then hoisted the Portuguese flag on the Tembi and subsequently on the Umzuti*».

Esta explicação porém do protesto attribuido pelos inglezes á coacção empregada pelo governador portuguez é improcedente:

1.° Porque é contradictoria com o que elles affirmam ácerca da *nenhuma força* dos portuguezes n'aquella região [5]; e com effeito quem acreditaria que o simples commandante da pequena força portugueza destacada em Lourenço Marques, onde a influencia é mais moral de que material, poderia coagir a protestar, e muito mais contra a poderosa Inglaterra, um regulo

[1] Vattel, liv. II, cap. 12, § 157; Martens, *Précis du droit des gens mod. de l'Europe*, tom. I, § 48 seg; Kluber, *Droit des gens mod. de l'Europe*, §§ 142 e 143.
[2] José Accurcio das Neves, *Considerações politicas e commerciaes*, etc., Lisboa, 1830, pag. 260 e seg.
[3] José Accurcio das Neves, loc. cit.
[4] Numero de fevereiro, pag. 347.
[5] *Ocean Highways*, loc. cit.

dition essentielle à la validité des conventions ou traités asservis, en général, aux règles *substantielles* des contrats. [1]

Et les régules ont prouvé que ces conventions n'étaient pas la libre expression de leur volonté, (aussitôt qu'ils ont su que le capitaine Owen assurait qu'ils s'étaient soumis à l'Angleterre) en signant, le 8 octobre de cette même année 1823, le document par lequel ils déclaraient ne reconnaître pour suzerains de leurs terres que les Portugais, et n'avoir pu céder à Sa Majesté Britannique des terres qui depuis tant d'années appartenaient à la couronne portugaise; [2] quant au régule du Tembe, il marqua plus particulièrement qu'il désapprouvait les actes d'Owen, en arrachant de son propre mouvement le drapeau anglais que le capitaine avait fait arborer sur son territoire. [3]

Les Anglais eux-mêmes avouent ce fait, mais ils veulent toutefois faire accroire que le roi Maietta du Tembe n'a nié cette cession que *contraint* et *obligé* par le gouverneur portugais de Lourenço Marques, Lupi de Cardenas, ainsi que l'avance l'auteur d'un article inséré en 1873 dans le journal anglais *Ocean Highways, The geographical recorder* qui se publie à Londres [4]: «*Soon after this cession* (dit-il), *senhor Lupe de Cardenas, the governor of Lorenzo Marques, resolved to subjugate the whole of the surrounding country. His first measure was to induce Mayetta to deny the cession, which he effected by a threatening demonstration with a few soldiers. He then hoisted the Portuguese flag on the Tembi and subsequently on the Umzuti.*»

Toutefois, cette explication que donnent les Anglais de la protestation des régules, qu'ils attribuent à la violence employée par le gouverneur portugais, ne s'appuie sur aucun argument sérieux:

1° Parce qu'elle se trouve en contradiction avec leur affirmation que les Portugais n'avaient *aucune force* dans ces régions. En effet, qui pourrait croire que le simple commandant du petit détachement qui se trouvait à Lourenço Marques, où l'influence portugaise est plus morale que matérielle, eût pu forcer un régule qui dispose de plus de 20:000

[1] Vattel, liv. II, chap. 12 § 157; Martens, *Précis du droit des gens mod. de l'Europe*, tom. I, § 48 et suiv.; Kluber, *Droit des gens mod. de l'Europe*, §§ 142 et 143
[2] José Accurcio das Neves, *Considerações politicas e commerciaes*, etc. Lisbonne, 1830, p. 260 et suiv.
[3] José Accurcio das Neves. loc. cit.
[4] Numéro de février, p. 347.
[5] *Ocean Higwhays*, loc. cit.

que dispõe de mais de 20:000 homens armados?

2.° Porque é desmentida pelo facto de ter sido feita na presença dos inglezes que estavam a bordo de dois navios na bahia, e que para esse fim foram expressamente convidados a assistir ao acto [1].

Não póde objectar cousa alguma a Inglaterra contra os protestos dos regulos do Tembe e do Maputo feitos em 1823:

1.° Porque foram immediatos ao abuso commettido pelo capitão Owen, logo que foi conhecido.

2.° Porque, não tendo sido ainda ratificado o acto d'esse official pelo governo britannico (como não podia ser, e já se mostrou), não poderia a ratificação, quando possivel, ter logar desde que a outra parte, não só não ratificava, mas até reclamava e protestava contra a convenção que lhe attribuiam.

3.° Porque, sendo principio proclamado pelo governo inglez, que jamais annexa territorio algum, grande ou pequeno, *sem o consentimento bem explicito dos habituntes pedindo essa annexação,* como declarou lord Gladstone na sessão do parlamento de 25 de junho de 1872, respondendo á moção de um membro do mesmo parlamento para que estabelecesse protectorado nas ilhas Fiji ou as annexasse, como poderia annexar os territorios da parte sul da bahia de Lourenço Marques, quando os regulos respectivos declaram que só querem ser vassallos da corôa portugueza e reclamam contra a imaginaria cessão? «*Her Majesty's government* (disse elle) *would annex no territory, great or small, except in conformity with the well-understood and sufficiently assertained desire of the inhabitants of the territory proposed to be annexed* [2]».

4.° Porque o protesto dos regulos é confirmado pelo seu procedimento posterior, e pelos proprios indigenas, que mostram a *boa vontade* de ser annexados, massacrando aos inglezes as equipagens das

[1] Documento n.° 47.
[2] *Times* de 26 de junho de 1872.

hommes armés à protester contre une nation aussi puissante que l'Angleterre?

2° Parce que cette explication se trouve démentie par cela même que les régules ont fait leur déclaration en présence des Anglais qui étaient à bord de deux navires alors dans la baie, et qui furent expressément invités à assister à cet acte [1].

L'Angleterre ne peut rien objecter aux protestations des régules de Tembe et de Mapouto, faites en 1823:

1° Parce que ces protestations ont immédiatement suivi les abus commis par le capitaine Owen, dès que ces abus ont été connus.

2° Parce que les actes de cet officier n'avaient pas été ratifiés par le gouvernement britannique. Cette ratification d'ailleurs, eût-elle été possible, ne pouvait avoir lieu du moment qu'une des parties non-seulement s'y refusait mais encore réclamait et protestait contre la convention qui lui était attribuée.

3° Parce que, du moment où le gouvernement anglais déclare hautement qu'aucune annexion de territoire, grand ou petit, ne peut avoir lieu sans le *consentement bien explicite des habitants demandant cette annexion,* ainsi que lord Gladstonne l'a dit dans la séance du parlement du 25 juin 1872, en réponse à la demande faite par un membre de ce même parlement de l'établissement d'un protectorat dans les îles Fiji ou de leur annexion, comment ce même gouvernement pouvait-il annexer les territoires de la partie sud de la baie de Lourenço Marques, quand les régules de ces territoires déclarent ne vouloir être vassaux que de la couronne portugaise et réclament contre la prétendue cession? «*Her Majesty's governement* (dit à cette occasion lord Gladstone) *would annex no territory, great or small, except in conformity with the well-understood and sufficiently assertained desire of the habitants of the territory proposed to be annexed* [2]».

4° Parce que la protestation des régules est confirmée par leurs actes ultérieurs et par les indigènes eux-mêmes montrant leur *bonne volonté* d'être annexés, en massacrant les équipages des embarcations

[1] Document n° 47.
[2] Le *Times* du 26 juin de 1872.

suas embarcações, como confessa um subdito britannico, James Horsbourg, quando reconhecendo serem os portuguezes os que mantêem relações com os indigenas, accrescenta logo que não póde haver confiança n'elles, *surtout lorsqu'on envoie des embarcations dans les rivières avec des objets d'échange, car en semblable circonstance, ces indigènes ont massacré les équipages des embarcations!* [1]

Seriam mais nullas no *fundo:*

2.º

Porque, ainda quando as convenções fossem livremente consentidas pelos regulos, nem elles podiam fazê-las, nem a Inglaterra acceita-las.

Não podiam os regulos fazê-las, porque, pertencendo os territorios de toda a bahia a Portugal, que n'ella exerce ha tres seculos a sua soberania (como fica demonstrado na parte II), seria nulla a cessão por ser de *cousa alheia.*

Não podia tão pouco a Inglaterra acceitar as cessões, porque, tendo reconhecido o direito de Portugal á bahia de Lourenço Marques, ainda seis annos antes, pelo artigo 2.º da convenção de 28 de julho de 1817 não podia allegar ignorancia, porque sabia serem de Portugal e estarem na nossa posse os territorios que se dizem cedidos.

E não podiam surtir effeito, muito mais tendo Portugal *protestado logo* contra a pretensão da Gran-Bretanha.

É principio indisputavel que ninguem póde transmittir a outrem mais direitos do que tem ou direitos que não tem: *Nemo plus juris in alium transferre potest quam ipse in re habet.*

D'este principio, a que o direito romano não dava um sentido tão geral [2], mas que a jurisprudencia moderna admitte unanimemente [3], resulta a nullidade do contrato, pelo qual uma pessoa aliena, como pertencendo-lhe, a cousa de ou-

[1] *Instructions nautiques,* trad. franc., Paris, 1861 tom. I, p. 368.
[2] Ll. 54, 143, 175, § 1.º e 177. Dig. *de regul. jur.*
[3] Troplong, *Hypoth.* n.º 530; Zachariae, *Le droit civ. français,* trad. de Massé et Verger, tom. II, § 346, e tom. IV § 680; Marcadé ao art. 1599.

anglaises ainsi que le dit un sujet anglais James Horsbourg, quand, en avouant que ce sont les Portugais qui maintiennent les relations avec les indigènes, il ajoute que l'on ne peut avoir confiance en ces derniers *surtout lorsqu'on envoie des embarcations dans les rivières avec des objets d'échange, car en semblable circonstance, ces indigènes ont massacré les équipages des embarcations!* [1]

Lesdites conventions seraient encore nulles dans le *fond:*

2°

Parce qu'alors même que les conventions auraient été librement consenties par les régules, ils n'avaient pas plus le droit de les faire que l'Angleterre n'avait celui de les accepter.

Les régules ne pouvaient faire ces conventions parce que les territoires de toute la baie appartenant au Portugal qui, depuis trois siècles, y exerce sa souveraineté, (ainsi que cela est démontré dans la 4e partie de ce mémoire) la cession de ces territoires serait nulle, puisqu'elle concernerait une *chose appartenant à autrui.*

L'Angleterre pouvait d'autant moins accepter cette cession qu'ayant, six ans auparavant, reconnu les droits du Portugal sur toute la baie, ainsi que le prouve l'article 2 de la convention du 28 juillet 1817, elle ne pouvait alléguer son ignorance, sachant bien que les territoires que l'on prétend cédés appartenaient au Portugal et étaient occupés par nous.

Et cette cession pouvait d'autant moins être suivie d'effet, que le Portugal *a immédiatement protesté* contre les prétentions de la Grande-Bretagne.

C'est un principe indiscutable que l'on ne peut transmettre à autrui plus de droits qu'on n'en possède ou des droits que l'on n'a pas: *Nemo plus juris in alium transferre potest quam ipse in re habet.*

De ce principe auquel le droit romain ne donnait pas un sens aussi général [2], mais que la jurisprudence moderne admet unanimement [3], résulte la nullité de tout contrat par lequel un individu dispose, comme lui appartenant, du bien d'autrui. De

[1] *Instructions nautiques,* trad. franç. Paris, 1861, tom. 1er, p. 368.
[2] Ll. 54, 143, 175, § 1e et 177e. Dig. *De regul. jur.*
[3] Troplong, *Hypoth.* n.º 530; Zachariae, *Le droit civ. français,* trad. de Massé et Verger, tom. II, § 346, et tom. IV, § 680; Marcadé sur l'art. 1599.

trem; esta nullidade é expressamente fulminada no artigo 1599 do codigo civil francez, relativo á venda, mas applicavel a toda a especie de alienação [1].

A força do nosso direito prevaleceria necessariamente contra a *cessão;* prevaleceria até contra a *conquista,* se a Inglaterra invocasse este titulo em vez d'aquelle. Quando ella vendeu á França em 1662 a cidade de Dunkerque, que tomára aos hespanhoes, sentiu a fragilidade do seu titulo; e nulla seria tal venda, se a convenção de 27 de outubro d'esse anno não tivesse sido sanada com a acquiescencia da Hespanha no tratado de Utrecht, como a propria Gran-Bretanha reconheceu [2].

SECÇÃO IV

As convenções não poderiam produzir effeito algum

As convenções com os dois regulos não poderiam produzir effeito algum a favor da Inglaterra, porque ainda mesmo supondo-as verdadeiras, a Inglaterra não cumpriu aquillo a que se obrigava o capitão Owen em compensação da figurada cessão do regulo do Tembe.

As convenções são indivisiveis por sua natureza; uns artigos servem de condição aos outros, e em caso de inexecução de uns não tem logar a dos outros [3]. É principio de direito natural ensinado por Grotius [4], e admittido no antigo e no moderno direito francez: « *Omnia pacta apposita subeunda et ferenda sunt, si eo uti velit, aut ex toto recusandà conditio contractus* », escrevia D'Argentré sobre o art. 433.º do Costume de Bretanha [5].

Dividem-se em dois campos os escriptores de direito das gentes quanto á nullidade do tratado por falta de observancia dos seus artigos.

Uns só admittem a nullidade quando a violação é nos artigos *connexos (connexi),* mas não nos *diversos (diversi).* É o sys-

[1] Cass. 16 jan. 1810; Poitiers, 10 abril 1822; Cass., 23 julho 1835; S. V., 36, 1, 70; 30 junho 1841, S. V., 41, 1, 657.

[2] *Ambassades et négociations de mr. le comte d'Estrades.* Amsterdam, 1728, pag. 520.

[3] Victor Pons, *Aphorismes de droit.* Paris, 1846, pag. 83.

[4] *De jure belli ac pacis,* lib. III, cap. XIX, n.º 14: *Capita singula alia aliis inesse videntur per modum conditionis.*

[5] Glos. 2.ª, n.º 1; Salvaing, *Traité de l'usage des fiefs,* cap. XCIV; Julien, *Sur les statuts de Provence,* tom. II, pag. 211 e seguintes.

pareils actes sont expressément frappés de nullité dans le code civil français, par l'article 1599 relatif à la vente mais applicable à toute espèce d'aliénations [1].

La force de notre droit prévaudrait nécessairement contre la *cession,* prévaudrait même contre la *conquête,* si l'Angleterre s'armait de ce dernier titre plutôt que du premier. Lorsque cette nation, en 1662, vendit à la France la ville de Dunkerque qu'elle avait prise aux Espagnols, elle comprit la fragilité de son titre, et cette vente eût été nulle si la convention du 27 octobre de la même année ne fût venue la consacrer dans le traité d'Utrecht par l'acquiescement de l'Espagne, ainsi que la Grande-Bretagne elle-même l'a confessé [2].

SECTION IV

Les conventions ne pourraient produire aucun effet

Les conventions avec les régules n'auraient pu avoir aucun effet favorable à l'Angleterre parce que, en admettant même la validité de ces conventions, l'Angleterre n'a pas rempli les conditions auxquelles s'obligeait le capitaine Owen en échange de cette prétendue cession du régule de Tembe.

Les conventions sont de nature indivisible; les articles servent de conditions aux autres articles et l'inexécution des uns entraîne celle des autres [3]. C'est un principe de droit naturel professé par Grotius [4] et admis dans l'ancien et le nouveau droit français: « *Omnia pacta apposita subeunda et ferenda sunt, si eo uti velit, aut ex toto recusanda conditio contractus* », écrivait d'Argentré sur l'art. 423 de la coutume de Bretagne [5].

Ceux qui ont écrit sur le droit des gens se divisent en deux camps à l'égard de la nullité d'un traité dont les articles n'ont pas été observés.

Les uns admettent la nullité quand la violation atteint les articles *connexes (connexi)* et ne l'admettent pas lorsqu'elle con-

[1] Cass. 16 janv. 1810; Poitiers, 10 avril 1822; Cass., 23 juillet 1835; S. V., 36, 1, 70; 30 juin 1841. S. V., 41. 1, 657.

[2] *Ambassades et négociations de mr. le comte d'Estrades.* Amsterdam, 1728, p. 520.

[3] Victor Pons, *Aphorismes de droit,* Paris, 1846, p. 83.

[4] *De jure belli ac pacis,* lib. III, chap. XIX, n° 14: *Capita singula alia aliis inesse videntur per modum conditionis.*

[5] Gloss. 2e, n° 1; Salvaing, *Traité de l'usage des fiefs,* chap. XCIV; Julien, *Sur les statuts de Provence,* tom. II, p. 211 et suiv.

tema de Wolf [1], seguido com poucas differenças por Pinheiro Ferreira.

Outros entendem que a violação de um só artigo, qualquer que elle seja, rompe o tratado, salva estipulação em contrario. É a theoria de Grotius, já citado, de Vattel [2] e de Wheaton [3].

No que porém todos concordam é que a inexecução de *todas* as condições por uma das partes libera a outra [4].

E tanto os regulos se consideraram sempre desligados de qualquer obrigação para com a Inglaterra, que sempre até hoje os do Tembe se tem considerado subditos de Portugal, sendo em 1857 o regulo actual por nome *Bacute* confirmado, a pedido seu, no governo do respectivo territorio, e assistindo á sua installação para receber a vassallagem um delegado do governador portuguez de Lourenço Marques, como já ficou notado.

Em relação especial ao Maputo não poderiam os dous tratados, quando envolvessem cessão de territorio ou estabelecimento de protectorado, produzir effeito algum, ainda que não fossem falsos ou nullos, porque d'esses dois chamados tratados com o Maputo não resulta direito algum de propriedade ou soberania da Inglaterra sobre o territorio de Maputo, e sobre as ilhas da Unhaca e dos Elephantes.

No primeiro d'elles, em data de 3 de agosto de 1823 [5], marcam-se apenas os direitos de entrada dos navios inglezes no Maputo, a saber 5 por cento para navios grandes e 4 para os pequenos. D'estes documentos, se alguma cousa valessem, resultaria apenas a prova da soberania em favor do regulo de Maputo a quem a Inglaterra ficaria pagando direitos, e não a propriedade d'ella no territorio d'esse regulo; de modo que em vez de provar a favor do dominio da Inglaterra, provaria contra.

[1] *Jus gent.*, §§ 1022.° e 1023.°

[2] Loc. cit., liv. II, cap. XIII, § 202.° e liv. IV, cap. IV, § 47.°

[3] *Élem. de droit internat.*, tom. II, cap. IV, § 7.°

[4] Schrodt, *System. jur. gent.*, pag. 167 e seguintes; Henr. Fagel, *Diss. de garantia foederum*, Ludg. Batav, 1759, cap. IV, §§ 17.° e 20.°; Schmalz, *Europ. Volkerrecht*, pag. 49 e 64; Kluber, loc. cit., § 165; nota do cardeal Gonçalvi apresentada ao congresso de Vienna, em 14 de junho nos *Acten des Wiener Congresses* de Kluber, tom. IV, pag. 321, etc.

[5] Documento n.° 39.

cerne les articles *divers (diversi)*. C'est le système de Wolf [1], suivi, à quelques modifications près, par Pinheiro Ferreira.

D'autres prétendent que la violation d'un seul article, quel qu'il soit, entraîne la nullité d'un traité, s'il n'est protégé par une stipulation contraire. Telle est la théorie de Grotius, déjà cité, de Vattel [2] et de Wheaton [3].

Mais ils s'accordent tous sur ce point; que l'inexécution de *toutes* les conditions d'un traité de la part d'une des parties délie l'autre partie [4].

Et les régules se sont si bien considérés comme déliés de tout engagement envers l'Angleterre, que, jusqu'à ce jour, ils ont sans cesse agi en sujets du Portugal; en 1857 le régule actuel nommé *Bacute* a, sur sa demande, été confirmé dans le gouvernement de son respectif territoire par les Portugais et un délégué du gouverneur de Lourenço Marques a présidé à son installation et en a reçu hommage de vassalité, ainsi que nous l'avons dit plus haut.

Spécialement à l'égard du Mapouto, les deux traités, alors même qu'ils ne seraient ni controuvés ni atteints de nullité, et qu'ils comprendraient une cession ou un protectorat de territoire, n'en resteraient pas moins sans effet, attendu que, de ces prétendus traités, il ne résulte pour l'Angleterre aucun droit de propriété ou de souveraineté sur le territoire de Mapouto ni sur les îles de l'Unhaca et des Éléphants.

Dans le premier de ces traités, en date du 3 août 1823 [5], sont à peine indiqués les droits d'entrée des navires anglais à leur arrivée à Mapouto; savoir: cinq pour cent pour les grands navires et quatre pour cent pour ceux de moindre importance. Si ces documents avaient une valeur quelconque, il en ressortirait tout au plus une preuve de souveraineté en faveur du régule de Mapouto à qui l'Angleterre paierait des droits, mais non une preuve que la propriété du territoire de ce régule appartienne à l'Angleterre; de sorte que ce

[1] *Jus. gent.*, §§ 1022 et 1023.

[2] Loc. cit. liv. II, chap. XIII, § 202 et liv. IV, chap. IV, § 47.

[3] *Élem. de droit internat.*, tom. II, chap. IV, § 7.

[4] Schrodt, *System. jur. gent.*, p. 167 et suiv.; Henri Fagel, *Diss. de garantia foederum*, Ludg. Batav, 1759, chap. IV, §§ 17 et 20; Schmalz, *Europ. Volkerrecht*, p. 49 et 64; Kluber, loc. cit., § 165; note du cardinal Gonçalvi présentée au congrès de Vienne, le 14 juillet, dans les *Acten des Wiener Congresses* de Kluber, tom. IV, p. 321, etc.

[5] Document n.° 39.

No segundo dos denominados tratados em data de 27 de agosto[1] apenas se concedia á Inglaterra o poder estabelecer uma colonia no Maputo no territorio que o regulo concedesse, uma vez que a estabelecesse *dentro de dez annos*, que era o praso dentro do qual deviam durar as estipulações do segundo tratado.

D'onde resulta:

1.° Que por este tratado *não cedia o regulo de Maputo o seu territorio á Inglaterra.*

2.° Que apenas lhe permittia estabelecer uma colonia no terreno *que elle marcasse.*

3.° Que o tratado só valia por *dez* annos, e que essa mesma faculdade de estabelecer a colonia *caducava não usando d'ella a Inglaterra dentro desse prazo.*

E é com similhantes titulos que a Gran-Bretanha pretende a propriedade do Maputo, e das ilhas de Unhaca e dos Elephantes?!

O respeito que devemos ao arbitro, e a seriedade com que assumpto d'esta ordem deve ser tratado impõem silencio ás reflexões que naturalmente se offerecem ao espirito.

CAPITULO II

Refutação do segundo fundamento da Inglaterra

É inadmissivel o segundo fundamento da pretensão ingleza, de carecer das ilhas de Unhaca e dos Elephantes para obstar ao trafico de escravos:

1.° Porque a questão não é se á Inglaterra, para qualquer fim, *conviria* lançar mão d'essas ilhas, mas se tem ou não *direito* a ellas.

2.° Porque seria intoleravel e reprovado pela moral e pelo direito que para evitar o trafico de escravos, que é um crime, se *usurpasse* a uma nação uma porção do seu territorio, o que é um facto não menos condemnavel, quando a esse trafico se poderia obstar por outros meios legitimos.

3.° Porque, alem d'isso, era destituido de todo o fundamento o pretexto do tra-

[1] Documento n.° 40.

document, loin de démontrer la souveraineté de l'Angleterre, démontre qu'elle n'a aucun droit sur ces territoires.

Le second de ces prétendus contrats, en date du 27 août[1], accorde à peine à l'Angleterre le droit d'établir une colonie à Mapouto, sur l'emplacement désigné par le régule, à la condition que cette colonie s'établirait *dans les dix années* fixées pour la durée des stipulations de ce second traité.

D'où il résulte:

1° Que, par ce traité, le régule de Mapouto *ne cédait nullement son territoire à l'Angleterre.*

2° Qu'il était uniquement permis à l'Angleterre d'établir une colonie sur les terres *que le régule désignerait.*

3° Que le traité n'avait de valeur que pendant *dix années* et que cette faculté d'établir une colonie *cesserait pour l'Angleterre si elle n'en profitait pas dans ce délai de dix années.*

Et c'est avec de pareils titres en main que l'Angleterre prétend s'emparer du Mapouto et des îles de l'Unhaca et des Éléphants!

Notre respect pour l'arbitre, et le sérieux que doit imposer une question de cette nature, font taire les réflexions qui s'offrent naturellement à l'esprit.

CHAPITRE II

Réfutation du deuxième argument présenté par l'Angleterre

Le second argument de l'Angleterre fondant sa prétention sur le besoin qu'elle a des îles de l'Unhaca et des Éléphants pour s'opposer à la traite des nègres, est inadmissible:

1° Parce qu'il ne s'agit pas de savoir si l'Angleterre juge convenable, *dans un but quelconque,* de s'emparer de ces îles, mais seulement si elle a ou non quelque *droit* sur ces mêmes îles.

2° Parce qu'il serait intolérable et contraire à la morale et au droit que, pour éviter la traite des nègres qui est un crime, on *prît* à une nation une partie de son territoire, ce qui constitue un acte non moins condamnable, alors que l'on pourrait s'opposer à ce trafic par d'autres mesures légitimes.

3° Parce que, en outre, le prétexte de la traite des noirs à Lourenço Marques

[1] Document n° 40.

fico de escravos em Lourenço Marques em 1823. Não é Portugal que o affirma, são os proprios estrangeiros; já em 1822 escrevia Balbi nas suas *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise*, a respeito d'esse districto: «*Il n'en sort point d'esclaves, parce que les habitants en détestent le commerce*[1]»; e logo em 1824 confessavam os *Annales maritimes et coloniales* da França que: «*A la baie de Lagoa, où la race cafre domine, la traite des esclaves cesse entièrement*[2]».

4.° Porque a nação portugueza tem sido sempre até hoje inimiga da escravatura, tendo-a combatido por todos os modos, assim como aboliu completamente a escravidão em suas colonias.

5.° Porque tanto isto assim é, que a propria Inglaterra solicitou ainda ha pouco de Portugal, que o seu governo influisse diplomaticamente com o sultão de Zanzibar[3] para elle não tolerar a escravatura no seu territorio, quando a mesma logica que applicou a Portugal na questão de Lourenço Marques auctorisaria a Inglaterra, para ser coherente, a tentar apoderar-se dos estados do sultão, a pretexto de acabar com o trafico.

CAPITULO III

O direito de Inglaterra (se o tivesse) teria caducado

Ainda quando das chamadas cessões de 1823 resultasse algum direito á Inglaterra, esse direito caducára, segundo os principios sustentados pelo governo d'esse paiz.

Em uma nota de 8 de agosto de 1843 dirigida ao ministro dos negocios estrangeiros de Portugal com relação á soberania da ilha de Bolama na Guiné (questão decidida a favor de Portugal pelo presidente dos Estados Unidos) declarou lord Howard que a nação portugueza abandonára o seu direito a essa ilha por ter deixado *onze mezes* sem resposta a nota de lord Palmerston de 9 de junho de 1841.

«*The undersigned* (escrevia elle) *is further to state that it was reasonable that Her Majesty's Government should expect that, if an answer could be given to the*

1 Paris, 1822, pag. 116.
2 2.ª parte, tom. II, pag. 59.
3 Documento n.° 94.

en 1823 est dénué de tout fondement. Ce ne sont pas les Portugais qui l'affirment, mais les étrangers eux-mêmes; déjà en 1822, dans ses *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise*, Balbi écrivait à l'égard de ce district: «*Il n'en sort point d'esclaves parce que les habitants en détestent le commerce*[1]». Et peu après, en 1824, les *Annales maritimes et coloniales* de France disaient: «*A la baie de Lagoa, où la race cafre domine, la traite des esclaves cesse entièrement*[2]».

4° Parce que la nation portugaise a toujours été jusqu'à ce jour l'ennemie déclarée de la traite des nègres; elle l'a combattue de toutes les manières et a complétement aboli l'esclavage dans ses colonies.

5° Et ces faits sont tellement exacts, que l'Angleterre elle-même a récemment sollicité le Portugal d'employer diplomatiquement son influence sur le sultan de Zanzibar[3], afin que ce souverain abolît la traite des noirs dans ses États, alors que pour être logique et cohérente dans ses idées, elle eût dû appliquer aux territoires du sultan les mêmes principes qu'elle veut faire valoir dans la question de Lourenço Marques, en tâchant de s'emparer des États de ce prince, pour en finir avec le trafic des esclaves.

CHAPITRE III

Le droit de l'Angleterre (si elle eût eu ce droit) serait périmé

En admettant que les prétendues cessions de 1823 eussent donné quelque droit à l'Angleterre, ce droit serait périmé, d'après les principes soutenus par le gouvernement anglais.

Lord Howard, dans une note adressée, le 8 août 1843, au ministre des affaires étrangères en Portugal, à l'égard de la question relative à la souveraineté de l'île de Boulama, dans la Guinée, (question résolue en faveur du Portugal par le président des États-Unis) déclara que la nation portugaise avait abandonné ses droits sur cette île, puisqu'elle était restée *onze mois* sans répondre à la note de lord Palmerston du 9 juin 1841.

« *The undersigned* (écrivait-il) *is further to state that it was reasonable that Her Majesty's Government should expect that, if an answer could be given to the note of*

1 Paris, 1822, p. 116.
2 2ème partie, tom. II, p. 59.
3 Document n° 94.

note of june 9, 1841, maintaining the right of Great Britain to the island of Bolama, such answer would be given... and that, not having been given, Her Majesty's Governments are justified in considering that Portugal acquiesced in the claim asserted by Great Britain.»

Ora tendo a Inglaterra deixado sem resposta a ultima nota do duque de Palmella em 1828 até ao novo attentado de 1861, isto é, durante *trinta e tres* annos, tinha por esse facto *abandonado* o seu direito, se o tivesse; e não póde contestar esta illação, porque é *doutrina sua, e não nossa.*

CAPITULO IV

Apreciações do procedimento do governo inglez, ou antes das suas auctoridades, na questão pendente

A demonstração juridica da futilidade dos titulos da Inglaterra deve ser completada com uma rapida apreciação do procedimento havido da parte d'ella, ou antes dos seus agentes, em vista dos factos, sem commentarios, que não escaparão á justiça do arbitro.

1.° É publica a todo o mundo a posse da bahia de Lourenço Marques pela nação portugueza durante tres seculos, e especialmente para a Inglaterra, que até a reconheceu em 1817 n'um tratado com Portugal, *o seu mais fiel alliado.*

2.° A pretexto de estudos hydrographicos da costa oriental de Africa solicíta o governo inglez em 1822, para o capitão Owen, recommendação do governo portuguez para as suas auctoridades n'aquella região.

3.° O capitão Owen abusa d'esse favor e retribue com attentados inauditos á soberania portugueza, retirando á força de armas um navio mercante, sequestrado por contrabando na bahia de Lourenço Marques, ameaçando para esse fim o governador portuguez de arrasar a fortaleza, insultando-o, e matando um soldado com um tiro disparado de bordo.

4.° Estes attentados do capitão Owen (aliás independentes da questão de soberania, agitada entre os dois governos) NUNCA até hoje tiveram satisfação nem reparação, *apesar da reclamação energica de Portugal!*

5.° Não satisfeito com o ataque ao go-

june 9, 1841, maintaining the right of Great Britain to the island of Bolama, such answer would be given... and that, not having been given, Her Majesty's Government are justified in considering that Portugal acquiesced in the claim asserted by Great Britain.»

Or, l'Angleterre ayant laissé sans réponse la dernière note du duc de Palmella, écrite en 1828, jusqu'au nouvel attentat commis en 1861, c'est-à-dire pendant un intervalle de *trente-trois années*, aurait, par ce fait, *abandonné* ce droit si elle l'eût possédé; et elle ne peut contester cette conclusion qui découle de *sa doctrine et non de la nôtre.*

CHAPITRE IV

Appréciation des procédés du gouvernement anglais ou plutôt de ses autorités dans la question en litige

La démonstration juridique de la futilité des titres invoqués par l'Angleterre, doit se compléter par un examen rapide de ses procédés ou plutôt des procédés de ses agents; nous présenterons simplement les faits, laissant à l'esprit éclairé de l'arbitre le soin de les commenter.

1° La possession, pendant trois siècles, de la baie de Lourenço Marques par la nation portugaise, est sue du monde entier et surtout de l'Angleterre qui l'a reconnue en 1817, dans un traité fait avec le Portugal, *son plus fidèle allié.*

2° Sous prétexte d'études d'hydrographie sur la côte orientale de l'Afrique, le gouvernement anglais sollicite en 1822, pour le capitaine Owen, des lettres de recommandation du gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle adressées aux autorités portugaises dans cette région.

3° Le capitaine Owen, abusant de la faveur qui lui est accordée, commet les attentats les plus inouïs contre la souveraineté portugaise; il s'empare à main armée d'un bâtiment marchand retenu en séquestre pour délit de contrebande, insulte le gouverneur portugais, menace de raser la forteresse et tue un soldat d'un coup de feu tiré de son bord.

4° Ces attentats du capitaine Owen, étrangers toutefois à la question de souveraineté débattue entre les deux gouvernements, n'ont pu, *jusqu'à ce jour,* obtenir satisfaction ni réparation, *malgré les énergiques réclamations du Portugal!*

5° Non content d'outrager le gouver-

verno portuguez na pessoa de seus agentes, o capitão Owen tratou de intrigar os regulos da bahia contra nós, e de os incitar (o que não conseguiu) a rebellarem-se contra a soberania de Portugal.

6.° Forjou, em 1823, os chamados tratados com os regulos de Tembe e Maputo (por elles negados), e levou a audacia a ponto de arrancar a bandeira portugueza do Tembe.

7.° Reconheceu em 1825 que a cessão não podia ter effeito sem a questão ser resolvida pelos dois governos, o que era duvidar da sua propria obra.

8.° Reclamou Portugal, e a Gran-Bretanha, apertada pela força da reclamação, deixou em 1828 de responder á ultima nota do embaixador portuguez.

9.° Descansou o governo portuguez, tomando esse silencio por annuencia e reconhecimento do nosso direito, e nem a Inglaterra praticou mais acto algum que fizesse suppor qualquer pretensão da parte d'ella.

10.° Em 1861, sem uma palavra sequer ao governo portuguez, e depois de *trinta e tres annos* de silencio, declara o governo britannico as ilhas de Unhaca e dos Elephantes annexadas á colonia de Porto Natal, e manda um navio de guerra collocar uma bandeira (que logo desappareceu) em uma d'ellas.

Estes factos na sua nudez são mais eloquentes do que todos os commentarios.

CAPITULO V

Nenhuma confiança dos inglezes no seu pretendido direito

Emfim tal é a pouca confiança que os proprios inglezes têem no seu direito, que o vice-almirante H. Hall, em carta dirigida ao editor do *Ocean Highways* de Londres, e publicada no numero de fevereiro de 1873 (pag. 354), dizia que a Inglaterra devia estender o seu dominio até á parte sul da bahia de Lourenço Marques, se já o não tinha feito: «*and the sooner we extend our dominion to its southern part, if we have not done already!*»

nement portugais dans la personne de ses agents, le capitaine Owen, par ses intrigues, a essayé (mais sans succès) d'indisposer contre nous les régules de la baie, et de les exciter à se révolter contre la souveraineté portugaise.

6° Il a fabriqué, en 1823, de prétendus traités avec les régules de Tembe et de Mapouto (traités niés par les régules) et a porté l'audace jusqu'à arracher du Tembe le drapeau portugais.

7° Il a reconnu, en 1825, que l'Angleterre ne pourrait recueillir les effets de cette cession sans que la question fût préalablement résolue entre les deux gouvernements, ce qui montre les doutes qu'il avait lui-même au sujet de son propre ouvrage.

8° Le Portugal réclama, et l'Angleterre, embarrassée par la valeur de la réclamation, se dispensa de répondre à la dernière note que l'ambassadeur portugais lui adressa en 1828.

9° Le gouvernement portugais cessa ses démarches, persuadé que le silence gardé par l'Angleterre impliquait son consentement et la reconnaissance de notre droit; et de fait, l'Angleterre n'a depuis pratiqué aucun acte qui pût faire supposer qu'elle conservât la moindre prétention.

10° En 1861, sans un seul mot d'explication au gouvernement portugais et après un silence de *trente-trois années,* l'Angleterre déclare l'annexion des îles de l'Unhaca et des Éléphants à la colonie du Natal et envoie un navire de guerre placer son drapeau sur l'une d'elles. (Ce drapeau disparut immédiatement.)

Le simple récit de ces faits parle plus haut que les commentaires que l'on pourrait y ajouter.

CHAPITRE V

Les Anglais n'ont aucune confiance en leur prétendu droit

Enfin, tel est le peu de confiance que les Anglais ont dans leur droit, que le vice-amiral H. Hall, dans une lettre adressée par lui à l'éditeur de l'*Ocean Highways,* de Londres, et publiée dans le numéro de février 1873 (p. 354), dit que l'Angleterre devrait étendre ses possessions d'Afrique jusqu'à la partie sud de la baie de Lourenço Marques, si elle ne l'avait pas déjà fait: «*and the sooner we extend our domination to its southern part, if we have not done already!*»

Que dominio é este que um almirante inglez não sabe se o seu paiz já o adquiriu ou não?

E que admira, quando o proprio governo inglez, tendo feito em 1861 o simulacro da posse da ilha da Unhaca (que faz parte do Maputo) collocando uma bandeira, que logo desappareceu, declarava em 1869, em nota de lord Clarendon de 27 de agosto de 1869 [1], que não tinha mandado tomar posse do Tembe, nem do Maputo?!

PARTE SEXTA

Conclusões finaes

Temos exposto o facto e o direito applicavel á questão.

As provas apresentadas são documentos irrefragaveis, e testemunhos de auctores mais ou menos coevos aos factos, ou de escriptores insuspeitos.

Data já de antigos tempos o uso de recorrer á auctoridade de historiadores como meio de prova, e se fôra mister invocar exemplos, só a antiguidade grega nos forneceria dois, ambos elles relativos a questões suscitadas entre Priena e Samos, e submettidas á arbitragem, a primeira do rei Lysias, e a segunda dos juizes de Rhodes. Em ambas ellas invocaram os arbitros a auctoridade dos historiadores nas suas decisões, que tendo escapado ás injurias do tempo figuram hoje no *Corpus inscriptionum graecarum* [2].

É tempo de chegar ás conclusões; e para isso, em vista da exposição de facto e de direito:

Attendendo a que, segundo o direito publico em vigor na Europa no seculo XVI, a *descoberta* de territorios em regiões de infieis era um titulo legitimo á acquisição da soberania d'esse territorio, e a que Portugal tem esse titulo em relação a *toda* a bahia de Lourenço Marques, não só já descoberta pelos portuguezes em 1506, mas por elles explorada desde 1544;

[1] Documento n.º 73.

[2] N.os 2254 e 2905, e parte da ultima no *Voyage archéologique* de Le Bas, v.e part., n.os 198 e 199. Sobre a auctoridade das chronicas na decisão de questões, o cardeal de Lucca, *De judic.*, disc. 33; Gabriel, *Essai sur la nature, les différentes espèces et les divers degrés de force des preuves*. Paris, 1845, pag. 188 e seguintes.

Quelle est donc cette contrée qu'un amiral anglais ignore en 1873 avoir été ou non déjà acquise par son pays?

Et doit-on s'étonner de cette ignorance, alors que le gouvernement britannique lui-même, après avoir fait, en 1861, un simulacre de prise de possession de l'île de l'Unhaca (qui fait partie du Mapouto) et y avoir fait arborer le drapeau anglais, aussitôt retiré, déclarait, dans une note de lord Clarendon, en date du 27 août 1869 [1], qu'il n'avait ordonné ni l'occupation du Tembe ni celle du Mapouto?

SIXIÈME PARTIE

Conclusions finales

Nous avons exposé le fait et le droit applicable à la question.

Les preuves que nous présentons sont des documents irréfutables et des témoignages d'auteurs plus ou moins contemporains des faits, ou d'écrivains insuspects.

Déjà dans les anciens temps, il était d'usage d'invoquer le témoignage des historiens, et s'il nous fallait en citer des exemples, l'antiquité grecque nous en fournirait deux, relatifs à des différends survenus entre Prième et Samos et quifurent soumis, le premier, à l'arbitrage du roi Lysias et le second à celui des juges de Rhodes. Dans ces deux cas, les arbitres invoquèrent l'autorité des historiens pour rendre leurs décisions que le temps même à respectées et qui se trouvent aujourd'hui dans le *Corpus inscriptionum graecarum* [2].

Il est temps de conclure: donc, en vue de l'exposé du fait et du droit:

Attendu que, suivant le droit public en vigueur en Europe au XVIe siècle, la *découverte* de territoires dans les régions occupées par les infidèles était un titre légitime à l'acquisition de la souveraineté de ces territoires, et que le Portugal possède, en vertu de ce titre, la totalité de la baie de Lourenço Marques, non-seulement déjà *découverte* par les Portugais en l'année 1506, mais encore *explorée* par eux depuis 1544;

[1] Document n° 73.

[2] N°s 2251 et 2905 et partie de la dernière dans le *Voyage archéologique* de Le Bas, 5e part. n°s 198 et 199. Sur l'autorité des chroniques dans la décision des conflits, le cardinal de Lucca, *De judic.*, disc. 33; Gabriel, *Essai sur la nature, les différentes espèces et les divers degrés de force des preuves*. Paris, 1845, p. 188, et suiv.

Attendendo a que o direito não se limitou unicamente a esse titulo, mas tornou-se desde logo effectivo pela *occupação e posse* da bahia, occupação e posse que tem mais de tres seculos a contar d'aquelle anno de 1544;

Attendendo a que ou se considere a posse como de direito civil em relação ao territorio, ou como de direito publico em relação ao direito de soberania n'essa região, isto é, como posse de territorio ou como posse de direitos, tem sempre sido exercida em *toda* a bahia.

Attendendo a que a posse do territorio se manifestou primeiro por meio de feitorias nas margens do rio do *Espirito Santo (English river)*, na ilha *Chefina*, no *Manhiça* ao N. e na ilha da *Unhaca* ao S., e desde o seculo XVIII por meio de fortaleza na margem direita do rio do Espirito Santo na região do *Tembe*, de que ainda subsistem vestigios, transferida depois para a margem esquerda ou N., onde hoje existe, e por meio de occupação militar na ilha de Benguelene na foz do Manhiça e na ilha da Unhaca.

Attendendo a que a posse da soberania com relação a toda a bahia, incluindo o Tembe e Maputo, se manifesta pelos actos de soberania com que Portugal tem constantemente affirmado o seu direito, já pelo titulo assumido pelos reis portuguezes de senhores d'aquella região, já pelo exclusivo da navegação e de commercio, já pela punição de tribus rebeldes, já pelo estabelecimento de fortalezas, já pela expulsão dos estrangeiros quando ali pretenderam estabelecer-se, como succedeu com os austriacos em 1781;

Attendendo a que a occupação e posse de Portugal, ou se considere como meio subsidiario de reforçar o titulo do descobrimento, ou como simples posse para ser mantida ou como posse qualificada como meio de adquirir, reune todas as condições juridicas da posse;

Attendendo a que se o direito de Portugal não estivesse já firmado no seculo XVII na bahia de Lourenço Marques, tê-lo-ía ficado em 1629, pela cessão do rei do Mo-

Attendu que le droit du Portugal ne s'est pas borné uniquement à ce titre, mais s'est rendu immédiatement effectif par *l'occupation* et la *possession* de la baie, occupation et possession qui datent de plus de trois siècles, à partir de 1544;

Attendu que la possession, soit qu'on la considère comme possession de droit civil, soit comme possession de droit public à l'égard du droit de souveraineté dans cette région, c'est-à-dire comme possession de territoire ou comme possession de droits, s'est toujours exercée dans *toute* la baie;

Attendu que la possession du territoire s'est manifestée d'abord par l'établissement de factoreries sur les rives du *Saint-Esprit (English river)* dans l'île *Chefine*, dans le *Manhiça* au nord et dans l'île de l'*Unhaca* au sud; ensuite par la construction, depuis le XVIIIe siècle, d'un fort sur la rive droite du Saint-Esprit, dans le *Tembe*, fort dont il reste encore des vestiges et qui fut plus tard transporté sur la rive gauche ou nord où il existe aujourd'hui; et enfin par l'occupation militaire de l'île de Benguelene, à l'embouchure du Manhiça, et de l'île de l'Unhaca.

Attendu que la possession de la souveraineté de toute la baie, en y comprenant le Tembe et le Mapouto, est prouvée par les actes de souveraineté au moyen desquels le Portugal a toujours affirmé son droit, soit par le titre de maître de ces contrées, joint aux autres titres des rois de Portugal, soit par l'exercice exclusif de la navigation et du commerce, soit par le châtiment des tribus rebelles, soit par la construction de forteresses, soit enfin par l'expulsion des étrangers lorsqu'ils tentèrent de s'y établir, ainsi que cela eut lieu avec les Autrichiens en 1781;

Attendu que l'occupation et la possession du Portugal, soit qu'elle se considère comme un moyen subsidiaire d'augmenter la valeur du titre de la découverte, soit comme simple possession pour être maintenue, ou enfin, comme possession regardée comme moyen d'acquérir, réunit toutes les conditions juridiques de la possession;

Attendu que, si le droit du Portugal sur la baie de Lourenço Marques n'avait pas été déjà affirmé dans le XVIIe siècle, il l'eût été en 1629 par la cession faite par

nomotapa, cujos dominios se estendiam ainda alem dessa bahia até perto do Cabo da Boa Esperança;

Attendendo a que a soberania de Portugal tem sido reconhecida pelos regulos da bahia, que se consideram vassallos da corôa portugueza, já por uma serie de factos incontestados, já pelo reconhecimento expresso e até escripto;

Attendendo a que esse direito tem sido igualmente reconhecido desde o seculo XVI pelos monumentos geographicos, pelos escriptores e pelos governos europeus, tacita e expressamente;

Attendendo a que mesmo na hypothese, aliás imaginaria, da falta completa de titulos anteriores a 1781, a expulsão dos austriacos da bahia n'esse anno seria então um outro titulo legitimo, o de *conquista*, confirmado pela occupação e posse constante até hoje;

Attendendo a que os titulos em que se funda a Inglaterra para contestar a Portugal e reivindicar a soberania de parte da bahia, no Tembe e no Maputo, não podem prevalecer contra o direito da nação portugueza;

Attendendo a que os tratados que se dizem feitos em 1823 entre os regulos e o capitão Owen (e constituem o primeiro fundamento da Inglaterra) não podem surtir effeito algum juridico, por não terem authenticidade, por serem negados por aquelles dois regulos, e por serem, quando verdadeiros, nullos na fórma, por falta de qualidade no capitão Owen, não sanada com a ratificação do governo inglez, aliás impossivel depois das declaração dos regulos, e nullos no fundo, por terem por objecto o que já pertencia a Portugal, e de que esses regulos não podiam dispor;

Attendendo mais a que dos tratados com o regulo de Maputo, quando verdadeiros e validos fossem, não resultava cessão do territorio do Maputo e das ilhas da Unhaca e dos Elephantes á Gran-Bretanha;

Attendendo a que com respeito a essas

le roi du Monomotapa, dont les domaines s'étendaient encore au delà de cette baie et jusqu'auprès du cap de Bonne-Espérance;

Attendu que la souveraineté du Portugal a été reconnue par les régules de la baie qui se regardent comme vassaux de la couronne portugaise et qui l'affirment, non-seulement par une série de faits incontestés, mais encore par reconnaissance expresse et même écrite;

Attendu que ce droit a également été reconnu dès le XVIe siècle, tacitement et expressément, par les ouvrages géographiques, par les écrivains et par les gouvernements de l'Europe;

Attendu que, dans l'hypothèse, toutefois imaginaire, du manque absolu de titres antérieurs à 1781, l'expulsion des Autrichiens dans cette même année serait un autre titre légitime, celui de la *conquête*, confirmé par l'occupation et la possession constantes jusqu'à ce jour;

Attendu que les titres sur lesquels s'appuie l'Angleterre pour contester au Portugal et revendiquer pour elle-même la souveraineté d'une partie de la baie, dans le Tembe et le Mapouto, ne peuvent prévaloir contre le droit de la nation portugaise;

Attendu que les traités que l'on prétend avoir été faits, en 1823, entre les régules et le capitaine Owen et qui constituent le premier argument de l'Angleterre, ne peuvent avoir aucun effet juridique; d'abord parce qu'ils n'ont aucune authenticité, ensuite parce qu'ils ont été déniés par ces deux régules et enfin, parce que, si réellement ils n'étaient pas fictices, ils n'en seraient pas moins nuls dans la forme, vu le manque de qualité du capitaine Owen pour traiter, et le manque de ratification de ses actes par le gouvernement anglais, ratification d'ailleurs rendue impossible par les déclarations des régules; et attendu qu'il seraient nuls dans le fond, puisqu'ils ont pour objet l'aliénation d'un bien appartenant à la couronne portugaise et dont les régules ne pouvaient aucunement disposer;

Attendu, en outre, que des traités faits avec le régule de Mapouto, alors même qu'ils seraient authentiques et valables, il ne résulterait aucune cession à la Grande-Bretagne du territoire de Mapouto ni des îles de l'Unhaca et des Éléphants;

Attendu que le capitaine Owen, tant à

cessões e a todos os attentados praticados pelo mesmo capitão Owen, e ainda até hoje não reparados, andou este com a maior perfidia, abusando da recommendação que para elle solicitára o seu governo do governo portuguez para as auctoridades na Africa oriental;

Attendendo a que a necessidade de abolir o trafico de escravos (segundo fundamento da Inglaterra), alem de se fundar n'uma base de facto inexacta, não poderia juridicamente ser fundamento para privar uma nação de uma porção de territorio que é seu;

Attendendo a que o direito de Portugal está reconhecido pela propria Inglaterra no tratado de 1817, em que a bahia é considerada como limite sul das possessões portuguezas na Africa oriental, e n'outros documentos;

Attendendo a que nem o proprio governo inglez, nem os homens competentes em Inglaterra, confiam no pretendido direito de soberania da Gran-Bretanha sobre a bahia.

Attendendo finalmente a que a bahia de Lourenço Marques em toda a sua extensão alcança até 26° 30′ de latitude sul, como demonstra a simples inspecção das cartas geographicas;

Ha de parecer ao arbitro:

1.° Que é incontestavel o direito de Portugal a *toda* a bahia de Lourenço Marques, e *por isso* até 26° 30′;

2.° Que é portanto infundada a pretensão da Inglaterra á parte meridional da mesma bahia, na qual se comprehendem os territorios do *Tembe* e de *Maputo,* com as duas ilhas da *Unhaca* e dos *Élephantes.*

Se a Inglaterra é muito grande e muito rica para ter que receiar da arbitragem em rasão de ciume das outras nações, como ainda este anno escrevia a proposito d'esta questão o vice-almirante Hall [1], Portugal, apesar da sua pequenez relativa, tem a consciencia da força da sua justiça, e com ella a firme convicção de que o seu

[1] As for arbitration, England is too great and too rich to be exempt from the jealousy of other nations.— Carta ao redactor do *Ocean Highways,* n.° de fevereiro de 1873, pag. 354.

l'égard de ces prétendues cessions qu'à celui de tous les attentats qu'il a commis, s'est rendu coupable de la plus insigne perfidie, abusant des lettres de recommandation qui lui avaient été accordées par le gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle près des autorités portugaises de l'Afrique orientale, à la sollicitation du gouvernement anglais lui-même;

Attendu que la nécessité de l'abolition de la traite des nègres (deuxième argument de l'Angleterre) non-seulement s'appuie sur un fait inexact, mais encore ne pourrait juridiquement donner lieu à ce qu'une nation fût dépouillée d'une partie du territoire qui lui appartient;

Attendu que le droit du Portugal est reconnu par l'Angleterre elle-même dans le traité de 1817 par lequel la baie est considérée comme limite sud des possessions portugaises dans l'Afrique orientale, ce qu'établissent encore d'autres documents;

Attendu que, ni le gouvernement britannique lui-même, ni les hommes les plus compétents de la nation anglaise n'ont foi dans ce prétendu droit de souveraineté de la Grande-Bretagne;

Attendu, enfin, que la baie de Lourenço Marques, dans toute son étendue, atteint le 26° 30′ de latitude sud, ainsi que le démontre le simple examen des cartes géographiques;

Il devra sembler au juge arbitre:

1° Que le droit du Portugal à *toute* l'étendue de la baie de Lourenço Marques est incontestable et s'étend, *par conséquent,* jusqu'au 26° 30′;

2° Qu'ainsi est dénuée de tout fondement la prétention de l'Angleterre sur la partie méridionale de cette même baie, qui comprend les territoires de *Tembe* et de *Mapouto,* ainsi que les îles de l'*Unhaca* et des *Éléphants.*

Si l'Angleterre est trop puissante et trop riche pour avoir à craindre, dans un arbitrage, l'effet de la jalousie des autres nations, comme l'écrivait encore cette année le vice-amiral Hall à propos de ce différend [1], le Portugal, lui, malgré sa faiblesse relative, a une foi entière dans la justice de sa cause et nourrit la ferme con-

[1] As for arbitration, England is too great and too rich to be exempt from the jealousy of other nations.— Lettre au rédacteur de l'*Ocean Highways,* numéro de février de 1873, p. 354.

direito ha de ser reconhecido pelo arbitro, Chefe de uma nação que, melhor do que outra qualquer, sabe que a força do direito é sempre superior ao direito da força, e que acima de todas as nações, por mais poderosas que sejam, ha, na phrase de Cicero, uma lei eterna e immortal que as domina: *Omnes gentes et omni tempore una lex, et sempiterna et immortalis, continebit.*

viction que ses droits seront reconnus par l'arbitre, Chef d'une nation qui, mieux que toute autre, sait que la force du droit est toujours supérieure au droit de la force, et qu'au-dessus de toutes les nations, quelque puissantes qu'elles soient, il est, ainsi que le dit Cicéron, une loi éternelle et immortelle qui les domine: *Omnes gentes et omni tempore una lex, et sempiterna et immortalis, continebit.*

APPENDICES

APPENDICE 1ER

Descriptions portugaises de la baie de Lourenço Marques

(XVIe, XVIIe et XVIIIe siècles)

I

Alvaro Fernandes — 1552[1]

Vindo caminhando por suas jornadas, segundo era a terra que achavão, e sempre com os trabalhos que tenho dito, serião já passados tres mezes que caminhavão com determinação de buscar aquelle Rio de *Lourenço Marques*, que he a agora da *Boa Paz*...

E no cabo deste tempo vierão ter com um Cafre, senhor de duas Aldeas, homem velho, que lhes pareceo de boa condição, e assim o era pela agazalho que nelle acharão...

Assim que este Rey Cafre *(da Inhaca)* apertou muito com Manoel de Souza e sua gente que estivera com elle, dizendo-lhe que tinha guerra com outro Rey por onde elles havião de passar, e queria sua ajuda... de maneira que pelo proveito e ajuda que esperava desta companhia, e *tambem pela noticia que ja tinha de portuguezes por Lourenço Marques* e *Antonio Caldeira*, que ali estiverão, trabalhava quanto podia porque d'alli não passassem; e estes dois homens lhe puzeram nome Garcia de Sá, por ser velho e ter muito o parecer com elle, e ser bom homem.

.....

... assentarão que devião de caminhar e buscar aquelle rio de *Lourenço Marques* e não sabião que estavão nelle. E por que este Rio

[1] *Historia da mui notavel perda do galeão grande S. João, em que se contam os innumeraveis trabalhos e grandes desaventuras que aconteceram ao capitão Manuel de Sousa de Sepulveda, etc. O qual se perdeu no anno de 1552, a 24 de junho na terra do Natal* (sem logar, nem anno de impressão, nem nome de auctor); ha edições posteriores de 1592, 1614, 1625 e 1633, e ha finalmente a reimpressão na *Historia tragico-maritima*, publicada por Bernardo Gomes de Brito, no seculo passado.

Ils continuaient leur voyage à petites journées selon la nature des pays qu'ils traversaient, et toujours avec les mêmes peines et les mêmes fatigues; depuis trois mois déjà ils étaient à la recherche du fleuve de *Lourenço Marques*, que quelques-uns nomment aussi fleuve de la Bonne Paix *(Boa Paz)*.

Au bout de ce temps ils arrivèrent près d'un Cafre, seigneur de deux villages, vieillard qu'ils supposèrent avec raison être un grand personnage et qui les accueillit fort bien.

Ce roi cafre *(de l'Unhaca)* demanda avec instance à Manuel de Souza et à ses gens de l'aider contre un roi avec lequel il se trouvait en guerre, et dont ils auraient à traverser les domaines. L'avantage qu'il comptait retirer de cette assistance, et la connaissance *qu'il avait déjà des Portugais par Lourenço Marques et Antonio Caldeira*, qui avaient déjà été dans son pays, l'engageaient à faire tous ses efforts pour ne pas les laisser continuer leur voyage. Ces deux Portugais lui donnèrent le nom de *Garcia de Sá*, parce qu'il lui rassemblait beaucoup par son grand âge, sa bonté et les traits de son visage.

.....

Ils se décidèrent à continuer leur recherche du fleuve de *Lourenço Marques*, sans se douter qu'ils s'y trouvaient déjà. Ce fleuve est celui de

[1] *Histoire de la très remarquable perte du grand galion Saint-Jean, dans laquelle on raconte les travaux sans nombre et les grands malheurs arrivés au capitaine Manuel de Sousa de Sepulveda, etc. lequel se perdit en l'anneé 1552, le 24 juin, sur la côte du Natal*, (édition sans indication de lieu ni d'année). Il y a d'autres éditions postérieures de 1592, 1614, 1625 et 1633. Ce rapport a été reproduit dans le dernier siècle par Bernardo Gomes de Brito dans son *Histoire tragico-maritime*.

he o da agoa de *Boa Paz* [1] com tres braços que todos vem entrar no mar a uma foz, e elles estavão no primeiro: e sem embargo de verem alli huma gota vermelha, que era sinal de virem já alli Portuguezes, os cegou a sua fortuna que não quizerão senão caminhar ávante...

E andando estes ja na terra sem esperança de poderem vir a terra de Christãos; foy ter áquelle Rio hum navio em que hia hum parente de Diogo de Mesquita fazer marfim, etc.

la Bonne-Paix *(Boa Paz);* trois rivières viennent y mêler leurs eaux et se jeter à la mer par la même embouchure; ils étaient près de la première, et quoiqu'ils trouvassent des traces du séjour des Portugais en ce endroit, leur mauvaise fortune les aveugla tellement qu'ils voulurent à tout prix continuer leur voyage.

Le navire qui faisait le commerce de l'ivoire, et qui appartenait à un parent de Diogo de Mesquita, arriva au moment même où ils venaient de perdre tout espoir de rencontrer des chrétiens dans ces terres, etc.

II

Manuel de Mesquita Perestrello — 1554 [1]

... quando veyo ás nove ou dez horas deste dia, que eram tres de Julho, chegamos á boca da bahia do Rio *Santo Espirito,* que na carta que levavamos estava nomeado por seu nome antigo, de Rio *d'Alagoa,* a qual será de quinze ou vinte legoas de comprido, e a lugares pouco menos de largo; entra o mar nelle por duas bocas, huma da parte do Sudoeste que não he muito grande; e outra da do Noroeste, que será de setè ou oito legoas, e entre huma e outra jaz uma ilha, que terá tres legoas em redondo.

Nesta bahia se recolhe a agoa de tres rios assás grandes, que de muito pelo sertão dentro vem alli acabar; por cada um dos quaes entra a maré dez ou doze legoas, alem do que a bahia alcança. O primeiro delles para a parte do Sul, se chama mar do *Zembe* (Tembe?), que divide as terras de hum rey assim chamado, das d'outro, que he o *Inheca,* com quem nós ao depois estivemos. O segundo se chama *Santo Espirito* ou de *Lourenço Marques,* que primeiro descobrio o resgate do marfim, que alli vem ter, *por cuja causa he frequentada a navegação delle de alguns annos a esta parte,* que d'antes muitos passárão, que alli ninguem foy; este aparta as terras do *Zembe* das d'outros dous senhores, cujos nomes são o *Rumo* [2] e *Mena Lobombo.* O terceiro e ultimo rio para o Norte se chama do *Manhiça* por outro cafre assim chamado, que alli reyna, com o qual vizinhão outros muitos senhores; ao longo deste foy o desbarato de Manoel de Sousa Sepulveda, onde elle, sua mulher e filhos acabarão com quazi toda a gen-

... Le trois juillet, entre neuf et dix heures du matin, nous arrivâmes à l'entrée de la baie du fleuve du *Saint-Esprit,* lequel était désigné sons son nom primitif de fleuve *de Lagoa,* sur la carte maritime dont nous étions pourvus. Cette baie est longue de quinze à vingt lieues, et en certains endroits elle n'est pas moins large; la mer y pénètre par deux entrées dont l'une au sud-ouest, qui n'est pas très grande, et l'autre au nord-ouest, de sept à huit lieues; il y a entre ces deux entrées une île ayant à peu près trois lieues de circonférence.

Dans cette baie débouchent trois fleuves assez grands, qui viennent de fort loin de l'intérieur, et dans lesquels la marée se fait sentir à dix ou douze lieues. Le premier du côté sud s'appelle *Tembe;* il sépare les terres d'un roi ainsi nommé de celles du roi *Inhaca,* avec lequel nous nous rencontrâmes par la suite. Le second est celui du *Saint-Esprit* ou de *Lourenço Marques,* qui le premier fut exploré à cause du commerce de l'ivoire, *ce qui fait qu'il est fréquenté depuis quelques années par les navigateurs;* bien des années s'étaient écoulées sans que personne y allât trafiquer; ce fleuve sépare les terres du *Tembe* de celle de deux autres chefs, dont les noms sont le *Rumo* [2] et *Mena Lebombo.* Le troisième et dernier est le *Manhiça,* ainsi nommé d'un Cafre de ce nom qui y gouverne, et a pour voisins beaucoup d'autres chefs; les rives de ce fleuve furent témoins de la mort de Manuel de Souza de Sepulveda, lequel y périt avec sa femme, ses enfants et presque tous ceux qui l'accompagnaient, à l'exception de sept ou huit

[1] *Naufragio da nau S. Bento, sendo capitão Fernão Alvares Cabral, que se perdeu a 22 de abril de 1554 na costa da terra do Natal, junto do rio do Infante,* Coimbra 1564; reimpresso na *Historia tragico-maritima,* tom. I, pag. 139 e seg.

[2] Talvez deva ler-se *Mafumo.*

[1] *Naufrage du vaisseau Sainte-Benoît, capitaine Fernão Alvares Cabral perdu le 22 avril 1554 sur la côte du Natal près du fleuve de l'Infante,* Coïmbra, 1564, réimprimé dans l'*Histoire tragico-maritime,* tom. I, p. 139 et suiv.

[2] Peut-être *Mafoumo.*

te que o seguia, salvando-se sómente sete ou oito pessoas, que derão testemunho de suas desaventuras.

...assentámos que forçadamente nos convinha não hir mais por diante, mas entregarnos ao Rey daquella comarca, que por ser perto donde o navio vinha, presumiamos ter algum conhecimento dos Portuguezes; porque ouviramos dizer aos que escapárão da outra perdição, que de vinte e trinta legoas pela terra dentro trouxerão ao navio esses poucos que ainda erão vivos, pelo interesse do resgate que por elles esperavão e o que confiavamos (pois mais não podiamos) tambem nos farião a nós.

...e não tinhamos andado muito quando vimos em hum cabeço os moradores de huma povoação, que ao pé d'elle estava despejada, por medo de lha saltearmos; alguns dos quaes despois de muitas duvidas, que com o lingoa tiverão, forão ter comnosco, e nos disserão que o seu rey se chamava o *Inheca, e era amigo dos homens brancos, que áquella bahia vinhão muitas vezes em hum navio,* aos quaes El-Rey vendia muito marfim a troco de contas, de que elles todos andavão bem ajaezados.

personnes qui survécurent et racontèrent cette catastrophe.

... Nous resolûmes de ne point poursuivre notre marche et de nous confier au roi de ce district; comme il était très près de l'endroit où le navire (de Mozambique) venait mouiller, nous supposions qu'il devait connaître les Portugais; nous avions d'ailleurs entendu dire à ceux qui avaient échappé au naufrage de 1552 qu'on les avait conduits de vingt et trente lieues de l'intérieur dans l'espoir d'une récompense, et nous comptions là-dessus, nous trouvant déjà à bout de forces.

Nous marchions depuis peu de temps lorsque nous aperçûmes sur le sommet d'une colline les habitants d'une peuplade qui était peu éloignée, et qu'ils avaient abandonnée dans la crainte d'être attaqués par nous; après beaucoup d'hésitations et de pourparlers avec l'interprète, quelques-uns vinrent à nous et nous dirent que leur roi s'appellait *Inhaca, qu'il aimait beaucoup les Portugais qui venaient souvent dans cette île avec un navire,* et qu'il leur donnait quantité d'ivoire en échange de verroteries, dont ils étaient tous couverts.

III

Manuel de Mesquita Perestrello — 1575 [1]

O Rio do Santo Espirito está em altura de 25 gr. e tres quartos: correse com o Cabo das Correntes quasi Lesnordeste Oessudueste, haverá na derrota 70 leguas; sua conhecença he ter da banda do Sudoeste hũa lombada de terra grossa, a qual he Ilha que não sae mais ao mar, que a costa firme, e terá de comprido legoa e meia com hũa degolada pequena no meio, em que está hũa malha branca; a sua entrada da banda do Sudoeste he alta mas pejada com penedos, terá de largo pouco mais de um tiro de espingarda, a de Nordeste será de seis ou sete leguas, dentro faz uma grande bacia que descobre muito de baxamar de aguas vivas, comtudo tem colheita para naos da carreira; entrão nela tres rios grandes em que tambem podem surgir navios piquenos; quem a for demandar chegarseha á ponta da Ilha da parte do Nordeste hũa boa legoa, e não menos, porque assim dali para a Ilha como da banda da terra firme he aparcelado, e irá entrando ao longo de huns Ilheos ao som do prumo, e do olho que lógo enxerga onde he alto ou baxo, achará no banco sete, e oito braças de area limpa, e quanto

[1] Roteiro, impresso pela primeira vez na *Arte pratica de navegar* de Luiz Serrão Pimentel, Lisboa, 1681, pag. 394 e seg.

Le fleuve du *Saint-Esprit* est à la hauteur de 25° et trois quarts; il est presque à l'est-nord-est ouest-sud-ouest du *Cap des Courants* à une distance de 70 lieues. On le reconnaît facilement à une grosse saillie de rocher, qui forme une île qui ne s'étend pas sur la mer plus que la côte; cette île est longue d'une lieu et demie, et a une petite coupure au milieu, où l'on voit un point blanc. L'entrée du côté du sud-ouest est haute, mais pleine de rochers, et sa largeur est d'une portée de fusil; celle du nord-est a peut-être six ou sept lieues, et à l'intérieur elle forme un grand bassin, lequel, quoique il laisse beaucoup de sable à découvert dans la basse-mer des grandes marées, peut recevoir de grands vaisseaux de la carrière (des Indes). Trois grands fleuves navigables pour de petits navires, viennent déboucher dans cette baie. Pour y entrer il faut se placer à une bonne lieue de la pointe de l'île du côté du nord-est, et non à une moindre distance, car plus près de l'île et de la côte la mer est couverte d'écueils; on doit suivre ensuite les petites îles, ayant toujours la sonde en main pour reconnaître et éviter les bas fonds; on trou-

[1] Routier, imprimé pour la première fois dans *l'Art pratique de la navigation* de Luis Serrão Pimentel, Lisbonne, 1681, p. 394 et suiv.

mais for entrando, mais se irá chegando á Ilha, até que acabe de a passar, e depois voltará para o Sul tanto que descubra a sua entrada da parte do Sudoeste, ou pouco menos, e surgirá nas oito, e nove braças perto da Ilha na qual achará agoa doce, onde quer que a cavar, e amarrarseha do Ponente por respeito da corrente que sae dos rios que he grande.

A gente da Ilha, e assim a da terra firme daquella parte *he muito nossa amiga* sugeita a hum Rei chamado Inhe, que ainda agora he vivo, de quem recebemos os que alli fomos da nao *S. Bento* muito agasalhado, e assim o faz a todos os Portuguezes que por ordem dos Capitaens de Moçambique ali vão fazer resgate de marfim, o que não tem os que morão da outra, que fazem todos os males que podem aos que com eles vão negocear, e aquelles são os que desbaratárão a Manoel da Sousa de Sepulveda com toda a companhia, qnando alli foi ter perdido do Galeão *S. João* o anno de 1552.

vera sept et huit brasses sur fond de sable clair, et à mesure qu'on entrera on devra s'approcher de l'île jusqu'à ce qu'on l'aie dépassé; on tournera ensuite vers le sud, dès qu'on découvrira l'entrée du côté du sud-ouest ou peu moins, et on mouillera sur huit ou neuf brasses près de l'île dans laquelle on trouve de l'eau potable à quelque endroit où l'on creuse la terre; on jettera l'ancre du côté du couchant à cause du courant qui vient des fleuves, et qui est très fort.

Le peuple de l'île, et de la côte *nous aime beaucoup;* son roi s'appelle *Inhaca;* il vit encore, et ceux qui ont échappé au naufrage du vaisseau *Saint Benoît*, parmi lesquels je me trouvais, ont été très bien accueillis par lui; il agit de même envers tous les Portugais, qui, par ordre des capitaines de Mozambique, vont y faire le commerce de l'ivoire. Les gens de l'autre côté ne sont pas si bienveillants; ils font tout le mal qu'ils peuvent à ceux qui vont y négocier; ce sont eux qui massacrèrent Manoel de Souza de Sepulveda avec ses compagnons, lorsqu'ils y arrivèrent, après le naufrage du galion *Saint-Jean* en 1552.

IV

João Baptista Lavanha — 1597 [1]

Faz o mar nestas terras da *Inhaca* uma grande bahia de quinze ou vinte legoas de comprido, e a partes pouco menos de largo, e nella esbocão quatro grandes rios, pelos quaes entra a maré dez e doze legoas. O primeiro da parte do Sul se chama *Melengana,* ou *Zembe,* que divide as terras de um Rey assim chamado, das do *Inhaca*; o segundo *Anzate,* e dos nossos de *Santo Espirito* ou de Lourenço Marques, que primeiro descobrio nelle o resgate do marfim, de quem tomou a bahia o nome; o terceiro *Fumo,* por passar pelas terras de um Senhor deste nome; e o quarto, e ultimo, do *Manhiça,* que he da parte do Norte, ao longo do qual foy o desbarate de Manoel de Souza Sepulveda, e as lastimosas mortes de Dona Leonor sua mulher, e filhos, e seo desaparecimento; e nelle acabou tambem D. Paulo de Lima, mas não a memoria de suas gloriosas emprezas.

Fica na boca d'esta Bahia (a qual a lugares tem quatorze e quinze braças de fundo), junto da sua ponta austral, uma Ilha grande de tres

La mer forme dans ces terres de *l'Inhaca* une grande baie longue de quinze à vingt lieues, et un peu moins large sur quelques points. Quatre grands fleuves, que la marée remonte à une distance de dix à douze lieues, viennent y jeter leurs eaux. Le premier, du côté du sud, est appelé *Melengana* ou *Tembe;* il sépare les terres d'un roi de ce nom de celles de l'*Inhaca*. On nomme le deuxième *Anzate*, et les nôtres l'appellent fleuve du *Saint-Esprit* ou de Lourenço Marques, du premier qui y a tenté le commerce de l'ivoire, et dont la baie a pris le nom. Le troisième est nommé *Fumo,* parce qu'il traverse les terres d'un chef de ce nom; et le quatrième et dernier est celui du *Manhiça,* du côté du nord, sur les rives duquel eurent lieu la perte de Manoel de Souza de Sepulveda et la mort affreuse de Dona Leonor sa femme et celle de ses enfants. Don Paul de Lima y périt également, mais le souvenir de ses glorieux exploits lui survivra.

A l'entrée de cette baie (qui a une profondeur de quatorze et quinze brasses en quelques endroits) il y a une grande île de trois lieues

[1] *Naufragio da nau Santo Alberto, e itinerario da gente que d'ella se salvou,* Lisboa, 1597, in 8.°, reproduzido na *Historia tragico-maritima,* tom. II, pag. 308.

[1] *Naufrage du vaisseau Saint-Albert et itinéraire de ceux qui purent se sauver,* Lisbonne, 1597; reproduit dans l'*Histoire tragico-maritime,* tom. II, p. 308.

legoas de circuito, a qual faz nella duas entradas, huma pela parte do Nordeste, de sete ou oito legoas de largo, e outra do Sul, estreita, e de pouca distancia. Chamão os nossos a esta Ilha de *Inhaca*, e nella traz o Rey muito gado pela abundancia do seu pasto. De huma parte desta Ilha faz o mar huma Ilheta, a qual se passa de baixamar com a agoa pelo joelho, tem de altura vinte e sinco gráos quarenta minutos, e chamão-lhe hoje *dos Portuguezes*[1], pelos muitos que nella estão enterrados, dos que se salvárão da Náo S. Thomé.

de circonférence, laquelle forme deux entrées à la baie, l'une du côté du nord-est, large de sept à huit lieues, l'autre du côté du sud, étroite et à peu de distance. Nous appelons cette île l'*Inhaca;* elle est très abondante en patûrages et le roi y a beaucoup de bétail. La mer fait une petite île d'une partie de cette Inhaca, sur laquelle on peut passer à la basse-mer en ayant de l'eau jusqu'aux genoux. Elle est à la hauteur de 25° 40′, et on l'appelle aujourd'hui l'île *des Portugais*[1] à cause de ceux qui, ayant échappé au naufrage du vaisseau *Saint-Thomas,* y moururent des fièvres.

V

Diogo de Couto — 1611[2]

E tornando do reino de *Viragune,* que toda aquella terra dos *Fumos,* vay o Reyno de *Inhaca* correndo ao Nordeste, o qual se estende até á ponta da Bahia do Lourenço Marques da banda do Sul... e ainda senhorea duas Ilhas que estão na mesma ponta, huma chamada *Choanbone*[3], que he povoada, e tem sete aldeas, que será de quatro legoas, e tem muitas vacas, cabras e gallinhas; a outra se chama *Setimuro*[4], que he despovoada, e será de duas legoas, na qual os nossos que alli vão ao resgate de marfim *se aposentão,* para estarem mais seguros dos negros da terra, porque o mayor commercio que tem he com esta *Inhaca.* Tem esta Ilha muito boa agua, muitos pescados, e tartarugas, ainda que a cassa não presta para nada.

E porque temos chegado a esta bahia, que he famosa, e das principaes de toda a terra, a que os geographos chamão Africa, faremos della huma demonstração, para se verem melhor os Reys, que vivem derredor d'ella.

Finjamos uma borboleta, que faz duas pontas, esta de *Inhaca,* que dissemos, e outra da banda do Norte, onde está o reyno do *Manhiça,* de que logo falaremos; e será distancia de uma boca a outra de seis leguas, e de fundo da boca para dentro de catorze braças. No meyo da Bahia jaz uma Ilha, a que os nossos puzerão nome dos *Passaros*[5], pelos muitos que alli ha tão grandes como patos, e tão gordos que de suas inxundias fazem azeite para as candeias, e bitaculas dos navios.

... Et venant du royaume de *Viragune* qui occupe toute la terre des *Fumées,* on trouve le royaume d'*Inhaca* qui s'étend au nord-est jusqu'à la pointe de la baie de Lourenço Marques du côté du sud, et embrasse encore deux îles placées près de cette pointe, l'une de quatre lieues nommée *Choanbone*[3] qui est peuplée, possède sept villages, et abonde en vaches, en chèvres et en poules; et l'autre de deux lieues nommée *Setimuro*[4] qui est inhabitée, et dans laquelle, pour être mieux à couvert des attaques des nègres du pays, se logent les nôtres qui y viennent pour le commerce de l'ivoire, qui se fait principalment avec cette île de l'*Inhaca.* On trouve dans cette île de l'eau excellente; on y pêche beaucoup de poisson et de tortues, mais le gibier n'y vaut rien.

Et comme nous venons de parler de cette baie, qui est très connue et l'une des principales de cette partie de la terre que les géographes appellent Afrique, nous en donnerons la description pour mieux faire connaître les rois qui habitent ses rives.

Imaginons un papillon avec deux pointes, l'une celle de l'*Inhaca* dont nous venons de parler, et l'autre celle qui se trouve du côté du nord, où est le royaume du *Manhiça,* dont nous parlerons bientôt; ces deux pointes sont séparées par environ six lieues de mer, qui a quatorze brasses de fond à l'intérieur de la baie. Au milieu de la baie est placée une île, à laquelle les nôtres ont donné le nom d'île des Oiseaux *(dos Passaros*[5]*),* à cause de la grande quantité de volatiles qu'on y trouve, et qui sont gros comme des canards,

[1] A ilha dos *Elephantes.*

[2] *Relação do naufragio da nau S. Thomé,* Lisboa, 1611, reproduzido na *Historia tragico-maritima,* tom. II pag. 174 e seg.

[3] A *Unhaca.*

[4] A ilha dos *Elephantes.*

[5] A *Chefina grande.*

[1] L'île des *Éléphants.*

[2] *Relation du naufrage du vaisseau Saint-Thomas,* Lisbonne, 1611, reproduite dans l'*Histoire tragico-maritime,* tom. II, p. 174 et suiv.

[3] L'*Unhaca.*

[4] L'île des *Éléphants.*

[5] La *Grande Chefine.*

As azas d'esta borboleta, a da banda do sul he o rio, que vay cortando ao sudueste, sobre o qual de huma e outra parte se estende o reyno de *Belingane,* e assim se chama o rio; a outra aza da banda do norte vay tirando direito a elle, he o rio *Manhiça,* do qual o reyno toma o nome, o qual rio é o mayor de todos que alli vem esbocar, e hum dos que dissemos na nossa oitava Decada na Descrição do reyno Monomotapa, que sahia da Alagoa grande, juntamente com o Nilo, e outros; o qual rio se vay meter naquella parte a que chamão commumente *Bahia Fermosa,* que he o proprio rio do *Espirito Santo.* Aqui fazem os Portuguezes resgate de marfim, e tem alli a sua Feitoria, onde residem quatro mezes do anno, que dura esta monção.

O cabo desta borboleta, que se divide em duas farpas, são dous rios que da mesma maneira do cabo farpado vão meterse naquella Alagoa, que he o corpo desta borboleta; e sobre a farpa da banda do norte jaz o reyno do *Rumo*[1], que foy o em que Manuel de Sousa Sepulveda, quando por alli passou com sua mulher, largou as armas, como na sexta decada escrevemos, e onde elle e seus filhos morrerão, mettendose de magoa de ver sua mulher e seus filhos mortos pelos matos, onde parece foi comido das féras...

A outra farpa do cabo da borboleta da banda do sul he um reyno a que chamão *Anzete*[2]... parte este reyno com umas grandes serranias de mais de vinte legoas, tão asperas, intrataveis, e fortes por natureza que não tem entrada senão por alguns passos mui difficultosos, e em cima se estendem muito largas campinas, as quaes são de hum Senhor chamado *Monhimpeca,* o qual por nenhum caso desce abaixo, nem communica com os vizinhos, porque todos, huns e outros são muito grandes ladrões[3]. Tem as gentes destas serras a mesma lingoa dos *Vumos,* e *Anzetes* seus vizinhos...

Estes dous rios que fazem as farpas do cabo da borboleta[4], dous dias de caminho donde se metem lá em cima, formão outro rio, que atravessa do *Anzete* athé o *Vumo,* e vay cortando

1 É o *Mafumo.*

2 É engano de Diogo do Couto. O reino de que falla é o *Tembe;* o *Anzete* é o *Maputo.*

3 São as montanhas de *Lebombo* ou serras do *Mussuate.*

4 O *Tembe* e o *Matolla.*

et si gras qu'on retire de leur graisse de l'huile pour les lampes et pour les habitacles des navires.

Les ailes de ce papillon sont formées, celle du sud, par le fleuve qui court au sud-ouest, et des deux côtés duquel s'étend le royaume de *Belingane,* qui est aussi le nom du fleuve; et celle du nord par celui du *Manhiça,* dont un royaume prend le nom; ce fleuve est le plus grand de tous ceux qui viennent déboucher dans la baie, et un de ceux dont nous avons dit dans la huitième Décade, à propos du royaume du Monomotapa, qu'ils sortent du grand Lac avec le Nil et d'autres fleuves. Il vient jeter ses eaux dans cette partie qu'on nomme vulgairement la Jolie Baie *(bahia Formosa)* et qui n'est autre que le fleuve du *Saint-Esprit.* Les Portugais font ici le commerce de l'ivoire, et y ont leur factorerie dans laquelle ils demeurent quatre mois chaque année, ce qui est la durée de cette mousson.

La queue de ce papillon, divisée en deux pointes, est formée par deux rivières qui viennent également jeter leurs eaux dans la baie qui est comme le corps du papillon; sur celle du nord s'étend le royaume du *Rumo*[1], où Manuel de Sousa de Sepulveda, lorsqu'il y passa avec sa femme, abandonna ses armes, comme nous l'avons écrit dans la sixième Décade, et où il périt avec les siens, miné par le chagrin que lui causait la mort de sa femme et de ses enfants; on croit qu'il fut dévoré par les bêtes féroces dans les forêts.

L'autre pointe de la queue du papillon du côté du sud est le royaume nommé *Anzete*[2]... lequel aboutit à de hautes montagnes qui ont plus de vingt lieues d'étendue et qui sont si âpres, si sauvages et si bien fortifiées par la nature qu'on ne peut y pénétrer que par des passages ou des gorges très difficiles; il y a sur ces montagnes de larges plateaux appartenant à un chef nommé *Monhimpeca,* qui n'en descend jamais, et qui a n'aucune communication avec ses voisins; les uns et les autres sont très voleurs[3]. Les gens de ces montagnes parlent la même langue que leurs voisins les *Vumos* et les *Anzetes.*

Ces deux rivières qui constituent les pointes de la queue du papillon[4] forment, à deux jours de marche de l'endroit où elles débouchent, une autre rivière qui traverse l'*Anzete* jusqu'au

1 C'est le *Mafoumo.*

2 Diogo de Couto se trompe. Ce royaume dont il parle, c'est le *Tembe;* l'*Anzete,* c'est le *Mapouto.*

3 Ce sont les montagnes du *Lebombo,* ou du *Mussouate.*

4 Le *Tembe* et le *Matolla.*

aquella farpa pelo meyo, sobre o qual vive hum Rey chamado *Angomanes,* cujo reyno se estende para o ponente; e corre este rio pelo pé de humas serras, a cuja fralda estão algumas povoaçoens.

E tornando á boca do rio do Espirito Santo, que he o focinho desta borboleta, ao rio do *Manhiça,* delle corre um esteiro que vay tirando ao sudueste, e corta aquella ponta que fica em ilha, a que os nossos puzerão nome do *Mel*[1], da qual vai correndo a costa direita athé o *rio dos Reys,* a que hoje os nossos chamão do *Ouro,* que está em altura de vinte e sinco gráos, sobre o qual da banda do ponente se estende hum reyno, que chamão do *Inhapula,* e da outra banda o de *Manuça,* que he vassallo do outro, etc.

Vumo, en coupant cette queue vers le milieu; il y a là un roi nommé *Angomanes,* dont le royaume s'étend vers le couchant; cette rivière coule près de montagnes sur les flancs desquelles se trouvent quelques peuplades...

L'embouchure du fleuve du Saint-Esprit est la tête du papillon. Du fleuve *Manhiça,* il sort un bras de rivière qui tourne vers le sud-ouest, et coupe une pointe en formant l'île que nous avons appelée île du *Miel*[1]; la côte suit alors cette pointe jusqu'au fleuve des *Rois,* que nous appelons maintenant fleuve de l'*Or,* et qui est à la hauteur de 25°; sur ce fleuve, du côté du couchant, s'étend le royaume de *Inhapula,* et de l'autre côté celui de *Manuça,* qui est soumis au premier.

VI

Description anonyme du dernier quart du siècle XVIIIe

A Unhaca (é) grande e pequena; a ponta grande da banda do norte, figura a unha de vaca: a Unhaca grande faz outra ponta da parte do sul, e figura a mesma unha de vaca: tem dez legoas de continente pela praia; estes povos são todos hottentotes; he este continente muito povoado; não tem relegião alguma. O commercio destes povos he muito forte, tem grande quantidade de marfim, que vem do continente do sul, muito arroz, grande quantidade de legumes de toda a especie; tem muita e grande quantidade de ambar; ali ha grande quantidade de dentes de monstros marinhos, alguns de sete, oito e nove arrateis de pezo. De fronte da Unhaca está huma ponta de terra, que mal se avista, a qual mete para oeste; tem esta boca dez legoas; forma alguns bancos e area no meio; podem entrar toda a qualidade de navios.

Il y a la grande Unhaca et la petite Unhaca; la grande pointe qui se trouve du côté du nord figure le pied d'une vache; l'Unhaca grande forme une autre pointe du côté du sud et figure également le pied d'une vache; elle a dix lieues de côtes. Ces contrées sont fort peuplées, tous les habitants sont hottentots et n'ont aucune religion. Le commerce de ces peuples est très développé, ils possèdent une grande quantité d'ivoire qui vient du continent du sud, beaucoup de riz, nombre de légumes de toutes sortes, et une grande quantité d'ambre; on y trouve encore beaucoup de dents de monstres marins, quelques-unes du poids de sept, huit et même neuf livres. Devant l'Unhaca il y a une petite pointe de terre que l'on peut à peine apercevoir, et qui s'étend vers l'ouest. L'ouverture entre ces deux pointes peut avoir dix lieues de largeur, au milieu se trouvent quelques bancs de sable, les navires de toute grandeur peuvent y pénétrer.

[1] É tambem chamada *Benguelene.*

[2] Esta descripção inedita que faz parte da collecção de manuscriptos do primeiro official e sub-director do ministerio dos negocios estrangeiros, Jorge Cesar de Figanière, é a copia, cheia de erros orthographicos (que corrigimos), de uma especie de relatorio dirigido por um commandante militar de Lourenço Marques ao Prelado de Moçambique, D. Fr. Amaro de S. Thomás, como do mesmo relatorio se collige. É posterior a 1781, porque se refere á expulsão dos austriacos que teve logar n'esse anno; e é posterior tambem a 1785, porque sendo dado áquelle prelado o titulo de bispo de Pentacomea *in partibus* em 1785 só então podia ter o tratamento de excellencia que na copia se lhe dá.

[1] Aussi nommée de *Benguelene.*

[2] Cette description inédite qui fait partie de la collection de manuscrits du premier officier et sous-directeur au ministère des affaires étrangères, Jorge Cesar de Figanière, est la copie pleine de fautes d'orthographe (que nous avons corrigées) d'une espèce de rapport adressé par un commandant militaire de Lourenço Marques au prélat de Mozambique, Don Fr. Amaro de S. Thomas, comme on le voit dans ledit rapport. Cette description est postérieure à 1781, car elle fait allusion à l'expulsion des Autrichiens que eut lieu en cette année; elle est également postérieure à 1785, puisque ce ne fut qu'en cette année que le titre d'évêque de Pentacomea *in partibus* fut donné à ce prélat et que ce n'est qu'à partir de cette époque qu'on pouvait lui donner ce titre d'excellence qui se trouve dans la copie.

Defronte da Unhaca está a ilha de Santa Maria aonde os navios daõ fundo; ali se apanha bom pescado: vaza a maré mais de tres legoas; os negros tiraõ, e colhem grandes produçoens, como seja o martello, a roza, que vi huma, que teria mais de tres palmos de circunferencia, etc.

Ali os cafres fazem a pescaria das perolas, e dos aljofares, que tiraõ grande quantidade.

Da dita Unhaca grande para dentro forma huma grande anciada; tem alguns rios, que saõ innavegaveis; segue-se depois o rio do Maputo; este corre pela terra dentro caminho do sudoeste; tem na sua entrada perto de duas legoas de boca, he muito caudaloso naõ entrã(o) por elle senaõ embarcações de remos; he muito povoado; os seus habitantes saõ todos hotentotes; o seu comercio he muito forte; he muito navegavel; navega-se por elle mais de tres mezes de viagem; he todo povoado, tem varios regulos; o commercio he marfim, ponta de abada, dentes de monstros marinhos, ouro, cobre, e muito ambar pela borda do mar; he muito forte este rio no seu commercio.

Pela borda do mar apparece o rio do Santo Espirito; na sua praia está o rei, chamado Cappela; este rei se chama agora *Antonio;* he muito poderozo, terá de idade 25 annos, tem sempre na sua caza hum mercador para o trafico do marfim de sorte que a sua caza parece huma alfandega continuada; elle he muito rico, e (tem) muitos gados (e) escravos; fica na sua povoação, ou habitaçaõ a sete legoas de distancia da praia. Da parte do rio está ao norte a nossa feitoria donde temos huma fortaleza, que teve em meu poder 170 soldados de guarniçaõ com seus respectivos officiaes; neste rio de Santo Espirito he o ancoradouro; o dito rio tem huma legoa de boca; he pouco navegavel; pois todo o comercio se faz na caza de hum e outro rei.

O rei Matola (nome hé este do lugar) he muito poderozo, (e) bem fornido; a sua habitaçaõ he muito grande; eu contei mais de quatrocentas cazas; tinha grande quantidade de dentes de marfim, tem muitos captivos, (e) faz na sua caza, como huma grande feira; ali vem ter todos os habitantes das montanhas com ouro, cobre, e marfim, de que os que vendem lhe pagaõ direitos; este rei he muito cheio de brio, honra, e pondunor; alguns soldados foraõ ter a caza delle, elle os fornecia de tudo, mandando rogar ao commandante por elles; elle nos deu grande quantidade de terra para nós fazermos a nossa povoaçaõ e cultivarmos; a sua terra he toda po-

En face de l'Unhaca se trouve l'île de Sainte-Marie où les navires prennent leur mouillage, on y trouve d'excellent poisson, à la marée basse, la mer se retire à plus de trois lieues; les nègres y trouvent de nombreux coquillages parmi lesquels le marteau et la rose, je vis une de ces dernières qui avait plus de trois palmes de circonférence.

C'est là que les Cafres font la pêche des perles dont ils trouvent une grande quantité.

De la grande Unhaca vers la terre se trouve une baie où viennent déboucher quelques fleuves qui sont innavigables; on trouve ensuite le fleuve Mapouto qui s'enfonce dans l'intérieur dans la direction du sud-ouest; son embouchure a près de deux lieues de large, il est très profond, et ne peut être remonté que par les bateaux à rames, ses rives sont très peuplées, les habitants sont tous des Hottentotes qui font un grand commerce; on peut remonter ce fleuve pendant plus de trois mois, il est peuplé sur tout son parcours, différends régules y règnent, le commerce consiste en ivoire, cornes de rhinocéros, dents de monstres marins, or, cuivre et beaucoup d'ambre des bords de la mer; ce fleuve est d'un grand commerce.

Au bord de la mer on voit le fleuve du Saint-Esprit; sur sa rive se trouve le roi nommé Capella, qui s'appelle maintenant *Antonio:* ce roi est fort puissant, il a à peu près 25 ans, et il a toujours chez lui un marchand pour le trafic de l'ivoire, de sorte que sa résidence ressemble à une douane, il est fort riche et possède de nombreux esclaves et beaucoup de bétail, il demeure dans son village qui se trouve à sept lieues de distance de la plage. Au nord du fleuve se trouve notre factorerie où nous avons un fort qui a eu jusqu'à 170 soldats de garnison avec leurs officiers respectifs; le mouillage des navires est situé dans ce fleuve du Saint-Esprit qui a une lieue de largeur à son embouchure; ce fleuve est peu navigable; tout le commerce se fait à la résidence de l'un ou de l'autre roi.

Le roi Matola (cet aussi le nom de la contrée) est très puissant et bien approvisionné, son village est fort vaste, j'y ai compté plus de quatre cents cases; il possède une grande quantité d'ivoire, il a beaucoup de captifs et sa maison ressemble à une grande foire, c'est là que viennent les habitants des montagnes avec de l'or, du cuivre et de l'ivoire, pour la vente desquels ils paient au roi un droit; ce roi est plein d'honneur et de générosité; quelques soldats ayant été le voir chez lui, il les combla de tout ce qu'il pouvait leur donner et fit prier le commandant de ne pas les punir; il nous a donné une grande quantité de terres pour les cultiver et

voada, tem huma grande provincia, donde elle tem como hum vice-rei chamada a *Cherinda;* he muito rica esta provincia, (e) dali lhe vem grande quantidade de marfim, e pontas de abada; este grande rei he muito nosso amigo; todas as semanas vinha ou mandava vezitar-nos, mandando sempre huma, ou duas vacas, signal este de amizade, de sorte que a tropa se fazia senhor da terra, e havia ordem do mesmo rei para naõ maltratarem a soldado algum. A nova povoaçaõ a fizemos no mesmo sitio onde estavaõ os hollandezes; a tropa todos os dias matava quantidade de galinhas pela muita abundancia, que havia dellas.

Daqui se avista o rio de Manissa, na sua boca está a ilha do Elefante[1], mas despovoada, aonde tivemos huma povoação antiguamente. Este rio tem perto de huma legoa de boca; entraõ embarcaçoens tenues, como curvetas, *pallas,* e summacas, e tem logo na sua entrada o rei chamado o Mauote: he muito rico e figura grande respeito, e poder; eu vi na caza do mesmo rei duas grandes caixas cheias de ambar, elle me deu por donativo dois arrateis delle; teve grande amizade comigo; elle mandava todas as semanas o seu secretario a vezitar-me; eu fui a sua caza duas vezes, sendo 7 legoas de caminhos maos, e era bem delle hospedado.

Segue-se pelo rio acima, alguns dias de viagem, o rei Matundane; este naõ he taõ poderozo; pelo rio acima 30 ou 40 dias de viagem, está o gran Caxa, he como Imperador; este rei he muito poderoso, muito forte, e muito rico, e tem muito escravo; ali vão ter todas as embarcaçoens do commercio; este rei dá caza a todos os mercadores, com toda a segurança; ali comprad o marfim, o ouro, a ponta de abada, o dente do cavallo marinho, e o cobre, tudo em bom preço; este rei a sua grande povoaçaõ conta mais de seiscentas cazas; he bem fornido, forte, e bem figurado; da montanha vem ter do reino do Quiteve muitos negros commerciarem com elle, que trazem grande quantidade de ouro; estes negros saõ todos *landins;* andaõ todos núa, trazem a parte da geraçaõ metida em hum canudo tecido de pequenas palhas, e finas, algum do comprimento de dois, e tres palmos; as molheres trazem hum pedaço de pano ou couro cobrindo a parte que o pejo e a honestidade manda esconder. Este rio da Manissa, e este grande rei graõ Caxa, teve grande tratamento

[1] É a ilha de Benguelene, que parece tambem teve o nome de ilha do Elephante.

y bâtir notre village; la contrée qu'il gouverne est toute peuplée; il a une grande province nommée *Cherinda,* dirigée par un vice-roi, cette province est fort riche et il en tire une grande quantité d'ivoire et de cornes de rhinocéros; ce grand roi est très notre ami, il venait nous voir toutes les semaines ou nous faisait rendre visite et nous envoyait chaque fois une ou deux vaches, en signe d'amitié, de manière que nos soldats étaient maîtres du pays, d'autant plus que le roi avait ordonné qu'il ne leur fût fait aucun mal. Nous avons établi notre village à l'endroit où s'étaient établi les Hollandais; nos soldats tuaient chaque jour un grand nombre de poules, car il y en avait en abondance.

On voit d'ici le fleuve de Manissa, à l'embouchure duquel se trouve l'île de l'Éléphant, île dépeuplée, mais où jadis nous eumes un village. Ce fleuve a près d'une lieue de largeur à son embouchure, il est navigable pour les petits navires tels que les corvettes, les *pallas* et les smaks, à son entrée on trouve le roi nommé Mauote; ce roi est très riche et semble avoir un grand pouvoir et être fort respecté; j'ai vu dans sa maison deux grandes caisses pleines d'ambre, dont il me fit un cadeau d'environ deux livres, il me témoigna une grande amitié; chaque semaine il envoyait son secrétaire me rendre visite, j'allai deux fois à sa résidence, à travers de mauvais chemins d'une étendue de 7 lieues, et j'en fut toujours fort bien reçu.

A quelques journées de voyage en remontant le fleuve, on trouve le roi Matundane; celui-ci n'est pas aussi puissant; en remontant encore le fleuve pendant 30 ou 40 jours, on arrive chez le grand Caxa, qui est comme une sorte d'empereur. Ce monarque est très puissant et très riche, il a un grand nombre d'esclaves. C'est là que se rendent tous les navires de commerce; ce roi donne l'hospitalité aux marchands qui vont y acheter l'ivoire, l'or, les cornes de rhinocéros, les dents d'hippopotame et le cuivre, ce qu'ils ont à très bon marché; le grand village de ce roi est composé de plus de six cents cases, il est bien approvisionné, très fort et a bonne apparence. Un grand nombre de nègres du royaume de Quiteve descendent de la montagne et viennent à ce village pour y faire des échanges, ils apportent une grande quantité d'or. Ces nègres sont tous *landins,* ils vont entièrement nus à l'exception des parties naturelles qui sont enfermées dans un tuyau tressé de paille fine, quelques-uns de ces tuyaux ont deux ou trois palmes de long; les femmes

[1] C'est l'île de Benguelene, connue autrefois à ce qu'il parait, sous le nom d'île de l'Éléphant.

com os imperiaes, donde tiravão grandes utilidades; todos os mezes sahiaõ duas, ou tres embarcaçoens da nossa povoaçaõ, carregadas de fato preto, missanga e velorio, tudo para o mesmo contrato; naõ se detinhaõ estes traficantes na caza do rei senaõ em quanto descarregavaõ e carregavão as embarcaçoens; estes dois rios pelas minhas observaçoens deitaõ de si em marfim, ouro, ponta de abada, e dentes de cavallo marinho, mais de doze embarcaçoens annuaes.

Hoje está em nosso poder todo este commercio; está hum corpo de tropa de duzentos homens, e tinha o general idea de mandar cazaes para aquella nova colonia; o paiz he admiravel, os alimentos bons, as agoas boas, sem receio algum a tropa dos seus nacionaes; todos viviaõ contentes; em vinte mezes, que ali estivemos nos adocceu e renderaõ as vidas sette soldados, e trez marinheiros, o commandante e hum alferes, hum hydropico, e outro asthmatico.

O rio do Ouro entra pelo continente dentro, e vai encontrar-se com o rio da Manissa; he de muito commercio este rio; as suas margens muito povoadas formaõ hum banco de areia na sua entrada; esta enseada, desde o cabo de Correntes até á Unhaca pequena, saõ tres gráos, tem cento e tantas legoas de praia, pois mettem muito para o este; toda muito povoada, grande comercio de ambar, que o vaõ vender aos reis seguintes Mattola, Matumbambe, Mauote, e Graõ Caxa.

Da Unhaca pequena para o sul está huma grande ribeira; aqui tinhaõ os imperiaes huma grande feitoria a qual Dom Frederico a mandou arrazar por ordem superior, como tambem a que tinhaõ no rio do Santo Espirito nás praias chamadas da Lagoa.

Isto he o que eu observei, e vi mais clara e distintamente.

Estes povos bem poucos são fanados; alguns do rio do Santo Espirito para o norte o saõ; mais para o sul naõ ha nenhum, ou naõ tem lá chegado a seita de Mahomet; estas saõ as noticias, que tenho, e as que posso offerecer a v. ex.ª r.ma

couvrent avec un lambeau d'étoffe ou de cuir les parties que la pudeur leur commande de cacher. Ce grand Caxa et son peuple se sont trouvés en rapports suivis avec les Impériaux qui en retiraient de grands profits: tous les mois deux ou trois navires chargés de vêtements noirs et de verroterie s'y rendaient pour les échanges; ces marchands ne restaient chez le roi que le temps nécessaire au déchargement et au chargement des navires. Ces deux fleuves, d'après mes observations, peuvent fournir chaque année plus de douze bâtiments chargés d'ivoire, d'or, de cornes de rhinocéros et de dents d'hippopotame.

Tout ce commerce est aujourd'hui en notre pouvoir; nous avons un corps de troupes de deux cents hommes et le général avait l'intention d'envoyer des familles dans cette nouvelle colonie; le pays est admirable, les aliments y sont de bonne qualité, l'eau est excellente et les soldats n'ont rien à craindre des naturels; tous y vivaient contents; pendant les vingt mois que nous y demeurâmes sept soldats tombèrent malades et moururent, ainsi que trois matelots, le commandant et un sous-lieutenant, le premier hydropique et le second asthmatique.

Le fleuve de l'Or pénètre dans le continent et va se rencontrer avec le fleuve Manissa; ce fleuve est d'un grand commerce, ses rives sont très peuplées, et il a un banc de sable a son embouchure. Cette baie depuis le cap des Courants jusqu'à l'Unhaca mesure trois degrés, elle a cent et tant de lieues de plages qui s'étendent vers l'ouest, toutes sont couvertes d'habitants qui font un grand commerce d'ambre et vont le vendre aux rois Mattola, Matumbambe, Mauote et au Grand Caxa.

De l'Unhaca vers le sud on trouve une grande rivière, c'est là que les Impériaux avaient une factorerie importante que don Frédéric fit raser d'après des ordres qu'il avait reçus ainsi que celle qu'ils possédaient sur le fleuve du Saint-Esprit, sur les rives de Lagoa.

Ceci est ce que j'ai pu voir et observer distinctement.

Parmi ces peuples bien peu sont circoncis; quelques-uns, du fleuve du Saint-Esprit vers le nord le sont; mais vers le sud il n'y en a aucuns, probablement parce que la religion de Mahomet n'y est point parvenue; tels sont les renseignements que je possède et que je puis offrir à Votre Excellence révérendissime.

APPENDICE 2E

Vocabulaire de la langue Cafre de la Baie de Lourenço Marques

Abanar	Éventer	E-ko-kla-ka-kla.
Abelha	Abeille.	Tinose, Tinyotse.
Abestruz	Autruche	Impa.
Abrir	Ouvrir	E-ko-fula.
Achar	Trouver.	I-ko-i-kuma.
Acordar	Réveiller (se)	I-ko-sesemuka.
Agua	Eau	Mati.
Agua salgada	Eau salée	Nambo.
Aguçado	Pointu.	A-mukwa tsa-kariba.
Algodão	Coton.	Butsale.
Alimentar	Nourrir	I-ko-undla.
Alto	Haut	Tsa-kolcha.
Amanhã	Demain	Monduko.
Amanhã (depois de)	Après-demain	Mundhluana.
Amargo	Amer	Tsababa.
Amigo	Ami	Ana-kolore.
Annel	Bague	Tsihlawane.
Apanhar	Ramasser	I-ko-koma.
Apparecer	Apparaître	A-ko-boneka.
Aprender	Apprendre	E-ko-dionda.
Aquelles	Ceux-là	A-va-vanu-na lavai.
Arco (de flecha)	Arc	Tsitamulo.
Arroz	Riz	A-mpunga.
Arvore	Arbre	Mure.
Assoprar	Souffler	E-ko-femula.
Assucar	Sucre	Ulamhia.
Atar—V. Ligar.	Attacher	
Ave	Oiseau	A-uko.
Avô	Grand-père	Koko-ana.
Aza	Aile	Lipapa.
Azedo—V. Amargo)	Aigre	
Azeite—V. Oleo.		
Baço	Rate.	Tsevinde.
Baixo	Bas	Tsi-tongo.
Bala	Balle	Maballa.
Banana	Banane	Tsenga.
Barato	Bon marché	E-nga-na-lisima.
Barba	Barbe	Indefo, *pl.* a-tindefo.
Bastante	Assez	Psi-nyinge.
Batata	Pomme de terre	Miklata.
Beber	Boire	I-ku-nua.
Beiços	Lèvres	Anahase.
Bello	Beau	Tsitsongile.
Boa constrictor	Boa constricteur	A-nrhlaro.
Bobo	Bouffon	Mubongwe.
Bôca	Bouche	Nomo.
Boi	Bœuf	Inyarre.
Bom	Bon	Tsaombe.
Bote	Bateau	Barrika.
Braço	Bras	Maboko.
Branco	Blanc	A-nhloe, a-puto.
Brilhante (adj.)	Brillant	Tsapatima.
Cabana	Chaumière	Tiko-ene.
Cabeça	Tête	Inkloko, saco.
Cabello	Cheveu	Misise (pl.)
Cabra.	Chèvre	Embute.
Caír	Tomber	I-k-ua.
Calar-se	Taire (se)	E-ko-miela.
Calor	Chaleur	Inyuko.
Caminho	Chemin	Indhella.
Campo	Champ	A-nova.
Canoa	Canot	Intsene.
Cansar-se	Fatiguer (se)	I-ku-karrala.
Cantar	Chanter	E-ko-imbelela.
Cão pequeno	Petit chien	Imbdsana.
Cara—V. Rosto		
Carne	Chair	Inyama.
Caro	Cher	En-na-lisima.
Caroço	Noyau	Mifula.
Carregar	Charger	A-ko-rroata.
Carvão	Charbon	Makalla.
Casa	Maison	A-indhlo, *pl.* A tiindhlo.
Casar	Marier (se)	I-ko-lovola.
Casco de cavallo	Sabot (de cheval)	Inwala.
Cauda	Queue	Inkilla.
Cavallo	Cheval	Mangoa.
Cavallo zebra	Zèbre	Timangoa.
Cavar	Creuser (la terre)	Iko-dsima.
Cêdo	De bonne heure	Timindo.
Cégo	Aveugle	Lo a-koa-ngabone.
Cem	Cent	Zana, *pl.* Mazana
Cemiterio	Cimetière	Manttimui-ne.
Cêra.	Cire	Maklamfo wa-tinyotse.
Chapéu	Chapeau	Chelembia.
Chave	Clef	Fungulo.
Chegar	Arriver	E-ko-tsinekela.
Cheio	Plein	I-telle.
Cheiro (mau)	Puanteur	Ko-nunka.
Chorar	Pleurer	E-ko-dzila.
Chuva	Pluie	Infula.
Cinco	Cinq	Klano, tsano.

Cincoenta	Cinquante	Klano a-makume.
Cirurgião	Chirurgien	Lo-a-kodiana.
Clamar	Crier	E-ko-fisa rito.
Cobrir	Couvrir	E-ko-fukometa.
Colerico	Colère *(adj.)*	A-nimona.
Colher	Cueillir	Inkombe.
Colorir	Colorier	E-ko-tsala.
Com	Avec	Ná, ná-u, ná-o.
Comer	Manger	I-ku-dia.
Comprar	Acheter	Tsava.
Comprido	Long	Tsa-koleha.
Conceber — V. Entender.	Concevoir	
Construir	Construire	E-ko-i-aka.
Conservar — V. Guardar.		
Contar	Compter	E-ko-saia.
Contente	Content	Vahlangèla.
Continuar	Continuer	I-ko-iaéka.
Côr	Couleur	Mavala.
Coração	Cœur	Imbilo.
Corno	Corne	Liondo.
Corpo	Corps	Mirre.
Correr	Courir	I-ko-timela.
Cortar	Couper	E-ko-tsova.
Cozinhar	Faire la cuisine	E-ko-bzeka a-ndolsene.
Costas (dorso)	Dos	Makadhla.
Coxa da perna	Cuisse	Thombi.
Côxo	Boiteux	Lo a-ko-ku-ta.
Creança	Enfant	Intsonguana.
Crescer	Croître	I-ko-mila.
Crocodilo	Crocodile	Ingoenya.
Curar	Guérir	E-ko-dihaa.
Dansar	Danser	E-ko-kwina.
Dar	Donner	E-ko-mu-nyika.
Dedo	Doigt	Litin, *pl.* Tintio.
Dedo do pé	Doigt du pied	Tintio ta-milenge, *pl.*
Defender	Défendre	E-ko-ti-lwela.
Dentes	Dents	Tinyo, *pl.* a-matinyo.
Dentro de	Dedans	Tsi-karre ka.
Descer	Descendre	Ko-fulamela.
Desejar — V. Querer.	Désirer	
Desejo	Désir	E-ko-navela.
Desembarcar	Débarquer	E-ko-huma.
Despertar — V. Acordar.		
Despir	Déshabiller	E-ko-susa.
Destruir	Détruire	E-ko-ona.
Deus	Dieu	Tillo.
Dez	Dix	Kume, *pl.* Mahume.
Dia	Jour	Imhlekane.
Direito (lado)	Droit (côté)	Tsi-nene.
Disforme	Difforme.	Tsakobiha.
Distante	Lointain	Ku-le.
Dividido	Divisé	E-ko-tsoveka.
Dobrar	Doubler	E-ko-songa.
Doente	Malade	Tsabadsa.
Dogue—V. Cão pequeno.		
Dous	Deux	Jebire, mabire.
Doze	Douze	Kume na-iebire.
Durar—V. Continuar.	Durer.	

Duro	Dur	Tsitieleke.
Duzentos	Deux cents	Mazana mabire.
Dysenteria	Dyssenterie	A-nya-dsugate.
E (conj.)—Na	Et.	Na.
Elephante	Éléphant	Indhlôfo.
Elle	Il, lui	Jene, *pl.* Wo-ne.
Embarcar	Embarquer	E-ko-ingena.
Embigo	Nombril	Inkava.
Emprestar	Prêter	E-ko-boléka.
Encher	Remplir	E-ko-tata.
Encontrar	Rencontrer	E-ko-hlangana.
Enforcar	Pendre	I-ko-te-sunga.
Enganar	Tromper	I-ko-kanganyisa.
Entender	Comprendre	E-ku-psi-ngela.
Entranhas — V. Intestinos.	Entrailles	
Entrar	Entrer	E-ko-ingena.
Entregar	Remettre	E-ko-mo-nyika.
Errar	Se tromper	E-ko-otsa.
Escapar	Échapper	E-ko-anya.
Escolher	Choisir	I-ko-saula.
Esconder — V. Occultar.	Cacher.	
Escorpião	Scorpion	Tsikungo.
Escravo	Esclave	Nánda.
Escuridão	Obscurité	Munyama.
Espada	Épée, sabre.	Lipanga.
Espancar	Frapper	I-ku-ba.
Espanejar — V. Abanar.		
Esperar	Attendre	E-ko-rindella.
Espingarda	Fusil	Tsibalesa.
Esquecer	Oublier	E-ko-dzivala.
Esquerdo (lado)	Gauche (côté)	Tsimaute.
Este	Ce, celui-ci	A-muno-lue.
Estrada—V. Caminho.	Route	
Estrella	Étoile	Inyelete.
Eu	Je, moi	Mi-ne.
Evacuar	Évacuer	E-ku-nya.
Faca	Couteau	Mukwa.
Fazer	Faire	E-ko-runga.
Febre (ter)	Fièvre (avoir la).	Tsa-isa mirre.
Fechar	Fermer	I-ko-fala.
Feiticeiro	Sorcier	A-noi.
Felis pardus	Chat sauvage	Ingwé.
Femea	Femelle	Impsele.
Ferida	Blessure	Tsilondo.
Ferro	Fer.	Numbo.
Filha	Fille.	Wana lo-wanuanyana.
Filho	Fils	Wana.
Flecha	Flèche	Inseve.
Fogo	Feu	A-ndolo-ene.
Folha	Feuille	Kampa, *pl.* Makamba.
Fome	Faim	Indhlala.
Fonte	Source	Inklovo.
Formiga	Fourmi	Bukokote.
Forquilha	Petite fourche	Tsihlawa.
Forte	Fort	Mire e-inkulo.
Frio	Froid	Tsirrame.
Fugir	S'enfuir	I-ko-haha.
Fumo	Fumée	Muse.
Gallinha	Poule	Impsele a-uko.
Gallo	Coq	Kuko a-uko.
Ganhar	Gagner	E-ko-mo kuma.
Gato.	Chat	Tsipakana.

Gente	Gens	A-vano, a-va-va-nuna lava (estes homens).
Gordo	Gras	Tsikolukike.
Grande	Grand	Ulo.
Gritar—V. Clamar.	Crier.	
Guardar	Garder	E-ko-beka.
Guerra	Guerre	A-fumo.
Habitação—V. Casa.		
Habitar	Habiter	I-ko-i-aka.
Hippopotamo	Hippopotame	Infuvo.
Hoje	Aujourd'hui	Na-masa.
Homem	Homme	A-tsuna.
Hontem	Hier	A-tolo.
Hontem (antes de)	Avant-hier	A-to-lo-ene.
Hyena (crocuta)	Hyène (crocuta)	Mise.
Insultar	Insulter	E-ku-lwá.
Inteiro	Entier	Botule.
Intestinos	Intestins	Marumbu.
Intrigar	Intriguer	E-mankuo.
Ir	Aller	E-ko-famba.
Joelho	Genou	Tsolo.
Juba	Crinière	Tintsie.
Ladrão	Voleur	Kamba.
Lago	Lac	Tiva.
Lagrima	Larme	Minyambete.
Lamber	Lécher	E-ko-nampsa.
Lança	Lance	Hlare.
Lançar	Jeter	E-ko-behe-la.
Largo	Large	Tsa-koleha.
Leão	Lion	Indâo.
Leite	Lait	Intwamba.
Levantar	Lever	E-ko-tsakula.
Leve	Léger.	Tsakonabdsala.
Ligar	Attacher	E-ko-patsa.
Limpar	Nettoyer	I-ko-kusa.
Lingua	Langue	Redime.
Linho.	Lin	Tingote.
Longe	Loin.	Ku-le.
Lua	Lune	Uete.
Lua cheia	Pleine lune	Uete lé-ulo.
Lua nova.	Nouvelle lune.	Uete, loke-vasongula.
Luz	Lumière	Fumallo.
Macaco	Singe	Habo.
Machadinha	Petite hâche	Tsikomo.
Machado	Hache	Kaula.
Maduro	Mûr	Tsi-nfike.
Mandar	Ordonner	E-ko-rumetela.
Mãe	Mère	Mama-ne.
Manhã	Matin.	Mindo.
Máo	Mauvais	Tsi-fane.
Mão	Main	Boko.
Marido.	Mari.	A-nuna.
Matar.	Tuer	E-ko-dlaia.
Medico—V. Cirurgião.	Médecin.	
Medida	Mesure	E-ko-pima.
Medir.	Mesurer.	E-ko-pima.
Meio dia	Midi.	Tsikarre ka-diambo.
Mel	Miel	Melombe.
Melancolico	Mélancolique	Tsaklunama.
Mentira	Mensonge	Madzime.
Meu	Mon	Tsa-nga.
Mez (um)	Mois (un)	A-uete i-nyua.
Mil	Mille	Mazana mabire na-tsinyua.
Milho	Maïs	Mapila.
Misturar	Mélanger	E-ku-patsa.
Môcho	Hibou	Makelle.
Moço—V. Rapaz	Garçon	
Molestar	Maltraiter	E-ko-babisa.
Môlho	Sauce	Makelle.
Molle	Mou	Tsinabdsala.
Morder	Mordre	E-ko-luma.
Morrer	Mourir	I-ku-fa.
Mosca	Mouche	Nongana.
Mosquito	Moustique	Tinpsuna.
Mudo	Muet	Lo ako a-ngavola-vule.
Muito	Beaucoup	Le-i-nyinge.
Muitos	Nombreux	La-va-nyinge.
Mulher	Femme	Empsele.
Mulher casada	Femme mariée	Wá-usate, *pl.* a va-vasate.
Nariz	Nez	A-nonfo.
Nascer do sol	Le lever du soleil	A-diambo va-uma.
Negar	Nier	I-ko-ialisa.
Ninguem	Personne	A-hi-munu.
Noite	Nuit	Besiko.
Nome	Nom	Bito, *pl.* A-mabito.
Nosso	Notre	Ia-nine.
Nove	Neuf	Tsano na-mune.
Novo	Nouveau	Mampsa.
Nu	Nu	A-nga-ambala-ngaentsumo.
Obedecer	Obéir	E-ko-fumella.
Occultar	Cacher	E-ko-tumbetela.
Oito	Huit	Tsano na-tinaro.
Oleo	Huile	Ma-furra.
Onze	Onze	Kume na-tsinyna.
Osso	Os	Rambo.
Ostra	Huître	Máwa.
Outro	Autre	Muanyana.
Ouvir	Entendre	E-ko-ingella.
Ovos	Oeufs	Tanda, *pl.* matanda.
Pae	Père	Tata-no.
Paiz—V. Região.	Pays	
Pagar	Payer	E-ko-akela.
Parecer	Paraître	A-ko-boneka.
Parente	Parent	Makuao.
Partir	Partir	I-ko-suka.
Passar	Passer	E-ko-kaluta.
Passaro	Oiseau	Ti nyanyana.
Pateo	Cour	Liklakle.
Pé	Pied	Dsondo, nege.
Pedir	Demander	E-ko-kambela.
Pedra	Pierre	Ribdsa.
Peito	Poitrine	Tsifuva.
Peito (de mulher).	Sein	Mabellia. Tinhlamfe.
Peixe	Poisson	
Pelle	Peau	Inthe-e.
Pello	Poil	Misise (*pl.*)
Pequeno	Petit	Tsi-tongo.
Pequeno (muito)	Très petit	Tsi-tongo - anya - na.

Perguntar (nós perguntamos-lhe).	Demander	Tu-mo-botisa.
Perdoar	Pardonner	E-ko-t'irrula.
Perna	Jambe	Milenge.
Perto	Près	Ko-kue.
Pesado	Lourd	Tsabinda.
Pescar	Pêcher	E-ko-otsa.
Pescoço	Cou	Enkollo.
Peso.	Poids	E-ko-pima.
Pessoa	Personne	A-muno.
Pimenta	Poivre	Pirepere.
Piolho	Pou	Tinwala.
Plantar	Planter	E-ko-simeka.
Pobre	Pauvre	Nanda.
Podre	Pourri	Tsibolike.
Polvora	Poudre	Buklungo.
Pombo	Pigeon	Tuva.
Pôr	Mettre	E-ko-ekleka.
Pôr do sol	Coucher du soleil	A-diambo va-péla.
Porco	Sale	Ingoluve.
Porta	Porte	Tsifalo.
Pote	Pot de terre	Tsambeto.
Povoação	Peuplade	Muti, *pl.* A-mitine.
Preguiçoso	Paresseux	Tsaoloha.
Preto	Noir	A-ntima.
Prostituta	Fille publique	Matsungua.
Pulga	Puce	Inpeka.
Pulmão	Poumon	Mahasa, *pl.*
Pulsação	Pulsation	Insia.
Qual—V. Que	Quel	
Quarenta	Quarante	Mune a-makume.
Quatorze	Quatorze	Kume na-mune.
Quatro	Quatre	Mune.
Que (pron. relat.)	Qui	Lo.
Quebrar	Casser	E-ko-pandeka.
Quem	Qui	E-mane?
Quente	Chaud	Tsaisa.
Querer	Vouloir	E-ko-navela.
Quieto	Tranquille	Tsirrulige.
Quinze	Quinze	Kume natsano.
Rã	Grenouille	Mihlamdsa.
Raiz	Racine	Insinya.
Rapariga	Jeune fille	Wanuanyana.
Rapaz	Garçon	Wa-ndisanyana.
Receiar	Craindre	I-ko-tsava.
Rede	Filet	Enkukuto.
Região	Région	Rago, *pl.* Ma-rango.
Rei	Roi	A-hose.
Remedio	Remède	A-murre.
Remo	Aviron	Ombe, *pl.* maombe.
Resgatar—V. Perdoar.		
Responder	Répondre	E-ko-fumela.
Rhinoceronte	Rhinocéros	Melembe.
Ribeira	Ruisseau	A-nambdsana.
Rico	Riche	Tsifumige.
Rio	Fleuve, rivière	Nambo.
Rir	Rire	E-ko-kleka.
Romper — V. Quebrar.	Rompre	
Rosto	Figure	A-maklo-ene.
Sal	Sel	Munyo.
Saliva	Salive	A-marre.
Saír	Sortir	E-ko-huma.
Sangrar	Saigner	E-ko-hlema.
Sangue	Sang	Ingate.
Secco	Sec	Tsi-homike.
Sede	Soif	Torra.
Seguir	Suivre	I-ko-landa.
Seis	Six	Tsano na-tsynyua.
Selvagem	Sauvage	A-ne borrena.
Semear	Semer	E-ko-bdsala.
Senhor de terras	Seigneur de terres.	A-hose-ak.
Sentir	Sentir	E-ko-ingella.
Serpente	Serpent	Inyoka.
Sete	Sept	Tsano na-iebire.
Sessenta	Soixante	Klano a-makume nakume tsinyua.
Setenta	Soixante-dix	Klano a-makume na makume mabire.
Seu	Son, leur	Ia-iene, *pl.* ia-wone.
Sim	Oui	Ipso-ne.
Só	Seul	Onga.
Sobrancelha	Sourcil	A-mesiè.
Sol	Soleil	Diambo.
Sol posto — V. Pôr do sol.	Coucher du soleil	
Sonhar	Rêver	E-ko-lorra.
Sôro de leite	Petit-lait	Imhise.
Subir	Monter	I-ko-kandiá.
Sujo	Sale	A-ni-tsambdsa.
Suor	Sueur	As-nyuko a mirre.
Surdo	Sourd	Lo a-ko a-ngaingele.
Tabaco	Tabac	Folle.
Tal	Tel	A-ina.
Tartaruga	Tortue	A-ase.
Temer — V. Receiar.	Craindre	
Tempestade	Tempête	Lokó a-tilo-vabaleka.
Terra	Terre	Misava.
Teu	Ton	Ia-ko, *pl.* ta-ko.
Tio	Oncle	Rara-na.
Tosse	Toux	Koklela.
Tossir	Tousser	E-ko-klela.
Trabalhador	Journalier	Ane-emtano.
Trazer	Apporter	E-ko-bnia na-u.
Tres	Trois	Tinato. mararro.
Treze	Treize	Kune na-tinaro.
Trigo da India	Blé de l'Inde	Tsitama.
Trinta	Trente	Makume mararro.
Tromba de elephante.	Trompe d'éléphant.	Boko a-indhlofo.
Trovão	Tonnerre	A-ti-llo-va-baleka.
Tu	Toi	Wé-ne.
Um	Un	Tsinyua, inyua.
Unha	Ongle	Inwala.
Vacca	Vache	Omo, *pl.* A-teomo.
Vasio	Vide	A-nga-na-utsumo.
Veia	Veine	Insia.
Vento	Vent	A-míu.
Ventre	Ventre	Kurre.
Verde claro	Vert clair	Li-bise.
Verde escuro	Vert foncé	Boma.

Vermelho	Rouge	Wa-libungo.
Vestir	Habiller	E-ko-hambala.
Vinte	Vingt.	Makume mabire.
Viver	Vivre.	I-ku-anya.
Voar—V. Fugir.		
Vontade — V. Desejo.	Volonté.	
Vosso.	Votre	Ia-wine.
Voz	Voix.	A-rito.
Zebra—V. Cavallo zebra		

Algumas phrases	Quelques phrases	
Anda! vae!	Allons! marche!	Famba.
Cale-se	Taisez-vous	E-ko-miela.[1]
D'aqui a quatro dias.	Dans quatre jours	Uu tawe.
D'aqui a tres dias	Dans trois jours	Ue leio.
Ha tres dias	Il y a trois jours	A-tolo-ene wa la-a-hia ni lo a la-h-aia.
Não tens mais?	Est-ce que tu n'en as plus?	A-nga-rande psimbe.
O que é isso?	Qu'est-ce que c'est que ça?	Impsi-ne ke le-pso.
Quem?	Qui?	E-mane.
Traga-o cá	Apportez-le ici	Huia ná-o.
Vem cá	Viens ici	Talena, buya ta-leno.

Numeros

1 Tsinyua, inyua.	11 Kumena-tsinyua.	60 Klano a-makume na-ku-me tsinyua.
2 Iebire, mabire.	12 Kume na-iebire.	70 Klano a-maku-me-na-ma-ku-me mabire.
3 Tinaro, mararro.	13 Kume na-tinaro.	100 Zana, *pl.* mazana.
4 Mune.	14 Kume na-mune.	101 Zana na-tsinuya.
5 Klano, tsano.	15 Kume na-tsano.	200 Mazana mabire.
6 Tsano na-tsinyua	20 Makume mabire.	201 Mazana mabire na-tsinyua
7 Tsano na-iebire.	30 Makume mararro.	1:000 Kune a mazana.
8 Tsano-na-tinaro.	40 Mune-a-makume.	
9 Tsano na-mune.	50 Klano a-makume.	
10 Kume, *pl.* Makume.		

[1] On doit comparer cet essai de vocabulaire de la baie de Lourenço Marques, outre les ouvrages déjà indiqués, avec les travaux suivants: Lewis Grout, *A grammar of the Zulu language*, Natal. 1859; Colenso, *Zulu-English dictionnary*, Pietermaritzburg, 1861; e *Zulu-vocabulary and phrase book*, Durban, 1865.

APPENDICE 3ᴱ

Spécimen de la littérature des Zoulous

I

Esquisse historique de Chaka et de Dingana [1]

Uyise ka 'Tsaka Usenzangakona; uyise ka 'Senzangakona Udzama; uyise ka 'Dzama Umbuzi; uyise wake a ng' azi. Utšaka wa be e kwelinye ilizwe; wa be konzile yedwa ndže enkosini ya ku 'Mtetwa, Udingiswayo. Kwa ti ukuba a kule a be indoda, we za ekufeni ku ka 'yise, ukuba 'abelwe endaweni ka 'yise, a be inkosi. Wa 'lala wa ba ngumbusi welizwe; nezizwe; zonke wa z' a 'lula ngamaban 'l'a ake. Wa tuma impi yake ukuba i bulale abantu namakosi onke a m zondayo ngobukosi bake; ngokuba wa ba namabuto a naman 'l'a; naye wa tabata isi 'langu sake wa hamba nayo impi yake.

* * * * *

Wa hamba ilizwe lonke nganeno kwoTugela; wa hamba wa fika Emampondweni, ezizweni ezinye ezi nga pešeya kwoMzimkulu, na nga peseya kwoMzimvubu; wa hamba wa fika nganeno kwesizwe sAmanosa; wa buya, ngokuba be z' a 'lulile. Ba buya ba buyela ekaya naye Etšaka. Kodwa izulu la bulala inkosikazi, uninakazi ka 'Tšaka; la duma la yi bulala leyo inkosikazi. Ba buya ba ye 'kaya emuzini ka 'Tšaka, lapa emfuleni o bizwa uku ti Umvoti, lapo imizi ka 'Tšaka i be kona, na nga peseya, na nganeno.

Nga semva wa pimisa impi yake, i hambela elizweni eli katšana. Kwa ti impi i be i sa hambele, nga semva kwa ti umne wake, nomunye umne wake ba 'langana nenieku ka 'Tšaka enkulu; ba šumayela, be ti, si ya funa ukuba si bulale Utšaka; ngokuba si ya tanda hati ukuba omunye a be inkosi, a 'lale endaweni yake Utšaka. Nga semva ba funa umkonto, ba m gwaza; ngokuba amabuto ake a be e ng'e ko, a be 'lasele ezizweni ezinye.

Kwa ti nga semva ukuba b' enze ndžalo,

[1] Extrahido da chrestomatia que segue o importante trabalho do americano Lewis Grout, *A grammar of the Zulu language*, Natal, 1859, pag. 377 seg.

Le père de Chaca était Senzangakona; le père do Senzangakona était Jama; le père de Jama était Umbuzi; mais je n'ai pas connu le père de Jama. Chaka s'en alla dans un autre pays, gouverné par Dingiswayo, le roi des Tetwas. Quand il fut devenu un homme, il retourna, après la mort de son père, pour être couronné roi à la place de son frère. Il devint maître du pays; et par sa puissance subjuga toutes les tribus. Il envoya une armée pour détruire les peuples et les rois qui le haïssaient à cause de sa gloire; il avait une grande armée; il prit aussi un bouclier, et se mit lui-même à la tête de ses soldats.

* * * * *

Il parcourut tous les pays de ce coté du Tougela; il arriva jusqu'à Amampondo, autres tribus au-delà du Umzimkoulou, et au-delà du Umzimvoubou; il vint de ce côté vers la tribu des Amakosas, et se retira après les avoir conquis. Ils retournèrent tous chez eux et Chaka aussi avec eux. La reine, la mère renommée de Chaka, mourut foudroyée. Ils retournèrent chez eux jusqu' au *Kraal* ou demeure le Chaka, qui est sur la rivière appelée *Umvoti;* il en avait une autre au-delà de cette rivière.

Il entreprit la conquête d'un pays lointain; et tandis que son armée était encore employée à cette expédition, deux de ses frères formèrent avec un des premiers serviteurs de *Chaka*, un complot contre sa vie; ils se dirent, nous voulons la mort de *Chaka* car nous tenons à ce qu'un autre puisse devenir roi et le remplacer; profitant de l'absence des soldats qui étaient en expédition contre d'autres tribus, et qui ne pouvaient pas le défendre, ils le tuèrent d'un coup de lance.

Il arriva après ce qu'ils firent que *Dingana*,

[1] Extrait de la chrestomatie à la suite de l'important travail de l'Américain Lewis Grout, *A grammar of the Zulu language*, Natal 1859, p. 377 et suiv.

Udingane wa tanda ukuba yena a be inkosi; wa bulala omunye umne wake o bizwa igama lake li ti Um'langana ndžalo. Nga semva unina wa kala kakulu, ngokuba wa be dabukile ngako; naye wa tanda ukuba a fe nokufa; ngokuba wa be e dabukile, ngokuba umtwana wake wa bulawa ndže e ng' onanga 'luto. Nga semva a fika amabuto, a ku zwa e sen'l'eleni loku; amanye 'enanela, a tokoza, ngokuba wa be bulala kakulu; abanye ba dabuka; abanye ba tokoza kakulu.

Kodwa Udingane wa !ala uku bulala noku'lupa. Wa !ala wa bulala abanye bonke abakuluwa bake. Kodwa induna yake umbusi o bizwa igama lake Un'l'ela, wa it, a ku se ko noyedwa ku 'bakuluwa bako; a ku se naye umne wako, se u wedwa ndže en'l'wini ka 'yi'lo. Kodwa mina ngi ti kuwe, «u m yeke umne wako o bizwa igama lake uku ti Umpande; ngokuba a ku se naye umne wako. Kubi kakulu ngokuba u bulele inzani ka 'yi'lo yonke». Ngako Udingane wa m yekela Umpande.

* * * * *

Kodwa Umpande wa baleka. Udingane wa tuma izinkomo eziningi uku ko'lisa Umpande. Kodwa Umpande wa m 'lakanipela; w' azi ukuba lezi 'zinkomo zi ya funa uku ko'lisa mina; nga lezi 'zinkomo 'nam'la ngi ngukufa. Wa ti izinmeku zenkosi zi ka 'Dingane e be zi zisile, za ti se zi mukile, wa lebo lieba ukuba a muke. Wa tšo wa tuma izinmeku zake, wa ti, «hambani, ni bikele isizwe sonke ukuba nga ye muka nam'la; ngi za ku wela nga pešeya kwoTugela; ngi ya ku 'belungu, ngi ya ku biza abelungu». Umuntu wa puna o ya 'ku landela Udingane: «in'lamvu i ya ku ngena nga sekanda nga semva kwekanda lake, i zi pume ebusweni bake; u ya ku wa». Ngokuba Udingane amabuto ake wa be w' a'lukanisele; wa tuma amabuto ake elizweni elinye, ukuba a tabate izinkomo zAmaswazi; wa landela amabuto ake, ngokuba we zwa ukuba Umpande wa funa ukuba a m bulale. Ngako wa landela amabuto ake, wa wa 'langabeza e se pendukile lapo a be e kona.

* * * * *

Kwa ti kwe zwakala ku tiwa, amabuto, noMpande, n' Amabunu ba ye za; ngako kwa fika ukwesaba okukulu ku 'Dingane. Kodwa amabuto a ti, ma si wa 'langabeze amabuto a ka 'Mpande. Kodwa Udingane wa ti, impondombili, n' Amabunu namabuto a ka 'Mpande, ni ya kwenza ndžani na? Ma si dede ku le 'ndao, si hambe elizweni elinye. Kwa ti Udingane wa puma kwoku'lwa, wa hamba ebusuku, namabuto ake, nezinkomo, nabantu bonke. Wa

voulant être roi, tua son autre frère nommé *Umhlangana*. La mère en pleura amèrement à cause de son chagrin, elle voulait mourir aussi et était triste car son fils était innocent, n'ayant fait aucun mal. Les soldats arrivèrent après, ayant eu connaissance en route de ce qui s'était passé; quelques-uns en étaient contents, parce qu'il *(Chaka)* avait été un grand destructeur; d'autres le regrettaient, d'autres enfin s'en réjouissaient beaucoup. Mais *Dingana* commença à tuer et à persécuter; il commença par tuer ses frères ainés. Alors le capitaine du roi, nommé *Unhela*, lui dit: «Il ne reste pas un seul de tes frères ainés vivant; tu n'a plus de frères, tu restes seul de la maison de ton père. Mais je te rappelle que tu dois permettre que ton frère *Umpanda* vive; car tu n'en as pas d'autre. Tu aurais tort, en vérité, d'en finir avec le dernier qui reste de ton père». A cause de cela *Dingana* permit à *Umpanda* de vivre.

* * * * *

Mais *Umpanda* s'enfuit. *Dingana* lui envoya beaucoup de bétail pour l'attirer; mais *Umpanda* se méfia; il comprit que ce bétail était envoyé pour l'attirer; à cause de ce bétail je suis aujourd'hui voué à la mort. Et lorsque les serviteurs du roi *Dingana*, qui le conduisaient, partirent, il forma le projet de s'enfuir. L'ayant résolu, il envoya ses serviteurs en leur disant: «Allez dire à tout le peuple que je suis parti aujourd'hui; et que je m'en vais traverser le *Tougela* et trouver les blancs qui sont de l'autre côté, et leur demander secours». Quelqu'un vint et dit à *Dingana:* «Une balle lui entrera par derrière la tête, et sortira par devant; il tombera». *Dingana* avait divisé ses forces; il en envoya une partie dans un autre pays, pour prendre des troupeaux chez les *Amasouasi*, et il suivit ses soldats parce qu'il comprit que *Umpanda* le cherchait pour le tuer. Il suivit donc ses soldats, et les rencontra quand ils revenaient d'où ils avaient été.

* * * * *

Et il arriva la nouvelle que des soldats venaient avec *Umpanda*, et avec des Hollandais (Boers); ce dont *Dingana* fut très effrayé. Mais ses soldats lui dirent d'aller à la rencontre des forces de *Umpanda;* et *Dingana* dit: «Contre deux cornes, les Hollandais et les forces de *Umpanda;* que pouvons-nous faire? abandonnons ces lieux et allons dans un autre pays». Et *Dingana* partit le soir et voyagea toute la nuit avec ses soldats, ses troupeaux et son peuple. Et il

ti wa lala pezu kweMfolosi Emnyama. Kwa ti kusasa kwa vukwa Udingane namabuto ake; wa hamba ngaman'l'a; a landela amabuto a ka 'Mpande. Kwa ti wa hamba ngaman'l'a Udingane; wa fika Emagudu; wa wela Umkuze; wa hamba, wa fika Embongobongweni, emuzini wenduna enkulu ya sEmbelebeleni. Wa lala usuku la ba lunye, wa 'l'ula; ngokuba kwe zwakala uku ti, amabuto a ka 'Mpande a se kufupi. Wa hamba wa ya wa fika pezu kwoPongolo, umfula omkulu.

* * * * *

Kwa ti kwa fika isigidžimi ku 'Dingane, ku tiwa, Dela nam'la; amabuto a notšiwe nam'la ngAmabunu. Ngako Udingane wa tabata izi'lalo zake, wa zi nika kwizinieku, wa suka wa hamba, e baleka; wa ya elizweni lAmanyao; wa 'lala kona inyanga ya ba 'nye. Kwa ti ngenyanga yesibili a fika amabuto a ka 'Maswazi ebusuku a 'langanisa lo 'muzi a be e kona; ngokuba wa be nge se nawo amabuto amaningi, a be inozana. 'Ngako wa puma wa ngena e'latini; ba m'laba ngomkonto etangeni. Wa ngena e'latini, wa 'lala; se li pumile ilanga lapo le 'nsuku, wa fa ngayo. Kwa ba kupela kwake. Kwa ti abanye bonke ba buya uku buyela ku 'Mpande, nazo izinkomo zomkuluwa wake. Wa 'l'a ifa lomfo wabo; ngokuba ku be ku nga se ko omunye umfo wabo, ngokuba se yedwa Umpande.

coucha dans le *Folosi Noir*. Et le matin, *Dingana* se leva et partit avec ses soldats et voyagea péniblement; et les soldats de *Umpanda* le suivaient. Et *Dingana* en hâtant sa marche atteignit le *Magoudou*, croisa le *Umkouse*, et continua jusqu'à ce qu'il arriva à *Imbongobongo*, demeure du grand capitaine de Belebele. Il y resta un jour, et continua sa route, car il reçut la nouvelle que les troupes de *Umpanda* étaient tout près. Il voyagea et atteignit la grande rivière *Pongolo*.

* * * * *

Et un messager arriva à *Dingana*, lui disant: «L'armée est battue par les Hollandais». *Dingana* prit alors ses bagages, les donna à ses serviteurs, se leva et s'enfuit; il arriva au district de *Amanyao*, et y resta un mois; et le mois suivant des soldats des *Amasouasi* y arrivèrent dans la nuit, et assiegèrent le *kraal* (ou demeure) où il était, car il n'avait que peu de soldats. Il abandonna la place et s'en alla dans un bois; mais ils le blessèrent à la jambe; il entra dans le bois et y resta; et lorsque le soleil se leva le lendemain, il mourut. Telle fut sa fin. Tout le peuple revint à *Umpanda*, avec les troupeaux de son frère ainé. Il succéda dans les États de son frère, car de tous les frères il ne restait vivant que *Umpanda*.

Ce spécimen de la littérature cafre á été traduit presque mot à mot dans le but de lui conserver son cachet d'originalité.

II

Liste des rois Zoulous [1]

1 Upunga.
2 Umakeba.
3 Jama.
4 Usenzangakona.
5 Chaka.
6 Dingana.
7 Panda ou Umpanda.
8 Techuayo.

[1] Lewis Grout, *A Grammar of the Zulu language*, introduction, pag. xvii

TABLE DES MATIÈRES DU MÉMOIRE

INDICE DA MEMORIA

Paginas

Introducção 5.ª

PARTE PRIMEIRA

Capitulo I — Descripção da bahia de Lourenço Marques e sua importancia I

Capitulo II — Descobrimento e exploração da bahia VI

Capitulo III — Denominação da bahia VII

Capitulo IV — Explorações maritimas e terrestres do cabo da Boa Esperança até á bahia de Lourenço Marques XII

Secção I — Explorações maritimas XIII

Secção II — Explorações pela Cafraria do cabo á bahia de Lourenço Marques XIV

Capitulo V — Descripção do estabelecimento portuguez de Lourenço Marques e territorios sujeitos .. XVIII

Secção I — Do districto de Lourenço Marques, sua extensão e limites XVIII

Secção II — Da praça, capital do districto XIX

Secção III — Clima e temperatura XX

Secção IV — População XX

Secção V — Povos sujeitos á nossa soberania XXI

Secção VI — Agricultura XXI

Secção VII — Commercio XXII

Secção VIII — Moedas, pesos e medidas XXIV

Secção IX — Communicações XXIV

Secção X — Governo e administração geral XXV

Secção XI — Administração de fazenda XXV

Secção XII — Administração militar e de marinha XXVI

Secção XIII — Administração ecclesiastica e instrucção XXVI

Secção XIV — Colonia de S. Luiz XXVII

Secção XV — Communicações com a republica do Transvaal XXVII

Capitulo VI — Desenvolvimento material e moral do districto XXIX

Capitulo VII — Noticia das tribus cafres do N. e S. da bahia de Lourenço Marques XXXI

Secção I — Tribus do N. e NE. da bahia XXXI

Secção II — Tribus do S. e SE XXXII

PARTE SEGUNDA

Capitulo I — Historia do estabelecimento da soberania portugueza na bahia de Lourenço Marques .. XXXIV

Secção I — 1.ª Epocha (1544-1600) XXXIV

Secção II — 2.ª Epocha (1600-1744) XXXV

Secção III — 3.ª Epocha (1744-1872) XXXVIII

TABLE DES MATIÈRES DU MÉMOIRE

Pages

Introduction ..... 5.

PREMIÈRE PARTIE

Chapitre I — Description de la baie de Lourenço Marques et son importance I

Chapitre II — Découverte et exploration de la baie VI

Chapitre III — Dénomination de la baie VII

Chapitre IV — Explorations maritimes et terrestres depuis le cap de Bonne-Espérance jusqu'à la baie de Lourenço Marques XII

Section I — Explorations maritimes XIII

Section II — Explorations en Cafrerie depuis le Cap jusqu'à la baie de Lourenço Marques. XIV

Chapitre V — Description de l'établissement de Lourenço Marques et des territoires qui lui sont soumis XVIII

Section I — Du district de Lourenço Marques, de son étendue et de ses limites XVIII

Section II — De la ville, chef-lieu du district XIX

Section III — Climat et température XX

Section IV — Population XX

Section V — Peuples soumis à notre domination XXI

Section VI — Agriculture XXI

Section VII — Commerce XXII

Section VIII — Monnaies, poids et mesures XXIV

Section IX — Communications XXIV

Section X — Gouvernement et administration générale XXV

Section XI — Administration des finances XXV

Section XII — Administration militaire et administration de la marine XXVI

Section XIII — Administration ecclésiastique et instruction XXVI

Section XIV — De la colonie de Saint-Louis XXVII

Section XV — Communications avec la république du Transvaal XXVII

Chapitre VI — Développement matériel et moral du district XXIX

Chapitre VII — Notice sur les tribus cafres au N. et au S. de la baie de Lourenço Marques XXXI

Section I — Tribus du N. et du NE. de la baie XXXI

Section II — Tribus du S. et du SO XXXII

DEUXIÈME PARTIE

Chapitre I — Histoire d'établissement de la souveraineté portugaise dans la baie de Lourenço Marques XXXIV

Section I — 1e Époque (1544–1600) XXXIV

Section II — 2e Époque (1600–1744) XXXV

Section III — 3e Époque (1744–1782) XXXVIII

Paginas

Capitulo II — Systema portuguez de exercer a soberania XLI

Capitulo III — Manifestações da nossa soberania XLIII

Capitulo IV — Relações dos portuguezes com os regulos do S. e SO. (Tembe e Maputo) XLVII

PARTE TERCEIRA

Capitulo I — Natureza da questão entre Portugal e a Inglaterra em relação á bahia de Lourenço Marques XLIX

Capitulo II — Origem e differentes phases da questão entre Portugal e a Inglaterra L

Secção I — 1.ª Epocha (1823–1860) L

Secção II — 2.ª Epocha (1861–1869) LVII

Secção III — 3.ª Epocha (1869–1871) LIX

PARTE QUARTA

Titulos em que se funda o direito de Portugal á parte contestada na bahia de Lourenço Marques LXII

Capitulo I — Prioridade do descobrimento e exploração da bahia pelos portuguezes no seculo XVI ... LXII

Capitulo II — Occupação e posse durante tres seculos LXV

Capitulo III — A bahia forma o accesso do territorio não contestado LXX

Capitulo IV — Doação do imperador de Monomotapa LXXII

Capitulo V — Doação do regulo Capella do Tembe LXXIV

Capitulo VI — Reconhecimento da nossa soberania pelos regulos do Tembe e Maputo LXXIV

Capitulo VII — Reconhecimento do direito de Portugal pelas nações da Europa LXXVII

Secção I — Documentos geographicos LXXVII

Secção II — Escriptores francezes LXXVIII

Escriptores allemães e suissos LXXIX

Escriptores italianos LXXX

Escriptores inglezes LXXX

Secção III — Governos LXXXII

Capitulo VIII — Reconhecimento do governo inglez LXXXIII

PARTE QUINTA

Refutação das pretensões da Inglaterra LXXXIX

Capitulo I — Exame do primeiro fundamento da Inglaterra (convenções com os regulos em 1823) ... LXXXIX

Secção I — Os tratados são ficticios XC

Secção II — As cessões são nullas na fórma XCIII

Secção III — As cessões são nullas no fundo XCIV

Sécção IV — As convenções não poderiam produzir effeito algum XCVIII

Capitulo II — Refutação do segundo fundamento da Inglaterra (repressão do trafico) C

Capitulo III — O direito de Inglaterra (se o tivesse) teria caducado CI

Capitulo IV — Apreciação do procedimento do governo inglez, ou antes das suas auctoridades, na questão pendente CII

Capitulo V — Nenhuma confiança dos inglezes no seu pretendido direito CIII

PARTE SEXTA

Conclusões finaes CIV

Pages

Chapitre II — Système de domination suivi par les Portugais XLI

Chapitre III — Manifestations de notre souveraineté XLIII

Chapitre IV — Rapports des Portugais avec les régules du S. et du SO. (Tempe et Mapouto) XLVII

TROISIÈME PARTIE

Chapitre I — Nature du différend qui existe entre le Portugal et l'Angleterre au sujet de la baie de Lourenço Marques XLIX

Chapitre II — Origine et différentes phases du différend soulevé entre Portugal et l'Angleterre L

Section I — 1e Époque (1823-1860) L

Section II — 2e Époque (1861-1869) LVII

Section III — 3e Époque (1869-1871) LIX

QUATRIÈME PARTIE

Titres sur lesquels s'appuient les droits du Portugal à la partie contestée de la baie de Lourenço Marques LXII

Chapitre I — Priorité de la découverte et de l'exploration de la baie par les Portugais au XVIe siècle LXII

Chapitre II — Occupation et possession pendant trois siècles LXV

Chapitre III — La baie forme l'accès du territoire non contesté LXX

Chapitre IV — Donation faite par l'empereur du Monomotapa LXXII

Chapitre V — Donation faite par le régule Capella, du Tembe LXXIV

Chapitre VI — Reconnaissance de notre souveraineté par les regules du Tembe et du Mapouto LXXIV

Chapitre VII — Reconnaissance des droits du Portugal par les nations de l'Europe LXXVII

Section I — Documents géographiques LXXVII

Section II — Écrivains français LXXVIII

Écrivains allemands et suisses LXXIX

Écrivains italiens LXXX

Écrivains anglais LXXX

Setion III — Gouvernements LXXXII

Chapitre VIII — Reconnaissance de nos droits par le gouvernement anglais LXXXIII

CINQUIÈME PARTIE

Réfutation des prétentions de l'Angleterre LXXXIX

Chapitre I — Examen du premier argument présenté par l'Angleterre (Conventions faites avec les régules en 1823) LXXXIX

Section I — Les traités sont fictices XC

Section II — Les cessions sont nulles dans la forme XCIII

Section III — Les cessions sont nulles dans le fond XCIV

Section IV — Les conventions ne pourraient produire aucun effet XCVIII

Chapitre II — Réfutation du deuxième argument présenté par l'Angleterre C

Chapitre III — Le droit de l'Angleterre (si elle eût eu ce droit) serait périmé CI

Chapitre IV — Appréciation des procédés du gouvernement anglais ou plutôt de ses autorités dans la question en litige CII

Chapitre V — Les Anglais n'ont aucune confiance en leur prétendu droit CIII

SIXIÈME PARTIE

Conclusions finales CIV

Paginas

APPENDICE 1.º

Descripções portuguezas da bahia de Lourenço Marques (seculos XVI, XVII e XVIII) CXI
I — Alvaro Fernandes, 1552 CXI
II — Manuel de Mesquita Perestrello, 1554 CXII
III — Manuel de Mesquita Perestrello, 1575 CXIII
IV — João Baptista Lavanha, 1597 CXIV
V — Diogo do Couto, 1611 CXV
VI — Descripção anonyma do ultimo quartel do seculo XVIII CXVII

APPENDICE 2.º

Vocabulario da lingua cafre da bahia de Lourenço Marques CXXI

APPENDICE 3.º

I — Esboço historico de Chaka e de Dingana CXXVII
II — Lista dos reis Zulus CXXIX

Pages

APPENDICE 1er

Descriptions portugaises de la baie de Lourenço Marques..... CXI
I — Alvaro Fernandes, 1552..... CXI
II — Manuel de Mesquita Perestrello, 1554..... CXII
III — Manuel de Mesquita Perestrello, 1575..... CXIII
IV — João Baptista Lavanha, 1597..... CXIV
V — Diogo de Couto — 1611..... CXV
VI — Description anonyme du dernier quart du XVIIIe siècle..... CXVII

APPENDICE 2ème

Vocabulaire de la langue cafre de la baie de Lourenço Marques..... CXII

APPENDICE 3ème

I — Esquisse historique de Chaka et de Dingana..... CXXVII
II — Liste des rois Zoulous..... CXXIX

DOCUMENTS

N.° 1

Pigafeta, *Vera descriptio regni Africani.* Francfort, 1598, pag. 53:

A Laurentio Marques, primo ejus ex Lusitanis *inventore* nomen sortitus est.

N.° 2

Joan. Pet. Maffei, *Historiarum Indicarum libri* XII. Antuerpiae, 1605, pag. 454 e 455:

Tredecim ferme dies curationi corporum dati mox de summa rei deliberatum, quid agerent, quo se conferrent; nemini dubium fuit, quin oram tenentes, ad flumen contenderent, *cui Laurentius Marchesius olim ab Sancto Spiritu nomen indiderat; eodemque Lusitani ab Sofala et Moçambico mercimonii causa commeabant...*

Quarto mense ad amnem *Sancti Spiritus* perventum ab insciis; causa latendi fuit, quod auditae conceptaeque animo magnitudini haudquaquam respondebat flumen (quippe *tribus alveis* ea *regione decurrens, in exitu jungitur...*)

Percommode cecidit, quod regulus ea tenebat loca, miti admodum praeter aliorum consuetudinem ingenio vir, *beneque in Lusitanos animatus, quod illi placidum et aequum paulo ante commercium cum ipso Laurentio Marchesio et Antonio Caldeira fuisset.*

N.° 3

Description de la Guinée, Congo, Angola et autres pays maritimes d'Afrique, chap. VII, pag. 202, dans *l'Histoire de la navigation de Jean Hugues de Linschot aux Indes Orientales,* 3e édition, Amsterdam, 1638:

Poursuivant la coste on vient au fleuve *Magniça* qui fait le commencement du royaume de *Sofala* et *Monomatapa.* Ce fleuve provient du mesme lac dont procède le Nil, et se rend en la mer en un golphe, qui est entre le cap *della Pescheria* et le cap *delli Correnti* sous le tropique de Capricorne. En ce fleuve de *Magniça* non loin de la mer se viennent rendre trois autres fleuves desquels le principal est celuy de S. Christofle que les habitants appellent *Nagoa;* le deuxiesme porte le nom de *Lorenzo Marquez qui le premier l'a decouvert,* etc.

N.° 4

Nouvelle biographie générale, publié par Firmin Didot, tom. XXXIII. Paris, 1860, pag. 941:

Marques (Lourenço), navigateur portugais, né dans la première moitié du seizième siècle. C'était un négociant, accoutumé à faire le commerce de l'ivoire sur les côtes de l'Afrique orientale; il *explora* le fleuve qui porte son nom, vers 1545. Le 8 mars 1546, Bartholomeo Froès écrivait au nom du roi à João de Castro, gouverneur des Indes, de confier une nouvelle expédition à Marques, s'il le croyait capable de la diriger.

N.º 5

Carta de Pedro Quaresma a elrey D. Manuel, escripta de Moçambique a 31 de agosto de 1506[1]

...e daly partimos aos 16 do mez de mayo ao llongo da costa e tãto avante como apomta de santa luzia hũma noyte se perdeo a caravella da náo e eu com a náo fuy aver *amtre o cabo das correẽtes e de santa marya,* e daly fuy sempre ao llongo da costa até sofalla, etc.

(Traduction.)

Lettre de Pedro Quaresma au roi Don Emmanuel, écrite de Mozambique, le 31 août 1506[1]

...et de là nous partîmes le 16 du mois de mai en suivant la côte, et à la hauteur de la pointe de Sainte-Lucie; la caravelle du vaisseau s'est perdue dans la nuit, et j'ai continué l'exploration *entre le cap des Courants* et *celui de Sainte-Marie,* et de là j'ai toujours suivi la côte jusqu'à Sofala, etc.

N.º 6.

Carta de D. João de Castro, escripta de Moçambique a D. João III, em que dá noticia da exploração de Lourenço Marques na bahia e rios a que deu o nome[2]

Os dias passados mandou D. Jorge *Lourenço Marques* em huma fusta a descobrir *dous rios que estão alem do cabo das Correntes,* um delles em altura de 25 graos, e o outro em 26, mui povoados de gente negra, e grandemente abastados de mantimentos. No rio que está em 25 graus lhe amostrárão cobre, elles disserão que tinham muitas minas d'elle, e lhe venderiam quanto quizessem. No outro rio viram grandes manadas de elefantes, e se offereceram os negros a lhe venderem marfim; e fallando no preço concertaram que por humas poucas de contas que podem valer tres vintens, lhe darião hum bar de marfim que pouco mais ou menos valerá cem cruzados da India. Pareceu-me bem e ao vedor da fazenda que como chegasse á India mande huma frota a descobrir e a saber muito bem como isto passa porque seria de grande proveito das fazendas de V. Alteza, etc.

(Traduction.)

Lettre de D. João de Castro, écrite de Mozambique à Don João III, dans laquelle il rend compte de l'exploration de Lourenço Marques dans la baie et sur les fleuves auxquels il a donné un nom[2]

Ces jours derniers don Jorge a envoyé *Lourenço Marques* sur une *fuste* pour découvrir *deux fleuves situés au-delà du cap des Courants* l'un à la hauteur du 25e degré, et l'autre à celle du 26e, et qui sont fort peuplés de nègres et abondamment pourvus de vivres. Sur les bords du fleuve, qui est situé sous le 25e degré, on lui a montré du cuivre et on lui a dit qu'il y en avait plusieurs mines, et qu'on lui en vendrait autant qu'il en voudrait. Près de l'autre fleuve on voyait de grands troupeaux d'éléphants et de nègres qui offrirent de lui vendre de l'ivoire; ayant traité du prix, ils convinrent que, pour quelques perles de verre, qui peuvent valoir environ trois *vintens,* ils lui donneraient un *bar* d'ivoire qui vaut bien à peu près cent cruzades de l'Inde. Il m'a paru convenable, ainsi qu'à l'intendant des finances, d'envoyer, dès mon arrivée dans l'Inde, une flotte pour découvrir et savoir à fond ce qui en est, car ce serait d'un grand profit pour les finances de Votre Altesse, etc.

N.º 7.

Resposta d'El-Rei D. João III a D. João de Castro, em 8 de março de 1546[3]

Don Joam de Castro, Amiguo. Eu elrrey vos emuio muito saudar. Per bernaldo nacere capi-

(Traduction.)

Réponse du roi don João III à don João de Castro, le 8 mars 1546[3]

Don Joam de Castro mon ami, Salut! J'ai reçu, par l'entremise de Bernaldo Nacere, capi-

[1] Archivo nacional, *Corpo chron.*, P. 1.ª, maço 5.º, documento 111.—*Annaes maritimos,* 3.ª serie. Lisboa 1843, pag. 440 e seguintes.

[2] *Collecção de manuscriptos historicos em especial das cartas de D. João de Castro,* pag. 15 (Ms. da bibliotheca nacional de Lisboa *F* $\frac{3}{29}$.). Esta carta não tem data, mas é de 1545 de julho ou agosto, porque a 10 de setembro chegou D. João de Castro a Goa.

[3] *Vida de D. João de Castro,* por Jacintho Freire de Andrade, edição com notas e documentos, por D. Fr. Francisco de S. Luiz, Lisboa 1835, documento n.º 25, pag. 426–439.

[1] Archives nationales, *Corpo chron.*, p. 1, 5e liasse, document 111e. *Annaes maritimos,* 3e série. Lisbonne, 1843, p. 440 et suiv.

[2] *Collecção de manuscriptos historicos em especial das cartas de D. João de Castro,* p. 15 (Ms. de la bibliothèque nationale de Lisbonne F $\frac{3}{29}$). Cette lettre n'est point datée, mais elle est de juillet ou août 1545, car Don João de Castro arriva à Goa le 10 septembre.

[3] *Vida de D. João de Castro,* par Jacintho Freire de Andrade, édition avec notes et documents par D. Fr. Francisco de S. Luiz, Lisbonne 1835, document nº 25, p. 426–439.

tão da naao de garcia de saa que chegou aquy no mes de feuereiro pasado receby a carta que me escreuestes de moçambique e dou muytas graaças a noso senhor da boa viagem que levastes, de que folguey de me dardes conta tão particularmente; . . . . . .

. . . . . .

Do descobrimento d'aqueles rios que fez Louremço marques folguey de saber, e parece que será cousa muy ymportante e necessaria acabarse bem de saber, pelo que vos emcomemdo muyto que ordeneis loguo mandar da ymdia pera iso hum navio ou fusta, qual vos parecer maes comveniente: e pela emformaçam e pratica que jaa disto tem louremço marques me parece meu serviço emcarregardelo desta viagem, ao qual dareis regimento muy particular de tudo o que faça e precure de saber. E parecemdouos bem leuar ele no dito navyo alguas mercadorias, como parece que será necesareo, será bem mamdardeslhas, com as quaes ele poderá milhor resgatar as da terra, e saber uerdadeiramente as que haa nela. E do que se nisto fizer me avisarês. E posto que uos diga que mamdeys a isto louremço marques, não o encaregareys diso, senam parecendouos que he tam soficiente pera iso que podereys escusar de mamdar a iso outra pesoa. . . . . .

. . . . . .

Bertolameu froes a fes em allmeyrim a oyto dias de março de 1546.=Rey.

Pera dom Joam de castro.

taine du vaisseau de Garcia de Saa, qui est arrivé ici pendant le mois de février dernier, la lettre que vous m'avez écrite de Mozambique. Je rends grâces à Dieu du bon voyage que vous avez fait et dont le récit détaillé m'a causé beaucoup de plaisir . . . . . .

. . . . . .

J'ai été charmé d'apprendre l'exploration que Lourenço Marques a faite de ces fleuves et comme il me semble qu'elle est très-importante et qu'il faut en avoir l'assurance complète, je vous recommande avec instance d'ordonner qu'il soit envoyé immédiatement de l'Inde, à cet effet, un navire ou une fuste, comme vous le jugerez convenable; et considérant que Lourenço Marques possède déjà des informations et a la pratique de cette affaire, je suis d'avis de le charger de ce voyage, et dans ce but vous lui donnerez des instructions très-particulières à l'égard de tous ses actes et des renseignements qu'il doit rechercher. Et comme il nous semble convenable qu'il conduise à son bord quelques marchandises qui peuvent être nécessaires, il sera bon de les lui envoyer, afin qu'il puisse s'en servir pour en faire plus facilement l'échange contre celles du pays et s'assurer exactement de celles qui s'y trouvent. Vous me communiquerez tout ce qui se fera à cet égard. Et quoique je vous dise d'envoyer Lourenço Marques, ne le chargez point de cette affaire sans vous assurer qu'il est, plus que tout autre, apte à s'en acquiter . . . . . .

. . . . . .

Écrite par Bertolameu Froes à Almeyrim, le 8 mars 1546=le Roi.=A Dom Joam de Castro.

N.° 8

Carta regia de 11 de fevereiro de 1557, nomeando Lourenço Marques escrivão da feitoria de Cochim

Dom Joam, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que avendo eu respeito aos serviços que Lourenço marques cavaleiro de minha casa me tem feytos nas partes da India onde ora amda ey por bem e me praz de lhe fazer mercê do oficio de sprivam da feitoria de Cochim por tempo de seis anos posto que pelo regimento onuesem de ser tres e com ho ordenado contheúdo no dito regimento na vagamte dos providos por minhas provisões feytas amtes desta e por tamto ho notefiquo asy ao meu governador que ora he e ao diamte fôr nas ditas partes da India e aos veadores de minha fazenda em elas, e mando-lhes que tamto que pela dita maneira ao dito Lourenço marques couber entrar na dita esprivanynha o metão de pose dela e lha deyxem servir pelo dito tempo de seis anos e aver o dito ordenado como dito he e os próes e precalços que lhe dereytamente pertemcerem sem lhe a yso ser posto duvida nem embargo alguum porque asy he minha mer-

(Traduction.)

Lettre royale du 11 février 1557, nommant Lourenço Marques intendant de la factorerie de Cochin

Dom Joam, etc. Je fais savoir à tous ceux qui verront cette lettre, qu'eu égard aux services que Lourenço Marques, chevalier de ma maison, m'a rendus dans les régions de l'Inde qu'il parcourt en ce moment, il me plaît de lui accorder l'emploi d'intendant de la factorerie de Cochin pendant six ans, quoique, d'après le réglement, cet emploi ne doive durer que trois ans, et avec le traitement fixé par ledit réglement suivant les vacances des individus nommés par mes lettres antérieures à la présente. Par conséquent, je notifie cette nomination à mon gouverneur actuel et à celui qui le sera à l'avenir dans lesdites régions de l'Inde, et aux intendants de mes finances dans ces régions, et je leur ordonne de conférer la prise de possession de cet emploi à Lourenço Marques aussitôt qu'il en aura le droit de la manière indiquée, et de le lui laisser servir pendant ledit espace de six ans et recevoir le traitement, ainsi qu'il est déjà dit, et les béné-

ce. E amtes que seja metido em pose do dito oficio hum dos ditos veadores de minha fazenda lhe dara juramento que bem e verdadeiramente o syrva do quall se fara declaração nas costas desta que por firmeza delo lhe mandey passar por mym asynada e aselada de meu selo pemdemto. Dada em lixboa a onze de fevereiro alvaro fernandes a fez ano do nacymento de noso senhor Jesus Christo de mill quinhentos cincincoenta e sete anos. E esta vay por duas vyas hũa delas se cumprira somente. André Soarez a fez sprever[1].

fices qui y sont attachés, sans qu'il lui soit fait aucune opposition ou embarras, car tel est mon bon vouloir. Et avant de lui donner possession dudit emploi, un des intendants de mes finances lui fera prêter serment d'en bien remplir les fonctions; ce dont il sera fait déclaration au verso de la présente que j'ai fait expédier en foi de tout, signée par moi et y ayant attaché le sceau de mes armes. Donnée à Lisbonne, le 11 février, et écrite par Alvaro Fernandes en l'année 1557 de la naissance de Notre Seigneur Jésus-Christ. Cette lettre a été écrite en double original, dont l'un seulement sera exécuté. — André Soarez l'a fait écrire[1].

N.° 9

(Traduction.)

Tratado de 29 de julho de 1869 entre Portugal e a republica do Transvaal, ratificado em 21 de agosto de 1870[2]

Sua Magestade El-Rei de Portugal e dos Algarves e o governo da Africa meridional, igualmente animados do desejo de estabelecer relações permanentes de paz, amisade, commercio e limites entre os seus respectivos paizes, territorios e povos, determinaram concluir para este effeito um tratado, e n'essa conformidade nomearam para seus plenipotenciarios, e conferiram plenos poderes para negociarem o dito tratado; a saber:

Sua Magestade El-Rei de Portugal e dos Algarves ao commendador Alfredo Duprat, consul geral de Portugal na colonia do Cabo da Boa Esperança e no sul da Africa, seu plenipotenciario, e o governo da Africa meridional (Transvaal Republick) uma commissão auctorisada pelo Honorable Volksraad de 8 de julho do anno de 1869, artigo n.° 183, consistindo de Heren Martinus Wessels Pretorius, presidente da republica, dos senadores Heinrich Julius Ueckermann, Joseph Johannes Fourie, John Robert Lys, Marthinus Jacobus Viljaen, Stephanus Johannes Paulus Kruger, commandante geral, mr. Bernard Cornelis Ernest Proes, secretario geral do governo, os quaes, tendo trocado os ditos plenos poderes, que acharam em boa ordem e devida fórma, concordaram nor seguintes artigos:

. . . . . .

ARTIGO 22.°

Sua Magestade El-Rei de Portugal e dos Algarves, e o governo da republica do Transvaal, desejando tornar tão duradouras quanto as circumstancias o permittam, as relações que se trata de estabelecer entre as duas partes contratantes por meio d'este tratado ou convenção geral de paz, amisade e commercio, declaram solemnemente que concordam nos seguintes pontos:

[1] Archivo nacional, liv. LXXI da chancellaria de D. João III, fol. 179.

[2] Livro branco, relatorio e documentos apresentados ás côrtes na sessão de 1873 pelo ministro dos negocios estrangeiros de Portugal, pag. 23.

Traité du 29 juillet 1869 entre le Portugal et la république du Transvaal, ratifié le 21 août 1870[2]

Sa Majesté le roi de Portugal et des Algarves et le gouvernement de l'Afrique méridionale, également animés du désir d'établir des relations constantes de paix, d'amitié et de commerce entre les deux peuples, ainsi que de déterminer les limites de leurs territoires respectifs, ont résolu de conclure un traité dans ce but, et, à cet effet, ils ont nommé pour leurs plénipotentiaires, et muni de pleins pouvoirs pour négocier ledit traité, savoir:

Sa Majesté le roi de Portugal et des Algarves: le commandeur Alfred Duprat, consul général de Portugal dans la colonie du cap de Bonne-Espérance et dans le sud de l'Afrique, son plénipotentiaire; et le gouvernement de l'Afrique méridionale (Transvaal Republick): une commission autorisée par l'honorable Volksraad du 8 juillet de l'année 1869, article n° 183, composée de Heren Martinus Wessels Pretorius, président de la république, des sénateurs Heinrich Julius Ueckermann, Joseph Johannes Fourie, John Robert Lys, Marthinus Jacobus Viljaen, Stephanus Johannes Paulus Kruger, commandant général, mr. Bernard Cornelis Ernest Proes, secrétaire général du gouvernement, lesquels, ayant échangé leurs pleins pouvoirs, trouvés en bonne et due forme, se sont accordé sur les articles suivants:

. . . . . .

ARTICLE 22

Sa Majesté le roi de Portugal et des Algarves d'une part, et de l'autre part le gouvernement du Transvaal, voulant rendre aussi durables que les circonstances le permettront, les relations qu'il s'agit d'établir entre les deux parties contractantes au moyen de ce traité ou convention générale de paix, d'amitié et de commerce, déclarent solennellement qu'ils sont d'accord sur les articles suivants:

[1] Archives nationales, liv. LXXI de la chancellerie de Don João III, fl. 179.

[2] Livre blanc, compte rendu et documents présentés aux chambres pendant la session de 1873, par le ministre des affaires étrangères du Portugal, p. 23.

1.º.....

.....

2.º Sendo o districto da bahia de Lourenço Marques, que nas cartas hydrographicas inglezas é denominada Delagoa Bay, a mais meridional das possessões portuguezas de Africa oriental, fica entendido que n'estas regiões do continente africano as estipulações d'este tratado serão executadas por parte da corôa de Portugal nos territorios que a ella pertencem, os quaes *ao sul têem por limites a linha que sendo tirada desde um ponto em 26º 30' de latitude sul em linha recta para E. até ás montanhas de Lebombo;* d'ali ao longo do cume das ditas montanhas até ao passo do rio Comati, onde aquelle rio corre entre as montanhas de Lebombo; d'ali para NNE. até ao monte chamado Pokioenieskop, que fica ao N. do rio Oliphant, onde elle corre n'aquellas visinhanças; d'ali para o NNE. até ao ponto mais proximo da serra de Chicundo, onde corre o rio Umbovo; d'ali em linha recta até á juncção dos rios Paforis e Limpopo.

1º .....

.....

2º Le district de la baie de Lourenço Marques, qui est désignée sur les cartes anglaises sous le nom de Delagoa Bay, étant la plus méridionale des possessions portugaises dans l'Afrique orientale, il est entendu que, dans ces régions du continent africain, les clauses de ce traité seront exécutées par la couronne de Portugal sur les territoires qui lui appartiennent, et qui *ont pour limites au sud la ligne qui tirée d'un point sous le 26º 30' de latitude sud en ligne droite vers l'E., se prolonge jusqu'aux montagnes de Lebombo;* de là, le long du sommet desdites montagnes jusqu'au passage du fleuve Comati, où ce fleuve coule entre les montagnes de Lebombo; de là vers le NNE. jusqu'au mont appelé Pokioenieskop, qui est situé au N. du fleuve Oliphant, où il coule dans les environs; de là vers le NNE. jusqu'au point le plus proche de la montagne de Chicundo, où coule le fleuve Umbovo; de là, en ligne droite jusqu'à la jonction des fleuves Paforis et Limpopo.

N.º 10

Doação de Albasini á corôa portugueza
das terras do regulo Makaxulle em 8 de abril de 1868

Eu João Albasini, cidadão portuguez, hoje estabelecido na republica africana meridional, occupando por ordem de Sua Magestade o logar de vice-consul de Portugal n'esta republica: por livre e espontanea vontade faço por este documento, por mim assignado e com as testemunhas á margem doação ao governo de Sua Magestade Fidelissima o senhor Rei de Portugal, das terras que me pertencem (por compra) e que eram do regulo Makaxulle, situadas nas margens do rio Save, e que se prolongam em largura até ao rio Incomate, á distancia de cinco dias de viagem de Lourenço Marques, ao norte pelo parallelo de 26º, cedendo eu por minha parte todo o direito de senhorio.

Vice-consulado de Portugal na republica africana meridional. — Goedewensch, 8 de abril de 1868. = *J. Albasini,* vice-consul de Portugal. = Testemunhas, *C. H. W. Rabé* = *H. B. Pinto* [1].

(Traduction.)

Donation faite par Albasini à la couronne portugaise
des terres du régule Makaxulle le 8 avril 1868

Moi, Jean Albasini, citoyen portugais, actuellement établi dans la république africaine méridionale, et exerçant par ordre de Sa Majesté les fonctions de vice-consul de Portugal dans cette république: de ma volonté libre et spontanée, et par ce document signé par moi et par les témoins ci-dessous, je fais donation au gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle, le roi de Portugal, des terres m'appartenant par achat fait au régule Makaxulle, situées sur les bords du fleuve Save, et qui s'étendent en largeur jusqu'au fleuve Incomate, à cinq jours de voyage de Lourenço Marques, au nord du 26º parallèle; et je cède pour ma part tous mes droits de propriété.

Vice-consulat de Portugal dans la république africaine méridionale. — Goedewensch, ce 8 avril 1868. = *J. Albasini,* vice-consul de Portugal. = Témoins, *C. H. W. Rabé* = *H. B. Pinto* [1].

N.º 11

Portaria de 25 de maio de 1869, do governador de Moçambique
auctorisando a creação da colonia de S. Luiz
nas terras de Makaxulle

Fernando da Costa Leal, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, official da antiga

[1] *Boletim da provincia de Moçambique,* n.º 41, de 8 de outubro de 1864.

(Traduction.)

Arrêté du 25 mai 1869, par lequel le gouverneur de Mozambique
autorise la fondation de la colonie de Saint-Louis,
sur les terres de Makaxulle

Ferdinand da Costa Leal, du conseil de Sa Majesté, commandeur de l'ordre militaire de Notre-Seigneur Jésus-Christ, officier de l'ordre

[1] *Bulletin de la province de Mozambique,* nº 41, du 8 octobre 1864.

e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, cavalleiro da de Aviz e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, coronel de Angola, governador geral da provincia de Moçambique, por Sua Magestade El-Rei que Deus guarde, etc.

Tendo João Albasini, actualmente vice-consul portuguez na republica africana meridional, feito propostas a este governo geral de estabelecer uma colonia portugueza nas terras do regulo Makaxulle, e que hoje são do estado, por doação feita pelo dito Albasini, seu legal possuidor, as quaes terras estão situadas a cinco dias de viagem para o interior da bahia de Lourenço Marques, ao norte do parallelo de 26°, nas margens do rio Save, estendendo-se em largura até ao rio Incomate, com o qual confinam; e sendo o mesmo Albasini auxiliado no seu intento por alguns portuguezes residentes no districto de Pretoria, da dita republica, e tambem por algumas familias hollandezas;

Considerando que as mesmas terras, estando situadas a meio caminho entre a fronteira da republica e o districto de Lourenço Marques, deve a colonia ali estabelecida ter um rapido desenvolvimento, porque se tornará um ponto forçado do transito commercial dos boers para a bahia de Lourenço Marques e vice-versa;

Considerando que é muito util e conveniente augmentar a população branca da provincia, e desenvolver a sua agricultura, por isso que são estes os dois principaes meios pelos quaes a mesma provincia póde receber engrandecimento material e civilisação; isto é, conseguir manter-se dignamente pelos seus proprios recursos e indemnisar a metropole dos muitos e grandes sacrificios, que até hoje tem feito em seu favor e ainda continuará a fazer;

Considerando que a formação de uma colonia que reuna ás condições de salubridade do terreno, onde tenha de se estabelecer, as que facilitem e façam florescer o commercio d'esta parte da provincia, foi já recommendada por Sua Magestade El-Rei em portaria de 26 de dezembro de 1853;

Considerando a urgencia com que me foi dirigido o pedido; e

Tendo ouvido o parecer favoravel do conselho do governo:

Hei por conveniente auctorisar provisoriamente a formação de uma colonia portugueza nas terras de Makaxulle, sobre as seguintes bases:

1.° As terras que foram do regulo Makaxulle, e que por um contrato legal de compra, feito em 1845, passaram a ser propriedade exclusiva de cidadão João Albasini, o qual por acto espontaneo feito a 8 de abril de 1868 fez d'ellas doação ao governo portuguez, e que existem a cinco dias para o interior da bahia de Lourenço Marques nas margens do rio Save, estendendo-se em largura até ao rio Incomate, com o qual confinam, e para o norte do parallelo de 26°, ficam constituindo o territorio da colonia.

très-ancien et très-noble de la Tour et de l'Épée, consacré à la valeur, à la loyauté et au mérite, chevalier des ordres d'Aviz et de Notre-Dame de la Conception de Villa Viçosa, colonel d'Angola, gouverneur général de la province de Mozambique, pour Sa Majesté Très-Fidèle le roi, que Dieu garde, etc.

Jean Albasini, actuellement vice-consul portugais dans la république africaine méridionale, ayant proposé à ce gouvernement général d'établir une colonie portugaise sur les terres du régule Makaxulle, qui appartiennent maintenant à l'État en vertu de la donation faite par ledit Albasini, possesseur légal, lesquelles terres sont situées à cinq jours de voyage dans l'intérieur de la baie de Lourenço Marques, au nord du 26° parallèle sur les bords du fleuve Save et s'étendent en largeur jusqu'au fleuve Incomate avec lequel elles confinent; et le même Albasini étant secondé dans son dessein par quelques Portugais résidant dans le district de Pretoria, de ladite république, ainsi que par quelques familles hollandaises;

Considérant que ces terres étant situées à mi-chemin entre la frontière de la république et le district de Lourenço Marques, la colonie qui s'y établirait devrait avoir un développement rapide, puisqu'elle deviendrait le point obligé du mouvement commercial des Boers avec la baie de Lourenço Marques et vice-versa;

Considérant qu'il est très-utile et convenable d'augmenter la population européenne de la province ainsi que d'y développer l'agriculture, attendu que ce sont les deux principaux moyens à l'aide desquels la même province peut atteindre à l'accroissement moral et à la civilisation, parvenir à se maintenir dignement par ses propres ressources et indemniser la métropole des grands et nombreux sacrifices qu'elle a faits jusqu'à présent et qu'elle continuera à faire en sa faveur;

Considérant que la formation d'une colonie réunissant aux conditions de salubrité du terrain où elle doit s'établir, celles qui faciliteront et rendront florissant le commerce de cette partie de la province, a été déjà recommandée par Sa Majesté le roi par décision du 26 décembre 1853;

Considérant l'urgence avec laquelle la demande m'a été faite, etc.

Sur l'opinion favorable du conseil du gouvernement;

J'autorise provisoirement la formation d'une colonie portugaise sur les terres de Makaxulle, d'après les suivantes bases:

1° Le territoire de la colonie est formé des terres qui ont appartenu au régule Makaxulle et qui, par un contrat légal d'achat, fait en 1845, sont devenues la propriété exclusive du citoyen Jean Albasini, lequel, par acte spontané du 8 avril 1868, en a fait donation au gouvernement portugais; elles sont situées à cinq jours de distance vers l'intérieur de la baie de Lourenço Marques sur les bords du fleuve Save et s'étendent en largeur jusqu'au fleuve Incomate avec lequel elles confinent, et au nord du 26° parallèle.

2.° Esta colonia tomará a denominação de «colonia de S. Luiz», como tributo de respeito e homenagem que prestam os novos colonos a Sua Magestade El-Rei.

3.° É livre aos colonos seguirem a religião que lhes approuver.

4.° Podem fazer toda a qualidade de negocio licito, sujeitando-se ao pagamento dos impostos legaes que lhes forem lançados.

5.° Podem livremente caçar o elephante e mais animaes.

6.° Satisfarão aos preceitos conteúdos nos artigos 12.°, 13.°, 14.°, 16.°, 17.° e §§ respectivos da lei de 21 de agosto de 1856.

7.° Gosarão das vantagens concedidas pelos artigos 18.° e 20.° da citada lei e artigo 5.° do decreto com força de lei de 4 de dezembro de 1861.

8.° A colonia é, para todos os effeitos, considerada como uma parte integrante da provincia de Moçambique, e assim todos os colonos estrangeiros se sujeitarão e obedecerão ás auctoridades portuguezas da colonia e ás leis do reino.

9.° Os colonos deverão concorrer para a defeza, contra todos os ataques que qualquer inimigo faça á colonia, e prestar auxilio ás auctoridades constituidas.

10.° De entre os colonos serão escolhidos os agentes necessarios para um systema do governo local por mim approvado.

As auctoridades e mais individuos a quem o conhecimento d'esta pertencer assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do governo geral da provincia de Moçambique, 25 de maio de 1869.=O governador geral, *Fernando da Costa Leal*[1].

2° Cette colonie prendra le nom de «colonie de Saint-Louis», comme tribut de respect et d'hommage rendu par les nouveaux colons à Sa Majesté le Roi.

3° Les colons auront pleine liberté de suivre la religion qui leur conviendra.

4° Ils pourront faire toute espèce de commerce licite, en se soumettant au paiement des contributions légales qui leur seront imposées.

5° Ils pourront chasser librement l'éléphant et les autres animaux.

6° Ils se conformeront aux dispositions des articles 12, 13, 14, 16, 17 et à leurs §§ de la loi du 21 août 1856.

7° Ils jouiront des avantages accordés par les articles 18 et 20 de la loi citée et par l'article 5 du décret, ayant force de loi, du 4 décembre 1861.

8° La colonie est considérée, pour tous effets, comme partie intégrante de la province de Mozambique; tous les colons étrangers seront donc soumis aux autorités portugaises de la colonie et aux lois du royaume.

9° Les colons devront concourir à la défense de la colonie contre toute attaque de ses ennemis, et prêter leur concours aux autorités constituées.

10° Les agents nécessaires à un système de gouvernement local approuvé par moi, seront choisis parmi les colons.

Les autorités et autres individus qui doivent avoir connaissance de la présente sont chargés de son exécution.

Fait au palais du gouvernement général de la province de Mozambique, ce 25 mai 1869.=Le gouverneur général, *Fernando da Costa Leal*[1].

N.° 12

Portaria da mesma data e do mesmo governador, dando organisação á colonia de S. Luiz

Fernando da Costa Leal, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, official da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, cavalleiro da de Aviz e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, coronel de Angola, governador geral da provincia de Moçambique por Sua Magestade El-Rei, que Deus guarde, etc.

Attendendo a que o cidadão João Albasini, actualmente vice-consul portuguez na republica africana meridional, fez doação ao governo portuguez por acto de 8 de abril de 1868, das terras que em 1845 comprou ao regulo Makaxulle;

Considerando que o mesmo Albasini se propõe com outros portuguezes residentes no districto de Pretoria, da dita republica, e tambem

[1] *Boletim de la province de Moçambique*, n.° 24, de 29 maio 1869.

(Traduction.)

Arrêté de la même date et du même gouverneur, déterminant l'organisation de la colonie de Saint-Louis

Ferdinand da Costa Leal, du conseil de Sa Majesté, commandeur de l'ordre militaire de Notre-Seigneur Jésus-Christ, officier de l'ordre très-ancien et très-noble de la Tour et de l'Épée consacré à la valeur, à la loyauté et au mérite, chevalier des ordres d'Aviz et de Notre-Dame de la Conception de Villa-Viçosa, colonel d'Angola, gouverneur général de la province de Mozambique pour Sa Majesté le roi, que Dieu garde, etc.

Attendu que le citoyen Jean Albasini, actuellement vice-consul portugais dans la république africaine méridionale, a fait donation au gouvernement portugais, par acte du 8 avril 1868, des terres qu'il a achetées en 1845 au régule Makaxulle;

Considérant que le même Albasini se propose avec d'autres Portugais habitant le district de Pretoria, de ladite république, et aussi

[1] *Bulletin de la province de Mozambique*, n° 24, du 29 mai 1869.

algumas familias hollandezas, a construir uma colonia nas ditas terras;

Considerando que por portaria d'esta data auctorisei provisoriamente a creação da dita colonia, sob a denominação de colonia de «S. Luiz»;

Considerando que na pessoa do dito João Albasini concorrem as circumstancias necessarias para dirigir a mesma colonia:

Hei por conveniente nomear o dito João Albasini chefe interino da colonia de S. Luiz, com os seguintes poderes e auctoridade:

1.° Como magistrado administrativo, exercer toda a auctoridade que pelo codigo administrativo (do qual se lhe remette um exemplar) lhe é dada.

2.° Como auctoridade judicial, assumir as funcções de juiz ordinario, e para esse effeito se lhe remettem a *Novissima reforma judiciaria*, o *Codigo penal*, *Direito civil*, de Coelho da Rocha, e *Elementos do processo civil*, por Nazareth.

3.° Conceder interinamente por aforamento, com o fôro annual de 100 réis por hectara, os terrenos da colonia, dando a cada colono o espaço de terreno em quadrado que um homem póde medir em uma hora de caminho a pé; passando os competentes titulos de aforamento, dos quaes posteriormente se enviará uma nota para se passarem os titulos definitivos.

4.° Poder legalisar por meio de escriptura quaesquer casamentos civis que os colonos pretenderem contrahir.

5.° Fazer cumprir as disposições testamentarias pela fórma que constar dos testamentos.

6.° Inventariar e guardar em deposito os bens dos colonos que fallecerem *ab intestato*, para se dar a esses bens o destino legal.

7.° Levantar um mastro na praça central da colonia, proximo da sua residencia, onde se arvore a bandeira portugueza.

8.° Fazer construir um quartel para alojamento de um destacamento de 50 praças.

9.° Traçar arruamentos e praças de uma villa, de modo que sejam espaçosas e regulares.

As auctoridades e mais individuos a quem o conhecimento d'esta deva pertencer assim o tenham entendido e executem.

Palacio do governo geral da provincia de Moçambique, 25 de maio de 1869.=O governador geral, *Fernando da Costa Leal*[1].

avec quelques familles hollandaises, d'établir une colonie sur ces terres;

Considérant que, par décision datée de ce jour, j'ai autorisé provisoirement la création de ladite colonie, sous la dénomination de «colonie de Saint-Louis»;

Considérant que ledit Jean Albasini réunit en lui toutes les qualités nécessaires pour diriger la colonie:

Je nomme le susdit Jean Albasini chef par intérim de la colonie de Saint-Louis, avec les pouvoirs et l'autorité ci-désignés:

1° Comme magistrat administratif, il exercera toute l'autorité que lui confère le code administratif, dont un exemplaire lui sera envoyé.

2° Comme autorité judiciaire, il remplira les fonctions de juge de première instance, et à cet effet il lui sera remis un exemplaire du *Code de procédure civile et criminelle*, du *Code pénal*, du *Droit civil* par Coelho da Rocha, et des *Éléments de procédure* par Nazareth.

3° Il pourra faire concession provisoire au moyen de baux emphytéotiques, avec la rente annuelle de 100 réis par hectare, des terres de la colonie, en donnant à chaque colon un carré de terrain mesurant la marche d'un homme pendant une heure, et en délivrant les titres respectifs de concession, dont il enverra ensuite une note pour faire expédier les titres définitifs.

4° Il fera légaliser par devant notaire les mariages civils contractés par les colons.

5° Il fera exécuter les dispositions testamentaires dans la forme désignée dans les testaments.

6° Il procédera à l'inventaire et à la garde en dépôt des biens des colons qui seront morts intestats, afin que ces biens puissent recevoir leur destination légale.

7° Il fera planter un mât sur la place centrale de la colonie, près de sa résidence, pour y arborer le drapeau portugais.

8° Il fera construire une caserne pour un détachement de 50 hommes.

9° Il tracera les rues et les places de la ville, de manière qu'elles soient suffisamment larges et régulières.

Sont chargés de l'exécution de la présente les autorités et les individus à qui revient ce devoir.

Donné au palais du gouvernement général de la province de Mozambique, ce 25 mai 1869.=Le gouverneur général, *Fernando da Costa Leal*[1].

N.° 13

Proclamação do governador de Lourenço Marques, annunciando o resultado da campanha emprehendida a favor de Muzilla contra seu irmão Mauéva II—20 de setembro de 1862

Habitantes de Lourenço Marques:—A justa causa que se emprehendeu contra o tyranno e sanguinario regulo Mauéva, que se considerava

[1] *Boletim da provincia de Moçambique*, n.° 24, de 29 de maio de 1869.

(Traduction.)

Proclamation du gouverneur de Lourenço Marques, annonçant le résultat de la guerre entreprise en faveur de Mouzilla contre son frère Maouéva II—20 septembre 1862

Habitants de Lourenço Marques:—La guerre qui, avec toute justice, a été entreprise contre le despotique et sanguinaire régule Maouéva qui

[1] *Bulletin de la province de Mozambique*, n° 24, du 29 mai 1863.

successor do tão celebre e fallado potentado Manicusse, triumphou gloriosamente nas acções dos dias 17 e 20 de agosto ultimo nos campos de Moamba, alem do rio Incomate. A mortandade inimiga foi grande, e da nossa parte apenas temos a lamentar a sentida perda de 47 valentes caçadores mortos e 50 feridos.

A constante perseverança e os assiduos e desvelados esforços que se empregaram, coadjuvados com os valiosos auxilios subministrados por s. ex.ª o sr. governador geral da provincia, deu em resultado a obediencia d'este vastissimo sertão á bandeira portugueza, e hoje, graças á Providencia, o acatamento a todos os portuguezes é profundo com o terror que as nossas armas infundiram n'aquelles barbaros. Mauéva pôde outra vez refugiar-se nas terras do regulo Mussuate, porém com muito pouca gente, porque a grande parte d'esta fôra apresentar-se a Muzilla cansados já de tanto soffrer.

Este extraordinarissimo, quanto maravilhoso acontecimento, que á primeira vista parecia difficil pela pouca força europêa de que dispunhamos para desthronisar tão audacioso selvagem, mas com ella mostrámos aos olhos do mundo que não desmereciamos das glorias dos nossos antepassados. Os sertões acham-se abertos para toda a parte; d'este ponto ao Zambeze poder-se-ha transitar livre de extorsões de todos os cafres. Os parabens que agora vos dou por termos colhido tão feliz resultado, são outrosim acompanhados dos meus mais sinceros e cordeaes agradecimentos pelo patriotico interesse que sempre vos observei n'esta proveitosa luta, a qual só o futuro poderá demonstrar a sua grande proficuidade, e a posteridade avaliar, com justa rasão, a nossa longanimidade. O regulo Muzilla, que hoje está á testa d'aquelle rico e extenso potentado, deve o seu triumpho ás armas portuguezas, e por isso tornou-se subdito e tributario da corôa de Portugal, cuja condição por mim lhe foi imposta, quando, no 1.º de dezembro de 1861, pediu e obteve o auxilio d'este governo.

Trata-se agora de harmonisar os sertões; isto conseguido, o que não levará muito tempo, todos os habitantes portuguezes têem o direito pleno de irem, quando lhes aprouver, munidos da competente auctorisação, negociar e caçar nos referidos sertões.

Agora porém tenho-vos mui particularmente a recommendar, aindaque estou certo da vossa prudencia, que as vantagens mencionadas não sirvam para abusos, cujas consequencias poder-se-hão tornar prejudiciaes ao bem estar do districto, e para as quaes eu desde já vos irrogo a devida responsabilidade perante s. ex.ª o governador geral da provincia. Viva Sua Magestade El-Rei! Viva s. ex.ª o governador geral da provincia!

Quartel do governo de Lourenço Marques, 20 de setembro de 1862. = *Onofre Lourenço de Andrade,* governador[1].

[1] *Boletim da provincia de Moçambique*, n.º 17, de 27 de abril de 1863.

se prétendait successeur du célèbre roi Manicusse, a obtenu un glorieux triomphe, grâce aux combats du 17 et du 20 août dernier dans les plaines de Moamba, au-delà du fleuve Incomati. Les pertes de l'ennemi ont été considérables; de notre côté nous n'avons à déplorer que 47 de nos valeureux chasseurs tués et 50 blessés.

La constante persévérance et les efforts assidus et vigilants qui ont été employés, ainsi que les puissants secours fournis par Son Excellence le gouverneur général de la province, ont eu pour résultat la soumission au drapeau portugais de cette vaste contrée, et aujourd'hui, grâce à la providence, la terreur que nos armes ont mise au cœur de nos sauvages ennemis est une sûre garantie de leur respect futur envers nos nationaux. Maouéva a réussi encore une fois à se réfugier sur le territoire du régule Mussuate, mais il n'a été suivi que de peu d'hommes; la plupart, fatigués de souffrir, ont été se rendre à Mousilla.

Ce succès extraordinaire qu'à première vue il semblait impossible d'obtenir eu égard au peu de troupes dont nous pouvions disposer pour détrôner cet audacieux régule, est venu montrer à tous les yeux que nous n'avons pas perdu les glorieuses traditions de nos aïeux. De tous côtés les terres de l'intérieur sont libres; d'ici jusqu'au Zambèze on pourra dorénavant circuler sans craindre les brigandages des Cafres. Aux félicitations que je vous adresse pour l'heureux résultat que nous avons obtenu, je joins mes plus sincères et cordiaux remercîments pour la patriotique sollicitude que j'ai toujours remarquée en vous pendant la lutte; l'avenir démontrera les résultats profitables de cette guerre, et la postérité saura apprécier avec justice la longanimité dont nous avons fait preuve. Le régule Mouzilla, qui se trouve aujourd'hui à la tête de ce riche et vaste pays, doit son triomphe aux armes portugaises; par ce fait il est devenu sujet et tributaire de la couronne de Portugal, condition qui lui avait été imposée par moi lorsqu'il vint, le 1er décembre 1861, solliciter le concours de notre gouvernement.

Il nous reste maintenant à rétablir une paix complète dans la contrée; dès que nous y serons parvenu, ce qui ne peut tarder, chaque habitant portugais pourra, muni de l'autorisation nécessaire, pénétrer dans l'intérieur, soit pour y faire le commerce, soit pour s'y livrer à la chasse.

Quelque assuré que je sois de votre modération, il me reste encore à vous recommander tout particulièrement de ne point abuser des succès dont je vous ai fait part, tout abus à cet égard pouvant porter un grave préjudice au bien-être du district et avoir des conséquences dont, dès ce moment, je vous rends responsables devant Son Excellence le gouverneur général de la province. Vive le Roi! Vive Son Excellence le gouverneur général de la province!

Palais du gouvernement de Lourenço Marques, ce 20 septembre 1862. = *Onofre Lourenço de Andrade,* gouverneur.[1]

[1] *Bulletin de la province de Mozambique*, nº 17, du 27 avril 1873.

N.º 14

Officio do governador de Lourenço Marques, dando conta do resultado da campanha a favor de Muzilla — 2 de outubro de 1862

Ill.mo e ex.mo sr. — Exulto de prazer por se ter verificado felizmente tudo quanto tive a honra de mandar dizer no meu officio, n.º 38, dirigido pela secção civil, de 13 de agosto de 1861, na parte relativa ao perverso e sanguinario regulo Mauéva, como se observa na proclamação que por copia remetto ao elevado conhecimento de s. ex.a o general e governador geral da provincia, a qual julguei dever dirigir a estes habitantes, para seu conhecimento e satisfação, cuja approvação do mesmo ex.mo sr., se ella merecer essa honra, eu muito folgarei.

Mauéva pôde outra vez refugiar-se nas terras do cunhado Mussuate, porém com muito pouca gente, e parte d'esta, consta-me com certeza, que tem ido apresentar-se a Muzilla, reconhecendo n'elle o seu predominio; todavia eu estou fazendo todas as diligencias quantas me sejam possiveis por ver se obtenho de algum d'elles a entrega do referido audacioso Mauéva; porque, morto elle, os sertões ficarão socegados. Creio pois do proprio regulo Mussuate alcançar este resultado, segundo o que elle me mandou dizer pela embaixada que ali mandei n'este sentido, a qual foi mui amigavelmente por elle Mussuate recebida; o que em outro tempo julgo não faria, porém eu attribuo esta pharisaica urbanidade mais a medo com que elle está das nossas armas, do que a alguma outra cousa. Ficou de mandar-me uma embaixada sua para a final conclusão d'este negocio. Espero, conseguindo isto, ter alcançado a obediencia d'este vastissimo sertão á bandeira portugueza.

Os caminhos acham-se abertos para toda a parte. O acatamento a todos os portuguezes é profundo. Sente-se já no paiz grande movimento commercial. Para os sertões têm ido quasi todos os moradores, uns a negociar, outros a caçar. Estes ultimos têem levado cerca de mil e duzentas espingardas. Hoje, excepto alguns empregados, tudo mais são negociantes e caçadores, até os proprios negros das terras da corôa.

Estou em perfeita harmonia e amisade com todos os potentados vizinhos d'este districto, mas como são negros e não ha n'elles que fiar, obrigam-me por emquanto a estar prevenido para qualquer eventualidade que possa apparecer, apesar de que estou certo que nada haverá com a nova derrota de Mauéva. A mortandade e estragos que houveram n'estas guerras infundiram respeito tal a todos os negros, que até os proprios regulos que se conservaram neutros n'esta importante questão, esses mesmos estão tremendo, e dizem que não têem vindo pedir obediencia com medo de serem mortos. A este respeito estou tratando de conciliar o melhor que

(Traduction.)

Dépêche du gouverneur de Lourenço Marques, communiquant le résultat de la guerre entreprise en faveur de Mouzilla — 2 octobre 1862

Monsieur. — Je suis on ne peut plus heureux de ce que les événements sont venu confirmer tout ce que j'eus l'honneur de vous mander dans ma dépêche nº 38, adressée par la section civile du 13 août 1861, au sujet du pervers et féroce régule Maouéva. Vous pourrez voir ces événements consignés dans la proclamation dont je soumets une copie aux lumières de Son Excellence le général et gouverneur général de la province, proclamation que j'ai cru devoir adresser aux habitants de ce district, et qui leur causera une véritable joie; pour moi, je désire avant tout qu'elle mérite l'approbation de Son Excellence, ce qui me serait un grand honneur.

Maouéva a encore réussi à se réfugier sur les terres de son beau-frère Mussuate, toutefois il n'a pu se faire suivre que d'une faible partie de ses hommes, car la plupart d'entre eux, on me l'affirme en toute certitude, sont allés se présenter à Mouzilla et faire devant lui acte de soumission; j'emploie cependant tous mes efforts à obtenir de quelques-uns de ces hommes qu'ils me livrent l'audacieux Maouéva, dans la persuasion où je suis que sa mort seule permettra le rétablissement de la tranquillité dans l'intérieur des terres. J'espère parvenir à ce résultat grâce au régule Mussuate lui-même, si j'en dois croire ce qu'il m'a fait dire par l'ambassade que je lui ai envoyée à cet effet, et qu'il a reçue avec les plus grandes démonstrations d'amitié, contrairement à ce qu'il aurait fait en toute autre occasion, d'où je conclus que la crainte seule de nos armes lui inspire cette hypocrite urbanité.

Il doit m'envoyer lui-même une ambassade pour traiter définitivement de cette affaire dont la solution, si je parviens à l'obtenir telle que je la souhaite, sera un gage de l'obéissance de cette vaste contrée au drapeau portugais.

Les chemins sont maintenant partout libres. Le respect envers les Portugais est profond et on remarque déjà un grand mouvement commercial dans le pays. Presque tous les habitants sont partis pour l'intérieur, les uns pour affaires de commerce, les autres pour se livrer à la chasse. Ces derniers sont environ au nombre de douze cents, car, à l'exception de quelques employés, tout le monde ici est négociant ou chasseur, jusqu'aux nègres mêmes des terres de la couronne.

Je suis en grande amitié et en parfait accord avec tous les rois voisins de ce district, néanmoins, comme ce sont des nègres et que l'on ne doit pas se fier trop complètement à eux, je suis toujours sur mes gardes en vue d'un événement quelconque, quoiqu'il me semble qu'ils n'entreprendront rien, surtout maintenant qu'ils sont informés de la déroute de Maouéva. Le carnage et la destruction qui ont accompagné cette guerre ont frappé les nègres d'une telle terreur, que les régules mêmes qui sont restés neutres dans le conflit n'osent point bouger et ne viennent pas, dit-on, faire acte de soumission, dans la crainte d'être mis à mort. A ce sujet, je fais mon pos-

me seja possivel, apesar de que os negros têem represalias, de como têem os brancos, em guerras, com especialidade de successão.

Creio, a não haver algum caso inopinado, o que não é de esperar, que os sertões d'este porto ao Zambeze, o governo poderá n'elles fazer aquillo que lhe aprouver, sem receio de contrariedade alguma, por quanto a nossa força assim os obrigou, a respeito da qual não devo deixar de recommendar á benevolencia de s. ex.ª o governador geral da provincia, os seguintes chefes de guerra que mais se distinguiram n'esta porfiada campanha; a saber: das terras de Matola, Quise; ditos da Mahota, Mauobo; ditos do Mafumo, Loteue, Magugo; dito da Magaia, Mossolene; dito da Cherinda, Moamatine. Estes seis negros portaram-se como se podiam portar, permitta-se-me a expressão, seis bons guerrilheiros, porque souberam cumprir restrictamente todos os planos, instrucções e ordens que de mim receberam, nas differentes guerras que fizeram, de que resultou a quéda do flagicioso Mauéva, e por consequencia a obediencia dos sertões citados á bandeira portugueza. A força que Mauéva ainda tinha n'estes ultimos combates, segundo as melhores informações que pude colher, montava de 20:000 a 25:000 homens de differentes regulos seus confederados e amigos, porém nada pôde resistir á bravura com que a nossa força acommetteu aquella, destroçando-a em toda a parte aonde ella ousava apresentar-se, cuja decisão da parte inimiga foi bastante sanguinolenta.

Esta satisfactoria noticia que me cabe a honra de endereçar ao conhecimento de s. ex.ª o sr. governador geral da provincia, julgo ser da mais alta importancia ao bem geral da provincia, e que coube esta grande gloria ao pequeno districto cujo governo me foi commettido.

Deus guarde a v. s.ª Quartel do governo de Lourenço Marques, 2 de outubro de 1862.—Ill.mo sr. secretario do governo geral da provincia.=*Onofre Lourenço de Andrade,* governador[1].

sible pour répandre la conciliation et la confiance, quoique, à l'instar des blancs, les nègres aient des représailles à exercer; comme cela arrive surtout dans les guerres de succession.

A moins qu'il ne survienne quelque événement imprévu, ce qui ne me semble pas probable, je crois que, de ce port au Zambèze, le gouvernement pourra dorénavant faire ce que bon lui semblera, sans craindre d'être entravé dans ses mesures, attendu que nos armes ont soumis complétement ces contrées. À ce sujet je saisis l'occasion de recommander à la haute bienveillance de Son Excellence le gouverneur général de la province, les chefs qui se sont le plus distingués dans cette campagne et qui sont: Quise, des terres de Matola; Mauobo, des terres de Mahota; Lotene, Magugo, de celles de Mafumo; Mossolene, de celles de Magaia; Moamatine, de celles de Cherinda. Ces six nègres se sont conduits, je puis le dire, comme auraient pu le faire les meilleurs soldats; ils ont suivi rigoureusement tous mes plans, toutes les instructions et tous les ordres que je leur ai donnés, dans les différentes guerres qu'ils ont entreprises, et qui ont eu pour résultat la chute de l'infâme Maouéva, et, par conséquent, la soumission de ces contrées au pavillon de notre pays. D'après les informations que j'ai pu recueillir, les troupes de Maouéva, dans ces dernières rencontres, s'élevaient encore à vingt ou vingt-cinq mille combattants, en y comprenant les soldats des régules ses amis ou alliés; cette armée toutefois n'a pu tenir devant la valeur de nos troupes qui l'ont battue et mise en fuite partout où elle a osé se montrer, et lui ont fait subir de cruelles pertes.

L'agréable nouvelle que j'ai l'honneur de porter à la connaissance de Son Excellence, le gouverneur général de la province, me semble de la plus haute importance pour le bien de la colonie, et je suis heureux que la gloire en revienne au petit district dont le gouvernement m'a été confié.

Dieu garde votre seigneurie. Quartier du gouvernement de Lourenço Marques, ce 2 octobre 1862.=Monsieur le secrétaire du gouvernement général de la province.=*Onofre Lourenço de Andrade,* gouverneur[1].

N.º 15

(Traduction.)

Condições estabelecidas entre o governador de Lourenço Marques, representando o governo de Sua Magestade Fidelissima, e o regulo Muzilla, por si e seus successores, para o auxilio que exigiu do mesmo governo.

1.º O regulo Muzilla, depois de ter prestado juramento segundo os seus usos e costumes, ficará sendo regulo tributario e subdito da corôa portugueza, com todos os seus subordinados, obedecendo restrictamente a todas as ordens dimanadas d'este governo de Lourenço Marques.

2.º O dito regulo ordenará a todos os subordinados o maior respeito e acatamento, para com os Molungos (portuguezes), que transitarem pelas terras que elle Muzilla dominar, e

[1] *Boletim da provincia de Moçambique,* loc. cit.

Conditions établies entre le gouverneur de Lourenço Marques, représentant le gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle, et le régule Mouzilla, en son nom et en celui de ses successeurs, pour l'obtention du secours qu'il a demandé au gouvernement.

1º Le régule Mouzilla, après avoir prêté serment selon ses us et coutumes, sera tributaire et sujet de la couronne portugaise, lui et tous ses subordonnés, et il obéira strictement à tous les ordres émanés du gouvernement de Lourenço Marques.

2º Ledit régule enjoindra à tous ses subordonnés d'avoir le plus grand respect et la plus grande vénération pour les Molungos (Portugais) qui passeront par les territoires où lui, Mouzil-

[1] *Bulletin de la province de Mozambique,* loc. cit.

quando alguem falte a este rigoroso dever, Muzilla o mandará immediatamente castigar, para exemplo dos outros, sendo o favor d'esta disposição extensivo para com os negros das terras da corôa, que forem ás terras de Muzilla em serviço publico ou particular, quer mandados pelo governo, ou por algum habitante do paiz.

3.° O commercio e caçadas de quaesquer animaes que sejam, serão livres a todo e qualquer portuguez, que vá, ou mande faze-las nas terras do dominio do dito regulo Muzilla, e este, longe de lhe pôr impedimento algum, os protegerá em tudo o que estiver ao seu alcance.

4.° O regulo Muzilla consentirá de muito boa vontade todas e quaesquer fortificações que o governo portuguez queira mandar construir nas suas terras, para defeza e socego das mesmas, e outrosim algumas culturas em escalla pequena ou grande, que o mesmo governo, ou qualquer particular portuguez queiram fazer ou mandar fazer em alguma d'aquellas terras que mais lhe convenha; e não só o dito Muzilla se não opporá a isso, mas até indicará os terrenos que forem mais productivos, se isso lhe pedirem,

5.° A bandeira portugueza será collocada na povoação em que habitar o dito regulo Muzilla, e este não fará guerra a povo algum, sem que primeiro informe este governo, do motivo que tem para a fazer, salvo sendo para se defender de alguma aggressão que alguem lhe faça nas suas terras, devendo tambem n'este caso, e logo em seguida, dar parte d'isso ao governador de Lourenço Marques.

6.° Ás terras de Moamba, Cherinda, Manhice e Jujote, áquem do rio Incomate, ficarão, de hoje em diante, sujeitas e tributarias á corôa portugueza, e ninguem terá direito algum a pedir tributos a estas terras.

7.° Os milandos (cafrialmente fallando) ou questões que possa haver entre brancos, ou negros das terras da corôa, com gente subordinada a Muzilla, serão decididos n'este presidio na presença do respectivo governador, ou de pessoa que este encarregue d'isso.

8.° O regulo Muzilla logoque tome posse das suas terras, fará remetter para o presidio todos os negros escravos dos moradores do dito presidio, que ali se acharem fugidos, e assim o continuará a fazer todas as vezes que para as suas terras fuja algum ou alguns escravos do dito presidio.

9.° Fica finalmente entendido pelo regulo Muzilla, que o respeito e acatamento, imposto pelo artigo 2.°, é igualmente para os Molungos (portuguezes) de Inhambane, Sofalla, Bazaruto, Manica, Sena e Tete, porque todos estes são irmãos dos de Lourenço Marques.

10.° O governo portuguez obriga-se para com o regulo Muzilla, desde já e sempre que for preciso, a ajudar com a força armada ao regulo Muzilla, e os seus successores para se defenderem de todas e quaesquer aggressões que lhe forem feitas nas terras que occuparem; isto é, cumprindo o mesmo regulo, ou os seus successores, religiosamente todos os encargos estabelecidos nos artigos precedentes.

la, exerce sa domination; et si l'un d'eux manque à ce devoir rigoureux, Mouzilla lui infligera immédiatement un châtiment qui servira d'exemple aux autres; cette disposition s'étend à tous les nègres des territoires de la couronne qui iront aux terres de Mouzilla en service public ou privé, et qui seront envoyés, soit par le gouvernement, soit par quelque habitant du pays.

3° Le commerce et la chasse de n'importe quels animaux seront libres pour tout Portugais qui les fera ou fera faire sur les terres soumises à la domination dudit régule Mouzilla; celui-ci, loin de leur faire obstacle, les protégera de tout son pouvoir.

4° Le régule Mouzilla ne s'opposera d'aucune façon, soit aux fortifications que le gouvernement portugais voudrait faire construire sur ses terres, pour leur défense et leur tranquillité, soit aux cultures sur une grande ou une petite échelle, que le même gouvernement ou quelque particulier voudrait établir ou faire établir sur quelques-unes de ces terres qui leur conviendraient le plus; et non-seulement ledit Mouzilla ne s'y opposera pas, mais encore il indiquera les terrains les plus propres à ces cultures, si on le lui demande.

5° Le drapeau portugais sera arboré dans le village habité par ledit régule Mouzilla; celui-ci ne fera la guerre à aucun peuple sans informer préalablement notre gouvernement du motif qui l'y contraint, à moins que ce ne soit dans un cas de défense contre une agression qui lui serait faite sur ses terres, auquel cas il devrait, néanmoins, en donner immédiatement avis au gouverneur de Lourenço Marques.

6° Les terres de Moamba, Cherinda, Manhice et Iniote, en-deçà du fleuve Incomate, seront dorénavant sujettes et tributaires de la couronne portugaise, et personne autre n'aura le droit d'exiger des tributs de ces terres.

7° Les *milandos* (en langage cafre) ou différends qui pourraient s'élever entre les blancs ou les nègres des terres de la couronne et les gens subordonnés à Mouzilla, seront vidés dans cette forteresse en présence du gouverneur respectif, ou de la personne par lui déléguée à cet effet.

8° Aussitôt que le roi Mouzilla aura pris possession de ces terres, il fera conduire à la forteresse tous les nègres esclaves des habitants de la même forteresse qui se seraient réfugiés dans ces domaines, et il continuera à agir de même toutes les fois qu'un ou plusieurs esclaves de ladite forteresse s'enfuiront dans ces terres.

9° Enfin il est bien compris par le roi Mouzilla que le respect et la vénération imposés par l'article 2 doit s'étendre également aux Molungos (Portugais) de Inhambane, Sofala, Bazaruto, Manica, Sena et Tete, attendu qu'ils sont tous frères de ceux de Lourenço Marques.

10° Dès ce moment le gouvernement portugais s'oblige envers le roi Mouzilla à l'aider de ses armes, lui et ses successeurs, chaque fois qu'ils auront à se défendre contre toute agression qui leur serait faite sur les terres qu'ils occupent; sous condition que le même régule et ses successeurs observeront religieusement toutes les prescriptions établies par les articles précédents.

11.° O mesmo governo portuguez se obriga a mandar construir para o dito regulo Muzilla e seus successores uma casa de alvenaria (como as d'este presidio) na povoação aonde elle habitar.

12.° Obriga-se mais o mesmo governo portuguez a mandar educar á sua custa nas escolas dois ou mais dos filhos do dito regulo Muzilla, que este queira que recebam essa educação.

Quartel do governo de Lourenço Marques, 2 de dezembro de 1861.=*Diocleciano Fernandes das Neves*=*Ignacio José de Paiva Raposo*=*José de Sequeira Campêlo,* alferes encarregado do expediente=*Onofre de Paiva de Andrade*[1].

11° Le même gouvernement portugais s'oblige à faire construire, pour ledit régule Mouzilla et ses successeurs, une maison en maçonnerie (comme celles de la forteresse) dans le lieu de sa résidence.

12° Le gouvernement portugais s'oblige encore à faire élever, à ses frais, dans les écoles portugaises, deux fils ou plus dudit régule Mouzilla, lorsque celui-ci voudra que cette éducation leur soit donnée.

Quartier du gouvernement de Lourenço Marques, ce 2 décembre 1861.=*Diocleciano Fernandes das Neves*=*Ignacio José de Paiva Raposo*=*José de Sequeira Campêlo,* sous-lieutenant chargé du service=*Onofre Lourenço de Andrade*[1].

N.° 16

Doação do regulo da Moamba de todas as suas terras e dos regulos seus dependentes á corôa portugueza—2 de abril de 1805

Aos 2 dias do mez de abril do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1805, n'esta bahia de Lourenço Marques, e nas casas de residencia do governador d'ella, aonde fui eu Antonio Luiz do Rosario, escrivão d'esta bahia, chamado pelo rei de Moamba, e por elle me foi dito em lingua landina, em que sou versado, na presença das mais testemunhas que presentes se achavam, que elle, a instancia do governador d'esta bahia José Antonio Caldas, cedia e doava gratuitamente de hoje para todo o sempre ao dominio de Sua Alteza Real as suas terras de *Mafumo, Mafumo-Branco* e *Palane,* e para certeza d'isto mandou chamar os regulos Chalupana, Macompsana-Maxulenhara, Bamo, Mafundoana, Chitantana, Maparine, Esvori, Monhamela, Mafumo, Maslele, Madiangove, Macotini das mesmas terras, e lhes disse que de hoje em diante obedeceriam ao governador d'esta bahia, porquanto tinha já cedido as ditas terras de Mafumo, Mafumo-Branco e Palane a Sua Alteza Real e Principe Regente de Portugal; o que ouvido por elles lhes perguntou se estavam satisfeitos com a doação que fazia a Sua Alteza Real, a que responderam todos uniformemente que sim, e que de hoje em diante obedeceriam cegamente a tudo o que lhes fosse ordenado, e o ratificaram com o juramento dos seus ritos. O que ouvido pelo governador, disse ao Rei da Moamba, que elle em nome de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor acceitava a doação das ditas terras, e que debaixo de boa fé e amisade que tem tratado lhe promettia dar toda a ajuda e favor, por ter ordens do seu general para assim o fazer, e que Sua Alteza Real seria sciente pelo mesmo ex.mo sr. general, a quem dará parte na primeira occasião.

Em fé do que assim um e outro disseram, fiz o presente termo em que se assigna o governa-

[1] *Boletim official de Moçambique,* n.° 25, de 21 de junho de 1862.

(Traduction.)

Donation faite par le régule de Moamba de toutes ses terres et de celles des régules ses vassaux à la couronne portugaise—2 avril 1805

Ce 2 avril de l'an 1805 de la naissance de Notre-Seigneur Jésus-Christ, dans cette baie de Lourenço Marques, appelé par le roi de Moamba à la maison de résidence du gouverneur de la baie, il m'a été dit par le même roi en langue *landina,* dans laquelle je suis versé à moi, Antoine Louis do Rosario, notaire dans cette baie, et par devant les autres témoins présents, que, sur les instances de Joseph Antoine Caldas, gouverneur de cette baie, il cédait et donnait gratuitement et pour toujours au domaine de Son Altesse Royale les terres de *Mafoumo, Mafoumo Branco* et *Palane;* et pour confirmer cette déclaration il a fait appeler les régules Chalupana, Macompsana-Maxulenhara, Bamo, Mafundoana, Chitantana, Maparine, Esvori, Monhamela, Mafumo, Maslele, Madiangove, et Macotini, des mêmes terres, et il leur a dit qu'ils auraient à obéir désormais au gouverneur de cette baie, attendu qu'il avait cédé lesdites terres de Mafoumo, Mafoumo-Branco, et Palane à Son Altesse Royale le Prince Régent de Portugal. Après qu'ils eurent entendu cette déclaration, il leur a demandé s'ils étaient satisfaits de la donation qu'il faisait à Son Altesse Royale, ce à quoi tous ont répondu affirmativement, assurant qu'à partir de ce jour ils obéiraient aveuglement à tout ce qui leur serait ordonné, et ils ont ratifié cette déclaration par serment fait selon leurs usages. Ayant entendu cela, le gouverneur a dit au roi de Moamba, qu'il acceptait la donation desdites terres au nom de Son Altesse Royale le Prince Régent, notre maître, et que, sous la condition de la bonne foi et de l'amitié avec lesquelles il avait traité, il lui promettait toute protection et faveur, parce que tels étaient les ordres qu'il avait reçus de son général, et que Son Altesse Royale serait informée de la donation par l'entremise du même général, à qui il allait en faire communication à la première occasion.

En foi de quoi j'ai rédigé le présent procès-verbal, signé par le gouverneur, et, à la prière

[1] *Bulletin officiel de Mozambique,* n° 25, du 21 juin 1862.

dor, e a rogo do rei Moamba, Daud Sessesse, como interprete do mesmo rei, e todas as pessoas que presentes se achavam; e eu, Antonio Luiz do Rosario, escrivão d'esta bahia, que o escrevi.=*José Antonio Caldas,* governador e capitão mór=A rogo do rei da Moamba, *Daud Sessesse*=*Francisco Antonio de Sousa Cesar,* segundo tenente de artilheria=*Padre Manuel Martins Bayão,* capellão do destacamento=*Amado Saiba,* capitão do barco de viagem=*José Manuel da Silva,* cirurgião mór=*Caetano Manuel Pratas*=*Joaquim da Mota*=*Salvador Leite Pereira*=*Antonio Soares Maia*=*Francisco José Segundo*=*Adrião de Carvalho.*

A qual copia vae aqui copiada conforme o original que se acha a fl. 11 do livro do registo ao qual me reporto; e eu, Antonio Luiz do Rosario, escrivão d'esta bahia, a copiei aos 29 de abril de 1805=*Antonio Luiz do Rosario*[1].

du roi Moamba, par Daud Sessesse, comme interprète du même roi, ainsi que par toutes les personnes qui étaient présentes. Fait par moi, Antoine Louis do Rosario, notaire dans cette baie.=*Joseph Antoine Caldas,* gouverneur et capitaine-major.=A la prière du roi de Moamba, *Daud Sessesse*=*François Antoine de Sousa César,* lieutenant d'artillerie en second=*Emmanuel Martins Dayão,* capitaine du détachement=*Amado Saiba,* capitaine du navire de voyage=*Joseph Emmanuel da Silva,* chirurgien-major=*Caetano Manuel Pratas*=*Joachim da Mota*=*Salvador Leite Pereira*=*Antoine Soares Maia*=*François Joseph Segundo*=*Adrien de Carvalho.*

Cette copie est fidèlement transcrite de l'original, qui se trouve au fol. 11 du livre de régistre auquel je me rapporte, et elle a été faite par moi, Antoine Louis do Rosario, notaire, dans cette baie, ce 29 avril 1805.=*Antoine Louis do Rosario*[1].

N.° 17

(Traduction.)

Extracto de um parecer enviado de Moçambique ao vice-rei da India, Marquez de Castello Novo, em 1745

Extrait d'un avis envoyé de Mozambique au vice-roi de l'Inde, marquis de Castello Novo, en 1745

.....

Para o Cabo das Correntes[2] se póde e he conveniente mandar *todos os annos* hum navio ao resgate de marfim, guardando-se n'aquella viagem a ordem e fórma que *em outros tempos* se costumava, que era o capitão obrigado a fazer o dito resgate, e vóltar na monção sem deixar lá couza algũa de fatto ou cousa já resgatada[3].

.....

On peut, et il est convenable d'envoyer *tous les ans* au cap des Courants[2] un navire pour l'achat de l'ivoire, en observant dans ce voyage l'ordre et la forme usités *dans d'autres temps,* c'est-à-dire, que le capitaine sera obligé à faire ledit achat et à revenir pendant la mousson sans y laisser aucuns vêtements ou aucune chose déjà rachetée[3].

N.° 18

Article 4e du traité de paix du 6 août 1661 entre le roi Alphonse VI de Portugal et les États-Généraux des Provinces-Unies des Pays-Bas, accordant aux Hollandais la liberté de commerce dans les colonies portugaises

Liberum quoque Foederatis Belgis esto, navigationem atque iter moliri *in colonias omnes,* insulas, regiones, terrarum tractus, portus, civitates, pagos, emporia, quotquot dicto regno (Portugalliae) parent ac subsunt *per ditionem Africanam,* cui ac censetur Sancti Thomae insula, inibique morari, negotiari ac mercaturam exercere, etc.[4]

N.° 19

(Traduction.)

Nota sobre a expulsão dos hollandezes da bahia de Lourenço Marques, sem nome de auctor, de 1744

Note sur l'expulsion des Hollandais de la baie de Lourenço Marques, sans nom d'auteur—1744

Já no anno de 1728 foy hũ navio olandês ao mesmo porto (de Inhambane) para efeyto de

Dejà, en l'année 1728, un navire hollandais avait été au même port (de Inhambane) pour y

[1] Archivo do ministerio dos negocios estrangeiros e da legação portugueza em Londres.

[2] Vide a nota 1.ª ao documento n.° 19.

[3] Volume da collecção ms. do sr. Julio Firmino Judice Bicker citado na pagina seguinte, nota 2.

[4] Borges de Castro, *Collecção de tratados, convenções, contratos e actos publicos celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias,* tom. I. Lisboa, 1856, pag. 266.

[1] Archives du ministère des affaires étrangères et de la légation portugaise à Londres.

[2] Voir la note 1 du document n° 19.

[3] Volume de la collection manuscrite de M. Julio Firmino Judice Bicker cité à la page suivante, note 2.

[4] Borges de Castro, *Collecção de tratados, convenções, contratos e actos publicos celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias,* tom. I. Lisbonne, 1856, p. 266.

negociação, e armar fortaleza de fachinas na barra de Inhulinga, segundo o que se vio dos preparos que trazia para esse effeyto *por ter levantado a feytoria que tinham no Cabo das Correntes*[1], o que se lhe não consentiu por estarem *castigados os cafres d'aquelle paiz com hua guerra que de Sofalla se mandou a queimar a povoação de regollo que tinha admittido outro navio da mesma nação no anno de 1726*; e como se encontrasse o navio que d'esta fortaleza (de Moçambique) vay ao commercio com o segundo navio olandês o obrigou tambem a despejar[2].

négocier et pour y établir une redoute de fascines sur la barre d'Inhulinga, ainsi qu'on l'a vu par les objets qu'il apportait dans ce but, *parce qu'il avait défait la factorerie qu'ils possédaient au cap des Courants*[1]; ce à quoi on n'a pas consenti *parce que les Cafres de ce pays étaient châtiés par une expédition qu'on envoya de Sofala pour brûler la bourgade du régule qui avait admis un autre navire de la même nation en l'année 1726*; et comme le navire qui sort de ce port (Mozambique) pour faire le commerce, rencontra le second navire hollandais, il obligea aussi celui-ci à se retirer[2].

N.° 20

Instrucções ao marquez de Castello Novo, vice-rei da India[3] sobre a inhibição do commercio aos hollandezes em Lourenço Marques — 25 de março de 1744

§ 15. Com igual injustiça mandou a mesma companhia hollandeza occupar um anno o cabo das Correntes na costa de Moçambique, aonde com effeito chegaram a estabelecer-se os seus administradores, mas sendo depois expulsados pelos mesmos cafres, ordenei ao marquez do Louriçal que procurasse fechar aquella porta, assim aos mesmos hollandezes, como ás mais nações da Europa, para que não podessem por ella penetrar o paiz, de que resultaria um irreparavel prejuizo ao commercio de Moçambique e Rios de Senna. E porque me não consta o que o dito marquez obraria n'esta materia, a recommendo tambem ao vosso cuidado, pois ignoraes a sua importancia e consequencias.

(Traduction.)

Instructions données au marquis de Castello Novo, vice-roi de l'Inde[3], au sujet de la défense faite aux Hollandais de négocier dans la baie de Lourenço Marques — 25 mars 1744

§ 15. La même compagnie hollandaise a fait occuper pendant un an avec une semblable injustice, le cap des Courants sur la côte de Mozambique, où ses administrateurs ont été jusqu'à s'établir; mais comme ils en furent chassés ensuite par les Cafres eux-mêmes, j'ai ordonné au marquis de Louriçal de tâcher de fermer ce débouché aux Hollandais, aussi bien qu'aux autres nations de l'Europe, afin qu'ils ne pussent plus pénétrer par là dans le pays; ce dont il résulterait un préjudice irréparable pour le commerce de Mozambique et Rios de Senna. Et comme ce que le marquis a fait à cet égard, n'est pas arrivé à ma connaissance, je recommande cette affaire à vos soins, car je crois que vous en ignorez l'importance et les conséquences.

N.° 21

Extracto do relatorio do tenente coronel Antonio José de Mello sobre a bahia de Lourenço Marques, enviado pelo governador de Moçambique ao governo portuguez — 19 de agosto de 1763

Ao norte do dito rio (do Espirito Santo) e na costa de uma ilha á que chamam a Quifina (*Chefina*) ha vestigio de outra fortificação em figura quadrangular, que dizem ali ter sido a feitoria portugueza[4].

(Traduction.)

Extrait du rapport du lieutenant-colonel Antonio José de Mello sur la baie de Lourenço Marques, envoyé par le gouverneur de Mozambique au gouvernement portugais — 19 août 1763

Au nord de ce fleuve (Saint-Esprit) et près de la côte, dans une île nommée Quifina (*Chefine*) on voit les restes d'une fortification de forme quadrangulaire; on dit que c'était une des factoreries portugaises[3].

[1] A bahia de Lourenço Marques é muitas vezes designada em documentos officiaes e particulares de Moçambique pelo nome de estabelecimento de Cabo das Correntes.

[2] Na preciosa collecção manuscripta do sr. Julio Firmino Judice Bicker, chefe de repartição do ministerio dos negocios estrangeiros, volume intitulado *Governo da India e Africa oriental, 1744.*

[3] Existentes no archivo do governo da India portugueza, livro das *Monções*, n.° 117, fol. 173, e publicadas no *Chronista de Tissuary*. Nova Goa, 1867, tom. II, pag. 160.

[4] Archivo do ministerio da marinha.

[1] La baie de Lourenço Marques est souvent désignée dans plusieurs documents officiels et particuliers de Mozambique sous le nom d'établissement du cap des Courants.

[2] Dans la précieuse collection de manuscrits de M. Julio Firmino Judice Biker, chef de bureau du ministère des affaires étrangères, volume intitulé *Governo da India e Africa Oriental, 1744.*

[3] Ces instructions existent dans les archives du gouvernement de l'Inde portugaise, livre des *Moussons*, n.° 117, et ont été publiées dans le *Chronista de Tissuary*. Nova Goa, 1867, tom. 2e, p. 160

[4] Archives du ministère de la marine.

N.° 22

Portaria do governo portuguez, mandando desoccupar a Unhaca — 15 de setembro de 1870

Havendo negociações pendentes entre o governo portuguez e o de Sua Magestade Britannica relativas á bahia de Lourenço Marques, sobre a totalidade da qual a corôa de Portugal julga ter exclusivo direito; e sendo por isso justo que, emquanto se não ultimarem essas negociações, tanto a ilha de Unhaca, como a parte do continente sobre que versa a pendencia, não sejam occupadas por nenhuma das duas potencias: manda Sua Magestade El-Rei, pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, que o governador geral da provincia de Moçambique dê com a possivel brevidade as ordens convenientes para se retirar a guarnição portugueza da referida ilha; ficando assim respondido o seu officio sobre este assumpto datado de 3 de abril ultimo.

Paço, em 15 de setembro de 1870.=*Sá da Bandeira*[1].

(Traduction.)

Ordonnance du ministre de la marine pour faire évacuer l'île de l'Unhaca, 15 septembre 1870

Des négociations étant entamées entre le gouvernement portugais et celui de Sa Majesté Britannique relativement à la baie de Lourenço Marques, à la totalité de laquelle la couronne de Portugal croit avoir un droit exclusif; comme il est juste que, jusqu'à la fin de ces négociations, l'île de l'Unhaca, ainsi que la partie du continent qui fait l'objet de la contestation, ne soient occupées par aucune des deux puissances, Sa Magesté le Roi ordonne, par le ministère de la marine et des colonies, que le gouverneur général de la province de Mozambique envoie, le plus tôt possible, des ordres pour faire retirer la garnison portugaise de ladite île: ce qui sert de réponse à sa dépêche sur cet objet en date du 3 avril dernier.

Palais du roi, ce 15 septembre 1870.=*Sá da Bandeira*[1].

N.° 23

Officio do governador da India de 30 de abril de 1778, noticiando a tentativa de estabelecimento dos austriacos na bahia de Lourenço Marques

Illmo e ex.^mo^ sr.—O director da nossa nação residente em Surrate me escreveu, dando-me parte que áquelle porto chegára um navio austriaco da companhia austriaca asiatica de Trieste, porém que os inglezes lhe não permittiram descarregar fazendas, nem fazer commercio.

Que Guilherme Bolts, tenente coronel no serviço de suas magestades imperiaes e director geral da dita companhia, lhe fallára para que escrevesse ao governador da praça de Damão, para que lhe permittisse o fazer commercio na dita praça com o favor de alguns direitos.

. . . . . .

. . . . . .

Aqui correu a noticia que o dito navio austriaco encalhou na bahia de Lourenço Marques, sendo precisado a descarregar parte das fazendas para terra; que o dito director geral comprára certa porção de terreno ao negro rei d'aquelle continente; que n'elle fizera uma casa de fortificação, deixára n'ella algumas pessoas para a habitarem e defenderem, guarnecendo-a com peças e armas, para lhe servir aos navios austriacos que passarem o cabo da Boa Esperança, não só para tomarem os refrescos, mas para o commercio da Africa oriental.

. . . . . .

. . . . . .

Com esta noticia tive a cautela de mandar

[1] Archivo do ministerio da marinha.

(Traduction.)

Dépêche du gouverneur de l'Inde, du 30 avril 1778, faisant part de la tentative d'établissement des Autrichiens dans la baie de Lourenço Marques

Excellence:—Le directeur de notre nation résidant à Surrate m'a écrit pour me communiquer qu'un navire autrichien de la compagnie, autrichienne asiatique de Trieste, était arrivé dans ce port, mais que les Anglais ne lui avaient pas permis de décharger ses marchandises, ni d'entreprendre des opérations commerciales.

Que Guillaume Bolts, lieutenant-colonel au service de LL. MM. Impériales et directeur général de ladite compagnie, lui avait parlé afin qu'il écrivît au gouverneur de Damão pour en obtenir la permission de faire le commerce dans ce port à la faveur de la franchise de quelques droits.

. . . . . .

. . . . . .

Le bruit a couru ici que ledit navire autrichien a échoué dans la baie de Lourenço Marques et qu'il lui a fallu débarquer une partie de ses marchandises; que le directeur général avait acheté une certaine portion de terrain au roi nègre de ce continent; qu'il y avait établi un fort, y avait laissé quelques personnes pour le garder et le défendre, et l'avait pourvu d'artillerie et d'armes; et cela dans le but d'aider les navires autrichiens qui doubleraient le cap de Bonne-Espérance, non seulement à s'y ravitailler, mais encore à faire le commerce de l'Afrique orientale, etc.

. . . . . .

. . . . . .

Cette nouvelle m'étant parvenue, j'ai pris la

[1] Archives du ministère de la marine.

intimar ao dito director geral da companhia austriaca o protesto de que o terreno e costa da bahia de Lourenço Marques pertencia á conquista e dominios da corôa de Sua Magestade Fidelissima, que n'elle se não podiam construir fortificações, nem tomar posse dos seus terrenos sem expressa permissão da Rainha Nossa Senhora, e que a todo o tempo protestava pela conservação e reparação dos direitos de Sua Magestade Fidelissima, o que tudo rogo a v. ex.ª ponha na real presença de Sua Magestade, para se observar o que for servida ordenar.

Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. Goa, 30 de abril de 1778.—Ill.mo e ex.mo sr. Martinho de Mello e Castro.=*D. José Pedro da Camara* [1].

précaution de faire notifier au directeur général de la compagnie autrichienne le protêt énonçant que le territoire et la côte de la baie de Lourenço Marques appartenaient aux conquêtes et domaines de Sa Majesté Très-Fidèle, qu'on ne pouvait y construire de fortifications ni prendre possession de ses terrains sans permission expresse de la Reine, notre Souveraine, et que je protestais en tout temps pour la conservation et la réparation des droits de Sa Majesté Très-Fidèle. Je prie Votre Excellence de mettre tout l'exposé sous les yeux de Sa Majesté, afin que ce qu'elle ordonnera soit observé.

Dieu garde Votre Excellence. Goa, ce 30 avril 1778.—A Son Excellence, Martinho de Mello e Castro=*Don Joseph Pierre da Camara* [1].

N.º 24

Officio do ministro da marinha em resposta ao precedente em data de 15 de março de 1779

Em duas cartas escriptas de Goa, uma com data de 28, outra de 20 do mez de abril do anno proximo precedente, refere o predecessor de v. s.ª D. José Pedro da Camara, que um navio com pavilhão austriaco, commandado por Guilherme Bolts, inglez de nação, e tenente coronel ao serviço da casa de Austria, depois de montar o cabo de Boa Esperança passára *á bahia de Lourenço Marques, e n'aquelles dominios pertencentes á corôa de Portugal, comprára um terreno aos negros do paiz, e estabelecêra n'elle uma casa forte,* que guarnecêra com algumas peças de artilheria e munições competentes, deixando n'ella alguma gente da sua equipagem para guarda e segurança da referida casa forte.

Refere mais, que depois d'este attentado passára o dito navio a Damão e outros portos do norte, e que entrando ultimamente em Goa, propozera o referido Guilherme Bolts um tratado de navegação e commercio para o porto e praça de Damão, o qual, parecendo vantajoso, assim ao referido D. José Pedro da Camara, como á junta da real fazenda, o concluíra em 10 de abril do anno proximo precedente de 1778, na conformidade da copia junta.

Refere ultimamente que pelo que respeita ao que o referido Guilherme Bolts havia praticado na bahia de Lourenço Marques, tivera o mesmo D. José Pedro da Camara a cautela de mandar intimar ao dito Guilherme Bolts o protesto, de que o terreno e costa da mencionada bahia de Lourenço Marques pertencia aos dominios da corôa de Portugal, e que n'aquelles districtos se não podiam construir fortificações, nem tomar posse dos seus terrenos sem expressa permissão da Rainha Nossa Senhora. E que a todo o tempo protestava pela conservação e reparação dos direitos de Sua Magestade Fidelissima.

[1] Archivo do ministerio da marinha.

(Traduction.)

Dépêche du ministre de la marine en réponse à la précédente, datée du 15 mars 1779

Dans deux lettres écrites de Goa et datées, l'une du 28 et l'autre du 20 avril de l'année dernière, don Joseph Pedro da Camara, prédécesseur de votre seigneurie, rapporte qu'un navire au pavillon autrichien, commandé par Guillaume Bolts, anglais et lieutenant-colonel au service de la maison d'Autriche, après avoir doublé le cap de Bonne-Espérance est allé mouiller dans la baie de Lourenço Marques, et que dans ces domaines, appartenant à la couronne de Portugal, ce Bolts a acheté aux nègres du pays un terrain où il a établi un fort qu'il a garni de quelques pièces d'artillerie avec des munitions, y laissant aussi quelques hommes de son équipage pour le garder et le défendre.

Il ajoute qu'après cet attentat, ce navire est allé à Damão et dans d'autres ports du nord, et qu'étant enfin entré à Goa, le susdit Guillaume Bolts a proposé un traité de commerce et de navigation pour le port et la place de Damão, lequel traité ayant paru avantageux au dit don Joseph Pedro da Camara, aussi bien qu'au comité royal des finances, a été conclu le 10 avril de l'année dernière (1778), conformément à la copie ci-jointe.

Il rapporte enfin, qu'en ce qui concerne ce que Guillaume Bolts avait pratiqué dans la baie de Lourenço Marques, le même don Joseph Pedro da Camara avait eu la précaution de faire notifier au dit Guillaume Bolts le protêt énonçant que le territoire et la côte de la baie mentionnée de Lourenço Marques appartiennent aux domaines de la couronne de Portugal, et qu'on ne peut construire de fortifications dans ces districts ni prendre possession de leurs terrains sans permission expresse de la Reine, notre Souveraine; et qu'il protestait en tout temps en faveur de la conservation et de la réparation des droits de Sa Majesté Très-Fidèle.

[1] Archives du ministère de la marine.

É muito natural que o dito Guilherme Bolts volte a Goa, convidado do bom successo da sua precedente negociação, e que achando as cousas mudadas queira entrar com v. s.ª em desagradaveis discussões: estas porém deve v. s.ª evitar, reduzindo-se aos curtos e precisos termos de lhe mandar declarar:

Que confiando-lhe a Rainha Nossa Senhora esse governo, e achando que n'elle se tinha assignado um papel informe em figura de tratado, feito sem poder, ordem, nem auctoridade, v. s.ª o reputára por nullo e de nenhum effeito, e que tendo noticia de se haver construido uma fortaleza nos dominios portuguezes da costa da Africa oriental a mandára destruir, achando-se na firme resolução de tratar como inimigo da corôa de Portugal todo aquelle que commetter similhantes attentados; em tudo o referido deve v. s.ª mostrar, que obra de sua propria auctoridade em consequencia das obrigações do logar que occupa, sem que tivesse, nem lhe fosse precisa ordem alguma d'esta côrte; e na mesma conformidade deve mandar proceder com a maior indifferença a respeito do dito Guilherme Bolts até que elle se persuada que v. s.ª o vê com desagrado n'esse porto, e que desenganado de fazer valer as suas astucias, como precedentemente, se retire d'elle, mandando v. s.ª advertir os governadores de Diu e Damão para que lhe façam o mesmo tratamento.

O dito Guilherme Bolts foi nos seus principios caixeiro de uma casa de negocio ingleza estabelecida n'esta côrte, passou d'aqui a Londres, e entrou no serviço da companhia da India, onde adquiriu consideravel cabedal, o qual sendo-lhe sequestrado pela mesma companhia, se originou d'isto uma grande contestação entre ella e elle, de que resultou perder o dito Bolts todo o referido cabedal e ausentar-se de Londres.

Voltando a esta côrte haverá quatro ou cinco annos, pretendeu que aqui se lhe desse uma patente de consul geral da nação portugueza no oriente, propondo ao mesmo tempo varios projectos para o commercio da Asia, os quaes sendo-lhe todos rejeitados, a patente negada, e o dito Bolts reconhecido por um homem perigoso, aindaque habil, que procurava recuperar o que tinha perdido em Londres á custa d'aquelles que se deixassem illudir das suas suggestões; vendo o referido Bolts que n'esta côrte não podia fazer fortuna, por ser n'ella muito conhecido, passou á de Vienna e d'ella a Trieste, onde conseguiu de alguns negociantes armarem o navio de que lhe deram o commandamento.

Com elle voltou outra vez ao porto d'esta capital, onde intentou varias negociações mercantis, que por meios indirectos se lhe embaraçaram. Passou d'aqui á ilha da Madeira com intento de tomar ali uma porção de vinhos, o que tambem não conseguiu. Ultimamente dirigindo a sua derrota para o oriente, encontrou em os nossos dominios a inadvertencia e imprudente credulidade, que não pôde obter em outro algum ponto, nem ainda dos gentios.

Todo o fim do dito Bolts, como se vê dos

Il est très probable que Guillaume Bolts retourne à Goa attiré par le succès de sa précédente négociation, et que, trouvant les choses changées, il veuille entrer avec vous dans des discussions désagréables; mais vous devez les éviter, vous bornant à lui déclarer en termes courts et précis:

Que la Reine, notre Souveraine, vous ayant confié ce gouvernement, et que trouvant qu'on y avait signé un document imparfait sous forme de traité, sans ordre, ni pouvoir, ni autorité, vous l'avez déclaré nul et sans effet; et que, apprenant qu'un fort avait été bâti sur les domaines portugais de la côte de l'Afrique orientale, vous l'aviez fait détruire, vous trouvant dans la ferme résolution de traiter comme ennemi de la couronne de Portugal quiconque à l'avenir commettrait de semblables attentats. Vous devez montrer en tout cela que vous agissez de votre propre autorité en vertu des devoirs de la charge que vous remplissez et sans avoir reçu, ni avoir besoin de recevoir aucun ordre de cette cour; en conformité de quoi vous devez faire traiter Guillaume Bolts avec la plus grande indifférence, afin qu'il se persuade que vous le voyez avec déplaisir dans le port, et que, reconnaissant l'inutilité de ses ruses, comme précédemment, il en sorte; vous aurez soin d'avertir les gouverneurs de Diu et de Damão afin qu'ils en agissent de même avec lui.

Ce Guillaume Bolts a commencé par être commis d'une maison de commerce anglaise, établie dans cette capitale. D'ici il s'est rendu à Londres, où il est entré au service de la Compagnie des Indes. Il y a acquis une fortune considérable qui lui a été séquestrée par cette compagnie, ce qui a donné lieu entre elle et lui à un grand procès à la suite duquel il a perdu toute sa fortune et a dû quitter Londres.

De retour dans cette capitale, il y a quatre ou cinq ans; il a cherché à obtenir un brevet de consul général du Portugal en Orient, et a proposé en même temps divers projets pour le commerce d'Asie; ces projets furent rejetés, le brevet fut refusé, et ledit Bolts reconnu pour un homme dangereux, quoique habile, et qui cherchait à recouvrer ce qu'il avait perdu à Londres aux dépens de ceux qui se laisseraient tromper par ses manœuvres. Voyant qu'il était trop bien connu dans cette capitale pour pouvoir y faire fortune, Bolts passa à Vienne et de là à Trieste où il entraîna quelques commerçants à armer un navire dont ils lui donnèrent le commandement.

Il est encore revenu avec son navire dans le port de cette capitale où il a essayé diverses négociations commerciales qu'on a entravées par des moyens indirects. D'ici, il est parti pour l'île de Madère dans le but d'y acheter des vins, ce qu'il n'a pu effectuer. Ayant pris dernièrement la route de l'Orient, il trouva dans nos possessions cette légéreté et cette imprudente crédulité qu'il n'avait pu rencontrer sur aucun autre point, pas même chez les infidèles.

Le but que se propose ledit Bolts, ainsi qu'il

poderes que obteve da côrte de Vienna, e constam da copia junta, que apresentou n'essa capital, ha de ser negociar tratados, obter privilegios e concessões para formar estabelecimentos, sem se embaraçar da solidez d'elles, e munir-se de todos estes titulos bons ou maus, para que voltando com elles a Trieste, possa mostrar á côrte de Vienna as vantagens que se podem seguir aos seus vassallos, se em Trieste se fizerem maiores esforços para consolidar, proseguir e adiantar os primeiros fundamentos que deixou estabelecidos, principalmente em os nossos dominios da bahia de Lourenço Marques, Damão e Goa, que lhes facilitam o commercio da costa oriental da Africa, de Cambaia e costa de Malabar.

O dito Bolts tem arte, destreza e astucia, acompanhada de um grande conhecimento do commercio da Asia, para poder persuadir e talvez determinar a côrte de Vienna com estas idéas a formar uma companhia em Trieste, aindaque corra o risco de lhe acontecer o mesmo que á de Ostende. E como não convem por modo algum que os dominios d'esta corôa sejam o instrumento, e talvez a victima das machinações do referido Guilherme Bolts, se faz indispensavelmente necessario corta-las desde logo na sua origem na fórma acima determinada, antes que tomem maior corpo.

Deus guarde a v. s.ª Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 15 de março de 1779.= *Martinho de Mello e Castro*[1].

appert des pouvoirs qu'il a obtenus de la cour de Vienne et qui sont contenus dans la copie ci-jointe, doit être de négocier des traités, d'obtenir des privilèges et des concessions pour fonder des établissements, sans s'embarrasser de leur stabilité, et de se munir de tous ces titres, bons ou mauvais, afin de pouvoir montrer à la cour de Vienne, à son retour à Trieste, les avantages que ses vassaux peuvent en retirer si l'on fait à Trieste de plus grands efforts pour consolider, continuer et augmenter les premiers établissements qu'il a fondés, surtout dans nos domaines de la baie de Lourenço Marques, Damão et Goa, qui leur rendent facile le commerce de la côte orientale d'Afrique, de Cambaia et de la côte du Malabar.

A sa grande connaissance du commerce de l'Asie, Bolts joint assez d'adresse, de ruse et d'activité pour arriver à déterminer peut-être la cour de Vienne à former, d'après ses idées, une compagnie à Trieste, même au risque de partager le sort de celle d'Ostende. Et comme il ne convient nullement que les domaines de cette couronne soient en butte aux entreprises et aux machinations de Guillaume Bolts, il devient de tous points nécessaire de les faire échouer dès leur origine de la manière indiquée plus haut, et avant qu'elles ne prennent plus d'importance.

Dieu garde Votre Seigneurie. Palais de Notre-Dame d'Ajuda, ce 15 mars 1779.=*Martinho de Mello e Castro*[1].

N.º 25

Officio do governador da India, participando ao ministro da marinha ter mandado uma expedição para expulsar os austriacos da bahia — 20 de janeiro de 1781

Ill.mo e ex.mo sr. — Na carta de 15 de março do anno proximo precedente, me participa v. ex.ª que pela carta que me dirigiu, em data de 15 de março de 1779, que começa pelas palavras: «Em duas cartas escriptas de Goa...» me instruia de tudo o que se havia passado com o denominado Guilherme Bolts, que se dizia official ao serviço da casa de Austria, e commandante de um navio que, com o pavilhão imperial, passou á bahia de Lourenço Marques, e ahi estabeleceu uma casa forte com artilheria e guarnição militar.

Que na mesma carta se me ordenára de mandar destruir e arrasar a dita casa forte, por ser um attentado commettido nos dominios portuguezes de Africa oriental.

Que constára n'essa côrte que o dito Guilherme Bolts, depois de correr differentes portos da Asia, voltára ao de Trieste com o seu navio bastantemente carregado, tendo mandado antecedentemente outra embarcação tambem com carga para o mesmo porto.

[1] Archivo do ministerio da marinha.

(Traduction.)

Dépêche du gouverneur de l'Inde apprenant au ministre de la marine, qu'il a fait partir une expédition pour chasser les Autrichiens de la baie — 20 janvier 1781

Excellence. — Dans sa lettre du 15 mars de l'année dernière, Votre Excellence me communique que, par la lettre qu'elle m'a adressée le 15 mars 1779 et qui commence par ces mots: «Dans deux lettres écrites de Goa...» elle me mettait au fait de tout ce qui s'était passé à l'égard du nommé Guillaume Bolts, se disant officier au service de la maison d'Autriche, et commandant d'un navire qui, sous pavillon impérial, est allé établir dans la baie de Lourenço Marques un fort muni d'artillerie et pourvu d'une garnison militaire.

Que dans cette même lettre il m'était ordonné de faire détruire et raser ledit fort, attendu que sa construction était un attentat à notre souveraineté, commis sur les domaines portugais de l'Afrique orientale.

Qu'on avait su dans la capitale qu'après avoir parcouru plusieurs ports d'Asie, ledit Guillaume Bolts était retourné à Trieste avec son navire suffisamment chargé, ayant envoyé précédemment un autre navire aussi chargé au même port.

[1] Archives du ministère de la marine.

Que constára mais, que alli se cuida muito em formar uma companhia para o negocio da Asia, e se os navios que d'ali se expedirem acharem ainda em ser o estabelecimento que o dito Bolts formou nos referidos dominios portuguezes, será mais difficil depois de os lançar fóra d'elles; e que n'esta intelligencia não devo perder tempo algum em executar as ordens de Sua Magestade, segundo o que me foi determinado na referida carta.

Que no caso de me ser precisa alguma tropa de Moçambique para a dita expedição, por ficar mais perto, que ali tem Sua Magestade mandado formar um regimento.

Pela carta de 28 de janeiro do anno proximo precedente de 1870, que começa pelas palavras: «Em carta de v. ex.ª de 15 de março...», respondi e dei conta a v. ex.ª da execução que tinha dado ás ordens de Sua Magestade, que só esperava n'este anno ver se os effeitos dos ditos estabelecimentos se desvaneciam, como se publicava, ou se continuavam nos seus projectos para mandar n'este caso á dita bahia arrasar a dita casa forte.

E constando com certeza que giram varios navios com o pavilhão imperial, fazendo commercio na Africa oriental e Asia, mandei expedir a fragata de guerra denominada *Santa Anna,* sendo commandante d'ella o capitão de mar e guerra Nicolau Delgado Figueira da Cunha de Eça, guarnecendo-a com uma companhia de infanteria, outra dos soldados da legião dos voluntarios reaes, um destacamento de artilheria, peças de campanha e munições competentes, encarregando do commandamento da tropa de desembarque ao tenente coronel da dita legião Joaquim Vicente Godinho de Mira, ordenando ao dito commandante, na conformidade das ordens de Sua Magestede, que logoque chegasse ao sitio onde se acha a dita fortaleza ou casa forte, faça o seu desembarque e ataque bruscamente, destruindo e arrasando tudo que ali se houver feito de estabelecimentos ou fortificações, e fazendo reconhecer aos negros do paiz, que incorrerão na indignação de Sua Magestade se consentirem que nação alguma se estabeleça nos dominios d'esta corôa, ou faça commercio n'aquella costa, e trazendo para Goa a guarnição que ali se achar.

Ao governador e capitão general de Moçambique escrevi para auxiliar esta diligencia e commissão com uma companhia de infanteria, praticos, munições e tudo o mais que parecer preciso.

Considerando que ficariam frustaneas e inuteis para o futuro estas providencias, tomei as precauções, por uma parte ordenando ao governador de Dio que, chamando os mercadores d'aquella praça, que annualmente mandam cinco navios ao commercio de Moçambique, os persuadisse a mandar cada anno dois ou um dos navios por alternativa fazer o commercio no territorio da dita bahia de Lourenço Marques; por outra parte preveni ao dito governador e capitão general désse as providencias de persuadir os homens de negocio d'aquella

Qu'on avait su, en outre, qu'on s'y occupait beaucoup de former une compagnie pour le commerce de l'Asie; que si cette compagnie expédiait des navires, l'établissemens fondé par Bolts sur les domaines portugais existant encore, il deviendrait plus difficile de les en chasser, et que, par conséquent, je dois sans perdre de temps, exécuter les ordres de Sa Majesté, ainsi qu'il m'a été enjoint dans ladite lettre.

Que dans le cas où j'aurais besoin de quelques troupes de Mozambique, ce port, étant le plus prochain, Sa Majesté avait ordonné d'y former un régiment.

Par ma lettre du 28 janvier de l'année dernière (1780), qui commence par ces mots: «Dans la lettre de Votre Excellence du 15 mars...», j'ai répondu et j'ai rendu compte à Votre Excellence de l'exécution que j'avais donné aux ordres de Sa Majesté, lui apprenant que j'attendais encore à cette année pour voir si lesdits établissements s'évanouissaient d'eux-mêmes, ainsi qu'on le disait, ou si au contraire l'on continuait dans les mêmes projets pour, dans ce cas, envoyer une expédition à ladite baie, afin de raser le fort susdit.

Sur l'assurance que différents navires, portant pavillon impérial, faisaient le commerce dans l'Afrique orientale et en Asie, j'ai fait partir la frégate de guerre *Sainte-Anne,* commandée par le capitaine de vaisseau Nicolas Delgado Figueira da Cunha de Eça, après y avoir embarqué une compagnie d'infanterie, une compagnie de la légion des volontaires royaux et un détachement d'artillerie avec des pièces de campagne et des munitions; j'ai chargé du commandement des troupes de débarquement le lieutenant-colonel de la même légion, Joachim Vincent Godinho de Mira, lui ordonnant, conformément aux ordres de Sa Majesté, d'opérer le débarquement aussitôt qu'il serait arrivé devant ledit fort ou maison fortifiée, de l'attaquer énergiquement, de détruire et de raser tous établissements ou fortifications, de faire sentir aux nègres du pays qu'ils encourraient la colère de Sa Majesté chaque fois qu'ils permettraient à une nation quelconque de s'établir dans les domaines de cette couronne ou de faire des opérations commerciales sur cette côte, et, enfin, de conduire à Goa la garnison qui s'y trouverait.

J'ai écrit au gouverneur et capitaine-général de Mozambique pour qu'il prêtât son concours à cette expédition en lui fournissant une compagnie d'infanterie, des pilotes, des munitions et tout ce qui semblerait nécessaire.

Dans le but d'empêcher que ces mesures ne deviennent inutiles dans l'avenir, j'ai cru devoir, par précaution, ordonner, d'une part, au gouverneur de Diu de réunir les marchands de cette place qui envoient tous les ans cinq navires pour faire le commerce de Mozambique, et de les déterminer à envoyer un ou deux de ces navires alternativement pour faire le trafic sur le territoire de ladite baie de Lourenço Marques; d'autre part, engager ledit gouverneur et capitaine général à prendre les mesures propres à persuader aux commerçants de cette ville de

villa ao mesmo fim, de que annualmente vão, ou mandem fazer commercio com os negros d'aquelle paiz; e que... muito principalmente mandasse uma embarcação ou palla armada em guerra, que ande de guarda-costa na dita bahia, para impedir e defender ás nações estrangeiras o commercio e usurpação dos reaes dominios.

.....

.....

Deus guarde a v. ex.ª Goa, 20 de janeiro de 1781.—Ill.mo e ex.mo sr. Martinho de Mello e Castro.=*D. Frederico Guilherme de Sousa*[1].

suivre la même conduite et d'aller ou d'envoyer faire le commerce avec les nègres de ce pays;... et surtout d'envoyer une embarcation *(palla)* armée en guerre pour garder la côte de la baie et empêcher le commerce des nations étrangères et leur défendre l'usurpation des domaines royaux.

.....

.....

Dieu garde Votre Excellence. Goa, ce 20 janvier 1781.—A son excellence Martinho de Mello e Castro.=*Don Frédéric Guillaume de Sousa*[1].

N.º 26

Officio do governador de Moçambique ao ministro da marinha, dando conta do resultado da expedição— 18 de agosto de 1781

Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho dado a v. ex.ª conta do estado em que este paiz estava e a sua direcção, agora offerece-se-me dar parte a v. ex.ª em como a tantos de abril chegou aqui uma fragata de Goa com tres companhias, uma de cipaes, outra de infanteria e outra do artilheria, com ordens para que, dando-se-lhe aqui mais uma companhia de cem homens, e uma ou duas embarcações para o seu transporte para a bahia de Lourenço Marques; e como a occasião foi tão opposta a taes projectos, por não haver nem uma só embarcação de gavia, por terem ido para Quilimane buscar mantimentos, ficou frustrada a expedição d'esta capital, ainda que nós tinhamos noticia certa que lá não havia objecto de tanta força; foi com effeito só a fragata *Santa Anna* para o cabo das Correntes, e achando lá duas pallas imperiaes e uma corveta ingleza, as represaram e as trouxeram a este porto com o destino de as conduzirem para Goa, conforme as suas instrucções, menos a corveta ingleza, que a deixaram livre para ir a Bombaim; tambem lá acharam uma corveta ingleza com bandeira portugueza e passaporte do governador de Damão, que lá deixaram ficar em boa paz, com o pretexto de vir a este porto de Moçambique, mas até ao presente ainda cá não chegou.

Eu, que depois do bom successo da expedição e morte do general meu antecessor, vi as instrucções remettidas a este governo pelo governador da India, e me inteirei das instrucções de Sua Magestade, e gosto que faz de conservar e estabelecer o commercio d'aquelle importantissimo porto, comprei logo para a real fazenda a corveta de Silvestre Alvares de Moura, que depois de vir das ilhas de França, arribada a Quilimane, lá morreu o dono e quasi toda a equipagem, e veiu para esta capital para ser arrematada pelos defuntos e ausentes; ella se comprou pelo commodo preço de 16:000 cruza-

[1] Archivo do ministerio da marinha.

(Traduction.)

Dépêche du gouverneur de Mozambique au ministre de la marine, lui donnant connaissance du résultat de l'expédition— 18 août 1781

Excellence.—J'ai rendu compte à Votre Excellence de l'état dans lequel se trouve ce pays et son gouvernement; je saisis maintenant l'occasion de communiquer à Votre Excellence qu'au mois d'avril il est arrivé ici une frégate de Goa avec trois compagnies, une de cipayes, une d'infanterie et une d'artillerie. Cette frégate nous apportait l'ordre de lui fournir ici une autre compagnie de cent hommes et une ou deux embarcations pour les transporter jusqu'à la baie de Lourenço Marques. Cet ordre n'a pu être mis à exécution car à ce moment il n'y avait pas ici un seul navire, tous ceux que nous avions ayant été chercher des vivres à Quilimane. L'expédition qui devait partir de cette capitale n'a donc pu avoir lieu, mais nous étions bien sûrs qu'il n'était pas nécessaire de déployer tant de forces. En effet, la frégate *Sainte-Anne* s'est rendue seule au cap des Courants, et y ayant trouvé deux navires *(pallas)* impériaux et une corvette anglaise, elle les a pris et conduits dans ce port afin de les faire partir pour Goa, sauf la corvette anglaise à laquelle on a laissé la liberté de retourner à Bombay. La frégate y a trouvé aussi une corvette anglaise avec pavillon portugais et munie d'un passeport du gouverneur de Damão; elle l'y a laissée en paix, sous condition qu'elle viendrait à Mozambique; jusqu'à présent toutefois, cette corvette n'est pas arrivée.

Après le succès de l'expédition et la mort du général mon prédécesseur, ayant en vue les instructions envoyées à ce gouvernement par le gouverneur de l'Inde, et le plaisir qu'aurait Sa Majesté à conserver et à établir le commerce de ce port considérable, j'ai acheté immédiatement pour le compte de l'État la corvette de Silvestre Alvares de Moura, qui, venant des îles de France a relâché à Quilimane, où son propriétaire est mort ainsi que presque tout l'équipage, et qui s'est rendue ensuite à cette capitale pour y être vendue par l'administration des défunts et absents. Elle a été achetée au prix

[1] Archives du ministère de la marine.

dos, aindaque, por não ter massame, se deve gastar com ella mais 8:000 cruzados; é nova, de boas madeiras, e poderá levar trezentas toneladas, e muito propria para aquelle porto.

Quando Sua Magestade não leve esta compra em bem, não terei duvida responder pelo seu importe, e ficar com ella; mas eu a comprei com o projecto de aproveitar-me da occasião, mandando-a com carga dos mercadores, e sessenta homens de tropa com officios competentes, um feitor, um commandante com todos os petrechos que forem possiveis ás forças d'esta praça, e estabelecer ali uma feitoria, assim como os austriacos lá tinham, com trincheira e casa forte, ... e faço tenção de mandar todos os seis mezes uma embarcação d'esta praça, a continuar o commercio que por espaço de nove annos estava quasi perdido, motivo por que os negros d'aquelle paiz nos não têem tanto affecto como nos primeiros tempos, de sorte que indo o anno passado uma embarcação de Victorino José Garcia a negociar n'aquelle porto com o indulto de 8 por cento de direitos, os cafres o roubaram e lhe mataram alguma gente, tudo talvez machinado por um administrador dos austriacos, mr. Pollet, que lá estava de assistencia; aquelle negocio será tão vantajoso para Sua Magestade como eu me gloriarei, conseguindo o seu bom fim de fazer este serviço á minha soberana!

.....

.....

É quanto se me offerece dizer a v. ex.ª, emquanto não chega a nau de viagem, que me persuado que irá por fóra. Pelo navio de Francisco de Paula exporei a v. ex.ª o que agora não posso dizer.

Á ill.ma e ex.ma pessoa de v. ex.ª, que Deus guarde muitos annos. Moçambique, 18 de agosto de 1781.=*Vicente Caetano da Maia e Vasconcellos* [1].

peu élevé de 16,000 cruzados (fr. 35,550), quoique, n'étant pas gréée, il faille dépenser encore 8,000 cruzades (fr. 17.775); elle est neuve, et faite de bon bois. Elle jauge trois cents tonneaux, et convient beaucoup au service de ce port.

Si Sa Majesté n'approuve point cet achat, je n'hésite pas à me rendre responsable de sa valeur et à garder pour moi le navire; cependant je l'ai acheté pour profiter de cette bonne occasion et pour l'envoyer avec un chargement des commerçants, soixante soldats, les ouvriers nécessaires, un gérant, et un commandant avec toutes les munitions dont cette place pourra avoir besoin, afin d'y établir une factorerie comme celle des Autrichiens avec une tranchée et un fort, ... J'ai aussi l'intention d'envoyer tous les six mois un navire de cette place, afin d'y continuer le commerce qui se trouve presque paralysé depuis neuf ans, ce qui fait que les nègres de ce pays n'ont plus pour nous autant d'affection qu'autrefois. C'est ainsi qu'un navire de Victorien Joseph Garcia étant allé l'année dernière négocier dans ce port avec la réduction de 8 pour cent des droits, les Cafres l'ont pillé et en ont tué quelques hommes; ce qui d'ailleurs est peut-être l'ouvrage d'un administrateur des Autrichiens, M. Pollet, qui s'y trouvait alors. Cette affaire me semble fort avantageuse pour Sa Majesté, et si je réussis, je serai heureux d'avoir rendu ce service à ma Souveraine.

.....

.....

C'est tout ce que j'ai à dire à Votre Excellence en attendant l'arrivée du vaisseau: je suis persuadé qu'il a fait le tour de Madagascar. Par le navire de François de Paula j'exposerai à Votre Excellence ce que je ne puis lui dire maintenant.

Dieu garde Votre Excellence. Mozambique, ce 18 août 1781.=*Vicente Caetano da Maia e Vasconcellos* [1].

N.º 27

Officio do governador da India ao ministro da marinha, dando igual conta do resultado da expedição—14 de março de 1782

Ill.mo e ex.mo sr.—Pela carta de 20 de janeiro do anno proximo precedente, que principia: «Na carta de 15 de março...», dei conta a v. ex.ª que fiz expedir a fragata de guerra denominada *Santa Anna*, nomeando commandante da tropa de desembarque a Joaquim Vicente Godinho de Mira, tenente coronel da legião dos voluntarios reaes, com a gente precisa, munições e petrechos de guerra para fazer desembarque na bahia de Lourenço Marques, arrasar e destruir tudo que ali achasse feito de estabelecimento e fortificações por Guilherme Bolts, que se dizia official ao serviço da

[1] Archivo do ministerio da marinha.

(Traduction.)

Dépêche du gouverneur de l'Inde au ministre de la marine, sur la réussite de l'expédition—14 mars 1782

Excellence.—Par ma lettre du 20 janvier de l'année dernière qui commence: «Dans votre lettre du 15 mars...», j'ai communiqué à Votre Excellence que j'avais fait partir la frégate de guerre *Sainte-Anne*, et que j'avais nommé commandant des troupes de débarquement Joachim Vincent Godinho de Mira, lieutenant-colonel de la légion des volontaires royaux. La frégate portait les hommes, les munitions et les engins de guerre nécessaires à un débarquement dans la baie de Lourenço Marques, et le commandant avait l'ordre de raser et de détruire l'établissement et les fortifications qui y auraient été

[1] Archives du ministère de la marine.

casa de Austria, e trazendo para Goa a guarnição que ali achasse. Que ao governador e capitão general de Moçambique escrevi para o auxiliar com uma companhia de infanteria, praticos e o mais que parecesse preciso.

O tenente coronel, arribando a Moçambique, não foi soccorrido com a companhia de infanteria, e partindo para a dita bahia lhe foi preciso ir ao porto de Inhambane buscar praticos. Continuou a sua viagem e executou bem a sua commissão, porque chegando á dita bahia e vendo em terra uma casa forte ou bateria de treze peças, com pavilhão imperial, fez o seu desembarque, mandou arriar o dito pavilhão e içar o de Sua Magestade. Mandou arrasar e destruir pelos seus fundamentos a dita bateria, e conduzir a artilheria para bordo da fragata.

Achando o mesmo tenente coronel duas embarcações pequenas no estaleiro, que o dito Bolts mandou construir uma e concertar outra, as mandou desfazer em lenha para provimento da fragata.

Tendo o dito tenente coronel commandante noticia que o referido Bolts construíra um armazem de madeiras na ilha da Unhaca, ancorou junto a essa, e achando o dito armazem, não lhe sendo possivel conduzir as madeiras pelo empacho que faziam á fragata, mandou lançar-lhes fogo que as consumiu, ficando destruido o dito armazem.

Na instrucção que dei ao dito commandante, que consta do documento junto, n.º 1, lhe ordenei que achando na dita bahia algumas embarcações pertencentes ao dito Bolts as represasse como attinentes ao dito estabelecimento, e as fizesse conduzir ao porto d'esta cidade, trazendo toda a gente que achasse, não só na dita casa forte, mas tambem a das embarcações represadas.

Tambem lhe ordenei, que havendo noticia que os inglezes frequentavam aquelle porto com embarcações ao commercio d'elle sem licença de Sua Magestade, que lhes intimasse que largassem o dito porto e commercio, fazendo-lhes tres intimações e admoestações, como se vê da mesma instrucção. O tenente coronel commandante encontrou n'aquelle rio e bahia duas pallas, uma denominada o *Principe Fernando,* e outra o *Conde de Proli,* com bandeira imperial, vindo em uma André Daniel Pollet, nomeado novo director d'aquelle estabelecimento pelo dito Bolts. Mandou represar ambas as pallas, dando o commando de uma ao capitão tenente Francisco Xavier Lobo da Gama, e o da outra ao capitão tenente Candido José Mourão, e as fez conduzir ao porto d'esta cidade, onde tanto que chegaram mandei logo ao desembargador juiz dos feitos da corôa e fazenda fizesse exacto inventario, sequestro e deposito d'elles, seus apparelhos e carregações que constavam de marfim, missanga e outros generos de que alguns se venderam em hasta publica, por se não diminuir o seu preço, que ficou tambem no sequestro e deposito até á real resolução de Sua Magestade.

établis par Guillaume Bolts, soi-disant officier au service de la maison d'Autriche, et de ramener la garnison à Goa. Je disais encore que j'avais écrit au gouverneur et capitaine général de Mozambique lui enjoignant de fournir à l'expédition le concours d'une compagnie d'infanterie, des pilotes et tout ce qui serait nécessaire.

A son arrivée à Mozambique, le lieutenant-colonel n'a pas reçu le renfort de la compagnie d'infanterie, il a fait voile vers la baie, et a touché au port d'Inhambane pour y prendre des pilotes. Il a continué son voyage et s'est bien acquitté de sa commission; car, à son arrivée à ladite baie, voyant sur le rivage un fort ou batterie de treize canons, avec drapeau impérial, il a opéré la descente et a fait amener ledit drapeau et arborer celui de Sa Majesté. Il a fait raser la batterie jusque dans ses fondements et transporter l'artillerie à bord de la frégate.

Le même lieutenant-colonel ayant trouvé sur le chantier deux petites embarcations, dont l'une était en construction et l'autre en réparation par ordre de Bolts, les fit mettre en pièces pour servir de bois à brûler pour les besoins de la frégate.

Ledit lieutenant-colonel commandant, ayant su que Bolts avait construit un chantier dans l'île de l'Unhaca, jeta l'ancre tout près de cette île. Comme il ne pouvait faire embarquer les pièces de bois à cause de l'embarras qu'elles causeraient à bord de la frégate, il y fit mettre le feu et détruisit le chantier.

Dans l'instruction que j'ai donnée audit commandant, document ci-joint, n° 1, je lui ai ordonné, pour le cas où il trouverait dans ladite baie quelques navires appartenant à Bolts, de les saisir comme faisant partie de l'établissement, et de les faire conduire au port de cette ville, emmenant avec lui tous les hommes qu'il trouverait et dans le fort et à bord de ces navires.

Je lui ai encore ordonné que, dans le cas où il viendrait à savoir que les Anglais fréquentaient ce port avec des navires pour y faire le commerce sans la permission de Sa Majesté, il leur enjoignît de quitter le port et d'abandonner ce commerce, procédant par trois intimations et admonestations, ainsi qu'il appert de la même instruction. Le lieutenant-colonel commandant a trouvé dans la baie et dans le fleuve deux navires *(pallas),* l'un nommé *Prince Ferdinand* et l'autre *Comte de Proli,* portant pavillon impérial. L'un d'eux avait à son bord André Daniel Pollet, nommé par Bolts nouveau directeur de cet établissement. Il a fait réparer les deux navires et a donné le commandement de l'un au capitaine-lieutenant François Xavier Lobo da Gama, et celui de l'autre au capitaine-lieutenant Candido Joseph Mourão, avec ordre de les conduire à Goa. Dès leur arrivée, j'ai ordonné au juge des procès de la couronne et des finances de procéder à l'inventaire exact, au séquestre et au dépôt de ces navires, de leurs apparaux et de leurs chargements, qui consistaient en ivoire, en verroterie et autres articles. Une partie de ces chargements a été vendue à l'enchère pour ne pas en diminuer le prix;

Achando o tenente coronel commandante no dito rio e bahia uma embarcação com bandeira portugueza e cartas do governador de Damão, sendo senhorio e armadores os vassallos de sua magestade britannica moradores em Surrate, capitão Estevão Pit, lhe deixou fazer livre commercio.

.....

Dei liberdade á gente das pallas imperiaes para ficarem no Estado ou irem para onde lhe parecesse, e os mais d'elles fizeram viagem para varios portos; o que tudo participo a v. ex.ª para que, sendo presente a Sua Magestade, resolva a mesma Senhora o que for Servida.

Deus guarde a v. ex.ª Goa, 14 de março de 1782.—Ill.mo e ex.mo sr. Martinho de Mello e Castro.=*D. Frederico Guilherme de Sousa*[1].

le produit de la vente est resté sous séquestre et en dépôt jusqu'à la royale décision de Sa Majesté.

Le lieutenant-colonel commandant, ayant trouvé dans les eaux de la baie un navire portant pavillon portugais et muni de lettres du gouverneur de Damão, dont le propriétaire et les armateurs étaient des sujets de Sa Majesté Britannique demeurant à Surrate, et qui avait pour capitaine Etienne Pit, lui a laissé faire le commerce librement.

.....

J'ai accordé aux hommes composant les équipages des navires impériaux la liberté de rester dans la colonie, ou d'aller où bon leur semblerait. La plupart d'entre eux sont partis pour différents ports. Je rends compte du tout à Votre Excellence, afin que Sa Majesté en prenne connaissance, et ordonne ce qui lui semblera bon.

Dieu garde Votre Excellence. Goa, ce 14 mars 1782. —Son Excellence Martinho de Mello e Castro.=*Don Frederico Guilherme de Sousa*[1].

ANNEXOS AO N.° 27

N.° 1

Foi v. ex.ª servido nomear-me para commandante da expedição, que se dirigiu ao cabo de Correntes, bahia de Lourenço Marques e rio do Espirito Santo, com o fim de se arruinar e demolir qualquer estabelecimento, que o austriaco Guilherme Bolts tivesse erigido n'aquella parte de Africa oriental, por serem aquelles territorios usurpados ao dominio de Sua Magestade Fidelissima, e aos seus vassallos as grandes utilidades de commercio, que estes poderiam fazer n'aquella costa tão propria para os maiores interesses d'elle.

Para aquelle fim recebi com a instrucção de v. ex.ª, que juntamente remetto, a ordem para no dia 19 de janeiro de 1781, embarcar com a minha tropa na fragata *Sant'Anna,* destinada para a referida viagem, que principiei no dia seguinte, dirigindo-se por ordem de v. ex.ª a minha primeira escala ao porto de Moçambique, aonde entrámos aos 20 de fevereiro. Para o governador d'aquella praça, Francisco José de Vasconcellos, levava cartas de v. ex.ª relativas á expedição de que ia encarregado, e conforme a minha instrucção lhe pedi as providencias de algumas pequenas embarcações, de pratico e de tropa. Logoque lhe fallei n'esta materia me disse que elle não ignorava que já na monção do anno antecedente elle esperava esta expedição, pelas ordens que, relativas a ella, tinha recebido da côrte, e que a tudo proveria na conformidade d'ellas. Repeti no dia seguinte as mesmas diligencias, para que qualquer inesperada demora me não fizesse perder a monção para o sul, a qual estava já declarada. N'esta segunda pratica o governador me respondeu com summa frouxidão, representando-me duvidas e allegando-me faltas, devendo-me dar pro-

[1] Archivo do ministerio da marinha.

ANNEXES AU N° 27

N° 1

Votre Excellence a bien voulu me nommer commandant de l'expédition, qui a été envoyée au cap des Courants dans la baie de Lourenço Marques et au fleuve du Saint-Esprit, dans le but de raser tout établissement que l'Autrichien Guillaume Bolts aurait fondé sur ce point de l'Afrique orientale, sur des territoires usurpés au domaine de Sa Majesté Très-Fidèle, portant ainsi atteinte aux grands avantages que ses sujets peuvent retirer du commerce de cette côte si propre à leur procurer les plus grands profits.

Dans ce but j'ai reçu, avec l'instruction de Votre Excellence, que je renvoie ci-jointe, l'ordre de m'embarquer le 19 janvier 1781 avec mes troupes sur la frégate *Sainte-Anne* destinée à ce voyage que j'entreprenais dès le lendemain, faisant, par ordre de Votre Excellence, ma première échelle au port de Mozambique, où nous sommes entrés le 20 février. J'avais pour le gouverneur de cette place, François Joseph de Vasconcellos, des lettres de Votre Excellence relatives à l'expédition dont j'étais chargé, et conformément à mes instructions, je lui demandai quelques petites embarcations, des pilotes, et de la troupe. Aussitôt que j'abordai cette matière, il me dit qu'il était au courant de l'affaire, qu'il attendait déjà l'expédition à la mousson de l'année antérieure d'après des ordres qu'il avait reçus de la capitale à ce sujet, et qu'il pourvoirait à tout en conformité de ces mêmes ordres. Je renouvelai mes instances le jour suivant, dans la crainte qu'un retard imprévu ne me fit perdre la mousson du S., qui s'était déjà déclarée. Dans cette seconde entrevue, le gouverneur, au lieu de prendre les mesures qui lui étaient dictées, me répondit

[1] Archives du ministère de la marine.

videncias; finalmente me disse que o mais que me poderia dar de tropa seriam quarenta homens, visto os muitos soldados que lhe tinham fallecido, e os muitos que estavam doentes; que ainda para estes seria preciso que eu lhe completasse o armamento, mas que emquanto a embarcação para esta tropa se transportar, a não podia dar por não ter mais do que uma corveta do estado, a qual se não achava então em Moçambique. Reflectindo eu no pequeno numero de tropa que me dava, e ainda esta em mau estado de armamento, sem embarcação que a conduzisse, e a fragata já com mais gente d'aquella que deveria levar, dirigindo-se a climas ardentes e pouco sadios, me resolvi a partir, tomando por pratico um mouro que o governador me disse ser o unico que ali havia, e que estava em tão miseravel estado de saude, que aos treze dias de viagem falleceu.

O artigo 4.º da minha instrucção me manda, que para adquirir mais individuaes noticias do anno em que Guilherme Bolts tinha a sua feitoria, procurasse informar-me de Victorino José Garcia, por constar que elle no anno antecedente tinha mandado uma palla sua commerciar áquelle sitio; porém d'este negociante só soube que a sobredita palla ainda se não tinha recolhido a Moçambique, e que as cartas do capitão d'ella lhe noticiavam embaraços do commercio postos pelos cafres do paiz, e que elle os julgava suggeridos pelo feitor dos austriacos, o qual pretendia cobrar direitos das fazendas carregadas na mesma palla, que o capitão d'ella não quiz pagar, e que por estes obstaculos a palla largára aquelle porto sem ter n'elle commerciado, e com a infelicidade de ter sido morta á mão dos cafres parte da sua tripulação, e com o prejuizo de ter despendido para resgate de outra parte d'ella, que os mesmos cafres tinham prisionado, o que tudo consta da copia da carta que a Victorino José Garcia escreveu o capitão da sua palla Gonçalo Coelho Pinto.

Parti no dia 3 de março de Moçambique sem mais providencias d'aquella capital, do que as já acima ditas, dirigindo a minha viagem para as ilhas de Bazaruto, aonde Victorino José Garcia dizia estar a sua palla, para d'ella tirar pratico e noticias. Cheguei ás ditas ilhas em 15 do sobredito mez de março, e não achando lá a palla, andei de me informar do seu destino; soube que tinha partido para Inhambane, e como este porto ficava no meu caminho, e era ponto essencialmente recommendado por v. ex.ª que buscasse todos os modos de levar bons praticos, me resolvi a busca-la tocando n'aquelle porto, o que fiz em 18 do mesmo mez; continuou o desencontro com a referida palla, que d'ali tinha partido para as ilhas de Mauricia. Escrevi ao governador de Inhambane, pedindo-lhe praticos para os logares do meu destino, elle me mandou dois, ambos portuguezes; um d'elles piloto naufragado um mez antes em um

avec une froideur extrême, me faisant part de ses hésitations et alléguant le manque de certaines choses nécessaires. Il me dit enfin qu'il pourrait me fournir tout au plus quarante hommes, attendu qu'un grand nombre de soldats étaient morts et que d'autres se trouvaient malades; que quant à ceux qu'il pourrait me fournir, il me faudrait même compléter leur armement; qu'à l'égard du navire nécessaire au transport de cette troupe, il ne pouvait le fournir n'ayant à sa disposition qu'une corvette de l'État, qui même ne se trouvait pas alors à Mozambique. Ayant réfléchi que le nombre d'hommes qu'il me donnait était insuffisant, qu'ils étaient mal armés et que je n'avais pas de navire pour les transporter, et la frégate, destinée à des climats brûlants et insalubres, ayant déjà à son bord plus de monde qu'elle ne devait en porter, je me résolus à partir, et je pris un Maure pour pilote. Le gouverneur m'assura que c'était le seul pilote qu'il y avait, et il était en si mauvaise santé qu'il mourut le treizième jour après notre départ.

Il m'était ordonné par l'article 4e de mes instructions que, dans le but d'obtenir des informations plus précises sur l'année de la fondation du comptoir par Guillaume Bolts, je fisse en sorte de me renseigner auprès de Victorino Joseph Garcia, car on savait qu'il avait envoyé l'année précédente un de ses navires faire le commerce en cet endroit. Mais tout ce que je pus apprendre de ce négociant, c'est que ce navire n'était pas encore retourné à Mozambique, et que les lettres de son capitaine lui annonçaient que les Cafres du pays mettaient à son commerce des obstacles qu'il croyait soulevés par l'administrateur des Autrichiens, qui voulait prélever sur les marchandises chargées à bord du même navire des droits que le capitaine n'avait pas voulu payer; qu'à cause de ces obstacles, le navire était sorti du port sans y avoir négocié, et que le capitaine avait eu le malheur de voir une partie de son équipage massacré par les Cafres et avait été obligé de payer la rançon de quelques autres de ses hommes qui avaient été faits prisonniers. Tous ces détails sont consignés dans la lettre écrite à Victorino Joseph Garcia par le capitaine de son navire, Gonçalo Coelho Pinto.

J'ai quitté Mozambique le 3 mars, sans avoir reçu de cette capitale d'autres secours que ceux que j'ai mentionnés, et je me suis dirigé, espérant trouver un pilote et des renseignements, vers les îles de Bazaruto, où Victorino Joseph Garcia disait que son navire devait se trouver. J'arrivai le 15 aux îles, et, comme je n'y trouvai pas le navire, je pris des informations sur son compte. J'appris qu'il était parti pour Inhambane, et comme ce port était sur ma route et qu'une des principales recommandations de Votre Excellence était d'employer tous mes efforts pour trouver de bons pilotes, je me décidai à me mettre à la recherche du navire en touchant à ce port, où j'arrivai le 18 du même mois. Je n'y rencontrai plus ce navire, qui était déjà parti pour les îles Maurice. J'écrivis au gouverneur d'Inhambane lui demandant des pilotes et il m'en envoya deux, qui étaient portugais. L'un d'eux était le pilote d'un bâtiment français qui avait naufragé un

navio francez, e outro contramestre da palla de Victorino, que tinha ficado em terra n'aquelle porto, quando ella d'ali largou para as ilhas de França. De Inhambane parti em 19 de março, e em 30 do mesmo entrei no rio de Santo Espirito, tendo com muito trabalho de sonda passado felizmente por entre os muitos baixos de que a bahia de Lourenço Marques é cheia. Dentro d'aquelle rio estavam ancoradas tres embarcações de gavia; uma com bandeira portugueza e passaporte passado pelo governador de Damão, José de Oliveira Leitão, outra com bandeira ingleza, cujos proprietarios da primeira são de Surrate, e Bombaim os da segunda, finalmente a terceira embarcação, que era uma *palla* de mastro e meio, tinha bandeira imperial, pertencente á companhia de Trieste; entre esta e uma bateria de treze peças que estava em terra com a mesma bandeira imperial, fui ancorar; apenas surto dispuz a minha tropa para executar as determinações de v. ex.ª, participadas na minha instrucção, e mandando parte d'ella com os seus competentes officiaes tomar posse da palla imperial que estava ancorada, prevenida para qualquer resistencia que se lhe fizesse, e com ordem de não fazer a menor hostilidade, isto mesmo foi executado, e a palla entrada sem a menor resistencia nem offensa; deixei ficar a seu bordo para a commandar o capitão tenente Francisco Lobo da Gama com uma competente guarnição, e eu com alguma tropa me encaminhei para a bateria de terra, que entrei sem resistencia, mandei logo arrear a bandeira imperial, e no dia seguinte, 1.º de abril pela manhã, içar a portugueza, salvando-a com vinte e um tiros de peça; a esta salva respondeu a fragata com o mesmo numero: immediatamente mandei tocar a fachina, desmontar e conduzir a artilheria para bordo da fragata, demolir a bateria, mandando logo os dois tenentes do mar Candido José Mourão e Christovão da Costa Athaide, a bordo das outras duas embarcações que ali se achavam, para que tomando conhecimento das suas cargas me dessem parte se constava do livro d'ella, que a seu bordo tivessem alguma pertencente a Guilherme Bolts, ou á sua companhia, e pelos ditos tenentes do mar me constou, que nada acharam no livro de carga, nem no exame particular que fizeram, que désse indicio de pertencer a mr. Bolts. Feita esta averiguação *mandei intimar em repetidas cartas ao piloto, que* (na falta do capitão que ali tinha morrido) *commandava a corveta de bandeira ingleza, que a minha commissão me não permittia que n'aquelle porto consentisse embarcações que não fossem portuguezas, vistoque Sua Magestade Fidelissima, senhora e dominante n'aquelle, prohibia nos seus portos de Africa oriental a entrada para commercio aos estrangeiros;* elle me representou a impossibilidade de saír com a brevidade que eu lhe intimava, e passando-se n'esta correspondencia alguns dias, no de 5 de abril lhe determinei o praso de oito dias para se promptificar e partir, dando-lhe eu todas aquellas providencias que elle não podesse escusar, e me fossem possiveis, tanto para pôr a sua corveta em estado de navegar, como para que elle ex-

mois auparavant; l'autre était le contre-maître du navire de Victorino, qui était resté à terre lorsque ce navire avait mis à la voile pour les îles de France. Je partis d'Inhambane le 19 mars, et j'entrai le 30 dans le fleuve du Saint-Esprit, n'ayant pu passer qu'au moyen de nombreux et difficiles sondages au milieu des bas-fonds dont la baie de Lourenço Marques est remplie. Trois navires à voiles carrées étaient à l'ancre dans ce fleuve; l'un portait pavillon portugais et avait un passe-port délivré par le gouverneur de Damão, Joseph de Oliveira Leitão, l'autre portait pavillon anglais. Les propriétaires du premier sont de Surrate, et ceux du second de Bombay. Enfin le troisième navire, qui était une *palla* à un mât, portait pavillon impérial et appartenait à la compagnie de Trieste. Je mouillai entre ce navire et une batterie de treize canons qui était sur le rivage et qui avait aussi le pavillon impérial. Aussitôt que je fus à l'ancre, je disposai ma troupe pour exécuter les ordres de Votre Excellence contenus dans mes instructions, et j'envoyai une partie de mes soldats avec leurs officiers pour s'emparer du navire qui portait le pavillon impérial. Mes gens étaient armés pour le cas où on leur eût fait résistance et ils avaient l'ordre, dans le cas contraire, de ne commettre aucune hostilité: ce qui fut exécuté. Le navire fut pris sans la moindre résistance. Je laissai à son bord pour le commander le capitaine-lieutenant François Lobo da Gama avec un équipage suffisant, je me dirigeai moi-même avec quelques troupes vers la batterie de terre où j'entrai sans combat, et je fis amener le pavillon impérial. Le lendemain, 1er avril, je fis hisser le pavillon portugais que je saluai de vingt-et-un coups de canon, salve qui fut répétée par la frégate. Ensuite, je fis donner le signal de la corvée, démonter et transporter l'artillerie à bord de la frégate, et démolir la batterie. J'envoyai alors les deux lieutenants de marine Candido Joseph Mourão et Christovão da Costa Athaide à bord des deux autres navires qui se trouvaient dans la baie pour prendre connaissance de leur chargement et tâcher de découvrir, par l'examen du livre de chargement, si ces navires étaient la propriété de Guillaume Bolts ou de sa compagnie. Ces lieutenants me dirent qu'ils n'avaient rien trouvé dans le livre ni dans l'examen particulier auquel ils avaient procédé qui pût indiquer que ces navires appartînssent à M. Bolts. Ceci vérifié, *je fis savoir par plusieurs lettres au pilote qui commandait la corvette portant pavillon anglais* (en remplacement du capitaine qui était mort en cet endroit) *que mes instructions ne me permettaient d'admettre dans ce port que des navires portugais, attendu que Sa Majesté Très-Fidèle, qui en est la souveraine et la maîtresse, défendait l'accès de ses ports de l'Afrique orientale aux navires étrangers qui allaient pour y faire le commerce.* Il me représenta l'impossibilité où il était de partir avec la promptitude qui lui était ordonnée, et comme cette correspondance dura quelques jours, le 5 avril je lui fixai un délai de huit jours pour se préparer à partir, lui promettant de lui fournir ce qui lui serait indispensable, et ce qu'il me serait possible, autant pour mettre sa corvette en

perimentasse o menor prejuizo no seu commercio, para o qual elle tinha mandado algumas embarcações pelo rio dentro, as quaes nem tinham voltado ainda para bordo, nem se suppunha voltariam antes de expirar o termo dos oito dias; a isto providenciei persuadindo ao capitão da embarcação que ali achei com passaporte e bandeira portugueza, e que livremente ali ficou commerciando, que se obrigasse a receber todo o retorno que dos rios viessem para a corveta ingleza, os carregasse e entregasse aos seus respectivos proprietarios em Bombaim ou Surrate, o que o dito capitão Estevão Pitt fez por um termo; o mesmo Estevão Pitt fez outro termo em que se obrigava a conduzir para Moçambique toda aquella fazenda pertencente a mr. Bolts, que emquanto elle ali estivesse viesse dos rios remettida áquelle estabelecimento, e até 13 de agosto em que sahi de Moçambique, não tinha chegado o dito capitão Estevão Pitt. Fiquei no rio do Santo Espirito até o dia 25 de abril para ver se vinham algumas embarcações de fóra, emquanto não perdia monção para me recolher a Moçambique, conforme a minha instrucção, deixando reservado para a occasião da saida a ruina de um armazem de madeiras, que soube que Guilherme Bolts tinha na Unhaca; e tendo no porto dentro do rio mandado desmanchar e fazer em lenha para a fragata duas embarcações pequenas, que Guilherme Bolts fazia construir uma, e concertar outra. Saí do rio no sobredito dia, e no de 27 do mesmo mez, depois de ancorar junto da ilha de Unhaca, desembarquei alguma tropa, tanto da legião como de artilheria, com duas peças de ameudar; e ainda incompleto o desembarque se avistou de terra uma embarcação de gavia, que vinha buscando o porto, e sem demora, nem deixar desembarcar o resto da tropa que ainda estava nas embarcações, as fiz recolher a bordo, commandadas pelo tenente do mar Candido José Mourão, e com parte ao capitão de mar e guerra, de que apparecia aquella embarcação que devia ir reconhecer, emquanto ella não entrava no rio, e sendo imperial a sua bandeira a represasse, conforme às ordens que eu tinha de v. ex.ª; assim se fez por ser a embarcação a que levava o novo director, que ia tomar posse d'aquelle estabelecimento, e o antecedente, que tendo-se retirado por dependencias do mesmo estabelecimento, se recolhia de Bombaim para fazer a entrega: era este André Daniel Pollet, filho de paes allemães, nascido em Lisboa, que d'aquella cidade veiu no navio *José e Thereza* com o mesmo Bolts; é o outro um Loreno. Ambos se recolheram a bordo da fragata, aonde se lhes intimou, que elles se deviam recolher a Goa, ao que elles sem resistencia mais que de algumas representações se conformaram, e se lhe metteu dentro da *palla* alguma guarnição com seus officiaes, e um official do mar para a commandar; emquanto na fragata se fazia esta diligencia, não estive eu ocioso em terra, porque logoque desembarquei se juntaram na praia infinitos cafres, dos quaes uma grande parte fallava portuguez, quasi todos armados, que não só me observavam com demasiada curiosidade, mas que trazendo-me alguns recados da parte dos

état de prendre la mer, que pour lui faire éprouver le moins de préjudice possible dans son commerce, attendu que quelques embarcations qu'il avait envoyées dans l'intérieur n'étaient pas encore revenues, et ne devaient pas revenir avant huit jours. Je parai à cet inconvénient en persuadant au capitaine du navire qui avait le passe-port et le pavillon portugais, et auquel j'avais concédé la faculté de négocier librement, de s'engager à recevoir toutes les marchandises qui seraient rapportées de l'intérieur des fleuves à destination de la corvette anglaise, à les prendre à son bord et à les remettre à leurs propriétaires respectifs à Bombay ou à Surrate, ce à quoi le dit capitaine Étienne Pitt s'engagea par une déclaration écrite. Le même Étienne Pitt fit une autre déclaration par laquelle il s'obligeait à transporter à Mozambique toutes les marchandises appartenant à M. Bolts, qui, pendant son séjour, seraient envoyées de l'intérieur des fleuves à cet établissement. Jusqu'au 13 août, date de ma sortie de Mozambique, ledit capitaine Étienne Pitt n'y était pas encore arrivé. Je restai à l'ancre dans le fleuve du Saint-Esprit jusqu'au 25 avril, pour voir s'il arrivait quelque navire, profitant ainsi du temps dont je pouvais disposer en attendant la mousson pour retourner à Mozambique suivant mes instructions, et je réservai pour le moment de mon départ la démolition d'un chantier que j'appris que Guillaume Bolts avait à l'Unhaca. Je fis aussi mettre en pièces pour servir de bois pour la consommation de la frégate deux petites embarcations qui étaient dans le port à l'intérieur du fleuve, et dont l'une était en construction et l'autre en réparation pour le compte de Guillaume Bolts. Je sortis du fleuve le jour susdésigné, et le 27 du même mois, après avoir jeté l'ancre près de l'île de l'Unhaca, je fis débarquer quelques troupes avec deux canons de petit calibre. La descente n'était pas encore effectuée, que l'on aperçut de terre un grand navire qui se dirigeait vers le port. Aussitôt, comme quelques troupes étaient encore dans les embarcations, je les fis revenir à bord sous le commandement du lieutenant de marine Candido Joseph Mourão, et je communiquai au capitaine du vaisseau qu'il y avait un navire en vue et qu'il devait aller le reconnaître avant qu'il pût entrer dans le fleuve, et le capturer s'il portait pavillon impérial, suivant les ordres que j'avais reçus de Votre Excellence. Il fut en effet capturé, car ce navire conduisait le nouveau directeur, qui allait prendre possession de cet établissement, et le précédent qui, s'étant retiré à cause de quelques contestations, venait de Bombay pour faire la remise de sa charge: ce dernier était André Daniel Pollet, fils d'Allemands, né à Lisbonne d'où il est venu sur le navire *Joseph et Thérese* avec le même Bolts; l'autre est un Lorrain. Tous deux furent mis à bord de la frégate où il leur fut enjoint de retourner à Goa, ce à quoi ils se conformèrent après quelques protestations. Une garnison avec ses officiers fut mise à bord de la *palla* sous les ordres d'un officier de marine. Tandis que cela se passait à bord de la frégate, je n'étais pas oisif à terre; car, dès mon débarquement, un grand nombre de Cafres s'étaient réunis sur le rivage, ils étaient presque

seus reis, me persuadiam que fosse para o interior do paiz, aonde aquelles me esperavam para me fallar, persuadindo-me ao mesmo tempo que não era preciso levar tanta gente, quanta eu tinha, porque seria causar-lhes desconfiança eu lhes respondi que se me queriam fallar, que podiam vir que eu os esperava n'aquella casa (aonde eu já sabia que era o deposito das madeiras de Bolts) para aonde me ía aquartelar. Não tardou muito tempo que não chegasse um dos reis, bem acompanhado, o qual, depois de importunos cumprimentos ao seu modo, mostrou com outra tanta importunidade querer embaraçar-me de ir ao tal deposito, offerecendo-me ultimamente de me mandar fazer uma grande barraca, aonde eu ficaria mais bem accommodado; agradeci-lhe o trabalho que queria ter, e me puz em marcha para a casa do deposito. O rei ficou bem pouco satisfeito d'esta resolução, e deu algumas mostras de se querer oppor a ella, porém não se resolveu, talvez por ver a boa ordem em que ía a tropa com as pecinhas promptas. Finalmente cheguei ao armazem das madeiras, e vendo que pelo empache em que estava a fragata me não era possivel carrega-las, lhes mandei pôr o fogo, que as consumiu. E tendo com esta operação concluido as que eu julguei era encarregado pela minha instrucção, me recolhi no dia seguinte para bordo da fragata, e no dia 3 de maio me fiz de véla a buscar o porto de Moçambique com as duas pallas represadas e a corveta ingleza, a qual tinha obrigado a deixar aquelle rio do Espirito Santo, ficando unicamente n'elle a outra corveta que lá estava com bandeira e passaporte portuguez, e com aquellas embarcações cheguei a Moçambique em 15 do sobredito mez; e como a corveta ingleza se achava em total desamparo, por lhe ter morrido na viagem o unico official que lhe restava, a entreguei em deposito ao governador d'aquella capital para se fazer d'ella, e da sua carga e effeitos, entrega a quem trouxesse poderes de seus proprietarios para aquelle fim, o que o dito governador se encarregou, mandando fazer todas as diligencias para as competentes arrecadações. Do porto de Moçambique sai em 19 de agosto com as *pallas,* depois de se lhes fazer algum concerto que precisavam, dirigindo-nos ao d'esta capital, em que cheguei hoje 20 de setembro, sem que n'esta ultima escala houvesse novidade de que me pareça dever dar parte a v. ex.ª

Não devo concluir esta conta sem pôr na lembrança os officiaes que n'esta expedição foram meus inseparaveis companheiros, tanto nos trabalhos d'ella, como no incansavel desejo de que se concluisse a satisfação de v. ex.ª

Os capitães tenentes Francisco Xavier Lobo da Gama e Almeida e Candido José Mourão Garcez Palha, se comportaram como esperava da sua honra, e da applicação com que fizeram os progressos que são notorios nos estudos da sua profissão; elles foram os que mais se empenharam em destruir as objecções que em Motous armés, une grande partie d'entre eux parlaient portugais. Ces Cafres m'observèrent avec beaucoup de curiosité, puis, me faisant des compliments de la part de leurs rois, ils m'invitèrent à me rendre dans l'intérieur du pays, où ces rois m'attendaient pour me parler; ils voulurent en même temps me persuader de ne point emmener avec moi tout mon monde, vu que cela leur causerait de la méfiance. Je leur répondis que si leurs chefs désiraient me parler, ils pouvaient venir vers moi, et que je les attendrais dans cette maison (que je connaissais déjà pour être le dépôt de bois de Bolts), où j'allais établir mon quartier. Un des rois ne tarda pas à venir avec une nombreuse escorte, et après d'ennuyeux compliments faits à sa manière, il insista d'une manière importune pour que je n'allasse pas à ce dépôt, m'offrant enfin de me faire construire une grande hutte, où je serais plus à mon aise. Je le remerciai de la peine qu'il voulait prendre et je m'acheminai vers le dépôt. Le roi ne fut pas très satisfait de cette résolution, et parut vouloir s'y opposer; mais il ne l'osa pas, ce qui fut peut-être dû au bon ordre dans lequel il vit mes soldats et mon artillerie. J'arrivai enfin au magasin, et, voyant que je ne pouvais prendre les bois à bord à cause de l'encombrement de la frégate, j'y fis mettre le feu. Cette opération étant la dernière de celles dont je me croyais chargé par mes instructions, je retournai le jour suivant à bord, et le 3 mai je mis à la voile pour regagner le port de Mozambique avec les deux prises et la corvette anglaise que j'avais forcée à quitter le fleuve du Saint-Esprit, n'y laissant que l'autre corvette qui s'y trouvait avec pavillon et passe-port portugais; et j'arrivai à Mozambique avec ces navires le 15 du mois sus-mentionné. Comme la corvette anglaise était totalement abandonnée (attendu que le seul officier qui lui restait était mort pendant le voyage, je la laissai en dépôt au gouverneur de cette capitale pour qu'il en fit la remise ainsi que du chargement à ceux qui se présenteraient munis d'une procuration des armateurs à cet effet: ce dont le gouverneur se chargea, en faisant procéder à toutes les mesures nécessaires pour la conservation en dépôt du navire. Je sortis le 19 août du port de Mozambique avec les *pallas,* après y avoir fait les quelques réparations dont elles avaient besoin, et nous nous dirigeâmes vers cette capitale, où je suis arrivé aujourd'hui 20 septembre, sans qu'il se soit produit pendant cette dernière traversée aucun incident qui mérite d'être rapporté à Votre Excellence.

Je ne dois pas finir ce compte-rendu sans appeler l'attention de Votre Excellence sur les officiers qui ont été mes compagnons inséparables et qui ont partagé mes travaux et mon désir de voir cette expédition terminée à la satisfaction de Votre Excellence.

Les capitaines-lieutenants François Xavier Lobo da Gama e Almeida et Candido Joseph Mourão Garcez Palha, se sont conduits comme on devait l'attendre de leur honneur et de leur application à l'étude de leur profession dans laquelle il ont fait des progrès notoires; ce sont eux qui ont mis le plus d'empressement à repousser

çambique se punham á continuação da viagem para a bahia de Lourenço Marques, offerecendo-se-me por vezes a levarem a fragata áquelle porto com as sondas na mão pela falta que havia de pratico, e de carta correcta da mesma bahia. O primeiro esteve em termos de afogar-se, indo por ordem minha ás ilhas de Bazaruto em busca de pratico; o segundo se offereceu ao risco de ir no escaler ao porto de Inhambane, de donde trouxe um piloto e um mestre, como disse a v. ex.ª Estes foram os commandantes que elegi para as *pallas* que represei na dita bahia, e pela exacção do serviço praticado a seu bordo, e desinteresse, actividade e zêlo nas viagens d'aquelle porto ao de Moçambique, e por este adquiriram bastantes emulos.

O capitão de infanteria Luiz Lopes Quaresma, cuja instrucção, merecimento e intelligencia é já bem constante a v. ex.ª, teve em todo o tempo d'esta expedição o mesmo bom comportamento que tiveram os sobreditos, e ouvindo as difficuldades da continuação da viagem, me disse muitas vezes que me socegasse, que haviamos de ir á bahia de Lourenço Marques pelo canal ou por fóra d'elle; e a estes tres officiaes principalmente devi o bom exito da viagem de Moçambique para a dita bahia.

O tenente de infanteria Euzebio Xavier é sujeito de excellente conducta, desinteresse e intelligencia, de que deu provas constantes em toda a viagem, estando sempre prompto, e tendo sempre uma grande exacção e cuidado em tudo quanto eu lhe encarregava do real serviço. O alferes Fernando Zuzarte, que o seu amor ao real serviço o obrigou a embarcar doente, se conservou sempre enfermo, e esteve em Moçambique sem esperança de vida.

O capitão João Martins e o tenente Francisco de Mesquita Mascarenhas, e o alferes Luiz de Araujo, deram em toda a viagem as provas mais evidentes do seu desembaraço, zêlo e intelligencia no real serviço.

Do capitão de artilheria Custodio Cesar de Faria nada digo, porque v. ex.ª o conhece, e sabe que é um official cheio de merecimento, e dos mais relevantes, como mostrou em todo o tempo da expedição, e os tenentes do mesmo corpo João Baptista Dias e José Coelho de Amaral são tambem muito recommendaveis, e o mostraram na actividade, intelligencia, desinteresse e zêlo com que se empregaram no real serviço.

Todos os officiaes inferiores se distinguiram muito, e tambem os soldados de infanteria e artilheria, que nem o muito trabalho, nem as continuas molestias que padeceram os afrouxaram, antes sempre se acharam promptos para o trabalho, e para o serviço de Sua Magestade, e em particular os da legião, apesar dos frios e dos incommodos a que não eram costumados, e soffreram em tão longa viagem.

Desejarei ter n'esta commissão correspondido á expectação com que v. ex.ª me nomeou, porque o meu principal e unico objecto é empre-

les objections qui s'opposaient, à Mozambique à la continuation du voyage jusqu'à la baie de Lourenço Marques, s'offrant à plusieurs reprises à conduire la frégate jusqu'à cette baie à l'aide de la sonde, vu le manque de pilote et de carte correcte de la même baie. Le premier a failli se noyer en allant par mon ordre chercher un pilote aux îles de Bazaruto; le second s'est offert pour, au risque de sa vie, aller avec le canot au port d'Inhambane, d'où il a ramené un pilote et un patron, ainsi que je l'ai dit à Votre Excellence. Ces deux officiers ont été nommés par moi commandants des *pallas* que j'ai capturées dans ladite baie, service qu'ils ont fait avec exactitude et dévouement pendant les voyages entre ce port et celui de Mozambique, ce qui a été d'un bon exemple pour les autres officiers.

Le capitaine d'infanterie, Louis Lopes Quaresma, dont l'instruction, le mérite et l'intelligence sont déjà connus de Votre Excellence, a montré, pendant toute la durée de cette expédition, la même conduite que les officiers sus-mentionnés. En entendant énumérer les difficultés du voyage, il m'a souvent rassuré, disant que nous parviendrions à la baie de Lourenço Marques, soit par le canal, soit en passant en dehors. C'est surtout à ces trois officiers que je suis redevable du bon résultat du voyage de Mozambique à la dite baie.

Le lieutenant d'infanterie Euzebio Xavier s'est parfaitement conduit, il a montré une abnégation et une intelligence dont il a constamment donné des preuves pendant tout le voyage. Apportant toujours les plus grands soins à l'exécution de tout ce dont je le chargeais concernant le service royal. Le sous-lieutenant Ferdinand Zuzarte, qui, dans son zèle pour le service de la Reine a voulu s'embarquer quoique malade, est toujours resté souffrant, et, à Mozambique, on a même désespéré de sa vie.

Le capitaine Jean Martins et le lieutenant François de Mesquita Mascarenhas, ainsi que le sous-lieutenant Louis de Araujo ont donné pendant tout le voyage les preuves les plus évidentes de leur activité, de leur intelligence et de leur zèle pour le service du roi.

Il n'est pas besoin de faire l'éloge du capitaine d'artillerie Custodio Cesar de Faria; Votre Excellence le connaît pour un officier distingué et plein de mérite, ainsi qu'il l'a toujours montré pendant toute la durée de l'expédition. Les lieutenants du même corps, Jean Baptiste Dias et Joseph Coelho do Amaral, sont aussi de bons officiers comme ils l'ont assez prouvé par leur activité, leur intelligence et leur abnégation.

Tous les sous-officiers se sont fort distingués, ainsi que les soldats d'infanterie et d'artillerie. Ni l'excès du travail, ni les maladies continuelles qu'ils ont endurées ne les ont découragés; ils étaient toujours prêts à travailler pour le service de Sa Majesté, surtout ceux de la légion, malgré le froid et les souffrances auxquels ils n'étaient pas accoutumés et qu'ils ont endurés courageusement pendant ce long voyage.

J'espère avoir mérité la confiance que Votre Excellence m'a témoignée en me nommant à cette commission, le but de tous mes ef-

gar-me com o espirito mais decidido no serviço de Sua Magestade, para o qual protesto a v. ex.ª estar sempre prompto com toda a vontade.

A ill.ma e ex.ma pessoa de v. ex.ª guarde Deus muitos annos. Bordo da fragata *Sant'Anna*, 20 de setembro de 1781. = *Joaquim Vicente Godinho de Mira*, tenente coronel da legião.

forts étant toujours le bien du service de Sa Majesté, service auquel je continuerai de consacrer tous mes forces et toute ma volonté.

Dieu garde Votre Excellence. A bord de la frégate *Sainte-Anne*, ce 20 septembre 1781. = *Joachim Vincent Godinho de Mira*, lieutenant-colonel de la légion.

N.º 2

Diario da viagem do tenente coronel Joaquim Vicente Godinho de Mira

Aos 31 de março de 1781 deu fundo a fragata *Sant'Anna e S. Joaquim* no rio de Santo Espirito da bahia de Lourenço Marques, pelas quatro horas da tarde, e logo saiu o tenente coronel no escaler com o capitão tenente Francisco Xavier Lobo da Gama, o tenente Candido José Mourão Garcez Palha, e os dois tenentes da legião (ficando nomeado o capitão Luiz Lopes Quaresma, e o tenente Euzebio Xavier da Fonseca Tovar com seus officiaes inferiores, um tambor e trinta soldados para a guarnição da embarcação imperial) se dirigiram á *palla* que ali estava com a bandeira imperial, e abordando a ella, entraram sem a menor opposição a *palla* o capitão tenente Francisco Xavier Lobo da Gama, e o tenente coronel com os mais officiaes e tropa se encaminhou para a terra aonde estava uma pequena bateria, que sem nenhuma opposição entrou n'ella, e nos assenhoreámos da sua artilheria, que eram 13 peças, 10 montadas nos seus reparos, e 3 no chão; mandou-se arriar a bandeira imperial, e ali ficou o tenente coronel com a tropa aquella noite, e no dia seguinte, que era o 1.º de abril, ao nascer do sol salvou com artilheria da bateria, e a este tempo se içou a bandeira de Sua Magestade Fidelissima; a esta salva respondeu a fragata com iguaes tiros, e depois d'isto se tocou a fachina, em que os soldados foram tão promptos que em breves instantes ficou tudo raso; foi conduzida a artilheria para a fragata, e findando o trabalho que se fez na presença de bastante cafraria, se recolheu o tenente coronel com a tropa para bordo da fragata, e logo o tenente coronel ordenou aos tenentes do mar Candido José Mourão Garcez Palha, e a Christovão da Costa de Athaide, que fossem a bordo de duas embarcações que ali se achavam, e tomassem conhecimento das suas cargas e passaportes e mais papeis, e quando n'ellas encontrassem cousas pertencentes á negociação de Bolse *(sic)* fizessem parte, e que sempre de tudo fizessem clareza, que é a seguinte:

A corveta *Tathe Isay*, he do porte de 225 *candins*. Seu capitão se chama Estevão Pinto, de nação inglez, traz bandeira portugueza, e passaporte do governador de Damão, José de Oliveira Leitão. Tem para sua defeza quatro peças de artilheria e sete armas com trinta

N.º 2

Journal du voyage du lieutenant-colonel Joachim Vincent Godinho de Mira

Ce 31 mars 1781, la frégate *Sant'Anna et S. Joaquim* a mouillé dans le fleuve du Saint-Esprit de la baie de Lourenço Marques, vers 4 heures du soir. Aussitôt après le lieutenant-colonel est descendu dans le canot avec le capitaine-lieutenant François Xavier Lobo da Gama, le lieutenant Candido Joseph Mourão Garcez Palha, et les deux lieutenants de la légion (le capitaine Louis Lopes Quaresma, ayant été nommé, ainsi que le lieutenant Euzebio Xavier da Fonseca Tovar avec ses sous-officiers, un tambour et trente soldats pour occuper le navire impérial) et ils se sont rendus à la *palla*, qui portait pavillon impérial, puis l'ayant abordée le capitaine-lieutenant François Xavier Lobo da Gama y est entré sans difficulté; et le lieutenant-colonel avec les autres officiers et la troupe se sont dirigés vers la terre, où il y avait une petite batterie, où il a pénétré sans éprouver de résistance. Nous avons pris l'artillerie qui consistait en 13 canons, dont 10 montés sur leurs affûts et 3 démontés. On a fait amener le pavillon impérial, et le lieutenant-colonel y est resté pendant la nuit avec sa troupe. Le lendemain, 1er avril, au lever du soleil, une salve a été tirée par les canons de la batterie, et on a hissé en même temps le pavillon de Sa Majesté Très-Fidèle. La frégate a répondu à cette salve par un nombre égal de coups de canon, et aussitôt après on a donné le signal de raser la batterie ce que les soldats exécutèrent en quelques moments. L'artillerie fut transportée à bord de la frégate, et le travail terminé en présence d'un grand nombre de Cafres, puis le lieutenant-colonel retourna avec ses hommes à bord de la frégate. Aussitôt après, le lieutenant-colonel a ordonné aux lieutenants de marine Candido Joseph Mourão Garcez Palha et Christophe da Costa de Athaide, d'aller à bord des navires qui se trouvaient dans le port, de prendre connaissance de leurs chargements, de leurs passe-ports et d'autres papiers, et dans le cas où ils y trouveraient des objets appartenant au commerce de Boltz, d'en rendre compte, puis de faire du tout un rapport détaillé. Ce rapport est le suivant:

«La corvette *Tathe Isay* jauge 225 *candins*. Son capitaine se nomme Étienne Pinto. Elle est anglaise, porte pavillon portugais et se trouve pourvue d'un passe-port du gouverneur de Damão, Joseph de Oliveira Leitão. Elle a pour sa défense quatre pièces d'artillerie et sept fusils;

pessoas de sua lotação, e por carga varios pannos de differentes qualidades, dos que se costumam contratar n'este porto, tudo pertencente a Galal Chande Vazechad, mercadores de Goga, e de nação banianes: saiu do porto de Surrate aos 20 de dezembro de 1780, e sem demora n'este até ao presente, e perguntado se trazia algum fato pertencente ao mestre Bolçes *(sic)* ou seus socios, disse o dito capitão que nada trazia. A carga que tem tomado n'este para negocio são dez *candins* de marfim, dez *mãos* de dentes de cavallo marinho e trinta pontas de abada, e diz ter duas barquinhas fazendo commercio nos rios Maputo e Mamalungo. Em tudo está conforme menos na quantidade, que pelo passaporte diz ser de duzentos e vinte e cinco *candins,* e poderá levar quatrocentos.

A corveta *Isipai Catra,* do capitão Roberto Nipar, que ha poucos dias foi morto pelos cafres, e lhe succedeu o primeiro piloto Thomás Jorge, com bandeira e passaporte inglez, saiu de Bombaim em 16 de novembro de 1780. A sua carga consta de *muxoxo,* miçanga e outros generos, com que se faz negocio n'este porto, tem tomado n'este dez *candins* de marfim, vinte pontas de abada, e outros tantos dentes de cavallo marinho. Tem seis peças de artilheria e algumas espingardas, cincoenta pessoas de sua lotação, e nada mais se achou nas ditas embarcações a que pessoalmente assisti, e fiz este inventario, e o assigno junto com os dois tenentes do mar, que comigo presenciaram.=*Antonio Joaquim Pinto Collares,* escrivão.

.....
.....

Em o 1.° de abril, pelas quatro horas da tarde, veiu a bordo da fragata o rei Mafumo e seu pae, e mais pessoas de sua comitiva, por sua vontade sem serem chamados. Depois de serem comprimentados pelo capitão de mar e guerra e o tenente coronel, por este lhe foi dito como elles deviam respeitar a bandeira de Sua Magestade Fidelissima, e que só a esta deviam acceitar, e arvorar n'aquelles territorios por pertencerem aos dominios de Portugal, e que elles não deviam consentir que outra nenhuma nação ali fizesse estabelecimento, nem negociar, porque só os portuguezes têem direito para o poderem fazer; a tudo disseram que assim era, e que podiamos saltar nas terras do Matolla por sermos amigos e irmãos: tudo isto se passou na camara do capitão de mar e guerra, e presentes varios officiaes da dita fragata, aonde eu me achava por ordem do mesmo tenente coronel, e por verdade o escrevi e me assignei.= *Antonio Joaquim Pinto Collares,* escrivão.

Em o dia 2 fiz expedir pessoas com aquelles *saguates* do costume, a dizer ao rei Capella, e

l'équipage est de trente hommes; son chargement consiste en draps de différentes qualités qu'on a coutume de négocier dans ce port, le tout appartenant à Galal Chand et Vazechad, marchands de Goga, et banians de nation. Elle est sortie du port de Surrate le 20 décembre 1780, et n'est pas ici depuis longtemps. On a demandé au capitaine s'il avait à bord quelques habillements appartenant au capitaine Boltz ou à ses associés, et il a répondu qu'il n'en avait pas. Le chargement qu'il a pris dans ce port pour son commerce est composé de dix *candins* d'ivoire, dix *mains* de dents d'hippopotame et trente cornes d'abade. Le capitaine dit qu'il a deux petits bateaux faisant le commerce sur les fleuves Mapouto et Mamalungo. Tout est conforme, excepté en ce qui concerne le jaugeage, qui est fixé sur le passe-port à deux cent vingt cinq *candins,* tandis que le navire peut en porter quatre cents.

La corvette *Isipai Catra,* du capitaine Robert Nipar, que les Cafres ont tué il y a quelques jours, et auquel son premier pilote Thomas George a succédé, est sortie de Bombay le 16 novembre 1780 avec pavillon et passe-port anglais. Son chargement consiste en *muxoxo,* verroterie et autres articles dont on fait le commerce dans ce port, où il a pris dix *candins* d'ivoire, vingt cornes de rhinocéros femelle, et un nombre égal de dents d'hippopotame. Elle a six pièces d'artillerie et quelques fusils; son équipage est de cinquante hommes. Rien autre chose n'a été trouvé à bord de ces navires où je suis allé personnellement faire cet inventaire, que je signe avec les deux lieutenants de marine, qui étaient présents.=*Antoine Joachim Pinto Collares,* greffier.

.....
.....

Le 1er avril, vers quatre heures du soir, le roi Mafumo est venu à bord de la frégate avec son père et les personnes de sa suite, de leur plein gré et sans y avoir été appelés. Après avoir reçu les compliments du capitaine du navire et du lieutenant-colonel, celui-ci leur a dit qu'il leur fallait respecter le pavillon de Sa Majesté Très-Fidèle, le seul qu'ils devaient accepter et arborer sur ces territoires, qui appartiennent aux domaines du Portugal, et qu'ils ne devaient pas permettre qu'une autre nation y fondât des établissements, ou y fît le commerce, attendu que ce droit est réservé aux seuls Portugais. Ils ont répondu que tout cela était vrai, et que nous pouvions débarquer sur les terres de Matolla, parce que nous étions des amis et des frères. Tout cela s'est passé en présence de divers officiers de ladite frégate, dans la cabine du commandant, où je me trouvais par ordre du même lieutenant-colonel. En foi de quoi, j'ai écrit ce procès-verbal que j'ai signé.=*Antoine Joachim Pinto Collares,* greffier.

Le 2 j'ai envoyé des gens avec les présents d'usage, pour dire au roi Capella et au roi

ao rei Matolla, que lhe pretendia fallar, e que esperava que determinassem o dia em que queriam vir a bordo da fragata de Sua Magestade Fidelissima, para os mandar buscar no escaler; a pessoa que foi ao rei Matolla recolheu no dia 3, dizendo que vinha o dito rei Matolla. Em o dia 4 muito cedo appareceu o rei Matolla na praia, que sendo visto da fragata, se lhe mandou escaler para o conduzir, o que fez trazendo em sua companhia tres mulheres suas, e um grande numero de cafres que o acompanhavam; chegaram á fragata, onde foi recebido e conduzido á camara do commandante com parte da sua comitiva, aonde depois de muitos comprimentos e demonstrações de amizade, diz que queria tratar com os portuguezes, que bem conhecia terem sido os primeiros que conquistaram aquellas terras; mas que os mesmos portuguezes as tinham abandonado, não indo ali ha tantos tempos a commerciar, nem a levarem-lhe aquelles generos de que elle precisa e a sua gente, e que por este esquecimento em que os tinhamos posto, fazia com que tivessem trato com os imperiaes; mas que tornando nós com trato antigo e amizade, que elle inviolavelmente queria tratar com os portuguezes, pois elle era irmão de Sua Magestade, á saude de quem bebia com toda a veneração e respeito; a esta saude salvou a fragata com vinte e um tiros, o que o rei gostou, e a sua comitiva toda; depois tivemos varias conferencias, em que o dito rei deu bastantes provas de não ser muito selvagem, a tudo se lhe respondeu, e foi-lhe assegurado que d'aqui por diante haviam de vir muitas embarcações cheias de generos e roupas de seu uso, e que elle tivesse o maior cuidado em que se respeitasse n'aquelles logares a bandeira portugueza, e que nenhuma consentisse arvorar n'aquelles territorios por serem pertencentes á corôa de Portugal; a tudo respondeu que sim, e que não queria senão aos portuguezes, porque todos eram irmãos, e eram os seus primeiros paes. Entraram a comer e a beber mui demasiadamente, e depois de serem bem satisfeitos, não ficaram com os pannos que se lhe deram de *saguate* por serem poucos, e muito grossos, e respondeu o rei, que aquelle *saguate* não era proprio para elle, nem parecia ser dadiva de uns homens tão grandes como os portuguezes; que elle esperava lhe fosse dado um presente, que podesse mostrar á sua gente toda, que aliás elle não poderia dizer que tinha vindo de uma fragata de guerra portugueza; a isto respondeu o tenente coronel que as fragatas de guerra não faziam *saguates* por obrigação, que tudo aquillo que se lhe offerecia eram demonstrações de amizade e obsequio, e que não devia pretender dos portuguezes o mesmo que estava recebendo d'aquelles individuamente que vinham ali commerciar; que se contentasse com o que lhe era dado, e que devia receber tudo com muita satisfação e gosto; esteve o rei attento ouvindo tudo, e respondeu, que elle queria que o tenente coronel fosse a sua casa visita-lo, para lhe dar um *saguate* como devia; escusou-se o tenente coronel, o rei acceitou os pannos, e repartiu-os pela sua gente, e depois d'isto ter feito, entrou a pedir copos, facas, garfos e tudo quanto viu,

Matolla, que je voulais leur parler, et que j'attendais qu'ils désignassent le jour où ils voudraient venir à bord de la frégate de Sa Majesté Très-Fidèle, afin de les envoyer chercher par le canot. La personne que j'avais envoyée chez le roi Matolla est revenue le 3, en disant que ledit roi Matolla était en route. Le 4 de très-bonne heure, il parut sur le rivage, et, ayant été aperçu de la frégate, on lui envoya le canot. Il venait avec trois de ses femmes et un grand nombre de Cafres. Ils arrivèrent à bord, où le roi fut reçu et conduit à la cabine du commandant avec une partie de son cortège, et après plusieurs compliments et démonstrations d'amitié, il dit qu'il désirait traiter avec les Portugais qui avaient été les premiers à conquérir ces territoires, mais que les mêmes Portugais les avaient abandonnés, n'y allant point faire le commerce depuis quelque temps, ni leur porter les articles dont lui et son peuple avaient besoin, et que cet oubli où nous les avions laissés était la cause de leurs rapports avec les impériaux; mais que si nous revenions aux anciennes relations d'amitié, il désirait traiter inviolablement avec les Portugais, car il était le frère de Sa Majesté, à la santé de laquelle il buvait avec tout le respect et toute la vénération. A l'occasion de ce toast la frégate a tiré une salve de vingt-et-un coups de canon, ce qui plut au roi et à sa suite. Nous eûmes ensuite plusieurs conférences pendant lesquelles le roi prouva qu'il n'était pas tout-à-fait sauvage. On l'assura qu'à l'avenir il viendrait plusieurs navires chargés de marchandises et d'habillements pour son usage, et on lui recommanda de mettre tous ses soins à faire respecter le pavillon portugais dans cette contrée et à ne pas permettre qu'un autre pavillon y fut arboré. Il répondit qu'il agirait ainsi que cela lui était recommandé, et ajouta qu'il n'aimait que les Portugais, qui étaient ses frères et ses premiers parents. Ils commencèrent alors à manger et à boire à l'excès, et après s'être bien repus, ils se montrèrent peu satisfaits des draps qu'on leur donna pour *saguate*, vu leur petit nombre et leur mauvaise qualité; le roi ajouta même que ce *saguate* n'était pas digne de lui, et ne semblait pas un présent fait par des hommes tels que les Portugais; qu'il attendait un présent qu'il pût montrer à toute sa nation, sans quoi il ne pourrait dire qu'il revenait d'une frégate de guerre portugaise. Le lieutenant-colonel répondit que les frégates de guerre ne donnaient pas de *saguates* par devoir, que ce qu'il lui offrait n'était qu'un gage d'amitié et de courtoisie, et qu'il ne devait pas attendre des Portugais des présents semblables à ceux qu'il recevait des marchands qui allaient dans la baie pour y faire le commerce; qu'il devait se contenter de ce qui lui était donné et recevoir tout avec plaisir et satisfaction. Le roi l'écouta avec attention et répondit qu'il voulait que le lieutenant-colonel allât le visiter chez lui, et lui porter un meilleur *saguate*. Le lieutenant-colonel refusa; le roi accepta alors les étoffes et les partagea avec ses gens, après quoi il demanda des verres, des couteaux, des fourchettes et tout ce qu'il voyait. Enfin, le lieutenant-colonel et le commandant de la frégate lui don-

por ultimo deu-lhe o tenente coronel e o commandante da fragata algum fato, com que o rei satisfeito, se despediu, promettendo ordenar, para virem todos os viveres precisos para a fragata, e do mais que fosse preciso das suas terras estava prompto para mandar, e que esperava não fizessem violencia á sua gente; o dito rei mandou tres vaccas de presente, a fragata ao retirar-se o rei se lhe deram cinco tiros de bombarda, e se foi muito satisfeito; tudo isto se passou presentes os officiaes que se achavam a bordo; e por verdade o escrevi, e me assignei.=*Antonio Joaquim Pinto Collares,* escrivão.

.....

.....

Em o dia 5 de abril, pelas nove horas da manhã, chegou a bordo da fragata uma pessoa do rei Capella, mandado pelo dito, a fazer-nos saber que elle vinha já em marcha para ter o gosto de nos fallar, e que esperava nós fossemos encontra-lo ao logar onde se fazia a agua, porque a bordo o dito rei não podia vir; o tenente coronel lhe procurou o motivo de não querer vir á fragata, aonde já o rei Matolla tinha vindo, e entre elles era costume virem a bordo de todas as embarcações que ali chegavam; a pessoa do rei não respondeu nada, senão que o rei não vinha a bordo, a que respondeu o tenente coronel fizesse o que quizesse, comtanto que o dito rei ordenasse se nos viesse vender tudo que precisasse a fragata, e que passasse ordem para se deixar fazer aguada, e tudo o mais que fosse preciso á fragata de Sua Magestade Fidelissima; com esta resposta se foi a pessoa do rei, e o tenente coronel desembarcou para a terra aonde tinha a tropa da legião, e achando-se no mesmo sitio o capitão de mar e guerra, chegaram a este tempo pessoas do dito rei, dizendo que o rei era já perto d'aquelle sitio, e nos queria ali mesmo fallar, e que vinha acompanhado da sua gente, que seriam tres mil cafres antes mais do que menos; o tenente coronel respondeu que fossem dizer ao rei que podia vir, que ali esperava, aindaque o logar era bem improprio; retiraram-se as pessoas, e o tenente coronel fez desembarcar as pecinhas de amiudar, e alguma tropa de infanteria, e pondo tudo em ordem esperou o dito rei, que não tardou muito em chegar ao dito logar aonde se achava a tropa formada com os seus officiaes, o capitão de mar e guerra, e alguns officiaes do corpo de marinha, que todos estes se avançaram alguns passos a receber o rei e conduzi-lo a uma pequena barraca, aonde depois de muitos comprimentos lhe foi dito pelo tenente coronel a pouca rasão que o rei tinha para deixar fazer estabelecimentos n'aquelles logares, *não podendo, nem devendo consentir ali outra nação que não fossem portuguezes, a quem só era permittido o poder ali ir commerciar, e que por esta vez mandava Sua Magestade Fidelissima fazer-lhe constar, que não era do seu real agrado aquelles estabelecimentos, que lhe*

nèrent quelques habillements, et le roi assez satisfait prit congé en promettant d'envoyer tous les vivres nécessaires à la frégate, assurant qu'il était prêt à envoyer de ses territoires tout ce qu'il faudrait, et ajoutant qu'il espérait qu'on ne ferait aucune violence à sa nation. Ledit roi envoya trois vaches en cadeau, et, à sa sortie de la frégate, il fut salué de cinq coups de *bombarde,* ce dont il fut très content. Tout ceci s'est passé en présence des officiers qui étaient à bord; en foi de quoi j'ai dressé le présent procès-verbal que j'ai signé.=*Antoine Joachim Pinto Collares,* greffier.

.....

.....

Le 5 avril, à neuf heures du matin, un envoyé du roi Capella vint à bord de la frégate nous annoncer que le roi était déjà en route, pour avoir le plaisir de nous parler et qu'il espérait que nous irions à sa rencontre à l'endroit où l'on faisait l'approvisionnement d'eau, parce qu'il ne pouvait pas venir à bord. Le lieutenant-colonel lui demanda pourquoi le roi ne voulait pas venir à bord de la frégate où le roi Matolla était déjà venu, selon la coutume où étaient les régules d'aller rendre visite aux navires qui arrivaient dans ce port. L'envoyé du roi se borna à répéter que le roi ne viendrait pas, et le lieutenant-colonel lui répliqua qu'il pouvait agir comme il l'entendrait, pourvu qu'il ordonnât qu'on vint nous vendre tout ce dont la frégate aurait besoin et qu'il nous permît de prendre notre provision d'eau et tout ce qui serait nécessaire à la frégate de Sa Majesté Très-Fidèle. L'envoyé du roi s'en alla sur cette réponse, et le lieutenant-colonel descendit à terre, où se trouvaient la troupe de la légion et le capitaine de vaisseau. Des envoyés arrivèrent alors, nous disant que le roi était déjà tout près, qu'il voulait nous parler en cet endroit même, et qu'il était escorté de trois mille Cafres, au moins. Le lieutenant-colonel envoya dire au roi qu'il pouvait venir, et qu'il l'attendait où il était, quoique le lieu choisi pour cette entrevue ne fût pas du tout convenable. Les envoyés se retirèrent, et le lieutenant-colonel fit débarquer les pièces de campagne et quelques soldats d'infanterie. Ayant mis tout en ordre, il attendit le roi qui ne tarda pas à arriver à l'endroit où la troupe était rangée avec ses officiers, le capitaine de vaisseau et quelques officiers de marine. Ceux-ci firent tous quelques pas en avant pour recevoir le roi et le conduire à une petite tente, où, après plusieurs compliments, le lieutenant-colonel lui démontra qu'il n'avait pas bien agi en laissant fonder des établissements dans ces lieux, et *qu'il ne pouvait ni ne devait y admettre que les Portugais, auxquels il était seul permis de faire le commerce dans ces contrées; que Sa Majesté Très-Fidèle ordonnait de lui faire savoir que ces établissements avaient été fondés contre son bon plaisir, et qu'elle lui saurait mauvais gré chaque fois*

levaria muito a mal todas as vezes que elle consentisse n'aquellas terras alguma outra bandeira que não fosse a de Portugal; foi respondido pelo rei, que elle não queria a outros amigos senão os portuguezes, e que se estes tivessem continuado em levar saguates grandes, e roupas para a sua gente, que elles não teriam recebido outros, nem deixariam levar o seu marfim senão aos portuguezes, a quem elles tratam como irmãos; depois d'esta falla lhe assegurou o tenente coronel, que haviam vir áquelle sitio bastantes embarcações a levar-lhe os generos precisos, e que elles olhassem a bandeira de Sua Magestade Fidelissima com aquelle respeito, amor e veneração que deviam; que tivessem o maior cuidado, em que se lhe não fizesse nunca insulto, aliás seria obrigado a tornar áquelle logar aquella mesma fragata para os castigar. *O rei protestou amizade e respeito á bandeira de Portugal;* a esta resposta deu-se-lhe muito de comer, muito mais de beber, deu-se-lhe *saguate* com que foram satisfeitos, e se despediram, e ao saír da barraca se lhe deram nove tiros de pecinha; marchou a tropa para elle ver, de que gostou muito, e deram grandes gritos a sua gente; isto se passou tudo sendo presente todo o corpo de officiaes, e eu que por verdade o escrevi e me assignei.=*Antonio Joaquim Pinto Collares,* escrivão.

qu'il souffrirait sur ces territoires tout drapeau autre que le drapeau portugais. Le roi répondit qu'il ne voulait avoir d'autres amis que les Portugais, et que s'ils avaient continué à apporter de grands présents et des habillements pour sa nation, ils n'aurait pas reçu des étrangers et n'aurait livré ses provisions d'ivoire qu'aux Portugais, qu'il traitait comme frères. Après ce discours, le lieutenant-colonel lui assura que plusieurs navires viendraient dans ces parages lui apporter les articles nécessaires, et lui recommanda d'avoir pour le drapeau portugais le respect, l'amour et la vénération qui lui étaient dûs, lui enjoignant de se garder de l'insulter afin de ne pas l'obliger à revenir avec la même frégate pour le punir. *Le roi protesta de son amitié et de son respect pour le drapeau portugais,* après quoi on lui donna abondamment à boire et à manger ainsi qu'un *saguate* dont il fut satisfait. Il prit congé de nous, et, au moment de son départ, il fut salué de neuf coups de canon. Les soldats firent quelques manœuvres devant le roi, ce qui lui fit grand plaisir et fit pousser de grands cris de joie à ses gens. Tout ceci s'est passé en présence du corps des officiers; en foi de quoi j'ai dressé ce procès-verbal que je signe.=*Antoine Joachim Pinto Collares,* greffier.

Em o dia 6 partiu para a Unhaca o tenente João Baptista Dias, um cabo e doze soldados, encarregado de fazer arrasar e queimar a casa que ali tinham estabelecido os austriacos, e dizer ao dito rei da Unhaca a pouca rasão que tinha para consentir aquelle estabelecimento n'aquelles sitios, e que se contivesse de accommetter outro attentado similhante, o que seria muito do desagrado de Sua Magestade Fidelissima. Chegou o tenente ao logar da Unhaca, e desembarcando se poz a marcha para a dita casa, aonde foi acompanhado de muitos cafres, e chegando a ella fallou a um filho do dito rei, a quem participou a ordem de que era encarregado, a que respondeu o filho do dito rei, que não devia executar nada sem que primeiro chegasse seu pae, o que não tardou muito em chegar ao sitio, acompanhado de mais seiscentos cafres todos com ar arrogante, e de quem vinham dispostos a embaraçar a destruição d'aquella casa; o tenente lhe communicou ao que ía, e como viu a sua arrogancia *ex vi* das ordens que levava, fez uma seria reflexão, vendo o pouco partido que tinha, se despediu e se veiu embarcar, e recolher-se a bordo da fragata a dar parte do que havia passado; e por tudo ser verdade o escrevi e me assignei.=*Antonio Joaquim Pinto Collares,* escrivão.

.....

Por me ser pedido pelo tenente coronel da legião dos voluntarios reaes de Goa Joaquim Vicente Godinho de Mira, um protesto em que me obrigue a não vir commerciar a esta bahia de Lourenço Marques, sem positiva licença dos ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. generaes de Goa e Moçam-

Le 6, le lieutenant Jean Baptiste Dias partit pour l'Unhaca avec un caporal et douze soldats, pour incendier et raser la maison que les Autrichiens y avaient établie, et pour faire connaître au roi de l'Unhaca le tort qu'il avait eu d'y souffrir cet établissement, et l'avertir de ne plus commettre de semblables fautes sous peine d'encourir le déplaisir de Sa Majesté Très-Fidèle. Le lieutenant arriva à l'Unhaca, et, aussitôt débarqué, il s'achemina vers ladite maison où il fut suivi par plusieurs Cafres. En y arrivant, il parla à un fils du roi auquel il communiqua l'ordre dont il était chargé. Celui-ci lui répondit qu'il ne devait pas exécuter cet ordre avant l'arrivée du roi son père. Ce dernier parut bientôt, accompagné de plus de six cents Cafres, ayant tous un air insolent, comme s'ils étaient dans l'intention de s'opposer à la destruction de la maison. Le lieutenant lui communiqua le but de son voyage et, voyant l'air arrogant affecté par le roi, il réfléchit sérieusement au peu d'avantage qu'il retirerait d'une lutte, et prenant congé, il se rembarqua et revint à bord de la frégate rendre compte de ce qui s'était passé. En foi de quoi, j'ai dressé ce procès-verbal, que je signe.=*Antoine Joachim Pinto Collares,* greffier.

.....

Le lieutenant-colonel de la légion des volontaires royaux de Goa, Joachim Vincent Godinho de Mira, m'ayant demandé de faire une déclaration en vertu de laquelle je m'engagerais à ne pas venir négocier dans cette baie de Lourenço Marques, sans une permission expresse

bique, o faço, dando minha palavra de honra, e offerecendo-me a receber as penas em que devem caír todos aquelles que infraccionarem os tratados da alliança entre as corôas de Sua Magestade Fidelissima e Britannica, visto ter eu plena e cabal noticia (segundo tenho ouvido dizer) do direito que tem a mesma corôa de Portugal na costa de Africa, desde o Cabo Delgado até á dita bahia; e para fiel cumprimento da minha palavra me assigno perante o tenente de mar Candido José Mourão Garcez Palha, e o capitão Estevão Pinto, como presenciadores e oculares testemunhas d'esta minha palavra.= *Thomás George.*=E eu escrivão da fragata *Sant'Anna e S. Joaquim,* que este fiz, e me assignei. Bordo d'esta corveta *Ispay Senou,* 23 de abril de 1781.=*Antonio Joaquim Pinto Collares,* escrivão.

.....

.....

Em o dia 21 de abril de 1781 recolheu a tropa toda que estava em terra, para bordo da fragata, e esta saiu em 23 do dito, do rio Santo Espirito, e foi dar fundo perto da ilha que fica junto da Unhaca, e em 27 pelas duas horas da noite se fez desembarque na dita Unhaca, sem que os primeiros fossem sentidos, mas a grande distancia em que ficava a fragata, as poucas embarcações para o transporte, fez com que não chegasse a pôr em terra a tropa que estava determinada, e só sim a de legião com os seus officiaes, o tenente de infanteria Euzebio Xavier da Fonseca Tovar com 12 soldados seus, e o tenente de artilheria João Baptista com 24 artilheiros e 2 pecinhas de amiudar, e o mais resto que vinha já muito perto, e alguns soldados já saltando das embarcações para a praia foram mandados suspender, porque a este tempo foi vista uma embarcação de gavia que pela grande distancia se não podia divisar a bandeira ía entrando pela bahia. O tenente coronel ordenou ao tenente de mar Candido José Mourão Garcez Palha, que logo se recolhesse á fragata com a tropa que estava nas embarcações, e que désse parte ao capitão de mar e guerra, que pela bahia entrava uma embarcação grande, e que esta não sendo portugueza devia dar fundo perto da fragata, e que esperava a não deixasse ir para dentro, porque teriamos mais trabalho, e que sendo a dita embarcação imperial se fizesse d'ella apprehensão conforme as ordens, a este tempo já tudo era cheio de cafres, e alguns que fallavam bem o portuguez, procuravam se queriam fallar ao rei, que era preciso manda-lo chamar, não se lhes respondia nada; a cada instante se via crescer o numero dos negros, e quasi todos bem equipados das suas armas, e outros com gallinhas, e os mais generos que produz o paiz, e não era passado muito tempo chegou o rei bem acompanhado; o tenente coronel comprimentou, o que o rei fez tambem, mas com ar de quem vinha pouco sa-

de Leurs Excellences les généraux de Goa et de Mozambique, je fais cette déclaration, donnant ma parole d'honneur de m'y conformer et me soumettant à toutes les peines que doivent encourir ceux qui enfreignent les traités d'alliance existant entre les couronnes de Sa Majesté Très-Fidèle et de Sa Majesté Britannique, et je le fais avec une connaissance pleine et entière (pour l'avoir entendu dire) du droit que la même couronne de Portugal a sur la côte d'Afrique, depuis le Cap Delgado jusqu'à la dite baie; pour assurer le fidèle accomplissement de ma parole, je signe en présence du lieutenant de marine Candido Joseph Mourão Garcez Palha et du capitaine Étienne Pinto, comme témoins de l'engagement de ma parole.=*Thomas George.*= Moi, greffier de la frégate *Sant'Anna et S. Joaquim* je l'ai écrit et signé. Fait à bord de la corvette *Ispay Senou,* ce 23 avril 1781.=*Antoine Joachim Pinto Collares,* greffier.

.....

.....

Le 21 avril 1781 tous les soldats qui étaient à terre revinrent à bord de la frégate; qui sortit le 23 du même mois du fleuve du Saint-Esprit et alla mouiller près de l'île qui se trouve à peu de distance de l'Unhaca. Le 27, à deux heures du matin, commença la descente dans l'Unhaca sans que les premières troupes qui gagnèrent la terre fussent aperçues; mais la grande distance qui séparait la frégate de l'île et le petit nombre de nos bateaux de transport ne permirent pas de mettre à terre tous les hommes désignés pour ce débarquement Les soldats de la légion avec leurs officiers, le lieutenant d'infanterie Euzebio Xavier da Fonseca Tovar, avec 12 de ses soldats, et le lieutenant d'artillerie Jean Baptiste avec 24 canonniers et 2 pièces de campagne furent les seuls qui purent gagner l'île. Le reste était déjà près de terre; mais au moment où quelques soldats s'apprêtaient déjà à débarquer, on leur ordonna de suspendre leur débarquement, car on venait d'apercevoir un navire qui entrait dans la baie et dont on ne pouvait distinguer le pavillon à cause de la distance. Le lieutenant-colonel ordonna au lieutenant de marine Candido Joseph Mourão Garcez Palha de retourner aussitôt à bord de la frégate avec les hommes qui étaient encore dans les bateaux, et d'annoncer au capitaine de vaisseau qu'un grand navire entrait dans la baie; que si ce navire n'était pas portugais, il devait mouiller près de la frégate, et qu'on ne devait pas le laisser remonter la baie pour ne pas nous donner plus de peine, parce que si le navire était impérial nous devions le capturer conformément aux ordres reçus. A ce moment nous étions déjà entourés de Cafres, quelques-uns parlaient portugais et demandaient si on voulait parler à leur roi et qu'il fallait le faire appeler; mais on ne leur répondait pas. A chaque instant le nombre des nègres augmentait; tous étaient bien armés; quelques-uns portaient des poules et d'autres produits du pays. Peu après le roi arriva avec une

tisfeito, e então logo procurou, porque era tanta gente, que parecia lhe queriam fazer mal sendo elles todos nossos irmãos; o tenente coronel lhe assegurou de que lhe não faria mal, visto serem elles amigos; então deu-se-lhe de beber, e algum comer, e depois de muitas perguntas e respostas pediu o rei ao tenente coronel, que mandasse a gente embora, que bastava ficar dez ou doze soldados; o tenente coronel disse que não podia ficar com tão pouca gente, que ainda aquella era pouca para o que o costumava acompanhar; a isto não ficou o rei muito contente, e não deixava de dar indicios de querer oppor-se á marcha para a casa dos imperiaes, porque não convinha que lá fossemos, e para evitar offereceu a mandar fazer uma grande barraca, em alguma aldeia, que ficasse mais perto; o tenente coronel lhe disse que não queria dar-lhe tanto trabalho, que só n'aquelle logar se havia accommodar por ser proprio, e ter bastantes accommodações; a esta resposta olharam-se todos, e fallaram muito; mas como viam tudo bem prevenido, não se deliberaram a mais do que fazerem osiens *(sic)*: a este tempo já se não esperava mais nada do que a tropa acabasse de comer, que assim que o tinham feito o tenente coronel mandou andar á direita e marchou de costado, e se foi encaminhando para o sitio da tal casa, o rei e todos os que o acompanhavam ficaram fazendo movimentos, que fazia perceber quererem embaraçar, mas não se resolveram. Continuou-se a marcha até chegar á casa, sendo sempre cercado por todos os lados de cafres, mas sem a menor resistencia entrámos dentro, ficando tudo sempre em armas; chegou o rei, e com melhor modo quiz fallar ao tenente coronel, a quem pediu se sentasse, e que lhe désse de beber, o que se fez; e ouviram varias perguntas que já enfadava; o tal rei depois se retirou promettendo de vir no dia seguinte outra vez; logo sendo ainda presentes muitos cafres se deu principio a queimar as muitas madeiras que ali tinham, e na madrugada do dia 28 se acabou de arrasar tudo, e logo nos retirámos para a praia aonde achámos grandes montes de cafres, mas sem embaraço se foram os primeiros, e depois o resto sem novidade, antes sim fazendo muitos cortejos, e dizendo que haviam ir a bordo, a isto faltaram, porque não appareceram mais; chegámos á fragata aonde estavam já os pilotos da *palla* que era imperial, e dois mais, um que era o que vinha encarregado do governo da Unhaca, outro que era o que o tinha sido que vinha fazer entrega, estes dois e o capitão da dita *palla* ficaram na fragata, e os mais foram ás *pallas*, d'esta ultima foi commandante o tenente de mar Candido José Mourão Garcez Palha, a quem foram dadas todas as ordens para a boa arrecadação de tudo, e que as escotilhas fossem pregadas; a este tempo já faltava bastante agua, e para esta se fazer com a maior brevidade foram dois officiaes com soldados para abrirem os poços, o que fizeram tão promptamente, que em dois dias estava a fragata refeita da sua aguada e as duas *pallas*, e tudo se fez véla em 3 de maio, que com bons ventos saímos fóra da bahia, e eu escrivão, que

nombreuse suite. Le lieutenant-colonel le salua, le roi lui rendit son salut d'un air peu satisfait et demanda pourquoi il y avait tant de monde qui semblait vouloir lui faire du mal quand ils étaient tous nos frères. Le lieutenant-colonel lui assura qu'il ne lui serait fait aucun mal, puisqu'il était un ami. On lui donna alors à boire et à manger, et après plusieurs demandes et réponses, le roi demanda au lieutenant-colonel de renvoyer sa troupe, en lui disant qu'il suffirait de garder dix ou douze soldats. Le lieutenant-colonel lui répliqua qu'il ne pouvait rester avec aussi peu de monde, et que le nombre habituel de ceux de sa suite était beaucoup plus grand. Le roi ne fut pas satisfait de cette réponse et parut vouloir s'opposer à notre marche vers la maison des impériaux, disant qu'il ne convenait pas que nous y allassions, et, afin de nous détourner de notre dessein, il offrit de faire construire une grande baraque dans quelque village plus voisin. Le lieutenant-colonel lui dit qu'il ne voulait pas lui donner cette peine, et que ce n'était que là qu'il se logerait, l'endroit étant très commode. A cette réponse les Cafres se regardèrent et s'entretinrent longtemps entre eux; mais comme ils voyaient que nous avions pris nos précautions ils n'osèrent rien tenter. On attendait seulement que les soldats eussent fini de manger, et aussitôt après le lieutenant-colonel fit marcher par le flanc droit vers le lieu où était la maison. Le roi et tous ceux qui l'accompagnaient s'agitaient comme s'ils eussent voulu embarrasser l'opération, mais ils n'osèrent pas le faire. La marche au milieu des Cafres fut donc continuée sans la moindre résistance. Nous entrâmes dans la maison et les soldats restèrent sous les armes. Le roi arriva, et parla au lieutenant-colonel d'un air plus agréable, il le pria de s'asseoir et de lui faire donner à boire; quand cela fut fait il fit nombre de questions fort importunes, après quoi il se retira promettant de revenir le lendemain. Aussitôt, en présence des Cafres, on incendia la grande quantité de bois qui se trouvait dans le magasin, et pendant la matinée du 28 on acheva de tout détruire. Nous nous repliâmes alors sur le rivage, où nous trouvâmes de forts groupes de Cafres; mais ils se retirèrent sans résistance, nous faisant même de grands saluts et disant qu'ils iraient à bord; toutefois ils ne reparurent plus. Nous arrivâmes à la frégate où étaient déjà les deux pilotes de la *palla* impériale, et deux individus, dont l'un était celui qui venait prendre le gouvernement de l'Unhaca, et l'autre celui qui en avait été le gouverneur et qui venait remettre sa charge. Ces deux derniers et le capitaine dudit navire restèrent à bord de la frégate, et les autres retournèrent à la *palla*, qui reçut pour commandant le lieutenant de marine Candido Joseph Mourão Garcez Palha, auquel on donna l'ordre de fermer les écoutilles et de bien garder tout ce qui était à bord. Il y avait alors un grand manque d'eau et pour en avoir le plus promptement possible, deux officiers et quelques soldats allèrent ouvrir les puits, ce qu'ils firent avec tant de célérité que deux jours après la frégate et les deux *pallas* avaient

acompanhei ao dito tenente coronel em toda esta expedição, e tudo se passou perante mim, e por ser tudo verdade o escrevi, e porto por fé, e me assignei.=*Antonio Joaquim Pinto Collares,* escrivão.

renouvelé leur provision d'eau. Le 3 mai nous mîmes à la voile, et nous sortîmes tous de la baie avec bon vent. Moi, greffier, qui ai accompagné ledit lieutenant-colonel pendant toute cette expédition, et qui ai assisté à tout ce qui s'est passé, j'ai dressé ce procès-verbal, dont je garantis la véracité, en foi de quoi je signe.= *Antoine Joachim Pinto Collares,* greffier.

Em o dia 18 de agosto, se fez á véla a fragata e as duas *pallas,* e deu-se fundo no mesmo dia perto da fortaleza, e no dia 19 se fez a fragata á véla e as *pallas,* e com bons ventos saíram para fóra, e n'este mesmo dia logo as *pallas* entraram a dar differente rumo, de sorte que quando foi á noite já se não avistavam.

Todo o referido do livro de fl. 1 até 22, que se acha escripto, se passou tudo na verdade, de que eu escrivão da fragata *Sant'Anna e S. Joaquim,* abaixo assignado por ordem do tenente coronel da legião dos voluntarios reaes Joaquim Vicente Godinho de Mira, commandante da expedição, tudo escrevi, de que dou fé á vista da terra de Goa, depois de fazer os signaes do costume no dia quinta feira, 20 de setembro de 1781, pelas tres horas da tarde.= *Antonio Joaquim Pinto Collares,* escrivão= *Feliciano Ramos Nobre Mourão.*

Le 18 août, la frégate et les deux *pallas* mirent à la voile et vinrent mouiller le même jour près de la forteresse. Le 19 la frégate et les *pallas* levèrent l'ancre et sortirent avec un bon vent; les *pallas* prirent une autre direction, de sorte qu'à la tombée du jour on ne les apercevait plus.

Tout ce qui est rapporté du livre depuis le 1er folio jusqu'au 22e, s'est passé comme il est dit; et moi, greffier soussigné de la frégate *Sant'Anna et S. Joaquim,* j'ai tout écrit par ordre du lieutenant-colonel de la légion des volontaires royaux, Joachim Vincent Godinho de Mira, commandant de l'expédition, et j'en donne foi en vue de la terre de Goa, après qu'ont été faits les signaux d'usage, ce jeudi 20 septembre 1781, à trois heures du soir.=*Antoine Joachim Pinto Collares,* greffier.=*Feliciano Ramos Nobre Mourão.*

N.° 28

(Traduction.)

Noticia de Macpherson sobre a destruição do estabelecimento austriaco na bahia de Lourenço Marques

David Macpherson, *The history of the European commerce with the India.* London, 1812, p. 316.

But the spirit and hopes, excited by the bustle of these transactions, were somewhat damped by the information they received of their factory at *Delagoa* being destroyed by the Portuguese, who claim the sovereignty and exclusive commerce of the east coast of Africa.

Rapport de Macpherson sur la destruction de l'établissement autrichien dans la baie de Lourenço Marques

David Macpherson, *The history of the European commerce with the India.* London, 1812, p. 316.

Mais l'ardeur et les espérances réveillées par le bruit de ces transactions furent un peu diminuées par la nouvelle qu'ils reçurent que leur factorerie à *Delagoa* avait été détruite par les Portugais, qui réclament la souveraineté et le droit de commerce exclusif sur la côte orientale d'Afrique.

N.° 29

(Copie textuelle)

Dépêche du prince de Kaunitz au chevalier de Lebzeltern, ministre d'Autriche à Lisbonne, sur la destruction de l'établissement autrichien de Lourenço Marques — 23 février 1782

Monsieur—Nous avons appris avec bien de la surprise, par votre dépêche du 10 janvier, la nouvelle qu'une frégate portugaise envoyée avec des troupes à la *baie de Lagoa* par le vice-roi portugais des Indes, s'y serait emparée du *petit* établissement formé dès 1776 en cette baie par la société des négociants autrichiens qui trafiquent aux Indes, sous le nom de Bolts & Comp.e, y au-

raient pris deux gros vaisseaux appartenant à cette société, et enlevé tous les employés et marins pour les transporter aux Indes comme prisonniers.

Comme toutefois une nouvelle aussi étrange mérite confirmation pour qu'on puisse y ajouter pleine foi, l'Empereur est résolu d'en attendre des informations plus exactes avant de porter à la cour de Lisbonne les justes plaintes qu'un fait de cette nature exigerait; quoiqu'il en soit, Sa Majesté ne pouvant se persuader que la chose ait eu lieu en vertu d'ordres exprès de Sa Majesté Très-Fidèle désirant en même temps d'éviter toute explication fâcheuse avec une cour dont la bonne harmonie avec la nôtre a si constamment subsisté dans tous les temps, que l'histoire n'offre pas d'exemple de son interruption, j'ai ordre de vous charger, monsieur, de saisir la première occasion qui se présentera pour vous ouvrir confidentiellement sur cette nouvelle envers le ministère portugais et pour lui présenter préalablement les réflexions qui s'offrent naturellement sur cet objet, dans la supposition qu'il y eut quelque chose de vrai dans ce qu'on vous a appris.

La societé de Bolts est avouée et octroyée par la cour.

L'établissement qu'on dit enlevé a été formé par elle dans une contrée abandonnée de toute nation européenne et sur laquelle il n'existait (à ce qu'il paraît) aucun vestige de domination portugaise.

L'acquisition de terres qu'elle y a faite a été consommée du gré des princes naturels du pays.

Cinq ans se sont écoulés depuis cette acquisition jusqu'aujourd'hui sans que la moindre plainte ait été faite sur ce fait notoire de la part de la cour de Lisbonne.

Enfin, si ce qu'on vous a marqué se trouve avéré, l'enlèvement violent d'un établissement si mince et si peu fait pour donner de la jalousie à qui que ce soit, a été exécuté avec un éclat et des procédés innomés entre nations amies. Des sujets avoués de Sa Majesté Imperiale ont été traités comme des pirates, et des hostilités commises comme si les deux cours étaient en guerre ouverte.

L'Empereur ne prend aucun intérêt au commerce entrepris aux Indes par quelques-uns de ses sujets que celui de la protection qu'il est obligé de leur accorder. *Il ne prétend non plus décider que l'établissement formé par eux à la baie de Lagoa soit à l'abri de toute objection de la part de la cour de Portugal; il aurait au contraire été le premier à en ordonner l'évacuation en cas qu'on en eût fait de justes réclamations.* Mais ce qui serait infiniment sensible à Sa Majesté, et intéresserait même l'honneur de sa couronne, dans un objet en soi-même peu important, *ce serait la violence des moyens employés* en cette occurrence, et contraire aux égards dûs entre souverains, s'il fallait attribuer à la volonté positive de Sa Majesté Très-Fidèle ce que son amitié et sa magnanimité ne nous permet d'imputer qu'au zèle inconsideré du vice-roi des Indes.

Je me flatte que le résultat de votre explication préalable avec le ministère répondra à l'attente, et je puis dire, au désir sincère de l'Empereur, et nous dispensera de toute autre discussion que celle des motifs que Leurs Majestés Portugaises pouvaient avoir de réclamer la contrée qui ferait l'objet du différend, lequel pourra sans doute, au cas qu'il existât, être très aisément composé avec l'équité et la modération qui guideront toujours les démarches de Sa Majesté Impériale envers des princes dont l'amitié n'est pas moins chère à son cœur qu'elle est fondée sur une réciprocité héréditaire dans la maison d'Autriche.

On abandonne, au reste, monsieur, à votre prudence et sagacité la manière de laquelle vous vous acquitterez de la commission dont je viens de vous charger; et vous êtes même autorisé, si vous le jugez à propos, de communiquer le contenu de cette présente dépêche au ministère portugais, comme ne contenant que l'expression des vrais sentiments de Sa Majesté et de l'impression produite par la fâcheuse nouvelle que vous nous avez annoncée. Je suis, etc. Vienne, 23 février 1782.=(Signé) *Kaunitz Rietberg.*=A monsieur le Chevalier de Lebzeltern.

ANNÈXES AU N° 29

N° 1

Extrait d'une lettre de Mozambique du 1er août 1781

Nous partîmes de Bombay le 15 février sur le navire *le Comte de Proli* et étant arrivés à la *baie de Lagoa* après 70 jours de voyage, nous y trouvâmes la frégate portugaise *Sant'Anna e S. Joaquim,* capitaine Nicolas Dolgado Figueira da Cunha Dessa, qui s'était déjà emparée du bâtiment impérial *le Prince Ferdinand,* dont le capitaine Manwaring, le lieutenant, et l'équipage de 10 hommes avaient misérablement péri dans une affaire où ils s'étaient engagés avec les nègres. A notre arrivée nous reçûmes la visite d'un officier de ladite frégate, qui nous dit qu'elle était partie en janvier de Goa pour la baie de Saint-Augustin dans l'île de Madagascar, et qu'ayant été contrariée par les courants, qu'ayant beaucoup souffert à la hauteur d'Inhambane, elle avait été forcée de relâcher à ladite *baie de Lagoa* pour se réparer; et qu'y ayant trouvé ledit

[1] Archives du ministère des affaires étrangères—Légation d'Autriche, 1782.

bâtiment *le Prince Ferdinand* totalement abandonné, le commandant portugais s'en était rendu maître dans le dessein de le conduire à Goa pour le remettre à l'agent de mr. Boltz; mais que, puisque je me trouvais sur les lieux, le commandant portugais voulait me le remettre, et me priait en conséquence de passer incessamment à son bord, pour prendre acte de cette remise, parceque la frégate devait remettre à la voile le lendemain.

Ne soupçonnant rien de ce récit, je me rendis en effet à bord de la frégate en compagnie du capitaine Thomas Burton du navire *le Comte de Proli,* et du sieur Van Dorselaer, qui venait pour résider à Lagoa en qualité de député de la compagnie. Mais dès que nous fûmes à bord, le lieutenant-colonel Joachim Vincent Godinho de Mira, commandant portugais des troupes qui étaient sur la frégate, nous déclara qu'il nous faisait prisonniers, et que sur des ordres de Sa Majesté Très-Fidèle il était venu à cette baie pour en chasser tous les étrangers qui s'y trouveraient, et arrêter tous les Impériaux pour les conduire à Mozambique et de là à Goa pour qu'ils eussent à rendre compte et raison de la liberté que mr. Boltz avait prise d'établir un comptoir et d'arborer le pavillon impérial sur le territoire de Sa Majesté.

En conséquence les Portugais s'emparèrent aussi du navire le *Comte de Proli,* ainsi qu'ils avaient fait du bâtiment le *Prince Ferdinand,* et les ont conduits ici avec tous les Impériaux. A cette époque il se trouvait dans la *baie de Lagoa* deux bâtiments anglais, dont l'un *the Spy* fut contraint de sortir du port, et l'autre *Faitelay* eut la faculté de rester se trouvant muni d'un passe-port du gouverneur de Goa.

N° 2

Extrait d'une autre lettre de Mozambique du 10 août 1781

Conformément à ce que je vous marquai par ma dernière de Bombay du 26 décembre 1780 je me suis embarqué sur notre brigantin impérial *le Comte de Proli,* capitaine Burthon. Nous partîmes du susdit port le 15 février dernier pour la baie *da Lagoa,* où nous arrivâmes après une navigation de 70 jours. A notre entrée dans la susdite baie, nous fûmes bien surpris d'y trouver trois navires mouillés près de l'île Inhaca, située à peu près à 7 lieues de distance de l'embouchure de la rivière de Lourenço Marques, dans laquelle mr. le lieutenant-colonel Bolts s'était établi. Nous ne pouvions guère présumer que ce fussent des bâtiments expédiés de Livourne, et nous supposâmes que c'étaient des corsaires français de l'île Maurice, qui en croisant dans le canal de Mozambique, seraient entrés à *Lagoa,* pour y prendre des vivres, ou pour s'emparer des bâtiments anglais qui fréquentent cette baie pour la traite de l'ivoire. Mais nous fûmes bientôt détrompés, lorsque nous fûmes à portée de distinguer les pavillons. Le plus grand de ces navires était une frégate portugaise, qui nous tira un coup de canon pour nous obliger à mettre notre chaloupe dehors, et nous rendre à son bord. Nous ne sentîmes que trop ce que cela voulait dire, et ne pûmes qu'obéir. Cette frégate était armée de 40 canons et 500 hommes, parmi lesquels 2 compagnies du corps de l'artillerie, quelques pièces de campagne, et tout ce qui est nécessaire pour un débarquement. Elle était partie de Goa pour cette expédition par ordre de la cour de Lisbonne, et était arrivée un mois avant nous dans ladite baie *da Lagoa.* Son premier soin avait été d'entrer dans la rivière, d'y mettre bas le pavillon impérial, d'y arborer le portugais, et de s'emparer de tout ce qui appartenait à notre factorerie dans cette rivière. Après quoi les Portugais étaient venus mouiller sous le vent de l'île de Inhaca, et y étaient descendus pour y arracher aussi notre pavillon.

Le lieutenant-colonel portugais qui avait été chargé de cette expédition, et qui se trouvait à terre dans ladite île avec ses troupes n'eut pas plutôt su notre arrivée, qu'il se rendit à bord, et nous notifia, que cette vaste étendue de côte orientale d'Afrique, *à compter depuis le cap Delgado jusqu'à l'extrémité au sud de la baie da Lagoa, appartenait à Sa Majesté Très-Fidèle;* qu'il nous retenait prisonniers au nom de ce monarque, et que nous devions être conduits à Goa, où la cour déciderait de cette affaire. Ensuite il nous apprit le désastre qui était arrivé aux gens de notre factorerie de ladite rivière peu de temps avant l'arrivée de la frégate portugaise. En voici la substance:

Mr. Manwaring, Anglais, qui résidait *à Lagoa* en l'absence de mr. Pollet, ayant eu quelques démêlés avec les Cafres, était sorti avec toutes les personnes de notre service de notre brigantin *le Prince Ferdinand,* qui était mouillé dans ladite rivière. A peine furent-ils descendus à terre, qu'un corps nombreux de Cafres armés de lances fondit et fit main basse sur eux, de manière qu'il n'en échappa pas un seul, et que tous périrent misérablement.

N.° 30

(Traduction.)

Officio do ministro dos negocios estrangeiros de Portugal para o enviado portuguez em Vienna d'Austria, sobre a expulsão dos austriacos da bahia de Lourenço Marques —9 de abril de 1782

No officio de v. s.ª, que recebi este correio, vinhà a communicação que v. s.ª me fez de ter

Dépêche du ministre des affaires étrangères du Portugal au ministre portugais à Vienne, sur l'expulsion des Autrichiens de la baie de Lourenço Marques —9 avril 1872

Par votre lettre arrivée par le dernier courrier, j'ai reçu la communication que vous me faites

chegado a essa côrte a noticia do successo da Lagoa na Costa d'Africa, desalojando os portuguezes aos allemães que ali se tinham estabelecido por uma companhia de commercio: ao mesmo tempo me buscou mr. Lebzeltern, e me leu um officio que recebêra da sua côrte, do qual v. s.ª achará junto copia; e dando parte de tudo á Rainha nossa senhora, me ordenou que instruisse a s. s.ª d'este caso, que é verdadeiro, mas que tem muita diversidade no modo; porque o governador de Goa tendo-lhe chegado aviso d'aquelle estabelecimento em paiz que é incluido no mappa que tem dos territorios pertencentes aos limites do governo que se lhe confiou, expediu uma fragata para examinar o facto, e revindicar o territorio occupado, no caso de que o tivesse sido, em conformidade das ordens e instrucções geraes, que recebem todos os vice-reis e governadores da India, para não consentirem, emquanto seja possivel, que das terras ou costas, que por antigo direito de conquista, navegação e descobrimento pertencem á corôa de Portugal, se hajam de metter de posse, e fazer estabelecimentos outras nações quaesquer que sejam. O governador de Goa, em consequencia d'este successivamente recommendado antigo regimento, fez a referida expedição, que se soube pela parte que ha pouco d'ella deu a este ministerio; e Sua Magestade, em attenção a que a companhia que intentára aquelle estabelecimento merecêra a protecção do Imperador, como agora veiu a saber, ordenou que se entregassem as embarcações tomadas n'aquella costa aos proprietarios d'ellas com as cargas respectivas, e se pozessem em liberdade todas as gentes que com as taes embarcações foram conduzidas a Goa; dando com esta demonstração a mais evidente prova do quanto que preza o parentesco, amizade e boa harmonia com Sua Magestade Imperial, que felizmente subsiste depois de muitos seculos entre as corôas de Portugal e de Austria; esperando tambem Sua Magestade Fidelissima, que Sua Magestade Imperial haja de recommendar aos directores da sobredita companhia, que não perturbem aquellas terras a que a corôa de Portugal tem um antigo e até agora não disputado direito, como se lê nas historias.

N'esta materia poderá v. s.ª conversar com esse ministerio, asseverando as rectas intenções da nossa augusta Rainha, praticando aquella prudencia e zêlo que v. s.ª conhece são competentes.

Toda a real familia gosa de muito boa disposição.

Deus guarde a v. s.ª Palacio de Nossa Senhorá de Ajuda, 9 de abril de 1782.=*Ayres de Sá e Mello.*=Sr. conde de Oeynhausen [1].

[1] Archivo do ministerio dos negocios estrangeiros.

concernant la nouvelle répandue à Vienne de l'expulsion des Autrichiens de la baie de Lagoa sur la côte d'Afrique, où une compagnie de commerce avait fait faire un établissement. En même temps mr. de Lebzeltern est venu me trouver, et m'a lu la lettre officielle qu'il avait reçue de sa cour, et dont je vous envoie ci-joint la copie. Ayant fait part de tout à la Reine, notre souveraine, elle m'a ordonné de vous mettre au courant de l'affaire. La nouvelle dont vous me parlez est vraie, mais dans le fond les faits se sont passés d'une manière très différente. Le gouverneur de Goa ayant reçu la nouvelle de cet établissement sur un territoire compris dans la carte qu'il a des contrées renfermées dans les limites du gouvernement qui lui a été confié, a fait partir une frégate pour constater le fait et revendiquer en cas d'usurpation le territoire occupé; en agissant ainsi, il n'a fait qu'exécuter les ordres et les instructions générales données à tous les vice-rois et gouverneurs de l'Inde, qui enjoignent de ne pas permettre, autant qu'il leur sera possible, que d'autres nations, quelles qu'elles soient, prennent possession ou fassent des établissements sur des terres ou côtes maritimes appartenant à la couronne de Portugal par ancien droit de conquête, de navigation et de découverte.

En vertu de ce règlement recommandé à plusieurs reprises, le gouverneur de Goa a ordonné l'expédition, ce dont on a eu connaissance par la communication qu'il vient de faire à ce ministère. Mais attendu que la compagnie qui avait essayé de fonder l'établissement, avait obtenu la protection de l'Empereur, ce qu'on ne sait qu'à présent, Sa Majesté a ordonné de faire remettre aux armateurs les navires dont on a fait prise dans ladite côte, ainsi que leurs chargements, et de faire mettre en liberté tous les individus qu'on avait amenés avec eux comme prisonniers à Goa. Elle veut ainsi témoigner de la manière la plus évidente combien elle attache de prix aux relations de parenté, d'amitié et de bonne harmonie avec Sa Majesté Impériale, relations qui se sont maintenues depuis bien des siècles entre les couronnes du Portugal et de l'Autriche. Mais Sa Majesté Très-Fidèle espère aussi que Sa Majesté Impériale fera de son côté ordonner aux directeurs de la compagnie ci-dessus nommée de ne plus causer de troubles dans ces terres sur lesquelles la couronne du Portugal a un droit si ancien et qui n'a jamais été disputé jusqu'à présent, comme le démontre l'histoire.

Vous pouvez donc causer à cet égard avec le ministère, en garantissant les bonnes intentions de notre auguste Reine, et n'oubliant pas en tout cas la prudence et le zèle qu'il faut, vous le savez, déployer dans ces affaires.

Toute la famille royale se porte bien.

Dieu garde votre seigneurie. Palais de Notre Dame d'Ajuda, ce 9 avril 1782.=*Ayres de Sá e Mello.*=Mr. le comte d'Oeynhausen [1].

[1] Archive du ministère des affaires étrangères.

N.º 31

(Traduction.)

Officio do ministro portuguez em Vienna d'Austria ao ministro dos negocios estrangeiros de Portugal, sobre o que passára com o governo austriaco a respeito da destruição do estabelecimento de Bolts — 11 de maio de 1782

Ill.mo e ex.mo sr. — Recebi o despacho de v. ex.ª de 9 do mez de abril com a copia da carta de officio que mr. de Lebzeltern entregou a v. ex.ª, em que o ministerio imperial se queixa do *modo* com que procedeu o governador da India contra alguns negociantes allemães que tentaram fazer um estabelecimento na Bahia da Lagoa na costa de Africa.

Não deixei de ir fallar n'esta materia com o vice-chanceller conde de Cobenzl, e em conformidade das ordens de que v. ex.ª me fez lhe disse eu:

Que Sua Magestade a Rainha Nossa Senhora havia sido informada pelo seu governador da India que, tendo este noticia em como alguns negociantes allemães tinham feito diligencias para se estabelecerem de sua auctoridade propria na Bahia da Lagoa na costa de Africa, cujo territorio pertencia á corôa de Portugal por direito de *descoberta,* de *conquista,* e de *antiga posse,* julgára ser obrigação sua oppor-se a isto, expedindo para lá uma fragata com o fim de trazer a Goa os ditos negociantes com as suas embarcações e effeitos.

Que Sua Magestade tendo sido informada depois por mr. de Lebzeltern, ministro imperial na sua côrte, do muito que Sua Magestade imperial se interessava pelos ditos negociantes por serem de uma companhia por Elle reconhecida e outorgada, Sua Magestade mandára que eu désse a saber a Sua Magestade Imperial o quanto Ella toma a peito tudo aquillo com que podér dar-lhe mostras do desejo que tem de manter a boa harmonia, que a união do sangue, e da antiga amizade bem estabelecida entre ambos, e para dar-lhe d'isto uma prova evidente, assim n'esta occasião, como em qualquer outra, Sua Magestade tinha mandado que todas as pessoas conduzidas a Goa e suas embarcações com as cargas fossem postas em liberdade.

Que Sua Magestade de sua parte esperava que Sua Magestade Imperial havia de querer corresponder com esta demonstração de seus sentimentos inviolaveis para com Elle, mandando aos directores da dita companhia de commercio que se não embaraçassem d'aqui por diante n'aquillo que podesse perturbar os dominios da corôa de Portugal n'aquelle terreno, e ao qual tem um jus tão antigo como incontestavel.

O sr. vice-chanceller conde de Cobenzl me respondeu, que Elle não deixaria de dar logo conta ao Imperador das expressões cheias de amizade de Sua Magestade a rainha minha soberana, e que me assegurava d'antemão, que Sua Magestade Imperial teria um grande prazer assim d'isto, como tambem de proceder em mandar soltar a gente conduzida por ordem do go-

Dépêche du ministre portugais à Vienne au ministre des affaires étrangères du Portugal sur ce qui s'était passé entre lui et le gouvernement autrichien à propos de la destruction de l'établissement de Bolts — 11 mai 1782

Excellence. — J'ai reçu votre dépêche du 9 avril avec la copie de la lettre officielle que mr. de Lebzeltern vous à remise, et dans laquelle le ministère impérial se plaint *de la manière* dont le gouverneur de l'Inde a agi envers quelques négociants allemands qui avaient essayé de fonder un établissement dans la baie de Lagoa sur la côte d'Afrique.

J'ai entretenu là-dessus le vice-chancelier, comte de Cobenzl, et d'après les ordres de Votre Excellence je lui ai dit: Que Sa Majesté la Reine, notre souveraine, avait été informée par le gouverneur de l'Inde, que, ayant eu connaissance que quelques négociants allemands avaient essayé de s'établir de leur autorité privée dans la baie de Lagoa sur la côte d'Afrique, dont le territoire appartient à la couronne de Portugal par droit de *découverte,* de *conquête* et d'*ancienne possession,* il avait cru de son devoir de s'opposer à cette tentative en envoyant dans la baie une frégate dans le but de conduire à Goa ces négociants avec leurs navires et chargements.

Que Sa Majesté, ayant été informée dernièrement par mr. de Lebzeltern, ministre impérial près sa cour, de l'intérêt que Sa Majesté Impériale témoignait à ces négociants, qui faisaient partie d'une compagnie reconnue et autorisée par Elle, Sa Majesté la Reine m'avait ordonné de faire savoir à Sa Majesté Impériale, qu'elle tient à cœur de toujours faire tout ce qui pourra témoigner de son désir de maintenir l'harmonie établie entre les deux couronnes par l'union du sang et d'une ancienne amitié; et que pour lui en donner maintenant une preuve évidente, elle avait fait expédier des ordres afin que l'on rendît la liberté à toutes les personnes prisonnières à Goa, et qu'on les remît en possession de leurs navires et chargements:

Que Sa Majesté espérait que Sa Majesté Impériale voudrait bien répondre de son côté à cette démonstration de ses sentiments inviolables envers Elle, en ordonnant aux directeurs de ladite compagnie de commerce de ne plus rien tenter à l'avenir qui pût porter atteinte à la souveraineté de la couronne du Portugal sur un territoire auquel elle a des droits aussi anciens qu'incontestables.

Mr. le vice-chancelier, comte de Cobenzl, m'a répondu qu'il ne manquerait pas de rendre compte à l'Empereur des expressions amicales de Sa Majesté la Reine, ma souveraine, et qu'il m'assurait d'avance que Sa Majesté Impériale en aurait un grand plaisir, ainsi que de la manière dont on avait agi envers les prisonniers rendus à la liberté à Goa, et remis en posses-

vernador de Sua Magestade Fidelissima da India e assim como as embarcações e mais as suas cargas, e que não deixaria de me fazer participante de tudo o que o imperador lhe desse a saber de mais a este respeito, que entretanto elle me podia dizer para minha particular informação, que era verdade que um chamado Boltz tinha formado esta companhia de commercio de que se trata debaixo da protecção e do consentimento do imperador, mas que o dar-lhe licença para negociar ou para estabelecer alguma feitura de nenhum modo o tinha auctorisado a fazer um estabelecimento em territorios pertencentes a potencias estrangeiras; que o dito Boltz se achava actualmente em Leorne, onde a côrte lhe tinha mandado ordem para vir aqui a dar elle mesmo as explicações de que necessita a mesma côrte sobre esta materia, e que está para chegar aqui qualquer dia d'estes: que entretanto elle tinha communicado ao ministerio imperial que provaria á vista de contratos authenticos concluidos com os naturaes da terra, que o estabelecimento feito por elle na Bahia da Alagoa era situado sobre um terreno abandonado dos portuguezes ha muitos annos, e que os indigenas de nenhum modo reconheciam a dominação da corôa de Portugal.

Eu respondi ao sr. conde de Cobenzl que o territorio de que se trata, incontestavelmente se comprehendia nos dominios da corôa de Portugal na costa de Africa, e que se por razões de interesse a corôa até agora não tinha julgado conveniente de lá fazer um estabelecimento, não se seguia d'ahi que ella tivesse renunciado o seu jus e a tolerancia e concedido ás outras nações o direito de lá se estabelecerem sem seu consentimento.

O sr. vice-chanceller, replicou: Mas segundo esse principio, nação alguma exceptuando a portugueza poderá fazer um estabelecimento de commercio sobre a costa de Africa desde o cabo da Boa Esperança até o de Babelmandel? Eu lhe respondi que certamente não podia ser em territorio algum n'esta costa pertencente á corôa de Portugal por direito de descoberta, conquista e navegação.

O conde de Cobenzl tornou-me a repetir que Boltz não terá certamente a approvação do imperador se elle não podér justificar o seu procedimento, porque de nenhum modo tivera auctoridade para obrar do modo que prejudicasse os direitos dos outros soberanos, e muito menos os de uma soberana, com a qual Sua Magestade o Imperador se achava tão fortemente alliada pelo sangue e amizade; que Boltz queria persuadir que o seu estabelecimento feito na Bahia da Alagoa não era de importancia alguma para as demais nações, e que não era senão para que as embarcações que vão á India com bandeira imperial podessem aportar e fazer ali a sua aguada.

Eu já fallei a v. ex.ª em alguns officios meus do adiantamento que o imperador deseja dar ao commercio dos seus subditos para a India, e pareceu-me pelo modo da conversação do conde de Cobenzl que a côrte imperial estimaria com effeito que a sua companhia de commercio tivesse um estabelecimento sobre a costa oriental

sion de leurs navires et chargements; et qu'il ne manquerait pas non plus de me communiquer tout ce que l'Empereur lui ferait savoir à cet égard. Il a ajouté en attendant, et pour mon information particulière, qu'il était vrai qu'un nommé Bolts avait formé la compagnie de commerce dont il s'agit, sous la protection et avec le consentement de l'Empereur; mais que celui-ci ne lui avait nullement accordé la permission de faire le commerce ou d'établir des factoreries sur des territoires appartenant aux puissances étrangères; que Bolts se trouvait maintenant à Livourne où la cour lui avait envoyé l'ordre de venir à Vienne donner personnellement les explications dont elle a besoin sur se sujet, et qu'il devait arriver un de ces jours; qu'il avait cependant écrit au ministère impérial en s'engageant à prouver par des contrats authentiques faits avec les naturels du pays, que son établissement dans la baie de Lagoa était situé sur un terrain abandonné par les Portugais depuis longtemps, et sur lequel les indigènes ne reconnaissaient pas la domination de la couronne de Portugal.

J'ai répondu à mr. le comte de Cobenzl, que le territoire dont il s'agit est incontestablement compris dans les domaines de la couronne de Portugal sur la côte d'Afrique; et que si, pour des raisons d'intérêt, elle n'avait pas jusqu'à présent jugé convenable d'y former un établissement, on ne pouvait en conclure qu'elle eût renoncé pour cela à son droit et à sa souveraineté, et reconnu aux autres nations le droit de s'y établir sans son consentement.

Mr. le vice-chancelier a répliqué: D'après ces principes aucune nation autre que la nation portugaise ne pourrait donc établir un comptoir de commerce sur la côte d'Afrique entre le cap de Bonne-Espérance et celui de Babelmandel? je lui ai répondu qu'il en était ainsi pour tous les territoires appartenant à la couronne de Portugal par droit de découverte, de conquête et de navigation.

Le comte de Cobenzl m'a répété que Bolts n'aurait pas assurément l'appui de l'Empereur s'il ne pouvait justifier sa conduite; car il n'avait pas d'autorisation pour agir de manière à porter préjudice aux droits des autres souverains, et bien moins à ceux d'une souveraine à laquelle Sa Majesté l'Empereur est allié par les liens les plus étroits de sang et d'amitié; que Bolts voulait faire croire que l'établissement de la baie de Lagoa n'avait pas assez d'importance pour exciter la jalousie des autres nations; et qu'il ne servait que de point de relâche aux embarcations faisant voile vers l'Inde sous pavillon impérial, et qui devaient y faire leurs provisions d'eau.

J'ai déjà fait comprendre à Votre Excellence, dans quelques autres dépêches, que l'Empereur verrait avec plaisir se développer le commerce de ses sujets avec l'Inde; et il me semble, d'après la conférence que j'ai eue avec le comte de Cobenzl, que la cour impériale serait heureuse si sa compagnie de commerce

da Africa, com o consentimento da Rainha Nossa Senhora.

Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. Vienna de Austria, 11 de maio de 1782.—Ill.mo e ex.mo sr. Ayres de Sá e Mello.=*Conde de Oeynhausen.*

pouvait avoir sur la côte d'Afrique un établissement avec le consentement de la Reine, notre souveraine.

Dieu donne à Votre Excellence de longues années. Vienne en Autriche, ce 11 mai 1872.—A Son Excellence Ayres de Sá e Mello.=*Comte de Oeynhausen.*

N.º 32

(Traduction.)

Declaração feita entre o governador de Lourenço Marques e o regulo de Maputo
Macazana Maxilleme em Maputo—8 de outubro de 1823

O ill.mo governador obriga-se a dar-lhe a protecção que estiver em seu alcance, vistoque este regulo só reconhece aos portuguezes por senhores e descobridores de todas estas terras; ficando d'esta maneira as antigas relações em seu vigor, sem que tenha valor qualquer outro negocio, ou convenção com qualquer nação; logoque não seja feita com o governo de Portugal.=(Assignados)=*Miguel Lupe de Cardenas,* governador=*Macazana,* + regulo de Maputo=*Maximiano José Fernandes,* alferes do destacamento=*Camania,* irmão do regulo e primeiro secretario=*Manuel José Lisboa*=*Eleuterio Henrique,* interpretes=como encarregado por este governo de Lourenço Marques, de escrivão, na impossibilidade do effectivo, *E. V. S.*=(Assignado) *Vicente Thomás dos Santos.*

Assim é copia em publica fórma exacta, assim como todas as assignaturas do que dou fé, e reconheço conforme o meu cargo e officio—Bahia de Lourenço Marques, 22 de outubro de 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* escrivão interino.

Fica registada no livro 3.º d'este governo a fl. 11, e por ordem do ill.mo governador.—Bahia de Lourenço Marques, 28 de outubro de 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* escrivão interino.

Déclaration faite entre le gouverneur de Lourenço Marques et le régule de Mapouto.
Macazana-Maxilleme à Mapouto—8 octobre 1823

Le gouverneur s'oblige à le protéger de tout son pouvoir, attendu que ce régule reconnaît que les Portugais sont les seuls maîtres de ces terres et les premiers que les ont découvertes; les anciennes relations restant ainsi en vigueur, sans qu'aucune affaire ou convention avec toute autre nation soit valable, n'étant pas conclue avec le gouvernement du Portugal.=(Signés) *Miguel Lupe de Cardenas,* gouverneur.=*Macazana,* + régule de Mapouto.=*Maximiano Joseph Fernandes,* sous-lieutenant du détachement.=*Camania,* frère du régule et premier secrétaire.=*Manuel José Lisboa.*=*Eleuterio Henrique,* interprêtes.=Remplissant l'office de greffier par ordre de ce gouvernement de Lourenço Marques, en l'absence du greffier titulaire, E. V. S.=*Vicente Thomás dos Santos.*

Telle est la copie authentique, et telles sont toutes les signatures que je certifie véritables et que je légalise en vertu des fonctions de ma charge.—Baie de Lourenço Marques, ce 22 octobre 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* greffier par intérim.

Enregistrée au livre 3e de ce gouvernement, au folio 11e et par ordre du gouverneur.—Baie de Lourenço Marques, ce 28 octobre 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* greffier par intérim.

N.º 33

(Traduction.)

Auto de reconhecimento de Maieta como regulo do Tembe
20 de outubro de 1823

Aos 20 de outubro de 1823, n'esta povoação de Maxancha, depois de ter o dito Maieta no dia de hontem ido prestar a costumada homenagem á feitoria com uma grande parte dos seus grandes, a fim de que a feitoria o fizesse reconhecer pelo povo de Temby, sem o que, na conformidade do costume e do seu dever, não póde ser reconhecido. E tendo-se feito a costumada averiguação conforme o costume, todos os grandes que se achavam juntos, depois de longas orações, e de commum accordo, declararam ser o Maieta a quem pertence o governo de Tembe.

Em consequencia do que, tendo prestado toda a homenegem e respeito que deve, con-

Acte de reconnaissance de Maieta comme régule du Tembe
20 octobre 1823

Le 20 octobre 1823, en ce village de Maxancha, ledit Maieta ayant été la veille à la factorerie rendre hommage, suivant la coutume, avec un grand nombre de personnes de sa cour afin d'y être investi de l'autorité et du pouvoir, et d'être reconnu par son peuple de Tembe; la vérification accoutumée s'étant faite suivant l'habitude, tous les grands qui étaient présents, après de longues prières et d'un commun accord, ont déclaré que c'est à Maietta qu'appartient le gouvernement du Tembe.

Ayant, en conséquence, rendu hommage respectueux au Portugal, selon l'usage du pays,

forme é dever d'esta terra, este homem foi reconhecido geralmente por todo o povo, e se lhe fez os cumprimentos necessarios por costume; ficando desde hoje reconhecido por todo o povo de Tembe (e pela feitoria) como seu regulo e superior, com o titulo de Capella; obrigando-se na conformidade do seu dever e antigos costumes, a reconhecer-se sujeito á feitoria, sem o que não terá valor a sua auctoridade. E sendo-lhe lido por todos os interpretes, tanto da feitoria, como de Temby, interpretado com clareza e da melhor fórma, não só a este regulo, como a todos os grandes, seus immediatos e povo, foi acceito por todos geralmente, como seu dever e costume, e com todo o enthusiasmo. Pelo que assignaram, e muito da sua vontade, com todas as pessoas da primeira representação que se acham presentes. = *Miguel Lupe de Cardenas,* governador = *Antonio Modesto de Sousa,* capitão = *Maximiano José Fernandes,* alferes = *Antonio Pedro Teixeira,* tenente = *Vicente Thomás dos Santos,* mestre de barco = *Manuel José Lisboa,* interprete = *Salvador Leite Pereira,* furriel = *Maieta Lucumbla + Lamba Melaxane,* regulo de Tembe = *Mativala Xiviambire,* avô do novo regulo = *Modamane* = assignado pelo *Maxana Madomane,* é irmão da avó do regulo = infante dito *Maxinhava,* irmão da avó = *Sicongo* ou *Mulate, Impambate,* filho de *Mulate,* irmão do antecessor regulo = *Chicata Mombo,* neto do antecessor regulo = *Chicaleta* ou *Chicati Movi,* irmão do dito antecessor = *Anchigila,* neto do antecessor dito = *Molhequa,* filho do dito regulo = *Magone,* filho do dito = *Mopoxe,* neto do dito = *Baivane,* sobrinho do antecessor = *Bezaluno,* dito do dito = *Suanhanhe,* filho do dito = *Maupe,* dito dito = *Massegue Maxembeve,* filho do dito = *Gogo* e *Mar,* filho do dito = *Chongoe,* sobrinho do dito = *Noubile Maxevouda,* sobrinho do dito = *Goane Dinane,* filho do antecessor = *Metane,* primeiro secretario do presente regulo = *Macanhana,* segundo secretario.

Reconheço serem as assignaturas supra dos proprios que assignaram perante mim, o que certifico debaixo da minha palavra de honra. Bahia de Lourenço Marques, 20 de outubro de 1823. = *Antonio Pedro Teixeira,* escrivão interino.

Extrahido do livro dos registos n.° 1, fl. 8, onde se registou o proprio original por ordem do ill.mo governador, de que dou fé. — Bahia de Lourenço Marques, 28 de outubro de 1823. = *Antonio Pedro Teixeira,* escrivão interino.

cet homme a été reconnu par tout le peuple, il a reçu les compliments d'usage et il est reconnu dès aujourd'hui par tout le peuple de Tembe (et par la factorerie) comme son régule et son chef, avec le titre de Capella, s'obligeant, conformément à son devoir et aux anciens usages, à se reconnaître sujet de la factorerie, sans quoi son autorité n'aura pas de valeur. Et cet acte lui ayant été lu par tous les interprètes, autant de la factorerie que du Tembe, et interprété clairement et en la meilleure forme non-seulement à ce régule, mais encore à tous les grands, à leurs subalternes et au peuple, il a été accepté par tous, en général, selon le devoir et l'habitude, et avec un grand enthousiasme. C'est pourquoi, ils ont signé, et de fort bon gré, avec toutes les personnes de premier rang qui se trouvaient présentes. = *Miguel Lupe de Cardenas,* gouverneur = *Antonio Modesto de Sousa,* capitaine = *Maximiano José Fernandes,* sous-lieutenant = *Antonio Pedro Teixeira,* lieutenant = *Vicente Thomás dos Santos,* capitaine de navire = *Manuel José Lisboa,* interprète = *Salvador Leite Pereira,* fourrier = *Maieta Lucumbla + Lamba Melaxane,* régule du Tembe = *Mativala Xiviambire,* grand-père du nouveau régule = *Modamane* = signé par le *Maxana Madomane,* c'est le frère de la grand-mère du régule = L'infant dit *Maxinhava,* frère de la grand-mère = *Sicongo* ou *Mulate, Impambate,* fils de *Mulate,* frère du dernier régule = *Chicata Mombo,* petit-fils du dernier régule = *Chicaleta* ou *Chicati Movi,* frère dudit dernier régule = *Anchigila,* petit-fils dudit dernier régule = *Molhequa,* fils dudit régule = *Magone,* fils du même = *Mapoxe,* petit-fils du même = *Baivane,* neveu du dernier régule. = *Bezaluno,* idem = *Saunhanhe,* fils du même = *Maupe,* idem = *Massegue Maxembeve,* fils du même = *Gogo* et *Mar,* fils du même = *Chongoe,* neveu du même = *Noubile Maxevonda,* neveu du même = *Goane Dinane,* fils du dernier régule = *Metane,* premier secrétaire de l'actuel régule = *Macanhana,* deuxième secrétaire.

Je reconnais les signatures pour être celles des individus qui ont signé en ma présence, ce que je certifie sur ma parole d'honneur. Baie de Lourenço Marques, ce 20 octobre 1823. = *Antonio Pedro Teixeira,* greffier par intérim.

Extrait du livre des enregistrements n° 1, fol. 8, où l'original a été enregistré par ordre du gouverneur, ce que j'atteste. Baie de Lourenço Marques, ce 28 octobre 1823. = *Antonio Pedro Teixeira,* greffier par intérim.

N.° 34

Auto de reconhecimento da soberania portugueza pelo regulo Maieta do Tembe — 20 de outubro de 1823

No anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, aos vinte de outubro de mil oitocentos vinte e tres, n'esta povoação de Ma-

(Traduction.)

Acte de reconnaissance de la souveraineté portugaise par le régule Maieta du Tembe — 20 octobre 1823

L'an mil huit cent vingt-trois de la naissance de Notre-Seigneur Jésus-Christ, ce vingt octobre, dans ce village de Machanxa à Tem-

chanxa em Tembe, se lavrou este termo—Desejando o ill.mo governador qualificar quanto possivel a verdade relativamente ás noticias vagas, e mesmo por causa da carta, que este governo recebeu do capitão Owen, da fragata *Leven*, de Sua Magestade Britannica, a fim de fazer presente a quem competir, convidou a todas as pessoas inglezas que se acham n'esta bahia, por officio dirigido ao sobrecarga das duas escunas (mr. Macuart) para testemunharem publicamente e claramente a verdade com perguntas feitas ao regulo Maieta, por titulo Capella, e a todos os grandes, parentes e secretarios, porque todos se achavam juntos, e declararam como segue:

Perguntou-se-lhes quem eram elles, e a quem pertenciam e reconheciam?

Responderam o Capella, e todos applandiram, como segue tal e qual. Que nós somos Landins filhos do Capella nosso antecessor; este nasceu dos Molungos (portuguezes), assim como o Matola e Munhamba, que tem estas praças, e que elles agenciam alguns meios para poderem adquirir algum fato; e se lhes levam alguns presentes aos inglezes, é para receberem em retribuição algum fato.

Perguntou-se mais, se tinha assignado algum papel a alguem, ou ao dito Owen, em que fazia a doação das suas terras a Sua Magestade Britannica?

Respondeu que elle não tinha assignado papel algum, e que nem elle podia dar as terras, porque ellas pertenciam aos Molungos (portuguezes); que é verdade que elle recebeu do capitão Owen algum fato, mas que esse foi recompensado com bois e marfim que lhe deu; e que se elles pensam, que elle, por aquelle presente tinha dado as terras, que estavam muito enganados, e que elles não podiam fazer tal cousa, porque era aos Molungos que elles tambem pertenciam.

Perguntou-se outra vez ao mesmo Maieta, se elle podia entregar as terras aos inglezes?

Respondeu, e foi por todos certificado que era um impossivel fazer isso; vistoque ha muitos annos tinham um padrão de pedra e uma bandeira, e ha pouco tempo era n'estas terras que os portuguezes tinham sua praça, e que se consideraram sempre sujeitos ao governo portuguez; tanto assim, que quando elle ía a bordo de qualquer navio estrangeiro, mesmo a bordo da fragata *Leven*, sempre mandava parte ao ill.mo governador. E a final affirmaram do seu voto proprio, tanto o regulo como a nobreza e povo, com o mais forte juramento, pedindo uma bandeira portugueza n'estas terras de Tembe, e um destacamento para a guardar; poisque não conheciam n'estas terras outra que a bandeira portugueza.

Perguntou-se-lhe e pedindo-se o padrão?

Responderam que elle está enterrado e guardado; porém que estava em casa e seguro; e que hoje por ser tarde o não mostravam; porém em toda outra qualquer occasião.=*Miguel Lupe de Cardenas*, governador=*Antonio Modesto de Sousa*, capitão e commandante=*Ma-*

be, le présent acte a été dressé.—Voulant savoir autant que possible la vérité relativement à de certains bruits, et même à cause de la lettre que ce gouvernement a reçue du capitaine Owen, de la frégate *Leven* de Sa Majesté Britannique, (afin d'en donner connaissance à qui de droit), le gouverneur a invité tous les Anglais qui se trouvent dans cette baie, par dépêche adressée au subrécargue des deux schooners (mr. Macuart), à témoigner publiquement et clairement de la vérité au moyen de questions posées au régule Maieta, intitulé Capella, et à tous les grands, parents et secrétaires, qui tous se trouvaient réunis; et ils ont déclaré ce qui suit.

On leur a demandé qui ils étaient, à qui ils appartenaient et qui ils reconnaissaient?

Capella a répondu exactement comme suit, et tous ont applaudi. Nous sommes Landins, fils du Capella notre prédécesseur, qui est né des Molungos (Portugais), ainsi que le Matola et Munhamba, qui possédent ces territoires, et qui emploient quelques moyens pour avoir des vêtements; et s'ils portent quelques présents aux Anglais, c'est pour en recevoir des vêtements comme rétribution.

On lui a demandé en outre s'il avait signé quelque papier à quelqu'un, ou audit Owen, faisant donation de ses terres à Sa Majesté Britannique?

Il a répondu qu'il n'avait signé aucun papier et qu'il ne pouvait pas donner ces terres, parce qu'elles appartenaient aux Molungos (Portugais); qu'il était vrai qu'il avait reçu du capitaine Owen quelques vêtements, mais qu'ils avaient été payés par des bœufs et de l'ivoire qu'il lui avait donnés; et que s'ils pensent qu'il avait donné ces terres en échange de ce présent, ils se trompaient fort, et qu'ils ne pouvaient faire une telle chose, parce qu'eux aussi appartenaient aux Molungos.

On a demandé de nouveau au même Maieta s'il pouvait livrer les terres aux Anglais?

Il a répondu, et tous l'ont certifié, qu'il lui était impossible de faire une telle chose attendu que depuis plusieurs années ils avaient sur leurs terres une colonne aux armes de Portugal et un drapeau, et que les Portugais avaient naguère leur comptoir dans ces terres, et qu'ils se sont toujours considérés sujets du gouvernement portugais, tellement que lorsqu'il allait à bord de quelque navire étranger, même à bord de la frégate *Leven*, il en faisait toujours part au gouverneur. Et enfin, le régule, aussi bien que la noblesse et le peuple, l'ont affirmé de leur propre gré et sous le serment le plus solennel, demandant un drapeau portugais pour ces terres de Tembe et un détachement pour le garder; parce qu'ils ne reconnaissaient dans ces terres d'autre drapeau que le portugais.

On leur a demandé de montrer la colonne aux armes de Portugal.

Ils ont répondu qu'elle était enterrée et gardée; mais qu'ils l'avaient chez eux en sûreté; qu'ils ne la montraient pas aujourd'hui parce qu'il était tard; mais qu'ils la montreraient en toute autre occasion.=*Miguel Lupe de Cardenas*, gouverneur=*Antonio Modesto de Sousa*, capi-

ximiano José Fernandes, alferes=*Vicente Thomás dos Santos,* capitão e mestre do barco de viagem=*Salvador Leite Pereira,* furriel=*Theodoro José*=*José Manuel Pantosga,* cabo=*Mucissete Baxary*=*Joaquim Manuel*=*João da Costa*=*João Manuel*=*Antonio José Banardaque*=*Manuel José Lisboa*=*Eleuterio Henriques,* interprete.

Reconheço os signaes das testemunhas acima mencionadas no presente acto de declaração do regulo Capella, nobreza e povo de Tembe; e declaro que, sendo offerecido para tambem assignar como testemunha a mr. Macuard, inglez de nação, o qual assistio a toda a declaração, elle se escusou. O que tudo porto por fé da verdade. Bahia de Lourenço Marques, 20 de outubro de 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* escrivão interino.

Extrahido do livro do registo n.º 3, a fl. 10 e 11, onde se registou o proprio original por ordem do ill.mo governador, do que dou fé. Bahia de Lourenço Marques, 28 de outubro de 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* escrivão interino.

taine-commandant=*Maximiano José Fernandes,* sous-lieutenant=*Vicente Thomás dos Santos,* capitaine du navire de voyage=*Salvador Leite Pereira,* fourrier=*Theodoro José*=*José Manuel Pantosga,* caporal=*Mucissete Baxary*=*Joaquim Manuel*=*João da Costa*=*João Manuel*=*Antonio José Banardaque*=*Manuel José Lisboa*=*Eleuterio Henriques,* interprète.

Je reconnais les signatures des témoins susmentionnés du présent acte de déclaration du régule Capella, de la noblesse et du peuple de Tembe; et je déclare que mr. Macuard, anglais de nation, qui a assisté à toute la déclaration, ayant été invité à signer également comme témoin, a refusé de le faire. Ce que je certifie comme vrai. Baie de Lourenço Marques, ce 20 octobre 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* greffier par intérim.

Extrait du livre d'enregistrement, nº 3, fol. 10 et 11, où l'original a été enrégistré par ordre du gouverneur; ce que j'atteste. Baie de Lourenço Marques, ce 28 octobre 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* greffier par intérim.

N.º 35

(Traduction.)

Officio de lord Londonderry ao encarregado de negocios de Portugal em Londres, pedindo recommendações em favor do capitão Owen que ia estudar a costa de Africa a leste do Cabo da Boa Esperança — 2 de fevereiro de 1822

His Majesty's Government having appointed two small ships of war to proceed, under the orders of captain Owen, to survey the coast of Africa to the Eastward of the Cape of Good Hope, for the benefit of navigation and general science, the undersigned, His Majesty's Principal Secretary of State for Foreign affairs, has the honor to request that M. d'Oliveira, His Most Faithful Majesty's chargé d'affaires, would have the goodness to furnish Captain Owen with Letters to the Portuguese authorities on that coast, desiring them to afford to him such refreshments and assistance as the ships may be in need of, in the event of their touching Mozambique or any other Portuguese settlement in the African coast.

The undersigned has the honor to add, that as the ships are now quite ready to proceed on their voyage, His Majesty's Government are anxious to obtain these letters as early as possible. The undersigned avails himself of this opportunity to renew to M. d'Oliveira the assurances of his high consideration.

Foreign office, February 2.nd 1822.=Londonderry.=M. d'Oliveira, etc.

Dépêche de lord Londonderry au chargé d'affaires de Portugal à Londres, demandant des lettres de recommandation en faveur du capitaine Owen qui allait étudier la côte d'Afrique à l'est du cap de Bonne-Espérance — 2 février 1822

Le gouvernement de Sa Majesté ayant désigné deux petits navires de guerre pour aller sous les ordres du capitaine Owen, explorer la côte d'Afrique à l'E. du cap de Bonne-Espérance, dans l'intérêt de la navigation et de la science en général, le soussigné, premier secrétaire d'État de Sa Majesté pour les affaires étrangères, a l'honneur de prier M. d'Oliveira, chargé d'affaires de Sa Majesté Très-Fidèle, d'avoir la bonté de pourvoir le capitaine Owen de lettres pour les autorités portugaises sur cette côte, leur demandant de lui donner les ravitaillements et l'assistance dont ces navires pourraient avoir besoin au cas où ils toucheraient à Mozambique, ou à tout autre établissement portugais sur la côte d'Afrique.

Le soussigné a l'honneur d'ajouter que les navires étant tout prêts à entreprendre le voyage, le gouvernement de Sa Majesté désire obtenir ces lettres le plus tôt possible. Le soussigné profite de cette occasion pour renouveler à M. d'Oliveira l'assurance de sa haute considération.

Ministère des affaires étrangères, ce 2 février 1821.=*Londonderry*=*M. d'Oliveira,* etc.

N.º 36

(Traduction.)

Figurada cessão de Maieta, regulo de Tembe, ao capitão Owen 8 de março de 1823

King Mayett Kapell, king of all the territories lying between the Rivers English and Dun-

Cession figurée de Maieta, régule de Tembe, au capitaine Owen 8 mars 1823

Le Roi Mayett Kapell, roi de tous les territoires situés entre les fleuves English et Dundas,

das, on the one side, and the River Mapoota on the other, commonly called Temby, after one of his ancestors, who first settled there, makes free cession thereof to His Britannic Majesty, under the following conditions:

1. That free commerce shall be allowed with every part of the British dominions, under such restrictions as His Britannic Majesty shall deem advisable.

2. That a military force shall be stationed at Temby, to protect him and his people against the inland tribes and the Portuguese (concerning whose conduct towards them they complained greatly).

3. That the person who shall there represent His Britannic Majesty, shall be invested with unlimited authority to administer the laws and statutes for Temby.

4. That no laws shall be introduced for the whites or blacks, until the same shall have been investigated in the first instance by the Chiefs (Opperhoofden), and subsequently by the grand council, consisting of the English Governor, King Kapell, and two British and two Tembian Councillors.

5. That the number of Chiefs shall not exceed one for every square mile (league), half of whom are te be British and half Tembian. The British are to be chosen and nominated by the British Governor, and the Tembian by King Kapell.

6. That no Governor shall retain his appointment longer than five years, at the end of which period, their public conduct shall be liable to open investigation in England.

7. No law or restriction shall ever be proposed or introduced, by which any restraint shall be offered to personal freedom and safety, and to perfect good faith, that is to say, persons and their properties shall be inviolable and sacred.

8. Lands which may be required for public buildings and works, shall, after the second year of a British settlement being founded, be ceded by due form of law; till that time king Kapell shall point out such lands as the governor may require for the above purposes.

9. The chiefs (Opperhoofden) shall be summoned to assemble four times a year, each time for the period of fourteen days, from which meetings none of them shall absent himself, without permission from the united authority of the Governor and King Kapell.

10. Every man shall have authority in his own household, over his wives, children and servants, within the limitations of the law. The laws shall be made as simple as possible, and every young man shall be duly instructed in them. After he shall have attained the age of 17 years, he shall solemnly bind himself to keep the same faithfully. He is then responsible to the state alone, unless he lives in his father's house.

11. All civil and criminal cases shall be brought before Judges and «Arbiters» (jurymen), three «Arbiters» in civil, and seven in criminal cases.

d'un côté, et le fleuve Mapouto, de l'autre, vulgairement appelé Tembe, du nom d'un de ses ancêtres qui les premiers s'y établirent, en fait libre cession à Sa Majesté Britannique, aux conditions suivantes:

1° Le libre commerce avec toute partie des domaines britanniques sera permis, avec les restrictions que Sa Majesté Britannique jugera convenables.

2° Une force militaire sera mise à Tembe, pour protéger ce territoire, ainsi que le peuple qui l'habite contre les tribus de l'intérieur et contre les Portugais (de la conduite desquels ils se sont plaint hautement).

3° La personne qui y représentera Sa Majesté Britannique sera investie d'une autorité illimitée pour administrer les lois et les statuts du Tembe.

4° Aucune loi ne sera promulguée pour les blancs ou les noirs, avant d'avoir été examinée en premier lieu par les chefs (Opperhoofden), et ensuite par le grand conseil, composé du gouverneur anglais, du roi Kapell, de deux conseillers anglais et de deux conseillers de Tembe.

5° Le nombre des chefs n'excèdera pas celui de un par mille carrée (lieue); la moitié sera de chefs anglais, et l'autre moitié de chefs du Tembe. Les Anglais seront choisis et nommés par le gouverneur anglais, et les chefs du Tembe par le roi Kapell.

6° Aucun gouverneur ne conservera sa place pendant plus de cinq ans. A la fin de cette époque une enquête sur sa conduite publique pourra être faite en Angleterre.

7° Il ne pourra jamais être proposé ou établi aucune loi restreignant la liberté et la sûreté personnelles, ainsi que la parfaite bonne foi; c'est-à-dire, que les personnes et leurs propriétés seront inviolables et sacrées.

8° Les terres qui pourront être nécessaires pour les édifices et les travaux publics seront cédées en forme légale deux ans après la fondation d'un établissement britannique; jusqu'alors, le roi Kapell désignera les terres dont le gouverneur pourra avoir besoin pour les usages susdésignés.

9° Les chefs (Opperhoofden) seront appelés à se réunir quatre fois par an, chaque fois pour un laps de temps de quatorze jours. Aucun d'eux ne pourra s'absenter de ces réunions sans la permission de l'autorité combinée du gouverneur et du roi Kapell.

10° Chaque homme exercera son autorité dans son propre ménage, sur ses femmes, ses enfants et ses domestiques, dans les limites de la loi. Les lois seront faites aussi simples que possible et chaque jeune homme sera dûment instruit des lois. Lorsqu'il aura atteint l'âge de dix-sept ans, il s'obligera solennellement à les observer fidèlement. Il est alors seul responsable envers l'État, à moins qu'il ne demeure dans la maison de son père.

11° Toutes les questions civiles ou criminelles seront soumises à des juges et à des jurés, trois jurés pour le civil, et sept pour le criminel.

12. The power to make war, and to conclude peace, shall be vested in the Grand Council exclusively. The men shall be trained to military service, and shall be exercised at least two hours a week.

13. Any one in the possession of his senses, may dispose of his property as he pleases; but no property shall be left by last will under any restrictions or stipulations. When a man dies intestate, his property shall be equally divided among all his children, by all his wives.

This cession was made, signed and confirmed on the 8th March, 1823, by

Kapell, King.
Slengelly, Chief.
Tamgay, Chief.
Shamaguava, Chief.

As Witnesses:
Wm. Mudge, 1.st Lieut.
John Forbes, Botanist.

ıfirmed by *W. F. ven,* captain of H. *Leven*, on the 19.th March 1823.

12° Le pouvoir de faire la guerre et de conclure la paix résidera dans le grand conseil, exclusivement. Les hommes seront exercés au service militaire et auront au moins deux heures d'exercice par semaine.

13.° Tout individu jouissant de ses facultés intellectuelles pourra disposer de sa propriété comme bon lui semblera; mais aucune propriété ne pourra être léguée en testament sous quelque restriction ou stipulation. Si un homme meurt *intestat,* sa propriété sera partagée également entre tous ses enfants, par toutes ses femmes.

Cette cession a été faite, signée et confirmée le 8 mars 1823 par

Kapell, roi.
Slengelly, chef.
Tamgay, chef,
Shamaguava, chef.

Comme témoins:
Wm. Mudge, 1er lieutenant.
John Forbes, Botaniste.

Et confirmée par *W. F. W. Owen,* capitaine du vaisseau de Sa Majesté *Leven*, ce 19 mars 1823.

N.° 37

(Traduction.)

Carta do capitão Owen ao governador de Lourenço Marques noticiando ter arvorado no Tembe a bandeira ingleza 9 de março de 1823.

His Majesty's Ship *Leven*. English River, 9.th march 1823.— Sir.— I have the honor to inform you that the King and people of Temby have begged through me the protection of His Britannic Majesty, my Master, and have without solicitation fully ceded the sovereignty of the said kingdom of Temby and its dependencies to his said Majesty, which protection I have grant ed and which cession I have accepted until His Majesty's pleasure be known, in token of which I have hoisted the British flag on the southerm bank of this river.

I therefore trust that this Flag of the freedom of Temby be respected by you and all Portuguese authorities agreeably to the terms of amity existing between our nations.

The Portuguese were used to hold a spot of land in Temby, for which it has been their custom to pay acknowledgement by annual presents.

Their title to that spot will be acknowledged so long as they continue to pay for the same in the usual manner either to the native King of Temby or to His Britannic Majesty's representative there.

I have the honor to remain, Sir, your faithful and humble servant, *W. J. W. Owen,* Captain of

Lettre du capitaine Owen au gouverneur de Lourenço Marques lui annonçant qu'il avait arboré le drapeau anglais sur le Tembe 9 mars 1823

A bord du «Leven». Delagoa Bay, ce 26 août 1823— J'ai l'honneur de vous informer que le roi et le peuple du Tembe ont demandé par mon entremise la protection de Sa Majesté Britannique, le roi mon maître, et qu'ils ont cédé librement et sans contrainte la souveraineté dudit royaume de Temby et ses dépendances à ladite Majesté, dont je leur ai promis la protection. Ayant accepté cette cession, en attendant que je connaisse le bon plaisir de Sa Majesté, j'ai arboré le drapeau anglais sur la rive sud du fleuve.

C'est pourquoi je suis persuadé que ce drapeau, symbole de la liberté du Tembe, sera respecté par vous et par toutes les autorités portugaises, conformément aux relations amicales qui existent entre nos nations.

Les Portugais occupaient dans le Tembe une portion de territoire pour lequel ils ont l'habitude de rendre hommage au moyen de présents annuels.

Leur titre à ce territoire sera reconnu pendant qu'ils en continueront le paiement dans la forme accoutumée soit au roi indigène du Tembe, soit au représentant de Sa Majesté Britannique dans ce royaume.

J'ai l'honneur d'être votre fidèle et humble serviteur, *W. J. W. Owen,* capitaine du vais-

His Britannic Majesty's Ship *Leven*.—To sr. Miguel Lupi de Cardenas, Commandant of the Portuguese Factory in Mafoomaa on English River.

seau de Sa Majesté Britannique *Leven*.—A mr. Miguel Lupi de Cardenas, commandant de l'établissement portugais à Mafoumo sur le English River.

N.° 38

(Traduction.)

Passaporte dado por José Nowe, commandante da estação do Cabo, aos navios mercantes inglezes—1 de junho de 1823

Por José Nowe, cavalleiro da insigne ordem militar do Banho, chefe de divisão, commandante em chefe por Sua Magestade Britannica das embarcações empregadas no serviço do cabo da Boa Esperança e mares adjacentes, etc., etc.

Mayet Rei Kapella, rei das terras situadas entre os rios Inglez e Dundas de uma parte, e o rio Maputo de outra, vulgarmente denominado Temby, cognome de seus antecessores.

Pelo poder, auctoridade e titulo, que lhe sobreveio pela mórte de seu avô o defunto rei Kapella, tendo-se cedido livremente a inteira soberania de todas as ditas terras de Temby e de Maputo a George, o quarto, rei da Gran-Bretanha e Irlanda, etc., etc., etc., debaixo de certas condições que não nos é necessario aqui especificar. E tendo William Fitz William Owen, capitão por Sua Magestade Britannica da fragata *Leven,* e commandante em chefe da esquadra britannica, empregada a balisar a costa oriental de Africa, certificado que tendo sido repetidamente solicitado para acceitar a cessão do reino de Temby, com o desejo do rei Kapella, de cuja era sua tenção informar as auctoridades superiores; mas as circumstancias impozeram a necessidade d'elle se decidir a acceita-lo, até saber a vontade de Sua Magestade Britannica, e que a cessão lhe veio em ordem pela mão do regulo Slengely, por mandado do Rei, no dia 8 de março de anno de 1823. O capitão Owen Henrique certifica que longe d'elle ter movido este acto, ou ter offerecido qualquer induzimento ao rei Temby, para fazer, elle continuamente a evitava, quando o solicitavam para receber as terras por Sua Magestade Britannica, até que o fez no dia 8 de março de 1823. Em consequencia da dita cessão ter sido feita em devida fórma e ordem; eu José Nowe, chefe de divisão e commandante em chefe das embarcações britannicas empregadas no districto do Cabo da Boa Esperança, etc., auctoriso todos e quaesquer dos subditos de Sua Magestade Britannica para negociarem amigavelmente, e pacificamente com o rei, regulos e gente do dito territorio de Temby.

E por esta faço publico que qualquer interrupção feita aos ditos subditos de Sua Magestade Britannica, negociando pacificamente, amigavelmente com o rei, regulos e gente de Temby, será a conta e risco de toda e qualquer pessoa das nações. E demais, para prevenir

[1] Archivos do ministerio dos negocios estrangeiros e da legação portugueza em Londres.

Passe-port délivré par Joseph Nowe, commandant de la station du Cap aux navires marchands anglais—1 juin 1823

Par Joseph Nowe, chevalier du grand ordre militaire du Bain, chef de division, commandant en chef des navires employés au service du cap de Bonne-Espérance et des mers adjacentes, pour Sa Majesté Britannique, etc.

Mayet Roi Kapella, roi des terres situées entre les fleuves Anglais et Dundas, d'une part, et le fleuve Mapouto, de l'autre, vulgairement appelé Tembe, prénom de ses ancêtres.

En vertu du pouvoir, de l'autorité et du titre qui lui reviennent par la mort de son grand-père le feu roi Kapella, la souveraineté de toutes lesdites terres de Tembe et de Mapouto ayant été cédée librement à George, le quatrième, roi de la Grande-Bretagne et de l'Irlande, etc., sous certaines conditions qu'il n'est pas nécessaire de spécifier ici; William Fitz William Owen, capitaine de la frégate *Leven,* pour Sa Majesté Britannique, et commandant en chef de l'escadre britannique employée au balisage de la côte orientale d'Afrique, ayant certifié qu'il avait été requis à plusieurs reprises d'accepter la cession du royaume de Tembe, selon le désir du roi Kapella, ce dont il avait l'intention d'informer les autorités supérieures, mais que les circonstances lui ont imposé la nécessité de se décider à l'accepter jusqu'à ce qu'il connaisse la volonté de Sa Majesté Britannique, et que la cession lui est parvenue en règle par main du régule Slengely, par ordre du roi, le 8 mars de l'année 1823; le capitaine Owen Henri certifiant que loin d'avoir incité le roi Tembe à cet acte, ou lui avoir offert quelque chose pour l'induire à le faire, il l'évitait continuellement quand on le sollicitait de recevoir les terres pour Sa Majesté Britannique, jusqu'à ce qu'il le fit le 8 mars 1823. En conséquence de ladite cession qui a été faite en ordre et en ladite forme, moi, Joseph Nowe, chef de division, et commandant en chef des navires britanniques employés dans le district du Cap de Bonne-Espérance, etc., j'autorise tous et n'importe quels sujets de Sa Majesté Britannique à négocier à l'amiable et paisiblement avec le roi, les régules et le peuple du dit territoire du Tembe.

Et je fais savoir par le présent que tout embarras apporté aux dits sujets de Sa Majesté Britannique, négociant paisiblement et amicalement avec le roi, les régules et le peuple de Temby, restera sur le compte et au risque de toute personne, à quelque nation qu'elle appar-

[1] Archives du ministère des affaires étrangères et de la légation portugaise à Londres.

toda a interrupção illegitima a quaesquer dos subditos de Sua Magestade Britannica, empregados em todo o commercio licito com o rei, regulos e gente do reino de Temby, annuncio que toda a occasião opportuna será aproveitada pelas embarcações de guerra de Sua Magestade Britannica para visitar o porto de Lagoa para proteger, se assim for necessario, os interesses dos subditos de Sua Magestade Britannica empregados amigavelmente em commercio com o rei, regulos e gente de Temby; e se acaso acharem qualquer interrupção dada aos subditos de Sua Magestade Britannica em commercio licito, como já dito, é-lhes ordenado apresentarem este documento. Dado debaixo de minha mão e sêllo, a bordo da fragata *Andromaca,* de Sua Magestade Britannica na bahia de Simão no cabo da Boa Esperança, hoje 1 de junho de 1823, e 4.º do reinado de Sua Magestade Britannica.=*José Nowe.*=Para todos a quem pertencer; por ordem do chefe de divisão, etc...

tienne. Et, en outre, afin d'empêcher tout obstacle illégitime aux sujets de Sa Majesté Britannique employés à tout commerce licite avec le roi, les régules et le peuple du royaume du Tembe, j'annonce qu'il sera toujours occasion opportune pour les navires de guerre de Sa Majesté Britannique de visiter le port de Lagoa pour protéger, au besoin, les intérêts des sujets de Sa Majesté Britannique qui se livreront amicalement au commerce avec le roi, les régules et le peuple du Tembe; et s'ils trouvent par hasard qu'un obstacle quelconque est apporté aux sujets de Sa Majesté Britannique, négociant licitement comme il a été déjà dit, il leur est ordonné de présenter ce document. Donné sous ma signature et mon sceau à bord de la frégate *Andromaque,* de Sa Majesté Britannique, dans la baie de Simon, au cap de Bonne-Espérance, aujourd'hui, 1er juin 1823, 4e année du règne de Sa Majesté Britannique.=*Joseph Nowe.*=A tous ceux à qui il appartiendra, par ordre du chef de division, etc.

N.º 39

1.º Tratado de commercio entre Macasana, rei do Maputo e o capitão Owen—3 de agosto de 1823

Vessels entering the River Mapoota to trade with Mapootan shall pay first a present to the king of the value in goods at Invoice price of £ 5 (five pounds sterling), and to the amount paid in trade for one foot on twenty of those they may obtain by traffic in Mapoota, that is five per centum.

Boats shall pay to the amount of ten shillings as a present, and to the amount of four per centum in duty after her cargo is obtained.

No dues or presents shall be exacted from British subjects for any other trade than that of Ivory.

This engagement to be in force for four years only, and the king is to stow it to such of the English as may come to trade with him.

Given under our hand on the 3.rd day of August 1823 in the River of Mapoota.=*Makasana,* king of Mapoota=*H. T. W. Owen,* Captain of His Majesty's Ship *Leven*[1].

(Traduction.)

1er Traité de commerce entre Makasane, roi de Mapouto, et le capitaine Owen—3 août 1823

Les navires entrant dans le fleuve Mapouto pour faire le commerce avec les habitants paieront d'abord au roi un présent de la valeur de cinq livres sterling en marchandises d'après les prix de facture, et sur la somme payée dans le commerce pour un pied sur vingt de ceux qu'ils pourront obtenir par le trafic à Mapouto, c'est-à-dire, cinq pour cent.

Les bateaux paieront la somme de dix shillings comme présent, et quatre pour cent de droit après avoir complété leur chargement.

Il ne sera prélevé de droits ni de présents sur les sujets britanniques pour aucun commerce excepté celui de l'ivoire.

Cette convention sera en vigueur pendant quatre ans seulement, et le roi devra la montrer à tout Anglais qui ira négocier avec lui.

Donné sous notre signature le 3e jour d'août 1823, sur le fleuve de Mapouto.=*Makasane,* roi de Mapouto.=*W. T. W. Owen,* capitaine du *Leven,* vaisseau de Sa Majesté.

N.º 40

2.º Tratado entre o rei do Maputo e o mesmo capitão—23 de agosto de 1823

I Makasane, king of Mapoota, do declare that River Mapoota supposed from any dependence whatever, or any earthly persons power, and I do hereby declare a perfect friendship for all the subjects of the king of Great-Britain, on

(Traduction.)

2e Traité entre le roi de Mapouto et le même capitaine—23 août 1823

Moi, Makasane, roi de Mapouto, je déclare le fleuve Mapouto libre de toute dépendance et de toute domination sur cette terre, et je voue une amitié parfaite à tous les sujets du roi de la Grande-Bretagne, basée sur les

[1] Archivos do ministerio dos negocios estrangeiros e da legação portugueza em Londres.

[1] Archives du ministère des affaires étrangères et de la légation de Portugal à Londres.

terms of reciprocal benefit to them, and to the Mapootans on this ground. I Makasane do declare that all my subjects shall from this time forth be allowed unrestricted trade of commerce with the English, or other subjects of H. B. M.

Reserving to myself however the right to exact such a present in every case as it has heretofore been custom to pay to me, or to my predecessors, and knowing that my power is not sufficient to protect me against of powerful nations, I beg for and do promise that I will not place myself in any limit or degree of political relation with any other European power for ten years from the date hereby on the folfowing conditions, viz:—I reserve to myself and to the natives of Mapoota the right to a free unrestricted commerce with all people and the nations not in war with Great Britain. If it shall in any time within the foresaid term of ten years be the pleasure of H. B. M. establish a Colony of His subjects in this territory of Mapoota, I will give freely lands for the purpose, provided an annual acknowledgement of the smallest value be paid to me, or to my successors, being kings of all Mapoota.

On the establishment of such a Colony of at least one thousand feet I will subscribe and conform to such plan of Government as may be established on the following principle for the mutual benefit of the English and the Mapootans. The people of both nations shall be subject to the same case in all criminal matters.

The Mapootans being by immemorial use polygamist no attempt shall be made to regulate the interview of the sex or any other principles than the mosaic law, or that of civil contract. But regulations and laws may be made to enforce the fullfilment of the terms of the said contract.

No woman shall be contracted or united to any man but with her ander that of her natural guardians *(ita)*, that is, of her mother and father if living, if not of the relations to her father, or of the king.

No human creature shall ever be slave in Mapoota, that is, no man, woman or child shall be considered as the property of any other person, and it shall be crime to steal, or to buy or to sell any such, and there shall *(ita)* only one law for the Government of every man of Mapoota.

There shall no law or regulation be made for the Government of the people of Mapoota without the consent of the king and chief who are the natural guardians and representatives of the people. We however disdain any desire or right to meddle with the regulations or Government of such British subjects as may be established amongst us, unless it shall please the Britannic Magesty to incorporate us into one people, in which case the following principles in addition to what has been said before, are those to which only we accede by this deed:

Persons and property shall always be at the free disposal of their present possessors, who

avantages réciproques pour eux et pour les habitants de Mapouto sur ce territoire. Moi, Makasane, je déclare que dorénavant tous mes sujets pourront négocier sans restriction avec les Anglais ou autres sujets de Sa Majesté Britannique, me réservant toutefois le droit d'exiger chaque fois un présent tel qu'il a été jusqu'à présent d'usage de me payer ou de payer à mes prédécesseurs. Et sachant que mon pouvoir n'est pas suffisant pour me protéger contre des nations puissantes, je promets de ne pas me mettre en relations politiques de quelque degré ou limite que ce soit avec une autre puissance européenne pendant l'espace de dix ans à partir de cette date, sous les conditions suivantes: Je réserve pour moi et pour les naturels de Mapouto le droit de commerce sans restriction avec tous les peuples et toutes les nations que ne soient pas en guerre avec la Grande-Bretagne. Si pendant le laps déjà mentionné de dix ans, il plaît à Sa Majesté Britannique d'établir une colonie de ses sujets sur ce territoire de Mapouto, je donnerai librement des terres à cet effet, pourvu qu'une reconnaissance annuelle de la moindre valeur me soit payée, à moi et à mes successeurs, comme rois de tout le Mapouto.

Si une colonie d'au moins mille pieds est fondée, je me conformerai et je souscrirai au système de gouvernement qui sera établi sur le principe suivant pour les avantages mutuels des Anglais et des naturels de Mapouto. Les peuples des deux nations seront sujets à la même juridiction en toute matière criminelle. Les naturels étant polygamistes, selon un usage immémorial, il ne sera fait aucune tentative pour régler le rapprochement des sexes, ni pour introduire d'autres principes que ceux de la loi mosaïque, ou du contrat civil; mais des règlements et des lois pourront être faits pour assurer l'exécution des termes dudit contrat. Aucune femme ne sera unie à un homme sans son consentement ou celui de ses tuteurs naturels, c'est-à-dire, de sa mère et de son père avec lesquels elle vivra, ou des parents de son père, ou du roi.

Aucune créature humaine ne sera esclave à Mapouto; c'est-à-dire, qu'aucun homme, femme ou enfant ne sera considéré comme la propriété d'une autre personne; et ce sera un crime d'enlever, d'acheter ou de vendre une créature humaine et il n'y aura qu'une loi pour le gouvernement de chaque homme de Mapouto.

Il ne sera fait aucune loi ou règlement pour le gouvernement du peuple de Mapouto sans le consentement du roi et du peuple, qui sont les tuteurs et les représentants naturels du peuple. Nous abandonnons cependant tout désir ou tout droit à nous mêler aux règlements ou au gouvernement des sujets britanniques qui s'établiront parmi nous, à moins qu'il ne plaise à Sa Majesté Britannique de nous fondre en un seul peuple; et en ce cas les principes suivants, avec ceux qui ont été déjà établis, sont seulement ceux auxquels nous adhérons par cet acte:

Les personnes et la propriété seront toujours à la libre disposition de leurs possesseurs

may dispose of or abandon them asthey may see fit without hindrance. Unless such a power restrict by any constraint with the said present possessors may have voluntarily made to limit their own power to alienate or dispose of such persons or property.

Wives are the property of their husbands under the terms of the contract by which they became wives. No woman shall be free to make any contract whatever without the consent of her natural guardians.

No person shall by any act or contract whatever become the slave of another that her property in such a sense as would put it in the power of a master to inflict pains or punishment on him according to the judgement and caprice of such a master only. Servitude is however, 1.st for daily hire or wages to perform specific services; 2.nd to perform certain tasks or works when by agreement or contract the remuneration depends on the completion of such work 3.rd conditional personal servitude for any time to which fathers or guardians may engage children for any time before they attain the age of 17 years, men above that age may be engaged for any time not exceeding 10 years. No person whatever shall be obliged to make any contract or engagement but their own free consent, but having made any contract, engagement or agreement not being to the injury of any other person their fullfilment of them may be enforced. No person on any pretence, but by judgement made and given in public founded on oral testimony publicly given, shall be punished in any way, deprived of property of any kind.

The right of persons and property shall be the same for British sailors in Mapoota and the Mapootans.

Of these principles be established I freely invite the subjects of M. B. M. to come and live with us. In witness whereof I have signed and sealed this in the English manner this 23.n of August in the year of 1823 of Christ.—Done in the presence of us in Mapoota. Makasane=Mandingo, brother of the king=H. T. W. Owen—Captain of H. M. Ship *Leven*—R.d Owen, Lent Com.e=Geo. Philipp & Anselmo José do Nascimento, Interpreters[2].

actuels qui pourront en disposer ou les abandonner comme il leur semblera convenable et sans obstacle, a moins qu'un tel pouvoir ne soit restreint par quelque contrat que lesdits possesseurs aient fait volontairement de limiter leur propre pouvoir pour aliéner ces personnes ou ces propriétés et pour en disposer.

Les femmes sont la propriété des maris suivant les termes du contrat en vertu duquel elles sont devenues leurs épouses. Aucune femme ne sera libre de faire un contrat, quel qu'il soit, sans le consentement de ses tuteurs naturels.

Personne ne deviendra par acte ou contrat l'esclave d'un autre, dans ce sens que sa propriété passe au pouvoir d'un maître, pour lui infliger des peines ou des châtiments selon l'idée et le caprice seuls d'un tel maître. Cependant, la servitude existera: 1° pour rendre des services désignés moyennant location journalière ou paiement de gages; 2° pour faire de certaines tâches ou travaux lorsqu'en vertu d'une convention ou d'un contrat la rémunération dépendra de l'accomplissement de ces travaux; 3° la servitude personnelle et conditionnelle pendant tout le temps pour lequel les parents ou les tuteurs engagent les enfants, n'importe en quelle occasion avant qu'ils atteignent l'âge de 17 ans; les hommes au-dessus de cet âge peuvent être engagés pour tout temps, pourvu qu'il n'excède pas 10 ans. Personne ne sera obligé à faire un contrat ou un engagement si ce n'est de son libre consentement; mais après avoir fait un contrat ou un engagement, qui ne soit pas au préjudice d'une autre personne, l'exécution pourra en être rendue obligatoire. Personne, sous aucun prétexte, si ce n'est en vertu d'un jugement fait et rendu en public, et fondé sur témoignage oral donné publiquement, ne sera puni en aucune façon, ni privé de sa propriété, quelle qu'elle soit.

Les droits des personnes et des propriétés seront les mêmes pour les marins britanniques à Mapouto, que pour les naturels du pays.

Si ces principes sont établis, j'invite librement les sujets de Sa Majesté Britannique à venir vivre avec nous. En témoignage de quoi, j'ai signé et scellé le présent à la manière anglaise ce 23 août de l'année 1823 du Christ. Fait en notre présence à Mapouto.=*Makasane.*=*Mandingo,* frère du roi.=*W. T. W. Owen,* capitaine du vaisseau de Sa Majesté *Leven.*=*R.d Owen,* lieutenant commodore.=*Geo. Philipp* et *Anselmo José do Nascimento,* interprètes.

N.° 41

(Traduction.)

Carta do capitão Owen ao governador de Lourenço Marques, communicando o tratado com o Maputo—26 de agosto de 1823

H. B. *Leven,* in Delagoa Bay, 26th of August 1823.—Sir.—I have the honor to inform you that Makasane, king of Mapoota, has made a treaty of friendship and commerce with me, on account of my nation, and also has prayed the protection of His Majesty my Master, and the British flag, to denote that he considers himself

Lettre du capitaine Owen au gouverneur de Lourenço Marques, lui communiquant le traité avec le Mapouto—26 août 1823

A bord du *Leven,* Delagoa Bay, ce 26 août 1823.—Monsieur.—J'ai l'honneur de vous informer que Makasane, roi de Mapouto, a conclu un traité de commerce et d'amitié avec moi, pour le compte de ma nation, et qu'il a demandé aussi la protection de Sa Majesté, le roi mon maître, et le pavillon britannique pour montrer qu'il

under its protection, to all which I have acceded until the pleasure of His Britannic Majesty's government be known.

I have the honor therefore to request that in your commercial pursuits in the territory of Mapoota (from which the treaty excludes no friendly nations) you will consider Makasane as its King, and his subjects as under the protection of Great Britain.

And also I have the honor to acquaint you that I feel it my duty to protect them from any act of aggression.

I have the honor to remain, Sir, your most obedient humble servant.=(Signed) *W. T. W. Owen,* Captain. To sr. Miguel Loupes de Cardenas, commandant of the portuguese factory in English River.

se considère sous sa protection; et que j'ai accédé à tout jusqu'à ce que le bon plaisir du gouvernement de Sa Majesté Britannique me soit connu.

C'est pourquoi j'ai l'honneur de vous prier que, dans vos démarches commerciales sur le territoire de Mapouto (d'où le traité exclut les nations ennemies) vous considériez Makasane, comme roi, et ses sujets comme étant sous la protection de la Grande-Bretagne.

J'ai aussi l'honneur de vous informer que je crois qu'il est de mon devoir de les protéger contre tout acte d'aggression.

J'ai l'honneur d'être, monsieur, votre très obéissant et très humble serviteur.=(Signé) *W. F. W. Owen,* capitaine.—A mr. Miguel Loupes de Cardenas, commandant de l'établissement portugais sur l'English river.

N.° 42

Officio do capitão Owen ao governador geral de Moçambique João Manuel da Silva, de 7 de outubro de 1823 [1]

His Majesty's Ship *Leven.*—Mozambique, 7 october 1823.

Most illustrious and excellent sir.....
we have always understood that the Portuguese authority was fully established and recognised to exist between *Cape Delgado* and *Inhambane,* but that they *(ita)* had also a Factory at *Delagoa Bay* in English river called by them *Lourenço Marques.* At that place we found such a factory and a small fort for its protection against the natives, but with no political jurisdiction or dominion whatever beyond the limits of their factory established purely for traffic .....

About same time (March last) it happened that for the first time since my arrival there in the preceding month of September, I was visited by the native king and chiefs of Temby with a request that I would accept the sovereignty of that *country of Temby, which lies on the side of English river,* opposite to that on which the Portuguese factory is situated, for His Britannic Majesty my Master, offering me as an inducement, assistance in men to navigate the vessels under my charge. *On these conditions only, situated as I was,* it became *a matter of necessity* with me to accede to their wishes, etc. [2]

(Traduction.)

Dépêche du capitaine Owen au gouverneur général de Mozambique, João Manuel da Silva, du 7 octobre 1823 [1]

A bord du vaisseau de Sa Magesté *Leven.*—Mozambique, le 7 octobre 1823.

Excellence.....
nous avons toujours été dans l'idée que l'autorité des Portugais était pleinement établie et reconnue comme existant entre le *Cap Delgado* et *Inhambane,* et qu'ils avaient aussi une factorerie à *Delagoa Bay* sur la rivière anglaise appelée par eux Lourenço Marques. Nous avons trouvé en cet endroit cette factorerie et un petit fort pour la protéger contre les naturels, mais sans juridiction politique ni aucun domaine au delà des limites de leur factorerie établie simplement pour le trafic.

Vers la même époque (mars dernier), il arriva que pour la première fois depuis le mois de setembre antérieur, date de mon arrivée, je reçus la visite du Roi et des chefs indigènes de Tembe, me priant d'accepter pour Sa Majesté Britannique, mon maître, la souveraineté de ce *pays de Tembe, qui est situé du côté de la Rivière anglaise* opposé à celui sur lequel les Portugais ont leur factorerie, m'offrant, pour m'y déterminer, de me donner des hommes pour le service des vaisseaux que je commande. *Sous ces conditions seulement, en la situation où j'étais, il devint de toute nécessité* pour moi d'accéder à leur désir, etc. [2]

N.° 43

Instructions for the governors of the factory of Lourenço Marques 4 de setembro de 1825

A. Vessels bearing the flag of Great-Britain which may enter this Bay or River, or

[1] Archivos do ministerio dos negocios estrangeiros e da legação portugueza em Londres.

[2] Original junto ao officio do governador de Moçambique, de 12 de outubro de 1823, no archivo do ministerio da marinha.

(Traduction.)

Instructions laissées par le capitaine Owen aux gouverneurs de Lourenço Marques—4 septembre 1825

A. Les navires portant pavillon anglais qui entreront dans cette baie ou dans cette rivière,

[1] Archives du ministère des affaires étrangères et de la légation de Portugal à Londres.

[2] Original annexé à la dépêche du gouverneur de Mozambique du 12 octobre 1823, aux archives du ministère de la marine.

visit any of the neighbouring Shores or Rivers shall neither be boarded or visited by the Officers of His Most Faithful Majesty belonging to the Factory of Lourenço Marques. Nor shall such British Vessels, their Boats, or their Officers, or Crews, be in any wise molested or interfered with, but suffered to pass freely. And should any British Vessel desire to anchor near the Fort of His Most Faithful Majesty or to communicate or trade therewith, she is to be dealt with in the same friendly way as if she were under Portuguese Colours and be neither subjected to violence nor indignity.

B. No British Vessel within the limits of this bay shall be confiscated without a legal trial before a responsible Court duly and legally constituted by Sovereign Authority.

C. Neither the British, nor Portuguese flag shall be hoisted in Temby until the Ministers of their Majesties shall have decided the questions relative to that Country, which it is believed are now before them.

D. None of the Natives of Temby shall be subjected to suffer either in life, liberty of propriety, for their attachment either to British, or Portuguese, and shall be left free to trade with whomsoever they may think proper.

E. The king of Mapoota is engaged in a Treaty of Commerce with the subjects of His Britannic Majesty, made two years ago with me, which Commerce this factory is not to interrupt without express orders received from the Governor and Captain General of Mozambique.

Given under my hand on board His Majesty's Ship Leven in English River de Lagoa Bay this 4.th September 1825.=*W. F. W. Owen,* Capt. of H. M. Ship Leven.

ou qui parcourront les côtes et rivières voisines ne seront pas visités par les officiers de Sa Majesté Très-Fidèle de la factorerie de Lourenço Marques. Les navires anglais, leurs bateaux, leurs officiers et équipages ne seront aucunement vexés par eux, et on les laissera passer librement; et si quelqu'un de ces navires veut mouiller près de la forteresse de Sa Majesté Très-Fidèle ou y communiquer ou faire le commerce, il sera traité comme s'il était sous pavillon portugais, et ne subira ni attaque ni violence.

B. Aucun navire anglais ne pourra être confisqué dans les limites de cette baie sans une procédure légale devant une cour dûment et légalement constituée par autorité souveraine.

C. *Le drapeau anglais, de même que le drapeau portugais, ne sera pas élevé sur le Tembe jusqu'à ce que les ministres de Leurs Majestés aient décidé la question concernant ce territoire, dont ils doivent déjà avoir connaissance.*

D. Les naturels du Tembe ne souffriront aucune atteinte dans leur vie, dans leur liberté ou dans leurs propriétés, à cause de leur attachement, soit aux Anglais, soit aux Portugais, et ils seront libres de faire le commerce avec qui il leur plaira.

E. Le roi Mapouto étant engagé dans un traité de commerce fait avec les sujets de Sa Majesté Britannique, il y a deux ans, cette factorerie n'entravera pas ce commerce sans ordre exprès du gouverneur et capitaine général de Mozambique.

Donné et signé par nous à bord du navire *Leven* de Sa Majesté, dans le fleuve du Saint-Esprit de la baie de Lagoa, ce 4 septembre 1825.=*W. F. W. Owen,* capitaine du navire *Leven* de Sa Majesté.

N.° 44

(Traduction.)

Memorial dos attentados commettidos pelo capitão Owen contra as possessões portuguezas n'esta bahia de Lourenço Marques pelo governador Lupi de Cardenas—28 de outubro de 1823

Sendo do meu dever tomar debaixo de toda a protecção qualquer propriedade de ausentes na conformidade de uma positiva ordem do desembargador Amaro Guedes da Silva e Sousa, provedor mór dos defuntos e ausentes d'esta provincia de Moçambique de 18 de dezembro de 1809, e achando-se o brigue inglez *Sincapor* em um rio por nome *Maputo,* um dos que desagua n'esta bahia, fazendo negocio (que é prohibido aos estrangeiros na conformidade das ordens e instrucções que regem este governo, com data de 5 de fevereiro de 1799) succedeu morrerem os officiaes d'aquelle brigue, ficando este ao desamparo; achei ser do meu dever, não só para proteger um navio que pertencia a uma nação amiga, mas como uma propriedade de ausentes, o fazer recolher com segurança e debaixo de inventario como se estava fazendo, a

Rapport fait par le gouverneur Lupi de Cardenas en date du 28 octobre 1823, au sujet des attentats commis par le capitaine Owen contre les possessions portugaises dans la baie de Lourenço Marques.

Ayant le devoir de donner toute protection aux propriétés des absents, conformément à l'ordre positif émané, le 18 décembre 1809, du juge Amaro Guedes da Silva e Sousa, protecteur des successions et des biens d'absents dans cette province de Mozambique, et, le brick anglais *Sincapor* ayant jeté l'ancre dans le fleuve *Mapouto* (un de ceux dont les eaux se jettent dans la baie) pour y faire un commerce prohibé aux étrangers, suivant les ordres et instructions du gouvernement, du 5 février 1799, j'ai cru de mon devoir, pour protéger un navire appartenant à une nation amie et étant propriété d'absents, puisque tous les officiers de ce brick avaient été enlevés par les fièvres, de faire mettre en sûreté ledit navire et d'en dresser l'inventaire, me réservant de donner connaissance de ce fait à l'autorité judiciaire de Mozambique et au

fim de avisar a provedoria de Moçambique e o governo d'este feito logoque houvesse occasião.

Aconteceu que no dia 2 de março do presente (poucos dias depois de se ter recolhido o brigue a este rio) entrou a fragata ingleza *Leven,* e tendo vindo o capitão e mais dois officiaes á casa da residencia *armados de pistolas,* com tenções de brigarem comigo, dizendo-me que eu tinha tomado o brigue, e que não tinha auctoridade de metter guardas a bordo nem tão pouco de impedir o negocio a nação alguma, vistoque estas terras não pertenciam á nação portugueza, ou a El-Rei de Portugal, dizendo mais que se eu não tirasse a guarda e entregasse o brigue que passaria a *arrasar a fortaleza* em caso de resistencia, e que a *nação portugueza era uns ladrões,* que queriam exigir direitos, que lhes não pertenciam.

Todos estes factos foram passados perante mim e o dito capitão, dois dos seus officiaes e uma senhora (irmã de D. Sofia de Moçambique) filha do cabo da Boa Esperança e a minha ordenança; e mandando eu chamar ao alferes Maximiano José Fernandes, a fim de assistir a similhantes argumentos, estes homens vendo o dito alferes calaram-se, e despediram-se, e eu dizendo que participaria ao governo de Moçambique e ao congresso, o sobredito capitão me respondeu *não era a primeira vez que os inglezes tinham dado similhantes passos,* e que por tudo elle tambem responderia ao parlamento; passou immediatamente a tomar conta do brigue sem mais satisfação.

Eu vendo-me em circumstancias tão delicadas, não só pelas pequenas forças que aqui ha, mas muito principalmente por não romper os vinculos da mais antiga amisade e alliança que sempre houve entre as duas nações portugueza e ingleza, sujeitei-me á mais amarga prudencia, lembrando-me que uma nação civilisada não é culpada dos attentados horrendos feitos por qualquer official, ou particular, e mesmo pelas instrucções que regem este governo com data de 5 de fevereiro de 1799, § 9.°, em que manda haver toda a prudencia, a fim de não sacrificar a pequena força que houver n'esta praça.

Aproveitou (Owen) a occasião dos seus descobrimentos, e da generosa franqueza do governo portuguez que concedeu licença, e mesmo por saber este homem a debilidade das forças d'esta possessão portugueza, que é *contida mais pela politica do que pela força,* aproveitou digo a occasião para aleivosamente mostrar e persuadir aos negros e regulos, principalmente ao de *Tembe* (aquelle que teria o titulo de Capella depois que este governo o reconhecesse por tal, conforme o costume, o qual ainda não era reconhecido) por nome Maeta, e ao de *Maputo* por nome Macassana, subordinado ao primeiro, que não deviam obediencia a esta praça, intitulando-os *reis* para os enthusiasmar; e mesmo para que suppondo-os independentes, elle podesse fazer contratos com estes homens.

E mostra-se bem clara esta traição, porque tanto sabendo elle capitão que ninguem n'esta praça traduzia o inglez, escreveu-me uma carta

gouvernement, à la première occasion qui s'offrirait.

Dans cette circonstance, la frégate anglaise *Leven* est entrée ici, le 2 mars, peu de jours après que le brick eût été conduit dans le fleuve. Le capitaine de la frégate et deux de ses officiers se présentèrent à ma résidence, *armés de pistolets,* et voulant se battre avec moi sous la raison donnée par eux que je m'étais emparé du brick, que je n'avais pas le droit de mettre des gardes à son bord ni d'empêcher les autres nations de négocier sur des terres qui n'appartenaient ni à la nation portugaise ni à son souverain; ils dirent que si je ne faisais pas retirer la garde mise à bord du brick et si je ne restituais ce navire, ils raseraient le fort, et ils ajoutèrent que la nation portugaise n'était composée que de voleurs qui cherchaient à exercer des droits qui ne leur appartenaient pas.

Tous ces faits se sont passés en ma présence et en celle dudit capitaine, de ses deux officiers, d'une dame (sœur de Dona Sophie de Mozambique, née au cap de Bonne-Espérance) et de mon planton. Je fis appeler le sous-lieutenant Maximiano José Fernandes, afin qu'il assistât à ces propos, mais, dès son arrivée, ces hommes se turent et s'en allèrent. Lorsque je déclarai à ces officiers que je porterais plainte contre eux devant le gouvernement de Mozambique et le congrès, ils répliquèrent que *ce n'était pas la première fois que les Anglais agissaient ainsi* et qu'ils répondraient de tout devant le parlement; après quoi ils s'emparèrent du brick.

Dans ces circonstances difficiles, le peu de forces dont je pouvais disposer pour résister à une semblable agression, ainsi que ma crainte de rompre les liens d'amitié qui ont toujours existé entre la nation portugaise et la nation anglaise, me condamnèrent à la plus sévère prudence; j'étais encore obligé d'observer cette conduite en songeant qu'une nation civilisée n'est pas toujours responsable des attentats commis par un officier ou un individu quelconque de cette nation, et surtout, en ayant en vue le § 9 des instructions du 5 février 1799, qui recommande la plus grande modération afin de ne pas sacrifier les faibles ressources militaires de cette place.

Cet homme (Owen), abusant des explorations qu'il n'a pu effectuer que grâce à la liberté que le gouvernement portugais lui a généreusement laissée, et sachant que la *possession portugaise était plutôt gardée par la politique que par la force,* a cherché à persuader aux peuplades et aux régules, surtout au régule de *Tembe,* nommé Maietta qui devait avoir le titre de Capella dès que le gouvernement l'aurait reconnu, et au régule de *Mapouto* nommé Macassana, subordonné du premier, qu'ils ne devaient aucune obéissance au gouvernement portugais, et il leur donna le titre de *rois* afin d'exciter leur enthousiasme et de pouvoir ainsi plus facilement faire des traités avec eux, à l'ombre de la fausse indépendance dont il les gratifiait.

Cette trahison est d'autant plus évidente que le capitaine, sachant que personne dans cette ville ne comprenait l'anglais, m'a écrit dans cette

(da qual inclusa copia) que só soube do seu conteúdo depois que chegou a esta bahia o brigue portuguez de viagem, que houve quem a traduziu; em consequencia d'ella, e de eu ter visto bandeiras inglezas *na terra onde era a nossa antiga fortificação,* é que fui obrigado a inquirir com mais exacção o que se passava, indo pessoalmente, e o capitão do barco de viagem Vicente Thomás dos Santos a *Maputo,* onde soube parte do passado, e vejo que o regulo Macassana bem conhece a quem deve obediencia, e fez francamente e declaradamente o que incluso remetto copia[1]; elle mesmo apresentando os papeis em inglez que o dito capitão lhe fez, e o fez assignar mostrando-lhe que era para lhe darem muito; e que viria a ser para elle regulo muito bom, elle regulo os queria destruir se fosse cousa que offendesse aos *Molungos* (nome que nos dão e aos inglezes o de *Mabodes),* o que lhe não consenti.

Elle (Owen) fez um papel em que diz que *Maeta,* neto de Capella, entregára as terras a Sua Magestade Britannica, terras que por muitos e todos os titulos (menos o da força) são da nação portugueza, e vem a ser:

1.º Porque os antecessores d'estes regulos de *Tembe,* foram feitos regulos pelo nosso governo, que os auctorisou a isso. Ainda ha poucos annos que Luiz Correia então governador d'esta praça, fez reconhecer (indo busca-lo onde estava fugido) por regulo sujeito á praça ao avô d'este Maeta.

2.º Ainda *ha hum padrão portuguez n'aquellas terras,* e ainda a nação portugueza não abandonou os direitos de soberania que tem a estas possessões.

3.º Ainda não ha quatro annos que os Vatuás tendo tomado Temby, o governador que então aqui estava Caetano Mattoso, com o seu proprio dinheiro, resgatou as terras das mãos dos Vatuás para restabelecer a ordem, entregando-as novamente ao Capella.

4.º e ultimo. Para não alongar mais a minha oração, mostra-se que o mesmo *Maeta* não estava ainda de posse das terras, porque essa ceremonia e essa posse só a recebe das mãos do governo d'esta praça, tanto assim que foi no dia 19 do presente mez que elle veiu prestar homenagem mesmo ao presidio, pedindo-me a fizesse reconhecer pelo povo de Temby, o que na conformidade do costume se fez, como da copia (que incluso remetto) do auto[2].

E a final concluiu a traição feita á nação portugueza e a estes povos para os indispor com os seus deveres, pois elle regulo toda a sua maior nobreza, e povo declararam o que por copia vae junto por documento[3], pedindo com grandes instancias elle Capella e todos em geral

[1] É o documento n.º 32.
[2] É o documento n.º 33.
[3] É o documento n.º 34.

langue une lettre dont je joins ici copie et dont je n'ai pu savoir le contenu qu'à l'arrivée dans cette baie du brick de voyage à bord duquel j'ai trouvé un traducteur. Ayant pris connaissance de cette lettre et voyant le drapeau anglais flotter sur *l'emplacement de nos anciennes fortifications,* je me rendis à *Mapouto,* accompagné du capitaine du navire de voyage, Vicente Thomás dos Santos, afin de connaître plus exactement la situation. J'ai été mis au fait des événements et je me suis assuré que le régule Macassana sait fort bien à qui il doit obéissance, ce que prouve sa déclaration dont j'envoie ci-inclus une copie[1]. Ce même régule m'a montré des papiers écrits en anglais que le capitaine Owen lui avait fait remettre en lui assurant qu'il en pourrait tirer de nombreux avantages et un grand profit, et il ajouta que, pour peu que ces papiers continssent un offense aux *Molungos* (c'est ainsi qu'ils nomment les Portugais, tandis qu'ils désignent les Anglais sous le nom de *Mabodes*) il les détruirait, attendu qu'il ne voulait aucunement nous offenser.

Owen a fait un écrit dans lequel il déclare que *Maietta,* petit-fils de Capella, livrera à Sa Majesté ces terres; cependant, à tous les titres, à l'exception de celui de la force, ces terres appartiennent à la nation portugaise, et cela pour les raisons suivantes:

1° Les prédécesseurs de ces régules de *Tembe* ont été faits régules par notre gouvernement, qui a consacré ce titre. Il y a quelques années à peine que Louis Correa, alors gouverneur de cette place, fit reconnaître l'aïeul de ce *Maietta* comme régule vassal de ce gouvernement, en allant même pour cela le chercher là où il s'était réfugié.

2° Il y a encore sur ces terres une *colonne aux armes de Portugal,* ce qui prouve que la nation portugaise n'a jamais abandonné ses droits de souveraineté sur ces possessions.

3° Il y a à peu près quatre ans, les Vatouas ayant attaqué Tembe, Caetano Mattoso, qui était ici gouverneur, a racheté de ses propres deniers les terres occupées par les Vatouas afin d'y rétablir l'ordre et de les remettre de nouveau au pouvoir de Capella.

4° Enfin, pour abréger, il est constant que le même *Maietta* n'était pas encore en possession de ces terres, vu que la prise de possession ne peut lui être conférée que par le gouverneur de cette place qui doit présider à cette cérémonie, et que ce n'est que le 19 courant qu'il est venu rendre foi et hommage dans ce fort, me demandant de le faire reconnaître par les peuplades du Tembe, ce qui a été fait suivant les formes usitées, ainsi que le constate le procès-verbal dont j'envoie copie.[2]

C'est ainsi qu'a été consommée la trahison faite au gouvernement portugais et à ces peuples; le régule, les principaux de sa cour et son peuple ont déclaré ce qui est contenu dans le document dont la copie se trouve ci-jointe[3], et ont demandé avec les plus vives instances que le drapeau

[1] C'est le document n° 32.
[2] C'est le document n° 33.
[3] C'est le document n° 34.

para que tornasse a restabelecer ali a bandeira portugueza (o que passo a fazer); esta declaração foi feita em presença do sobrecarga de duas escunas por nome *Macuard*, o qual diz ser sobrinho do almirante José Nowe, e para isso lhe fiz o officio que incluso remetto [1], a fim de tudo ser feito com clareza, e porque o mesmo Capella quiz declarar diante dos inglezes, assim como todos os mais, o que consta na sobredita declaração, a qual elle Macuard não quiz assignar como testemunha, porque via era contra tudo quanto o dito capitão tem feito, de que tudo se fez menção no auto da mesma declaração, sendo bem para notar o papel que estas embarcações tem como licença auctorisada pelo tio do sobrecarga, como da copia junta [2]; estes documentos todos bem provam e mostram a aleivosia de similhante intriga.

Eu vejo segundo os officios registados dos ex.^{mos} governadores d'esta provincia, ordenarem que por principio algum os governadores d'esta bahia consintam commercio algum aos estrangeiros, como bem claro o especifica o officio de 26 de maio de 1801 do ex.^{mo} governador Francisco Guedes de Carvalho e Menezes da Costa, outro do 1.º de dezembro de 1802 do ex.^{mo} governador Izidoro de Almeida Sousa e Sá, que tem o titulo «Instrucções para o governador e capitão mór da bahia de Lourenço Marques, ou quem lhe succeder», capitulo 9.º, §§ 1.º, 2.º, 3.º e 4.º; e ultimamente o officio que me acompanhou datado de Moçambique de 23 de novembro de 1822, assignado pelo ex.^{mo} tenente general e governador das armas d'esta provincia João Manuel da Silva.

Que direi em taes casos vendo que elles inglezes têem avançado muito mais, querendo até tomarem pé para fazerem seu estabelecimento n'esta bahia, fazendo todo o commercio que querem, obrigando-me a respeitar os navios que aqui entrarem fazendo o contrabando, ameaçando-me continuamente, querendo mostrar ser eu o peior de todos os homens para fazer o seu partido; porém só peço ao governo que conheça ser isto, porque não posso ceder, nem olhar o que fazem com condescendencia, e visto está, que eu, a ser mau como elles dizem, não podem por isso abusar infringindo as determinações e ordens d'este governo, e forçando com ousadia:

1.º Apoderando-se do brigue e de que maneira.

2.º Fazer contratos.

3.º Pondo bandeiras inglezas onde lhe pareciam.

4.º Chegando a tanto a ousadia de ir tirar um preso que se achava á ordem das auctoridades de Moçambique nas terras de Machacana, até que houvesse navio de viagem para ser remettido por quem e a quem competia, pondo este homem em liberdade, passeiando em companhia dos mesmos inglezes mesmo á minha vista, etc., etc.

[1] É o documento n.º 47.
[2] É o documento n.º 38.

portugais fut de nouveau arboré, ce que je m'empresserai de faire. Cette déclaration a été faite en présence du subrécargue des deux schooners, nommé *Macuard*, que l'on dit neveu de l'amiral Nowe; aussi lui ai-je écrit à cet effet la dépêche dont j'envoie copie [1], afin que les choses fussent faites avec la plus grande clarté, et aussi parce que le même Capella a voulu répéter en présence des Anglais ce qui est contenu dans la présente déclaration que Macuard a refusé de signer comme témoin, attendu qu'elle contenait une réprobation des actes du capitaine Owen. Ce refus a été mentionné dans le procès-verbal de cette même déclaration. Il est à remarquer que ces navires avaient leurs papiers et leur autorisation signés par l'oncle du subrécargue Macuard [2]. Nous envoyons ci-joint ces documents qui prouvent jusqu'à la plus grande évidence la trahison et l'intrigue.

Dans les dépêches enregistrées adressées par les gouverneurs de cette province, il est expressément ordonné de ne permettre sous aucun prétexte aux étrangers de faire le commerce dans cette baie; cela est clairement spécifié dans la dépêche du 26 mai 1801 émanée de Son Excellence le gouverneur Francisco Guedes de Carvalho e Menezes da Costa, dans celle du 1er décembre 1802, de Son Excellence le gouverneur Izidoro de Almeida Sousa e Sá, et qui a pour titre «Instructions pour le gouverneur et capitaine-major de la baie de Lourenço Marques, ou son successeur», chap. 9.º, §§ 1, 2, 3 et 4; et récemment, dans la dépêche que j'ai apportée de Mozambique, le 23 novembre 1822, et qui est signée par Son Excellence João Manuel da Silva, lieutenant-général et gouverneur de cette province.

Que faire pourtant? Les Anglais avancent chaque jour davantage dans la baie, ils veulent y fonder un établissement, font leur commerce à loisir et me forcent à laisser sans répression la contrebande des navires qui entrent dans la baie; ils me menacent continuellement et, pour se faire des partisans, calomnient mon caractère et me représentent comme un méchant homme. Je demande seulement au gouvernement de vérifier la vérité de mes assertions, car je ne puis souffrir qu'ils continuent à pratiquer de semblables actes, et si l'épithète qu'il me donnent était méritée, ils n'auraient pu en abuser, enfreindre les déterminations et les ordres du gouvernement et porter leur audace jusqu'à pratiquer des actes tels que ceux-ci:

1º S'emparer du brick, et accompagner cette action de violences que je ne puis qualifier.

2º Faire des traités avec les indigènes.

3º Arborer le drapeau anglais partout où bon leur semble.

4º Enlever des mains des autorités de Mozambique un prisonnier qui avait été envoyé sur les terres de Machacana pour y attendre l'arrivée d'un navire qui le remît au pouvoir de qui de droit, mettre ce prisonnier en liberté et le faire promener sous mes yeux en compagnie des Anglais eux-mêmes.

[1] C'est le document nº 47.
[2] C'est le document nº 38.

Affrontado de tantas injurias e de tantas offensas esta guarnição e governo, e por isso a nação e El-Rei, peço que seja tomado tudo em muita consideração pelo governo d'esta provincia, a fim de que sendo presente á nação e a El-Rei, possam dar de prompto as providencias que seus altos juizos julgarem, exigindo a satisfação de similhantes affrontas para satisfação d'aquelles que desejam conservar o caracter de portuguez.

Tudo o que acima digo affirmo debaixo de minha palavra de honra ter succedido, comprovando-o em quasi tudo pelos documentos a este juntos.

Bahia de Lourenço Marques, aos 28 de outubro de 1823.=*Miguel Lupi de Cardenas*, governador.

Fica registado no livro 3.º d'este governo, a fl. 16 até 19 por ordem d'este governo. Bahia de Lourenço Marques, 28 de outubro de 1823. =*Antonio Pedro Teixeira*, escrivão interino[1].

Ces injures et ces humiliantes offenses envers la garnison et le gouvernement de la province atteignent la nation portugaise et son souverain. Je demande, en conséquence, que tous ces faits soient pris en la plus grande et la plus urgente considération par le gouvernement de Mozambique, qu'ils soient portés à la connaissance de la nation, du roi et des hauts fonctionnaires de la magistrature, afin que soient prises immédiatement les mesures qui seront jugées convenables pour obtenir la réparation exigée par l'honneur et par la dignité de la nation portugaise.

J'affirme sur mon honneur que ce rapport est en tous points l'expression de la vérité qui, d'ailleurs, est suffisamment démontrée par les pièces annexées au présent document.

Baie de Lourenço Marques, ce 28 octobre 1823.=*Miguel Lupi de Cardenas*, gouverneur.

Enregistré par ordre de ce gouvernement au livre 3e de ce gouvernement. Baie de Lourenço Marques, ce 28 octobre 1823.=*Antonio Pedro Teixeira*, greffier par intérim[1].

N.º 45

Officio do governador de Lourenço Marques sobre os attentados de Owen — 5 de setembro de 1825

Ill.mo e ex.mo sr.—O miseravel estado ao qual está reduzida esta bahia desde a chegada do capitão de fragata W. S. W. Owen, da corveta *Leven* de Sua Magestade Britannica, e commandante da expedição para balizar esta costa, me rende atrevido a representar a v. ex.a os acontecimentos durante o meu governo, pois os ultrages e conducta do sobredito capitão durante o governo do mesmo fallecido meu predecessor, estão já na presença de Sua Magestade; porém tenho de informar a v. ex.a em como a corveta *Leven* e o brigue de guerra *Barracouta* e uma escuna, chegaram n'esta bahia o dia 28 do mez proximo passado, que acharam aqui o brigue *Eleonor of London* desamparado pela morte dos officiaes e muitos marinheiros, e os outros muito doentes; e tambem confiscado por ter feito o contrabando do marfim, como tudo mostra o auto junto e o inventario. No dia 29 o capitão Owen me escreveu um officio, a cujo lhe respondi; no dia 30 me mandou outro officio, a cujo respondi no mesmo dia; porém n'este mesmo dia mandou sitiar a porta d'este forte com o brigue *Barracouta*, em 50 braças de distancia, para nos obrigar a entregar o sobredito brigue e contrabando; porém depois de ter lido o meu officio me mandou dizer, se podia salvar este porto com 21 tiros, lhe respondi que immediatamente seria correspondido; porém acabada a salva fizeram o exercicio, e n'este tempo estava eu, e toda a minha gente, encostado no parapeito d'este forte, olhando o exercicio, uma bala de espingarda, chegada justa na frente do tam-

[1] Archivo do ministerio dos negocios estrangeiros e da legação portugueza em Londres.

(Traduction.)

Dépêche du gouverneur de Lourenço Marques concernant l'attentat commis par le capitaine Owen — 5 septembre 1825

La malheureuse situation où se trouve la baie de Lourenço Marques depuis l'arrivée du capitaine de frégate W. S. W. Owen de la corvette *Leven* de Sa Majesté Britannique et commandant de l'expédition chargée de travaux hydrographiques sur cette côte, m'enhardit à rendre compte à Votre Excellence des événements arrivés sous mon gouvernement; les outrages et la conduite du capitaine Owen pendant le gouvernement de défunt mon prédécesseur ont déjà été mis sous les yeux de Sa Majesté, néanmoins je dois informer Votre Excellence que la corvette *Leven*, le brick de guerre *Barracouta* et une goëlette sont entrés dans la baie le 28 du mois dernier, et y ont trouvé le brick *Eleonor of London* qui était sans équipage à cause de la mort et de la maladie des officiers et de la plupart des matelots, et qui avait été séquestré pour avoir fait la contrebande de l'ivoire ainsi que le prouvent le procès-verbal et l'inventaire ci-annexés. Le 29, le capitaine Owen m'envoya une lettre à laquelle je répondis; le 30 il m'adressa une autre dépêche à laquelle je fis réponse le même jour; nonobstant, ce même jour 30, il fit bloquer la porte du fort à une distance de 50 brasses par le brick *Barracouta* pour nous obliger à rendre le navire confisqué et sa contrebande. Toutefois, après avoir pris connaissance de ma dépêche, il me fit demander s'il pouvait faire saluer le port de 21 coups de canon, je lui répondis que ce salut lui serait immédiatement rendu. Le salut terminé, ils firent l'exercice. Pendant que moi et mes gens,

[1] Archives du ministère des affaires étrangères et de la légation portugaise à Londres.

bov da guarda o fez caír morto: logo pegou minha gente em armas, e como julguei ser accidental, cuidei no mais socego possivel, para evitar as funestas consequencias de uma banda e outra; mandei logo dar parte ao capitão Owen, que logo mandou cirurgião; porém inutilmente depois mandou-me dizer que estava muito sentido, etc. Eu lhe respondi que bem julgava que foi um accidente desgraçado, porém observei-lhe que, em logar de fazer seus exercicios a 50 braças do forte, o podia fazer no meio do porto; na mesma noite o dito brigue, abandonando o sitio, foi fundear a largo; finalmente no dia 31, depois de ter-me mandado um officio, veiu sitiar elle mesmo a porta, e *Barracouta* o outro lado do forte, largando as gavias, e prompto a nos atacar e arrazar este forte, se eu em 24 horas não deixava este forte; logo chamou-se todos os officiaes e empregados, e por todos decidiu-se de capitular, o que fiz com um officio; pois as forças actuaes não nos permittem defender-me só a tiro de peça, e aliás não tinham ordem de guerra declarada, e demais ser a expedição recommendada por Sua Magestade, e mil vezes superior em força; finalmente tendo recebido outro officio, fui a bordo juntamente com o escrivão, tenente e capellão, levando minha patente e instrucções, e com isto ficou convencido o dito capitão Owen, que todo o meu proceder foi pelas ordens que tinha e não por capricho, e immediatamente largou o sitio, e disse que os meus antecessores nunca lhe tinham dito que eram governadores de toda a bahia, mas sómente d'este forte; e assim reprimiu-se funestas consequencias, que, por pouca força que tivesse tido não teria deixado de os tratar de piratas, não sabendo eu a ignorancia a que alludio o dito capitão de não conhecer minhas instrucções.

Com isto restabeleceu-se a paz e socego de ambas as partes, e prometteu o dito capitão de entregar a v. ex.ª todos os officios, seus e meus, pois a brevidade da saída do dito capitão, não me permittem mandar copias, mas as remetterei a Lisboa, pelo canal de Moçambique; e a respeito do brigue e contrabando, que acompanha esta carta decidirá o que melhor lhe parecer. Rogo, porém, não sómente para beneficio da nação, porém para humanidade de uns poucos portuguezes, que pela nacional heroica virtude, tem chegado só com politica, e não com ferro e fogo, a subjugar até os reis dos hotentotes, que são os terrores d'esta costa, e que humildemente fazem homenagem á nossa bandeira, sendo este insignificante forte sagrado para elles, só por ter a bandeira portugueza; rogo, como dizia, se compraza com Sua Magestade o Senhor D. João VI, de finalisar

accoudés sur le parapet du fort, nous assistions à cet exercice, une balle vint frapper au front le tambour du détachement et l'étendit raide mort. Mes hommes prirent immédiatement les armes, mais comme je pensais que cet événement était uniquement dû au hasard, je fis conserver le plus grand calme possible afin d'éviter les funestes conséquences d'un conflit entre les deux troupes. Je fis immédiatement prévenir de cet événement le capitaine Owen qui envoya de suite un chirurgien dont les soins furent inutiles; après quoi il me fit exprimer ses regrets de ce malheureux accident. Je lui répondis que je l'attribuais à une cause purement accidentelle et je lui observai qu'au lieu de faire l'exercice à 50 brasses du fort, il aurait pu le faire au milieu de la baie. Dans la même nuit, le brick s'en fut jeter l'ancre au large. Enfin le 31, après m'avoir envoyé une dépêche, Owen vint lui-même bloquer la porte du fort et envoya le *Barracouta* bloquer le fort par un autre côté. Le capitaine était disposé à nous attaquer et à raser le fort si je ne l'abandonnais dans les 24 heures. Je fis de suite appeler tous les officiers et employés, et tous furent d'avis de capituler, ce que je fis par une dépêche, attendu que les forces dont je pouvais disposer ne me permettaient pas de défendre le fort avec notre artillerie, que mes soldats n'étaient pas équipés en guerre et que cette expédition était protégée par des ordres de Sa Majesté, et mille fois supérieure à nous par la force. Enfin, ayant reçu une nouvelle dépêche, je me rendis à bord accompagné du greffier, du lieutenant et de l'aumônier, et porteur de ma patente et de mes instructions; de cette façon le capitaine Owen fut persuadé que je n'avais agi que d'après des ordres reçus; immédiatement le capitaine quitta le mouillage et me dit qu'aucun de mes prédécesseurs ne lui avait fait savoir qu'ils étaient gouverneurs de toute la baie, mais seulement de ce fort, et ainsi furent évités des malheurs, car je n'aurais pas hésité, malgré le peu de forces que j'avais à ma disposition, à traiter les agresseurs en pirates, ne sachant pas que le capitaine Owen, d'après son dire, avait agi par l'ignorance où il était de mes instructions.

C'est ainsi que la tranquillité fut rétablie des deux parts. Ledit capitaine promit d'adresser à Votre Excellence toute sa correspondance et la mienne, mais son départ précipité ne m'a pas permis d'envoyer des copies que je remettrai à Lisbonne par voie de Mozambique; quant au brick et à sa contrebande dont l'inventaire accompagne cette lettre, Votre Excellence décidera ce que bon lui semblera. Je supplie Votre Excellence, dans l'intérêt de la nation, et par considération pour les quelques Portugais qui sont arrivés, à l'aide de leur courage et de leur persévérance et par des moyens pacifiques, à subjuguer même les rois hottentots qui, quoique étant la terreur de ces côtes, viennent humblement rendre hommage à notre drapeau, et respectent ce fort uniquement parce qu'il est portugais, je supplie, dis-je, Votre Excellence d'insister près de Sa Majesté Don Jean VI,

estas intrigas com os inglezes, que mandam da Inglaterra mesmo navios para fazer contrabando n'esta bahia, como fez a goleta *Talisbury* capitão W. Corlet, de Liverpool, que á mão armada fez contrabando, chegando no Oxalanga a matar varios negros que se oppunham ao seu desembarque, etc.

E finalmente rogo a v. ex.ª examinar todas as minimas circumstancias d'este acontecimento, para dar conta a Sua Magestade da minha conducta, para meu futuro procedimento.

Tomo no emtanto a liberdade de confessar-me com a maior submissão, de v. ex.ª o mais obediente servo. — Bahia de Lourenço Marques, 5 de setembro de 1825. = *Xavier Schmid Von Bellikey*[1].

afin qu'il en finisse avec les intrigues des Anglais qui envoient des navires faire la contrebande dans cette baie, tels que la goêlette *Talisbury*, capitaine W. Corlet, de Liverpool, qui vient faire la contrebande à main armée, et dont l'équipage a même, dans l'Oxalanga, tué quelques nègres qui voulaient s'opposer à son débarquement.

Et enfin, je supplie Votre Excellence d'examiner les moindres détails de cet événement afin de rendre à Sa Majesté compte de ma conduite, afin que je sache comment je devrai agir dorénavant.

Je prends, en attendant, la liberté de me dire, avec la plus grande soumission, de Votre Excellence, le plus obéissant serviteur.—Baie de Lourenco Marques, 5 septembre 1825. = *Xavier Schmid Von Bellikey*[1].

N.º 46

(Traduction.)

Extracto de um officio do governador de Lourenço Marques Xavier Schmid, ao ministro da marinha, de 6 de junho de 1826

Em agosto de 1825 chegou a esta bahia o capitão Owen com sua divisão, o qual mandou uma escolta armada para tirar a bandeira portugueza com seu pau de catumbe, e carregou com ella para Inglaterra. O mesmo nos sitiou duas vezes, e a segunda me obrigou a deixar este forte em vinte e quatro horas, ou me teria obrigado a faze-lo por força; e como estava certo de ser feito prisioneiro com toda a guarnição, não tendo nenhuma força, fui obrigado a capitular, o que fiz com as copias que remetto juntas, porém antes lhe mostrei minha patente, e todas as ordens que tenho, e então me disse que foi engano d'elle o que tinha feito. Todos os officios e acontecimentos serão remettidos a v. ex.ª pelo canal de Moçambique, pois já seis mezes ha que os mandei, os póde tambem receber pelo embaixador portuguez, que está em Inglaterra, e tambem de mim mesmo na primeira occasião. Os insultos do capitão Owen a respeito d'esta bahia merecem a justa indignação de Sua Magestade.

Extrait d'une lettre officielle du gouverneur de Lourenço Marques, Xavier Schmid, du 6 juin 1826, au ministre de la marine

Le capitaine Owen, arrivant dans cette baie au mois d'août 1825 avec sa division, a fait enlever (du Tembe) par une escorte, le drapeau portugais, et l'a emporté avec lui en Angleterre. Il nous a assiégés deux fois, et la deuxième il voulait me forcer à abandonner le fort dans les 24 heures en menaçant d'employer la force; comme je ne pouvais pas manquer d'être fait prisonnier avec toute la garnison n'ayant pas de forces suffisantes pour lui résister, j'ai été contraint de capituler, comme vous le verrez par les copies ci-jointes; cependant lorsque je lui eus montré ma patente il me dit qu'il s'était trompé. Toutes les lettres et tous les rapports sont envoyés à Votre Excellence par le canal de Mozambique; il y a déjà six mois que je les ai expédiés; Votre Excellence les recevra par l'entremise du ministre portugais à Londres ou directement de moi. Les attentats du capitaine Owen dans cette baie doivent provoquer la juste indignation de Sa Majesté.

N.º 47

(Traduction.)

Officio a mr. Macuard, sobrecarga de dois navios inglezes para assistir ás declarações do regulo do Tembe—20 de outubro de 1823

O ill.mo governador me ordena que lhe faça o presente officio. Tendo vindo a esta terra de Tembe, conforme é o costume, dar posse a Maieta, a fim de ser reconhecido por regulo d'esta terra, com o titulo de Capella, e sendo perguntado que novidades havia relativamente a va-

Dépêche adressée à mr. Macuard, subrécargue de deux navires anglais, pour assister aux déclarations du régule de Tembe—20 octobre 1823

Le gouverneur m'ordonne de vous adresser la présente dépêche. Étant venu dans ce territoire de Tembe, selon la coutume, pour en donner possession à Maieta, afin qu'il soit reconnu régule de cette contrée, sous le titre de Capella, et lui ayant demandé ce qu'il y avait

[1] Archivos do ministerio dos negocios estrangeiros e da legação portugueza em Londres.

[1] Archives du ministère des affaires étrangères et de la légation portugaise à Londres.

gas noticias, que o mesmo governador tinha, a respeito do capitão W. Owen, da fragata *Leven,* este Maieta asseverou não haver nenhuma, nem mesmo haver trato algum entre elle e o sobredito Owen. E para qualificar a verdade, visto que se acham presentes, não só elle Maieta como todos os grandes d'esta terra, precisa que vossa mercê e todos os mais senhores inglezes que podérem, compareçam a este acto com seus interpretes, a fim de tudo se mostrar qualificado, e para que seja decidido com justiça por quem competir, não deixando de se activar este acto, aindaque vossa mercê e os mais senhores inglezes como sujeitos britannicos não appareçam; notando-se n'elle o presente officio.—Tenho a honra de ser de vossa mercê, muito seu venerador=*Antonio Pedro Teixeira,* escrivão interino.=Ao sr. Macuard, sobrecarga das duas escunas. Bahia de Lourenço Marques em Temby, 20 de outubro de 1823.

Extrahido do livro dos registos n.º 3, a fl. 13 verso e 14, onde se registou o proprio original por ordem do ill.mo governador. Bahia de Lourenço Marques, 28 de outubro de 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* escrivão interino.

relativement à de vagues nouvelles que le même gouverneur avait à l'égard du capitaine W. Owen, de la frégate *Leven,* ce Maieta m'a assuré qu'il n'y en avait aucune, et qu'il n'existait même aucuns rapports entre lui et le susdit Owen. Et afin de rendre évidente la vérité, attendu que non-seulement Maieta lui-même, mais aussi tous les grands de ces terres sont présents, il a besoin que vous et tous les autres Anglais qui pourront le faire comparaissent à cet acte avec leurs interprètes, pour que tout soit bien évident et pour qu'il en soit décidé avec justice par ceux à qui ce devoir reviendra. L'acte ne manquera pas d'avoir lieu lors même que vous et les autres Anglais comme sujets britanniques ne comparaîtriez pas, note de la présente dépêche devant être prise sur l'acte. J'ai l'honneur d'être, etc.=*Antonio Pedro Teixeira,* greffier par intérim.—Au sieur Macuard, subrécargue des deux schooners. Baie de Lourenço Marques à Tembe, ce 20 octobre 1823.

Extrait du livre des enregistrements nº 3, fol. 13 verso et 14, où l'original a été enregistré par ordre du gouverneur. Baie de Lourenço Marques, ce 28 octobre 1823.=*Antonio Pedro Teixeira,* greffier par intérim.

N.º 48

Extracto de um despacho do ministro dos negocios estrangeiros ao nosso ministro em Londres—em 29 de maio de 1824

Inclusas achará v. ex.ª copias de um officio do governador de Moçambique, em data de 10 de outubro do anno passado, e da correspondencia que houve entre elle e o capitão Owen, do navio *Leven,* superintendente nas costas do Levante em Africa.

Por estes documentos verá v. ex.ª a questão, que ali se suscitou, sobre os bens do mestre do bergantim inglez *Sincapore,* que morreu em Inhambane, e que terminou, recebendo o capitão Owen o que existia no cofre, pertencente áquelles bens, á vista de uma auctorisação que apresentou para este fim; do que convem v. ex.ª esteja ao facto, para o caso de ahi lhe fallarem n'essa questão.

O principal objecto, porém, para que transmitto a v. ex.ª esta correspondencia é para que v. ex.ª, inteirado do seu conteúdo, haja de reclamar do governo britannico, em occasião e fórma que lhe parecer opportuna, contra o novo estabelecimento que os inglezes pretendem fazer na bahia de Lourenço Marques, em prejuizo do legitimo direito de Sua Magestade sobre aquelle territorio, como a v. ex.ª constará dos mesmos documentos.

Lembro a v. ex.ª, que haja de ter em vista, na reclamação acima ordenada, a convenção de 1817, em que se declara pertencer á corôa de Portugal o territorio comprehendido entre o Cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques, di-

(Traduction.)

Extrait d'une dépêche du ministre des affaires étrangères à notre ambassadeur à Londres—29 mai 1824

Votre Excellence recevra sous ce pli la copie de la lettre officielle du gouverneur de Mozambique en date du 10 octobre de l'année dernière et celle de sa correspondance avec le capitaine Owen du navire *Leven,* surintendant des côtes du levant en Afrique.

Ces documents éclaireront Votre Excellence sur la question soulevée ici à l'égard des biens du capitaine du brigantin anglais *Sincapore,* mort à Inhambane, et qui s'est terminée par la prise de possession, par le capitaine Owen, de ce qui existait en coffre, appartenant à ces mêmes biens, en vertu de l'autorisation produite par ledit capitaine et présentée dans ce but, circonstances qu'il importe que Votre Excellence connaisse pour le cas où on lui en parlerait.

Mon principal but néanmoins, en adressant cette correspondance à Votre Excellence, est de lui donner parfaite connaissance des faits afin que Votre Excellence, dans l'occasion et les termes qu'elle jugera convenables, réclame auprès du gouvernement britannique contre l'établissement que les Anglais prétendent fonder dans la baie de Lourenço Marques au préjudice des droits légitimes de Sa Majesté Très-Fidèle, ainsi que Votre Excellence le verra par lesdits documents.

Je rappellerai à Votre Excellence qu'elle doit appuyer la réclamation ci-dessus ordonnée, sur la convention de 1817 dans laquelle est déclaré appartenir à la couronne portugaise le territoire compris entre le cap Delgado et la baie de

reito que não póde por fórma alguma ser invalidado pelos futeis motivos allegados pelo capitão Owen.

Lourenço Marques, droits que ne peuvent d'aucune manière affaiblir les futiles arguments présentés par le capitaine Owen.

N.º 49

(Traduction.)

Extracto de um despacho do ministro dos negocios estrangeiros ao enviado portuguez em Londres — 7 de agosto de 1824

Remetto a v. ex.ª as copias inclusas de alguns documentos ultimamente chegados a esta secretaria d'estado, e que dizem respeito á questão da bahia de Lourenço Marques, que já foi objecto do meu despacho dirigido a v. ex.ª em 29 de maio ultimo. Estes papeis, apresentando por uma parte um documento para provar haver o regulo Capella feito um tratado de reconhecimento e sujeição á Gran-Bretanha, e por outra parte offerecendo outro documento, posteriormente exarado, em que o mesmo regulo declara não haver feito tratado algum, e não reconhecer outros que os antigos direitos de Sua Magestade Fidelissima n'aquellas paragens, manifestam uma notavel contradição, que v. ex.ª não deixará de considerar como ella merece, para em conjuncção com os papeis já remettidos dar o melhor desempenho ás ordens de Sua Magestade, que lhe communiquei no sobredito despacho.

Extrait d'une dépêche du ministre des affaires étrangères au ministre portugais à Londres — 7 août 1824

Sous ce pli je remets à Votre Excellence les copies de quelques documents arrivés dernièrement à ce ministère, et qui concernent la question de la baie de Lourenço Marques, question qui a déjà fait l'objet de la dépêche que j'ai envoyée à Votre Excellence le 29 du mois de mai dernier. Ces papiers présentant, d'une part, un document qui tend à prouver que le régule Capella a fait un traité par lequel il se reconnaît sujet de la Grande-Bretagne, et, d'autre part, un autre document postérieur par lequel ledit régule déclare n'avoir fait aucun traité et ne reconnaître que les anciens droits de Sa Majesté Très-Fidèle sur ces régions, impliquent une contradiction évidente que Votre Excellence prendra sans doute en considération, afin de pouvoir, en réunissant ces documents aux autres déjà reçus, donner la meilleure suite aux ordres de Sa Majesté Très-Fidèle contenus dans la susdite dépêche, que j'ai communiquée à Votre Excellence.

N.º 50

(Traduction.)

Officio do mesmo ministro ao enviado portuguez em Londres — 15 de abril de 1826

Ill.mo e ex.mo sr. — Havendo já pelo meu despacho n.º 101 accusado, entre outros, a recepção do officio de v. ex.ª, ostensivo n.º 79, cumpre-me dizer agora a v. ex.ª, que remetti ao sr. ministro dos negocios do ultramar a carta e auto a ella annexo, que a v. ex.ª dirigiu o governador da bahia de Lourenço Marques, e que acompanhou o mesmo officio; e sendo tão salientes os factos que n'aquella bahia praticou o commandante da corveta ingleza *Leven*, já no modo hostil com que se tem conduzido desde que chegou áquellas paragens, já no despotismo com que se apossou do brigue *Eleonor of London*, que se achava debaixo de sequestro, com tão justificado motivo, como fez certo a achada de 1:925 libras de marfim escondidas no porão do mesmo brigue; é indispensavel que v. ex.ª peça a esse governo explicações sobre aquelles acontecimentos, que v. ex.ª tem referidos na copia da communicação que accusa ter deixado n'essa embaixada, quando me remetteu o original do governador da bahia de Lourenço Marques.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 15 de abril de 1826. = *Conde da Ponte.* = Sr. Marquez de Palmella.

Dépêche du même ministre à l'ambassadeur portugais à Londres — 15 avril 1826

Excellence. — Ayant déjà, par ma dépêche n.º 101, accusé réception du rapport de Votre Excellence n.º 79, il me reste à apprendre à Votre Excellence que j'ai remis au ministre de la marine et des colonies la lettre et l'acte qui s'y trouve annexé, et qui a été adressée à Votre Excellence par le gouverneur de la baie de Lourenço Marques et qui accompagnait la même dépêche. Comme les actes pratiqués dans la baie de Lourenço Marques par le commandant de la corvette anglaise *Leven* sont des plus saillants, non-seulement à cause des procédés hostiles de cet officier depuis son arrivée dans ces parages, mais aussi par la violence dont il s'est rendu coupable, en s'emparant du brick *Eleonor of London*, qui avait été mis en séquestre avec toute justice, puisque l'on avait trouvé dans la cale de ce navire 1,925 livres d'ivoire, il est indispensable que Votre Excellence demande au gouvernement anglais des explications sur ces faits qui se trouvent relatés dans la copie de la communication que Votre Excellence dit avoir laissée à l'ambassade, lorsqu'elle m'envoya la dépêche du gouverneur de la baie de Lourenço Marques.

Dieu garde Votre Excellence. Palais de Notre-Dame d'Ajuda, ce 15 avril 1826. = *Comte da Ponte.* = Monsieur le marquis de Palmella.

N.º 51

Extracto de um officio de D. Francisco de Almeida ao marquez de Palmella, em 21 de outubro de 1826

Ill.mo e ex.mo sr. — Os actos de usurpação commettidos pelos inglezes na bahia de Lourenço Marques são dignos da maior attenção; e apesar da muito delicada posição em que nos achâmos para com os inglezes, é comtudo necessario dar um prompto seguimento a um facto que compromette os interesses e a dignidade nacional; v. ex.a portanto dirigir-se-ha a esse governo, pedindo a justa reparação a tão grave injuria.

É escusado recommendar a v. ex.a a dignidade e prudencia com que similhante reclamação deve ser feita.

(Traduction.)

Extrait d'une dépêche de Don Francisco de Almeida au Marquis de Palmella — 21 octobre 1826

Excellence — Les actes d'usurpation pratiqués par les Anglais dans la baie de Lourenço Marques méritent la plus sérieuse attention; et malgré la position délicate dans laquelle nous nous trouvons avec les Anglais, il faut immédiatement poursuivre la répression d'un fait qui compromet les intérêts et la dignité de la nation; Votre Excellence doit donc s'adresser au gouvernement anglais, et lui demander la juste réparation d'une si grave insulte.

Je trouve inutile de recommander à Votre Excellence la dignité et la prudence qui doivent présider à cette réclamation.

N.º 52

Ordem ao ministro portuguez em Londres para reclamar contra os attentados do capitão Owen — 17 de março de 1827

Ill.mo e ex.mo sr. — Remetto a v. ex.a a copia de um officio que me dirigiu o sr. ministro da fazenda, para corroborar o que já disse a v. ex.a em meu officio n.º 42, em resposta ao de v. ex.a n.º 117 reservado. O procedimento que o commandante da fragata *Leven* teve na bahia de Lourenço Marques parece-me digno da maior attenção; portanto v. ex.a não perderá occasião opportuna para exigir d'esse governo a devida satisfação; os inclusos documentos que me foram remettidos pelo sr. ministro dos negocios do ultramar poderão servir a v. ex.a para pedir a necessaria reparação a tão grave insulto. Em todo este negocio, aliás muito importante, obrará v. ex.a com a prudencia que exigem as nossas actuaes relações com a Gran-Bretanha.

Deus guarde a v. ex.a Palacio de Nossa Senhora de Ajuda, em 17 de março de 1827.=*D. Francisco de Almeida.*=Sr. marquez de Palmella.

(Traduction.)

Instructions au ministre portugais à Londres pour réclamer contre les attentats du capitaine Owen — 17 mars 1827

Excellence. — Je remets à Votre Excellence la copie d'une dépêche qui m'a été adressée par le ministre des finances, et qui doit corroborer ce que j'ai déjà eu l'honneur de dire à Votre Excellence dans ma dépêche n° 42 qui répondait à celle de Votre Excellence, n° 117, réservée. La conduite du commandant de la frégate *Leven* dans la baie de Lourenço Marques mérite de fixer toute notre attention; c'est pourquoi Votre Excellence ne manquera pas, au premier moment opportun, d'exiger du gouvernement anglais la satisfaction qui nous est due. Les documents ci-inclus, que m'ont été remis par le ministre de la marine et des colonies, pourront servir à Votre Excellence pour réclamer la réparation d'une aussi grave insulte. Dans toute cette affaire qui est d'une haute importance, Votre Excellence agira avec la circonspection exigée par nos rapports actuels avec la Grande-Bretagne.

Dieu garde Votre Excellence. Palais de Notre Dame d'Ajuda, ce 17 mars 1827.=*D. Francisco de Almeida.*=Monsieur le marquis de Palmella.

N.º 53

Extracto de um officio do ministerio dos negocios estrangeiros ao nosso enviado em Londres, sobre a reclamação relativa a Lourenço Marques — 28 de abril de 1827

Em addicionamento ao que já em outro officio escrevi a v. ex.a, remetto a v. ex.a uma copia da representação, que á Serenissima Senhora Infanta Regente dirigiram os emprehendedores do estabelecimento da feitoria da bahia de Lourenço Marques, cumprindo-me lembrar a

(Traduction.)

Résumé d'une dépêche du ministère des affaires étrangères à notre ambassadeur à Londres, sur la réclamation relative à Lourenço Marques — 28 avril 1827

Additionnellement à ce que j'ai déjà écrit à Votre Excellence dans une autre dépêche, je lui remets une copie de la représentation qui a été adressée à la Sérénissime Infante Régente par ceux qui ont entrepris l'établissement de la factorerie de la baie de Lourenço Marques.

v. ex.ª, que este negocio merece mui seria attenção; posto que eu conheça quanto nas actuaes circumstancias será difficil concluir favoravelmente, tanto este negocio como outros de similhante natureza, de que v. ex.ª, por ordem da Serenissima Senhora Infanta Regente se acha incumbido.

Je dois rappeler à Votre Excellence que cette affaire mérite la plus grande attention, quoique je reconnaisse que, dans les actuelles circonstances, il sera fort difficile de la mener à bonne fin, ainsi que les autres affaires d'égale nature dont Votre Excellence a été chargée d'après les ordres de la Sérénissime Infante Régente.

ANNEXO

Serenissima Senhora. — A Vossa Alteza representam os emprehendedores do estabelecimento da feitoria da bahia de Lourenço Marques, que os supplicantes entraram na dita empreza afiançados no diploma regio, que lhes assegurava como bom o serviço e emprego dos seus grandes capitaes, industria e actividade, o que tudo constitue a fortuna dos supplicantes, consignada a manter na corôa d'estes reinos tão importante ponto dos seus dominios, como se manifesta á mais mediana consideração; offerece-se porém a reflectir: a falta de noticias directas de Moçambique engrossam justas apprehensões ao cuidado, em que os supplicantes laboram pelo primeiro emprego de seus capitaes na fundação do referido estabelecimento; porque de um lado se diz a opposição que o cumprimento das soberanas ordens dimanadas do throno tem achado em Moçambique, de outro, se apresenta o dominio de Lourenço Marques invadido pelas incursões dos armadores e commandantes das forças navaes da Gran-Bretanha, que virão assim a destruir o estabelecimento dos supplicantes, e com elle toda a fortuna dos supplicantes. Na consternação em que taes noções, supposto vagas, põem os supplicantes, têem buscado ratificar-se para se acharem ao abrigo do governo de Vossa Alteza, mas nada têem conseguido, e só pelo Rio de Janeiro e Londres têem recolhido noticias, que supposto não ratificam similhantes asserções, as deixam todavia em grande duvida; comtudo a proxima saída da nau de viagem insta para que os supplicantes não defiram de representar a Vossa Alteza a necessidade em que se acham, de que Vossa Alteza, attendendo ao que tão respeitosamente expõem, se digne passar novas ordens de recommendação ás respectivas auctoridades de Moçambique para que, mantendo no seu inteiro vigor as condições outorgadas pelo Imperador e Rei, que Deus haja, protejam e favoreçam a empreza dos supplicantes como hão mister para progredir e ir a effeito, como tanto utilisa esta monarchia, e assim tambem para que dos cruzadores e commandantes inglezes seja respeitada, e não prosigam nas suas hostilidades, de que o primeiro passo é a ruina dos supplicantes e o segundo alheiação d'aquella bahia aos dominios portuguezes. E porque os supplicantes têem bem certa noticia de que os inglezes têem feito estabelecimentos no porto de Santa Luzia, d'onde provém ao dos supplicantes prejuizo consideravel, primeiro porque para ahi attrahem o commercio que deve vir á feitoria dos supplicantes; segundo porque intrigam e promovem a indisposição dos regulos contra os portuguezes, como é constante, o que tudo de mais a

ANNEXE

Sérénissime Altesse. — Les entrepreneurs de l'établissement de la factorerie de la baie de Lourenço Marques représentent à Votre Altesse qu'ils sont entrés dans ladite entreprise appuyés sur un diplôme royal qui leur assurait comme bon l'emploi de leur capitaux, de leur industrie et de leur activité, choses qui constituent la fortune des soussignés, consacrée à maintenir dans les domaines de la couronne ce point important de ses possessions, comme cela est facile à comprendre. Il est pourtant à remarquer ce qui suit: le manque de nouvelles directes de Mozambique ajoute à la crainte qu'ont les soussignés de perdre les premiers capitaux employés à la fondation de l'établissement sus-mentionné, car, d'une part, on assure que les ordres émanés de la cour ont trouvé de l'opposition à Mozambique, de l'autre on dit la colonie de Lourenço Marques envahie par les incursions des armateurs et des commandants des forces navales de la Grande-Bretagne, qui finiront ainsi par anéantir l'établissement des soussignés et, par conséquent, toute leur fortune. Dans la consternation où ces nouvelles, quelque vagues qu'elles puissent être, ont plongé les soussignés, ils ont cherché à s'assurer de la vérité, afin de se mettre sous la protection du gouvernement de Votre Altesse, mais ils n'ont pu rien savoir et n'ont pu obtenir de nouvelles que par Rio de Janeiro et Londres, nouvelles qui, sans confirmer positivement ces bruits, laissent néanmoins les soussignés dans la plus grande perplexité. Le prochain départ du vaisseau de voyage est une occasion, pour les soussignés, de ne point tarder à représenter à Votre Altesse la nécessité où ils se trouvent de supplier Votre Altesse de prendre leur respectueuse demande en considération et de donner de nouveaux ordres aux autorités de Mozambique, afin qu'elles maintiennent en vigueur les concessions faites par l'Empereur et Roi, que Dieu garde, en protégeant et en favorisant l'entreprise des soussignés, comme cela est indispensable à sa réussite et à la gloire de la monarchie, et en défendant l'établissement contre les hostilités des croiseurs et des commandants anglais, hostilités qui, si elles continuent, auront pour conséquence et la ruine des soussignés et la séparation de cette baie des domaines de la couronne. Considérant comme trop certaine la nouvelle qui leur a appris l'établissement des Anglais dans le port de Sainte-Lucie, fait qui cause aux soussignés un considérable préjudice, d'abord parce que le commerce qui devait venir à leur factorerie est attiré dans ce port, et ensuite parce que les Anglais, à l'aide de leurs intrigues excitent les régules contre les Portugais, comme cela est

mais é manifesta usurpação ao dominio d'esta corôa; esperam que Vossa Alteza mande reparar isto tudo compativelmente. E. R. M.

avéré, ce qui constitue d'ailleurs une usurpation des domaines de la couronne, les soussignés espèrent que Votre Altesse fera en sorte que les choses soient remises en l'état qu'elles doivent avoir.

N.° 54

Note du 17 juin 1826 adressée à lord Canning par le ministre portugais à Londres contre l'attentat du capitaine Owen

Londres, ce 17 juin 1826.—Le soussigné a l'honneur de remettre ci-joint à son excellence, mr. Canning, principal secrétaire d'État de Sa Majesté Britannique au département des affaires étrangères, l'extrait d'une dépêche qui lui a été adressée par le gouverneur du fort situé dans la baie de Lourenço Marques sur la côte orientale de l'Afrique, de même que l'extrait du procès verbal qui était joint à la susdite dépêche.

Il résulte, comme son excellence le verra du contenu de ces deux pièces, que le capitaine Owen de la marine britannique s'est présenté le 28 août 1825 devant la forteresse ci-dessus indiquée, et a réclamé la remise d'un bâtiment qui se trouvait sous le séquestre par les autorités portugaises, pour avoir, en violation des lois portugaises et traités existants, notamment de l'article 8 du traité de commerce de 1810, fait la contrebande dans le territoire appartenant à Sa Majesté Très-Fidèle, délit qui se trouve indubitablement prouvé par la découverte de 1225 livres pesant d'ivoire, qui étaient cachées dans le fond du susdit bâtiment.

Le gouverneur s'étant refusé, comme de raison, à remettre ce bâtiment, qu'il se réservait d'envoyer à Mozambique, afin que la légalité de la prise fut jugée par les tribunaux compétents, il paraît que le capitaine Owen s'est porté à des actes de menace, et qu'abusant de la supériorité de ses forces, il a exigé l'évacuation de la forteresse dans l'espace de 24 heures, et la remise du bâtiment détenu, n'ayant désisté de la première de ces demandes que moyennant la concession de la seconde. Son excellence verra également que, tandis que ces pourparlers avaient lieu de part et d'autre, un soldat de la garnison portugaise a été tué (sans doute involontairement) par un coup de fusil parti de la frégate britannique, dont il paraît qu'on exerçait l'équipage à portée de fusil de la forteresse portugaise.

Enfin son excellence verra que le capitaine Owen s'est engagé sur sa parole d'honneur a envoyer le bâtiment susdit en Angleterre afin que la question de la validité de la prise y pût être discutée avec l'intervention du représentant de Sa Majesté Très-Fidèle dans ce pays.

Le soussigné ayant reçu toutes les susdites communications de la part des autorités portugaises de la baie de Lourenço Marques, a cependant différé d'adresser au gouvernement britannique aucune réclamation jusqu'à ce qu'il eût reçu à cet égard des instructions de la part de sa cour; et, c'est à présent, en conséquence des ordres qui lui ont été expédiés de Lisbonne, que le soussigné a l'honneur de s'adresser à son excellence mr. Canning, pour le prier de faire procéder à l'examen du fait dont il s'agit, et pour demander la remise du bâtiment et de la cargaison dont le capitaine Owen s'est emparé d'une manière aussi illégale, pour être jugé par les tribunaux compétents en Portugal.

Le soussigné ne saurait douter que, si le gouvernement britannique acquiert la preuve que le séquestre du brick *Eleonor* avait eu lieu en conséquence d'un acte flagrant de contrebande, si en outre, le capitaine Owen reconnaît lui-même qu'il a employé la violence, ou des menaces hostiles pour enlever le susdit bâtiment d'un établissement appartenant au territoire portugais, le soussigné ne saurait douter, il le répète, que le gouvernement de Sa Majesté Britannique ne s'empresse à désavouer un semblable outrage, ainsi que d'accorder l'indemnisation qui paraîtra suffisante, si par hasard il n'était plus possible de recouvrer le brick et sa cargaison.

Le soussigné profite de cette occasion pour renouveler à son excellence mr. Canning l'assurance de sa considération la plus distinguée.—A son excellence mr. Canning, etc., etc.=*Le Marquis de Palmella.*

N.° 55

Resposta de George Canning, ministro dos negocios estrangeiros de Sua Magestade Britannica, á nota do marquez de Palmella, em 4 de julho de 1826

The undersigned His Majesty's Secretary of State for Foreign affairs, has the honor to acknowledge the receipt of the Official note addressed to him on the 17.th ultimo by His

(Traduction.)

Réponse de George Canning, ministre des affaires étrangères de Sa Majesté Britannique, à la note du marquis de Palmella, le 4 juillet 1826

Le soussigné, secrétaire d'État de Sa Majesté pour les affaires étrangères, a l'honneur d'accuser réception de la note officielle du 17 du mois dernier, dans laquelle le marquis de Palmella, envoyé

Excellency the Marquis de Palmella, ambassador Extraordinary and Minister Plenipotentiary from His Most Faithful Majesty at this Court, complaining of the seizure, by Captain Owen of His Majesty's Ship Leven, of a British Vessel which had been confiscated by the Portuguese Authorities at *Bahia de Lourenço Marques*, for smuggling; the undersigned has the honor to inform His Excellency in answer, that Captain Owen is expected in England in the course of a month, and that immediately upon his return, he will be called upon for an explanation of his conduct.

The undersigned begs the Marquis de Palmella to accept the assurance of his most distinguished consideration.=*George Canning.*

Foreign Office, July 4, 1826.=The Marquis de Palmella, etc.

extraordinaire et ministre plénipotentiaire de Sa Majesté Très-Fidèle en cette cour, se plaint de la capture faite par le capitaine Owen, du navire *Leven,* de Sa Majesté, d'un navire anglais qui avait été confisqué par les autorités portugaises de la baie de Lourenço Marques, pour y avoir fait la contrebande; le soussigné a l'honneur d'informer son excellence que le capitaine Owen est attendu en Angleterre dans un mois, et qu'immédiatement après son retour, il sera appelé pour rendre compte de sa conduite.

Le soussigné prie le marquis de Palmella d'agréer l'assurance de sa considération la plus distinguée.=*George Canning.*

Ministère des affaires étrangères, ce 4 juillet 1826.—Au marquis de Palmella, etc.

N.° 56

Note du ministre portugais à Londres adressée à Lord Dudley sur l'attentat du capitaine Owen—23 mai 1827

Londres, ce 23 mai 1827.—Le soussigné, Ambassadeur Extraordinaire et Plénipotentiaire de S. M. T. F., a l'honneur d'annoncer à S. E. Lord Dudley, qu'il a reçu la Note par laquelle le Principal Secrétaire d'État de S. M. B. au Département des Affaires Étrangères, prédécesseur de S. E., a répondu à celle que le soussigné lui avait adressée en date du 17 juin 1826, pour se plaindre de la violence commise par le Capitaine Owen, Commandant du navire de guerre britannique *Leven,* en enlevant de vive force le navire *Éléonora* qui se trouvait légalement détenu dans le port de Lourenço Marques, près de la forteresse.

Il paraît que le Capitaine Owen cherche à fonder sa justification sur ce que le susdit navire aurait été saisi par les autorités portugaises comme faisant la contrebande à Mapoota, et il révoque en doute les droits de la Couronne de Portugal sur ce territoire.

S. E. Mr. Canning en donnant connaissance au soussigné de l'allégation du Capitaine Owen ajoute, que le Gouvernement de S. M. B. désire, comme il est naturel, faire justice aux droits de S. M. T. F. ainsi qu'aux réclamations de ses propres sujets, et il demande à être informé des principes sur lesquels se fonde le droit de souveraineté de la Couronne de Portugal sur le territoire en question.

Le soussigné prendra, cependant, d'abord la liberté d'observer que lors même que le droit de souveraineté de S. M. T. F. sur tous les territoires contenus dans le baie de Lourenço Marques ne fût pas, comme il est, incontestable, la conduite du Capitaine Owen dans le cas dont il s'agit, ne lui paraîtrait pas moins repréhensible. Le navire *Éléonora* se trouvait détenu dans un port portugais, et la légalité de sa détention devait être soumise à une cour de justice. Ainsi les sujets de S. M. B. auraient pu en réclamer légalement la remise et auraient eu droit à des indemnités contre toute lésion injuste. Mais le Capitaine Owen en employant la force pour l'enlever s'est constitué lui-même juge dans une cause qui n'était pas de son ressort, et a évidemment commis un attentat contre la loi des nations et contre les relations d'amitié qui subsistent heureusement entre les deux Couronnes.

Cette question paraît au soussigné n'admettre aucun doute et il espère de l'esprit d'équité et d'impartialité du Gouvernement britannique une réparation complète et la restitution du navire pour être jugé par les tribunaux portugais compétents, S. M. B. ayant toujours, comme de raison, le droit de réclamer dans les formes ordinaires en faveur de ses sujets, dans le cas improbable où ils se trouveraient lésés.

Après cette déclaration, dictée par son devoir, le soussigné passera à répondre aux questions qui lui sont adressées dans la Note de S. E. Mr. Canning, avec d'autant plus d'empressement qu'il a reçu de son Gouvernement des ordres réitérés pour protester contre les actes du Capitaine Owen pendant son séjour dans la baie de Lourenço Marques, actes qui tendent à dépouiller la Couronne de Portugal de la possession légitime, depuis des siècles, d'une partie du territoire compris dans cette baie, et c'est là le point essentiel de la réclamation du soussigné.

Les droits de la Couronne de Portugal s'établissent:—1° sur la priorité, qu'on ne saurait lui contester de la découverte de cette côte dès les premiers voyages des Portugais dans l'Inde; 2° sur les factoreries qui y ont été fondées et qui existent encore maintenues par une forteresse dans la baie de Lourenço Marques où le Gouvernement de Mozambique envoie une garnison; 3° sur des conventions et des actes de reconnaissance continuellement réitérés depuis plusieurs siècles de la part des chefs des peuplades africaines qui habitent cette côte et qui ont invariablement reconnu la

suprématie et la souveraineté de la Couronne de Portugal; 4° sur l'admission constante de tous les Gouvernements européens qui ont jusqu'à présent respecté ces droits, comme on peut le vérifier par la simple inspection des cartes géographiques; 5° enfin, sur l'article 2 de la convention du 28 juillet 1817, dont le soussigné joint copie, et qui fournit la preuve de l'acquiescement explicite et formel du Gouvernement britannique lui-même aux droits de souveraineté de la Couronne de Portugal sur tous les territoires de la côte orientale d'Afrique compris entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques.

Le Capitaine Owen ignorant sans doute l'existence de cette convention et poussé par un zèle que le soussigné osera accuser d'indiscrétion, a profité de son séjour dans la baie de Lourenço Marques pour conclure avec les chefs du territoire de Tembe et de Mapouto des espèces de traités par lesquels ceux-ci se reconnaîtraient comme sous la protection de la Grande-Bretagne, en violation évidente des actes de reconnaissance antérieurs par lesquels ces mêmes chefs ont depuis longtemps reconnu la souveraineté de la Couronne de Portugal. Les autorités portugaises du voisinage ont de suite protesté formellement contre ces actes, et le soussigné croit qu'il n'est pas nécessaire de se livrer à une discussion juridique pour démontrer l'invalidité de semblables contrats conclus avec les chefs de peuplades à demi sauvages, lors même qu'ils ne se trouveraient pas en contradiction avec des traités antérieurs. Les droits de souveraineté, sur la plus grande partie des territoires possédés par les États européens en Afrique ou en Amérique, seraient difficiles à soutenir si on voulait en soumettre la légalité à une controverse avec les naturels du pays, et si on ne se contentait, en général, de les établir sur la date de la découverte et de la fondation d'établissements européens.

Cependant s'il était besoin, dans ces cas, d'opposer aux traités du Capitaine Owen d'autres documents analogues, il serait facile d'en présenter, et le soussigné en fournira la preuve, transmettant ci-joint pour l'inspection de S. E. Lord Dudley les copies de plusieurs actes et déclarations authentiques qui constatent les relations de suzeraineté existantes entre la Couronne de Portugal et les chefs des territoires avec lesquels le Capitaine Owen a traité. Il y joindra, pour mieux éclairer la question, des copies du traité et d'une partie de la correspondance du Capitaine Owen, et il réclame surtout l'attention du Gouvernement de S. M. B. sur la lettre adressée par le susdit Capitaine au chef de la factorerie portugaise, contre le contenu de laquelle le soussigné est obligé de protester, et proteste officiellement au nom de S. M. T. F. Le soussigné observera que le Capitaine Owen lui-même a paru subséquemment douter du droit d'arborer le pavillon britannique sur le territoire de Tembe, quoique dans la lettre précédemment citée il s'arrogeât ce droit.

Le Capitaine Owen tout en avouant que les Portugais possédaient des factoreries dans ces mêmes territoires, prétend que ces factoreries ne prouvent pas la domination de la Couronne de Portugal, et ne sont établies que pour des objets de commerce. Cependant il est notoire que tous les établissements portugais sur la côte d'Afrique ont porté au commencement la dénomination de factoreries, sans que les droits de la Couronne de Portugal aux territoires environnants en soient pour cela moins généralement reconnus.

Le soussigné joindra aux autres pièces annexes à la présente Note, une copie de la Note qui a été adressée par feu Lord Londonderry au Chargé d'Affaires de Portugal au moment du départ de l'expédition du Capitaine Owen, et S. E. Lord Dudley avouera que le Gouvernement portugais aurait dû être loin de s'attendre à l'esprit d'empiètement et de chicane que cet officier paraît avoir manifesté pendant son séjour dans les établissements portugais: La première question traitée dans cette Note, c'est-à-dire, celle qui a rapport au navire *Éléonora,* devient ainsi un accessoire de la seconde. C'est sur cette seconde question que le soussigné réclame surtout l'attention de S. E. Lord Dudley. Il est persuadé que le Gouvernement britannique ne choisirait pas le moment actuel pour révoquer en doute des droits qui n'ont jamais jusqu'à présent été contestés à la Couronne de Portugal, et que S. M. B. elle-même dans la convention du 28 Juillet 1817 a explicitement reconnus. Dans cette conviction, le soussigné réclame que les actes du Capitaine Owen dans la baie de Lourenço Marques soient formellement désapprouvés; et que les bâtiments de guerre britanniques se soumettent dans cette baie aux mêmes lois et règlements qu'ils observent dans les autres possessions de la Couronne de Portugal.

Le soussigné profite de cette occasion pour réitérer à S. E. Lord Dudley l'assurance de sa plus haute considération.=A S. E. Lord Dudley.=*Le Marquis de Palmella.*

N.° 57

Troisième Note du même ministre à Lord Dudley sur le même sujet — le 22 mai 1828

Londres, ce 22 mai 1828.—Le soussigné, Ambassadeur Extraordinaire et Plénipotentiaire de S. M. T. F., aurait dû depuis longtemps accuser réception de la Note de S. E. Lord Dudley du 5 Décembre dernier, s'il n'avait craint de détourner l'attention de S. E. d'autres questions et affaires relatives au Portugal d'une importance majeure, et qui demandaient avec urgence à être traitées de préférence à toutes. Cependant le soussigné ne saurait laisser passer plus longtemps sans accuser réception de la Note ci-dessus mentionnée, d'autant plus qu'il se voit obligé de

combattre les raisonnements qu'elle contient, et à protester comme il le fait officiellement contre les conclusions que S. E. en tire.

La Note dont il s'agit a été adressée par Lord Dudley en réponse à celle que le Marquis de Palmella avait eu l'honneur d'écrire à S. E. en date du 23 Mai 1826, pour se plaindre de la conduite suivie par le Capitaine Owen de la Marine britannique, pendant sa croisière sur les côtes des colonies portugaises de l'Afrique orientale.

Les plaintes que le Gouvernement portugais s'est vu forcé d'adresser à cette occasion au Gouvernement de S. M. B. se réduisent en résumé à la violence exercée par le Capitaine Owen, lors de la saisie à main armée du bâtiment marchand *Éléonor* qui se trouvait détenu sous le canon d'un fort portugais dans la baie de Lourenço Marques, et surtout contre la prise de possession d'une partie du territoire, attenant à la susdite baie de Lourenço Marques, effectuée par le Capitaine Owen, malgré les protestations des autorités portugaises, et en violation des droits que la Couronne de Portugal a réclamés et maintenus dès les premiers temps de la découverte de ces parages, sans que jamais ils lui aient été contestés.

En répondant aux plaintes qui lui furent adressées par le soussigné, S. E. le Comte de Dudley veut justifier la conduite du Capitaine Owen quant au premier point (la reprise du bâtiment *Éléonor) sur ce que la saisie de ce bâtiment effectuée par le commandant portugais du fort de Lourenço Marques avait été faite de manière et acompagnée de circonstances qui la rendaient tout à fait illégale, et que la sentence ou le jugement qui allait être prononcé sur cette affaire, aurait émané d'un tribunal tout à fait incompétent pour décider la question de la propriété du territoire de laquelle dépendait la légalité de la prise.*

S. E. permettra au soussigné de répliquer que, quelle que puisse avoir été l'erreur originairement commise par les autorités portugaises (en supposant qu'il y ait eu erreur, ce que le soussigné n'a pas les moyens de décider, ni l'autorisation d'accorder) il n'en est pas moins vrai, que la violence exercée par le Capitaine Owen, lors de la reprise de ce bâtiment, est coupable comme contraire aux droits des Nations et à la bonne amitié qui subsiste entre les Couronnes de Portugal et de la Grande-Bretagne, et doit être même regardée comme un acte hostile commis par cet Officier contre les intentions indubitables de son Gouvernement. Il est évident que le Capitaine Owen s'il jugeait les droits d'un sujet de S. M. B. lésés, pouvait et devait en réclamer la réparation, en réclamant et protestant en faveur de ces droits; mais il est également clair, que pour réparer la violation qui, dans sa manière de voir, avait été commise, il ne devait jamais avoir recours à la force et à la violence dans un port appartenant à S. M. T. F. En agissant ainsi le Capitaine Owen a substitué son propre jugement à celui qu'un tribunal, qu'il réputait incompétent, allait prononcer, tandis que la seule marche légale qu'il y avait à suivre dans le cas où les représentations qu'il aurait faites seraient demeurées sans effet, était de porter l'affaire à la connaissance du Gouvernement britannique, qui certes aurait réclamé et obtenu promptement de S. M. T. F. les réparations et les indemnités auxquelles il aurait eu droit.

Le soussigné prie S. E. de ne pas perdre de vue que le Capitaine Owen ne s'est pas borné, comme S. E. paraît l'indiquer dans sa Note, à tenir un langage un peu rude motivé par les reproches qu'il croyait avoir à faire aux autorités portugaises; mais qu'il a positivement commis un acte hostile en tirant le canon contre la forteresse de Lourenço Marques, où un soldat a été tué, et en menaçant de détruire ladite forteresse si le bâtiment qu'on y retenait ne lui était pas remis. Si ce fait est positif, comme le soussigné n'en doute pas, vu les rapports officiels qu'il a sous les yeux, il laisse à S. E. à juger si le Gouvernement portugais peut avec honneur ne pas porter plainte contre la conduite d'un Officier qui a commis un semblable attentat. La question n'est donc pas de savoir si la prise du bâtiment *Éléonor* était légale ou non, ou si le Tribunal qui allait la juger était compétent, mais si le Capitaine Owen pouvait en aucun cas aller jusqu'à employer la force pour reprendre ce bâtiment dans un port portugais. Monsieur le Comte de Dudley est bien loin sans doute de sanctionner une semblable doctrine, d'après laquelle la force suffirait pour qu'un bâtiment de guerre quelconque exerçât son autorité dans les ports des autres Nations.

En se livrant à cette longue et pénible analyse, le soussigné remplit un devoir dont il croit ne pouvoir se dispenser. Son principal but est de ne pas donner lieu, en gardant le silence, à inférer qu'il admet les arguments sur lesquels S. E. fonde la défense du Capitaine Owen. Du reste le temps qui s'est écoulé et les événements survenus depuis le commencement de cette affaire dispensent le soussigné d'insister sur les réparations, que d'ailleurs son Gouvernement serait autorisé à espérer de la loyauté et de la justice du Gouvernement britannique.

Le second point et le plus important sans doute, dont il s'agit dans la Note, à laquelle le soussigné à l'honneur de répondre, est celui des droits de la Couronne de Portugal sur le territoire dont le Capitaine Owen a jugé à propos de prendre une espèce de possession au nom de S. M. B. Monsieur le Comte de Dudley paraît croire que le soussigné n'allègue d'autres fondements pour prouver les droits de la Couronne de Portugal, que celui que les Portugais ont été les premiers à découvrir ce territoire. Cette raison suffit sans doute pour démontrer qu'aucune autre Nation n'en avait possession avant eux, mais elle ne suffirait pas pour établir leurs droits, si elle n'avait été suivie d'une possession maintenue sans dispute pendant plusieurs siècles, et fortifiée par la reconnaissance des peuplades qui habitent ce pays, formellement consignée dans des conventions et des documents aussi valides sans doute, que la convention que le Capitaine Owen a induit le chef de Mapouto à conclure avec lui, et qui ont sur cette dernière l'avantage incontestable de la priorité de date.

Si les Portugais ne possèdent pas actuellement des factoreries dans le territoire même de Mapouto,

il n'en est pas moins incontestable que les autorités établies au fort de Lourenço Marques étendent la sphère de leur juridiction sur tous les territoires baignés par cette baie et exercent une suzeraineté reconnue par tous les habitants moyennant des Traités qui leur imposent une espèce de prestation d'hommage; cela est si vrai que même, après le départ du Capitaine Owen, le chef ou, comme on le nomme, roi de Mapouto, a signé le 8 octobre 1823 une protestation déclarant qu'il ne reconnaissait que les Portugais pour seigneurs de ses terres, et qu'il n'avait entendu ni pu en faire donation à S. M. B., puisqu'elles appartenaient au roi de Portugal.

Le soussigné a en son pouvoir non-seulement ladite protestation, mais aussi les copies des traités antérieurs, et il est persuadé que, quelque valeur qu'on veuille attacher à de semblables actes, il suffisent en tout cas pour invalider celui que le Capitaine Owen a signé, et par lequel il prend sous la protection de S. M. B. les territoires que la Couronne de Portugal a jusqu'à présent possédés.

Les traités dont il s'agit ne sont pas (comme M. le Comte de Dudley paraît l'indiquer dans une partie de sa Note, dans laquelle il maintient que ces Nations quoique à demi sauvages sont néanmoins indépendantes) ces traités ne sont pas de la nature de ceux que des Gouvernements libres contractent entre eux pour des objets de commerce, et qui laissent la liberté d'en conclure d'autres semblables avec d'autres Nations; ce sont au contraire de véritables traités de vasselage d'une part, et de protection de l'autre, de manière que l'une des deux parties renonce évidemment aux droits d'aller chercher une autre protection. S. E. Lord Dudley ne saurait nier que le traité que le Capitaine Owen a prétendu dernièrement est de cette nature, que le territoire de Mapouto y est pris sous la protection de S. M. B., et qu'en admettant, comme il est de fait, que des stipulations semblables à celle-là existassent depuis longtemps entre les chefs de ce territoire et le Gouvernement portugais, il n'est pas possible de supposer que le Gouvernement britannique veuille empiéter sur les droits de priorité d'une puissance son intime alliée.

Ainsi il devient inutile d'examiner si ces peuplades sont ou non assez avancées en civilisation pour comprendre la valeur de semblables actes, car si on les suppose trop ignorantes pour pouvoir disposer d'elles-mêmes, alors le traité que le Capitaine Owen a conclu serait aussi nul et insuffisant que les traités antérieurs, et le Portugal aurait toujours à alléguer la possession non contestée de ces territoires, et les actes de souveraineté exercés au nom de la Couronne de Portugal par les Gouverneurs des forteresses qu'elle possède sur cette côte. Et dans le cas où on voudrait regarder les chefs de ces peuplades comme compétents pour prendre des engagements solennels, alors on ne peut nier que les traités antérieurs, et la protestation postérieure à celui du Capitaine Owen n'établissent d'une manière triomphante la réclamation de la Couronne de Portugal.

Le Marquis de Palmella, dans sa première Note, a eu l'honneur de porter à la connaissance de M. le Comte de Dudley un article de la convention signée entre le Portugal et la Grande-Bretagne le 28 Juillet 1817, dans lequel il est expressément reconnu que les territoires appartenant à la Couronne du Portugal sur la côte orientale d'Afrique, s'étendent depuis le cap Delgado jusqu'à la baie de Lourenço Marques. Le soussigné espérait que ce témoignage patent d'un droit reconnu par un traité formel suffirait pour décider la question, et il avoue qu'il ne pouvait s'attendre à l'interprétation que M. le Comte de Dudley veut y donner en alléguant qu'on doit entendre que ces possessions s'étendent entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques, mais ne les comprennent pas inclusivement. Le soussigné prendra la liberté d'observer que, quant au cap Delgado, il ne peut y avoir de question, puisque c'est un point déterminé où commencent les possessions portugaises. Quant à la baie de Lourenço Marques, où il est dit que ces possessions se terminent au sud, il faut supposer que l'on sous-entend le mot *exclusivement* ou *inclusivement,* car sans cela on aurait dit d'une manière expresse quel est le point compris dans la baie de Lourenço Marques où les possessions portugaises se terminent. Or, on n'a pu sous-entendre le mot *exclusivement,* puisqu'il est indubitable que la Couronne de Portugal possède des forts et des établissements dans l'enceinte de cette baie. Il s'ensuit donc par une conséquence indéniable qu'il faut supposer le mot *inclusivement;* et le soussigné se persuade, à dire vrai, qu'aucun juge impartial auquel on donnerait à interpréter le sens de l'article, dont il s'agit, n'hésiterait à décider que la baie de Lourenço Marques tout entière, puisqu'on n'a pas spécifié d'autres limites, doit être regardée comme comprise dans les territoires reconnus pour appartenir à la Couronne de Portugal.

Le soussigné croit inutile de s'appesantir davantage sur cette discussion. Il espère que S. E. Lord Dudley voudra bien excuser la longueur excessive de cette Note et prendre en considération le devoir qui, dans les circonstances actuelles, est plus que jamais imposé au soussigné de maintenir et de défendre les droits de S. M. T. F., et de ne pas donner lieu même par son silence à ce qu'on puisse les croire lésés. L'objet dont il s'agit quoiqu'il ne paraisse pas être dans le moment actuel d'une importance immédiate, peut cependant le devenir et mérite en tout cas d'être traité comme une question grave et dans laquelle il s'agit, d'une part, de soutenir des droits que l'on croit incontestables, et de l'autre, d'agir comme les deux Gouvernements ne peuvent que le vouloir, d'une manière conforme à la justice et aux relations amicales qui subsistent heureusement entre eux.

Le soussigné ajoutera seulement qu'il se flatte que M. le Comte de Dudley ne saurait jamais douter du respect et des égards qui sont dus à son opinion, et que S. E. ne verra dans celle que le soussigné a énoncée que l'accomplissement d'un devoir qui n'affecte en rien ses sentiments.

Il a l'honneur de réitérer à S. E. toutes les assurances de sa très haute considération.—A S. E. Lord Dudley.=*Le Marquis de Palmella*[1].

[1] *Despachos e correspondencias do Duque de Palmella, colligidos e publicados por J. J. dos Reis e Vasconcellos.* Lisboa, 1854, tom. 2e p. 379, et tom. 3e p. 123, 141, 154, 370, 407 et 515.

N.º 58

Extracto do officio do commissario portuguez no cabo da Boa Esperança, Luiz Carlos Rebello — 22 de junho de 1855

Nada tenho podido colher que possa vigorar ou dissipar as apprehensões que manifestei no meu officio n.º 3, que tive a honra de dirigir a v. ex.ª em data de 20 de março ultimo ácerca do motivo da projectada visita de sir George Grey a Lourenço Marques; mas o que parece certo é que s. ex.ª não desistiu do seu proposito, depois de haver inspeccionado as fronteiras d'esta colonia, para cujo fim se embarcará para o porto de Natal.

No entretanto julguei dever, desde logo, prevenir o governador d'aquella nossa possessão da intentada visita do governador geral d'esta colonia, communicando-lhe confidencialmente o paragrapho do meu precitado officio a v. ex.ª ácerca das apprehensões que a dita visita me inspira, etc.

.....

O que me preoccupa é a ambição que constantemente se manifestou aqui, de possuir parte d'aquella nossa bahia, e a visita de sir George Grey a um paiz que está longe de ser sadio, não é de natureza a dissipar as minhas apprehensões.

Em todos os casos o governador de Lourenço Marques está prevenido, e não deixará sem duvida de dar parte a s. ex.ª o sr. ministro da marinha e ultramar se sir George Grey ali apparecer e dos passos que d'elle observar.

O advogado C. I. Brand, *speaker* da assembléa legislativa, tenciona transportar-se á republica dos Transvaal Boers, por convite dos mesmos, segundo me affirmam, para elaborar a sua constituição politica, e não duvido que sir George Grey incumba o dito sr. Brand (que é descendente dos hollandezes) de induzir os mesmos Boers a entrarem na confederação que s. ex.ª tem em vista, e de que fiz menção no meu referido officio n.º 3.

(Traduction.)

Extrait de la dépêche du commissaire portugais du cap de Bonne-Espérance, Louis Charles Rebello — 22 juin 1855

Je n'ai rien pu apprendre qui confirmât ou fît évanouir les appréhensions que j'ai manifestées dans ma dépêche nº 3, que j'ai eu l'honneur d'adresser à Votre Excellence le 20 mars dernier, à l'égard des projets de visite de sir Jorge Grey à Lourenço Marques, mais ce dont je crois être bien sûr, c'est qu'il n'a pas abandonné cette idée, et qu'il l'exécutera aussitôt qu'il aura l'inspection des frontières de cette colonie, inspection à cause de laquelle il va entreprendre le voyage de Port-Natal.

En attendant, j'ai cru devoir prévenir immédiatement le gouverneur de ladite possession portugaise de ce projet de visite du gouverneur général de cette colonie, et lui communiquer confidentiellement l'extrait de ma dépêche adressée à Votre Excellence et ci-dessus indiquée à l'égard des appréhensions que cette visite m'inspirait.

.....

Ce qui me préoccupe, c'est l'ambition constamment manifestée ici de posséder une partie de notre baie; et la visite de sir George Grey dans un pays qui est loin d'être salubre, n'est pas de nature à dissiper mes craintes.

En tout cas le gouverneur de Lourenço Marques est prévenu, et sans doute il ne manquera pas de faire part à son excellence le ministre de la marine et des colonies de l'arrivée de sir George Grey et de toutes ses démarches.

L'avocat C. I. Brand, *speaker* de l'assemblée législative est décidé sur l'invitation des Boers, à visiter la république du Transvaal pour rédiger, (on me l'assure) leur constitution politique, et je ne doute pas que sir George Grey charge ce mr. Brand (qui est descendant des Hollandais) d'induire les Boers à entrer dans la confédération qu'il a en vue, et dont j'ai fait mention dans ma dépêche nº 3.

N.º 59

Officio do contra-almirante Keppel ao governador geral de Moçambique, enviando copia do que dirigiu ao governador de Lourenço Marques sobre a parte sul da bahia, 28 de julho 1860

Her Britannic Majesty's Ship, *Brisk*, English River, Delagoa Bay, July 28, 1860. — Sir, I have the honor to inform Your Excellency, that on arriving at this port yesterday, I was informed by His Excellency the Governor of the Portuguese District of Lorenzo Marques, that the 26º (if not the 27º) of south latitude was considered as the boundary of the territories of Portugal on the East Coast of Africa, and that His Excellency had moreover received instructions to elect a port on Inyach Island. I therefore felt

(Traduction.)

Dépêche du contre-amiral Keppel au gouverneur général de Mozambique, lui envoyant copie de celle qu'il avait adressée au gouverneur de Lourenço Marques, au sujet de la partie méridionale de la baie — 28 juillet 1860.

A bord du *Brisk*, vaisseau de Sa Majesté Britannique, sur l'English River, à Delagoa Bay, ce 28 juillet 1860. — J'ai l'honneur d'informer Votre Excellence qu'hier, à mon arrivée dans ce port, j'ai appris par Son Excellence le gouverneur du district portugais de Lourenço Marques, que le 26e degré (si ce n'est le 27e) de latitude sud est considéré comme la frontière des territoires du Portugal sur la côte orientale d'Afrique, et qu'en outre, Son Excellence avait reçu des instructions pour choisir un

it my duty to write His Excellency a letter, copy of which I have the honor to enclose.

As I am going to the northward, I shall do myself the honor of calling at Mozambique, and personnally waiting on Your Excellency. I have the honor to be, Sir, Your Excellency, most obedient servant.=*Henry Keppel,* Rear admiral and Commander in Chief of Her Majesty's Ships on the Cape of Good Hope and Coast of Africa Station [1].

port dans l'île d'Inyach. C'est pourquoi, j'ai cru qu'il était de mon devoir d'écrire à Son Excellence une lettre, dont j'ai l'honneur d'envoyer ci-joint la copie.

Comme je me dirige vers le nord, j'irai à Mozambique et j'aurai l'honneur d'aller trouver personnellement Votre Excellence. J'ai l'honneur d'être, de Votre Excellence, le très obéissant serviteur=*Henri Keppel,* contre-amiral, commandant en chef des vaisseaux de Sa Majesté au cap de Bonne-Espérance et à la station de la côte d'Afrique. [1]

N.° 60

Officio de Keppel, contra-almirante e commandante do Brisk, ao governador de Lourenço Marques sobre os limites das possessões portuguezas—28 julho 1860

Henry Keppel, Rear admiral and commander in chief—H. B. M. Ship Brisk in Delagoa Bay. 28th july 1860.—Sir: In consequence of Your Excellency's communication that the line of the 26.th degree (if not the 27.th) of south latitude is considered as the boundary of the territory belonging to the crown of Portugal, I have the honor to inform you that Her Britannic Majesty's Government, not being aware of any treaty upon this subject subsequent to that of january 22.nd 1815, they consider the Bay of Lorenzo Marques, Dundas or English, as the boundary between British and Portuguese possession, and that the southern portion of Delagoa Bay and territory to the southward of the aforenamed river having been ceded to the crown of Great Britain and Ireland in 1823, Her Majesty's Government maintain their right to claim or retain the same; I have therefore the honor respectfully to protest, in the name of Her Britannic Majesty's Government, against any occupation of the said territory, as well as against, interference with any vessel trading to the southward or right bank of the River Lorenzo Marques, Dundas or English, I have the honor to be, Sir Your Excellency's most obedient servant=(Signed) *Henry Keppel,* Rear admiral and commander in chief of H. B. M. Ships and vessel on the Cape of Good Hope and Coast of Africa station.

(Traduction.)

Lettre de Keppel, contre-amiral et commandant du Brisk, sur les limites des possessions portugaises à la baie de Lourenço Marques, adressée au gouverneur de cette baie—28 juillet 1860

En raison de la communication que Votre Excellence m'a faite que la ligne du 26e degré (si ce n'est celle du 27e) de latitude sud est considérée comme la frontière du territoire appartenant à la couronne de Portugal, j'ai l'honneur de vous informer que le gouvernement de Sa Majesté Britannique n'ayant connaissance d'aucun traité sur ce sujet, postérieur à celui du 22 janvier 1815, considère la baie de Lourenço Marques, Dundas, ou English, comme étant la frontière entre la possession britannique et la possession portugaise, et que la partie méridionale de Delagoa Bay et le territoire au sud de la rivière sus-nommée ayant été cédés en 1823 à la couronne de la Grande-Bretagne et de l'Irlande, le gouvernement de Sa Majesté maintient son droit à réclamer et à conserver ce territoire. J'ai donc l'honneur de protester respectueusement, au nom du gouvernement de Sa Majesté Britannique, contre toute occupation dudit territoire, aussi bien que contre toute juridiction sur les navires faisant le commerce du côté de la rive sud ou droite du fleuve de Lourenço Marques, Dundas, ou English. J'ai l'honneur d'être, de Votre Excellence, le très-obéissant serviteur.=*Henri Keppel,* contre-amiral, commandant en chef des vaisseaux de Sa Majesté Britannique au cap de Bonne-Espérance, et de la station de la côte d'Afrique [1].

N.° 61

Resposta do governador de Moçambique ao contra-almirante Keppel 7 de agosto de 1860

Governo geral da provincia de Moçambique—N.° 26.—Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho a honra de accusar a recepção do officio de v. ex.a de 28 de julho proximo passado, que me foi entregue hoje por um official do vapor de Sua Magestade Britanica *Brisk,* e com elle

(Traduction.)

Réponse du gouverneur général du Mozambique, au contre-amiral Keppel—7 août 1860

Gouvernement général de la province de Mozambique.—N.° 26.—Excellence.—J'ai l'honneur de vous accuser réception de votre dépêche du 28 juillet dernier, qui m'a été remise aujourd'hui par un officier du *Brisk,* vapeur de Sa Majesté Britannique, ainsi que la copie d'une

1 Archivo do ministerio da marinha.

1 Archives du ministère de la marine.

a copia do outro officio dirigido por v. ex.ª ao governador do districto de Lourenço Marques ácerca dos limites meridionaes das possessões pertencentes á corôa de Sua Magestade Fidelissima. É do meu dever como governador geral de Moçambique declarar a v. ex.ª que os direitos de Sua Magestade Fidelissima ao territorio da bahia de Lourenço Marques, nunca até hoje, que me conste, foram contestados: pelo contrario o governo de Sua Magestade Britanica reconheceu o direito da corôa de Portugal ao territorio da bahia de Lourenço Marques no artigo 2.º da convenção addicional ao tratado de 22 de janeiro de 1815 entre Portugal e a Gran-Bretanha, assignada em 28 de julho de 1817. N'esse artigo se declara como territorio portuguez todo o comprehendido entre o cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques. N'esta conformidade o governo de El-Rei de Portugal tem sempre considerado ambas as margens da dita bahia, como reconhecidamente suas e comprehendidas nos dominios portuguezes da costa oriental da Africa; posto que não exista uma linha de demarcação de limites entre estes dominios, e os de Sua Magestade Britanica, comtudo nunca sobre o litoral da bahia de Lourenço Marques se suscitou contestação.

Por estas rasões, e tomando conhecimento do protesto por v. ex.ª dirigido ao governador de Lourenço Marques, não posso deixar de mui respeitosamente manifestar a v. ex.ª, que não estou auctorisado a reconhecer o direito de cessão que v. ex.ª invoca sobre uma parte do territorio da bahia de Lourenço Marques. Para o estabelecimento de determinados limites deveria ter havido um accordo entre os dois governos, o qual accordo não me consta que exista. Parece-me portanto que esta questão deve ser previamente tratada pelos nossos respectivos governos, e que os direitos até hoje incontestados da corôa de Sua Magestade Fidelissima ao litoral da bahia de Lourenço Marques devem ser mantidos taes quaes têem subsistido até hoje, em toda a sua plenitude. Como governador da provincia de Moçambique, cumpre-me guardar pelos meios ao meu alcance esses direitos, protestando igualmente desde já por minha parte, e em nome do meu governo, contra qualquer violação de territorio ou restricção qualquer dos direitos de soberania n'esta parte dos dominios de Sua Magestade Fidelissima, garantidos especialmente pelos tratados que unem hoje, e têem ligado desde longo tempo a Gran-Bretanha e Portugal.

No entretanto pela primeira opportunidade darei conhecimento ao meu governo da correspondencia de v. ex.ª a este respeito, a fim de que elle proceda como melhor convenha. Aproveito a occasião de apresentar a v. ex.ª as seguranças da minha alta consideração.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do governo geral da provincia de Moçambique, 7 de agosto de 1860.—Ill.mo e ex.mo sr. Henry Keppel, contra-almirante e commandante em chefe da

autre dépêche adressée par Votre Excellence au gouverneur du district de Lourenço Marques au sujet des limites méridionales des possessions appartenant à la couronne de Sa Majesté Très-Fidèle. Comme gouverneur général de Mozambique, je dois déclarer à Votre Excellence que les droits de Sa Majesté Très-Fidèle au territoire de la baie de Lourenço Marques, n'ont pas, que je sache, été contestés jusqu' à ce jour; bien au contraire, le gouvernement de Sa Majesté Britannique a reconnu le droit de la couronne de Portugal au territoire de la baie de Lourenço Marques par l'article 2 de la convention additionnelle au traité du 22 janvier 1815 entre le Portugal et la Grande-Bretagne, signée le 28 juillet 1817. Par cet article est déclaré portugais tout territoire compris entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques. Conformément à cela, le gouvernement du roi de Portugal a toujours considéré les deux rives de la baie comme lui appartenant notoirement, et comme comprises dans les domaines portugais de la côte orientale d'Afrique. Quoiqu'il n'existe pas une ligne de démarcation de frontières entre ces domaines, il n'est jamais survenu aucune contestation à l'égard du littoral de la baie de Lourenço Marques.

Pour ces motifs, et prenant connaissance du protêt adressé par Votre Excellence au gouverneur de Lourenço Marques, je ne puis m'empêcher de manifester très-respectueusement à Votre Excellence que je ne suis pas autorisé à reconnaître le droit de cession que Votre Excellence invoque sur une partie du territoire de la baie de Lourenço Marques. Il aurait dû y avoir un accord entre les deux gouvernements pour l'établissement de limites déterminées, mais il n'est pas à ma connaissance que cet accord ait eu lieu. Il me semble, par conséquent, que cette question doit être préalablement traitée par nos gouvernements respectifs, et que les droits incontestés jusqu'à présent de la couronne de Sa Majesté Très-Fidèle au littoral de la baie de Lourenço Marques, doivent être maintenus, tels qu'ils ont subsisté jusqu'à ce jour, c'est-à-dire dans toute leur plénitude. Comme gouverneur de la province de Mozambique, il m'appartient de sauvegarder ces droits par tous les moyens à ma disposition, et de protester dès à présent et au nom de mon gouvernement contre toute violation de territoire ou toute restriction des droits de souveraineté de Sa Majesté Très-Fidèle sur cette partie de ces domaines, droits spécialement garantis par les traités qui unissent aujourd'hui et qui ont uni depuis longtemps la Grande-Bretagne et le Portugal.

En attendant, je porterai, par la première occasion, à la connaissance de mon gouvernement la correspondance de Votre Excellence sur cet objet, afin qu'il agisse comme il lui paraîtra le plus convenable. Je profite de cette occasion pour présenter à Votre Excellence les assurances de ma haute considération.

Dieu garde Votre Excellence. Palais du gouvernement général de la province de Mozambique, ce 7 août 1860.—Son Excellence, Henri Keppel, contre-amiral, commandant en chef

estação naval de Sua Magestade Britannica no cabo da Boa Esperança e costa da Africa.= *João Tavares de Almeida,* governador geral.

de la station navale de Sa Majesté Britannique au cap de Bonne-Espérance et sur la côte d'Afrique.=*João Tavares de Almeida,* gouverneur général.

N.º 62

(Traduction.)

Officio do commissario portuguez no Cabo da Boa Esperança ao ministro dos negocios estrangeiros sobre o boato de occupação da bahia pelos inglezes—12 de novembro de 1861

Commissão mixta da cidade do Cabo.—Ill.mo e ex.mo sr.—Chegou a este porto um navio, vindo da Mauricia com as noticias de a Rainha de Madagascar ter morrido, tendo occupado o throno dos Hovas, desde a morte de Radama em 1828. Durante o seu longo reinado foram sempre os europeus repellidos de seus estados, mandando pôr á morte todos os seus subditos que seguiam a religião de Christo: o commercio externo era só permittido em dois portos, sem comtudo jamais permittir qualquer intercurso com o interior das terras.

Sem duvida a morte d'esta despotica Rainha trará uma politica mais liberal, relativamente aos europeus.

Logoque em Bourbon se soube d'este acontecimento partiu para Madagascar mr. de Routannay, negociante mui abastado de Bourbon, e que pelo seu extenso commercio adquiriu grande influencia n'aquella ilha.

A pedido de Rakouta, filho da dita Rainha, e agora seu successor ao throno, partiu elle a bordo do vapor *Mascareignes,* acompanhado pelo padre João, chefe da missão catholica.

Devo aqui observar a v. ex.ª que mr. de Routannay é consul de Portugal em Bourbon, e póde vir a ser um dia da maior utilidade aos interesses commerciaes de Portugal, pela sua grande influencia com o novo Rei d'aquella ilha, pois não posso um só instante duvidar que a influencia franceza dominará a politica do governo d'aquelle estado.

. . . . . .

. . . . . .

Apenas se souberam aqui estas noticias, mandou logo o almirante Baldwin Walker, a corveta de guerra ingleza *Brisk* para Madagascar, para vigiar aquelles successos e proteger os interesses de Inglaterra contra a grande influencia da França n'aquella ilha.

Por varias vezes, em meus officios ao governo de Sua Magestade, tive eu a honra de dizer, que a Inglaterra via com o maior ciume a grande influencia da França n'aquella ilha, e teme sobremaneira, que ella venha a apoderar-se d'aquella ilha tão rica, tão importante pela sua posição, e que lhe fica em caminho para a India; a politica do governo inglez n'estes mares se define nas seguintes palavras de lord Castlereagh: «*Toute position sur la route de l'Inde doit nous appartenir, et nous appartiendra*». Este soberbo axioma domina toda a politica oriental da Gran-Bretanha; Gibraltar, Malta, Corfu, no Mediterraneo; Perin, Aden, Mauricia n'estes mares tem reali-

Dépêche du commissaire portugais du cap de Bonne-Espérance au ministre des affaires étrangères à l'égard du bruit de l'occupation de la baie par les Anglais—12 novembre 1861

Commission mixte de la ville du Cap.—Excellence.—Un navire est arrivé dans ce port venant de l'île Maurice et apportant la nouvelle de la mort de la reine de Madagascar, qui a occupé le trône des Hovas depuis la mort de Radama, en 1828. Pendant ce long règne, les Européens ont toujours été bannis de ses États, et elle a fait mettre à mort tous ceux de ses sujets qui suivaient la religion du Christ: le commerce extérieur n'était permis que dans deux des ports de ce royaume et toute communication avec l'intérieur des terres était absolument défendue. La mort de cette reine despotique amènera sans doute une politique plus libérale envers les Européens.

Dès que cet évènement a été connu, mr. de Routannay, négociant très-riche de Bourbon et qui a acquis une grande influence à Madagascar, grâce à l'étendue de son commerce, est parti pour cette île.

A la requête de Rakouta, fils de la reine et son successeur au trône, il est parti à bord du vapeur *Mascareignes* accompagné du père Jean, chef de la mission catholique.

Je dois faire observer à Votre Excellence que mr. de Routannay est consul de Portugal à Bourbon, et qu'il peut devenir un jour très-utile aux intérêts commerciaux du Portugal à cause de sa grande influence sur le nouveau roi de cette île, car je ne puis douter un seul instant que l'influence française ne domine un jour la politique du gouvernement de ce pays.

. . . . . .

. . . . . .

Aussitôt qu'il eut connaissance de ces nouvelles, l'amiral Baldwin Walker envoya immédiatement la corvette de guerre *Brisk* à Madagascar, pour observer les évènements et sauvegarder les intérêts de l'Angleterre contre l'influence de la France dans cette île.

J'ai déjà eu l'honneur de communiquer à plusieurs reprises, dans mes dépêches au gouvernement de Sa Majesté, que l'Angleterre ressentait une violente jalousie de la grande influence que la France a dans cette île; elle craint surtout que cette nation vienne à s'emparer d'une contrée si riche, si importante à cause de sa position, et qui se trouve sur la route des Indes. La politique du gouvernement anglais dans ces mers se résume dans ces paroles de lord Castlereagh: «*Toute position sur la route de l'Inde doit nous appartenir, et nous appartiendra*». Cet axiome orgueilleux domine toute la politique orientale de la Grande-Bretagne; Gibraltar, Malte, Cor-

sado em parte este plano de uma dominação zelosa: porém quererá a Inglaterra contender com a França para a dominação d'aquella ilha? É o que por emquanto se não póde dizer, só sim, que estes acontecimentos são considerados como muito graves, e da maior importancia, tanto assim, que, não obstante ter partido para Madagascar a corveta *Brisk*, partiu igualmente a fragata *Narcissus*, e lá se devem reunir, parece, outros navios de guerra inglezes, que se acham no cruzeiro de Moçambique; como eu tivesse occasião de navio para esta provincia tomei a liberdade de dar parte d'estes acontecimentos ao sr. governador Tavares de Almeida, assim como da noticia que aqui corre, e que não posso por um só instante acreditar, *que a fragata Narcissus partiu d'aqui para se apoderar, e arvorar a bandeira ingleza na nossa bahia de Lourenço Marques.*

Remetto a v. ex.ª aqui junto parte de um jornal que publicou este facto, e vigiarei, como me cumpre, este importante negocio, e do que occorrer darei parte a v. ex.ª

Não posso deixar de, por ultimo, tomar a liberdade de chamar a attenção de v. ex.ª ao meu officio n.º 16, d'este anno, pois occorre-me, que esta extraordinaria noticia da fragata ingleza *Narcissus* ir plantar a sua bandeira em Lourenço Marques, deve ser, ou para encobrir a sua viagem á ilha de Madagascar, ou realmente para tomar posse da parte sul d'aquella nossa bahia, cedida á Gran-Bretanha, pelo regulo Mayet Kappel, como disse n'aquelle meu officio, ou talvez sómente da ilha de *Inyack* que fica na bôca d'aquella bahia. Acaso quererá a Gran-Bretanha fazer d'aquella ilha um pequeno Gibraltar, a fim de defender a passagem para a India em caso que a França se apodere de Madagascar? esta ultima potencia já possue, se me não engano, ao sul d'esta ilha o porto de Santa Maria, que fica quasi fronteira á bahia de Lourenço Marques.

.....

.....

Deus guarde a v. ex.ª Cidade do Cabo, em 12 de novembro de 1861. — Ill.mo e ex.mo sr. Antonio José d'Avila, ministro dos negocios estrangeiros. = *Alfredo Duprat*[1].

fou dans la Méditerranée; Perin, Aden, Maurice dans ces mers, ont réalisé en partie ce plan de domination jalouse; mais l'Angleterre voudra-t-elle entrer en contestation avec la France au sujet de la domination de cette île? On ne peut le dire pour le moment, mais on peut assurer que ces événements sont considérés comme étant de la plus grande importance, à ce point que malgré le départ de la corvette *Brisk* pour Madagascar, la frégate *Narcissus* est partie également et il paraît que d'autres navires de guerre anglais, qui font la croisière de Mozambique, doivent s'y réunir. Comme j'ai pu profiter d'un navire faisant voile vers cette province, j'ai pris la liberté de faire part à Mr. le gouverneur Tavares d'Almeida de ces événements, ainsi que du bruit qui court ici, et auquel je ne puis ajouter foi — *que la frégate Narcissus est partie d'ici pour s'emparer de notre baie de Lourenço Marques et pour y arborer le pavillon anglais.*

J'envoie à Votre Excellence, sous ce pli, un fragment du journal qui publie ce fait. Je surveillerai cette affaire importante, comme il est de mon devoir, et je tiendrai Votre Excellence au courant de ce qui aura lieu.

Enfin, je ne puis m'empêcher de prendre la liberté d'appeler l'attention de Votre Excellence sur ma dépêche nº 16 de cette année; car j'imagine que cette nouvelle extraordinaire du départ de la frégate anglaise *Narcissus* pour aller planter son pavillon à Lourenço Marques doit avoir pour but de cacher, soit son voyage à l'île de Madagascar, soit réellement la prise de possession de la partie sud de cette baie, qui est à nous et qui a été cédée à la Grande-Bretagne, par le régule Maietta Capella, ainsi que je l'ai dit dans cette dépêche, soit enfin seulement la prise de possession de l'île de *Inyack*, qui est à l'entrée de la baie. La Grande-Bretagne voudra-t-elle faire de cette île un petit Gibraltar, afin de défendre le passage de l'Inde dans le cas où la France s'emparerait de Madagascar? Si je ne me trompe, cette dernière puissance possède déjà, au sud de cette île, le port de Sainte-Marie, qui est presque vis-à-vis de la baie de Lourenço Marques.

.....

.....

Dieu garde Votre Excellence. Ville du Cap, ce 12 novembre 1861. — A Son Excellence le conseiller Antonio José d'Avila, ministre et secrétaire d'État des affaires étrangères. = *Alfred Duprat*[1].

N.º 63

Protesto do commissario portuguez no Cabo, apresentado ao governador inglez contra a annexação da Unhaca á colonia de Natal
5 de dezembro de 1861

Mixed Commission Chambers, 5.th December 1861. — Sir. — Having read in the Government Gazette the following notice:

«25.th November 1861. — His Excellency the

[1] Archivo do ministerio da marinha.

(Traduction.)

Protestation adressée par le commissaire portugais au gouverneur de cette colonie, contre l'annexion de l'Unhaca à la colonie de Natal
le 5 décembre 1861

Chambre des séances de la commission mixte, ce 5 décembre 1861. — Monsieur. — J'ai lu dans la *Gazette du gouvernement* la nouvelle suivante:

«Ce 25 novembre 1861. — Son Excellence le

[1] Archives du ministère de la marine.

Lieut. Governor administering the Government directs to be notified that on the 5.th inst. the British flag was hoisted on Inyack Island in Delagoa Bay, and the said Island, with the adjacent one known as Elephant Island, were declared to be possessions of Her Majesty, and annexed to the Colony of Natal».

I feel it my duty to state, that the above mentioned Islands form part of the dominions of Portugal, and that the rights thereto have been acknowledged by the British Government and confirmed by the Treaty of 22.nd January 1817, where it is stated: that,

The territories possessed by the Crown of Portugal upon the coast of Africa, to the south of the Equator, that is to say, upon the eastern coast of Africa, the territory laying between Cape Delgado and the Bay of Lourenço Marques, and upon the western coast all that which is situated from the 8.th to the 18.th degree of south latitude.

I beg therefore that Your Excellency do me the favor to forward by next mail to your Government a copy of this my Declaration, in the name of my Government, and I feel confident, that the British Government in their righteousness will order the said Islands to be restored to the undoubted possession of His Most Faithful Majesty the King of Portugal, my august Sovereign.

I have the honor to be, with the highest consideration, Your Excellency's most obedient servant. = *Alfredo Duprat,* Commissioner for Portugal.

lieutenant gouverneur chargé de ce gouvernement, fait savoir que, le 5 courant, le pavillon britannique a été arboré sur l'île Inyack à Delagoa Bay, et que cette île ainsi que l'île adjacente connue sous le nom d'île des Éléphants ont été déclarées possessions de Sa Majesté et annexées à la colonie de Natal.»

Il est de mon devoir de déclarer que les îles sus-mentionnées font partie des domaines du Portugal dont les droits ont été reconnus par le gouvernement britannique et confirmés par le traité du 22 janvier 1817, où il est établi:

Que les territoires possédés par la couronne de Portugal sur la côte d'Afrique au sud de l'Équateur, sont, sur la côte orientale d'Afrique, le territoire situé entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques, et sur la côte occidentale, tout celui qui est situé entre le 8e et 18e degrés de latitude sud.

Je prie donc Votre Excellence de vouloir bien envoyer par le prochain courrier à son gouvernement une copie de cette déclaration au nom de la couronne portugaise, et j'ai toute confiance que le gouvernement britannique, dans sa droiture, ordonnera que ces îles soient remises en la possession de Sa Majesté le roi de Portugal, mon auguste souverain.

J'ai l'honneur d'être, avec la plus haute considération, de Votre Excellence, le très-obéissant serviteur. = *Alfred Duprat*, commissaire du Portugal.

N.° 64

Resposta do governador ao commissario portuguez
10 de dezembro de 1861

Government House Cape Town, 10.th December 1861. — Sir. — I have the honor to acknowledge the receipt of your letter dated the 5.th instant, referring to the annexation of the Inyak and Elephant Islands, in Delagoa Bay, to the Colony of Natal, as announced in a notice published by this Government on the 25.th ultimo, and stating that the islands in question form part of the dominions of Portugal by virtue of a Treaty with the British Government dated the 22.nd January 1815.

In accordance with your request, I shall by the next mail transmit to Her Majesty's Government a copy of your declaration.

I have the honor to be, sir, your obedient servant = *R. H. Tripeyood.*

(Traduction.)

Réponse du gouverneur à la dépêche précédente
10 décembre 1861

Palais du gouvernement, Ville du Cap, ce 10 décembre 1861. — Monsieur. — J'ai l'honneur de vous accuser réception de votre lettre datée du 5 courant, relative à l'annexion à la colonie du Natal, des îles d'Inyack et des Éléphants, dans la baie Delagoa, ainsi que cela a été annoncé dans une notice publiée par ce gouvernement le 25 du mois dernier, et déclarant que les îles en question font partie des domaines du Portugal en vertu d'un traité conclu avec le gouvernement britannique en date du 22 janvier 1815.

Accédant à votre demande je transmettrai au gouvernement de Sa Majesté, par le prochain courrier, une copie de votre déclaration.

J'ai l'honneur d'être, monsieur, votre obéissant serviteur. = *R. H. Tripeyood.*

N.º 65

(Traduction.)

Carta do mesmo commissario ao secretario inglez do almirantado, sobre a annexação da Unhaca — 10 de setembro de 1861

Mixed Commission, 10.th December 1861.— My dear Mr. Pritchard—Do you know, and if so, are you at liberty to inform me whether possessions of Inyack and Elephant islands, was taken with the consent of the Portuguese Government, as I am anxious to know the exact facts of the case, having always understood, that those islands belong to the crown of Portugal.

Very truly yours.=*Alfredo Duprat.*

Lettre du même commissaire au secrétaire de l'amiral sur l'annexion de l'Unhaca et réponse à cette lettre — 10 décembre 1861

Commission mixte, ce 10 décembre 1861.— Mon cher monsieur Pritchard,

Savez-vous, et, en cas affirmatif, vous est-il permis de m'informer si la prise de possession des îles de Inyack et de l'Éléphant a eu lieu avec le consentement du gouvernement portugais? Je tiens à être renseigné là-dessus avec exactitude, car j'ai toujours été dans la persuasion que ces îles appartiennent à la couronne de Portugal.

Je suis, etc.=*Alfred Duprat.*

Simon's Town, 10.th December 1861.—My dear Mr. Duprat.—The instructions to take possession of the islands to which you refer, came from England, and I therefore presume that the Portuguese Government have been communicated with upon the subject. The Governor General of Mozambique has been informed of the British flag being hoisted on them.= Very truly yours, *C. A. Pritchard.*

Simon's Town, 10 décembre 1861.—Mon cher monsieur Duprat.—Les instructions pour la prise de possession des îles dont vous parlez sont venues d'Angleterre; je présume donc que des communications à cet égard auront été faites au gouvernement portugais. Le gouverneur général de Mozambique a été informé de ce que le pavillon anglais avait été arboré sur ces îles.

Je suis, et.=*C. A. Pritchard.*

N.º 66

(Traduction.)

Officio do commissario portuguez no Cabo da Boa Esperança sobre a annexação das ilhas da Unhaca e dos Elephantes á colonia do Natal — 21 de dezembro de 1861

Ill.mo e ex.mo sr.—Na *Gazeta official* do governo appareceu uma notificação official em data de 25 de novembro d'este anno, que diz: «Sua ex.a o governador administrando o governo notifica que no dia 5 de novembro fôra arvorada a bandeira ingleza nas ilhas de Inyack e Elephante, tendo sido declaradas possessões de Sua Magestade Britannica e annexadas á colonia de Natal».

.....

.....

Duvidei alguns dias proceder n'este caso tão importante, por isso que julguei ser da competencia do sr. governador geral da provincia de Moçambique, e não minha, protestar contra a inaudita usurpação do territorio dos dominios de Portugal; comtudo, tendo em vista o despacho d'esse ministerio, n.º 10, de 16 de dezembro de 1859, que me auctorisa, na minha qualidade de commissario por parte de Portugal, a corresponder-me directa e officialmente com o governador d'esta colonia sobre assumptos de

Dépêche du commissaire portugais au cap de Bonne-Espérance sur l'annexion des îles de l'Unhaca et des Éléphants à la colonie du Natal — 21 décembre 1861

Excellence:—.....

.....

La notification officielle qui suit a paru dans le journal officiel du gouvernement, portant la date du 25 novembre de cette année: «Son Excellence le gouverneur chargé de l'administration de ce gouvernement, fait savoir que le drapeau anglais a été arboré le 5 novembre sur les îles de Inyack et de l'Éléphant, qui ont été déclarées possessions de Sa Majesté Britannique et annexées à la colonie du Natal».

.....

.....

J'ai hésité pendant quelques jours à agir dans cette importante circonstance, parce que j'ai cru qu'il était de la compétence de mr. le gouverneur général de la province de Mozambique, et non de la mienne, de protester contre l'usurpation inouïe du territoire des domaines du Portugal; cependant, ayant en vue la dépêche de ce ministère, nº 10, du 16 novembre 1859, qui m'autorise, en qualité de commissaire pour le Portugal, à correspondre directement et officiellement avec le gouverneur de cette colonie en

escravatura e outros quaesquer negocios urgentes que possam interessar o governo de Sua Magestade, resolvi, valendo-me da dita auctorisação e para não faltar aos meus deveres, e officiei ao governo d'esta colonia em 5 de dezembro d'este anno, cuja copia levo á presença de v. ex.ª, assim como a sua resposta.

Porém como encontrasse ha dias o governador, *s. ex.ª me disse que lhe parecia que o governo inglez tinha tomado posse d'aquellas ilhas com o consentimento do governo portuguez;* pedi logo a s. ex.ª se me era permittido ver aquelle despacho, e por ordem de s. ex.ª o secretario geral da colonia m'o mostrou confidencialmente, e n'elle não descobri que o governo de Sua Magestade tivesse dado o seu consentimento á posse d'aquellas ilhas, porém era meramente, se bem me lembro (pois não me foi permittido tirar d'elle copia), um despacho assignado pelo duque de Newcastle em 4 de outubro ultimo, dizendo: «Que visto os territorios ao sul da bahia de Lourenço Marques terem sido cedidos ao governo britannico em 1823 (que é justamente o tratado que por copia remetti a v. ex.ª sobre a letra F, em 16 de setembro passado), o governo britannico d'elles toma a posse formal e os annexa ao governo de Natal».

Julguei tambem que o almirante d'esta estação teria instrucções do seu governo para assim proceder sobre a dita possessão, e particularmente me dirigi logo a mr. Pritchard, secretario do almirante, pedindo-lhe esclarecimentos sobre este caso (remettendo eu, aqui junto, a minha carta e resposta), dizendo-me que as instrucções para tomar posse d'aquellas ilhas, tinham vindo de Inglaterra, e que elle presumia que o governo de Sua Magestade era sabedor d'este negocio, e que o governador geral de Moçambique d'isto tinha sido informado.

A fragata *Narcissus* não me trouxe nem uma só carta do governador d'aquelle districto, o que muito bem podia ter feito; nem dias depois fui mais afortunado pela chegada de outro navio de guerra *Penguin* que veiu de Lourenço Marques, e só soube que este navio tinha revistado n'aquella bahia uma barca portugueza, que ahi estava fundeada, e a não capturára por nada acharem n'ella contra o tratado.

E só me resta dizer a v. ex.ª que, agora que o governo inglez lançou por terra a mascara, levantando outr'ora altos alaridos contra a França pela annexação da Saboya e Nice, deslealmente..... usurpa agora territorios que pertencem ha seculos á sua mais antiga e fiel alliada, temo que continuem n'estas annexações, e que queiram possuir o Luabo para o transito do Zambeze, as ilhas de Bazaruto, e quem sabe talvez algumas ilhas do Ibo, sob o pretexto de vigiarem que se não faça trafico em escravos.

matière d'esclavage et à l'égard d'autres affaires urgentes, qui peuvent intéresser le gouvernement de Sa Majesté, muni de cette autorisation et pour ne pas manquer à mes devoirs, j'ai pris la résolution d'adresser au gouverneur de cette colonie, en date du 5 décembre de cette année, la dépêche dont j'envoie la copie à Votre Excellence, ainsi que la réponse qui m'a été faite.

Cependant, ayant rencontré le gouverneur il y a quelques jours, *son excellence m'a dit qu'il lui semblait que le gouvernement anglais avait pris possession de ces îles avec le consentement du gouvernement portugais;* j'ai demandé aussitôt à son excellence s'il m'était permis de voir cette dépêche, et sur son ordre, le secrétaire général de la colonie me l'a montrée confidentiellement. Je n'y ai pas vu que le gouvernement de Sa Majesté eût donné son consentement à la prise de possession de ces îles; mais, si je me le rappelle bien (car il ne m'a pas été permis d'en prendre copie), c'était tout simplement une dépêche signée par le duc de Newcastle, portant la date du 4 octobre dernier et disant que: «Vu que les territoires au sud de la baie de Lourenço Marques avaient été cédés au gouvernement britannique en 1823 (ce qui est justement le traité dont j'ai envoyé la copie à Votre Excellence, sous la lettre F, le 16 septembre dernier) l'Angleterre en avait pris possession formellement et les avait annexés au gouvernement de Natal.»

Croyant aussi que l'amiral de cette station devait avoir des instructions de son gouvernement pour agir ainsi à l'égard de cette possession, je me suis aussitôt adressé particulièrement à mr. Pritchard, secrétaire de l'amiral, lui demandant des détails sur cette affaire (ci-joint copie de ma lettre et de la réponse). Il me répondit que les instructions à l'égard de la prise de possession de ces îles étaient venues d'Angleterre et qu'il présumait que le gouvernement de Sa Majesté était au fait de cette affaire, et que le gouverneur de Mozambique en avait été informé.

La frégate *Narcissus* ne m'a pas apporté une seule lettre du gouverneur de ce district, qui aurait très-bien pu m'en envoyer une; et je n'ai pas été plus heureux à l'arrivée d'un autre navire de guerre, le *Penguin*, qui est arrivé de Lourenço Marques quelques jours après. J'ai su seulement que ce navire avait visité dans cette baie un trois-mâts portugais qui y était à l'ancre, et qu'il ne l'avait pas capturé parce qu'il n'y avait rien trouvé de contraire au traité.

Il ne me reste plus qu'à dire à Votre Excellence que le gouvernement anglais vient de jeter le masque, après avoir naguère poussé les hauts cris au sujet de l'annexion de la Savoie et de Nice à la France. Il usurpe maintenant des territoires qui appartiennent depuis des siècles à sa plus ancienne et fidèle alliée, et je crains que ces annexions ne continuent, et qu'il ne veuille posséder le Louabo pour les communications avec le Zambèze, les îles de Bazarouto, et qui sait si quelques-unes des îles de l'Ibo, sous prétexte d'exercer sa surveillance au sujet de la traite des nègres.

É tudo quanto se me offerece dizer a v. ex.ª sobre este assumpto, e espero que v. ex.ª se dignará approvar a minha correspondencia com este governo sobre este caso.

Deus guarde a v. ex.ª Cidade do Cabo, em 21 de dezembro de 1861.—Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro Antonio José d'Avila, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros.=*Alfredo Duprat.*

C'est tout ce que j'ai à dire à Votrè Excellence à cet égard, et j'espère que Votre Excellence daignera approuver ma correspondance avec ce gouvernement sur cette affaire.

Dieu garde Votre Excellence. Ville du Cap, ce 21 décembre 1861. — A Son Excellence, le conseiller Antonio José d'Avila, ministre et secrétaire d'État des affaires étrangères. =*Alfred Duprat.*

N.º 67

(Traduction.)

Nota ao conde de Russel, contendo o protesto do ministro portuguez em Londres contra a annexação das ilhas da Unhaca e dos Elephantes á colonia de Natal—22 de fevereiro de 1862.

Legação de Portugal.—Londres, 22 de fevereiro de 1862.—Por uma notificação mandada publicar officialmente em 25 de novembro de 1861 pelo governador da colonia britannica do Cabo da Boa Esperança, consta que, *em 5 de novembro ultimo, fôra arvorada a bandeira ingleza nas ilhas de Inyack* (Unhaca) *e dos Elephantes, situadas ambas em Delagoa-Bay* (Bahia de Lourenço Marques), *sendo as ditas ilhas declaradas desde aquelle dia, possessão de Sua Magestade Britannica e dependente da colonia do Natal.* (Documento annexo.) Sendo porém certo que as duas mencionadas ilhas, assim como toda a Bahia de Lourenço Marques, ou Delagoa-Bay, pertencem desde tempo immemorial ao dominio da corôa de Portugal, o que o governo de Sua Magestade Britannica explicita e solemnemente reconheceu na convenção de 28 de julho de 1817, acto internacional complementar do tratado de 22 de janeiro de 1815, celebrado entre os soberanos de Portugal e da Gran-Bretanha, e sendo portanto evidente que a posse das sobreditas duas ilhas, tomada pelo governador do Cabo da Boa Esperança sem o previo, explicito e solemne consentimento de Sua Magestade Fidelissima e approvação dos representantes da nação portugueza reunidos em côrtes, deve ser considerada como uma violação do territorio portuguez, recebeu o abaixo assignado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade Fidelissima, ordens muito positivas do seu governo para levar os referidos factos ao conhecimento de sua ex.ª o sr. conde Russell, principal secretario d'estado de Sua Magestade Britannica na repartição dos negocios estrangeiros e reclamar ao governo de Sua Magestade Britannica a devida reparação dos actos praticados ou mandados praticar pelo sobredito governador do Cabo, com notavel violação do direito das gentes e dos tratados vigentes entre as corôas de Portugal e da Gran-Bretanha.

Não póde o abaixo assignado duvidar um só momento de que o governo de Sua Magestade Britannica se apressará a mandar proceder a uma severa investigação dos factos allegados e a reparar do modo possivel os inexplicaveis procedimentos do governador do Cabo da Boa Esperança, tão manifestamente contrarios aos prin-

Note du ministre portugais à Londres au comte Russell contre l'annexion des îles de l'Unhaca et des Eléphants à la colonie du Natal—22 février 1862

Légation de Portugal. — Londres, ce 22 février 1862.—Par une notification publiée officiellement le 25 novembre 1861 par le gouverneur de la colonie anglaise du cap de Bonne-Espérance, on sait que, *le 5 novembre dernier, le drapeau anglais a été arboré sur les îles de l'Unhaca (Inyack) et des Éléphants, toutes deux situées à Delagoa Bay (Baie de Lourenço Marques), lesdites îles ayant été déclarées à partir de ce jour, possession de Sa Majesté Britannique, dépendante de la colonie du Natal.* (Document annexe.) Mais comme il est certain que les deux îles mentionnées, ainsi que toute la baie de Lourenço Marques, ou Delagoa-Bay, appartiennent depuis un temps immémorial au domaine de la couronne de Portugal, et que le gouvernement de Sa Majesté Britannique a reconnu explicitement et solennellement la convention du 28 juillet 1817, acte international complémentaire du traité du 22 janvier 1815, célébré entre les souverains du Portugal et de la Grande-Bretagne, et comme il devient évident que la prise de possession des deux îles susdites par le gouverneur du cap de Bonne-Espérance, sans le préalable consentement explicite et solennel de Sa Majesté Très-Fidèle et l'approbation des représentants de la nation portugaise réunis aux cortès, doit être considérée comme une violation du territoire portugais: le soussigné, envoyé extraordinaire et ministre plénipotentiaire de Sa Majesté Très-Fidèle, a reçu des ordres positifs de son gouvernement pour porter les faits relatés à la connaissance de Son Excellence M. le comte Russell, premier secrétaire d'État de Sa Majesté Britannique au ministère des affaires étrangères, et réclamer du gouvernement de Sa Majesté Britannique la réparation exigée par les actes pratiqués ou ordonnés par le susdit gouverneur du Cap avec une notoire violation du droit des gens et des traités en vigueur entre les couronnes du Portugal et de la Grande-Bretagne.

Le soussigné ne peut douter un seul moment que le gouvernement de Sa Majesté Britannique ne s'empresse de faire procéder à une enquête sur les faits allégués, et de réparer, autant que possible, les procédés inexplicables du gouverneur du cap de Bonne-Espérance, si manifestement contraires aux principes de justice et de

cipios de justiça e de direito, frequentes vezes proclamados pelo governo de Sua Magestade Britannica.

O abaixo assignado aproveita esta occasião para ter a honra de renovar a sua ex.ª o sr. conde Russell os protestos da sua mais alta consideração. = *Lavradio.* = A sua ex.ª o conde Russell, etc., etc., etc.

droit fréquemment proclamés par le gouvernement de Sa Majesté Britannique.

Le soussigné profite de cette occasion pour avoir l'honneur de renouveler à Son Excellence M. le comte Russell les protestations de sa plus haute considération. = *Lavradio.* = A Son Excellence, le comte Russell, etc., etc., etc.

N.º 68

Resposta á nota precedente — 28 fevereiro de 1862

Foreign Office — February 28.th, 1826. — Monsieur le Ministre. — I have the honour to acknowledge the receipt of your Note of the 22.nd instant, in which you have conveyed to Her Majesty's Government the Protests of the Government of His Most Faithful Majesty against the proceedings of Her Majesty's Government in taking possession of Inyack and Elephant's islands.

I beg to acquaint you, in reply, that Her Majesty's Minister at Lisbon will be instructed to communicate to the Portuguese Government the reply of Her Majesty's Government to this communication.

I have the honour to be with the highest consideration, Monsieur le Ministre, your most obedient and humble servant = *Russell.* = The Count de Lavradio, etc.

(Traduction.)

Réponse à la note antécédente — 28 février 1862

Foreign Office, ce 28 février 1862. — Monsieur le Ministre. — J'ai l'honneur d'accuser réception de votre note du 22 courant, dans laquelle vous avez envoyé au gouvernement de Sa Majesté la protestation du gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle contre la décision du gouvernement de Sa Majesté concernant lá prise de possession des îles de l'Unhaca et des Éléphants.

Je vous fais savoir, en réponse, que le ministre de Sa Majesté à Lisbonne recevra des instructions pour communiquer au gouvernement portugais la réponse du gouvernement de Sa Majesté à votre communication.

J'ai l'honneur d'être avec la plus haute considération, monsieur le ministre, votre très humble et très obéissant serviteur. = *Russell.* = A mr. le comte de Lavradio.

N.º 69

Officio do ministro portuguez em Londres, dando conta da conferencia com lord J. Russell sobre a annexação das ilhas da Unhaca e dos Elephantes — 25 fevereiro 1862

Legação de Sua Magestade Fidelissima em Londres. — Ill.mo e ex.mo sr. — Já tive a honra de accusar a recepção do despacho reservado n.º 1, que v. ex.ª me dirigiu em 6 do corrente.

Para dar o devido cumprimento ás ordens de Sua Magestade, que v. ex.ª me transmittiu n'aquelle citado despacho, relativas á reclamação contra a posse que o governador do Cabo da Boa Esperança mandou tomar das ilhas de Inyack ou Unhaca e dos Elephantes, que jazem na bahia de Lourenço Marques, dirigi ao secretario d'estado dos negocios estrangeiros uma nota, datada do dia 22 do corrente, cuja copia tenho a honra de levar á presença de v. ex.ª, desejando que ella possa merecer a approvação de Sua Magestade e a do seu governo.

Antes porém de entregar a minha nota, julguei que era conveniente dar e pedir algumas explicações verbaes a lord Russell, o qual para esse fim me recebeu no dia 21 do corrente, e eis-aqui a substancia do que se passou n'aquella conferencia.

Comecei pela narração dos factos, extrahida do officio do commissario portuguez residente no Cabo, e da propria notificação do governador britannico do Cabo.

(Traduction.)

Dépêche du ministre portugais à Londres rendant compte de la conférence avec lord Russell sur l'annexion des îles de l'Unhaca et des Éléphants — 25 février 1862

Légation de Sa Magesté Très-Fidèle à Londres. — Excellence. — J'ai déjà eu l'honneur d'accuser réception de la dépêche réservée, n.º 1, que Votre Excellence m'a adressée le 6 courant.

Pour exécuter dûment les ordres de Sa Majesté que Votre Excellence m'a transmis dans cette dépêche, relativement à la réclamation contre la prise de possession par le gouverneur du cap de Bonne-Espérance dès îles de Inyack ou Unhaca et des Éléphants, situées dans la baie de Lourenço Marques, j'ai adressé au secrétaire d'État des affaires étrangères une note datée du 22 courant, dont j'ai l'honneur d'envoyer copie à Votre Excellence, espérant qu'elle méritera l'approbation de Sa Majesté et de son gouvernement.

Avant de remettre ma note, j'ai cru cependant convenable de donner et de demander quelques explications verbales à lord Russell, qui m'a reçu à cet effet le 21 courant. Voici la substance de ce qui s'est passé dans cette conférence.

J'ai commencé par la narration des faits, extraite de la dépêche du commissaire portugais résidant au Cap et de la notification même du gouverneur britannique du Cap.

Terminada a minha narração disse a lord Russell, que, sendo inquestionaveis os direitos da corôa de Portugal ás duas mencionadas ilhas, assim como a toda a bahia de Lourenço Marques, direitos solemnemente reconhecidos pelo governo britannico, o governo de Sua Magestade Fidelissima estava bem certo de que o governador do Cabo, tomando posse d'aquellas ilhas, havia procedido de seu *motu proprio*, e não por ordem do seu governo, de cuja lealdade e respeito á inviolabilidade do territorio de uma potencia tão sua intima alliada não era licito suspeitar, e que portanto o meu governo estava certo que o de Sua Magestade Britannica se apressaria a reparar de uma maneira conveniente os inexplicaveis procedimentos do governador do Cabo.

Aqui fiz uma pausa, e lord Russell, depois de alguns momentos de hesitação, e em voz um pouco baixa, respondeu-me o seguinte: «*Não, o governador do Cabo não procedeu de seu motu proprio, mas sim por ordem do governo de Sua Magestade Britannica*».

Eu, cheio de uma bem natural indignação, interrompi o secretario d'estado dizendo: que s. ex.ª tinha fallado tão baixo, que eu não tinha ouvido bem a sua declaração. Então lord Russell, levantando a voz, repetiu a sua declaração, e continuou dizendo: «*Nós temos com Portugal um tratado para a abolição do trafico dos escravos, e embora o governo portuguez o queira cumprir, elle não tem forças para isso, nem para impedir que os subditos portuguezes se empreguem n'aquelle infame trafico, e animem os povos dos territorios do interior, que o governo portuguez chama seus, a fornecerem escravos para o trafico, que principalmente é feito com a ilha de Cuba. Isto posto, julgou o governo de Sua Magestade Britannica que as ilhas de Inyack e dos Elephantes lhe eram necessarias para a execução do seu tratado com Portugal*».

Acrescentou lord Russell com muita hesitação algumas outras observações, mas com uma confusão tal, que as não comprehendi, nem eu d'isso carecia. A primeira declaração era de sobejo para eu poder avaliar as intenções do governo britannico, e .... do secretario d'estado.

Disse a lord Russell, e logo depois continuei dizendo-lhe: «*Que á vista da inqualificavel declaração que elle acabava de fazer-me, eu começava por lhe perguntar, se elle considerava Portugal como uma nação independente ou como uma conquista de Inglaterra? Que eu não podia admittir que se duvidasse da independencia de Portugal, e que então o emprazava para que me dissesse com que direito o governo britannico havia, não só mandado violar o territorio portuguez, mas até annexado uma porção d'elle (embora fosse pequena) ás possessões britannicas, sem respeito, nem ao direito das gentes, nem aos tratados vigentes? Que ainda quando o governo britannico julgasse, o que não podia julgar, á vista da convenção de 1817, poder ter algum direito áquellas ilhas, devia para isso provocar uma negociação, mas não praticar uma usurpação. Mas não, o governo britannico quiz n'este caso como no da annexação de Bolama,*

Mon récit terminé, je dis à lord Russell que les droits de la couronne de Portugal sur les deux îles mentionnées, ainsi que sur toute la baie de Lourenço Marques étant incontestables et reconnus solennement par le gouvernement britannique, le gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle était bien sûr qu'en prenant possession de ces îles, le gouverneur du Cap avait agi de son propre mouvement, et non sur les ordres de son gouvernement dont il n'est pas permis de mettre en doute la loyauté et le respect de l'inviolabité du territoire d'une puissance qui est son alliée si intime; et que, par conséquent, mon gouvernement était persuadé que celui de Sa Majesté Britannique s'empresserait de réparer d'une manière convenable les procédés inexplicables du gouverneur du Cap.

Je m'arrêtai en cet endroit et lord Russell, après quelques moments d'hésitation, me répondit, à voix un peu basse, ce qui suit: «*Non, le gouverneur du Cap n'a pas agi de son propre mouvement, mais bien d'après les ordres du gouvernement de Sa Majesté Britannique*».

Plein d'une juste indignation, j'interrompis le secrétaire d'État le priant de s'expliquer d'une voix plus claire, attendu que je n'avais pas bien compris sa déclaration. Alors, lord Russell élevant la voix, répéta sa déclaration et continua ainsi: «*Nous avons un traité avec le Portugal pour l'abolition du trafic des esclaves, et quoique le gouvernement portugais veuille l'observer, il n'a pas assez de force pour le faire, ni pour empêcher que les sujets portugais se livrent à ce trafic infâme et excitent les peuples des territoires de l'intérieur, que les Portugais disent leur appartenir, à fournir des esclaves pour la traite, qui a lieu principalement avec l'île de Cuba. Ceci établi, le gouvernement de Sa Majesté Britannique a jugé que les îles de Inyack et des Éléphants lui étaient nécessaires pour l'exécution de son traité avec le Portugal.*

Lord Russell fit, après une longue hésitation, quelques autres observations, mais tellement confuses que je ne les compris, pas ce qui d'ailleurs ne m'était pas nécessaire, la première déclaration étant plus que suffisante pour que je pusse apprécier les intentions du gouvernement britannique et ... du secrétaire d'État.

Je continuai en disant à lord Russell: «*Qu'après la déclaration inqualifiable qu'il venait de me faire, je commencerais par lui demander s'il considérait le Portugal comme une nation indépendante ou comme une conquête de l'Angleterre? Que je ne pouvais admettre que l'indépendance du Portugal fût mise en doute, et que par conséquent, j'exigeais qu'il me dît de quel droit le gouvernement britannique avait non-seulement fait violer le territoire portugais, mais encore en avait annexé une partie (quoique petite) aux possessions anglaises, sans respect pour le droit des gens, ni pour les traités en vigueur? Que lors même que le gouvernement britannique crût avoir quelque droit sur ces îles, ce qui ne pouvait être d'après la convention de 1817, il aurait dû entreprendre une négociation pour cela, mais non pratiquer une usurpation. Mais que, au contraire, le gouvernement britannique avait voulu dans ce cas, comme dans celui de l'annexion de Bou-*

contra a qual novamente protestei, juntar a humilhação á violencia. O governo britannico sabe que Portugal pela sua situação geographica, e por outras circumstancias bem conhecidas, é um estado isolado, cujo unico alliado é a Inglaterra, e esta, prevalecendo-se d'estas circumstancias, da superioridade das suas forças, e confiando que nós nem sequer havemos communicar ao mundo civilisado os resultados da nossa oppressora alliança, exerce sobre nós uma verdadeira tyrannia de um genero de que não conheço outro exemplo na historia das nações.

. . . . . .

. . . . . .

« Quanto á necessidade da annexação das duas mencionadas ilhas para evitar o trafico, declarei que a não admittia, ainda quando renunciasse, como por certo não renunciava, a sustentar a questão de direito. Que o governo britannico, em logar de violar os direitos de Portugal para obstar ao trafico, o que devia fazer era augmentar os seus cruzeiros e coadjuvar assim os esforços do governo portuguez. Que tambem tinha o dever de lhe perguntar até aonde julgava elle que o governo britannico tinha direito de estender as suas annexações na Africa portugueza para pôr um termo ao trafico. Já que o governo britannico não attende ao direito, para ser logico, deverá annexar-se toda a Africa portugueza ».

Então não pude deixar de dizer a lord Russell, com um tom de maxima indignação:

« Sêde ao menos francos, e dizei abertamente: nós queremos as colonias portuguezas, e temos forças sobejas para d'ellas nos apoderarmos ».

Quanto ás observações, que o trafico era feito por portuguezes, respondi:

« Não duvido que haja portuguezes, que desgraçadamente se empreguem no trafico, mas maior é ainda o numero dos inglezes que n'elle se empregam e que vivem do seu producto. »

Defendi os governadores de Angola e Moçambique, cuja probidade é notoria, e observei a lord Russell, que era para notar, que, queixando-se elle de que o trafico continuava, me não tivesse a esse respeito dirigido reclamação alguma, nem mesmo me tivesse enviado certos esclarecimentos que ha muito me havia promettido.

Lord Russell ouviu-me com grande impaciencia, e sem responder a nenhum dos meus argumentos de direito, interrompeu-me comtudo por diversas vezes, para dizer-me: *« Nós temos um tratado, e um direito e dever de o fazer cumprir. E emfim escrevei-me, e eu vos responderei. »*

Quando me despedi de lord Russell disse: *« Que posto que a sua declaração tivesse sido muito clara e explicita, eu não a mencionaria na primeira nota que lhe ia dirigir, esperando que o governo britannico, no interesse da sua honra, reconsideraria a sua primeira resolução, e portanto na minha primeira communicação eu me limitaria á exposição dos actos praticados por ordem do governador do Cabo, e á reclamação da sua reparação ».*

lama, centre laquelle je protestai de nouveau, joindre l'humiliation à la violence. Le gouvernement britannique sait que le Portugal, à cause de sa situation géographique et pour d'autres raisons bien connues, est un État isolé, qui n'a d'autre alliance que celle de l'Angleterre; cette nation abuse de ces circonstances et de sa force et croyant que nous ne ferons pas même savoir au monde civilisé les résultats de cette alliance oppressive, elle exerce sur nous une véritable tyrannie, dont je ne trouve aucun exemple dans l'histoire des nations.

. . . . . .

. . . . . .

« Quant à la nécessité de l'annexion des deux îles mentionnées pour éviter la traite, j'ai déclaré que je ne l'admettais point, quand même je renoncerais à soutenir la question de droit, ce à quoi je ne renonce en aucune manière. Que le gouvernement britannique, au lieu de violer les droits du Portugal pour s'opposer à la traite, devait augmenter le nombre de ses croiseurs et venir ainsi en aide aux efforts du gouvernement portugais. Qu'il était aussi de mon devoir de lui demander jusqu'où il croyait que le gouvernement britannique aurait le droit d'étendre ses annexions dans l'Afrique portugaise pour mettre un terme à la traite. Que puisque le gouvernement britannique n'avait aucun égard pour le droit, il devait, pour être logique, s'annexer toute l'Afrique portugaise ».

Je ne pus alors m'empêcher de dire à lord Russell sur le ton de la plus violente indignation:

« Au moins, soyez francs, et dites clairement: Nous voulons les colonies portugaises, et nous avons des forces plus que suffisantes pour nous en emparer. »

Quant aux observations qu'il me fit sur ce que la traite des noirs était faite par des Portugais, je répondis:

« Je ne doute pas qu'il y ait malheureusement des Portugais qui s'emploient à ce trafic, mais le nombre des Anglais qui s'y livrent et qui vivent de ses produits est encore plus considérable. »

Je défendis les gouverneurs d'Angola et de Mozambique, dont la probité est notoire, et j'observai à lord Russell qu'il était étrange que, puisqu'il se plaignait de ce que le trafic continuât, il n'eût adressé aucune réclamation à cet égard, et qu'il ne m'eût pas même envoyé de certaines informations qu'il m'avait promises depuis longtemps.

Lord Russel m'écouta avec une grande impatience, et, sans répondre à aucun de mes arguments de droit, il m'interrompit à différentes reprises pour me dire: *« Nous avons un traité, ainsi que le droit et le devoir de le faire observer. Et, enfin, écrivez-moi, et je vous répondrai. »*

En prenant congé de lord Russel, je lui dis que: *« Quoique sa déclaration eût été claire et explicite, je n'en ferais pas mention dans la première note que j'allais lui adresser, espérant que le gouvernement britannique, dans l'intérêt de son honneur, reviendrait sur sa première résolution; et que, par conséquent, je me bornerais, dans ma première communication, à l'exposition des actes pratiqués par ordre du gouverneur du Cap, et à la réclamation de leur réparation ».*

Não seria porventura conveniente que o ministro de Sua Magestade na côrte de Paris informasse o governo francez das prepotencias n'aquellas paragens praticadas pelo governo inglez contra os direitos da corôa de Portugal?

Deus guarde a v. ex.ª Londres, 25 de fevereiro de 1862. — Ill.mo e ex.mo sr. Antonio José d'Avila. = *Conde de Lavradio.*

Ne serait-il pas convenable que le ministre de Sa Majesté près la cour de Paris informât le gouvernement français des actes arbitraires pratiqués dans ces parages par le gouvernement anglais contre les droits de la couronne de Portugal?

Dieu garde Votre Excellence. Londres, ce 25 février 1862. — A son excellence Antonio José d'Avila. = *Comte de Lavradio.*

N.º 70

(Traduction.)

Resposta do ministro inglez em Lisboa á nota do ministro portuguez em Londres sobre a posse de Unhaca. 28 de março de 1862

Lisboa, 18 de março de 1862. — Sr. ministro. — O conde de Lavradio, ministro de Sua Magestade Fidelissima na côrte de S. James dirigiu, em 22 do mez passado, uma nota ao conde Russell, principal secretario d'estado de Sua Magestade na repartição dos negocios estrangeiros, contendo um protesto do governo portuguez contra a occupação da ilha de Unhaca pelas forças navaes de Sua Magestade como uma violação do territorio portuguez, e apresentando uma reclamação por prejuizos. Recebi instrucções de s. ex.ª para participar a v. ex.ª, em resposta áquella nota, que depois de um exame attento e minucioso d'este assumpto, o governo de Sua Magestade é de opinião que o governo portuguez não tem direito a territorio algum ao sul de Lourenço Marques, e que a parte sul da bahia de Delagoa (na qual a ilha de Unhaca e a pequena ilha adjacente indicada nas cartas como ilha dos Elephantes foram ambas primeiramente tomadas pelo capitão Bickford do navio de Sua Magestade *Narcissus* em 5 de novembro ultimo, e depois d'aquella data annexadas á colonia britannica de Natal) foi completa e legalmente cedida á corôa britannica, e que o governo de Sua Magestade deve consequentemente adherir ás idéa do conde Dudley expendidas na sua nota de 5 de dezembro de 1827 dirigida ao marquez de Palmella, tanto no que toca aos limites do territorio portuguez, como aos direitos britannicos.

No tratado celebrado em 1817 entre a Gran-Bretanha e Portugal, o territorio possuido por Portugal na costa oriental de Africa está da maneira seguinte definido no artigo 2.º «os territorios possuidos pela corôa de Portugal ao sul do equador, isto é, na costa oriental de Africa, os territorios entre Cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques», e o unico motivo de controversia que póde haver quanto aos limites da linha da costa especificada no supracitado artigo é se a bahia de Lourenço Marques é a bahia fronteira ao estabelecimento portuguez na embocadura do rio do mesmo nome (que tambem se chama Dundas, ou rio inglez), como o governo de Sua Magestade acredita, ou se abrange toda a bahia Delagoa como o governo portuguez pretende, o que estenderia algumas mi-

Réponse de sir Arthur Magenis, ministre d'Angleterre à Lisbonne, à la note du ministre portugais à Londres, sur la possession de l'Unhaca. 18 mars 1862

Lisbonne, ce 18 mars 1862. — Monsieur le ministre. — Le comte de Lavradio, ministre de Sa Majesté Très-Fidèle près la cour de Saint-James, a adressé au comte Russell, premier secrétaire d'État de Sa Majesté au ministère des affaires étrangères, une note datée du 22 du mois dernier et contenant une protestation du gouvernement portugais contre l'occupation de l'île de l'Unhaca par les forces navales de Sa Majesté, comme violation du territoire portugais, et présentant une réclamation en dommages-intérêts. J'ai reçu de son excellence des instructions pour communiquer à Votre Excellence, en réponse à cette note, qu'après un examen attentif et minutieux de cette affaire, le gouvernement de Sa Majesté est d'avis que le gouvernement portugais n'a droit à aucun territoire au sud de Lourenço Marques, et que la partie sud de la baie de Delagoa (où l'île de l'Unhaca et la petite île adjacente indiquée sur les cartes sous le nom d'île des Éléphants, ont été toutes deux prises premièrement par le capitaine Bickford, du navire de Sa Majesté *Narcissus,* le 5 novembre dernier et annexées depuis cette date à la colonie britannique de Natal) a été complètement et légalement cédée à la couronne britannique et que le gouvernement de Sa Majesté doit par conséquent adhérer aux idées du comte Dudley émises dans sa note du 5 décembre 1827 adressée au marquis de Palmella, autant en ce qui concerne les limites du territoire portugais qu'à l'égard des droits britanniques.

Le territoire possédé par le Portugal sur la côte orientale d'Afrique est ainsi défini par l'article 2 du traité conclu en 1817 entre la Grande-Bretagne et le Portugal: «les territoires possédés par la couronne de Portugal au sud de l'équateur, c'est-à-dire, sur la côte orientale d'Afrique, les territoires entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques»; et le seul motif de controverse qu'il puisse y avoir à l'égard des limites de la ligne de la côte spécifiée dans l'article cité est, si la baie de Lourenço Marques est la baie située vis-à-vis de l'établissement portugais à l'embouchure du fleuve du même nom (qui s'appelle aussi Dundas ou fleuve anglais) comme le gouvernement de Sa Majesté le croit, ou si elle embrasse toute la baie de Delagoa, comme le gouvernement

lhas o territorio portuguez ao sul dos seus estabelecimentos na parte mais meridional e em territorios onde elle nunca exerceu soberania ou posse.

Em primeiro logar devo observar que a primitiva feitoria portugueza era situada na margem esquerda ou norte de Lourenço Marques, e posto que, depois da sua destruição por alguns cruzadores francezes, fosse mudada para a margem sul no territorio de Temby, é verdade que elles (os portuguezes) pagavam um presente annual como fôro pelo terreno que ocupavam ao rei Kappel, o qual nunca lhes admittiu direito sem seu consentimento.

É claro que se o governo portuguez suppozesse, na epocha da construcção d'aquella feitoria, que tinha direito á margem sul de Lourenço Marques, teria estabelecido a sua feitoria n'aquella margem, o que lhe daria o dominio de um rio que se diz navegavel perto de duzentas milhas para o interior.

É verdade que o marquez de Palmella na sua correspondencia com lord Dudley em 1827 sobre este assumpto procurou estabelecer o direito da corôa portugueza aos territorios de Temby e Mapoota, ao sul de Lourenço Marques; mas lord Dudley em resposta declarou que não podia entender, que o marquez de Palmella tivesse apresentado a mais leve prova para sustentar a reclamação de que o governo portuguez tinha um poder inalienavel sobre o territorio dos chefes de Mapoota; e o governo de Sua Magestade considera que os portuguezes não tinham nem tiveram nunca estabelecimento de qualquer natureza em Mapoota ou em ponto algum tanto abaixo como Mapoota; e em referencia ao tratado de 1817, s. ex.ª ponderou que o artigo 2.º do tratado dando a maior latitude de expressão, devia comprehender cada palmo de territorio entre cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques, mas nunca se poderia entender o territorio d'aquelles pontos inclusivè.

O governo de Sua Magestade debaixo d'estes fundamentos é por conseguinte de opinião que o rio Lourenço Marques é e deve ser considerado como o limite sul dos territorios portuguezes na costa de Africa oriental, e como tal o considera.

Em março de 1823 o capitão Owen da marinha britannica concluio um tratado com o rei Temby, pelo qual este cedeu os territorios de Temby e suas dependencias á corôa britannica, e em agosto seguinte o mesmo official celebrou um tratado com o rei de Mapoota, pelo qual aquelle soberano poz os seus territorios debaixo da protecção da corôa britannica.

O governo de Sua Magestade portanto, nos passos que deu, e que considerou dever tomar, pelo que toca a Unhaca obrou com um fim claro dos seus direitos legaes, e não póde admittir que o governo de Portugal tenha fundamento algum para protestar ou pedir a reparação que propoz por via do seu ministro em Londres.

portugais le prétend, ce qui étendrait le territoire portugais de quelques milles au sud de ses établissements, dans la partie la plus méridionale et sur des territoires où il n'a jamais eu ni souveraineté ni possession.

Je dois observer en premier lieu, que la primitive factorerie portugaise était située sur la rive gauche ou rive nord de Lourenço Marques et que, quoique après sa destruction par quelques croiseurs français, elle ait été transportée sur la rive sud, dans le territoire de Tembe, il n'en est pas moins vrai qu'ils (les Portugais) payaient un présent annuel comme bail emphytéotique pour le terrain qu'ils occupaient, au roi Keppel, qui ne leur a jamais admis de droit sans son consentement.

Il est clair que si le gouvernement portugais avait supposé, à l'époque de la construction de cette factorerie, qu'il avait droit à la rive sud de Lourenço Marques, il aurait établ sa factorerie sur cette rive, ce qui lui aurait donné la domination d'un fleuve qu'on dit niavigable sur un parcours de près de deux cents milles vers l'intérieur.

Il est vrai qu'en 1827, le marquis de Palmella, dans sa correspondance avec lord Dudley sur cette affaire, a tâché d'établir le droit de la couronne portugaise aux territoires de Tembe et de Mapouto, au sud de Lourenço Marques ; mais lord Dudley a déclaré, dans sa réponse, qu'il ne pouvait admettre que le marquis de Palmella eût présenté la plus légère preuve pour appuyer la réclamation du gouvernement portugais à un pouvoir inaliénable sur le territoire des chefs de Mapouto, et que le gouvernement de Sa Majesté considérait que les Portugais n'avaient d'établissement de quelque nature que ce fût et n'en eurent jamais à Mapouto ou sur quelque point un peu au sud, comme Mapouto; et relativement au traité de 1817, son excellence a observé que l'article 2 du traité en lui donnant la plus grande latitude d'expression, devait comprendre tout le territoire entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques, mais qu'on ne pouvait jamais y comprendre le territoire de ces points inclusivement.

Sur ces bases, le gouvernement de Sa Majesté est, par conséquent, d'opinion que le fleuve de Lourenço Marques est et doit être considéré comme la limite sud des territoires portugais sur la côte de l'Afrique orientale, et il le considère comme tel.

Au mois de mars 1823 le capitaine Owen, de la marine britannique, a conclu avec le roi Tembe un traité, en vertu duquel celui-ci a cédé les territoires de Tembe et ses dépendances à la couronne britannique, et, au mois d'août suivant, le même officier a célébré avec le roi de Mapouto un traité par lequel ce souverain a mis ses territoires sous la protection de la couronne britannique.

Par conséquent, le gouvernement de Sa Majesté a agi dans le but de maintenir ses droits légaux dans les mesures qu'il a prises et qu'il lui a paru devoir prendre en ce qui concerne l'Unhaca, et il ne peut admettre que le gouvernement portugais ait aucun fondement pour protester ou pour exiger la réparation qu'il a

Devo finalmente acrescentar que o governo de Sua Magestade na maneira por que procedeu sobre este assumpto foi principalmente guiado pelo desejo de promover o commercio licito e legal na bahia de Lourenço Marques, e para interceptar os negreiros que até agora effectuavam este trafico com impunidade nas possessões adjacentes de Portugal, porque comquanto eu tenha por differentes vezes declarado na minha correspondencia official com a repartição a cargo de v. ex.ª, que o governo de Sua Magestade conhece dever acreditar que o governo portuguez está obrando de boa fé nos seus esforços para a suppressão do trafico da escravatura, é tambem do rigoroso dever do governo de Sua Magestade de dar todas as providencias ao seu alcance para reprimir procedimentos, que desgraçadamente se estão ainda verificando por parte de subditos e com a apparente connivencia das auctoridades locaes de Portugal, em manifesta violação dos compromissos e da prudencia do seu proprio governo.

Aproveito a occasião para renovar a v. ex.ª a segurança da minha mais alta consideração.—A s. ex.ª o marquez de Loulé, etc.=*Arthur C. Magenis*[1].

demandée par l'entremise de son ministre à Londres.

Enfin, je dois ajouter que, dans la manière dont le gouvernement de Sa Majesté a agi dans cette affaire, il a été guidé principalement par le désir d'encourager tout commerce licite et légal dans la baie de Lourenço Marques et d'arrêter les négriers qui faisaient jusqu'à présent ce trafic avec impunité dans les contrées adjacentes appartenant au Portugal, car, quoique j'aie déclaré à différentes reprises, dans ma correspondance officielle avec le ministère confié à Votre Excellence, que le gouvernement de Sa Majesté était persuadé que le gouvernement portugais agissait de bonne foi dans ses efforts pour la suppression de la traite des nègres, il n'en est pas moins du devoir du gouvernement de Sa Majesté de prendre toutes les mesures qui sont à sa portée, pour réprimer des actes qui, malheureusement, sont encore pratiqués par des sujets du Portugal avec la connivence apparente des autorités locales qui violent manifestement les compromis et la prudence de leur propre gouvernement.

Je profite de cette occasion pour renouveler à Votre Excellence les assurances de ma plus haute considération.—A son excellence le marquis de Loulé.=*Arthur C. Magenis*[1].

N.º 71

Officio do consul portuguez no Cabo noticiando o boato de ter chegado ordem do governo inglez para tomar posse da parte sul da bahia — 4 de abril de 1869.

Consulado geral de Portugal no Cabo. — Ill.mo e ex.mo sr. — Em seguimento e referencia ao meu officio n.º 1 de 19 d'este mez, tenho agora a honra de dizer a v. ex.ª que, suspeitando eu do vapor de guerra inglez *Peterel* ter voltado *mui mysteriosamente* de East-London, porto na Cafraria, para a nossa *Bahia de Lourenço Marques*, para outros fins, do que cruzar n'aquella bahia, resolvi partir logo para Simon's Bay, para descobrir das auctoridades navaes a verdade d'aquella mysteriosa viagem. Depois de bastantes difficuldades obtive saber de um official da marinha ingleza, que ordens tinham com effeito vindo do almirantado em Londres ao commodoro d'esta estação naval de mandar quanto antes um vapor com instrucções ao seu commandante *de tomar formalmente posse* das terras de *Tembe* e *Mapoota* na parte sul d'aquella bahia, e de ali arvorar a bandeira ingleza, pela cessão que os regulos fizeram das terras ao governo inglez, pelo tratado de 1823, com o capitão Owen.

O direito de posse em toda a bahia de Lourenço Marques é incontestavelmente de Portugal, e assim o reconheceu a Gran-Bretanha no artigo 2.º do tratado de 28 de julho de 1817; *e apenas eu tenha a noticia official* não deixarei de protestar formalmente, como representante de Sua Magestade El-Rei n'esta colonia.

[1] Archivo do ministerio dos negocios estrangeiros.

(Traduction.)

Dépêche du consul portugais au Cap, faisant part des bruits concernant un ordre du gouvernement anglais pour faire prendre possession du Tembe et du Maputo — 4 avril 1869.

Consulat général de Portugal au Cap. — Excellence. — En continuation de ma dépêche nº 1 du 19 de ce mois, j'ai l'honneur de communiquer à Votre Excellence qu'ayant soupçonné que le vapeur de guerre anglais *Peterel* était revenu *très-mystérieusement* de East-London, port de la Cafrerie, à *notre baie de Lourenço Marques* dans un autre but que celui d'y croiser, j'ai pris la résolution de partir aussitôt, pour Simon's Bay afin de savoir des autorités navales la vérité sur ce voyage mystérieux. Après de nombreuses difficultés, j'ai pu apprendre d'un officier de la marine anglaise que des ordres avaient été envoyés, en effet, de l'amirauté de Londres, au commodore de cette station navale, afin qu'il fît partir au plus tôt un vapeur avec des instructions au commandant pour *prendre formellement possession* des terres de *Tembe* et *Mapouto*, dans la partie sud de cette baie, et pour y planter le drapeau anglais, en vertu de la cession que les régules ont faite de ces terres au gouvernement anglais, par le traité conclu en 1823 avec le capitaine Owen.

Le droit de possession sur toute la baie de Lourenço Marques appartient incontestablement au Portugal, et la Grande-Bretagne l'a ainsi reconnu par l'article 2 du traité du 28 juillet 1817; c'est pourquoi, aussitôt que *j'aurai la nouvelle officielle*, je ne manquerai pas de protester formellement, comme représentant de Sa Majesté le roi dans cette colonie.

[1] Archives du ministère des affaires étrangères.

Não sei que novos argumentos apresentará agora o governo inglez para explicar similhante attentado, pois vejo nos despachos e correspondencia do sr. duque de Palmella, quando embaixador em Londres, que elle tinha completamente desfeito os argumentos do ministerio inglez, por occasião da visita e tratado do capitão Owen á mesma bahia em 1823.

. . . . . .

Deus guarde a v. ex.ª Cabo, em 4 de abril de 1869.—Ill.mo ex.mo sr. marquez de Sá da Bandeira, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros.=*A. Duprat.*

Je ne sais quels nouveaux arguments le gouvernement anglais présentera maintenant pour expliquer un semblable attentat; car, je vois, dans les dépêches et la correspondance du duc de Palmella, lorsqu'il était ambassadeur à Londres, qu'il avait détruit complètement les arguments du ministère anglais, à l'occasion de la visite et du traité du capitaine Owen dans la même baie en 1823.

. . . . . .

Dieu garde Votre Excellence. Cap, ce 4 avril 1869.—Son Excellence, le marquis de Sá da Bandeira, ministre et secrétaire d'État des affaires étrangères.=*A. Duprat.*

N.º 72

Nota do encarregado dos negocios de Portugal Figanière e Morão a lord Clarendon sobre a annexação e posse das ilhas da Unhaca e dos Elephantes á colonia de Natal—14 de junho de 1869.

Ao governo de Sua Magestade constou, por informações ultimamente recebidas, que o commandante das forças navaes britannicas estacionadas no Cabo da Boa Esperança tivera ordem para tomar posse formal das terras de Catembe (Temby) e Maputo (Mapoota), situadas da banda do sul da bahia de Lourenço Marques, e que essa ordem se fundava nos denominados tratados feitos com os respectivos regulos, nos mezes de março e novembro de 1823, pelo capitão Owen da marinha real britannica.

O direito da corôa de Portugal a todos os territorios banhados pela bahia de Lourenço Marques (Delagoa Bay das cartas inglezas) é incontestavel, e assim o reconheceu já explicita e solemnemente a Gran-Bretanha no artigo 2.º da convenção de 28 de julho de 1817.

A questão que a tal respeito se suscitára em 1826 entre os dois governos foi interrompida em 1828, em consequencia da guerra civil que n'esse anno rebentou em Portugal.

Deu causa a essa questão o acto praticado pelo referido capitão Owen, que se apoderára á força do navio *Eleonora,* legalmente detido por ordem das auctoridades portuguezas no porto de Lourenço Marques, como implicado no crime de contrabando.

Mr. Canning, então principal secretario d'estado de Sua Magestade Britannica na repartição dos negocios estrangeiros, respondendo em 25 de abril de 1827 á reclamação do embaixador de Portugal, deu a entender que o capitão Owen pretendêra justificar o seu procedimento na duvida em que laborava de que o territorio de Maputo, onde aquelle navio havia sido aprehendido, pertencesse á corôa de Portugal, e em consequencia d'isso o mesmo mr. Canning pediu informações ácerca dos principios em que

[1] Arch. do ministerio dos negocios estrangeiros.

(Traduction.)

Note adressée à lord Clarendon par Figanière e Morão, chargé d'affaires de Portugal, à l'égard de la prise de possession et de l'annexion des îles de l'Unhaca et des Éléphants à la colonie du Natal—14 juin 1869.

Le gouvernement de Sa Majesté fut instruit par des informations dernièrement reçues, que le commandant des forces navales de la Grande-Bretagne, en station au cap de Bonne-Espérance, avait reçu l'ordre de son gouvernement de prendre formellement possession des terres de Catembe (Temby) et de Mapouto (Mapoota) situées du côté sud de la baie de Lourenço Marques, et que l'ordre donné avait pour base les soi-disants traités faits en mars et novembre de l'année 1823, par le capitaine Owen, de la marine royale anglaise, avec les régules de ces terres.

Les droits de la couronne portugaise sur tous les territoires que baignent les eaux de la baie de Lourenço Marques, (Delagoa bay des cartes anglaises) sont incontestables, et c'est ainsi qu'ils ont été explicitement et solennellement reconnus par la Grande-Bretagne dans l'article 2 de la convention du 28 juillet 1817.

Le conflit qui s'éleva à ce sujet en 1826 entre les deux gouvernements, fut suspendu, en 1828, par suite de la guerre civile qui éclata pendant cette année en Portugal.

Ce conflit fut soulevé par l'acte de violence dudit capitaine Owen, qui s'empara, de force, du navire *Eleonora,* légalement séquestré par les autorités portugaises dans le port de Lourenço Marques, comme prévenu du délit de contrebande.

Mr. Canning, alors premier secrétaire d'État de Sa Majesté Britannique, au ministère des affaires étrangères, donna à entendre, par sa réponse en date du 25 avril 1827 à la réclamation présentée par l'ambassadeur portugais, que le capitaine Owen avait prétendu justifier ses actes en alléguant le doute où il était que le territoire de Mapouto, où ce navire avait été saisi par lui, appartînt à la couronne portugaise, en conséquence de quoi le même mr. Canning demandait des informations à l'égard des bases

[1] Archives du ministère des affaires étrangères.

se fundava o direito de soberania d'este reino sobre o territorio em questão.

O embaixador de Portugal, que então era o fallecido duque de Palmella, declarou a lord Dudley, successor de mr. Canning, em nota de 23 de maio de 1827, que os direitos da corôa de Portugal se fundavam:

1.° Na prioridade incontestavel da descoberta d'aquella costa africana, desde as primeiras viagens dos portuguezes á India.

2.° Nas feitorias portuguezas ali fundadas e defendidas pela fortaleza da bahia de Lourenço Marques, onde havia uma guarnição destacada da força armada da provincia de Moçambique.

3.° Nas convenções e actos de reconhecimento continuamente reiterados desde seculos por parte dos chefes das povoações que habitavam aquella costa, e que tinham sempre reconhecido a soberania da corôa de Portugal.

4.° Na admissão constante d'esses direitos por parte de todos os governos europeus, que os tinham sempre respeitado, como se podia verificar pela simples inspecção das cartas geographicas.

5.° Finalmente, no citado artigo 2.° da convenção de 28 de julho de 1817, no qual estava a prova de adhesão explicita e formal do proprio governo britannico aos direitos de soberania da corôa de Portugal sobre todos os territorios da costa d'Africa oriental, comprehendidos entre Cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques.

Parece que o referido capitão Owen, ignorando a existencia d'esta convenção, se aproveitára da sua demora na bahia de Lourenço Marques para induzir os chefes dos territorios de Catembe e Maputo a assignarem os denominados tratados de 1823, pelos quaes os collocava debaixo da protecção da Gran-Bretanha.

Destruiu porém o embaixador de Portugal a importancia d'esses tratados subrepticios, apresentando ao governo de Sua Magestade britannica documentos irrefragaveis e comprobativos das relações de soberania existentes entre Portugal e os mencionados chefes, incluindo o protesto assignado pelo proprio regulo Maputo, em data de 8 de outubro de 1823, posterior á d'aquelles denominados tratados, no qual declarava que *só reconhecia os portuguezes por senhores das suas terras e que nunca tencionára nem lhe era possivel fazer doação d'ellas a Sua Magestade britannica, porque pertenciam ao rei de Portugal.*

Lord Dudley, não podendo refutar os solidos argumentos em que se baseava o embaixador de Portugal, quiz comtudo sustentar na sua nota de 5 de dezembro de 1827, quanto ás possessões designadas no artigo 2.° da sobredita convenção, que se devia entender que ellas se estendiam entre Cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques, mas não comprehendiam taes territorios *inclusivamente.*

O embaixador de Portugal, combatendo na sua nota de 22 de maio de 1828 esta errada interpretação, tambem demonstrou triumphan-

sur lesquelles s'appuyaient les droits du Portugal sur le territoire en question.

L'ambassadeur de Portugal qui, à cette époque, était le duc de Palmella, mort depuis, déclara, dans sa note du 23 mai 1827, à lord Dudley, successeur de mr. Canning, que les droits de la couronne portugaise étaient fondés:

1° Sur l'incontestable priorité de la découverte de cette côte africaine, dès les premiers voyages des Portugais aux Indes.

2° Sur l'établissement de factoreries portugaises fondées sur ce point et défendues par le fort de Lourenço Marques, occupé par une garnison détachée de l'armée de la province de Mozambique.

3° Sur les conventions et les actes de reconnaissance continuellement renouvelés depuis des siècles par les chefs des naturels qui peuplaient cette côte, et qui avaient toujours reconnu la souveraineté de la couronne de Portugal.

4° Sur l'admission non interrompue de ces droits constamment respectés par les gouvernements de l'Europe, comme le prouve le simple examen des cartes géographiques.

5° Enfin, sur l'article 2 déjà cité de la convention du 28 juillet 1817, dans laquelle se trouve la preuve de l'adhésion explicite et formelle du gouvernement anglais lui-même aux droits du Portugal sur la souveraineté de tous les territoires de la côte de l'Afrique orientale, compris entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques.

Il paraît que ledit capitaine Owen, ignorant l'existence de cette convention, profita de son séjour dans la baie de Lourenço Marques pour entraîner les chefs des territoires de Catembe et de Mapouto à signer les prétendus contrats de 1823, par lesquels ces régules se trouvaient placés sous la protection de la Grande-Bretagne.

Toutefois, l'ambassadeur de Portugal détruisit l'importance de ces contrats subreptices en plaçant sous les yeux des ministres de Sa Majesté Britannique les preuves les plus indiscutables des rapports de souveraineté existant entre le Portugal et les chefs susnommés, en y comprenant la déclaration signée par le régule même de Mapouto à la date du 8 octobre 1823, déclaration postérieure à ces prétendus traités, et par laquelle ce régule exprime *ne reconnaître d'autres maîtres de ces terres que les Portugais, et n'avoir jamais eu l'intention de les donner à Sa Majesté Britannique, ce qui d'ailleurs lui eût été impossible puisqu'elles appartenaient au roi de Portugal.*

Lord Dudley ne pouvant réfuter les arguments sur lesquels s'appuyait l'ambassadeur de Portugal, voulut néanmoins soutenir, dans sa note du 5 décembre 1827, relativement aux possessions désignées à l'article 2 de ladite convention, que l'on devait entendre que ces possessions s'étendaient entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques, mais que ces territoires n'y étaient pas compris *inclusivement.*

L'ambassadeur de Portugal, dans sa note du 22 mai 1828, redressant l'erreur de cette interprétation, prouva encore victorieusement qu'à

temente que, quanto ao Cabo Delgado não podia haver questão, porque era esse o ponto determinado onde começavam as possessões portuguezas, e quanto á bahia de Lourenço Marques, dizendo-se que taes possessões terminavam ali ao S., nunca se podia entender a palavra *exclusivamente*, quando era indubitavel que *desde seculos* a corôa de Portugal possuia fortes estabelecimentos no recinto d'essa bahia, sendo por isso innegavel que se devia entender a palavra *inclusivamente*, e que nenhum *juiz* imparcial ao qual se désse a interpretar o sentido do dito artigo, hesitaria em decidir que a bahia de Lourenço Marques *toda*, pois que se não tinham especificado outros limites, deveria ser considerada como comprehendida nos territorios pertencentes á corôa de Portugal.

Das ruinas da antiga fortificação portugueza na margem meridional da mesma bahia faz menção o proprio escriptor inglez James Horsburgh no seu bem conhecido roteiro intitulado *India directorys, or directions for sailing to and from the East India.* O testemunho de uma auctoridade tão digna de credito não é de certo suspeito ao governo britannico, sendo para admirar que o capitão Owen não tivesse conhecimento de tal circumstancia, quando quiz negar a Portugal o direito de posse n'aquella bahia.

Assim ficou esta questão pendente, porque o governo de Sua Magestade britannica nunca respondeu á citada nota do embaixador de Portugal de 22 de maio de 1828, que serviu de replica á de lord Dudley.

O mesmo governo deixando correr 33 annos sem responder áquella nota, e dando com o seu silencio a entender que não podia destruir os argumentos n'ella adduzidos, para fundamentar o nosso direito a toda a bahia de Lourenço Marques, resolveu no mez de novembro de 1861 apoderar-se das ilhas Unhaca e do Elephante, banhadas pelas aguas d'essa bahia, e manda 8 annos depois tomar posse das terras do Catembe e Maputo, contra todos os principios do direito das gentes.

Admittindo mesmo que fossem duvidosos, que o não são, os direitos da corôa de Portugal aos territorios designados na convenção de 28 de julho de 1817, é innegavel que nenhum direito assiste ao governo de Sua Magestade Britannica para *elle só* interpretar um artigo que se diz duvidoso, tanto mais que essa convenção não veiu crear direitos, que muito antes existiam.

É evidente pois que a posse d'aquellas terras mandada tomar pelo governo de Sua Magestade Britannica, sem o prévio e explicito consentimento do governo de Sua Magestade Fidelissima, deve ser considerada como uma violação do territorio portuguez.

O abaixo assignado, encarregado de negó-

l'égard du cap Delgado, il ne pouvait y avoir discussion, attendu que c'était le point déterminé où commençaient les possessions portugaises, et qu'à l'égard de la baie de Lourenço Marques, en disant que ces possessions se terminaient dans cet endroit au S. on n'avait jamais pu imaginer le terme *exclusivement*, puisqu'il était incontestable que, depuis *plusieurs siècles*, la couronne portugaise possédait des établissements considérables dans l'enceinte de cette baie, qu'il était ainsi indéniable que l'on devait comprendre la parole *inclusivement*, et qu'aucun juge impartial auquel serait soumise l'interprétation dudit article 2 ne pourrait hésiter à prononcer que la baie de Lourenço Marques appartenait tout entière aux Portugais, puisque d'autres limites n'ayant pas été indiquées, cette baie devait être considérée comme comprise dans les territoires soumis à la souveraineté portugaise.

James Horsburgh, écrivain anglais, parle lui-même, à la page 44 de son itinéraire bien connu sous le titre de *India directorys, or directions for sailing to and from the East India*, des ruines de l'ancienne fortification portugaise placée sur la côte méridionale de cette même baie. Le témoignage d'un écrivain aussi digne de foi ne peut être suspect au gouvernement britannique, et il est au moins étrange que le capitaine Owen ne connût pas cette circonstance quand il voulut contester au Portugal la possession de cette baie.

C'est en cette situation que la question est demeurée, le gouvernement anglais n'ayant jamais répondu à la note diplomatique du 22 mai 1828 qui constituait la réplique de l'ambassadeur portugais à la dernière réponse de lord Dudley.

Ce même gouvernement anglais, après un silence de 33 années écoulées depuis cette note du 22 mai 1828, silence qui ne pouvait se traduire que par l'impuissance où il était de combattre les arguments présentés en preuve de notre droit à la possession de toute la baie de Lourenço Marques, prit la résolution, au mois de novembre 1861, de s'emparer des îles de l'Unhaca et des Éléphants que baignent les eaux de cette baie, et ordonna, huit ans plus tard, contre tous les principes du droit des gens, la prise de possession des territoires de Catembe et de Mapouto.

Admettant même (ce qui n'est pas) que les droits de la couronne portugaise sur les territoires désignés par la convention du 28 juillet 1817 pussent être mis en doute, il est indéniable que le gouvernement anglais n'a aucun droit d'interpréter, *seul*, et de trancher en sa faveur un article qu'il déclare douteux dans sa signification, et il a d'autant moins raison de le faire, que cette convention n'a pas créé des droits qui existaient déjà avant elle.

Il devient donc évident que la prise de possession de ces territoires par le gouvernement anglais sans le préalable et formel consentement du gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle, doit être considérée comme une violation du territoire portugais.

Le soussigné, chargé d'affaires de Portugal,

cios de Portugal, em cumprimento das instrucções que recebeu do seu governo, tem portanto a honra de levar o exposto ao conhecimento de lord Clarendon, principal secretario d'estado de Sua Magestade Britannica na repartição dos negocios estrangeiros, e de reclamar da boa fé do governo britannico e dos sentimentos de amisade que felizmente existem entre os dois paizes, que esta questão venha a um termo, não por meios violentos, mas por negociação, depois de convenientemente discutida. = *Frederico Francisco de Figanière e Morão.*

vient, en vertu des instructions reçues de son gouvernement, exposer cette situation à lord Clarendon, premier secrétaire d'État de Sa Majesté Britannique au ministère des affaires étrangères, et faire appel à la bonne foi du gouvernement anglais et aux sentiments d'amitié qui, heureusement, unissent les deux nations, afin que ce différend soit vidé, non par la violence, mais au moyen d'une négociation préalablement et convenablement discutée.=*Frederico Francisco de Figanière e Morão.*

N.º 73

(Traduction.)

Resposta do governo inglez á nota do encarregado de negocios de Portugal 27 de agosto de 1869

Réponse du gouvernement anglais à la note du chargé d'affaires de Portugal — 27 août 1869

Foreign Office. August 27.th, 1869. — Sir: With reference to my Note to you of the 29.th of June last, I have the honor to acquaint you that I have made enquiries at the Colonial Office, and Board of Admiralty, with reference to the Report which has reached the Portuguese Government that the Commander of the British naval Forces stationed at the Cape of Good Hope, had received orders to take formal possession of the lands of Catembe (Temby) and Maputo (Mapoota) situated on the south side of the Bay of Lorenzo Marques; and I now beg leave to inform you that no such instructions have been issued by Her Majesty's Government or by the British authorities on the Cape Station. The report alluded to by you may probably have arisen in consequence of one of Her Majesty's ship having been sent to Delagoa Bay, with the view of ascertaining the truth of certain rumours that had reached the authorities at the Cape, to the effect that certain agents of the Transvaal republic had established ports on the shores of that bay.

Under these circumstances I do not think it necessary to enter into discussion in regard to the right of sovereignty over the territories in question.

I have the honor to be, with high consideration, Sir, your most obedient humble servant. In the absence of the Earl of Clarendon. = *Arthur Otway.* = Senhor Figanière e Morão.

Ministère des affaire étrangères, ce 27 août 1869. — Monsieur. — Au sujet de ma note du 29 juin dernier, j'ai l'honneur de porter à votre connaissance que j'ai pris des informations, au ministère des colonies et au bureau de l'amirauté, à l'égard de la nouvelle qui est parvenue au gouvernement portugais, de ce que le commandant des forces navales anglaises stationnées au cap de Bonne-Espérance avait reçu l'ordre de prendre formellement possession des terres de Catembe (Temby) et de Mapouto (Mapoota) situées du côté sud de la baie de Lourenço Marques; permettez-moi de vous apprendre que de telles instructions n'ont pas été données par le gouvernement de Sa Majesté ou par les autorités anglaises de la station du Cap. Le rapport auquel vous faites allusion est né probablement de ce qu'un des navires de Sa Majesté a été envoyé à Delagoa Bay dans le but de découvrir la vérité au sujet de certaines rumeurs, qui sont parvenues aux autorités du Cap, et qui faisaient croire que certains agents de la république du Transvaal avaient établi des ports sur les côtes de cette baie. Dans ces circonstances, je ne crois pas nécessaire d'entrer en discussion sur le droit de souveraineté ayant rapport aux territoires en question.

J'ai l'honneur d'être, avec la plus haute considération, votre très-obéissant et très-humble serviteur. = En l'absence du comte de Clarendon, *Arthur Otway.* — Mr. Figanière et Morão.

N.º 74

(Traduction.)

Nota do ministro inglez em Lisboa em respeito á linha de limites estabelecida no tratado entre Portugal e a republica do Transvaal — 25 de abril de 1871

Note du ministre anglais à Lisbonne au sujet de la ligne de limites établie par le traité entre le Portugal et la république du Transvaal — 25 avril 1871

British Legation — Lisbon, April 25.th, 1871. — Monsieur le Ministre. — It has only lately come to my knowledge that the Portuguese Government is now in the act of concluding a Treaty with that of the Transvaal Republic in South Eastern Africa, according to one of the clauses

Légation britannique. — Lisbonne, ce 25 avril 1871. — Monsieur le ministre. — Ce n'est que dernièrement qu'il est venu à ma connaissance que le gouvernement portugais est sur le point de conclure un traité avec celui de la république du Transvaal, dans le sud-est de

of which Treaty I have reason to believe that the Portuguese Government has included within its territory certain districts to which Her Britannic Majesty's Government has uniformly and during a long course of years denied that the Portuguese Crown has any right of possession. It think there can be little doubt (at least according to all the maps which have come under my notice) that the Portuguese Boundary line laid down in the 2.nd clause of article 23.th of the said Treaty, i. e. a line drawn from a point at 26° 30′ S. latitude in a direct line to the west, would take in the southern part of Delagoa Bay including the Island of Inyack and the district on the mainland parallel thereto. It ought to be unnecessary for me to have to remind Your Excellency after the official correspondance that has taken place on this subject at various epochs since 1827, that the Government of Her Britannic Majesty has never admitted the correctness of the construction put by that of Portugal on the Treaty of 1817 in respect to the boundary line therein laid down. The views of the British Government were distinctly stated to the Marquis of Palmella in a note of Earl Dudley's dated December 5, 1827, and Her Majesty's Government has uniformly supported those views whenever the question has been raised. I must beg also to refer Your Excellency to the Note addressed by the British Minister here, Sir A. Magenis, on the 18.th of March 1862 to the Marquis de Loulé on this same subject, to which Note I find in the archives of this mission no reply. At more recent dates, namely in August 1870, to Senhor Carlos Bento da Silva, and in February to Your Excellency, it has been my duty to protest on the part of Her Majesty's Government against the unwarrantable act of the Governor of Mozambique in causing the Island of Inyack to be occupied by Portuguese troops, and I am happy to be able to add that, both from your predecessor and yourself, I received in reply assurances that instructions had been sent from Lisbon ordering the immediate evacuation of the Island by the Portuguese troops. Since that time I had certainly heard of a contemplated Treaty including boundary clauses, between the Government of Portugal and the Transvaal Republic, but as the concluding article contained a stipulation that the Treaty in order to be valid must be approved and ratified by His Most Faithful Majesty and the ratifications exchanged within a year from the date of its draft, i. e. on or before July 29.th, 1870, I presumed that the present Government had declined to adopt and carry it out; but as I now learn that it has been laid before and approved by the chambers in secret session, it is my duty to inform Your Excellency that if, as I fear may prove to be the case, the boundary clauses of the Treaty shall be found to embrace any portions of territorial possessions, whether bay, shore, or land which Her Britannic Majesty's Government has officially, distinctly, and uniformly declared that it cannot and does not admit to form lawfully a part of the possessions of the crown of Portugal, I feel assured that I am only forestalling

l'Afrique. D'après une des clauses de ce traité, j'ai des raisons pour croire que le gouvernement portugais a compris dans son territoire certains districts sur lesquels il prétend avoir des droits qui ont toujours été, depuis de longues années, formellement niés par le gouvernement britannique. Je pense qu'on ne peut guère douter (du moins d'après toutes les cartes dont j'ai eu connaissance) que la ligne portugaise de limites établie dans la seconde clause de l'article 23 dudit traité, c'est-à-dire, une ligne tirée à partir d'un point situé sous le 26° 30′ de latitude sud en ligne droite vers l'ouest, embrasserait la partie sud de Delagoa Bay, y compris l'île d'Inyack et le district du continent qui y est parallèle. Je ne devrais pas avoir besoin de rappeler à Votre Excellence, après la correspondance officielle qui a eu lieu à cet égard à diverses époques depuis 1827, que le gouvernement de Sa Majesté Britannique n'a jamais admis la correction de la construction employée par celui du Portugal sur le traité de 1817 à l'égard de la ligne de limites qui y est établie. Les vues du gouvernement britannique furent déclarées distinctement au marquis de Palmella dans une note du comte Dudley, datée du 5 décembre 1827; et le gouvernement de Sa Majesté a uniformément confirmé ces vues chaque fois que la question a été soulevée. Je dois encore prier Votre Excellence d'en référer à la note adressée par le ministre anglais près cette cour, sir A. Magenis, le 18 mars 1862 au marquis de Loulé sur ce même objet, et à laquelle je ne trouve point de réponse dans les archives de cette mission. A des dates plus récentes et surtout au mois d'août 1870, devant mr. Carlos Bento da Silva, et en février devant Votre Excellence, j'ai dû protester de la part du gouvernement de Sa Majesté contre l'acte insoutenable du gouverneur de Mozambique, qui a fait occuper l'île d'Inyack par des troupes portugaises, et je suis heureux de pouvoir ajouter que j'ai reçu en réponse, autant de votre prédecesseur que de vous-même, l'assurance que des instructions avaient été envoyées de Lisbonne, ordonnant l'évacuation immédiate de l'île par les troupes portugaises. Depuis lors, j'ai certainement entendu parler d'un projet de traité comprenant des articles de délimitation entre le gouvernement de Portugal et la république du Transvaal; mais comme l'article final contient la clause que le traité, pour être valable, doit être approuvé et ratifié par Sa Majesté Très-Fidèle, et que les ratifications doivent en être échangées dans un an à compter de la date de la conclusion, c'est-à-dire le 29 juillet 1870, ou auparavant, je présumais que le gouvernement actuel avait refusé de l'adopter et de le ratifier; mais comme j'apprends maintenant qu'il a été présenté aux chambres, et approuvé par elles en séance secrète, il est de mon devoir d'informer Votre Excellence, que si, comme je le crains, les articles du traité relatifs aux frontières, embrassent quelques portions de possessions territoriales, baie, rivage, ou territoire, que le gouvernement de Sa Majesté Britannique ait déclaré officiellement, distinctement et uni-

the instructions I shall receive from Her Majesty's Government when I enter my formal protest, as I now do, against any of the boundary stipulations in the said Treaty which may infringe the rights of the British crown over the southern part of Delagoa Bay and the adjacent territory.

I avail myself of this occasion to renew to Your Excellency the assurance of my highest consideration. = *Ch. A. Murray.*

formément qu'il ne peut admettre, et qu'il n'admet pas comme formant légalement partie des possessions de la couronne de Portugal, je suis sûr que je ne fais que devancer les instructions que je recevrai du gouvernement de Sa Majesté en faisant mon protêt formel, contre toute stipulation dudit traité à l'égard des frontières, qui puisse empiéter sur le droit de la couronne britannique à la partie sud de Delagoa Bay et au territoire adjacent.

Je profite de cette occasion pour réitérer à Votre Excellence l'assurance de ma plus haute considération. = *Ch. A. Murray.*

N.º 75

(Traduction.)

Nota do encarregado de negocios de Inglaterra ao governo portuguez exigindo resposta á nota de 25 de abril relativa ao protesto contra o tratado com o Transvaal — 24 maio 1871

Her Britannic Majesty's Legation — Lisbon, May 24.th, 1871 — Monsieur le ministre. — I have the honour to call Your Excellency's attention to a communication addressed to you by sir Charles Murray, on the 25.th of April last, containing a formal protest against certain boundary stipulations contained in a Treaty about to be concluded between the Government of Portugal, and the Transvaal republic, and also to a Note addressed to Your Excellency on the same subject on the 26.th ultimo under instructions from Her Majest'ys Government.

No reply having been received from Your Excellency at Her Majesty's Legation to the Notes in question, during the past month, I have the honour to request that Your Excellency will favour me with an answer for the information of Her Majesty's Government.

I avail myself of this opportunity to renew to Your Excellency the assurance of my highest consideration. = *William Doria.*

Note du chargé d'affaires d'Angleterre au gouvernement portugais demandant réponse à la note du 25 avril contenant la protestation contre le traité avec le Transvaal — 24 mai 1871

Légation de Sa Majesté Britannique — Lisbonne, ce 24 mai 1871 — Monsieur le ministre. — J'ai l'honneur d'appeler l'attention de Votre Excellence sur une communication qui lui a été adressée par sir Charles Murray, le 25 avril dernier, contenant une protestation formelle contre de certaines stipulations de frontières, contenues dans un traité qui est près d'être conclu entre le gouvernement du Portugal et la république du Transvaal, ainsi que sur une note adressée à Votre Excellence sur le même sujet, le 26 du mois dernier, selon les instructions du gouvernement de Sa Majesté.

Aucune réponse à ces notes n'ayant été reçue dans cette légation de Sa Majesté pendant le mois passé, j'ai l'honneur de demander à Votre Excellence de vouloir bien m'accorder la faveur d'une réponse pour l'information du gouvernement de Sa Majesté.

Je profite de cette occasion pour renouveler à Votre Excellence l'assurance de ma plus haute considération. = *William Doria.*

N.º 76

(Traduction.)

Resposta do governo portuguez á nota antecedente — 3 de julho de 1871

Tive a honra de receber a nota que v. s.ª se serviu dirigir-me em data de 24 de maio ultimo, chamando a minha attenção sobre o assumpto das duas notas que sir Charles A. Murray me havia passado em datas de 25 e 26 de abril precedente, e pedindo uma resposta para a poder transmittir ao governo de Sua Magestade Britannica.

Na primeira das citadas notas impugna sir Charles Murray o direito que Portugal tem a uma parte do territorio comprehendido nos limites fixados no artigo 23.º do tratado de paz, amisade e commercio entre Portugal e a repu-

Réponse du gouvernement portugais à la note précédente — 3 juillet 1871

J'ai eu l'honneur de recevoir la note que vous m'avez adressée, en date du 24 mai dernier, appelant mon attention sur l'objet des deux notes que sir Charles A. Murray m'avait fait parvenir, datées du 25 et du 26 avril précédent, et demandant une réponse pour la transmettre au gouvernement de Sa Majesté Britannique.

Dans la première des notes citées, sir Charles Murray combat le droit du Portugal à une partie du territoire compris dans les limites fixées par l'article 23 du traité de paix, d'amitié et de commerce fait entre le Portugal et la ré-

blica da Africa Austral, concluido e assignado em Pretoria a 29 de julho de 1869, por isso que abrange a parte sul da bahia de Lourenço Marques (Delagoa Bay das cartas inglezas) e a ilha de Unhaca (Inyack), que o governo de Sua Magestade Britannica, segundo se affirma na referida nota, nunca reconheceu, nem reconhece como pertencentes á corôa portugueza.

Na mesma nota protesta sir Charles Murray contra quaesquer limites que infrinjam os direitos que a Gran-Bretanha julga ter sobre aquella parte da bahia de Lourenço Marques e territorio adjacente, referindo-se á nota de lord Dudley de 5 de dezembro de 1827, dirigida ao embaixador de Portugal em Londres, duque (então marquez) de Palmella.

A este respeito cumpre-me dizer a v. s.ª, que á nota de lord Dudley não deixou o mesmo embaixador de replicar, como lhe cumpria, combatendo a errada interpretação que o governo britannico pretendia dar ao artigo 2.º da convenção de 28 de julho de 1817, pelo qual o mesmo governo já havia reconhecido explicita e solemnemente o direito da corôa de Portugal a todos os territorios banhados pela bahia de Lourenço Marques.

Sustentava lord Dudley que, quanto ás possessões designadas no citado artigo, se deveria entender, que ellas se estendiam entre cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques, mas não comprehendia taes territorios *inclusivamente*.

O embaixador de Portugal demonstrou porém, na sua nota de 22 de maio de 1828, dirigida áquelle secretario d'estado, que, dizendo-se no citado artigo, que a corôa de Portugal possue na costa oriental de Africa o territorio comprehendido entre cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques, nunca se poderia entender *excluida* antes *incluida* toda a mesma bahia, muito principalmente possuindo ali ao sul a corôa d'este reino estabelecimentos desde seculos, como é notorio.

Déra causa á questão suscitada entre os dois governos portuguez e britannico o acto praticado pelo capitão Owen em 28 de agosto de 1825, apoderando-se á força do navio inglez *Eleonor*, legalmente detido por ordem das auctoridades portuguezas, no porto de Lourenço Marques, como implicado no crime de contrabando.

Á nota do embaixador de Portugal de 17 de junho de 1826, reclamando contra o insolito procedimento do capitão Owen, respondeu mr. Canning, então principal secretario d'estado de Sua Magestade Britannica na repartição dos negocios estrangeiros, dando a entender na sua nota de 25 de abril de 1827, que o capitão Owen pertendêra justificar o seu procedimento na duvida que tinha de que o territorio de *Maputo* (Mapoota), onde aquelle navio havia sido apprehendido, pertencesse á corôa de Portugal, pedindo por isso mr. Canning informações em que se baseava o direito de soberania d'este reino sobre o territorio em questão.

publique de l'Afrique australe, conclu et signé à Pretoria le 29 juillet 1869, attendu qu'il embrasse la partie sud de la baie de Lourenço Marques (Delagoa Bay des cartes anglaises) et l'île de l'Unhaca (Inyack), que le gouvernement de Sa Majesté Britannique (on l'affirme dans ladite note), n'a jamais reconnu et ne veut pas reconnaître comme appartenant à la couronne de Portugal.

Sir Charles Murray proteste, dans la même note, contre toute fixation de limites en opposition aux droits que la Grande-Bretagne croit avoir sur cette partie de la baie de Lourenço Marques et sur le territoire adjacent, et se rapporte à la note de lord Dudley du 5 décembre 1827, adressée à l'ambassadeur de Portugal à Londres, le duc (alors marquis) de Palmella.

Je dois vous dire à cet égard, que le même ambassadeur n'a pas manqué de répliquer, comme il le devait, à la note de lord Dudley, en combattant l'interprétation erronée que le gouvernement britannique prétendait donner à l'article 2 de la convention du 28 juillet 1817, en vertu duquel article le même gouvernement avait déjà reconnu explicitement et solennellement le droit de la couronne de Portugal à tous les territoires baignés par les eaux de la baie de Lourenço Marques.

Lord Dudley soutenait, à l'égard des possessions désignées dans l'article cité, qu'on devait entendre qu'elles s'étendaient entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques, mais que l'article ne comprenait pas ces territoires *inclusivement*.

L'ambassadeur de Portugal a démontré toutefois dans sa note du 22 mai 1828, adressée à ce ministre, que puisque d'après l'article mentionné, la couronne de Portugal possède sur la côte orientale d'Afrique le territoire compris entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques, on ne pourrait jamais entendre en *exclure* toute cette baie, ayant surtout égard à ce que la couronne de ce royaume y possède au sud des établissements depuis plusieurs siècles, ainsi que cela est notoire.

La question entre les deux gouvernements, a été soulevée par l'acte pratiqué le 28 août 1825 par le capitaine Owen, qui s'est emparé de force du navire anglais *Eleonor*, légalement saisi par ordre des autorités portugaises dans le port de Lourenço Marques, comme impliqué dans un délit de contrebande.

Mr. Canning, qui était alors premier secrétaire d'État de Sa Majesté au ministère des affaires étrangères, a répondu à la note du 17 juin 1826, dans laquelle l'ambassadeur de Portugal réclamait contre le procédé inouï du capitaine Owen, en donnant à entendre, dans sa note du 25 avril 1827, que le capitaine Owen avait prétendu justifier sa manière d'agir sur ce qu'il doutait que le territoire de *Mapouto*, où ce navire avait été capturé, appartînt à la couronne de Portugal; mr. Canning disait avoir demandé des informations à l'égard des bases sur lesquelles reposait le droit de souveraineté de ce royaume sur le territoire en question.

O embaixador de Portugal, em nota datada de 23 de maio de 1827, declarou a lord Dudley que o direito da corôa de Portugal se fundava:

1.º Na prioridade incontestavel da descoberta d'aquella costa africana desde as primeiras viagens dos portuguezes á India.

2.º Nas feitorias portuguezas ali fundadas e defendidas pela fortaleza da bahia de Lourenço Marques, onde havia uma guarnição, destacada da força armada da provincia de Moçambique.

3.º Nas convenções e actos de reconhecimento successivamente reiterados desde seculos por parte dos chefes das povoações que habitavam aquella costa, e que tinham sempre reconhecido a soberania da corôa de Portugal.

4.º Na admissão constante d'esses direitos por parte de todos os governos europeus, que os tinham sempre respeitado, como se podia verificar pela simples inspecção das cartas geographicas.

5.º Finalmente, no citado artigo 2.º da convenção de 28 de julho de 1817, no qual estava a prova de adhesão explicita e formal do proprio governo britannico aos direitos de soberania da corôa de Portugal sobre todos os territorios da costa de Africa Oriental, comprehendidos entre cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques.

Parece que o capitão Owen, ignorando a existencia d'esta convenção, se aproveitára da sua estada na bahia de Lourenço Marques para induzir o regulo de Catembe (Temby) e o de Maputo a assignarem os denominados tratados de 1823, pelos quaes os collocava debaixo da protecção da Gran-Bretanha.

Na sua supracitada nota de 23 de maio de 1827 destruiu porém o embaixador de Portugal a importancia d'esses tratados subrepticios, apresentando a lord Dudley documentos irrefragaveis e comprobativos das relações de soberania existentes entre Portugal e os mencionados regulos, incluindo o protesto assignado pelo proprio regulo Maputo em 8 de outubro de 1823, mezes depois da chamada cessão, em que declarava «que só reconhecia os portuguezes por senhores das suas terras, e nunca tencionára, nem lhe era possivel fazer doação d'ellas a Sua Magestade Britannica, *porque pertenciam ao rei de Portugal*».

A nota de lord Dudley de 5 de dezembro de 1827, acima citada, deixou em pé os solidos argumentos em que se fundava o embaixador de Portugal; e á nota do mesmo embaixador de 22 de maio de 1828, a que acima me refiro, e que serviu de replica á de lord Dudley, nunca respondeu o governo de Sua Magestade britannica.

O mesmo governo, deixando correr trinta e tres annos sem responder áquella nota, e dando com o seu silencio a entender que não podia destruir os argumentos n'ella adduzidos para fundamentar o nosso direito a toda a bahia de Lourenço Marques, resolveu comtudo apoderar-se das ilhas de Unhaca e dos Elephantes, banhadas pelas aguas d'essa bahia.

Dans sa note du 23 mai 1827, l'ambassadeur de Portugal déclara à lord Dudley, que le droit de la couronne de Portugal se fondait:

1° Sur la priorité incontestable de la découverte de cette côte africaine depuis les premiers voyages des Portugais aux Indes.

2° Sur les factoreries portugaises qui y ont été établies et défendues par la forteresse de la baie de Lourenço Marques, où il y avait une garnison détachée de la force armée de la province de Mozambique.

3° Sur les conventions et les actes de reconnaissance successivement réitérés, depuis des siècles, par les chefs des peuplades qui habitaient cette côte, et qui avaient toujours reconnu la souveraineté de la couronne de Portugal.

4° Sur l'admission constante de ces droits par tous les gouvernements de l'Europe, qui les avaient toujours respectés, ainsi que cela pouvait être vérifié par le simple examen des cartes géographiques.

5° Enfin, sur l'article 2, déjà cité, de la convention du 28 juillet 1817, dans lequel on trouve la preuve de l'adhésion explicite et formelle du gouvernement britannique aux droits de souveraineté de la couronne de Portugal sur tous les territoires de la côte de l'Afrique orientale compris entre le cap Delgado et la baie de Lourenço Marques.

Il paraît que le capitaine Owen, ignorant l'existence de cette convention, a profité de son séjour dans la baie de Lourenço Marques pour induire le régule de Catembe (Temby) et celui de Mapouto à signer les soi-disants traités de 1823, par lesquels il les mettait sous la protection de la Grande-Bretagne.

Mais dans sa note sus-mentionnée du 23 mai 1827, l'ambassadeur de Portugal détruisit l'importance de ces traités frauduleux, en présentant à lord Dudley des documents incontestables et comprobatifs des relations de souveraineté existant entre le Portugal et lesdits régules, y compris la protestation signée par le régule Mapouto lui-même, le 8 octobre 1823, quelques mois après ladite cession et dans laquelle il déclarait «qu'il ne reconnaissait que les Portugais comme maîtres de ces terres, qu'il n'avait jamais eu d'autre intention, et qu'il lui était impossible d'en faire donation à Sa Majesté Britannique, vu qu'elles appartenaient au roi de Portugal».

La note de lord Dudley, du 5 décembre 1827, déjà citée, n'a pu renverser les solides arguments sur lesquels l'ambassadeur de Portugal se fondait; et le gouvernement de Sa Majesté Britannique n'a jamais répondu à la note du même ambassadeur du 22 mai 1828, dont j'ai parlé plus haut, et qui a servi de réplique à celle de lord Dudley.

Le même gouvernement, laissant écouler trente-trois années sans répondre à cette note et faisant croire par son silence qu'il ne pouvait détruire les arguments qui y étaient produits dans le but de soutenir notre droit sur toute la baie de Lourenço Marques, a résolu cependant de s'emparer des îles de l'Unhaca et des Éléphants, baignées par les eaux de cette baie.

No mez de novembro de 1861 mandou o governador da colonia do Cabo da Boa Esperança o vapor de guerra *Narcissus* com ordem de arvorar a bandeira ingleza na ponta de Unhaca, e na ilha contigua dos Elephantes, com o fundamento de terem sido declaradas possessões britannicas, e annexadas á colonia de Natal.

Contra um acto tão attentatorio dos direitos da corôa de Portugal, não deixou de protestar logo o governador do districto de Lourenço Marques e o governador geral da provincia de Moçambique, apresentando o ministro de Sua Magestade em Londres, conde de Lavradio, a competente reclamação a lord John Russell em nota datada de 22 de fevereiro de 1862.

Ora, admittindo mesmo que não fossem tão sabidos, como o são indubitavelmente, os direitos da corôa de Portugal aos territorios designados na convenção de 28 de julho de 1817, é innegavel, como já se havia ponderado a lord Clarendon em nota datada de 4 de junho de 1869 do encarregado de negocios de Portugal em Londres, que nenhum direito assiste ao governo de Sua Magestade Britannica para *elle só* interpretar um artigo cujo sentido pretende pôr em duvida.

A designação da bahia de Lourenço Marques, como limite sul dos dominios portuguezes na Africa oriental, não póde deixar de entender-se *inclusivamente,* assim como o cabo Delgado, limite norte, tem sido sempre entendido *inclusivamente* por todas as nações e pela propria Gran-Bretanha.

O acto mais recente d'esse reconhecimento é o tratado de 29 de julho de 1869 com a republica da Africa austral, já ratificado por parte de Portugal, e no qual o limite sul do nosso territorio é fixado por uma recta tirada de 26° 30′ de latitude sul.

Os limites fixados pelo presidente Pretorius na sua proclamação de 29 de abril de 1868, a que se refere sir Charles Murray na sua segunda nota de 26 de abril, a que tambem respondo, caducaram com a negociação d'aquelle tratado. Contra o disposto n'essa proclamação, pela qual se pretendia annexar certa porção de territorio á mesma republica, não deixou de protestar logo o plenipotenciario portuguez, como era do seu rigoroso dever.

O facto que se allega de haver o governo de Sua Magestade mandado ultimamente desoccupar a ilha de Unhaca, prova a boa fé do mesmo governo, e o desejo que tem de manter o *statu quo* emquanto a questão que se debate não for definitivamente resolvida.

Em vista pois do que fica ponderado confia o governo de Sua Magestade que v. s.ª e o seu governo não deixarão de reconhecer o direito que a corôa de Portugal tem á parte sul da bahia de Lourenço Marques, e o nenhum fundamento com que se pretende pôr em duvida o mesmo direito.

Por esta occasião remetto a v. s.ª um exemplar da memoria recentemente publicada pelo visconde de Paiva Manso, ácerca da possessão portugueza de Lourenço Marques, renovando

En novembre 1861 le gouvernement de la colonie du cap de Bonne-Espérance envoya le vapeur de guerre *Narcissus,* avec ordre d'arborer le drapeau anglais sur la pointe de l'Unhaca et sur l'île des Éléphants, déclarées possessions britanniques et annexées à la colonie du Natal.

Le gouverneur du district de Lourenço Marques s'empressa de protester aussitôt contre un acte si attentatoire aux droits de la couronne de Portugal, ainsi que le gouverneur général de la province de Mozambique; et le ministre de Sa Majesté à Londres, le comte de Lavradio adressa la réclamation compétente à lord John Russell dans sa note datée du 22 février 1862.

Or, en admettant même que les droits de la couronne de Portugal aux territoires désignés dans la convention du 28 juillet 1817, ne fussent pas aussi indubitablement connus qu'ils le sont, on ne peut nier, comme le chargé d'affaires de Portugal à Londres l'avait déjà représenté à lord Clarendon dans sa note du 4 juin 1869, que le gouvernement de Sa Magesté Britannique n'a aucun droit d'interpréter, *seul,* un article dont il prétend mettre en doute le sens.

La désignation de la baie de Lourenço Marques comme limite sud des domaines portugais dans l'Afrique orientale, ne peut être prise que dans le sens *d'inclusivement,* de même que le cap Delgado, limite nord, a toujours été entendu *inclusivement* par toutes les nations et par la Grande-Bretagne elle-même.

L'acte le plus récent de cette reconnaissance est le traité du 29 juillet 1869, avec la république de l'Afrique australe, traité déjà ratifié par le Portugal, et dans lequel la limite sud de notre territoire est fixée par une ligne droite tirée du 26° 30′ de latitude sud.

Les limites fixées par le président Pretorius dans sa proclamation du 29 avril 1868, dont sir Charles Murray fait mention dans sa seconde note du 26 avril, à laquelle je réponds, ont été annullées par la négociation de ce traité. Le plénipotentiaire portugais, et tel était son devoir, n'a pas manqué de protester contre cette proclamation par laquelle on prétendait annexer cette portion de territoire à la même république.

Le fait qui est allégué, et qui consiste en ce que le gouvernement de Sa Majesté a fait évacuer dernièrement l'île de l'Unhaca, prouve la bonne foi du même gouvernement et le désir qu'il a de maintenir le *statu quo* tant que le conflit ne sera pas définitivement résolu.

D'après ce qui vient d'être exposé, le gouvernement de Sa Majesté attend avec toute confiance que vous ne manquerez pas de reconnaître, ainsi que votre gouvernement, le droit de la couronne de Portugal à la partie sud de la baie de Lourenço Marques, et le peu de raison qu'on a pour mettre en doute ce même droit.

Je vous envoie à cette occasion un exemplaire du mémoire récemment publié par le vicomte de Païva Manso sur la possession portugaise de Lourenço Marques, et je vous renou-

eu a v. s.ª as seguranças da minha distincta consideração.

Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 3 de julho de 1871.

velle l'assurance de ma considération distinguée.

Ministère des affaires étrangères, ce 3 juillet 1871.

N.º 77

Nota do encarregado de negocios de Inglaterra em Lisboa sobre a linha de limites estabelecida entre Portugal e a republica do Transvaal — 17 julho 1871

Her Britannic Majesty's Legation Lisbon, July 17.th 1871.—Monsieur le Ministre, I have the honour to acknowledge the receipt of Your Excellency's note of the 3.d of July which I received on the 6.th instant, regarding the treaty which Your Excellence inform me has been ratified on the part of the Portuguese Government with the Transvaalic Republic, and also bearing reference to the question of the boundary line between the English and Portuguese possessions in Delagoa Bay.

I took the earliest opportunity te forward Your Excellency's communication to the Earl Granville; but it is impossible for me to receive any reply to that communication from Her Majesty's Government yet for some days, owing to the time required for the transmission of letters between England and Portugal.

I received this morning a despatch from the Earl Granville on this subject, and His Lordship instructs me to enquire from the Portuguese Government by what title the Government of His Most Faithful Majesty claims the boundary set forth in detail in the 2.d section of the 23.d article of the Treaty between the South African Republic and Portugal, of July 29.th 1869: and I am further instructed to state to Your Excellency that Her Majesty's Government do not recognize the claim of Portugal to any point on the East Coast of Africa, south of the old Factory of Lourenço Marques on the inlet of that name at the mouth of the English River Delagoa Bay.

I avail myself of this opportunity to renew to Your Excellency the assurance of my highest consideration.=*W.m Doria.*

(Traduction.)

Note du chargé d'affaires d'Angleterre à Lisbonne sur la ligne de limites établie entre le Portugal et la république du Transvaal — 17 juillet 1871

Légation de Sa Majesté Britannique.—Lisbonne, ce 17 juillet 1871.—Monsieur le ministre.—J'ai l'honneur d'accuser réception à Votre Excellence de sa note du 5 juillet, que j'ai reçue le 6 courant, au sujet du traité qui, ainsi que Votre Excellence m'en donne information, a été ratifié par le gouvernement portugais avec la république du Transvaal, et relative également à la question de la ligne de frontières entre les possessions anglaises et les possessions portugaises dans la baie Delagoa.

J'ai profité de la première occasion pour envoyer la communication de Votre Excellence au comte Granville; mais il m'est impossible de recevoir une réponse du gouvernement de Sa Majesté à cette communication avant quelques jours encore, à cause du temps nécessaire à la transmission des lettres entre l'Angleterre et le Portugal.

J'ai reçu ce matin une dépêche du comte Granville sur ce sujet, et il m'ordonne de savoir du gouvernement portugais quel est le titre en vertu duquel le gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle réclame les frontières établies en détail dans la 2e section de l'article 23 du traité entre la République du sud de l'Afrique et le Portugal, du 29 juillet 1869; et je suis en outre chargé de déclarer à Votre Excellence que le gouvernement de Sa Majesté ne reconnaît pas les droits du Portugal à un seul point de la côte orientale d'Afrique au sud de l'ancienne factorerie de Lourenço Marques à l'embouchure de la Rivière Anglaise *(English River)* à Delagoa Bay.

Je profite de cette occasion pour renouveler à Votre Excellence l'assurance de ma plus haute considération=*W.m Doria.*

N.º 78

Sentença do Presidente dos Estados Unidos, arbitro na questão de Bolama, entre Portugal e a Inglaterra.
21 de abril de 1870

Ulysses S. Grant, President of the United States. To whom it shall concern, Greeting.

The functions of Arbiter having been conferred upon the President of the United States, by virtue of a Protocol of a conference held in Lisbon, in the Foreign Office, on the thirteenth day of January, in the year of Our Lord eigh-

(Traduction.)

Jugement arbitral du président des États-Unis, dans l'affaire de l'île de Boulama, entre le Portugal et l'Angleterre.
21 avril 1870

Ulysses S. Grant, président des États-Unis. A tous ceux à qui il appartiendra:

Les fonctions d'arbitre ayant été conférées au président des États-Unis en vertu du protocole de la conférence tenue à Lisbonne, au ministère des affaires étrangères, le 31 janvier de l'an de Notre-Seigneur 1868, entre le ministre

teen hundred and sixty-eight, between the Minister and Secretary of State for Foreign Affairs of His Most Faithful Majesty the King of Portugal, and Her Britannic Majesty's Envoy Extraordinary and Minister Plenipotentiary, whereby it was agreed that the respective claims of His Most Faithful Majesty's Government, and of the Government of Her Britannic Majesty, to the Island of Bulama on the Western Coast of Africa, and to a certain portion of territory opposite to that island, on the mainland, should be submitted to the arbitration and award of the President of the United States of America, who should decide thereupon finally and without appeal;

And the written or printed case of each of the two parties, accompanied by the evidence offered in support of the same, having been laid before the Arbiter within six months from the date of the said Protocol, and a copy of such case and evidence having been communicated by each party to the other, trough their respective Ministers at Washington, and each party, after such communication had taken place, having drawn up and laid before the Arbiter a second and definitive statement in reply to the case of the other party so communicated, which said definitive statements were so laid before the Arbiter, and were also mutually communicated, in the same manner as aforesaid, by each party to the other, within six months from the date of laying the first statement before the Arbiter;

And it appearing that neither party desires to apply for any report or document in the exclusive possession of the other party, which has been specified or alluded to in any of the cases submitted to the Arbiter, and that neither party desires to be heard by counsel or agent in relation to any of the matters submitted in this arbitration;

And a person named by the Arbiter for that purpose, according to the terms of the said Protocol, having carefully considered each of the said written or printed statements so laid before the Arbiter, and the evidence offered in support of each of the same, and each of the said second or definitive statements;

And it appearing that the said Island of Bulama, and the said mainland opposite thereto were discovered by a Portuguese navigator in 1446; that long before the year 1792 a Portuguese settlement was made at *Bissao,* on the river *Jeba,* which said settlement has ever since been maintained under Portuguese sovereignty; that in the year 1699, or about that time, a Portuguese settlement was made at *Guinala* on the *Rio Grande,* which last named settlement in the year 1778 was «a large village, inhabited only by Portuguese, who had been there from father to son for a long time»; that the coast line from *Bissao* to *Guinala,* after crossing the river Jeba, includes the whole coast on the mainland, opposite to the Island *Bulama;* that the Island of *Bulama* is adjacent to the mainland, and so near to it that animals cross at low water; that in 1752 formal claim was made by Portugal to the Island of *Bulama,*

et secrétaire d'État pour les affaires étrangères de Sa Majesté Très-Fidèle le roi de Portugal, et l'envoyé extraordinaire et ministre plénipotentiaire de Sa Majesté Britannique; et sur la résolution prise que les prétentions respectives des deux gouvernements de Leurs Majestés Très-Fidèle et Britannique à l'île de Boulama sur la côte occidentale d'Afrique et à une certaine portion de territoire en face de cette île, dans la terre ferme, seraient soumises à l'arbitrage du président des États-Unis d'Amérique, pour juger ces prétentions en dernière instance et sans appel;

Les mémoires écrits ou imprimés de chacune des deux parties, accompagnés des documents produits à l'appui, ayant été présentés à l'arbitre dans le délai de six mois de la date dudit protocole, les copies de ces mémoires et documents ayant été communiquées réciproquement par les deux parties par leurs ministres à Washington; et chacune des deux parties ayant, après cette communication, présenté encore à l'arbitre un second et définitif mémoire en réplique à celui de l'autre partie, et dont elles ont également fait communication réciproque, dans le délai de six mois de la date de la présentation du premier mémoire;

Comme aucune des deux parties n'exige la production d'aucun rapport ou document qui soit en la possession exclusive de l'autre, et dont on ait fait mention dans les mémoires soumis à l'arbitre; ni ne demande à se faire représenter par avocat ou agent sur quelqu'un des points soumis à l'arbitrage;

Une personne nommée par l'arbitre, en conformité des termes dudit protocole ayant soigneusement étudié chacun des mémoires écrits ou imprimés présentés à l'arbitre, et les documents produits à l'appui, de même que les seconds et derniers mémoires:

Attendu qu'il est prouvé que l'île de Boulama, et ladite portion de territoire en face ont été découvertes par un navigateur portugais en 1446; que bien avant l'année 1792 les Portugais avaient fait un établissement à *Bissau,* sur la rivière de *Geba,* lequel a été maintenu dès lors dans la souveraineté portugaise; qu'en 1609 ou à peu près, les Portugais avaient fait un autre établissement à *Guinala* dans le *Rio Grande,* lequel établissement constituait en 1778 un grand village habité seulement par des Portugais y vivant depuis longtemps de pères en fils, que la ligne de la côte de *Bissau* à *Guinala,* après avoir croisé la rivière de *Geba,* embrasse toute la côte sur la terre ferme en face de l'île de *Boulama;* que l'île de *Boulama* est adjacente à la terre ferme, dont elle est si prochaine que des animaux peuvent se rendre d'un bord à l'autre à la marée basse; que le Portugal a fait en 1752 la réclamation formelle de l'île de *Bou-*

which claim has been ever since asserted; that the island was not inhabited prior to 1792, and was unoccupied, with the exception of a few acres thereof at the west end, which were used by a native tribe for the purpose of raising vegetables; that the British title is derived from an alleged cession by native chiefs in 1792, at which time the sovereignty of Portugal had been established over the mainland, and over the Island of Bulama; that the Portuguese Government has not relinquished its claim, and now occupies the island with a Portuguese settlement of about seven hundred persons; that attempts have been made since 1792 to fortify the British claim by further similar cessions from native chiefs; and that none of the acts done in support of the British title have been acquiesced in by Portugal; and no further elucidation or evidence with regard to any point contained in the statements so laid before the Arbiter being required:

Now, therefore I, Ulysses S. Grant, President of the United States, do award and decide that the claims of the Government of His Most Faithful Majesty the King of Portugal to the Island of Bulama, on the Western Coast of Africa, and to a certain portion of territory opposite to this island on the mainland, are proved and established.

(L. S.) In testimony whereof, I have hereunto set my hand, and have caused the seal of the United States to be hereto affixed.

Done in triplicate, in the city of Washington, on the 21.st day of April in the year of Our Lord 1870, and of the Independence of the United States of America the 94.th [1]

By the President,
U. S. Grant.
Hamilton Fish,
Secretary of State.

lama, et l'a toujours maintenue; que l'île n'était pas habitée avant 1792, et n'était pas occupée, sauf quelques acres du côté du couchant exploités par une tribu indigène pour la récolte de végétaux; que le titre de l'Angleterre découle d'une prétendue cession des chefs indigènes en 1792, époque à laquelle la souveraineté du Portugal était déjà établie sur la terre ferme et sur l'île de *Boulama;* que le gouvernement portugais n'a pas abandonné sa réclamation, et occupe à présent l'île avec un établissement portugais d'environ sept cents personnes; que l'Angleterre a essayé dès 1792 de fortifier ses prétentions par d'autres concessions pareilles obtenues des chefs indigènes; et que le Portugal n'a jamais accédé à aucun des actes pratiqués à l'appui du titre de l'Angleterre: et aucun autre éclaircissement ou document concernant quelque point contenu dans les mémoires, ainsi présentés à l'arbitre, n'étant nécessaire:

Moi, Ulysses S. Grant, président des États-Unis, je juge et décide que les prétentions du gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle le Roi de Portugal à l'île de Boulama, sur la côte occidentale d'Afrique, et à une certaine portion de territoire en face de cette île sur la terre ferme sont dûment prouvées et établies.

(L. S.) En témoignage de quoi j'ai signé de ma main, et j'ai fait apposer le sceau des États-Unis.

Fait en triplicata dans la ville de Washington le 21 avril de l'année de Notre-Seigneur 1870, la 94ème de l'indépendance des États-Unis d'Amérique [1].

Par le président,
U. S. Grant.
Hamilton Fish,
Secrétaire d'État.

N.° 79

(Traduction.)

Condições da vassallagem do rei de Monomotapa á corôa portugueza — 24 de maio de 1629

Primeiramente que se lhe entregava este reino em nome de El-Rei de Portugal nosso senhor, a quem elle reconhecerá como seu vassalo, pois lhe dá este reino tomado por seus vassallos pelas traições que contra El-Rei nosso senhor commetteu, quebrando a fé e palavra de irmão em armas, e juntamente matando seu embaixador, e roubando e matando os mercadores que andavam por suas terras vendendo suas fazendas debaixo de sua fé e palavra, e reconhecerá a todos os capitães que vierem á fortaleza de Moçambique, e aos que tiverem seus poderes.

[1] *Documentos relativos á questão dos direitos de Portugal á soberania da ilha de Bolama,* etc., segunda collecção (1834–1870) Lisboa, 1870, pag. 143 e seg.

Conditions du vasselage de l'empereur du Monomotapa à la couronne portugaise — 24 mai 1629

Ce royaume de Monomotapa est confié à l'empereur, au nom du roi de Portugal, notre maître, qui veut bien le reconnaître comme son vassal, et lui donner ce royaume pris par ses sujets à cause des trahisons qu'il a commises contre Sa Majesté, manquant à la foi et à la parole donnée comme frère, tuant son ambassadeur, et pillant et massacrant les marchands qui trafiquaient dans ses terres à l'abri de sa foi et de sa parole. L'empereur reconnaîtra tous les capitaines nommés gouverneurs de la forteresse de Mozambique, ou leurs délegués.

[1] *Documentos relativos á questão dos direitos de Portugal á soberania da ilha de Bolama,* etc., deuxième collection (1834–1870) Lisbonne, 1870, p. 143 et suiv.

Que elle dito Rei deixará fazer igrejas a todos os religiosos de qualquer ordem que forem em seu zimbahé, e em todas as mais terras dos seus reinos, e fazer christãos a todos os que quizerem recêber o santo baptismo, sem haver pessoa que o contradiga, tratando os religiosos como pessoas sagradas a quem se deve muito respeito.

Que os embaixadores que vierem fallar com elle entrarão em seu zimbahé calçados e cobertos, com suas armas na cinta, assim como se falla com El-Rei de Portugal, e lhe dará cadeira para se assentarem sem baterem palmas; e os mais portuguezes que fallarem com elle será na fórma do embaixador, e lhe dará uma machira para se assentarem.

Tratará com muito respeito ao capitão que for da Massapa, e lhe dará seu logar aos meamocuros que fizer em seu reino, ácerca da guerra e mais novidades que houver, tomará parecer com elle, e poderá vir ao zimbahé todas as vezes que quizer, sem por isso ser obrigado a dar fato, e o mesmo a seus motumes; e os que o Rei mandar á praia ou ao capitão do Massapa não lhe darão fato algum, nem elles o pedirão, e ao capitão do Massapa lhe dará as terras acostumadas, e a feira de Loaze lhe dará a terra que foi de Inhama Fufurano, e a Beza do Mapundo e Pallalua do Chuabo assistirá o capitão no seu zimbahé, e lhe dará de vestir.

Terá muito respeito aos portuguezes que andarem sambagando por suas terras, juntamente a seus mercadores, sem por isso lhe pedirem nada seu em quoces, e as empofias que houver se virão julgar diante do capitão do Massapa.

Não consentirá em seu zimbahé que nenhum mercador nosso, mequoque, nem cafre se empaduque em suas terras, nem case com filha de Mocoranga nem Batongadó, pena da dita mulher ficar cativa do dono do negro, e será obrigado a mandar entregar a qualquer negro empadivado aonde estiver.

Libertará suas terras para os portuguezes poderem andar por ellas, e agasalharem-se em seus logares; e fazendo-se algum roubo será obrigado a mandar entregar o ladrão ao capitão do Massapa, sem para isso se tirar fato.

Não dará nenhuma terra de oiro a pessoa alguma, de qualquer qualidade que seja, por ser muito em prejuizo da mercancia e contrato da fortaleza de Moçambique.

Deixará emgair por todo seu reino, e abrir quantas minas quizerem, sem as mandar tapar, por d'ahi se seguir muito proveito a El-Rei e aos mercadores, e ficarem as suas terras muito grossas.

Que dentro em um anno botará todos os mouros fóra de seu reino, e os que d'ali adiante forem achados os matarão os portuguezes, e lhes tomarão suas fazendas para El-Rei de Portugal.

E porque o forte de Tete tem sujeitado algumas terras ao redor, lhe ficarão annexas para que Sua Magestade se sirva d'ellas; as quaes dos

Il permettra à tous les religieux, à quelque ordre qu'ils appartiennent, qui se rendront à son *zimbahé,* et dans toutes les autres terres de son royaume, d'élever des églises, et à tous ceux qui voudront se faire chrétiens de recevoir le baptême, sans que personne ne les contrarie, et il traitera les religieux comme des personnes sacrées à qui tout respect est dû.

Les ambassadeurs qui viendront lui parler entreront dans son *zimbahé* couverts, les pieds chaussés, et avec leurs armes à la ceinture, comme s'ils étaient devant le roi de Portugal; il leur donnera des sièges pour s'asseoir, et ils ne seront pas soumis au cérémonial du battement des mains; les autres Portugais lui parleront comme les ambassadeurs et recevront une *machira* (natte) pour s'asseoir.

Il traitera respectueusement tous les capitaines de Massapa, et leur donnera placè aux *meamocuros* (assemblées) qu'il fera dans son royaume, à l'occasion de la guerre ou d'autres événements; il prendra conseil avec eux, et ils pourront venir au *zimbahé* toutes les fois qu'ils le voudront, sans être obligés d'apporter des présents pour lui ou pour ses *motumes* (chefs); et on n'en donnera pas à ceux que le roi enverra à la fortresse ou au capitaine de Massapa; selon l'usage il fera donner à ce capitaine de Massapa des terres, et la foire de Loaze lui cédera la terre qui a appartenu à Inhama Fufurano; et Beza de Mapundo et Pallalua de Chuabo restera avec lui dans son *zimbahé.*

Il respectera les Portugais qui parcourront ses terres pour faire le commerce sans qu'il leur soit rien demandé à titre de *quoces* (tribut), et les différends *(empofias)* qu'il y aura seront jugés devant le capitaine de Massapa.

Il ne permettra pas que nos marchands, nos *mequoques,* ou nos cafres se cachent dans ses terres, ou se marient à des filles de Mocoranga ou de Batongadó, sous peine pour la femme de devenir esclave du seigneur du noir; et il sera obligé de faire remettre tout noir qui se sera enfui dans ses terres.

Il permettra aux Portugais de parcourir ses terres et d'y demeurer; et si quelque vol a lieu, il sera obligé de livrer le voleur au capitaine de Massapa, sans rien exiger pour cela.

Il ne fera aucune concession de terrains aurifères, quelqu'en soit la qualité, pour ne pas porter atteinte à l'exclusif du commerce réservé par le gouvernement portugais au profit de la forteresse de Mozambique.

Il laissera faire des explorations dans tout son royaume et exploiter toutes les mines sans y mettre obstacle, attendu que le roi et les marchands en retirent beaucoup d'avantage, et que ses domaines en sont enrichis.

Il chassera tous les Maures de son royaume, dans le délai d'un an; et tous ceux qui s'y trouveront, passé ce délai, seront mis à mort et leurs propriétés confisqués au profit du roi de Portugal.

Et comme aux environs du fort de Tete on a soumis quelques terres, elles lui seront annexées pour le service de Sa Majesté, et en fera vi-

monganos da Chirnua até Tete, e dos monganos de Mocomoara até o Mongano, e de Jhamacoso para Tete e para o Zoenha mandará visite.

Mandará visitar ao governador que vier cada tres annos á fortaleza de Moçambique no principio do seu governo, e será obrigado a lhe mandar tres pastas de Botonga, e o dito governador lhe mandará seu sageate.

Será obrigado a mandar saber por todo o reino onde ha prata, e avisar ao capitão do Massapa para que o faça saber ao governador, e mandando Sua Magestade mineiros a poderão buscar por todas as suas terras, e cava-la libertamente. = *Manuza* + imperador de Monomotapa.

siter celles qui s'étendent depuis les *monganos* de Chirnua jusqu'à Tete, et depuis les *monganos* de Mocomoara jusqu'au Mongano et depuis Jhamacoso jusqu'à Tete et au Zoenha.

Il fera visiter tous les trois ans le nouveau gouverneur de la forteresse de Mozambique dès qu'il pendra possession de son gouvernement, et il sera obligé de lui envoyer trois lingots de Botonga, et ledit gouverneur lui enverra un présent.

Il fera chercher par tout son royaume les mines d'argent, et en avisera le capitaine de Massapa pour qu'il en informe le gouverneur; et lorsque Sa Majesté enverra des mineurs ils pourront chercher l'argent dans toutes ses terres, et les creuser librement. = *Manuza* + empereur de Monomotapa.

Aos 24 dias do mez de maio de 1629 annos ajuntou Manuel Gomes Serrão, capitão mór d'esta guerra aos religiosos, capitães, casados e soldados, perante todos e d'El-Rei e seus grandes, lhe leu os capitulos atrás, se era contente de estar por elles, e cumpri-los assim como lhe foram lidos e lhes declararam. Respondeu o dito Rei, imperador de Manomotapa, que elle era vassallo de Sua Magestade, e seria sempre elle e seus descendentes, e promettia de os guardar na fórma que lhe foram lidos; em fé do qual me assignei, e justifico estar elle assignado com uma cruz que vi fazer com a sua mão, e as letras do nome faze-las o reverendo padre vigario da vara de Tete e vigario d'esta empreza, frei Luiz do Espirito Santo, religioso professo da ordem dos prégadores. E se assignou o capitão mór aqui commigo com os mais que presentes estavam. = *Manuel Cabral* = *Manuel Gomes Serrão,* capitão mór = *Frei Luiz do Espirito Santo,* vigario da vara = *Frei Gonçalo Ribeiro,* vigario do Massapa = *Lourenço Pereira* = *Antonio Camello Brochado* = *Luiz Aranha Caldeira* = *Manuel Rodrigues Leal* = *Miguel de Magalhães* = *Luiz Ribeiro* = *Gonçalo Fernandes Franco* = *Gaspar Pereira Cabral* = *Domingos Froes de Brito* = *de João Rodrigues Varella* = *Domingos Cardoso* = *Belchior de Araujo* = *Marcos do Avellar* = *João Pereira Rebello* = *Pedro da Costa.*

O qual treslado de capitulações do contrato que os ditos portuguezes fizeram com o Rei Manomotapa, eu, João Coelho, escrivão do publico judicial do forte de Tete, por Sua Magestade, mandei aqui tresladar do proprio original bem e fielmente, sem acrescentar nem diminuir cousa alguma que duvida faça, e certifico que a este se póde dar inteira fé e credito que se costuma dar aos similhantes em juizo e fóra d'elle, em fé do qual me assignei aqui do meu signal raso acostumado, que tal é como se segue; em Tete, aos 28 dias do mez de junho do anno de 1629. = *João Coelho*[1].

[1] *Boletim da provincia de Moçambique,* n.º 29 de 15 de abril de 1864, pag. 366.

Le 24 mai 1629, Manuel Gomes Serrão, capitaine-major de cette expédition, a réuni les religieux, les capitaines, les hommes mariés et les soldats, et en présence de tous, du roi et de ses courtisans, il leur a lu les articles sus-mentionnés, demandant au roi s'il était content de s'y soumettre et de les observer ainsi qu'ils avaient été lus et déclarés. Ledit roi, empereur du Monomotapa, a répondu qu'il était vassal de Sa Majesté, et qu'il le serait toujours, lui et ses descendants, et qu'il promettait d'observer les articles dans la forme qu'ils lui avaient été lus; en foi de quoi j'ai signé et je certifie que le roi a signé au moyen d'une croix que je lui ai vu faire de sa propre main, les lettres de son nom ayant été tracées par le révérend père vicaire général de Tete et aumônier de cette expédition, frère Luiz do Espirito Santo, religieux de l'ordre des Dominicains. Et le capitaine-major a signé ici avec moi et avec tous les présents. = *Manuel Cabral* = *Manuel Gomes Serrão,* capitaine-major. = Frère *Luiz do Espirito Santo,* vicaire général. = Frère *Gonçalo Ribeiro,* vicaire du Massapa = *Lourenço Pereira* = *Antonio Camello Brochado* = *Luiz Aranha Caldeira* = *Manuel Rodrigues Leal* = *Miguel de Magalhães* = *Luiz Ribeiro* = *Gonçalo Fernandes Franco* = *Gaspar Pereira Cabral* = *Domingos Froes de Brito* = *de João Rodrigues Varella* = *Domingos Cardoso* = *Belchior de Araujo* = *Marcos de Avelar* = *João Pereira Rebello* = *Pedro da Costa.*

Cette copie des stipulations du traité que lesdits Portugais ont fait avec le roi Monomotapa, moi, João Coelho, greffier public judiciaire du fort de Tete, pour Sa Majesté, je l'ai fait copier du propre original bien et fidèlement, sans rien ajouter ni rien diminuer qui puisse occasionner de doute, et je certifie que l'on peut donner à cette copie la foi entière qu'on donne aux copies de cette nature en justice et hors d'elle; en foi de quoi j'ai signé et apposé ma griffe de coutume, ainsi que suit, à Tete, ce 28 juin de l'année 1629. = *João Coelho*[1].

[1] *Bulletin de la province de Mozambique,* nº 29 du 15 avril 1864, p. 366.

N.º 80

Doação feita pelo regulo Capella do Tembé á corôa portugueza das suas terras — 10 de novembro de 1794

No anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1794, aos 10 dias do mez de novembro, nas terras do regulo Capella, na povoação de Massangana, sendo ahi presente o sr. governador interino José Correia Monteiro de Mattos e mais officiaes e officiaes inferiores e soldados abaixo assignados, appareceu o dito regulo Capella em companhia dos seus conselheiros e parentes; e disse elle dito regulo que por sua livre e espontanea vontade doava para a corôa do reino de Portugal as terras sitas de principio de Massangana de parte de SE. até á distancia de uma legua beiramar de parte de O., e de largura pela terra dentro de um quarto de legua; e disse que fazia a dita doação em reconhecimento do beneficio que recebeu do governador d'esta bahia o sr. Luiz Correia Monteiro de Mattos, que concorreu com algum dispendio seu para o dito regulo tornar a reinar, de que se achava deposto pelos seus sublevados vassallos; e disse mais que os habitantes da referida terra doada á corôa de Portugal seriam sujeitos e subordinados a este governo, e que podia pôr e dispôr como limites da nossa soberana Rainha de Portugal, e assim todos os ditos conselheiros; a saber: José Sacique, Mamujuari Guanguane, Chirinda Bongue, Coconbe Cumbane, Muanhim Inlhati, Totuane Chirete, Majousse Pochane e Maxivene; de commum accordo convieram e deram posse, que o dito governador interino tomou em nome de Sua Magestade Fidelissima a Rainha de Portugal, e por haver dado a referida posse o dito regulo Capella e os referidos conselheiros juraram na fórma do seu rito e costume, e se assignaram com o seu signal de costume, e por haver a referida posse, em fé da verdade fiz este auto publico, eu, João Gonçalves de Sequeira, escrivão da fazenda real, que o escrevi e me assignei.

Bahia de Lourenço Marques, 10 de novembro de 1794 annos.=*João Gonçalves de Sequeira*=Signal do regulo Capella=Signal de José Sucique=Signal de Mamujuari Guanguane=Signal de Chirinda Bongue=Signal de Cocombe Cumbane=Signal de Muanhim Inlhati=Signal de Totuane Chirete=Signal de Majousse Pochane.=Signal de Maxivene.

Certifico eu, José Correia Monteiro de Mattos, governador interino d'esta bahia, ser verdade tomar a posse em nome de Sua Magestade Fidelissima das terras que doou o regulo Capella para a corôa do reino de Portugal em signal de reconhecimento que o dito regulo teve do auxilio d'este governo para entrar no seu reino, que se achava deposto d'elle, e por ser verdade tomar a referida posse, me assignei com o official e officiaes inferiores e soldados da guarnição d'este destacamento da bahia de Lourenço Marques, 10 de novembro de 1794 annos.=*José Correia Monteiro de Mattos*, tenente commandante=

(Traduction.)

Donation que le régule Capella de Tembé fit de ses terres à la couronne portugaise — 10 novembre 1794

En l'année 1794 de la naissance de Notre-Seigneur Jésus-Christ, le 10 du mois de novembre, sur le territoire du régule Capella, et dans la bourgade de Massangana, en présence du gouverneur par interim, José Correia Monteiro de Mattos, ainsi que de l'officier, des sous-officiers et des soldats soussignés, a comparu ledit régule Capella accompagné de ses conseillers et de ses parents; et ledit régule a dit que de sa volonté libre et spontanée, il faisait donation à la couronne du royaume de Portugal des terres situées à partir de Massangana du côté du SE. jusqu'à la distance d'une demi-lieue au bord de la mer du côté O., et sur une largeur d'un quart de lieue vers l'intérieur; et il a dit qu'il faisait ladite donation en reconnaissance du service qu'il avait reçu du gouverneur de cette baie, le sieur Luiz Correia Monteiro de Mattos, qui a contribué de ses deniers pour que ledit régule reprît le pouvoir dont il avait été dépossédé par ses vassaux révoltés. Il a dit en outre que les habitants du territoire mentionné donné à la couronne de Portugal seraient sujets et subordonnés de ce gouvernement, qui pouvait en disposer comme appartenant à la reine de Portugal, notre souveraine. Et tous les conseillers; savoir: José Sacique, Mamujuari Guangane, Chirinda Bongue, Cochambe Cumbane, Muanhim Inlhati, Totuane Chirete, Majousse Pochane et Maxivene, d'un commun accord en ont conféré la possession, qui a été reçue par ledit gouverneur par interim, au nom de Sa Majesté Très-Fidèle la reine de Portugal. Et ledit régule Capella et les conseillers sus-nommés ont juré selon leur rite et coutume avoir donné ladite possession, et ont signé en apposant leur griffe d'usage; et, moi, João Gonçalves de Sequeira, greffier des finances, j'ai dressé cet acte public de prise de possession, que j'ai écrit et signé.

Baie de Lourenço Marques, ce 10 novembre 1794.=*João Gonçalves de Sequeira*=Griffe du regule Capella=Griffe de José Sucique=Griffe de Mamujuari Guangane=Griffe de Chirinda Bongue=Griffe de Cocombe Cumbane=Griffe de Muanhim Inlhati=Griffe de Totuane Chirete=Griffe de Majousse Pochane=Griffe de Maxivene.

José Correia Monteiro de Mattos, gouverneur par interim de cette baie, je certifie qu'il est vrai que j'ai pris possession au nom de Sa Majesté Très-Fidèle, des terres dont le régule Capella a fait donation à la couronne du royaume de Portugal en signe de reconnaissance dudit régule pour le secours qui lui a été donné par ce gouvernement pour rentrer dans sa royauté dont il était dépossédé; et en témoignage de la prise de possession, j'ai signé le présent acte avec l'officier, les sous-officiers, et les soldats de la garnison de ce détachement de la baie de Lourenço Marques, ce 10 novembre 1794.=*José*

Luiz José, alferes=*Pedro Semião*, sargento=*João Antonio de Azevedo*, cabo=*José Miguel de Paiva*=*Manuel Antonio Gonçalves*=*Joaquim José Mascarenhas*=*Francisco Xavier da Fonseca*=*João José*=*Salvador Leite Pereira*=*Rodrigo de Carvalho*=*José de Figueiredo*[1].

Correia Monteiro de Mattos, lieutenant-commandant=*Luiz José*, enseigne=*Pedro Semião*, sergent=*João Antonio de Azevedo*, caporal=*José Miguel de Paiva*=*Manuel Antonio Gonçalves*=*Joaquim José Mascarenhas*=*Francisco Xavier da Fonseca*=*João José*=*Salvador Leite Pereira*=*Rodrigo de Carvalho*=*José de Figueiredo*[1].

N.º 81

(Traduction.)

Officio de 6 de junho de 1792, do governador de Lourenço Marques para o de Moçambique, noticiando entre outras cousas, a deposição do regulo Capella do Tembe

Ill.mo e ex.mo sr.—Por esta dou a noticia a v. ex.a de todos os acontecimentos que tem havido n'este prezidio a respeito dos regullos e cafres d'este paiz, e como assim da grande fome que houve este anno n'esta terra, etc.

.....

.....

O regullo Capella os seus parentes e irmãos o botarão fóra do reinado e quizerão matar, porque elle regullo roubou a todos os seus vassallos todos os viveres e aves, e algum mantimento... e fizerão a hum seu irmão rey em seu lugar.

.....

A pessoa de v. ex.a guarde Deus muitos annos. Bahia de Lourenço Marques, 6 de junho de 1792.—De v. ex.a subdito e obediente creado=*Pedro Testevin*[1].

Dépêche du 6 juin 1792, adressée par le gouverneur de Lourenço Marques à celui de Mozambique, lui annonçant, entre autres choses, la déposition du régule Capella du Tembe

Excellence.—Je vous annonce par la présente tous les événements qui ont eu lieu dans ce point fortifié *(presidio)* à l'égard des régules et des Cafres de ce pays, ainsi que de la grande disette qu'il y a eu cette année, etc.

.....

.....

Les parents et les frères de Capella ont dépouillé celui-ci de son royaume et ont voulu le tuer, parce que ce régule avait volé des vivres à tous ses vassaux... et on a élu son frère roi à sa place.

.....

Dieu garde Votre Excellence pendant de longues années. Baie de Lourenço Marques, ce 6 juin 1792.—De Votre Excellence, l'obéissant sujet et serviteur=*Pedro Testevin*[1].

N.º 82

(Traduction.)

Officio do governador de Lourenço Marques João da Costa Soares, ao governador geral de Moçambique—10 de fevereiro de 1796

Ill.mo e ex.mo sr. .....

.....

Fico entregue da *pedra com armas da corôa de Portugal* que v. ex.a me dirigio para pôr *em padrão na terra doada pelo rei Capella*, o que espero pôr em execução depois de sahir a pala.

Ao mesmo rei Capella, quando veio receber o saguate do costume, propuz sobre a vassallagem e reconhecimento que devião ter a El-Rei de Portugal os moradores ou colonos da terra doada, o qual respondeo *que elle já mais não tinha dominio na cousa doada*, e que assim propozessemos os onus que fossem uteis, etc.

Bahia de Lourenço Marques, 10 de fevereiro de 1796.=*João da Costa Soares*[1].

[1] Archivo do ministerio da marinha.

Dépêche de João da Costa Soares, gouverneur de Lourenço Marques, au gouverneur général de Mozambique—10 février 1796

Excellence.— .....

.....

J'accuse réception de la *colonne aux armes de la couronne de Portugal* que Votre Excellence m'a envoyée pour la placer comme *monument commémoratif sur le territoire donné par le roi Capella*, ce que j'espère mettre à exécution après la sortie de l'embarcation *(pala)*.

Lorsque le même roi Capella est venu recevoir le présent d'usage, je lui ai fait des propositions au sujet du vasselage et de la reconnaissance que les habitants ou les colons de la terre donnée devaient avoir envers le roi de Portugal, ce à quoi il a répondu *qu'il n'avait plus aucun pouvoir sur la chose donnée*, et que par conséquent nous eussions à proposer les charges qui seraient utiles, etc.

Baie de Lourenço Marques, ce 10 février 1796.=*João da Costa Soares*[1].

[1] Archives du ministère de la marine.

N.º 83

Extracto do relatorio do marquez de Sá da Bandeira, ministro da marinha e ultramar, em data de 11 de março de 1859, apresentado á camara dos deputados (pag. 34)

Em Lourenço Marques restabelecêra-se a paz com os regulos cafres, incluindo o Manicusse, o Tanda e o Muzuari, *havendo ultimamente o regulo Bacute, de Catembe* (Temby), *subdito de Portugal, sido confirmado por pedido seu no governo do seu respectivo territorio, estando presente a este acto um delegado do governador do referido districto de Lourenço Marques.*

(Traduction.)

Extrait du rapport du marquis de Sá da Bandeira, ministre de la marine et des colonies, présenté à la chambre des députés le 11 mars 1859 (pag. 34)

A Lourenço Marques on a rétabli la paix avec les régules cafres, y compris le Manicousse, le Panda, et le Muzuari; et *dernièrement le régule Bacute, du Catembe* (Tembe), *sujet du Portugal, a été confirmé, sur sa demande dans le gouvernement de son territoire, le gouverneur du district de Lourenço Marques s'étant fait représenter dans cet acte par un délégué.*

N.º 84

Carta do governador de Lourenço Marques ao governador geral de Moçambique, remettendo o tributo em marfim dos reis Matolla, Manhiça e Capella do Tembe — 16 de junho de 1795

Ill.mo e ex.mo sr. — Pello balanço verá v. ex.a as fazendas e mais effeitos, que me entregou o feitor sido interinamente José Correia Monteiro de Mattos, as quaes ficam carregadas na minha receita, como tambem as fazendas e mais effeitos que se me remetteram d'essa capital de Moçambique, de que fiz passar o conhecimento em fórma para bem das suas contas, e descarga do almoxarife e livrança do capitão, o qual leva os *tres dentes de marfim que derão, um o rey Matola deposto, um o rey actual Manhice, e outro o* REI CAPELLA, todos do pezo de 4 arrobas e 16 arrateis, etc.

A illustrissima pessoa de v. ex.a Deus guarde muitos annos. — Bahia de Lourenço Marques, 16 de junho de 1795. = *João da Costa Soares*[1].

(Traduction.)

Lettre du gouverneur de Lourenço Marques au gouverneur général de Mozambique, envoyant le tribut d'ivoire des rois Matolla, Manhiça et Capella du Tembe — 16 juin 1795

Excellence. — Vous verrez par le bilan les marchandises et autres objets que l'intendant intérimaire José Correia Monteiro de Mattos m'a remis et qui sont portés sur le compte de mes recettes, ainsi que les marchandises et autres objets qu'on m'a envoyés de cette capitale de Mozambique, et dont j'ai fait délivrer le connaissement en règle à l'appui de ses comptes et pour acquit du garde-magasin et du capitaine, qui emporte les *trois dents d'ivoire dont l'une a été donnée par le roi Matola, déposé, l'autre par le roi actuel Manhice, et l'autre par le* ROI CAPELLA, pesant en tout 4 arrobes et 16 livres, etc.

Dieu garde Votre Excellence. — Baie de Lourenço Marques, ce 16 juin 1795. = *João da Costa Soares*[1].

N.º 85

Extracto de um protesto do mesmo escrivão, dirigido da sua prisão em Lourenço Marques, contra o governador Miguel Lupi de Cardenas — 28 de maio de 1823

Ill.mo sr. — .....
tambem não é crime; nem tão pouco o eu exigir o *marfim que os Reys visinhos têem mandado*, assim a fim de se receitar e ser remettido a Moçambique, etc., como tambem as *pontas de abada que os mesmos Reys* mandam todas as vezes que pedem aguardente de que v. s.a se faz senhor de tudo, pagando com aguardente de Sua Magestade, etc.

Eu não fallo, e nem propuz nunca a v. s.a em receitar-se trinta e tantos dentes de marfim e cabeças de gado vindos por quatro vezes pelo *Rey Chaga* (Chaca) dos Vatuas (Zulus) *procurar amisade* do senhor das terras (que justamente deve ser Sua Magestade), porque conheço

[1] No archivo do ministerio da marinha.

(Traduction.)

Extrait de la protestation faite contre le gouverneur Michel Lupi de Cardenas par Anselmo José do Nascimento, greffier des finances pendant son emprisonnement à Lourenço Marques — 28 mai 1823

Mr. .....
.et je n'ai pas non plus commis un crime, en exigeant la remise de *l'ivoire que les rois voisins ont envoyé*, afin de l'inscrire aux recettes et de l'expédier à Mozambique, etc., ainsi *que les cornes de rhinocéros que les mêmes rois* envoient toutes les fois qu'ils demandent de l'eau-de-vie, puisque votre seigneurie s'empare de tout et leur fait cadeau de l'eau-de-vie de Sa Majesté, etc.

Je n'ai jamais proposé à votre seigneurie de porter aux recettes les trente et quelques dents d'ivoire et les têtes de bétail envoyées par quatre fois de la part du *Roi Chaga* (Chaca) des Vatouas (Zoulous) pour *rechercher l'amitié* du seigneur des terres (qui est justement Sa Ma-

[1] Archives du ministère de la marine.

que v. s.ª tem correspondido á sua custa, e n'este caso nada digo, etc.

Deus guarde a v. s.ª Prisão da bahia de Lourenço Marques, 28 de maio de 1823.= *Anselmo José do Nascimento.*

jesté) parce que je sais que votre seigneurie les a prises à ses frais; et en pareil cas, je n'ai rien à dire, etc[1].

Dieu garde votre seigneurie. Prison de la baie de Lourenço Marques, ce 28 mai 1823.= *Anselme Joseph do Nascimento.*

N.º 86

Queixa dirigida ao governador de Moçambique contra o de Lourenço Marques, por Anselmo José do Nascimento, escrivão de fazenda da bahia em 1823[1]

Ill.mo e ex.mo sr. — Com o mais profundo respeito representa a v. ex.ª Anselmo José do Nascimento, escrivão da fazenda publica da bahia de Lourenço Marques, os despotismos do actual governador Miguel Lupi de Cardenas, nascidos da ambição, cujos despotismos desde o dia 11 de dezembro de 1822 até ao presente não têem cessado, etc.....

.....

.....

Logoque aquelle governador chegou, apresentou-se d'ahi a poucos dias o *Rey Capella* com tres dentes de marfim grosso, hum para vender, e dois para *receber o seu vestuario e presente annual;* recebeu-o elle governador dispendendo alguma fazenda e um almude de aguardente, os tres tiros de peça, etc.

Despediu-se aquelle Rey bem triste por lhe não ter dado o seu vestuario, e indo embarcar para se retirar com o seu povo, aquelle governador mandou sahir uma escolta municiada, e junto elle foi assassinar uns negros de Mahóm, os quaes fugindo, elle governador matou a hum e prendeu outro sem motivo, etc.

Aquelle Rey mandou perguntar passados tres dias o motivo por que matára seu vassallo, de que teve por resposta que se tornasse a mandar similhante embaixada lhe declararia guerra.

O *Rey Macassana de Maputo,* tendo tratado de ser tributario, mandou um dente miudo, uma bala feita de ambar branco e mais uma pedra, dizendo que doava suas terras a ElRey, a quem tractão por seu *irmão,* etc., pedindo ao mesmo tempo uma bandeira portugueza, etc.

(Traduction.)

Plainte adressée au gouverneur de Mozambique contre celui de Lourenço Marques, par Anselme Joseph do Nascimento, greffier des finances de la baie, en 1823[1]

Excellence. — Anselme Joseph do Nascimento, greffier des finances de la baie de Lourenço Marques, vient, avec le plus profond respect, soumettre à l'examen de Votre Excellence les actes de despotisme du gouverneur actuel Michel Lupi de Cardenas, actes dont son ambition est la cause et qui se sont produits constamment depuis le 11 décembre 1822 jusqu'à ce jour, etc.....

.....

Peu de jours après l'arrivée de ce gouverneur, le *roi Capella* vint le trouver apportant trois dents de gros ivoire, dont une pour être vendue, et deux pour être échangées contre les vêtements *et le présent annuel;* le gouverneur le reçut, ne lui donna que quelques marchandises et un *almude* d'eau-de-vie, et le salua de trois coups de canon, etc.

Le roi se retira fort affligé de n'avoir point reçu les vêtements qu'il attendait; et comme il s'embarquait pour se retirer avec ses gens, le gouverneur suivi d'une escorte armée fondit sur les nègres de Mahom: ceux-ci ayant pris la fuite, le gouverneur en tua un et en fit un autre prisonnier sans aucune raison, etc.

Trois jours après, le roi fit demander pour quel motif on avait tué son vassal; il lui fut répondu que s'il envoyait de nouveau une telle ambassade, la guerre lui serait déclarée.

Le roi Macassana de Mapouto, se reconnaissant tributaire, envoya une dent de petites dimensions, une boule d'ambre blanc et une pierre précieuse, en déclarant qu'il avait fai donation de ses terres au roi de Portugal, qu'il traite en frère, etc., demandant en même temps un drapeau portugais, etc.

N.º 87

Carta de Mitchell, inspector das terras do Cabo da Boa Esperança, remettendo um calque dos limites das possessões portuguezas na Africa oriental — 15 de julho de 1843

Ill.mo e ex.mo sr. duque. — Perdoe v. ex.ª a pressa com que escrevo, pois o navio (que apenas chegou) parte immediatamente.

Tive a honra de participar a v. ex.ª ha pou-

[1] Junto ao officio do governador de Moçambique de 12 de outubro de 1823, no archivo do ministerio da marinha.

(Traduction.)

Lettre de Mitchell, inspecteur des terres au cap de Bonne-Esperance, envoyant un plan des limites des possessions portugaises dans l'Afrique orientale — 15 juillet 1843

Monsieur le duc. — Je prie Votre Excellence de vouloir bien excuser la hâte avec laquelle je lui écris, mais le navire (qui ne fait que d'arriver) part immédiatement.

Ces jours derniers, j'ai eu l'honneur de faire

[1] Annexe à la dépêche du gouverneur de Mozambique du 12 octobre 1823. — Archives du ministère de la marine.

cos dias os acontecimentos, tocando o estabelecimento de uma nova colonia britannica entre a do Cabo da Boa Esperança e a capitania de Lourenço Marques. Devo por consequencia intimar-lhe o resultado da embaixada, por assim dizer, do sr. Cloete, que foi mandado pelo nosso governador sir George Napier communicar com os boers (lavradores) revoltados, e a recepção que estes ultimos lhe deram. Tudo isto se acha na *Gazeta* de hoje, que por esta mesma occasião tambem mando a v. ex.ª para seu conhecimento, vistoque a guerra, que me parece inevitavel, tendo por theatro um territorio tão vizinho das possessões de Sua Magestade Fidelissima, não poderá deixar de ser interessante a v. ex.ª Reforços de tropas partiram hoje pelo navio a vapor *Thunderbolt* para o porto de Natal, e Deus queira que o nosso governo siga resolutamente a determinação de aniquilar os rebeldes, ou bem de os reduzir á obediencia que devem á nossa Soberana; e tambem porque *se forem permittidos estabelecerem uma republica independente, bem maus vizinhos tornarão a ser dos portuguezes da bahia de Lourenço Marques.*

Como é possivel que a *Gazeta* seja perdida pelo caminho, direi em duas palavras que o sr. Cloete foi recebido debaixo de numerosas bandeiras ditas da republica de Natal, e soffrendo a cada passo os maiores insultos. Apenas quizeram ouvir a leitura da proclamação de que era portador, e acabada esta, rasgaram o papel, e o trataram com uma ignominia que não ouso recordar. Por fim de contas ficaram por dar a sua ultima resposta (o submetterem-se ou não) no dia 1 de agosto, mas parece não ser isto senão para dar tempo para a chegada de 1:500 homens de reforços, que esperam do interior.

Aqui dentro vae um calque rascunho, mostrando as situações relativas da nossa fronteira, da de Sua Magestade Fidelissima e a extensão do paiz occupado pelos rebeldes [1]. V. ex.ª bem póde julgar que estamos aqui divididos em dois partidos, vistoque a maior parte dos habitantes são de origem hollandeza.

Tomo esta occasião de lembrar a v. ex.ª o quanto seria vantajoso á nação portugueza o haver aqui um consul portuguez. Eu de boa vontade offereceria-me, se não fosse que, occupando uma situação tão responsavel no serviço real, não me seria talvez permittido, apesar que tudo quanto tem relação a Portugal ou a portuguezes me é sempre referido para ajustar; e que apesar de ser official britannico todos me consideram (do que muita honra sinto) portuguez. Portanto, se a v. ex.ª parecesse bem conferir tal honra ao negociante principal d'esta cidade, por nome Francisco Collison, sou auctorisado a dizer que com gratidão acceitaria.

Todas as nações, excepto a vossa, têem aqui consules. Isto daria uma forte protecção, bem necessaria, aos vassallos de Sua Magestade Fi-

[1] É o mappa n.º 3.

part à Votre Excellence des évènements relatifs à l'établissement d'une nouvelle colonie anglaise entre le cap de Bonne-Espérance et la capitainerie de Lourenço Marques. Je dois, par conséquent, faire également connaître à Votre Excellence le résultat de l'ambassade de mr. Cloete, qui a été envoyé par notre gouverneur, sir George Napier, pour négocier avec les Boers (fermiers) révoltés, et la réception que ces derniers lui ont faite. Tout cela est rapporté dans la *Gazette* de ce jour, que j'envoie aussi par cette même occasion, attendu que la guerre, qui me semble inévitable, ayant pour théâtre un territoire voisin des possessions de Sa Majesté Très-Fidèle, ne pourra manquer d'appeller l'attention de Votre Excellence. Des renforts de troupes sont partis aujourd'hui pour Port-Natal par le bateau à vapeur *Thunderbolt;* Dieu veuille que notre gouvernement continue dans la résolution de détruire les rebelles, ou de les soumettre à l'obéissance qu'ils doivent à notre souveraine, et d'autant plus *que si on leur permet d'établir une république indépendante, ils seront de fort mauvais voisins pour les Portugais de la baie de Lourenço Marques.*

Comme la *Gazette* peut s'égarer pendant le trajet, je dirai en peu de mots ce qui s'est passé. Mr. Cloete a été reçu sous un grand nombre de drapeaux dits de la république du Natal, et a subi à chaque pas les plus graves insultes. C'est à peine s'il a pu faire lecture de la proclamation dont il était porteur. La lecture achevée, les Boers ont déchiré cette proclamation et ils ont traité Mr. Cloete d'une façon si ignominieuse que je n'ose pas la rapporter. Enfin, ils ont promis de donner leur dernière réponse (de se soumettre, ou non) le 1er août; il me semble toutefois qu'ils ne veulent que gagner le temps nécessaire à l'arrivée d'un renfort de 1:500 hommes qu'ils attendent de l'intérieur.

Ce pli renferme un dessin calqué, qui montre les situations relatives de nos frontières et de celles de Sa Majesté Très-Fidèle, ainsi que l'étendue du pays occupé par les rebelles [1]. Votre Excellence doit bien imaginer que nous sommes ici divisés en deux camps, attendu que la majorité des habitants est d'origine hollandaise.

Je saisis cette occasion pour rappeler à Votre Excellence combien il serait avantageux pour la nation portugaise d'avoir ici un consul. Je m'offrirais de bon gré, mais le poste important que j'occupe dans le service royal, me sera peut-être un obstacle, quoique tout ce qui a rapport au Portugal ou aux Portugais soit toujours soumis à ma résolution, attendu que, malgré ma qualité d'officier britannique, tous me considèrent comme portugais (ce dont je m'honore fort). C'est pourquoi si Votre Excellence jugeait à propos de conférer cet honneur au principal négociant de cette ville, François Collison, je suis autorisé à dire qu'il l'accepterait avec reconnaissance.

Toutes les nations ont ici des consuls, la nôtre excepté. Cependant si un consulat portugais était établi ici, les vassaux de Sa Majesté Très-

[1] C'est la carte nº 3.

delissima, sem occasionar custo algum á corôa. Mais de uma vez tenho visto quanto era necessaria a presença de um official munido de competente auctoridade d'essa sorte.

Perdoe v. ex.ª a ousadia produzida puramente pelo amor que me é natural para a nação á qual devo tudo; e rogando a v. ex.ª me ponha aos pés da ex.ma sr.ª duqueza, fico sendo de v. ex.ª fiel venerador e humilde servo. = *Carlos C. Mitchell,* tenente coronel, inspector geral das terras do Cabo da Boa Esperança. — Ao ex.mo sr. duque de Palmella, etc. — Cabo da Boa Esperança, em 15 de julho de 1843 [1].

Fidèle, en recevraient une protection qui leur est bien nécessaire et sans la moindre dépense pour la couronne portugaise. J'ai eu plus d'une fois l'occasion de voir combien la présence d'un officier muni d'une pareille autorité serait utile.

Pardonnez-moi une hardiesse qui n'a d'autre cause que l'estime que je ressens pour une nation à laquelle je dois tout. Je prie Votre Excellence de vouloir bien déposer mes hommages aux pieds de madame la duchesse, et d'accepter l'assurance de tout mon respect. = *Charles C. Mitchell,* lieutenant-colonel, inspecteur général des terres du cap de Bonne-Espérance. — A Son Excellence le duc de Palmella, etc. — Cap de Bonne-Espérance, ce 15 juillet 1843 [1].

N.º 88

Bulle In supereminenti de Paul V, du 21 janvier 1612, créant la prelature de Moçambique [2]

In supereminenti militantis ecclesiae specula, meritis licet imparibus, divina dispositione praesidentes ad universa orbi loca, etc...

§ 2. Cum autem, sicut clarissimus in Christo filius noster Philippus, Portugalliae et Algarbiorum rex catholicus, nobis nuper exponi fecit, etc.

§ 3. Nos igitur... hujusmodi supplicationibus inclinati... dictam provinciam sive districtum insulae de *Moçambique* et loca, quae a promontorio de *Guardafui* usque ad promontorium *Bonae spei* continentur, necnon quae *Mombaça, Zanzibar, Ampaza* nuncupantur, et omnia alia illius orae, ac etiam quae *Cabaceira, Sofalla, Sena, Tete* vocantur... ab ecclesia et diocesi goanensi praefatis perpetuo separamus, etc.

§ 4. Ipsamque provinciam seu districtum insulae de Moçambique, sic dismembratum et separatum, in vicariam seu administrationem spiritualem provinciae seu districtus insulae de Moçambique nuncupandam... perpetuo erigimus et instituimus.

N.º 89

Tratado (1.º) de 19 de fevereiro de 1810 entre Portugal e a Inglaterra

ARTICLE 24

All trade with the *Portuguese possessions situated upon the eastern coast of the continent of Africa* (in articles not included in the exclusive contracts possessed by the Crown of Portugal) which may have been formerly allowed to the subjects of Great Britain, is confirmed and secured to them now and for ever, etc.

(Traduction.)

Traité (1.er) du 19 février 1810 entre le Portugal et l'Angleterre.

ARTICLE 24

Tout commerce avec *les possessions portugaises sur la côte orientale du continent* africain (sauf les articles réservés comme monopole par la couronne de Portugal), et qui avait été permis antérieurement aux sujets de la Grande-Bretagne, leur est confirmé et assuré à présent et pour toujours, etc.

N.º 90

Tratado (2.º) de 19 de fevereiro de 1810 entre Portugal e Inglaterra

ARTICLE 10

His Royal Highness the Prince Regent of Portugal engages that His subjects shall not be

(Traduction.)

Traité du 19 février 1810 entre le Portugal et l'Angleterre

ARTICLE 10

Son Altesse Royale le prince régent de Portugal s'engage à ne pas permettre à ses sujets

[1] Archivo do ministerio da marinha.

[2] Coquelines, *Bullarium* tom. v, pars iv, p. 23; Visconde de Paiva Manso, *Bullarium patronatus Portugalliae regum,* tom. ii, pag. 19.

[3] Borges de Castro: *Collecção de tratados, convenções, etc. celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias,* tom. iv, Lisboa, 1857, pag. 382.

[1] Archives du ministère de la marine.

[2] Coquelines, *Bullarium* tom. v, pars iv, p. 23; Visconde de Paiva Manso, *Bullarium patronatus Portugalliae regum,* tom. ii, pag. 19.

[3] Borges de Castro, *Collecção de tratados, convenções, etc., celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias,* tom. iv, Lisbonne, 1857, p. 382.

permitted to carry on the slave trade *on any part of the coast of Africa*, not actually belonging to His Royal Highness's dominions, reserving however to His own subjects the right of purchasing and trading in slaves within the *African dominions* of the crown of Portugal. It is however to be distinctly understood, that the stipulations of the present article are not to be considered as invalidating or otherwise affecting the rights of the Crown of Portugal to the territories of *Cabinda* and *Molembo*... nor as limiting or restraining the commerce of *Ajudá* and other ports in Africa (situated upon the coast commonly called in the Portuguese language the *Costa de Mina*) belonging to or claimed by the Crown of Portugal[1].

de continuer le commerce des esclaves *sur tout point de l'Afrique* n'appartenant pas actuellement aux domaines de Son Altesse Royale, en réservant cependant pour ses propres sujets le droit d'acheter et de faire le commerce des esclaves dans les *domaines africains* de la couronne de Portugal. Il doit être distinctement entendu que les dispositions de cet article ne seront pas considérées comme invalidant ou affectant d'une manière queleonque les droits de la couronne de Portugal aux territoires de *Cabinda* et *Molembo*... ni comme limitant ou restreignant le commerce d'*Ajudá* et d'autres ports d'Afrique situés sur la côte nommée vulgairement *Côte de la Mine* en langue portugaise, lesquels appartiennent à la couronne de Portugal ou sur lesquels elle a des prétentions[1].

N.° 91

Officio do commissario portuguez no Cabo ao ministro dos negocios estrangeiros, remettendo documentos sobre queixas do Panda, relativos á invasão de parte dos seus dominios pelos nossos caçadores de Lourenço Marques — 6 março 1856.

Commissão mixta na cidade do Cabo — N.° 10 — Ill.mo e ex.mo sr. — Com referencia ao meu officio n.° 27 do anno proximo passado, cumpre-me ter a honra de pôr na presença de v. ex.a, aqui junto, sob n.° 1, copia da carta que o governador geral d'esta colonia me dirigiu em data de 28 do mez preterito, communicando-me a resposta que recebêra de Panda, assim como sob n.° 2, da que em replica escrevi a s. ex.a no dia seguinte.

Em vista da queixa do dito Panda, ácerca da usurpação dos seus terrenos de caça, pelos caçadores de elephantes de Lourenço Marques, e conformando-me com os desejos de sir George Grey, expressos na sua sobredita carta, julguei dever dirigir ao governador d'aquelle districto o officio, cuja copia tenho igualmente a honra de levar á presença de v. ex.a, sob n.° 3, remettendo-o, sob sêllo volante, ao governador geral da provincia de Moçambique dentro do officio que por copia ajunto aqui.

Devo porém dizer a v. ex.a que comquanto eu tenha entregado ao sr. Alfredo Duprat o dito meu officio, para expedir pela primeira occasião, com outros que tem de remetter para Moçambique, parece que similhante occasião se não apresentará tão cedo.

Deus guarde a v. ex.a Cidade do Cabo, em 6 de março de 1856. — Ill.mo e ex.mo sr. visconde de Athoguia. = *Luiz Carlos Rebello.*

N.° 91

(Traduction.)

Dépêche du commissaire portugais du Cap au ministre des affaires étrangères lui remettant des documents au sujet des plaintes de Panda relatives à l'envahissément d'une partie de ses domaines par nos chasseurs de Lourenço Marques — 6 mars 1856

Commission mixte dans la ville du Cap, n° 10. — Excellence. — A l'égard de ma dépêche n° 27 de l'année dernière, j'ai l'honneur de mettre sous les yeux de Votre Excellence la copie ci-jointe n° 1 de la lettre que le gouverneur général de cette colonie m'a adressée en date du 28 du mois dernier, me communiquant la réponse qu'il avait reçue de Panda, ainsi que la copie n° 2, de celle que j'ai écrite en réponse à son excellence le jour suivant.

Vu la plainte portée par ledit Panda au sujet de l'usurpation de ses territoires de chasse par les chasseurs d'éléphants de Lourenço Marques, et me conformant aux désirs de sir George Grey exprimés dans sa susdite lettre, j'ai cru devoir adresser au gouverneur de ce district la dépêche dont j'ai également l'honneur d'envoyer copie à Votre Excellence sous le n° 3, et que j'ai remise sous pli ouvert au gouverneur de la province de Mozambique dans la dépêche dont copie ci-jointe.

Cependant, je dois dire à Votre Excellence que, quoique j'aie remis ma dite dépêche à mr. Alfred Duprat, afin qu'il l'expédiât par la première occasion avec d'autres qu'il doit envoyer à Mozambique, il paraît que l'occasion ne s'en présentera pas de si tôt.

Dieu garde Votre Excellence. Ville du Cap, ce 6 mars 1856. — A son excellence le vicomte d'Athoguia. = *Luiz Carlos Rebello.*

ANNEXOS AO N.° 91

N.° 1

Casa do governo. — Cidade do Cabo, 28 de fevereiro de 1856. — Sr. — Em referencia á carta

[1] Borges de Castro, *Collecção de tratados, convenções, etc., celebradas entre a corôa de Portugal e as demais potencias*, tom. IV, Lisboa, 1857, pag. 408.

ANNEXES AU N° 91

N° 1

Hôtel du gouvernement. Ville du Cap, ce 28 février 1856.

[1] Borges de Castro, *Collecção de tratados, convenções, etc., celebrados entre a corôa de Portugal e as demais potencias*, tom. IV, Lisbonne, 1857, p. 408.

que vos dirigi em 15 de novembro ultimo, informando-vos de haver enviado um portador a Panda, etc., tenho agora a honra de vos communicar que recebi uma resposta de Panda, concebida nos seguintes termos, etc:

.....

Pede-me depois para representar da melhor maneira que possa, ao governador das *possessões portuguezas circumvizinhas,* que é muito incommodado pelos seus caçadores de elephantes, os quaes, sem attenção a elle, caçam em florestas e terrenos, que sempre reservára para si, de sorte que os seus direitos e privilegios são invadidos.

Em presença d'este artigo da sua mensagem, ficar-vos-ía muito agradecido se fizesseis com que se procedesse ás necessarias averiguações, e que de futuro houvesse para com elle da parte do governo portuguez toda a protecção que estiver ao seu alcance. Tenho a honra de ser, senhor, vosso mais obediente e humilde creado=*George Grey.*=Ao commendador Rebello, commissario de Sua Magestade Fidelissima.

Monsieur.—A l'égard de la lettre que je vous ai adressée le 15 novembre dernier, vous informant que j'avais envoyé un porteur à Panda, etc., j'ai maintenant l'honneur de vous communiquer que j'ai reçu de Panda une réponse conçue dans les termes suivants:

.....

Il me prie ensuite de représenter de la meilleure manière possible au gouverneur des *possessions portugaises environnantes,* qu'il est fort importuné par les chasseurs d'éléphants, qui, sans aucun égard pour lui, chassent dans des forêts et sur des terres, qu'il s'est toujours réservées, de sorte que ses droits et ses privilèges en sont lésés.

En conséquence de cet article de son message, je vous serais très-obligé de faire en sorte qu'il soit procédé aux enquêtes nécessaires, et qu'à l'avenir le gouvernement portugais donne à Panda toute la protection qui sera en son pouvoir.

J'ai l'honneur d'être, monsieur, votre très-humble et très-obéissant serviteur.=*George Grey*=Au commandeur Rebello, commissaire de Sa Majesté Très-Fidèle.

N° 2

Ville du Cap, ce 29 février 1856.—Monsieur le Gouverneur.—J'ai l'honneur d'accuser la réception de la lettre que V. Ex.ce m'a adressée en date d'hier, pour me communiquer la réponse de Panda, etc.

Quant à la plainte du même chef, que des chasseurs d'éléphants allaient, sans son consentement, et au détriment de ses droits et de ses ressources, chasser dans des forêts et sur d'autres terrains qu'il s'était toujours réservés pour lui-même, elle me semble si peu fondée, pour ce qui concerne les sujets portugais résidant dans lesdites possessions, qu'il est à ma connaissance, que le gouverneur du district de Lourenço Marques a refusé même d'accéder aux demandes qui lui ont été adressées par des chasseurs, de leur vendre de la poudre pour la chasse des éléphants.

Cependant, conformément aux désirs de V. Ex.ce, je m'adresserai, par la première occasion, au gouverneur de Lourenço Marques, pour le prier de prendre des informations sur l'objet de la plainte de Panda et de lui prêter toute la protection possible, afin d'empêcher l'empiètement de ses droits; je saisis cette occasion pour vous réitérer, monsieur le gouverneur, les assurances de la plus haute considération, avec laquelle j'ai l'honneur d'être.—De V. Ex.ce, le très-humble et très obéissant serviteur=*Luiz Carlos Rebello.*=Son Excellence sir George Grey, gouverneur général de la colonie du cap de Bonne-Espérance.

N.° 3

Ill.mo sr.—Em 28 do mez passado recebi outro officio de sir George Grey, no qual me communicou a resposta que recebêra do referido Panda, cuja traducção levo á presença de v. s.a aqui junta, assim como a do officio que a s. ex.a dirigi, em replica. Em cumprimento da promessa que fiz a sir George Grey no dito meu officio, rogo a v. s.a de tomar todas as informações ácerca do objecto de queixa de Panda, contida na carta d'este governador geral, relativamente aos caçadores de elephantes d'esse districto, que vão caçar em florestas e terrenos que lhe pertencem; adoptando as medidas que v. s.a julgar convenientes, e que estiverem ao seu alcance, não só para cohibir similhante usurpação, mas tambem para dár toda a pro-

N° 3

Monsieur.—J'ai reçu le 28 du mois dernier une autre dépêche de sir George Grey, dans laquelle il m'a communiqué la réponse qu'il avait reçue dudit Panda dont je vous envoie ci-joint la traduction, ainsi que celle de la dépêche que j'ai adressée en réponse à son excellence. Pour observer la promesse que j'ai faite à sir George Grey dans ma dépêche citée, je vous prie de prendre toutes les informations possibles au sujet de la plainte de Panda, contenue dans la lettre de ce gouverneur général, relativement aux chasseurs d'éléphants de ce district, qui vont chasser dans des forêts et sur des terres qui lui appartiennent; et je vous prie encore d'adopter les mesures que vous croirez convenables et qui seront à votre portée, non-seulement pour réprimer une telle usur-

tecção que a v. s.ª for possivel, ao sobredito Panda, a fim de evitar a violação dos seus direitos territoriaes e de caça, tanto mais que muito nos convem estar em boa harmonia com aquelle poderoso chefe, e tirar-lhe todos os pretextos que possa allegar para nos hostilisar para o futuro. Em fim v. s.ª fará o que julgar mais conveniente. No entretanto rogo a v. s.ª o favor de me communicar o resultado das suas indagações, a fim de eu o fazer presente, como me cumpre, ao governador geral d'esta colonia, e estimarei infinito que a resposta que de v. s.ª espero a este officio, me habilite a provar ao mesmo governador que a queixa de Panda é infundada, pelo que diz respeito aos caçadores d'esse districto. Aproveito esta occasião para offerecer a v. s.ª os protestos da minha alta consideração.

Deus guarde a v. s.ª Cidade do Cabo, em 5 de março de 1856.—Ill.mo sr. governador do districto de Lourenço Marques.=*Luiz Carlos Rebello,* juiz commissario.

pation, mais encore pour donner toute protection au susdit Panda, afin d'éviter la violation de ses droits territoriaux et de chasse, d'autant plus qu'il nous convient d'être en bonne harmonie avec ce chef puissant et de lui ôter tout prétexte de nous devenir hostile dans l'avenir. Enfin, vous ferez ce que vous jugerez le plus convenable. En attendant, je vous prie de me communiquer le résultat de vos recherches, afin que j'en donne connaissance, comme j'en ai le devoir, au gouverneur général de cette colonie, et je m'estimerai heureux si la réponse que j'attends de vous me met à même de prouver au même gouverneur que la plainte de Panda n'est pas fondée en ce qui concerne les chasseurs de ce district. Je profite de cette occasion pour vous renouveler les protestations de ma haute considération.

Dieu garde votre seigneurie. Ville du Cap, ce 5 mars 1856.—Mr. le gouverneur du district de Lourenço Marques.=*Luiz Carlos Rebello,* juge commissaire.

N.º 4

Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho a honra de remetter a v. ex.ª, aqui junto, a sêllo volante, o officio que julguei dever dirigir ao sr. governador do districto de Lourenço Marques, rogando a v. ex.ª que, depois de haver tomado conhecimento do seu conteúdo, se digne manda-lo expedir ao seu destino, juntamente com as ordens que v. ex.ª julgar convenientes, ácerca do objecto de que elle trata.

Aproveito esta occasião para offerecer a v. ex.ª os protestos da minha mais alta consideração.

Deus guarde a v. ex.ª Cidade do Cabo, em 5 de março de 1856.—Ill.mo e ex.mo sr. Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, governador geral da provincia de Moçambique.=*Luiz Carlos Rebello,* juiz commissario.

N° 4

Excellence.—J'ai l'honneur d'envoyer ci-joint à Votre Excellence, sous pli ouvert, la dépêche que j'ai cru devoir adresser au gouverneur du district de Lourenço Marques, vous priant, après avoir pris connaissance de son contenu, de vouloir bien l'expédier à sa destination, la faisant accompagner des ordres que vous jugerez convenables au sujet de ce qui en fait l'objet.

Je profite de cette occasion pour offrir à Votre Excellence les protestations de ma plus haute considération.

Dieu garde Votre Excellence. Ville du Cap, ce 5 mars 1856.—Son excellence Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, gouverneur général de la province de Mozambique.=*Luiz Carlos Rebello,* juge commissaire.

N.º 92

Tratado entre o Panda, rei dos Zulus, e os Inglezes—5 outubro de 1843

Articles of a Treaty made and entered into between and signed by the undersigned Panda, King of the Zoolah nation on the one part and the undersigned the Hon'ble Henri Cloete, Esq., L.Z., LL.D., in his capacity as Her Majesty's Commissioner for the Territory of Natal, on the other part.

Article 1. There shall be hence-forward and for ever peace and friendship between the undersigned King Panda, and his subjects, and Her Majesty Queen Victoria, and all Her Majesty's subjects.

2. It is hereby agreed between the undersigned that the respective boundaries between

(Traduction.)

Traité fait entre Panda, roi des Zoulous, et les Anglais—5 octobre 1843.

Traité fait, conclu et signé par le soussigné Panda, roi de la nation de Zoulous, d'une part, et le soussigné, honorable Henri Cloete, Esq., L. Z., LL. D., en qualité de commissaire de Sa Majesté sur le territoire de Natal, d'autre part.

Article 1er La paix et l'amitié régneront dorénavant et pour toujours entre le roi soussigné, Panda, ainsi que ses sujets et Sa Majesté la reine Victoria, ainsi que tous les sujets de Sa Majesté.

2. Il est convenu entre les soussignés que les frontières respectives entre le territoire du

the territory of Natal and the Zoolah nation, shall be defined at the sea line, by the mouth of the river Tugela, and from thence upwards until the junction of that stream with the river Umsinyaatee, (or Buffels River), from thence upwards by the said river Umsinyaatee (or Buffels River), or such other boundary line, along or near its banks, as may, at any time hereafter, be fixed upon by the undersigned, Her Majesty's Commissioner for the territory of Natal, or such other Commissioner, as Her Majesty may appoint, and by any two Indunas or Commissioners, whom the undersigned Panda, King of the Zoolah nation, may appoint for that purpose, and from thence northward to the foot of the Quathlamba (or Draaksberg) mountains.

3. The undersigned Panda, King of the Zoolah nation, hereby agrees and binds himself, to direct Koedoe, the captain of certain kraals placed by the late King Dingaan on the right bank of the Tugela, and all such other captains or chiefs of kraals, as many be found to come within the boundaries of the territory of Natal, hereby fixed and determined to be removed from their respective stations.

The undersigned Her Majesty's Commissioner, for and on behalf of Her Majesty, hereby agreeing and consenting to allow them to remain until their crops shall have been reaped, and then to take with them, all their effects and lawful property.

Thus done, agreed upon, and confirmed, by the signature and marks of the undersigned, King Panda, and the undersigned Her Majesty's Commissioner, at the chief town of Elapeen, on this the 5.th day of October, 1843, in the presence of the undermentioned witnesses.

This is the mark of the King, + Panda, made by himself.

This is the mark of the Induna + Umvunhlaan, made by him.

This is the mark of the Induna + Umkondani, made by him.

H. Cloete, L. Z., Her Majesty's Commissioner.

Witnesses.—*D. C. Tookey*=*C. J. Buissine.*

This document has been faithfully interpreted from word to word, by me, to the King Panda, who declared, fully to understand and approve of the contents thereof.=*J. Kirkman.*

I the undersigned, chief, and king, of the Zoolah nation, do hereby declare, to cede all right and title which I heretofore had to the mouth of the river Umvaloosi, and to the Bay there situated to, and in favor of Her Majesty Queen Victoria, or the lawful sovereign of Great Britain, for the time being, for ever, with full liberty to visit, land upon, and occupy, the shores along the said bay, and mouth of the said river Umvaloosi, the undersigned hereby agreeing and consenting to appoint whenever he shall be thereto requested, two Indunas or Commissioners, for the purpose of defining and proving the limits and extent of the seashore so ceded, and given up to Her Majesty Queen

Natal et la nation des Zoulous seront indiquées au bord de la mer, par l'embouchure du fleuve Tugela, continuant de là jusqu'à la jonction de ce cours d'eau avec la rivière Umsinyaatee (ou rivière des Buffles) remontant la même rivière de Umsinyaatee (ou rivière des Buffles) ou toute autre ligne de frontière, tout le long ou près de ses rives, qui pourra être fixée postérieurement par le soussigné, commissaire de Sa Majesté pour le territoire de Natal, ou par tout autre commissaire que Sa Majesté nommera, et par deux Indounas, ou commissaires, que le soussigné Panda, roi de la nation de Zoulous, nommera à cet effet; et de là vers le nord jusqu'au pied des montagnes de Quathlamba (ou Draaksberg).

3. Le soussigné Panda, roi de la nation des Zoulous, est convenu et s'oblige lui-même à déterminer Koedoe, capitaine de certains kraals placés par le feu roi Dingaan sur la rive droite du Tugela, ainsi que tous autres capitaines ou chefs de kraals, qui se trouveront en deçà des limites du territoire du Natal fixées et déterminées par ce traité, à être renvoyés de leurs stations respectives.

Le soussigné, commissaire de Sa Majesté agrée et consent, de la part de Sa Majesté, à leur permettre qu'ils restent jusqu'à ce que leurs récoltes soient parvenues à maturité et qu'ils puissent les emporter avec tous leurs effets et leurs propriétés légales.

Ce qui a été fait, convenu, et confirmé par la signature et les griffes du soussigné, roi Panda, et du soussigné, commissaire de Sa Majesté, dans la ville capitale d'Elapeen, ce cinquième jour d'octobre 1843, en présence des témoins ci-mentionnés.

Ceci est la griffe du roi, + *Panda,* faite par lui-même.

Ceci est la griffe de l'Induna + *Umvanklama,* faite par lui.

Ceci est la griffe de l'Induna + *Umhondane,* faite par lui.

H. Cloete, L. Z., commissaire de Sa Majesté.

Témoins.—*D. C. Tookey*=*C. J. Buissine.*

Ce document a été interprété fidèlement, mot à mot, par moi au roi Panda, qui a déclaré le comprendre entièrement et en approuver le contenu.=*J. Kirkman.*

Je soussigné, chef et roi de la nation des Zoulous, déclare, par le présent acte, que je cède tous droits et titres que j'ai eus jusqu'ici sur l'embouchure de la rivière d'Umvaloosi et sur la baie qui y est située, en faveur de Sa Majesté la reine Victoria, ou du souverain légitime de la Grande Bretagne, pour le présent et pour toujours, avec pleine liberté d'y débarquer, de visiter et d'occuper le rivage le long de ladite baie et de l'embouchure de ladite rivière de Umvaloosi, le soussigné s'engageant et consentant à nommer, quand il en sera requis, deux Indounas, ou commissaires, pour indiquer et vérifier les limites et l'étendue du rivage de la mer cédé par le présent traité et donné à Sa Majesté la reine

Victoria, or the lawful Sovereign of Great Britain, for the time being.

In witness hereof I have hereto affixed my mark at my chief town of Elapeen, on this 5.th day of October, 1843, in the presence of the undermentioned witnesses.

This is the mark of the King Panda +, made by himself.

+, the mark of the Induna *Umvanklama*.

+, the mark of the Induna *Umhondane*.

Witnesses.—(Signed) *D. C. Tookey*=*C. J. Buissine*.

This document has been faithfully interpreted from word to word by me, to the King Panda, who declared fully to understand and approve of the contents thereof.=(Signed) *J. Kirkman*.

Victoria ou au souverain légitime de la Grande-Bretagne à cette époque.

En témoignage de quoi, j'ai apposé ici ma griffe, dans ma ville capitale d'Elapeen, ce cinquième jour d'octobre 1843, en présence des témoins ci-mentionnés.

Ceci est la griffe du roi Panda +, faite par lui-même.

+, griffe de l'Induna *Umvanklama*.

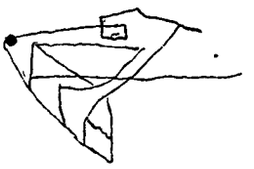
+, griffe de l'Induna *Umhondane*.

Témoins.=(Signés) *D. C. Tookey*=*C. J. Duissine*.

Ce document a été interprété fidèlement, mot à mot, par moi au roi Panda, qui a déclaré le comprendre entièrement et en approuver le contenu.=(Signé) *J. Kirkman*.

N.° 93

Griffe du régule Capella



N.° 94

Nota do ministro inglez em Lisboa sobre o trafico de escravos em Zanzibar — 26 de fevereiro de 1872

Legação britannica.—Lisboa, 26 de fevereiro de 1872.—Sr. ministro.—A attenção do governo de Sua Magestade tem sido particularmente dirigida, n'estes ultimos tempos, para o trafico da escravatura na costa oriental d'Africa, para o systema até agora seguido, e para os sacrificios feitos pela Gran-Bretanha com o intento de conseguir a suppressão do mesmo trafico, e bem assim para a possibilidade de se adoptarem medidas mais energicas que assegurem um tal resultado, assumpto que foi já commettido a uma commissão parlamentar, cujo relatorio com as provas que se obtiveram, contendo informações cabaes sobre a materia, tenho a honra de remetter incluso a v. ex.ª Depois de maduramente examinado o assumpto, o governo de Sua Magestade chegou á conclusão de que o estado dos negocios, relativamente ao trafico da escravatura, na costa oriental d'Africa, não é por fórma alguma satisfactorio; que os resultados, comparativamente insignificantes, até hoje obtidos, não são de modo algum equivalentes aos sacrificios que durante os ultimos cincoenta annos têem sido feitos pela Gran-Bretanha para o extinguir; e que se torna necessario modificar a sua politica, e reformar se for possivel o systema até ao presente seguido para remediar tão serio mal.

O trafico estrangeiro de escravatura entre a

(Traduction.)

Note du ministre anglais à Lisbonne sur la traite des nègres à Zanzibar—26 février 1872

Légation d'Angleterre.—Lisbonne, ce 26 février 1872.—Monsieur le ministre—L'attention du gouvernement de Sa Majesté s'est particulièrement portée, dans ces derniers temps, sur la traite des nègres de la côte orientale d'Afrique, sur le système suivi jusqu'à ce jour, sur les sacrifices faits par la Grande-Bretagne dans le but d'arriver à la suppression de ce trafic, et sur la possibilité d'adopter des mesures assez énergiques pour assurer ce résultat; cette affaire a déjà été soumise à une commission parlementaire dont j'ai l'honneur de remettre à votre excellence le rapport, contenant les preuves et les informations que l'on a pu obtenir sur cette matière. Après avoir mûrement examiné cette affaire le gouvernement de Sa Majesté a conclu que l'état des choses relativement au trafic des esclaves, sur la côte orientale de l'Afrique, n'est nullement satisfaisant, que les résultats comparativement insignificants obtenus jusqu'à ce jour, ne sont en aucune manière en rapport avec les sacrifices que pendant les cinquante dernières années la Grande-Bretagne a faits pour arriver à anéantir ce trafic, et qu'il devient nécessaire de modifier sa politique et de changer, si possible, le système suivi jusqu'à présent dans le but de remédier à un mal si sérieux.

Le trafic étranger de l'esclavage entre la

costa oriental d'Africa e o mar da Arabia, o golfo Persico, a Persia e Madagascar é prohibido, como pirataria, pelos tratados com os soberanos e chefes d'aquelles paizes, e o transporte de escravos por mar só é permittido de um porto para outro, nos dominios de Zanzibar na Africa oriental, dentro de limites especiaes e durante certos periodos do anno.

Todas as facilidades têem sido assim concedidas ao governo de Sua Magestade por meio de tratados, para pôr termo ao trafico da escravatura, e se esses tratados fossem convenientemente observados, o trafico poderia ser strictamente limitado ao transporte, comparativamente pequeno, do numero de escravos destinados aos trabalhos demesticos em Zanzibar; no trafico da escravatura, porém, tem pouco influido taes medidas, por isso que os Arabes do norte, prevalecendo-se do privilegio de poderem transportar escravos dentro dos dominios do Sultão, e attrahidos pela grande procura que d'elles se faz no golfo Persico, e pelos grandes lucros provenientes da sua venda, têem conseguido transportal-os á sombra d'este reconhecido trafico, e em grande escala, para a Arabia e para o golfo Persico.

O mesmo privilegio cobre igualmente uma illegal e immensa exportação de escravos dos portos meridionaes de Zanzibar para Madagascar, e parece que um consideravel trafico de escravatura existe tambem entre aquella ilha e a costa de Moçambique.

. . . . . .

. . . . . .

Tal é o quadro dos factos, que foi apresentado ao governo de Sua Magestade. Por um lado, um paiz naturalmente rico e fertil, capaz do tomar uma posição eminente no commercio de Oriente, povoado de raças, cuja attenção póde facilmente convergir para as emprezas industriaes, por outro lado, um trafico de vidas humanas, que desmoralisa os indigenas, despovôa e arruina o paiz, impede o seu progresso commercial e provoca a intervenção combinada de todas as potencias civilisadas e christãs.

Depois de maduramente considerado o assumpto, o governo de Sua Magestade chegou á conclusão de que só por si e desajudado, não poderá confiadamente esperar a definitiva extincção do trafico da escravatura, mas com a cooperação das outras grandes potencias, interessadas na prosperidade da Africa Oriental, entende que se poderá conseguir o fim desejado.

1.° Induzindo o sultão de Zanzibar a ceder o privilegio, reservado por tratado, de poder transportar escravos por mar, dentro dos seus proprios dominios, para o trabalho domestico. Este privilegio tem unicamente servido de capa ao trafico da escravatura para o estrangeiro, e, sob a sua protecção, os arabes do norte exportam cargas de escravos de Zanzibar, ou de portos da costa, ostensivamente para pontos dentro dos limites abertos ao trafico reconhecido, mas na realidade para portos estrangeiros da costa da Arabia e do golfo Persico.

2.° Abrindo o commercio da costa, por meio

côte orientale d'Afrique et la mer d'Arabie, le golfe persique, la Perse et Madagascar est défendu, comme piraterie, par les traités faits avec les souverains et les chefs de ces pays; le transport des esclaves par mer n'est permis que d'un port à un autre, dans les domaines de Zanzibar, dans l'Afrique orientale, pendant quelques mois de l'année et dans de certaines limites.

Toutes facilités ont ainsi été données au gouvernement de Sa Majesté au moyen de traités, pour mettre fin au trafic des esclaves, et si ces traités étaient fidèlement observés, ce trafic serait strictement borné au transport, comparativement insignifiant, des esclaves destinés aux travaux domestiques à Zanzibar. La traite des nègres, cependant, a été fort peu entravée par ces mesures, attendu que les arabes du nord, s'armant du privilège qui leur a été concédé de transporter des esclaves dans les domaines du Sultan et attirés par la grande demande qui en est faite dans le golfe persique et par le gain considérable qu'ils retirent de ce commerce, sont parvenus à l'ombre de ce privilège, à en transporter un grand nombre en Arabie et dans le golfe persique.

Ce même privilège couvre également une illégale et immense exportation d'esclaves des ports méridionaux de Zanzibar à Madagascar, et il paraît qu'une traite considérable existe aussi entre cette île et la côte de Mozambique.

. . . . . .

. . . . . .

Tel est l'exposé des faits, qui a été présenté au gouvernement de Sa Majesté. L'on voit, d'un côté, un pays naturellement riche et fertile, susceptible de prendre une part considérable au commerce de l'orient, peuplé de races dont l'attention peut facilement être attirée vers les entreprises industrielles, de l'autre, un trafic d'existences humaines, qui démoralise les indigènes, dépeuple et ruine le pays, entrave ses progrès commerciaux et appelle l'intervention combinée de toutes les puissances civilisées et chrétiennes.

Après avoir profondément médité sur ce sujet, le gouvernement de Sa Majesté a compris que, seul et sans y être aidé, il ne peut raisonnablement espérer la définitive extinction de la traite des nègres, mais qu'il lui serait possible d'atteindre ce but tant désiré s'il obtenait la coopération des autres grandes puissances, intéressées à la prospérité de l'Afrique orientale:

1° En obtenant du sultan de Zanzibar la rénonciation au privilège, réservé par traité, du transport par mer, dans ses propres domaines, des esclaves destinés aux travaux domestiques. Ce privilège a uniquement servi de manteau à le traite des nègres pour l'étranger, et sous sa protection, les Arabes du nord exportent des chargements d'esclaves de Zanzibar ou des ports de la côté, ostensiblement, vers les points contenus dans les limites désignées pour ce trafic, mais en réalité vers les ports étrangers de la côte d'Arabie et du golfe Persique.

2° En ouvrant le commerce de la côte, au

do estabelecimento de communicações mais regulares, tanto por meio de vapores, como postaes, com o auxilio e protecção dos governos interessados no commercio do mesmo paiz. E aqui chamarei a particular attenção de v. ex.ª para os effeitos provaveis de uma tal politica sobre a prosperidade da colonia portugueza de Moçambique.

Estas medidas, na opinião do governo de Sua Magestade, seriam mais effectivas do que o emprego da força, e n'este sentido recebi instrucções para expôr os factos, acima mencionados, ao governo de Sua Magestade Fidelissima, e appellar para o mesmo governo, no interesse da humanidade e da civilisação, a fim de cooperar com o governo de Sua Magestade no desenvolvimento das communicações e do commercio com aquella costa, e na combinação de uma pressão diplomatica sobre o sultão de Zanzibar, que o induza, em troca das vantagens que lhe forem offerecidas, a prescindir inteiramente, dentro de um certo praso, do privilegio, que elle só continua a manter, de transportar escravos por mar, dentro dos seus dominios. Recebi outrosim instrucções para declarar a v. ex.ª que o governo de Sua Magestade estimaria receber e apreciar quaesquer outras medidas que o governo portuguez queira suggerir ácerca da acção diplomatica que convirá adoptar contra o trafico da escravatura.

Em conclusão, deseja lord Granville, que eu rogue a v. ex.ª o favor de uma prompta resposta a esta communicação, e que eu informe tambem a v. ex.ª de que o governo de Sua Magestade dirigiu iguaes representações aos governos da França, da Allemanha e dos Estados Unidos da America.

Aproveito esta occasião para renovar a v. ex.ª os protestos da minha alta consideração. =*A. A. Murray.*

moyen de l'établissement de communications plus régulières, par des bateaux à vapeur ou des paquebots, avec l'aide et la protection des gouvernements intéressés au commerce de ce même pays. Ici, j'appellerai toute l'attention de votre excellence sur les effets probables d'une semblable politique à l'égard de la prospérité de la colonie portugaise de Mozambique.

Ces mesures, dans l'opinion du gouvernement de Sa Majesté, seraient plus efficaces que l'emploi de la force, et j'ai reçu, dans ce sens des instructions pour exposer les faits sus-mentionnés, au gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle et pour demander au même gouvernement, dans l'intérêt de l'humanité et de la civilisation, de concourir avec le gouvernement de Sa Majesté, au développement des communications et du commerce sur cette côte, et de se joindre à lui pour exercer une pression diplomatique sur le sultan de Zanzibar, afin de l'amener, en échange des avantages qui lui seront offerts, à abandonner complètement, dans un temps déterminé, ce privilège que seul il continue à maintenir, de transporter des esclaves par mer dans ses domaines. J'ai reçu encore d'autres instructions d'après lesquelles je dois déclarer à votre excellence, que le gouvernement de Sa Majesté recevrait avec plaisir et saurait apprecier toutes autres mesures que le gouvernement portugais trouverait bon d'employer au sujet de l'action diplomatique qu'il s'agira d'entreprendre contre le trafic des esclaves.

Enfin, lord Granville désire que j'obtienne de votre excellence une prompte réponse et que j'apprenne aussi à votre excellence que le gouvernement de Sa Majesté a adressé de semblables communications aux gouvernements de la France, de l'Allemagne et des États-Unis d'Amérique.

Je profite de cette occasion pour renouveler à votre excellence l'assurance de ma haute considération. =*A. A. Murray.*

TABLE DES DOCUMENTS

INDICE DOS DOCUMENTOS

Paginas.

N.º 1. — Pigafeta, *Vera descriptio regni Africani.* Francfort, 1598, pag. 53 1
N.º 2. — Joan. Pet. Maffei, *Historiarum Indicarum libri* XII. Antuerpia, 1605, pag. 454 e 455 1
N.º 3. — Description de la Guinée, Congo, Angola et autres pays maritimes d'Afrique, chap. VII, pag. 202, dans *l'Histoire de la navigation de Jean Hugues de Linschot aux Indes Orientales,* 3e édition, Amsterdam, 1638 1
N.º 4. — Artigo de F. Denis na *Nouvelle biographie générale,* de Firmin Didot, tom. XXXIII. Paris, 1860, pag. 941 1
N.º 5. — Carta de Pedro Quaresma a El-Rei D. Manuel, escripta de Moçambique a 31 de agosto de 1506.. 2
N.º 6. — Carta de D. João de Castro, escripta em Moçambique a D. João III, em que dá noticia da exploração de Lourenço Marques na bahia e rios a que deu o nome 2
N.º 7. — Resposta d'El-Rei D. João III a D. João de Castro, em 8 de março de 1546 2
N.º 8. — Carta regia de 11 de fevereiro de 1557, nomeando Lourenço Marques escrivão da feitoria de Cochim 3
N.º 9. — Tratado de 29 de julho de 1869 entre Portugal e a republica do Transvaal, ratificado em 21 de agosto de 1870 4
N.º 10. — Doação de Albasini á corôa portugueza das terras do regulo Makaxulle em 8 de abril de 1868.. 5
N.º 11. — Portaria de 25 de maio de 1869, do governador de Moçambique, auctorisando a creação da colonia de S. Luiz nas terras de Makaxulle 6
N.º 12. — Portaria da mesma data e do mesmo governador, dando organisação á colonia de S. Luiz 7
N.º 13. — Proclamação do governador de Lourenço Marques, annunciando o resultado da campanha emprehendida a favor de Muzilla contra seu irmão Mauéva — 20 de setembro de 1862 8
N.º 14. — Officio do governador de Lourenço Marques, dando conta do resultado da campanha a favor de Muzilla — 2 de outubro de 1862 10
N.º 15. — Condições estabelecidas entre o governador de Lourenço Marques, representando o governo de Sua Magestade Fidelissima, e o regulo Muzilla, por si e seus successores, para o auxilio que exigiu do mesmo governo 11
N.º 16. — Doação do regulo da Moamba de todas as suas terras e dos regulos seus dependentes á corôa portugueza — 2 de abril de 1805 13
N.º 17. — Extracto de um parecer enviado de Moçambique ao vice-rei da India, Marquez de Castello Novo, em 1745 14
N.º 18. — Artigo 4.º do tratado de paz de 6 de agosto de 1661 entre D. Affonso VI de Portugal e os Estados Geraes das Provincias Unidas dos Paizes Baixos dando aos hollandezes a liberdade de commercio nas colonias portuguezas 14
N.º 19. — Nota sobre a expulsão dos hollandezes da bahia de Lourenço Marques, sem nome de auctor, de 1744 14
N.º 20. — Instrucções ao marquez de Castello Novo, vice-rei da India, sobre a inhibição do commercio aos hollandezes em Lourenço Marques — 25 de março de 1744 15
N.º 21. — Extracto do relatorio do tenente coronel Antonio José de Mello, sobre a bahia de Lourenço Marquez, enviado pelo governador de Moçambique ao governo portuguez — 19 de agosto de 1763 15
N.º 22. — Portaria do governo portuguez, mandando desoccupar a Unhaca — 15 de setembro de 1870 16
N.º 23. — Officio do governador da India de 30 de abril de 1778, noticiando a tentativa de estabelecimento dos austriacos na bahia de Lourenço Marques 16
N.º 24. — Officio do ministro da marinha em resposta ao precedente em data de 15 de março de 1779..... 17
N.º 25. — Officio do governador da India, participando ao ministro da marinha ter mandado uma expedição para expulsar aos austriacos da bahia — 20 de janeiro de 1781 19
N.º 26. — Officio do governador de Moçambique ao ministro da marinha, dando conta do resultado da expedição — 18 de agosto de 1781 21
N.º 27. — Officio do governador da India ao ministro da marinha, dando igual conta do resultado da expedição — 14 de março de 1782 22

Annexos ao n.º 27:

N.º 1 Relatorio do commandante da expedição 24
N.º 2. Diario da viagem do tenente coronel Joaquim Vicente Godinho de Mira 30

TABLE DES DOCUMENTS

Pages

N° 1. — Pigafeta, *Vera descriptio regni Africani.* Francfort, 1598, pag. 53 1

N° 2. — Joan. Pet. Maffei, *Historiarum Indicarum libri* XII. Antuerpiae, 1605, pag. 454 e 455..... 1

N° 3. — Description de la Guinée, Congo, Angola et autres pays maritimes d'Afrique, chap. VII, pag. 202, dans *l'Histoire de la navigation de Jean Hugues de Linschot aux Indes Orientales,* 3e édition, Amsterdam, 1638..... 1

N° 4. — *Nouvelle biographie générale,* publié par Firmin Didot, tom. XXXIII. Paris, 1860, pag. 941..... 1

N° 5. — Lettre de Pedro Quaresma au roi don Emmanuel, écrite de Mozambique, le 31 août 1506..... 2

N° 6. — Lettre de don João de Castro, écrite de Mozambique à don João III, dans laquelle il rend compte de l'exploration de Lourenço Marques dans la baie et sur les fleuves auxquels il a donné un nom 2

N° 7. — Réponse du roi don João III à don João de Castro, le 8 mars 1546..... 2

N° 8. — Lettre royale du 11 février 1557, nommant Lourenço Marques intendant de la factorerie de Cochin 3

N° 9. — Traité du 29 juillet 1869 entre Portugal et la république du Transvaal, ratifié le 21 août 1870... 4

N° 10. — Donation faite par Albasini à la couronne portugaise des terres du régule Makaxulle le 8 avril 1868..... 5

N° 11. — Arrêté du 25 mai 1869, par lequel le gouverneur de Mozambique autorise la fondation de la colonie de Saint-Louis, sur les terres de Makaxulle..... 5

N° 12. — Arrêté de la même date et du même gouverneur, déterminant l'organisation de la colonie de Saint-Louis..... 7

N° 13. — Proclamation du gouverneur de Lourenço Marques, annonçant le résultat de la guerre entreprise en faveur de Mouzilla contre son frère Maouéva — 20 septembre 1862..... 8

N° 14. — Dépêche du gouverneur de Lourenço Marques, communiquant le résultat de la guerre entreprise en faveur de Mouzilla — 2 octobre 1862..... 10

N° 15. — Conditions établies entre le gouverneur de Lourenço Marques, représentant le gouvernement de Sa Majesté Très-Fidèle, et le régule Mouzilla, en son nom et en celui de ses successeurs, pour l'obtention du secours qu'il a demandé au gouvernement..... 11

N° 16. — Donation faite par le régule de Moamba de toutes ses terres et de celles des régules ses vassaux à la couronne portugaise — 2 avril 1805..... 13

N° 17. — Extrait d'un avis envoyé de Mozambique au vice-roi de l'Inde, marquis de Castello Novo, en 1745 14

N° 18. — Article 4e du traité de paix du 6 août 1661 entre le roi Alphonse VI de Portugal et les États-Généraux des Provinces-Unies des Pays-Bas, accordant aux Hollandais la liberté de commerce dans les colonies portugaises..... 14

N° 19. — Note sur l'expulsion des Hollandais de la baie de Lourenço Marques, sans nom d'auteur — 1744. 14

N° 20. — Instructions données au marquis de Castello Novo, vice-roi de l'Inde, au sujet de la défense faite aux Hollandais de négocier dans la baie de Lourenço Marques — 25 mars 1744..... 15

N° 21. — Extrait du rapport du lieutenant-colonel Antonio José de Mello sur la baie de Lourenço Marques, envoyé par le gouverneur de Mozambique au gouvernement portugais — 19 août 1763..... 15

N° 22. — Ordonnance du ministre de la marine pour faire évacuer l'île de l'Unhaca, 15 septembre 1870... 16

N° 23. — Dépêche du gouverneur de l'Inde, du 30 avril 1778, faisant part de la tentative d'établissement des Autrichiens dans la baie de Lourenço Marques..... 16

N° 24. — Dépêche du ministre de la marine en réponse à la précédente, datée du 15 mars 1779..... 17

N° 25. — Dépêche du gouverneur de l'Inde apprenant au ministre de la marine qu'il a fait partir une expédition pour chasser les Autrichiens de la baie — 20 janvier 1781..... 19

N° 26. — Dépêche du gouverneur de Mozambique au ministre de la marine, lui donnant connaissance du résultat de l'expédition — 18 août 1781..... 21

N° 27. — Dépêche du gouverneur de l'Inde au ministre de la marine sur la réussite de l'expédition — 14 mars 1782..... 22

Annexes au n° 27 :

N° 1 Rapport du commandant de l'expédition..... 24

N° 2. Journal du voyage du lieutenant-colonel Joachim Vincent Godinho de Mira..... 30

Paginas

N.º 28. — Noticia de Macpherson sobre a destruição do estabelecimento austriaco na bahia de Lourenço Marques 37

N.º 29. — Despacho do principe de Kaunitz ao cavalheiro de Lebzeltern, ministro d'Austria em Lisboa, sobre a destruição do estabelecimento austriaco de Lourenço Marques — 23 de fevereiro de 1782 37

Annexos ao n.º 29:

N.º 1. Extracto de uma carta de Moçambique do 1.º de agosto de 1781 38

N.º 2. Extracto de uma carta de Moçambique de 10 de agosto de 1781 39

N.º 30. — Officio do ministro dos negocios estrangeiros de Portugal para o enviado portuguez em Vienna d'Austria, sobre a expulsão dos austriacos da bahia de Lourenço Marques — 9 de abril de 1782 39

N.º 31. — Officio do ministro portuguez em Vienna d'Austria ao ministro dos negocios estrangeiros de Portugal, sobre o que passára com o governo austriaco a respeito da destruição do estabelecimento de Bolts — 11 de maio de 1782 41

N.º 32. — Declaração feita entre o governador de Lourenço Marques e o regulo de Maputo Macazana Maxilleme em Maputo — 8 de outubro de 1823 43

N.º 33. — Auto do reconhecimento de Maieta como regulo do Tembe — 20 de outubro de 1823 43

N.º 34. — Auto de reconhecimento da soberania portugueza pelo regulo Maieta do Tembe — 20 de outubro de 1823 44

N.º 35. — Officio do lord Londonderry ao encarregado de negocios de Portugal em Londres, pedindo recommendações em favor do capitão Owen que ía estudar a costa de Africa a leste do Cabo da Boa Esperança — 2 de fevereiro de 1822 46

N.º 36. — Figurada cessão de Maieta, regulo de Tembe, ao capitão Owen — 8 de março de 1823 46

N.º 37. — Carta do capitão Owen ao governador de Lourenço Marques, noticiando ter arvorado no Tembe a bandeira ingleza — 9 de março de 1823 48

N.º 38. — Passaporte dado por José Nowe, commandante da estação do Cabo, aos navios mercantes inglezes — 1 de junho de 1823 49

N.º 39. — 1.º Tratado de commercio entre Macasana, rei do Maputo e o capitão Owen — 3 de agosto de 1823 50

N.º 40. — 2.º Tratado entre o rei do Maputo e o mesmo capitão — 23 de agosto de 1823 50

N.º 41. — Carta do capitão Owen ao governador de Lourenço Marques, communicando o tratado com o Maputo — 26 de agosto de 1823 52

N.º 42. — Officio do capitão Owen ao governador geral de Moçambique João Manuel da Silva, de 7 de outubro de 1823 53

N.º 43. — Instrucções aos governadores de Lourenço Marques — 4 de setembro de 1825 53

N.º 44. — Memorial dos attentados commettidos pelo capitão Owen contra as possessões portuguezas n'esta bahia de Lourenço Marques pelo governador Lupi de Cardenas — 28 de outubro de 1823 54

N.º 45. — Officio do governador de Lourenço Marques sobre os attentados de Owen — 5 de setembro de 1825 58

N.º 46. — Extracto de um officio do governador de Lourenço Marques Xavier Schmid, ao ministro da marinha, de 6 de junho de 1826 60

N.º 47. — Officio a mr. Macuard, sobrecarga de dois navios inglezes para assistir ás declarações do regulo do Tembe — 20 de outubro de 1823 60

N.º 48. — Extracto de um despacho do ministro dos negocios estrangeiros ao nosso ministro em Londres — em 29 de maio de 1824 61

N.º 49. — Extracto de um despacho do ministro dos negocios estrangeiros ao enviado portuguez em Londres — 7 de agosto de 1824 62

N.º 50. — Officio do mesmo ministro ao enviado portuguez em Londres — 15 de abril de 1826 62

N.º 51. — Extracto de um officio de D. Francisco de Almeida ao marquez de Palmella, em 21 de outubro de 1826 63

N.º 52. — Ordem ao ministro portuguez em Londres para reclamar contra os attentados do capitão Owen — 17 de março de 1827 63

N.º 53. — Extracto de um officio do ministerio dos negocios estrangeiros ao nosso enviado em Londres, sobre a reclamação relativa a Lourenço Marques — 28 de abril de 1827 63

Annexo 64

N.º 54. — Nota de 17 de junho de 1826 dirigida a lord Canning pelo ministro portuguez em Londres contra o attentado do capitão Owen 65

N.º 55. — Resposta de George Canning, ministro dos negocios estrangeiros de Sua Magestade Britannica, á nota do marquez de Palmella, em 4 de julho de 1826 65

N.º 56. — Nota do ministro portuguez em Londres dirigida a Lord Dudley sobre o attentado do capitão Owen — 23 de maio de 1827 66

N.º 57. — Terceira nota do mesmo ministro a Lord Dudley sobre o mesmo objecto — 22 de maio de 1828 .. 67

N.º 58. — Extracto do officio do commissario portuguez no cabo da Boa Esperança, Luiz Carlos Rebello — 22 de junho de 1855 70

N.º 59. — Officio do contra-almirante Keppel ao governador geral de Moçambique, enviando copia do que dirigiu ao governador de Lourenço Marques, sobre a parte sul da bahia, 28 de julho de 1860 70

N.º 60. — Officio de Keppel, contra-almirante e commandante do *Brisk*, ao governador de Lourenço Marques, sobre os limites das possessões portuguezas — 28 de julho de 1860 71

Pages

N° 28. — Rapport de Macpherson sur la destruction de l'établissement autrichien dans la baie de Lourenço Marques 37
N° 29. — Dépêche du prince de Kaunitz au chevalier de Lebzeltern, ministre d'Autriche à Lisbonne, sur la destruction de l'établissement autrichien de Lourenço Marques — 23 février 1782 37
Annexes au n° 29 :
N° 1. Extrait d'une lettre de Mozambique du 1er août 1781 38
N° 2. Extrait d'une autre lettre de Mozambique du 10 août 1781 39
N° 30. — Dépêche du ministre des affaires étrangères du Portugal au ministre portugais à Vienne, sur l'expulsion des Autrichiens de la baie de Lourenço Marques — 9 avril 1872 39
N° 31. — Dépêche du ministre portugais à Vienne au ministre des affaires étrangères du Portugal sur ce qui s'était passé entre lui et le gouvernement autrichien à propos de la destruction de l'établissement de Bolts — 11 mai 1872 41
N° 32. — Déclaration faite entre le gouverneur de Lourenço Marques et le régule de Mapouto, Macasana-Maxilleme à Mapouto — 8 octobre 1823 43
N° 33. — Acte de reconnaissance de Maieta comme régule du Tembe — 20 octobre 1823 43
N° 34. — Acte de reconnaissance de la souveraineté portugaise par le régule Maieta du Tembe — 20 octobre 1823 44
N° 35. — Dépêche de lord Londonderry au chargé d'affaires de Portugal à Londres, demandant des lettres de recommandation en faveur du capitaine Owen qui allait étudier la côte d'Afrique à l'est du cap de Bonne-Espérance — 2 février 1822 46
N° 36. — Cession figurée de Maieta, régule de Tembe, au capitaine Owen — 8 mars 1823 46
N° 37. — Lettre du capitaine Owen au gouverneur de Lourenço Marques lui annonçant qu'il avait arboré le drapeau anglais sur le Tembe — 9 mars 1823 48
N° 38. — Passe-port délivré par Joseph Nowe, commandant de la station du Cap aux navires marchands anglais — 1 juin 1823 49
N° 39. — 1er Traité de commerce entre Macasana, roi de Mapouto, et le capitaine Owen — 3 août 1823 ... 50
N° 40. — 2e Traité entre le roi de Mapouto et le même capitaine — 23 août 1823 50
N° 41. — Lettre du capitaine Owen au gouverneur de Lourenço Marques, lui communiquant le traité avec le Mapouto — 28 août 1823 52
N° 42. — Dépêche du capitaine Owen au gouverneur général de Mozambique, João Manuel da Silva, du 7 octobre 1823 53
N° 43. — Instructions laissées par le capitaine Owen aux gouverneurs de Lourenço Marques — 4 septembre 1825 53
N° 44. — Rapport fait par le gouverneur Lupi de Cardenas en date du 28 octobre 1823, au sujet des attentats commis par le capitaine Owen contre les possessions portugaises dans la baie de Lourenço Marques 54
N° 45. — Dépêche du gouverneur de Lourenço Marques concernant l'attentat commis par le capitaine Owen — 5 septembre 1825 58
N° 46. — Extrait d'une lettre officielle du gouverneur de Lourenço Marques, Xavier Schmid, du 6 juin 1826, au ministre de la marine 60
N° 47. — Dépêche adressée à mr. Macuard, subrécargue de deux navires anglais, pour assister aux déclarations du régule de Tembe — 20 octobre 1823 60
N° 48. — Extrait d'une dépêche du ministre des affaires étrangères à notre ambassadeur à Londres — 29 mai 1824 61
N° 49. — Extrait d'une dépêche du ministre des affaires étrangères au ministre portugais à Londres — 7 août 1824 62
N° 50. — Dépêche du même ministre à l'ambassadeur portugais à Londres — 15 avril 1826 62
N° 51. — Extrait d'une dépêche de don Francisco de Almeida au marquis de Palmella — 21 octobre 1826 63
N° 52. — Instructions au ministre portugais à Londres pour réclamer contre les attentats du capitaine Owen — 17 mars 1827 63
N° 53. — Résumé d'une dépêche du ministère des affaires étrangères à notre ambassadeur à Londres, sur la réclamation relative à Lourenço Marques — 28 avril 1827 63
Annexe 64
N° 54. — Note du 17 juin 1826 adressée à lord Canning par le ministre portugais à Londres contre l'attentat du capitaine Owen 65
N° 55. — Réponse de George Canning, ministre des affaires étrangères de Sa Majesté Britannique, à la note du marquis de Palmella, le 4 juillet 1826 65
N° 56. — Note du ministre portugais à lord Dudley sur l'attentat du capitaine Owen — 23 mai 1827 66
N° 57. — Troisième note du même ministre à lord Dudley sur le même sujet — le 22 mai 1828 67
N° 58. — Extrait de la dépêche du commissaire portugais du cap de Bonne-Espérance Louis Charles Rebello — 22 juin 1855 70
N° 59. — Dépêche du contre-amiral Keppel au gouverneur général de Mozambique, lui envoyant copie de celle qu'il avait adressée au gouverneur de Lourenço Marques, au sujet de la partie méridionale de la baie — 28 juillet 1860 70
N° 60. — Lettre de Keppel, contre-amiral et commandant du *Brisk*, sur les limites des possessions portugaises à la baie de Lourenço Marques, adressée au gouverneur de cette baie — 28 juillet 1860 71

Paginas

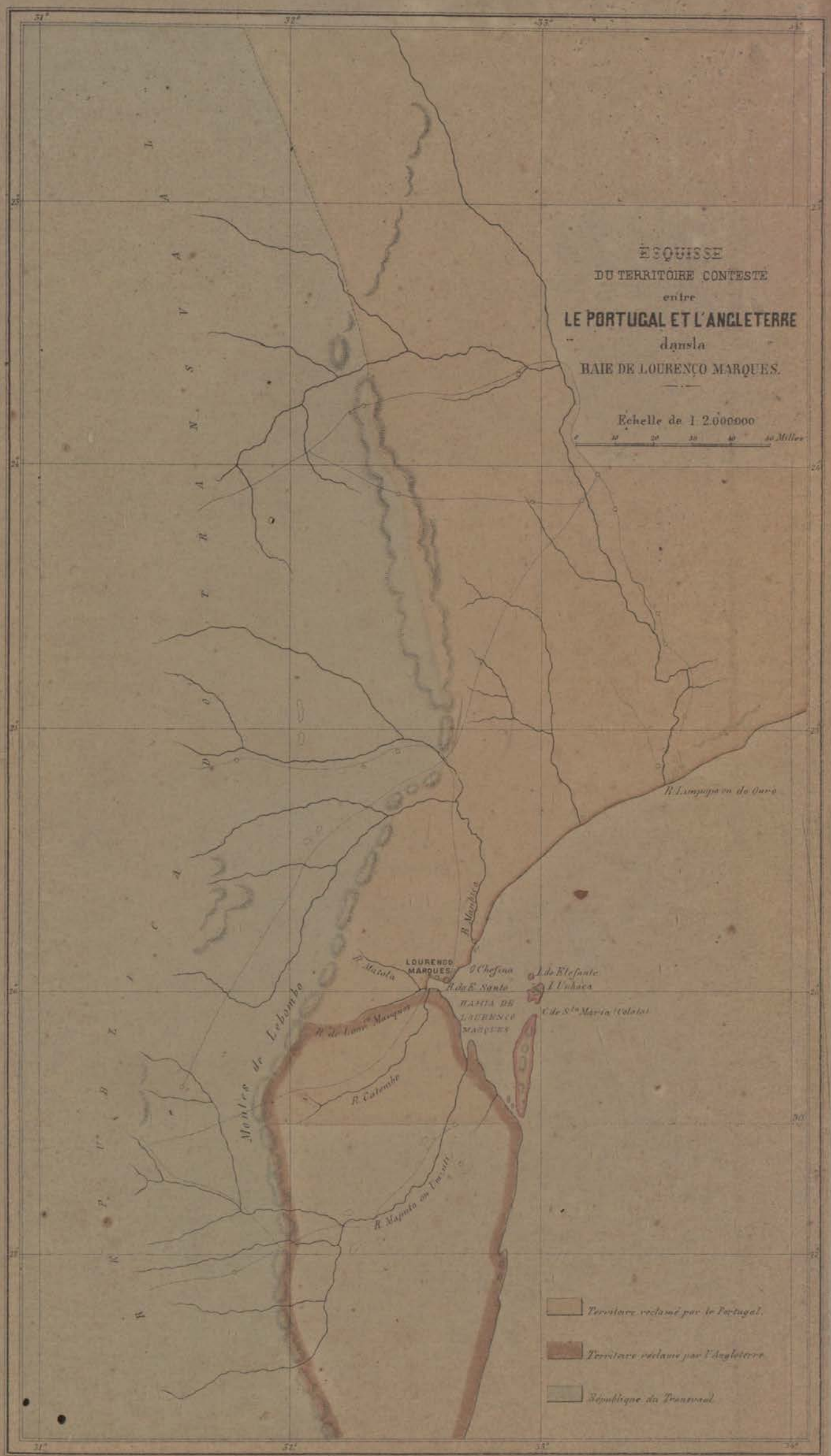
N.º 61. — Resposta do governador de Moçambique ao contra-almirante Keppel — 7 de agosto de 1860.... 71
N.º 62. — Officio do commissario portuguez no Cabo da Boa Esperança ao ministro dos negocios estrangeiros, sobre o boato de occupação da bahia pelos inglezes — 12 de novembro de 1861..... 73
N.º 63. — Protesto do commissario portuguez no Cabo, apresentado ao governador inglez contra a annexação da Unhaca á colonia de Natal — 5 de dezembro de 1861 74
N.º 64. — Resposta do governador ao commissario portuguez — 10 de dezembro de 1861..... 75
N.º 65. — Carta do mesmo commissario ao secretario inglez do almirantado, sobre a annexação da Unhaca — 10 de setembro de 1861..... 76
N.º 66. — Officio do commissario portuguez no Cabo da Boa Esperança, sobre a annexação das ilhas da Unhaca e dos Elephantes á colonia de Natal — 21 de dezembro de 1861..... 76
N.º 67. — Nota ao conde de Russell, contendo o protesto do ministro portuguez em Londres, contra a annexação das ilhas da Unhaca e dos Elephantes á colonia de Natal — 22 de fevereiro de 1862.... 78
N.º 68. — Resposta á nota precedente — 28 de fevereiro de 1862..... 79
N.º 69. — Officio do ministro portuguez em Londres, dando conta da conferencia com lord J. Russell, sobre a annexação das ilhas da Unhaca e dos Elephantes — 25 de fevereiro de 1862..... 79
N.º 70. — Resposta do ministro inglez em Lisboa á nota do ministro portuguez em Londres, sobre a posse de Unhaca — 28 de março de 1862..... 82
N.º 71. — Officio do consul portuguez no Cabo, noticiando o boato de ter chegado ordem do governo inglez para tomar posse da parte sul da bahia — 4 de abril de 1869 84
N.º 72. — Nota do encarregado dos negocios de Portugal Figanière e Morão a lord Clarendon, sobre a annexação e posse das ilhas de Unhaca e dos Elephantes á colonia de Natal — 14 de junho de 1869 85
N.º 73. — Resposta do governo inglez á nota do encarregado de negocios de Portugal — 27 de agosto de 1869 88
N.º 74. — Nota do ministro inglez em Lisboa com respeito á linha de limites estabelecida no tratado entre Portugal e a republica do Transvaal — 25 de abril de 1871..... 88
N.º 75. — Nota do encarregado dos negocios de Inglaterra ao governo portuguez, exigindo resposta á nota de 25 de abril relativa ao protesto contra o tratado com o Transvaal — 24 de maio de 1871.. 90
N.º 76. — Resposta do governo portuguez á nota antecedente — 3 de julho de 1871..... 90
N.º 77. — Nota do encarregado de negocios de Inglaterra em Lisboa, sobre a linha de limites estabelecida entre Portugal e a republica do Transvaal — 17 de julho de 1871..... 94
N.º 78. — Sentença do presidente dos Estados Unidos, arbitro na questão de Bolama, entre Portugal e a Inglaterra — 21 de abril de 1870..... 94
N.º 79. — Condições da vassallagem do rei de Monomotapa á corôa portugueza — 24 de maio de 1869.... 96
N.º 80. — Doação feita pelo regulo Capella do Tembe á corôa portugueza, das suas terras — 10 de novembro de 1794..... 99
N.º 81. — Officio de 6 de junho de 1792, do governador de Lourenço Marques para o de Moçambique, noticiando, entre outras cousas, a deposição do regulo Capella do Tembe..... 100
N.º 82. — Officio do governador de Lourenço Marques, João da Costa Soares, ao governador geral de Moçambique — 10 de fevereiro de 1796..... 100
N.º 83. — Extracto do relatorio do marquez de Sá da Bandeira, ministro da marinha e ultramar, em data de 11 de março de 1859, apresentado á camara dos deputados (pag. 34.)..... 101
N.º 84. — Carta do governador de Lourenço Marques ao governador geral de Moçambique, remettendo o tributo em marfim dos reis Matolla, Manhiça e Capella do Tembe — 16 de junho de 1795 ... 101
N.º 85. — Extracto de um protesto do mesmo escrivão dirigido da sua prisão em Lourenço Marques, contra o governador Miguel Lupy de Cardenas — 28 de maio de 1823..... 101
N.º 86. — Queixa dirigida ao governador de Moçambique contra o de Lourenço Marques, por Anselmo José do Nascimento, escrivão de fazenda da Bahia em 1823..... 102
N.º 87. — Carta de Mitchell, inspector das terras no Cabo da Boa Esperança, remettendo um calque dos limites das possessões portuguezas na Africa oriental — 15 de julho de 1843 102
N.º 88. — Bulla In supereminenti de Paulo V, de 21 de janeiro de 1612, creando a prelazia de Moçambique 104
N.º 89. — Tratado (1.º) de 19 de fevereiro de 1810, entre Portugal e a Inglaterra..... 104
N.º 90. — Artigo 10.º do tratado de 19 de fevereiro de 1810, entre Portugal e Inglaterra..... 104
N.º 91. — Officio do commissario portuguez no Cabo ao ministro dos negocios estrangeiros, remettendo documentos sobre queixas do Panda, relativos á invasão de parte dos seus dominios pelos nossos caçadores de Lourenço Marques — 6 março 1856..... 105
Annexos ao n.º 91:
N.º 1 105
N.º 2 106
N.º 3 106
N.º 4 107
N.º 92. — Tratado entre o Panda, rei dos Zulus, e os inglezes — 5 outubro de 1843..... 107
N.º 93. — Signal do regulo Capella 109
N.º 94. — Nota do ministro inglez em Lisboa sobre o trafico dos escravos em Zanzibar — 26 de fevereiro de 1872 109

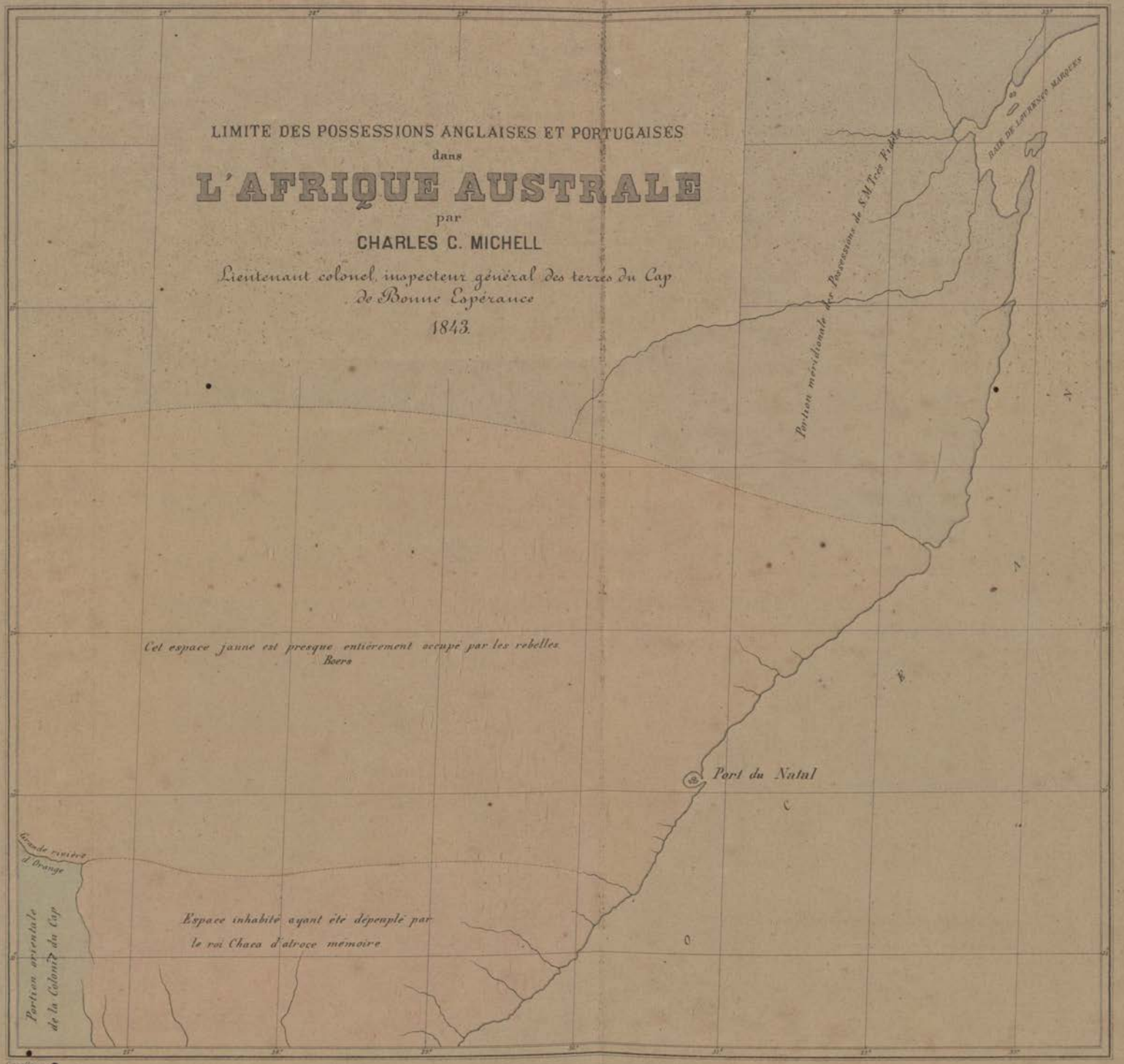
Pages

N° 61. — Réponse du gouverneur général du Mozambique au contre-amiral Keppel — 7 août 1860 71
N° 62. — Dépêche du commissaire portugais du cap de Bonne-Espérance au ministre des affaires étrangères à l'égard du bruit de l'occupation de la baie par les Anglais — 12 novembre 1861 73
N° 63. — Protestation adressée par le commissaire portugais au gouverneur de cette colonie, contre l'annexion de l'Unhaca à la colonie de Natal le 5 décembre 1861 74
N° 64. — Réponse du gouverneur à la dépêche précédente — 10 decembre 1861 75
N° 65. — Lettre du même commissaire au secrétaire de l'amiral sur l'annexion de l'Unhaca et réponse à cette lettre — 10 décembre 1861 76
N° 66. — Dépêche du commissaire portugais au cap de Bonne-Espérance sur l'annexion des îles de l'Unhaca et des Eléphants à la colonie du Natal — 21 décembre 1861 76
N° 67. — Note du ministre portugais à Londres au comte Russell contre l'annexion des îles de l'Unhaca et des Éléphants à la colonie du Natal — 22 fevrier 1862 78
N° 68. — Réponse à la note antécédente — 28 fevrier 1862 79
N° 69. — Dépêche du ministre portugais à Londres rendant compte de la conférence avec lord Russell sur l'annexion des îles de l'Unhaca et des Éléphants — 25 février 1862 79
N° 70. — Réponse de sir Arthur Magenis, ministre d'Angleterre à Lisbonne, à la note du ministre portugais à Londres, sur la possession de l'Unhaca — 18 mars 1862 82
N° 71. — Dépêche du consul portugais au Cap, faisant part des bruits concernant un ordre du gouvernement anglais pour faire prendre possession du Tembe et du Mapouto — 4 avril 1869 84
N° 72. — Note adressée à lord Clarendon par Figanière e Morão, chargé d'affaires de Portugal, à l'égard de la prise de possession et de l'annexion des îles de l'Unhaca et des Éléphants à la colonie du Natal — 14 juin 1869 85
N° 73. — Réponse du gouvernement anglais à la note du chargé d'affaires de Portugal — 27 août 1869 88

N° 74. — Note du ministre anglais à Lisbonne au sujet de la ligne de limites établie par le traité entre le Portugal et la république du Transvaal — 25 avril 1871 88
N° 75. — Note du chargé d'affaires d'Angleterre au gouvernement portugais demandant réponse à la note du 25 avril contenant la protestation contre le traité avec le Transvaal — 24 mai 1871 90
N° 76. — Réponse du gouvernement portugais à la note précédente — 3 juillet 1871 90
N° 77. — Note du chargé d'affaires d'Angleterre à Lisbonne sur la ligne de limites établie entre le Portugal et la république du Transvaal — 17 juillet 1871 94
N° 78. — Jugement arbitral du président des États-Unis, dans l'affaire de l'île de Boulama, entre le Portugal et l'Angleterre — 21 avril 1870 94
N° 79. — Conditions du vasselage de l'empereur du Monomotapa à la couronne portugaise — 24 mai 1629 96
N° 80. — Donation que le régule Capella de Tembe fit de ses terres à la couronne portugaise — 10 novembre 1794 99
N° 81. — Dépêche du 6 juin 1792, adressée par le gouverneur de Lourenço Marques à celui de Mozambique, lui annonçant, entre autres choses, la déposition du régule Capella du Tembe 100
N° 82. — Dépêche de João da Costa Soares, gouverneur de Lourenço Marques, au gouverneur général de Mozambique — 10 février de 1796 100
N° 83. — Extrait du rapport du marquis de Sá da Bandeira, ministre de la marine et des colonies, présenté à la chambre des députés le 11 mars 1859 101
N° 84. — Lettre du gouverneur de Lourenço Marques au gouverneur général de Mozambique, envoyant le tribut d'ivoire des rois Matolla, Manhiça et Capella du Tembe — 16 juin 1795 101
N° 85. — Extrait de la protestation faite contre le gouverneur Michel Lupi de Cardenas par Anselmo José do Nascimento, greffier des finances, pendant son emprisonnement à Lourenço Marques — 28 mai 1823 101
N° 86. — Plainte adressée au gouverneur de Mozambique contre celui de Lourenço Marques, par Anselme Joseph do Nascimento, greffier des finances de la baie, en 1823 102
N° 87. — Lettre de Mitchell, inspecteur des terres au cap de Bonne-Esperance envoyant un plan des limites des possessions portugaises dans l'Afrique orientale — 15 juillet 1843 102
N° 88. — Bulle In supereminenti de Paul V, du 21 janvier 1612, créant la prélature de Moçambique 104
N° 89. — Traité (1er) du 19 février 1810 entre le Portugal et l'Angleterre 104
N° 90. — Traité (2ème) du 19 février 1810 entre le Portugal et l'Angleterre 104
N° 91. — Dépêche du commissaire portugais du Cap au ministre des affaires étrangères lui remettant des documents au sujet des plaintes de Panda relatives à l'envahissement d'une partie de ses domaines par nos chasseurs de Lourenço Marques — 6 mars 1856 105
Annexes au n° 91 :
N° 1 105
N° 2 106
N° 3 106
N° 4 107
N° 92. — Traité fait entre Panda, roi des Zoulous, et les Anglais — 5 octobre 1843 107
N° 93. — Griffe du régule Capella 109
N° 94. — Note du ministre anglais à Lisbonne sur la traite des nègres à Zanzibar — 26 février 1872 109

PLAN DE LA BAIE
DE
LOURENÇO MARQUES
1873.


ESQUISSE
DU TERRITOIRE CONTESTÉ
entre
LE PORTUGAL ET L'ANGLETERRE
dans la
BAIE DE LOURENÇO MARQUES.
Echelle de 1 2.000000
0 10 20 30 40 50 Milles
R. Limpopo ou do Ouro
R. Manhiça
LOURENÇO MARQUES
R. Matola
O Chefina
I. do Elefante
I. Unhaca
R. da E. Santo
BAHIA DE LOURENÇO MARQUES
C. de Sta Maria (Colata)
R. de Lourenço Marques
R. Catembe
Montes de Lebombo
R. Maputo ou Umcutt
Territoire réclamé par le Portugal.
Territoire réclamé par l'Angleterre.
République du Transvaal.


LIMITE DES POSSESSIONS ANGLAISES ET PORTUGAISES
dans
L'AFRIQUE AUSTRALE
par
CHARLES C. MICHELL
Lieutenant colonel, inspecteur général des terres du Cap de Bonne Espérance
1843.
Baie de Lourenço Marques
Portion méridionale des Possessions de S.M. Très Fidèle
Cet espace jaune est presque entièrement occupé par les rebelles Boers
Port du Natal
Grande rivière d'Orange
Espace inhabité ayant été dépeuplé par le roi Chaca d'atroce mémoire
Portion orientale de la Colonie du Cap

00101782

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 02 July, 2018